



O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL

TEODORO SAMPAIO

brasílica

volume 380



O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL TEODORO SAMPAIO

O *Tupi na Geografia Nacional*, de autoria do sábio Teodoro Sampaio, é um livro básico para o estudo da língua da maior parte de nossos aborígenes. Publicado no princípio do século, tem reaparecido em consecutivas edições. Na época em que elaborou seu trabalho, o sábio professor baiano não dispunha de alguns documentos fundamentais surgidos posteriormente.

As últimas edições passaram pelas competentes mãos do professor na Bahia Frederico Edelweiss, que enriqueceu o texto primitivo com as mais recentes contribuições relativas ao século XVI, respeitando o trabalho consciencioso e científico do autor.

Esta nova edição, infelizmente impressa após o desaparecimento do competente revisor, é a mais completa. Edelweiss elaborara novas notas que foram conscienciosamente acrescentadas pela professora Consuelo Pondé de Sena. Para os estudiosos da língua tupi, cada vez mais numerosos, será um livro seguro.

Teodoro Sampaio, geógrafo e historiador, nasceu em Santo Amaro, na Bahia, de origem humilde. Formado em engenharia civil, colaborou com o cientista Orville Derby em várias explorações. É autor do livro *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, que teve repetidas edições. Colaborou notavelmente no *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*, publicado pelo Instituto Histórico por ocasião do centenário. Foi deputado pela Bahia na primeira República.

Este vocabulário deve figurar obrigatoriamente em qualquer esboço de coleção brasileira.

A celebração do cinquentenário de falecimento de Teodoro Sampaio, um dos homens mais notáveis nascidos na Bahia, seja pelas qualidades pessoais como pelo digno uso que delas soube fazer, traduz o carinho que o povo de sua terra dedica ao ilustre conterrâneo.

Por outro lado, o significativo fato de constar do seu testamento, preservado no Arquivo Público do Estado da Bahia, a disposição segundo a qual os direitos autorais de todas as edições futuras dos seus livros *O Tupi na Geografia Nacional e O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina* deveriam pertencer ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia evidencia o seu amor à Instituição, cujo prédio inaugurado por Bernardino José de Sousa, no dia 2 de julho de 1923, foi por ele construído e onde também ocupou as mais relevantes posições — Presidente da Casa e seu Orador.

Esses motivos, além dos que conferem ao livro *O Tupi na Geografia Nacional* o elevado significado que possui, justificam esta edição.

A esta data associa-se a curiosa coincidência do transcurso dos 11 anos de desaparecimento do Prof. Frederico Edelweiss, que se incumbiu dos comentários e notas da edição de 1955 e desta edição.

O Tupi na Geografia Nacional é obra fundamental para o estudo da cultura brasileira. Livro indispensável para figurar em todas as estantes de bibliotecas públicas e particulares, bem assim de brasilianistas e estudiosos dos nossos assuntos.

Consuelo Pondé de Sena



**COMPANHIA EDITORA NACIONAL/MinC/PRÓ-MEMÓRIA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO**

Este livro foi editado em regime de co-edição com o MinC/PRÓ-MEMÓRIA/ Instituto Nacional do Livro e passará a integrar os acervos das bibliotecas públicas, estaduais e municipais, que recebem da PRÓ-MEMÓRIA/INL assistência técnica e bibliográfica por efeito de convênios por ela firmados com Prefeituras Municipais e Secretarias de Estado em todo o território nacional.

ISBN
85-04-00212-8

O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL



BRASILIANA

Volume 380

★

Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

Editoração

ANA CÂNDIDA COSTA

Preparação de originais

HEITOR FERREIRA DA COSTA

ANA CÂNDIDA COSTA

Revisão

MARIA APARECIDA AMARAL

MARIA DE LOURDES N. E. ROMERO RUBIO

Composição e arte

RECOMP. Composições Gráficas

TEODORO SAMPAIO

O TUPI
NA GEOGRAFIA
NACIONAL

5ª edição
Comemorativa do cinquentenário de falecimento
do Autor

Introdução e Notas do
Professor FREDERICO G. EDELWEISS

Assessoramento técnico da
Professora CONSUELO PONDÉ DE SENA
Cadeira de Estudos Tupis, Departamento
de Antropologia — FFCH da UFBA.

Com o apoio técnico e financeiro do
MinC/PRÓ-MEMÓRIA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

companhia editora nacional

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sampaio, Teodoro, 1885-1937.
S186t O tupi na geografia nacional / Teodoro Sampaio ;
5.ed. introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. —
5. ed. -- São Paulo : Editora Nacional ; [Brasília,
DE] : INL, 1987. .
(Brasiliiana ; v. 380)

Bibliografia.

ISBN 85-04-00212-8

1. Índios da América do Sul - Brasil - Nomes
2. Nomes geográficos - Brasil - Tupi I. Edelweiss, Frederico G., 1892-1976. II. Instituto Nacional do Livro (Brasil). III. Título. IV. Série.

CDD:918.1003

:498.3

CCF/CBL/SP-87-0894

CDU:498:918.1

Índices para catálogo sistemático

1. Brasil : Nomes geográficos tupis 918.1003
2. Lingüística tupi 498.3
3. Tupi : Lingüística 498.3
4. Tupi : Nomes geográficos : Brasil 918.1003

ISBN 85-04-00212-8

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Distribuição e promoção:

Rua Joli, 294 - Fone: 291-2355 (PABX)

Caixa Postal 5.312 - CEP 03016 - São Paulo, SP - Brasil

1987

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Nota prévia, 6
Critério, 8
Frederico Edelweiss, o Tupinólogo, 10
Prefácio à quarta edição, 28
O Indianismo ao tempo do Império, 31
Prefácio da terceira edição, 41
Prefácio da segunda edição, 52
Apreciações, 57
Carta de C. Campos, 60
Introdução, 63

CAPÍTULO I

Da expansão da língua tupi e do seu predomínio na geografia nacional, 68

CAPÍTULO II

Breves apontamentos sobre a língua tupi com relação ao objeto deste escrito e resumo da gramática tupi, 74

CAPÍTULO III

Das alterações fônicas no tupi sob a influência da língua portuguesa, 122

CAPÍTULO IV

Da interpretação dos nomes tupis com emprego na geografia e na história nacional, 173

VOCABULÁRIO GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 187

Biobibliografia de Teodoro Sampaio, 350
Biobibliografia de Frederico Edelweiss, 356

NOTA PRÉVIA

A primeira publicação de *O Tupi na Geografia Nacional* data de 1901. Duas novas edições, corrigidas e aumentadas, tiveram lançamento em 1914 e 1928. Quando do primeiro centenário do nascimento do autor, em 1955, Frederico Edelweiss preparou uma edição comemorativa com Introdução e notas.

Discípula de Edelweiss, a professora Consuelo Pondé de Sena, da Cadeira de Estudos Tupis da Universidade Federal da Bahia, tomou a si a incumbência de organizar a edição definitiva da obra. A Companhia Editora Nacional, com o apoio do Instituto Nacional do Livro, decidiu incorporar à coleção Brasileira essa pesquisa pioneira de Teodoro Sampaio.

O leitor encontrará no presente volume os prefácios de Teodoro Sampaio à segunda e à terceira edição, além das apreciações do Pe. Carlos Teschauer e de um comentário epistolar de C. Campos, datado de 1902. De especial interesse é o “Prefácio à quarta edição”, de 1955, do professor Frederico Edelweiss, acompanhado de um pequeno ensaio sobre “O Indianismo ao tempo do Império”.

Mantiveram-se as notas incluídas por Edelweiss na edição de 1955, enriquecidas de novas informações, resultantes da laboriosa pesquisa que empreendeu até sua morte, em 1974.

Ao final do livro, após o “Vocabulário geográfico brasileiro”, acrescentamos os resumos biobibliográficos de Teodoro Sampaio e Frederico Edelweiss. Este último, embora dispense apresentação, mereceu da professora Consuelo Pondé de Sena um exame de sua valiosa contribuição no campo dos estudos tupis, texto que abre o volume.

Em face de uma obra de tamanha expressão para a cultura brasileira, a Companhia Editora Nacional procurou conferir-lhe uma apresentação gráfica ajustada às modernas exigências de consulta. Isto resultou numa tarefa de difícil realização, tendo-se em vista a qualidade das edições anteriores, tipográficas.

Neste trabalho, coordenado por Ana Cândida Costa, com a estreita colaboração de Heitor Ferreira da Costa, gostaríamos de agra-

decer a Margareth Pagni Perdigão e Myriam Aguiar Miguel, responsáveis pela composição e montagem do texto, bem como a Maria Aparecida Amaral e Maria de Lourdes Neto Eiras Romero Rubio, pelo empenho no minucioso trabalho de revisão das provas, enriquecido de valiosas sugestões.

Nosso agradecimento especial a Renato Berbert de Castro, da Diretoria do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que nos remeteu material de seu livro inédito, *Os Fundadores da Academia de Letras da Bahia*, usado na composição da biobibliografia de Teodoro Sampaio.

Os Editores
São Paulo, outubro de 1987

CRITÉRIOS

1. No terreno da ortografia, assumimos a postura de absoluto respeito à pesquisa original do autor. Esse procedimento se justifica também em função das notas do professor Frederico Edelweiss, que discute registros, mas não os altera. Atualizamos apenas o corpo do texto, mantendo todas as notações do autor, salvo onde se caracterizasse um lapso evidente ou um erro tipográfico.

Exemplo:

Gupeva, aliás Cû-peba, que quer dizer: *língua rasteira* para exprimir “o que pega na fala, o gago”²². [Texto de Teodoro Sampaio]

²² Língua, em tupi, é *apecû*, que, por terminar em fonema nasalado, dificilmente deixaria de abrandar a inicial de *peba*. Não nos consta que *peba* – *chato*, *largo* – signifique *rasteiro* ou *gago*. [Nota de Frederico Edelweiss]

2. Para os termos tupis e demais notações lingüísticas específicas, adotamos o **negrito**; para o sentido, optamos pelo *itálico*; para as descrições pomenorizadas do sentido, que se confundem com o corpo do texto, usamos o **redondo**.

Exemplo:

Cunhambébe, nome que é uma frase inteira: *cu-nhã-béba* e que quer dizer literalmente *língua que corre rasteira*, isto é, o gago, o homem que pega na fala²³.
Yaparoby, o *arco verde*^{23A}.

3. No “Vocabulário geográfico brasileiro”, preservou-se a grafia original dos verbetes [com destaque em **VERSAL CLARO**], em desacordo com as normas ortográficas vigentes, porém em consonância com o sistema de transcrição estabelecido por Teodoro Sampaio em sua época.

Exemplo:

PARAGUAY c. **Paraguá-y**, o rio dos papagaios. Pode também significar o rio dos cocares ou das coroas. V. **Paraguá**. Neste vocábulo — **paraguay** — assinala-se uma das diferenças de pronúncia entre o guarani e o tupi do Brasil. No guarani, quando o vocábulo composto tem aguda a última sílaba do tema, a tónica da palavra fica nesta sílaba, não assim no tupi do Brasil. Assim por exemplo, **Uruguá-y**, **Paraguá-y**, **Acará-y** pronunciam-se, no guarani — **Uruguái**, **Paraguái**, **Acarái**; no tupi do Brasil — **Acarái** e, se não fosse o uso, **Uruguái**, **Paraguái** ^{6º}.

O resultado foi uma edição quase fac-similar de *O Tupi na Geografia Nacional*.

Ana Cândida Costa
Heitor Ferreira da Costa

FREDERICO EDELWEISS, o Tupinólogo*

Consuelo Pondé de Sena**
da Universidade Federal da Bahia

Pretendendo examinar a contribuição de Frederico Edelweiss no campo dos estudos tupinológicos, trataremos, no presente estudo, de sublinhar exclusivamente os trabalhos publicados por aquele polígrafo, deixando, para outra oportunidade, a pesquisa dos textos ainda não editados e aqueles outros que se constituem em preciosos inéditos à espera de divulgação.

Nascido no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, a 19 de maio de 1892, Frederico Edelweiss iria, desde muito cedo, acostumar-se aos sons estranhos e guturais do idioma guarani, cujos primeiros ensinamentos lhe foram transmitidos pelo Pe. Teschauer.

Naquela antiga zona de redução jesuítica de índios guaranis, certamente, despertaria, pela primeira vez, o seu interesse pela lingüística indígena sul-americana.

É tempo, igualmente, de atribuir-se ao jesuíta Carlos Teschauer a grande influência que sabemos ter exercido sobre o espírito do tupinólogo Frederico Edelweiss, que lhe herdou, não apenas o pendor para os estudos lingüísticos, mas igualmente a vocação para os assuntos relacionados com a etnografia, a etnologia, os estudos históricos, particularmente os atinentes à Companhia de Jesus e aos jesuítas.

* Conferência pronunciada na Semana de Estudos Indigenistas da Universidade Federal de Pernambuco.

** SENA, Consuelo Pondé de. Frederico Edelweiss, o Tupinólogo. *CLIO*, revista do curso de Mestrado em História. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 4:149-165, 1981.

Aliás, Edelweiss jamais negou essa indiscutível ascendência exercida pelo “Pai da História do Rio Grande do Sul”, a quem se referia com respeitosa admiração.

Data, porém, de 1928 seu primeiro artigo impresso sobre o “Tupi” publicado no jornal *A Tarde*. Sob epígrafe tão abrangente, o autor apõe o subtítulo – Igarapé, versando o intrincado problema etimológico e dedicando-o ao grande filólogo João Ribeiro, que lhe admirava a maneira prudente e objetiva com a qual laborava o difícil campo de estudo.

Posteriormente, em 1936, publicaria o tema “Charuto, um enigma etimológico”. Defendendo a etimologia brasileira do termo charuto, analisa minuciosamente a mais antiga designação do rolo de fumo, informando que seu uso já era generalizado desde meados do século XVI, embora sob a designação de cigarro.

Aliás, o vocábulo, segundo o texto em apreço, teria surgido na obra *Ásia*, de um autor inglês T.B. cuja publicação ocorreu entre 1669/79. E, consoante afirma Edelweiss, “nela, segundo o *New Oxford Dictionary*, há um trecho referente aos Malabares, que diz “Fumam o seu tabaco de maneira extremamente simples, mas a meu ver, bastante original: enrolam uma folha e, tomando entre os lábios uma das extremidades, acendem a outra.”

Eles (os malabares) chamam este rolo *bunco*, mas os portugueses, *cherota*.

Comentando, ainda, esta informação afirma: “Eis como **charuto** emerge na literatura mundial, em país distante e língua estranha.

O original trabalho evidencia, assim, a constante preocupação de Edelweiss em relação aos estudos etimológicos que iria, durante toda a sua existência, constituir-se numa inequívoca vocação do seu talento de pesquisador.

Do ano de 1947, datam duas de suas importantes contribuições à tupinologia, a saber, o livro *Tupis e Guaranis* e o estudo intitulado “Algumas observações críticas à *Geografia dos Mitos Brasileiros*, de Câmara Cascudo”.

Sobre o primeiro, tivemos oportunidade de tecer rápido comentário em artigo publicado na imprensa, do qual destacaremos o seguinte trecho: “Contando com o instrumental indispensável à elaboração do referido estudo – a ampla bibliografia especializada de que dispunha, o respeitável tupinólogo baiano, com erudição e espírito crítico, desfez, de uma vez por todas, os lastimáveis equívocos que condicionaram a errônea denominação de Cadeira de Língua Tupi-guarani, criada em 1933, na Universidade de São Paulo”.

Por outro lado, acerca do mesmo livro assim se expressa Herbert Baldus: “Trata, na primeira parte, do “desenvolvimento histórico dos

termos tupi e guarani”; na segunda, de “dois irritantes equívocos na fonética tupi”; na terceira, de “algumas diferenças lexicológicas entre o tupi e o guarani”. Sua principal conclusão é a seguinte: “A língua tupi, como entidade lingüística, não se confunde com a guarani”. Apesar de prejudicar, às vezes, pela exaltação do tom polêmico o decoro próprio de qualquer obra científica, o autor apresentava valiosas observações e sugestões”.

A respeito desta obra também teve oportunidade de manifestar sua opinião o Prof. Aryon Dal’Igna Rodrigues, em carta dirigida ao autor.

Quanto ao segundo, sobre a *Geografia dos Mitos Brasileiros*, teve como objetivo desfazer certos conceitos errôneos omitidos pelo ilustre folclorista potiguara. Se bem que contundente e, por vezes, um tanto agressiva, a análise de Edelweiss teve apenas o intento de corrigir equívocos. Não lhe movia a intenção de menosprezar a importância do trabalho de um autor de indiscutíveis méritos, cujo nome é consagrado pela intelectualidade brasileira. Ao revés disso, constituiu-se em uma das suas arrojadas incursões no campo da crítica, tão ao gosto do seu temperamento. Declarando, mesmo, que o animava, ao elaborar o estudo, o intento de colaborar na reforma de uma obra possível de tornar-se um livro clássico no gênero, caso fosse refundido, analisa-o minuciosamente, asseverando textualmente: “Confinarei, pois, as minhas observações a ponto de etnologia brasileira, da lingüística tupi e, só incidentemente, transporei essa linha aos terrenos afins”.

De referência ao artigo: “A pretensa invariabilidade dos gentílicos”, de 1948, trata-se da defesa de justíssima posição assumida pelo autor em relação a assunto de tamanha relevância que não havia ainda merecido a consideração dos especialistas brasileiros.

Examinando a formação peculiar dos gentílicos e adjetivos em línguas cultas de variadas origens, Edelweiss demonstra, mais uma vez, sua erudição, ao fazer considerações sobre o que ocorre em vários idiomas. Aludindo, por exemplo, à língua alemã, declara: “Não oferece a facilidade da inglesa para a incorporação dos gentílicos estranhos, principalmente os oxítonos terminados em a, e, i, o, u, que nela são exóticos”.

Somente um autor familiarizado com vários idiomas estrangeiros poderia multiplicar tantos exemplos quanto os existentes no estudo em consideração e com tamanha fluência. Eis o que diz sobre alguns autores franceses, adeptos da invariabilidade dos gentílicos, cuja posição se lhe afigura incompreensível: “Gramaticalmente, tais autores estão fora da lei e a sua fraqueza acomodática presta-se a uma série de comentários bem desalentadores pelo muito que, politicamente, se harmoniza com a época em que se processou”.

Por outro lado, considera: “Inteiramente justificada é a anuência parcial dos *etnólogos italianos* à prática da invariabilidade dos gentílicos exóticos. No italiano, sendo invariáveis no plural os substantivos em consoante, em *i* não acentuado, e todos os oxítonos em *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, a grande maioria deles, em qualquer hipótese, é reduzida à forma única. Aludindo, igualmente, à nossa situação, declara categoricamente: “A posição do português é idêntica à do espanhol em face dos gentílicos. Nada existe, nas duas línguas, que autorize a sua inalterabilidade”.

E acrescenta ainda enfático: “Muito louvável tem sido na defesa prática deste ponto de vista, a atitude dos *etnólogos de língua castelhana*. Dentre eles, ao que sabemos, nenhuma figura proeminente de ascendência se afastou das praxes de sua língua materna, para submeter-se a inexecutable fórmulas internacionais. E essa resistência ainda é, no setor, o reflexo fiel da independência e altivez que tanto impressionam nos seus povos.

Comentando a posição assumida por Imbelloni sobre a questão, afirma: “Uma figura à parte nesta controvérsia sobre a pluralização dos gentílicos é J. Imbelloni, da Argentina. Contrário, também ele, ao plural em *s*, distingue-se, entretanto, do grupo de imitadores baratos pelo seu critério todo pessoal. Eis as razões que o impedem de pluralizar, à castelhana, os *etnônimos alienígenas*:

- 1º) porque constituíam entidades híbridas;
- 2º) porque alguns significam gente, homens, espécies de coletivos;
- 3º) porque diversos já são verdadeiras formas de plural na língua de origem.

Imbelloni é, antes de tudo, *etnólogo*; raciocina e discute os fatos de sua especialidade com tanto escrúpulo que o respeito à morfologia de línguas relativamente pouco estudadas o faz violentar a sua própria. Após examinar, criteriosamente, o que ocorre nos domínios da língua portuguesa, Edelweiss conclui por declarar: “O emprego de uma única invariável dos *etnônimos exóticos* justifica-se, lingüisticamente, no inglês, quase sempre no alemão e, em muitos casos, também, no italiano. Não há nada que desculpe a sua introdução no português, espanhol e francês”.

A crítica do autor, longe de ser gratuita, arrima-se sempre nas profundas pesquisas a que se entrega o seu espírito de investigador metuculozo e profundo.

Nunca se lhe esgotava, pois, a curiosidade em relação a fatos lingüísticos, aos quais se voltava com particular interesse.

Por ocasião do centenário de nascimento de Teodoro Sampaio, data festivamente comemorada na Bahia, a Câmara da Cidade do Salvador reedita a mais conhecida obra do conceituado baiano, *O Tupi na*

Geografia Nacional, atribuindo a Frederico Edelweiss a árdua tarefa de anotá-la.

Certamente, nenhum dos seus estudos críticos teria então, parecido tão severo quanto os alusivos à tarefa a que nos estamos referindo, seja pelo caráter pouco combativo do nosso povo, seja pela quase conivente atitude dos nossos intelectuais em relação aos trabalhos elaborados por aqueles que adquirem notoriedade.

Àquele estudioso pertinaz, de índole combativa, todavia, antes importava aproveitar a oportunidade que lhe oferecia de emendar tudo quanto lhe parecia digno de corrigido, o que fazia contundentemente, sem rodeios, respeitada embora a autoridade do autor, que ele apreciava sinceramente.

Não lhe interessava, então, os melindres dos que se sensibilizavam com suas arrazoadas observações críticas.

Aliás, vale ressaltar que, a partir daquela data, 1955, sempre se ocupou em acrescer, de notas corretivas, a obra que desejava escoimada de justificáveis enganos. A essa tarefa, pois, entregou-se até as proximidades dos seus derradeiros dias o infatigável pesquisador.

Em nota manuscrita encontrada no volume em que, pacientemente, apunha novas observações, o próprio Edelweiss assim se pronuncia: “A quarta edição, publicada pela Câmara Municipal de Salvador, em comemoração do primeiro centenário de nascimento de Teodoro Sampaio, não foi exposta à venda, destinou-se exclusivamente à distribuição, que, embora farta, nem de longe corresponde à crescente avidez dos interessados.

“Uma nova tiragem não parece, assim, fora de propósito.

“Nela, as notas foram parcialmente ampliadas, retificados alguns senões de várias ordens, que, pelo atropelo de última hora, não puderam ser evitados na precedente. Bastaria isto para justificar esta quinta edição, se, por outro lado, a persistente procura não estivesse a exigí-la.”

Em 1957, é publicado seu primeiro estudo sobre a segunda conjugação tupi, tema que de há muito tempo despertara o seu interesse de tupinólogo, intitulando-se “Considerações em Torno da Segunda Conjugação Tupi”. Sobre o mesmo registra-se a seguinte informação: nas primeiras linhas do texto, F. E. sustenta categoricamente que, embora os antigos mestres dos dialetos tupi-guaranis tenham atinado para a existência de dois sistemas conjugativos, não chegaram, contudo, a definir o caráter da segunda conjugação. Deste modo, no seu entender: “Retomar o fio de tão palpitante capítulo, esmiuçá-lo à luz moderna da Ciência da Linguagem, cabe assim à nova fase dos estudos tupis encetada em nossas universidades. É a ela que a exposição a seguir quer servir de despretenhiosa sugestão”.

Já aí, em nota de pé de página, anuncia o que, sobre o assunto, vai dar publicidade um ano depois.

Assim, em 1958, vem a lume o mais importante livro do nosso tupinólogo – *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*, cujo valor se reveste de condições especialíssimas, dada a profundidade com que é versado o tema.

É sem sombra de dúvida, sem desmerecer os demais textos de sua autoria, aquele que oferece mais percuciente e inovadora abordagem.

Sobre a sua importância, assim teve o próprio autor oportunidade de referir-se, nos seguintes termos: “Desses estudos, todos ainda atuais, o mais valioso, a meu ver, é *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*, que retifica definitivamente os ensinamentos correspondentes dos velhos mestres do tupi e do guarani: Anchieta, Figueira e Restivo”.

A modéstia, entende-se, impediu-o de declarar que nenhum dos autores citados chegou realmente a analisar, com a penetração tão aguda como ele o fez, este problema da gramática tupi.

Verifica-se que já no pórtico da obra, sob o título: “Explicação Necessária”, define Edelweiss os seus propósitos. Observa-se, então, aí, que uma grande tese é posta em debate — a defesa da existência da conjugação de tipo objetivo, que compreende todos os adjetivos e cujo pronome sujeito é um possessivo puro.

No decorrer desta introdução, o autor, inclusive, adverte para o fato de que, não somente no idioma tupi, mas igualmente no cariri, ocorre o uso de “um misto de pronome pessoal, tanto subjetivo como oblíquo e de adjetivo possessivo, desempenhando indistintamente qualquer das três funções”, a que ele denomina de possessivo pronome. Ao mesmo tempo, propõe indagações, por ele próprio posteriormente respondidas, que advertem ao leitor sobre os propósitos inquietantes do trabalho, como que antecipando o jogo dialético da sua lógica argumentação.

Desta forma, ele próprio afirma: “Haverá quem inicialmente não admita conjugação de nomes. Mas, porque, se no tupi, tal qual os verbos, tomam sufixos de tempo e modos? Ou será proibido consignar peculiaridades e caracterizá-las, só porque as línguas indo-européias as desconhecem? Ao sustentar tal posição, Edelweiss demonstra a sua atualização frente aos estudos mais modernos da ciência da linguagem.

Esta é a nossa conclusão quando refletimos sobre o que afirma: “Por outro lado, se tudo o que, a par de pronomes subjetivos, recebe índices de tempo e modo deve ser proclamado verbo, porventura deixará o tupi de possuir a categoria dos adjetivos pelo simples fato de, no particular, se aproximarem dos verbos”.

E, cada vez mais desenvolvendo o seu ponto de vista numa transparente tessitura de indiscutível argumentação, declara: “Inversamente, haverá quem ponha em dúvida a legitimidade dos nomes neo-latinos por desconhecerem a declinação. E mais: “Erigir adjetivos em verbos, porque verbalmente melhor se transladam a português, é, pelo menos, faltar a verdade. Nenhuma palavra imediatamente precedida de *xe* subjetivo está em função verbal”.

Vemos assim, conforme foi anteriormente ressaltado, que, na própria introdução ao trabalho, o autor antecipa as questões fundamentais desenvolvidas no curso da obra.

Permitimo-nos comentar, do supracitado livro, o capítulo intitulado “Das categorias de palavras e do seu contato, que se inicia com reflexões sobre o aspecto racional das categorias gramaticais. Referindo-se, particularmente, às interjeições, Edelweiss menciona que se constituem numa criação dos mestres latinos e que, apesar da sua importância, diferem profundamente das demais, sob diversos aspectos, destacando: “restringe-se a determinados setores da linguagem, é holofrástica, foge à morfologia e chega a violar as próprias leis fonéticas da língua a que pertence”.

Ressalte-se, em seguida, o cuidadoso exame a respeito da utilização do possessivo pronome, na conjugação dos nomes, com ênfase na afirmativa de que “no tupi (e poderíamos dizer com igual propriedade: na família tupi-guarani) não se conjuga somente o verbo, mas também o nome e este tão diretamente quanto o verbo, ou seja, sem interferência de conetivos.

Mas a conjugação do nome difere da verbal no emprego do pronome.

O verbo, em seus modos de caráter legitimamente verbal, exige o uso de pronomes especiais, que chamaremos de *partículas pronominais*.

O nome pede outros pronomes e esses, além de complementar obrigatoriamente a *partícula pronominal* em certas modalidades conjugativas do verbo, preenchem ainda as funções de pronome oblíquo”.

Ainda aí o crítico procura chamar atenção para a existência de muitas interpretações errôneas sobre a questão, informando, inclusive, que Lucien Adam não havia entendido o duplo sentido objetivo e subjetivo, na língua cariri.

Não se cingindo, pois, ao exame único da língua tupi, Edelweiss discorre sobre os pronomes pessoais independentes, o verbo conetivo do cariri, estabelecendo aproximações entre aquele idioma e o tupi, no que se refere ao sistema intermediário de conjugação.

A fluência com que examina múltiplos e emaranhados problemas da gramática brasileira, a exemplo da adjetividade dos verbos intransiti-

vos e de alguns intransitivados, os substantivos compostos adjetivados, conduz-nos a reafirmar o que temos, tanta vez, declarado – ter sido aquele Mestre o maior conhecedor do tupi antigo nos tempos atuais.

Em 1963, Edelweiss escreve: “Quirimurê – atribuições de um topônimo” e “O termo nheengatu”, publicando-os na mesma revista.

De referência ao primeiro artigo, cabe-nos tecer as seguintes considerações:

O autor analisou a bibliografia dos cronistas seiscentistas, observando que tanto Gabriel Soares de Sousa quanto Fernão Cardim registraram a expressão com o sentido de Bahia. Lembra, ainda, que no léxico tupi dos jesuítas, *Vocabulário na Língua Brasileira*, ocorre a confirmação dos dois registros, aparecendo, entanto, um segundo nome, a saber, Paraguaçu. Marcgrave, entre os escritores antigos, alude a Quirimurê. Em seguida, Edelweiss faz observações acerca da maneira como esses autores grafaram o nome, criticando-os, de *per si*, declarando não existir no tupi a desinência surda *re*, arrematando com a afirmativa: “Na mesma linha onde se acha Quirimurê, também se lê Paraguaçu, sem o acento que sempre costumava encimar o *u* tônico final, e, verbete pedir p. ex. ombreiam, em duas linhas, *ajerurê* com *ajerere* e *cupe* com *çupê*”. Tais referências dizem respeito ao que consta do *Vocabulário na Língua Brasileira*.

Considera, outrossim, inaceitável a etimologia proposta pelo guaranílogo Batista Caetano de Almeida Nogueira. De igual modo, comenta a explicação alvitrada por Teodoro Sampaio nas três primeiras edições de *O Tupi na Geografia Nacional*, consignando que: “da falta de todas essas achegas resultou uma das interpretações etimológicas mais inconsistentes de T. Sampaio, e, por ironia do acaso, de um termo que lhe era particularmente caro, pelo contacto que teve com a Bahia de Todos os Santos desde que viu a luz do dia”.

Também manifesta surpresa ante a maneira como foi feito o comentário ao termo, na tradução da *História Natural de Marcgrave*, estranhando-a sobretudo, pelo fato de, àquela altura, já ter o seu anotador tomado conhecimento do *Vocabulário na Língua Brasileira*, tendo conseqüentes condições para não repetir os enganos cometidos pelo conhecido publicista baiano.

Finalmente, Edelweiss concluiu por defender a grafia tupi, Quirimurê, nome pelo qual os tupinambás do Recôncavo se referiam à Bahia de Todos os Santos. Alude, ainda, à circunstância de este nome jamais ter designado tribo de índios, sendo improvável qualquer relação com o termo Caramuru.

Sem ter possibilidade de explicar a etimologia da palavra, Edelweiss alude à hipótese formulada por A. Levy Cardoso, “de ser a pri-

meira parte da palavra **quyry**, de origem cariba”, mostrando, todavia, a impossibilidade de comprovação da existência de índios caribes nesta região.

Quanto ao estudo, “O termo Nheengatu”, decorreu do desejo do autor em, de uma vez por todas, retificar o uso inadequado da expressão. No seu entender, somente a partir de 1850 surge a denominação com o sentido que hoje lhe emprestamos. Por essa razão, a mesma pode ser tomada como designativa dos índios de língua tupi do período colonial. Assim, pois, declara categoricamente: “O que se contesta é o uso do termo **nheengatu**, por qualquer autor colonial, para designar o tupi, a língua brasílica e, principalmente, que os tupis o tenham usado nesse sentido. Em contraposição, o termo **nheengatu** – malfalante, língua mé – era muito usado em suas referências aos índios diferentes da geral ou tupi. Era um apodo genérico. Se **nheengatu** não chegou a usar-se, foi simplesmente porque todos os bem-falantes eram parentes e tinham nome conhecido de todos, que tornavam supérflua qualquer denominação genérica, aliás rara nas línguas concretizantes da América.

Atribuindo ao General Couto de Magalhães, no seu livro *Os Selvagens*, o lançamento da expressão **nheengatu**, Edelweiss aduz a incerteza do autor quanto à real significação do termo.

Por outro lado, lembra o nome de Batista Caetano, amigo do autor supracitado, que, apesar disso, não confunde as duas denominações. Assim, pois, emprega o termo **nheengatu**, atribuindo-lhe o verdadeiro sentido restrito “**nheengatu**” – falar bem, boa fala e, no Amazonas, língua do índio”.

Analisando, ainda, pormenorizadamente, registros de outros escritores, a propósito de termo, conclui por afirmar sobre a sua identidade: “A língua geral moderna do Amazonas, um tupi completamente desnaturado em sua estrutura e que nunca foi falado, como língua própria, por qualquer tribo tupi”.

Eis a que inferências pode chegar a análise meticolosa de um vocábulo. Publicado em 1967 é o artigo: “Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro quinhentista”. A segurança com que analisa o tema, até então mal conhecido, faz deste trabalho uma das importantes contribuições à toponímia carioca.

E como se não lhe bastasse solucionar, definitivamente, vários enigmas etimológicos, Edelweiss revela, ainda, seus apreciáveis conhecimentos da etnologia nacional. Esmerando-se, além disso, na crítica bem fundamentada a tantos quantos, superficialmente, talvez por servirem-se de fonte não autorizada, fazem incursões sobre o assunto. Na realidade, como profundo conhecedor da língua brasílica, sabe discernir com firmeza o que é certo do insustentável.

Por outro lado, cabe ressaltar que somente uma plena e profunda familiaridade com o tupi poderia conceder-lhe a oportunidade de analisar exaustivamente a questão. É este, pois, sem sombra de dúvida, um dos seus mais atraentes estudos etimológicos.

Datam de 1969 as seguintes análises: *Estudos Tupis e Tupi-guaranis*. “Gûasú e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis”, “Camarajipe e Lagoa Abaité”.

A primeira delas constitui-se no último livro editado pelo Mestre da tupinologia baiana. Reúne importantes estudos sobre a matéria, compondo uma importante coletânea de textos de conteúdo histórico e lingüístico. O subtítulo da obra – Confrontos e Revisões denuncia o seu caráter, sendo que o Aviso Preliminar, substitutivo adotado pelo autor aos prefácios inexistentes nos seus livros, evidencia os propósitos da publicação. Ainda aqui F. E. tece considerações sobre a impropriedade em considerar-se língua tupi-guarani, cuja deficiência atribui ao desconhecimento, até 1938, do léxico tupi jesuítico, o *Vocabulário na Língua Brasileira*. Sem esta obra, segundo ele, era impossível reconstruir-se, integralmente, a trajetória daquele idioma. Condena, mais uma vez, os equívocos do primeiro catedrático de tupi, de São Paulo: “ao perfilhar o indefensável termo língua tupi-guarani, um mistofório, onde mais para alívio do mestre do que do discípulo espantado, caberia tudo: o legítimo vocábulo guarani, de Montoya, a forma castiça do tupi anchietano, nivelado, em condições de igualdade, no seu estropiado descendente nheengatu, remanejado, através do século, por bocas estranhas”. Aproveita-se ainda nesta nota inicial para identificar, convenientemente, o tupi original das fases de progressiva adulteração, declarando: “A primeira delas é fruto da grande miscigenação, não apenas entre índios e brancos, mas também por efeito do aldeamento conjunto de índios e de outras famílias lingüísticas com tribos tupis, segundo a praxe dos jesuítas”.

E justificando a designação que concedeu à segunda fase de desenvolvimento da língua brasileira, declara: “Apelidamos de “brasiliano” o dialeto tupi, que assim se foi formando nas populações marginais. O seu representante bibliográfico mais divulgado é o *Dicionário Português e Brasileiro*, que nos forneceu o nome. Reproduz o tupi falado, no correr dos anos, a segunda etapa de deterioramento, um dialeto de intercâmbio no Amazonas, por eufemismo crismado de nheengatu – língua boa!”.

Após fazer várias observações sobre os assuntos que o motivaram a escrever este livro, afirma: “Eis, portanto, o segundo complemento ao nosso *Tupis e Guaranis*. A tardança deve ser levada à conta de circunstâncias adversas, que refogem ao nosso valimento”.

Considerando importante referir acerca do valor desta obra, transcrevemos a opinião de Lemos Barbosa em espaço que assinou na orelha

do livro, anteriormente citado, do qual destacamos alguns trechos: “A obra de Frederico Edelweiss, ex-professor de Língua Tupi na Universidade da Bahia, teve como objetivo pôr um pouco de ordem nesse caos. Alma de historiador e analista rigoroso, o Autor percorre toda a produção “tupi” tanto impressa como manuscrita, situando-a no tempo e no espaço.

“E vai corrigindo, naquele seu tom sincero, por vezes áspero, toda uma série de erros que se espalharam a respeito da língua tupi.

“Primeiro, a idéia de que os jesuítas “criaram” a língua tupi, para isolar o índio e melhor dominá-lo. Segundo, a de que violentaram a índole da língua, para enquadrá-la na gramática latina. Terceiro, a de que tupi, guarani, brasileiro, nheengatu é tudo uma coisa só. Quarta, a de que em nossos cursos universitários não há lugar para um estudo especial do tupi, mas sim das línguas indígenas em geral.

“Aqui Edelweiss mostra à nossa Lingüística brasileira, enfatuada e de segunda mão, que, se para o lingüista o latim tem o mesmo interesse que o hotentote, para o filólogo o latim tem muito maior importância pela sua função histórica. Assim também o tupi teve um papel histórico que não coube, p. ex., às línguas do grupo Jê. Haja vista a penetração maciça de termos tupis no português do Brasil. Edelweiss prova como só o tupi tem um sentido especial para a cultura nacional, e que seu estudo universitário deve ser enquadrado na seção de letras, ao lado do grego e do latim, naturalmente em escala mais reduzida”.

Desnecessário, por certo, dizer algo mais do que já foi expresso neste depoimento emanado de um dos maiores cultores da tupinologia nacional.

Entendemos no entanto, ser importante realçar o valor do “Aviso Preliminar” assinado pelo próprio autor. Neste, mais uma vez, reafirma a sua inabalável determinação em insistir na defesa de sua tese anteriormente exposta, e insuficientemente conhecida, a propósito da distinção entre as línguas tupi e guarani explanada no seu livro publicado em 1947.

Por sua vez, ao pretender estudar Gûasú e Usú na diacronia das línguas e dialetos “Tupi-guaranis”, Frederico Edelweiss confessa o seu empenho em analisar o modo como se fazia o aumentativo e o superlativo no idioma nativo.

E evidenciando, mais uma vez, jamais considerar completas as suas abordagens, diz, no seu aviso preliminar: “O trabalho que se segue, circunscrito a um setor estreito, apresenta pesquisas e análises complementares a capítulos do nosso *Estudos Tupis e Tupi-guaranis*, elucida algumas dúvidas comuns e retifica certas idéias errôneas do curso ainda franco a respeito de questões da lingüística tupi-guarani e dos seus reflexos, no campo da lingüística”.

Iniciando considerações sobre o **Guásu** e **Usú** no tupi e no guarani antigos, Edelweiss declara a identidade deste aumentativo nas duas línguas, realçando embora que as divergências, sob o ponto de vista mórfico, se traduzem sob a forma de manifestação diversa nas regras que presidem o seu uso nos dois idiomas.

Enumerando vários exemplos referentes ao uso das formas, aduz o fato de que **guásu** é usado com verbos e nomes terminados em vogal tônica, enquanto os paroxítonos e os oxítonos, contendo consoantes finais de composição, afora a observância das regras eufônicas, utilizam **usú**.

Demonstrando perfeito conhecimento dos idiomas tupi e guarani, o autor percorre toda literatura colonial, na qual ocorre o registro das formas em análise, criticando, com muita propriedade, a grafia usada por cada um dos autores, a exemplo de Hans Staden, Marcgrave e Thevet.

Camarajipe e lagoa do **Abaité** são dois termos analisados por Frederico Edelweiss, demonstração do seu constante interesse em investigar topônimos de origem tupi, a fim de retificar conceitos errôneos sobre os mesmos, além de emitir sua opinião de especialista na matéria.

Camarajipe (e não Camorojipe ou Camurujipe), ele próprio o afirma, designa o rio que deságua no largo da *Mariqueta* – Rio Vermelho.

O nome, segundo o autor, aparece na bibliografia brasileira, numa carta quadrimestral jesuítica, datada do ano de 1557. No documento, em apreço, ocorre claramente a menção ao rio, que corre no local, sob a forma de **Camarajipe**. Discorrendo sobre o assunto, Edelweiss propõe que se oficialize o nome correto **Camarajipe**, em lugar de usar-se, indevidamente, **Camorojipe**, e **Camurujipe**, por não se aplicarem, adequadamente, à localidade.

Já de referência ao nome lagoa **Abaité**, substituto verdadeiro da equívoca denominação lagoa do **Abaeté**, o autor explora, com igual cuidado, a literatura sobre o assunto, concluindo pela inadequação do termo **Abaeté**, homem abalizado, de valor, verdadeiro, para traduzir um termo geográfico. Para tanto, faz incursões no campo da etnologia indígena e africana, reportando-se, inclusive, ao texto de Dorival Caymi, que contém no seu bojo a impressão do mistério e terror consentânea às lendas criadas em torno da lagoa escura.

Como em todos seus estudos, Edelweiss conclui categoricamente, declarando: “Por tudo isto, a lagoa **Abaeté** é lagoa **Funesta**, lagoa **Temerosa**”.

Em 1970, é publicada a segunda parte do estudo sobre **Guásu**, **usú**. O artigo tem início com algumas considerações sobre o assunto, constantes do livro de Jean de Léry, afirmando o autor: “A despeito do longo colóquio, os aumentativos em Léry não ultrapassam em número os contidos nos escritos de Thevet. Em compensação, são todos identificá-

veis, o que não acontece com os de Thevet, colhidos em áreas muito dispersas”.

Por outro lado, o autor em lide atribui ao depoimento de Léry um valor bem mais significativo do que o de Thevet, sobretudo pelo primeiro ter aprendido a língua indígena e, por isso mesmo, ter melhores condições de “consignar com algum discernimento aquilo que lhe iam comunicando os intérpretes, a cuja colaboração, aliás, alude repetidas vezes”.

E, demonstrando a seriedade com que encarava as suas pesquisas, afirma que, para fazer alusões aos registros das formas **gûasú**, **sú** e **asú** no livro de Léry, baseou-se na edição de Gaffarel, sob a alegação de ser a mais acessível aos estudiosos, muito embora tivesse comparado este registro com a transcrição dos vocábulos tupis constantes da edição francesa de 1586. Em seguida, passa às considerações sobre o emprego das formas **guâsu**, **usú** e **Asú** nos *Tratados*, de Fernão Cardim, na onomástica de Gabriel Soares de Sousa, estendendo-se em notas e observações críticas sobre os dois autores.

Deste mesmo ano procede o estudo sobre o Pe. Serafim Leite e a língua tupi. Na opinião de F. E. o autor da *História da Companhia de Jesus do Brasil*, por não ter sido lingüista, sequer versado na tupinologia, procurou valorizar o *nheengatu*, em lugar de considerá-lo um falar composto por termos oriundos do tupi antigo, do brasileiro, o português, em suma, uma miscelânea heterogênea incapaz de representar o legítimo idioma dos índios do litoral brasileiro ao tempo da descoberta.

Por outro lado, ao historiador da Companhia de Jesus, conforme ainda Edelweiss, faltava efetivamente os mais mezinhos conhecimentos do idioma tupi, que lhe permitissem incursionar neste árduo campo de trabalho.

Também de 1970 é o estudo **Gûasú**, **Usú** e **Asú** na *história da missão dos padres Capuchinhos*, do frei Cláudio d'Abbeville. A este autor, F. E. atribui considerável importância por ter fornecido notícias de excelente qualidade, recolhidas entre conterrâneos eficientes e perfeitamente integrados ao meio sobre o qual se pronunciaram. O modo como Abbeville reuniu essas informações, selecionando-as e ordenando-as criteriosamente, conferem, pois, singular valor ao seu trabalho, conforme aduz o tupinólogo baiano. Aliás, convém ressaltar que, na sua opinião, a história do frade capuchinho constitui-se, ao lado dos compêndios jesuítcos, na mais importante fonte de informação para o estudo mórfico dos aumentativos **guâsu/usú**, no tupi antigo. Ainda neste mesmo artigo de Edelweiss, é comentada a ocorrência de: **guâsu** e **usu** em *Voyage dans le nord du Brésil*.

Referindo-se à diminuta freqüência desse aumentativo no livro em

questão, F. E. declara, peremptoriamente, que frei Ivo d'Evreux provavelmente foi um bom missionário, mas etnógrafo e lingüista de pouco saber.

Finalmente, ainda no mesmo trabalho, há uma minudente análise sobre o tema, inserida na *História Natural do Brasil*, de Piso Marcgrave. A esta importante obra científica F. E. atribui notável valor para o estudo da língua tupi e do assunto em pauta.

No ano seguinte, é publicada a quarta parte do estudo sobre o aumentativo **guású-usú**. Ainda uma vez, tal como outros estudos criteriosos de Edelweiss, observa-se o apuro na densa pesquisa lingüística efetuada nas fontes informativas de primeira mão.

O artigo tem início, pois, com observações sobre os sufixos **guású** e **usú** no *Catecismo da Língua Brasileira*, do Pe. Felipe Bettendorff, explicando o autor que, no caso, a contribuição do livro é limitada, cingindo-se a uns poucos exemplos, todos eles seguindo fielmente o modelo anchietano. Em seguida, passa F. E., a comentar o aumentativo no *Vocabulário Português-brasílico*, desenvolvendo posteriormente ampla discussão sobre os aumentativos e os superlativos no *Dicionário Português e Brasileiro*.

Neste livro, sustenta o autor, **guású** assume o sentido de difícil, aparecendo apenas em meia dúzia de palavras compostas, minguados remanescentes do passado como que envergonhados da sua vetusta indumentária. A forma **osú**, alteração de **usú**, avassalou tudo.

E mais adiante conclui categoricamente: "A substituição desta multifária intensivação por um termo único no *Dpb*, nada mais é do que a influência do adjetivo português **muito osú**, pelo qual o mestiço gradativamente despojou a língua tupi de alguns dos seus atavios mais característicos".

E, demonstrando aí não se exaurir o seu desejo de transmitir informação, F. E. ainda se ocupa em analisar: "Aumentativos enxertados no Dicionário Brasileiro-Português", publicado no tomo 18 da *Revista do Museu Paulista*. As formas aumentativas e superlativas, no Caderno da língua, de frei João de Arronches, "As formas **uasú** e **asú** no nheengatu".

Igualmente, como se lhe não bastasse as incursões no tupi antigo, no brasileiro e no nheengatu, o nosso tupinólogo detem-se em considerações sobre "as variantes de **guású-usú** no guaraió", língua da Bolívia que, consoante informa, vem a ser "um elo entre o tupi e o guarani".

Evidenciando amplo conhecimento da língua dos nossos primeiros índios, Edelweiss enriquece todo este estudo com excelentes notas de pé de página, cujo valor é tanto maior porquanto se constituem em referências da maior segurança e profundidade para os que se interessam por este setor de conhecimento dos estudos brasileiros.

Impossível deixar de conferir-lhe um lugar de honra nos estudos tupinológicos dos nossos tempos, dada a segurança e profundidade com que versava os assuntos desta especialidade, de que é exemplo a análise percuciente sobre o aumentativo em tupi.

Todavia, não se esgotaria ainda o seu intento em aprofundar o apaixonante tema, que também desenvolve em 1971 e 1972. Assim, sob o título completo e minucioso sobre “As formas Sirionós correspondentes ao aumentativo **gûasú-usú**”. Trata-se, pois, de um estudo comparativo entre o tupi e guarani antigos e um dialeto atual da mesma família, tarefa que só poderia ser desempenhada, a contento, se entregue à competência de um autor do conhecimento e valor do tupinólogo baiano. Vemos assim, confirmada a afirmativa anterior de que F. E. sempre procurava esgotar todo assunto que analisava, pesquisando-o exaustivamente.

Finalmente, encerra o sexto estudo sobre o assunto, iniciando-o com observações acerca dos sufixos “**Gûasú** e **Usú** da diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis”, capítulo que fecha, com chave de ouro, o trabalho em questão. Partindo de considerações acerca do aumentativo no guarani moderno, cuja evolução conhecia profundamente, declara textualmente: “Quem comparar o guarani moderno ao estado da língua ao tempo de Montoya e com os diferentes esgalhamentos tupis do Quinhentos e Seiscentos, não pode deixar de notar a progressiva desenvoltura na parte que nele diz respeito ao emprego do **gûasú** na formação de aumentativo e superlativo”.

Assim, criticando os gramáticos do guarani moderno, afirma que os mesmos não valorizam o papel de **gûasú/usú** nas antigas formas aumentativas e superlativas, malgrado a sua profusa presença e uso nos vocabulários atuais. Em contrapartida, aludem ao adjetivo, advérbios **eté** e suas variações: **eté, te, eterei**, procurando mesmo omitir outras formas, talvez para evitar suas prováveis discordâncias. Frederico Edelweiss, no entanto, contesta esta indébita substituição, alegando que **eté** não parece caracterizar, com precisão, os aumentativos concretos nos quais antes prevalecem o sentido de grosso, volumoso.

Não lhe bastando competência e seriedade para argüir em defesa desta opinião, vai mais longe ainda, analisando as formas Teneteharas correspondentes, os aumentativos em **uhu**, a forma **uatzü**. Concluindo, finalmente, a árdua e profunda análise, arremata, à guisa de justificação final, jamais omitida em seus estudos o que se segue:

“Num estudo árido como este a que ora pomos o ponto final, após fixar a trajetória quadrissecular de um termo através da sua evolução em vários dialetos afins, embora falado por tribos geograficamente espalhadas numa área de milhões de quilômetros quadrados, não poderíamos

evitar ocasionais repetições em nossos comentários. Visamos nelas principalmente à conveniência dos leigos no assunto.

“Ademais, sendo autônomo o capítulo dedicado a cada dialeto, o consulente recorrerá de preferência ao que mais o interessa no momento, muitas vezes sem tomar conhecimento dos procedentes.

“Por isso julgamos favorecer tanto a comodidade do estudioso quanto à eficiência do exposto com o repisar desta ou daquela observação em vez de remeter-nos comodamente a notas afastadas. Acresce que, não raro, se apresentam facetas novas, que para boa compreensão carecem de entrosagem algo diferente.

“Releve, pois, o lente o que vale ao discente.”

No ano de 1974, é publicada mais uma edição da *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, contendo anotações de pena erudita de Frederico Edelweiss, sobre cuja tarefa assim se pronunciou o seu editor Edgard de Cerqueira Falcão ao assinar a “Nota Liminar”: “Desejando escoimar de possíveis imperfeições as notas etimológicas tupis, baseadas nas melhores obras que chegaram ao alcance do meu mestre e amigo, solicitei a um provento conhecedor da língua, o Prof. Frederico Edelweiss, que fizesse cuidadosa revisão, baseada em fontes mais seguras. A princípio escusou-se esse outro mestre da tarefa que lhe pedi, alegando ser necessário um grupo de especialistas nos vários ramos científicos de que trata a *Notícia do Brasil*, com a participação dum conhecedor abalizado do idioma tupi, para realizar aquele intento. Todavia, concordou em apontar, numa série de notas, o que lhe parecia em flagrante desacordo com o mais fidedigno vocabulário da língua brasileira, ou seja, o dicionário dos jesuítas, elaborado no início da catequese e publicado em 1938 pelo Prof. Plínio Airoso, ao qual, aliás, Pirajá da Silva faz diversas referências.

Acompanhamos, de perto, a tarefa de que se incumbiu o competente tupinólogo, àquela altura com a saúde bastante abalada pela pertinaz moléstia que, pouco a pouco, minava a sua já precária saúde. Efetivamente, grande e árdua era a empreitada para quem só sabia entregar-se fundamentalmente à tarefa de pesquisar os recônditos da língua nativa. Metuculoso e perfeccionista, certamente, desejou Edelweiss repartir tamanha responsabilidade com outro especialista, interessado como ele em empreender, gratuitamente, tal empreendimento.

Demonstrando, mais uma vez, a vastidão do seu conhecimento, Frederico Edelweiss não apenas incursiona no campo do tupi, arremetendo-se à tarefa de fazer observações de caráter histórico, de cujos conhecimentos já tivemos oportunidade de comentar no trabalho “Frederico Edelweiss, o historiador”.

As aludidas anotações constantes do volume VII da coleção *Brasi-*

liensia Documenta, constituem-se, pois, na derradeira tarefa tupinológica editada em vida daquele Mestre.

Data de 1979, estabelecendo-se em publicações póstumas, os trabalhos: Anchieta – Linguísta e José de Alencar – O tupinista segundo as notas ao romance *Iracema*.

O primeiro deles, analisa detidamente a atividade lingüística do Apóstolo do Brasil, iniciado nos estudos na capitania de São Vicente, onde existiam excelentes conhecedores da língua brasílica, dentre os quais Edelweiss destaca Pero Correia e Antônio Rodrigues.

O trabalho em apreço analisa, pois, em profundidade, toda a trajetória de Anchieta no estudo do idioma nativo. Avaliando a facilidade de aprendizagem daquele jesuíta, Edelweiss atribui, não apenas ao fato de ser Anchieta dotado de “prodigiosa memória, de grande propensão para o estudo de línguas e já prático de três”, mas, igualmente, à sua condição de filho de biscainho e, como tal, conhecedor do basco “onde os sufixos assumem preponderância idêntica”.

Isto posto, justifica esta conjectura, alegando: “O que nos autoriza a fazer tais suposições é a sua *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, onde a despeito de quarenta anos de retoques feitos pelos padres mais versados na língua brasílica, a metade dos seus ensinamentos ainda continua dedicada às leis fonéticas, ao valor, significado e emprego dos sufixos ou partículas propostas”.

Defensor consciente do papel de relevo que cabe ao Pe. Anchieta no campo dos estudos tupis, Edelweiss examina minuciosamente a sua atuação como mestre, gramático e poeta, concluindo: “E a gente fica a matutar na ingratidão do destino para com o grande e abnegado amigo do nosso índio, permitindo que, mesmo nas tentativas de sua glorificação, ainda enxovalhem os louros de primeiro lingüísta literato do Brasil, de grande pedagogo e missionário, que ninguém lhe poderá arrancar”.

O segundo trabalho constitui-se na primeira parte de um projeto mais amplo de trabalho, infelizmente não cumprido, face ao falecimento do autor. Sobre as razões que nos impeliram a efetuar a divulgação desse estudo, tivemos oportunidade de nos expressar na apresentação do mesmo. Quanto ao que, sobre o texto, mencionou o próprio autor, permitimo-nos transcrever, na íntegra, o que se segue: “Neste setor lingüístico ainda conservo inédito um estudo começado para ser apresentado nas comemorações do sesquicentenário do nascimento de D. Pedro II, e que, por afastar-se finalmente do panegírico próprio a tais solenidades, resolvi publicar em momento mais oportuno”.

Já aqui o combativo autor, combatido pela atroz moléstia que o levaria ao túmulo, como que faz concessões à maneira usual nos meios culturais do País em ocasiões como tais, onde só cabem as manifestações

laudatórias de tipo louvaminheiro. Este último estudo, contudo, posto que projetado para momento no qual coubesse a crítica rigorosa, mas justa, analisa criteriosamente o indianismo de José de Alencar no seu mais famoso livro – *Iracema*.

Reportando-se ao valor literário da obra, o aútor invoca o testemunho de grandes figuras da cultura nacional, dentre os quais, cumpre destacar: Machado de Assis e Franklin Távora.

Por outro lado, tentando justificar o desconhecimento de Alencar em relação ao tupi declara: “Compreendem-se essas falhas nos reparos da época: os estudos etnológicos comparativos estarem na infância e, da língua tupi que os índios falavam e que os jesuítas registraram, faltavam os compêndios, que a fúria nativista de Pombal praticamente fizera desaparecer”.

Pena é que não houvesse tempo para aquele estudioso da língua brasileira dedicar-se à análise completa dos romances indianistas de Alencar, conforme era seu desejo, expresso na declaração: “*O Guarani*, com o seu título infeliz, a despeito de ocupar cronologicamente o primeiro da série, representa período posterior.

“Pelo tema, *Ubirajara*, publicado em 1875, coloca-se em época anterior à *Iracema*, que veio à luz com precedência de dez anos, porque neste já entra uma personagem branca, ainda que a sua presença nada altere na trama dos acontecimentos”.

Considerando, porém, o valor intrínseco e a projeção incomparavelmente maior que teve *Iracema* em nossa Literatura, é por esta obra que iniciarei o meu estudo sobre o indianismo de José de Alencar.

Eis, confirmado, o que asseveramos anteriormente. Da parte de Frederico Edelweiss havia o propósito de examinar os três romances indianistas do escritor cearense.

Aliás, a leitura e conhecimento deste trabalho teve repercussão local, suscitando a publicação, em jornal baiano, do artigo intitulado “Alencar não sabia tupi”.

Sem que demos por inteiramente concluída esta resenha, sublinhamos o nosso maior empenho em outra oportunidade retomarmos o tema, relatando, então, outras produções lingüísticas assinadas por Frederico Edelweiss, muitas das quais se encontram manuscritas ou datilografadas, à espera da indispensável publicação.

Acreditamos que, se assim procedermos, estamos nos incumbindo de divulgar o trabalho honesto e eficiente de um dos mais importantes estudiosos da língua tupi e, com tal, prestando inestimável serviço à cultura brasileira.

Prefácio à Quarta Edição

O Tupi na Geografia Nacional é, desde o seu aparecimento, um dos livros mais consultados pelos nossos indianistas, historiadores e geógrafos. Muitos estudiosos da língua tupi lhe devem a maior parte dos seus conhecimentos, dos seus argumentos, o arremate final às suas elucubrações. E, como acontece em tantos outros assuntos, quanto mais a ele recorrem, menos lhe citam o nome. Mas, queiram ou não queiram, prestam ao grande autor o inestimável serviço de espalhar os seus ensinamentos, que, embora se distribuam por três decênios e se contenham em três edições: de 1901, 1914 e 1928, continuam pouco acessíveis ao número sempre crescente dos interessados num assunto de tão palpitante atualidade pátria.

Principalmente em São Paulo, na terra dos tupis em sentido restrito, onde nasceu, como devia nascer *O Tupi na Geografia Nacional*, o seu exemplo frutificou. Na Universidade de São Paulo foi criada a primeira Cadeira de Tupi e ao seu operoso regente, Plínio Airoso, devemos o surgimento de toda uma biblioteca com a inestimável publicação de velhos inéditos. Em meio a esse tesouro avultam as edições de dois manuscritos do dicionário jesuítico, o *Vocabulário na Língua Brasílica*, que constitui, com as velhas *Artes*, o verdadeiro alicerce dos novos estudos da língua tupi falada pelos indígenas.

Teodoro Sampaio não chegou a conhecer essa obra básica. Manuseou laboriosamente o *Dicionário Português e Brasileiro*, que reproduz o tupi deturpado dos mestiços do século XVIII, socorrendo-se, ora das *Artes* de Anchieta e Figueira, ora dos compêndios guarani e, não raro, do nheengatu moderno.

Se ele pudesse aperfeiçoar a sua obra com os recursos hoje ao nosso dispor, esta quarta edição apareceria completamente refundida em sua primeira parte e com numerosos retoques nas etimologias.

A nós tal tentame não é permitido.

Limitamos, por isso, a nossa interferência aos capítulos iniciais, onde indicamos, em notas ao pé da página, retificações que mais certas se impunham, dando os correspondentes tupis onde aparecem formas *guaranis*, *brasilianas* ou *nheengatus*.

Pensamos prestar assim um serviço aos estudiosos ainda pouco familiarizados com a matéria.

No *Vocabulário*, com exceção de alguns poucos casos, não fizemos reparos, contentando-nos com reportar o consulente à primeira parte, para aqueles termos onde ali aventamos alguma restrição.

Haveria tantos retoques a fazer para tupinizar todos os étimos, ou justificar a presença de formas afins, tantas interpretações novas a inserir, que uma revisão conscienciosa, baseada no material acumulado depois da morte do saudoso mestre, corresponderia a refundir a obra.

Não é esse o desígnio dos que promoveram a presente edição comemorativa do primeiro centenário do nascimento de Teodoro Sampaio. É cedo ainda para empreendimento de tão espinhosa e vasta envergadura.

Convém acentuado que por *tupi* entendemos exclusivamente a língua dos Tupis, como a registraram os jesuítas nos séculos XVI e XVII.

Ao lado dessa língua policiada desenvolveu-se uma fala popular, deturpada pela ignorância e os vícios de pronúncia dos mestiços e alienígenas, que devia diferir ainda um pouco de sul a norte.

Da modalidade setentrional setecentista desse dialeto possuímos o *Dicionário Português e Brasileiro*, a que tanto recorreu Teodoro Sampaio.

Que nos impede de dar a esse tupi mestiço o nome de *brasiliano* do dicionário que não-lo transmitiu?

Ao descendente amazônico do *brasiliano* conservamos o eufemismo usual de *nheengatu*.

Quando nos referimos ao guarani, entendemos o linguajar antigo, de Montoya, Restivo e companheiros, a não ser que indiquemos especialmente o alcance do termo.

Insistimos nessa nomenclatura discriminante, porque agora, com a inclusão do tupi em nossos estudos universitários, já é tempo de pôr à margem os cômodos genéricos, refúgio de amadores ocasionais, para situar, tanto quanto possível, toda forma dialetal em seu justo lugar e individualizar cada ramo de um tronco lingüístico com denominação privativa.

Ao raiar deste século, no meio em que vivia, na situação em que se achavam os estudos tupis, pela falta do dicionário primitivo, Teodoro Sampaio ainda podia falar de *tupi* e citar exemplos *guaranis*, *brasilianos* ou *nheengatus*. A nós, que vivemos cinquenta anos depois, em meio a to-

dos os recursos básicos, tais licenças estão vedadas, se não quisermos resvalar do terreno científico para o da mera charlatanice.

Não julgamos fora de propósito incluir num livro, que por muito tempo ainda será clássico, umas ligeiras notas cronológicas do *indianismo*, principalmente dos estudos lingüísticos em nossa literatura e do ambiente em que nasceu *O Tupi na Geografia Nacional*.

Elas completarão de certo modo os capítulos introdutórios do livro, explicarão a origem de certas incongruências e a razão do seu título.

Quanto às anotações, pedimos vênia para frisar que elas visam muito mais orientar, de início, os passos dos nossos estudiosos, atualizar, em alguns pontos, um livro muito consultado, do que pôr a nu os seus senões. Seria inconcebível o quereremos culpar o autor pelo desconhecimento de material básico, que só depois da sua morte veio a lume. No mais, como já dissemos, ninguém escapa à influência do meio.

Para evitar confusão entre as notas primitivas do autor e as nossas, assinalamos aquelas por meio de letras ao invés de números.

Mantivemos nas notas a grafia dos vocábulos indígenas observada em nosso *Tupi* e *Guaranis*, com exceção do fonema s (= ss) que representamos, no meio das palavras, por c e ç.

Portanto:

î é o i semivogal ou a segunda parte de ditongo decrescente;

û o u semivogal ou a segunda parte de ditongo decrescente;

y o i gutural peculiar aos dialetos tupi-guaranis e

ê o y tupi atônico.

e e o pronunciam-se fechados;

g, também escrito gh, é sempre a dorso-velar oclusiva sonora, como na palavra portuguesa *gato*;

j corresponde ao j português e

x ao ch português.

Somos informados que Teodoro Sampaio deixou um exemplar da última edição com certo número de correções, principalmente de erros tipográficos. Infelizmente, tal exemplar não está ao alcance do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Mesmo assim corrigimos diversos erros de composição, que não figuram na Errata.

Há mais de cinco lustros instamos o autor de público a apressar a terceira edição de *O Tupi na Geografia Nacional*. – Seja a quarta uma pequena homenagem ao grande mestre, cuja perspicácia criou, com poucos recursos, uma obra duradoira e deu novo alento a uma disciplina que tão intimamente se entretetece com o nosso passado.

Cidade do Salvador, Janeiro de 1955.

FREDERICO G. EDELWEISS.

O Indianismo ao tempo do Império

O Americanismo foi, sem dúvida, um dos fatores históricos da nossa independência política.

A mais interessante das suas facetas entre nós, o Indianismo, corresponde a um dos primeiros aspectos assumidos pelo entusiasmo nacionalista do nosso povo, principalmente nas províncias da Bahia para o Nordeste, onde o sentimento separatista parece ter sido mais ardente.

Com o advento da autonomia nacional, o *cabloco* foi aí guindado a símbolo sagrado da oposição ao Português e, até hoje, continua sendo a figura central nos festejos de 2 de Julho, dia da independência da Bahia.

Velhos nomes tradicionais foram então abandonados por muitos em favor de apelidos indígenas, de preferência tupis. Era o repúdio ostensivo dos mais afoitos ao testemunho incômodo que os nivelava com os dominadores odiados.

Como tais arrebatamentos têm, pela sua própria natureza, vida efêmera, o indianismo extremo foi transitório. O movimento havia, porém, reavivado a memória dos antigos donos da nossa Terra e uma nota de simpatia vibraria por longo tempo ainda em sua exaltação.

Os nossos talentos literários, que puderam desabrochar livremente na Pátria livre, espelham amiúde pendores indianistas, sem dar-lhes, entretanto, consistência definida. Não possuíamos as noções fundamentais para um indianismo erudito e, tais conhecimentos, só estudos históricos, geográficos, etnológicos e lingüísticos poderiam fornecer-nos.

A premência dessas investigações, também posta em evidência, na mesma época, por alguns cientistas viajantes, foi percebida sem tardança por um grupinho de estudiosos, que, para maior eficiência e recíproco estímulo, se constituíram em grêmio, na capital do Império.

Nasceu assim o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tão grande influência teria nos estudos pátrios e provocaria, no correr dos tempos, a criação de núcleos idênticos em diversos pontos do País.

Dentre os seus membros não tardou a destacar-se, pelas suas pesquisas e publicações de caráter genuinamente nacional, Francisco Adolfo de Varnhagen, que anteriormente já se havia distinguido e que, a seguir, nos daria, na sua grande *História Geral do Brasil*, a primeira visão panorâmica das nossas origens e da formação da nossa Pátria.

Na *História* de Varnhagen, os estudos indianistas ocupam alentado espaço, como, aliás, em toda a sua obra. Começam pela *Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil*, de 1840, e terminam, pouco antes da sua morte, com a reedição da *Arte, do Vocabulário e Tesouro* guaranis de Antônio Ruiz de Montoya, em 1876.

Outras figuras proeminentes na primeira fase do Instituto Histórico Nacional foram Domingos José Gonçalves de Magalhães e Antônio Gonçalves Dias.

Ao primeiro devemos a *Confederação dos Tamoios*, publicado em 1857, e *Os Indígenas do Brasil perante a História*, de 1859.

Quanto a Gonçalves Dias, este representa indubitavelmente o apogeu do surto indianista no domínio das nossas letras versejadas. As suas *Poesias Americanas*, cujas primícias datam de 1846, culminam no poema *I-Juca-Pirama*. Por fim, o seu estro voluteia sobranceiro no poema *Os Timbiras*, que, incompleto como ficou, saiu a lume em 1857.

Gonçalves Dias, além de ser o nosso poeta indianista por excelência, ocupou-se ainda dos nossos indígenas em outros trabalhos de certo fôlego. Dentre eles, convêm citados: *O Vocabulário da Língua Geral usada hoje em dia no Alto Amazonas* (1857), de autor ignorado; (as) *Amazonas* (1855); *Dicionário da Língua Tupi, chamada língua geral dos indígenas do Brasil* (1858), compilado de vários autores, e, finalmente, *Brasil e Oceânia*, publicação póstuma, de 1867, onde os nossos índios ocupam para mais de duzentas páginas.

Se Gonçalves Dias foi o expoente indianista na poesia, José de Alencar o foi na prosa.

O Guarani, *Iracema* e *Ubirajara* ainda hoje acendem, fugazmente embora, a chama indianista nos corações juvenis de todas as idades.

Entretanto, forçoso é dizermos que essa exaltação, filha romântica das lutas pela nossa autonomia, arrefeceu com a morte destes seus dois cultores máximos. Depois deles os temas beletrísticos aproximam-se cada vez mais da realidade nacional; a linguagem alardeia ressonâncias locais – caminhos aliás apontados e corajosamente trilhados pelo próprio Alencar. A literatura afasta-se do caboclo, erigido, no ardor da luta em símbolo reivindicador um tanto fictício, mantendo, porém, ainda por muito tempo e principalmente nas províncias, o cunho separatista, brasileiro, no assunto e na expressão. Cresce o número de afeiçoados ao brasileiro e chega-se a tentar a nacionalização da própria ortografia no sistema sôni-

co de José Jorge Paranhos da Silva, a que a revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro deu guarida através da colaboração de Tristão de Alencar Araripe.

Voltemos, porém, ao nosso índio.

Novo surto, mais científico, tomaria o seu culto com o aparecimento do livro de Martius sobre a etnografia e lingüística indígenas do Brasil, em 1867, que procura, pela primeira vez, reduzir os nossos indígenas a famílias lingüísticas definidas e salientar-lhes outros elementos culturais peculiares.

O tratado de Martius, embora hoje superado em grande parte, foi o ponto de partida das nossas pesquisas etnológicas, provocando, em alguns, o gosto pelo verdadeiro indianismo: pendoros para o estudo de tudo que diz respeito aos nossos indígenas, principalmente à sua língua.

Começou-se pela zona que mais uma vez ia sendo teatro de intensas explorações comerciais e científicas, o vale do Amazonas.

Ali predominava ainda uma *língua geral*, o *nheengatu*, remanescente daquela outra, o *tupi*, que durante os primeiros séculos se falara em quase todo o Brasil.

O estudo do *nheengatu*, a justiça impõe frisá-lo, havia sido ordenado, em 1851, por D. José Afonso de Moraes Torres, bispo do Pará, criando, no seminário daquela cidade, uma cadeira dessa *Língua Indígena Geral*. Foi o seu primeiro regente o Pe. Manuel Justiniano de Seixas, que nos deu dois anos mais tarde, pequeno vocabulário precedido de um esboço gramatical.

Foi o seu sucessor Francisco Raimundo Correia de Faria, que, procurando ampliar as *Breves Explicações*, do Pe. Seixas, editou, em 1858, o seu *Compêndio da Língua Brasílica*.

Depois da publicação de Martius acima referida, aquelas tentativas foram retomadas e desenvolvidas por dois conhecedores práticos do *nheengatu*: José Vieira Couto de Magalhães e Pedro Luís Sympson.

Ao primeiro devemos dois trabalhos de fôlego sobre o nosso índio: *Ensaio de Antropologia*, inserto na revista trimensal do Instituto Histórico*, com extensas referências aos Tupis e a sua língua, estudo esse que, modificado, foi parcialmente reproduzido no segundo: *O Selvagem – Curso de Língua Geral, segundo Ollendorf*, Rio de Janeiro, 1876.

Esse compêndio, pelo feitio e mais ainda pelos seus textos originais, teve duradoura e larga repercussão.

Não foi menos difundida a *Gramática da Língua Brasílica Geral*, de Pedro Luís Sympson, Manaus, 1877.

* Rio de Janeiro, 36(2):359-508, 1873.

Ambos os trabalhos forneceriam abundante material de confronto entre o nheengatu e o tupi de Anchieta e Figueira, cujas gramáticas foram fielmente reproduzidas, na mesma época, por Júlio Platzmann; a de Anchieta, em 1874 e 1876 e a de Figueira, em 1878.

O guarani foi ainda melhor aquinhoado. Em 1876 saíram duas edições da grande obra de Montoya, uma organizada por Platzmann e a outra por Varnhagen.

Os apaixonados da nossa lingüística indígena estavam finalmente aparelhados para levar avante os seus estudos de tupi, guarani e nheengatu em terreno mais ou menos seguro, embora com grande desvantagem para o tupi, ao qual faltava um bom dicionário da época de Anchieta, Araújo e Figueira, que lhes coadjuvasse o exame dos textos.

Os tupinistas só dispunham naquela época do *Dicionário Português e Brasileiro*, relativamente raro; do *Dicionário da Língua Tupi*, de Gonçalves Dias e do vocabulário publicado na *Crestomatia Brasílica*, de Ernesto Ferreira França, em 1859.

Destes três, nenhum corresponde ao tupi do primeiro século de catequese, ainda que o último dele procure aproximar-se pela utilização dos autores antigos. O seu pequeno desenvolvimento e a reprodução descuidada foram certamente os motivos principais do escasso aproveitamento que teve. Certas tendências para o nheengatu já são nele bem visíveis.

No *Dicionário Português e Brasileiro*, heterogêneo a seu turno em mais de um aspecto, avoluma-se o tupi decadente do século XVIII, do nheengatu em franco desenvolvimento no antigo Estado do Maranhão. É a este, infelizmente, que Teodoro Sampaio, à falta de outro melhor e mais antigo, se viu obrigado a recorrer com maior frequência.

Finalmente, o *Dicionário da Língua Tupi* sofre do insanável defeito de conter, a esmo, tudo quanto de velho e novo havia chegado as mãos do seu compilador, que, nem por isso, conseguiu preencher as grandes lacunas e dar a seu trabalho uma feição prática.

Juntemos à indigência material de todos a desnorteante falta de unidade, as incoerências gráficas, os erros de leitura e impressão, a falta quase absoluta de textos conhecidos, e teremos elementos sobejos para compreender o decepcionante abandono em que ficou o estudo do *tupi propriamente dito*.

O fato é que os pobres vocabulários pseudo-tupis foram relegados a segundo plano e com eles, lastimavelmente, também as gramáticas tupis de Anchieta e Figueira.

Dos aficionados por assuntos lingüísticos tupi-guaranis, uns passaram a dedicar-se ao *guarani antigo*, que oferecia material abundante e variado, enquanto outros, com igual ardor, se votaram ao nheengatu, lín-

gua geral viva e florescente na região amazônica. Lingüísticamente é uma pobre ruína da soberba estrutura do idioma tupi dos séculos XVI e XVII; mas, disso pouquíssimos tinham então conhecimento.

O estudioso mais notável que, naquela emergência, surgiu no campo da nossa lingüística indígena foi Batista Caetano de Almeida Nogueira, o maior conhecedor do guarani antigo entre nós, seu exaltador pertinaz e, acima disso, autor de alentados e profundos trabalhos. Dentre eles avulta o grande *Vocabulário*, guarani-português, de 1879, fadado a tornar-se, a despeito de guarani, uma das fontes onde muitos estudiosos do tupi (!) irão abeberar-se imprudentemente, quando não preferirem socorrer-se apenas do brasileiro e do nheengatu, o que, às vezes, é pior ainda.

Um dos mais operosos propugnadores do nheengatu foi o naturalista João Barbosa Rodrigues, amigo e colaborador de Batista Caetano, a quem dedicou, em 1887, a sua *Porandúba Amazonense* com esta surpreendente reserva:

“Venho apresentar-te o resultado de alguns estudos, que confirmam até certo ponto, que o nheengatu é mais puro que o tupi do Sul e que o guarani Isso escapou à tua perspicácia, senão teríamos hoje uma obra magistral 1.”

Batista Caetano estava então morto havia vários anos. Se vivo fosse, teria certamente retrucado, porque, embora também ele nunca tivesse compreendido certas leis fonéticas da família tupi-guarani², era, em lingüística, muito superior a Barbosa Rodrigues.

Mas, Batista Caetano já se fora sem deixar substituto e as ousadas afirmativas de Barbosa Rodrigues, tendo ficado sem retificação, por muito tempo levariam aos espíritos desprevenidos a sua semente daninha – mais uma dúvida a juntar-se a tantas outras, quanto ao criterioso alcance que, dentro da família, cabe aos termos: *tupi*, *guarani* e *nheengatu*^{2A}.

1 *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 1890. v. 14.

2 *Tupis e Guaranis*. Bahia, 1947.

2A Chega-se a duvidar que um observador do quilate de Barbosa Rodrigues tenha tido a coragem de lançar aquela série de afirmações lexicológicas contidas na Advertência da *Poranduba Amazonense*, na memória *A Botânica e a Nomenclatura Indígena* e nas notas que precedem o seu *Vocabulário Indígena*. Se analisasse um pouco o texto das suas *lendas*, veria logo que os seus narradores eram pouco seguros no seu vocabulário, não podendo, pois, os dados deles colhidos formar base muito consistente para as afirmativas categóricas que emite. Mas, que pode esperar-se de um “glotólogo” que se atreve a sentenciar que o kiriri nada mais era do que um tupi falado por tribos nheengafbas, isto é, tribos de outras famílias lingüísticas. . . Nheengafbas foram certamente os seus contadores de estórias!

A confusão era generalizada e vinha de longe. Desde 1832³, Martius havia adotado o genérico *tupi* para a família hoje designada por *tupiguarani*. Porto Seguro seguiu-lhe as pegadas, chegando mesmo a declarar nas obras guaranis de Montoya por ele reeditadas, que, ao invés de *língua guarani*, fora preferível dizer *língua tupi*. Para Couto de Magalhães *tupi* e *nheengatu* eram sinônimos e o *guarani* um simples dialeto deles. Batista Caetano só admitia a existência de um único idioma: o *guarani* – e, a par de alguns termos locais, atribua as diferenças fonéticas marcantes do *tupi antigo* quase exclusivamente à deturpação dos portugueses. No *nheengatu* via, com razão, um dialeto tupi em plena decomposição. Para Barbosa Rodrigues, ao contrário, o *nheengatu*, a despeito de corrompido, continuava sendo, ainda em fins do século dezanove, o dialeto mais próximo da língua-mãe e mais puro do que o tupi de Anchieta e o guarani de Montoya! Uma opinião simplesmente confrangedora.

É esse, em resumo, o caos de concepções com que se defronta Teodoro Sampaio, quando, ao findar do século passado, em meio às suas ocupações profissionais de engenheiro, resolve dedicar as horas de lazer à confecção de um elucidário etimológico da onomástica geográfica brasileira de origem indígena, o qual denominaria *O Tupi na Geografia Nacional*.

Que motivo levariam Teodoro Sampaio a inclinar-se para o título do seu livro a favor do genérico tupi, quando o exame dos termos geográficos por ele coligidos, lhe mostrara sem dúvida que provinham de três direções distintas: do guarani, ao Sul; do tupi, de São Paulo ao Amazonas, nos primeiros séculos da nossa História, e, mais recentemente, do *nheengatu*, nas regiões amazônicas?

Teodoro Sampaio, que não era lingüista de profissão, achava-se então sob o fascínio dos postulados de Couto de Magalhães, tanto mais quanto este se havia largamente apoiado nas idéias de Martius e Porto Seguro, tidos como as duas maiores autoridades na época.

Além disso, diante da confusão geral, era preciso decidir-se a favor de uma terminologia própria e Teodoro Sampaio adotou, nas duas primeiras edições, a que lhe parecia mais consentânea às convicções.

Reservou o sentido genérico para tupi, expressamente no título e, de forma subentendida, em todos os verbetes onde não faz restrição especial. Aplica-o ao conjunto das tribos tupis e guaranis propriamente ditas e das três línguas gerais por elas faladas.

Ao *tupi genuíno*, à língua brasílica, chamou de *tupi da costa*; substituiu *nheengatu* por *tupi amazônico* e *guarani* por *tupi-guarani* conforme

3 Von dem Rechtszustande, etc. Munique, 1832.

ressalta da sua apreciação introdutiva e, principalmente dos comentários a certos termos, como **amana**, **apiaba**, **Caazapá**, **jabotí**, **panema**, **taba**, **tuyuyú**, **Vacahy**, **ybytera** e outros mais. Na terceira edição elimina muitas dessas especificações, incômodas e contraditórias para quem, por outro lado, tudo é tupi.

Quanto às etimologias, Teodoro Sampaio vai buscá-las corajosamente, ora no tupi, ora no guarani e, com freqüência, no *nheengatu*, diretamente ou através do *Dicionário Português e Brasileiro*, a sua grande fonte vocabular, que ele acreditava ser de tupi genuíno, quando efetivamente se trata de um tupi em estágio intermediário da sua trajetória para o *nheengatu*. Teodoro Sampaio tinha disso conhecimento, mas apenas superficial, por falta do vocabulário jesuítico do primeiro século da catequese, o único ponto de referência seguro entre o tupi e o *nheengatu*. A falta desse instrumento de trabalho muito prejudicou a exatidão de *O Tupi na Geografia Nacional*.

Teodoro Sampaio nunca chegou, pois, a ter visão clara do grande alcance das denominações: *tupi*, *guarani* e *nheengatu*, tanto porque a sua época era obstinadamente unitária, como também por lhe faltarem os elementos para estudos comparativos mais aprofundados. As suas apreciações léxicas conservam-se, por isso mesmo, no terreno vago da família lingüística tupi-guarani, a tupi do autor, cabendo ao leitor o trabalho de identificar, se tal exemplo é tirado do guarani, do tupi, do *Dicionário Português e Brasileiro*, ou do *nheengatu*. Compreende-se que, para os estudiosos, tal método acarreta dificuldades quase intransponíveis; é como fazer uma análise à base de caracteres gerais.

Línguas e dialetos são organismos que se formaram obedecendo a certas leis comuns, unificadoras, mas também a leis específicas a cada qual e, portanto, disgregantes.

É essa verificação que obrigou os círculos especializados a adotarem, sob pena de se divorciarem da verdade, uma nomenclatura especificativa, não apenas para línguas e dialetos em geral, mas ainda para circunscrever-lhes as fases por conceitos cronológicos, geográficos e até classistas, como: *latim vulgar*, *latim clássico*, *médio-latim*, *baixo-latim*; *português arcaico*, *português quinhentista*; *velho baixo-alemão*, *novo alto-alemão* etc.

As conclusões finais foram precedidas, em tais casos, pela indispensável análise.

Com a família tupi-guarani, ao contrário, sem detido exame de seus vocabulários e muito menos de suas gramáticas, começamos por generalizações inconsistentes, baralhando velhos conceitos muito justos e, finalmente, impondo a entidades heterogêneas um denominador comum. Proclamamos uno, não só o que já era vário há quatrocentos anos, mas

queremos a todo o transe ignorar em nossa classificação lingüística o desenvolvimento diversificador que, por influências múltiplas, ainda se foi operando no correr dos últimos séculos.

Ora, os estudos da língua tupi nunca terão base verdadeiramente científica, se nos obstinarmos em não tomar conhecimento:

1. Das características peculiares ao ramo guarani de um lado e ao tupi do outro.
2. Das três fases bem delineadas na transformação histórica da língua tupi: o tupi propriamente dito, o *nheengatu* colonial e o *nheengatu* moderno.
 - a) O *tupi* é a língua fixada pelos jesuítas no primeiro século da catequese, na plenitude da sua individualização original, da pobreza do seu vocabulário e da opulência dos seus recursos em face à civilização.
 - b) A *língua geral* ou *nheengatu colonial* é o desenvolvimento do tupi entre os mestiços e no intercâmbio, sob a influência crescente da língua portuguesa e da colonização. A sua feição nórdica, que provavelmente diferia em alguns pontos da meridional, nos é revelada no *Dicionário Português e Brasileiro e Brasileiro-Português*. [Gabriel Soares de Sousa já pertence a esta fase.]
 - c) O *nheengatu* é a língua geral moderna, no estado a que ficou reduzida na bacia Amazônica e que vem sendo estudada de cem anos a esta parte.

O *tupi* dos séculos XVI e XVII é o *verdadeiro tupi* para quem quiser, não fantasiar, mas estudá-lo metodicamente, porque é o único fixado diretamente entre os Tupis e possui literatura da época, embora limitada. Pode ser estudado comparativamente, dentro do mesmo ciclo, porque temos não apenas textos tupis, colhidos simultaneamente por elementos de várias nacionalidades em regiões diversas, mas também a opulenta documentação guarani do Sul do Brasil e do Paraguai

Do *nheengatu colonial*, a língua geral popular, só temos conhecimentos gerais sistematizados através do *Dicionário Português e Brasileiro e Brasileiro-Português*, ao qual se filia o *Caderno da Língua*, de frei João de Arronches. Já não é o genuíno linguajar dos tupis, mas o dos mestiços de toda a sorte, principalmente do Norte, onde o citado vocabulário foi coligido. Muitas palavras se apresentam deformadas e a gramática vai perdendo a sua estrutura. Os neologismos e certas expressões vão se despidendo do seu caráter indígena; a influência do português avoluma-se. É um tupi na primeira fase da sua progressiva decadência, da qual nem textos possuímos. Denominamo-lo *brasiliano*.

Não se conclua, porém, das nossas palavras, que nada se aproveita do léxico *brasiliano*. Tanto os dicionários citados como as diversas crônicas coloniais, principalmente a de Gabriel Soares, trazem termos que não vêm consignados no *Vocabulário da Língua Brasílica*, dos jesuítas. Muito critério e as devidas reservas devam, no entanto, presidir à sua utilização.

Um fato singular e ainda não apontado precisa, entretanto, ser posto em relevo:

O *Dicionário Português e Brasileiro* contém algumas peculiaridades nitidamente guaranis, embora isoladas.

Como se explicam tais enxertos?

Em nosso *Tupis e Guaranis* já mencionamos que, no Maranhão, existem duas tribos do ramo guarani: os Guajajaras e os Tembés, que devem ter sido muito numerosas, visto como sobreviveram até os nossos tempos. Nos contos mitológicos dos Tembés recolhidos por Curt Niemuendaju há mesmo referências ao seu primitivo habitat, situado muito mais ao sul. Outros, como frei Cláudio d'Abbeville, souberam ainda das suas dilatadas migrações de meados do século XVI.

Enquanto outra sugestão mais convincente se não impuser, tais divergências de ressaibo guarani devem ser postas em conta desse velho quisto dialetal do Sul, quando não dos paulistas, cujo linguajar, pela proximidade do Paraguaí, sofreu certamente influências idênticas.

De forma alguma a língua *tembé* ou *guajajara* pode ser incluída no ramo tupi, só porque as suas tribos encaharam no Brasil colonial no curso da mais extensa e definitiva das suas migrações. Um ou outro dialeto amazônico deve estar no mesmo caso.

É pena que não tenhamos também um dicionário do tupi setecentista falado de Pernambuco a São Vicente, para servir de base a comparações com o do *Dicionário Português e Brasileiro*. Seria um estudo interessante que elucidaria numerosos problemas lexicológicos e até etnológicos. Mas, não cremos tenham sido muito grandes as diferenças. Até certo ponto essa lacuna é preenchida pelo vocabulário heterogêneo e mal transcrito na *Crestomatia da Língua Brasílica*, de E. Ferreira França.

O *nheengatu moderno* é o que se nos depara nos compêndios de Seixas, Faria, Sympson, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Costa Aguiar, Parissier, F. Costa, Tastevín, Stradelli, Amorim, Fernandes, Hartt etc.

Constitui um exemplo vivo do rápido aviltamento a que pode chegar uma língua na boca do alienígena. Por melhor se conheça o *nheengatu moderno* nunca se chegará com ele a dissecar duas linhas de tupi!

Como se conclui da série de autores enumerados acima, a documentação e os textos *nheengatus* são, entretanto, numerosos e interessantes.

Depois dessa perfunctória caracterização das três fases historicamente documentadas, poderá alguém vacilar na escolha da que deva servir de base aos estudos da lingüística tupi? Cremos que não. Por todos os títulos a preferência cabe à língua fixada pelos jesuítas, na íntima convivência com os indígenas, ao verdadeiro tupi.

O *nheengatu colonial* (o *brasiliano*) e o *nheengatu moderno* serviram de complemento, de ilustração nos estudos comparativos.

Para nós a divisão histórica do tupi em três fases foi tomando contornos mais nítidos desde a publicação do *Vocabulário na Língua Brasílica*, dos jesuítas, que, a despeito das suas falhas, tornou possível o início de confrontos.

Teodoro Sampaio não teve essa ventura. Trabalhou afanosamente sem dicionário tupi e numa época em que as desmedidas idéias unitárias a respeito das línguas ou dialetos tupi-guaranis eram tabu inviolável.

Na parte etimológica propriamente dita, as alterações morfológicas dos étimos rara vez têm a influência traiçoeira que apontamos, por exemplo, na interpretação do termo **ygarapaba** (**ygarupaba**), da anotação 204. O mesmo não acontece nos capítulos introdutórios de *O Tupi na Geografia Nacional*. Ombreiam ali formas tupis, guaranis e *nheengatus* sem a mínima distinção e, na parte gramatical, tão divergente em certos casos, nas três entidades citadas, essa indiscriminação engendrou verdadeiras heresias.

Fiando-se demasiadamente das afirmativas de Varnhagen, Couto de Magalhães, Batista Caetano e Barbosa Rodrigues, de um lado e, do outro, estribado imprudentemente no tupi decadente do *Dicionário Português e Brasileiro*, Teodoro Sampaio descuroou lamentavelmente o estudo comparativo das *Artes* jesuíticas. Tomou o atalho menos aconselhável em jornadas como a sua: colheu sem método; deu preferência ao que estava mais a mão, ou àquilo que lhe parecia ilustrar melhor uma afirmativa, sem preocupar-se com a procedência.

O resultado foi uma colcha de retalhos desnordeante, de consulta perigosa: nos ensinamentos, na exemplificação e nas conclusões.

Entretanto, se Teodoro Sampaio foi vítima dos seus inspiradores unitários, num ponto superou todos quantos o precederam no estudo etimológico dos termos geográficos: *no exame do seu desenvolvimento histórico*.

Não poucos nomes seriam totalmente indecifráveis, se os velhos documentos não nos revelassem as suas mais recuadas formas. Nesse tentame o *historiador redimiu o lingüista*.

Cidade do Salvador, Janeiro de 1955.

FREDERICO G. EDELWEISS.

Prefácio da Terceira Edição

Esgotada, de há muito, a 2ª edição de *O Tupi na Geografia Nacional* e dado o acolhimento que do público logrou esse livro, pareceu-me necessária agora oportuna esta 3ª edição a atender a procura, dia a dia, mais instante.

Quero ver nisto o amor do brasileiro ao passado de sua terra e o desejo de conhecer e de demonstrar estima pelo que herdou dos primitivos íncolas, senhores deste país.

A predileção do brasileiro pelos nomes indígenas na denominação dos lugares é hoje tão acentuada que a toponímia primitiva vai aos poucos se restaurando e às localidades novas dão-se de preferência nomes tirados da língua dos ameríndios tupis.

Se há nisto motivo de desvanecimento pelo que toca ao sentimento pátrio, a *O Tupi na Geografia Nacional* certamente se não negará o pouco que, porventura, tenha influído para esse apego ao passado, para essa restauração dele nos domínios da Geografia.

Há aqui um sentimento nacionalista, que se quer integrado e vívido, como que a dizer que da raça americana, vencida, nem tudo se perdeu e que se, no sangue dos descendentes, a dosagem diminui a se apagar, a memória dos primitivos íncolas perdurará com os nomes dos lugares onde a civilização ostenta os seus triunfos.

Guardar esses nomes, preservá-los das torturas desse linguajar cosmopolita da nossa época, dar-lhes o verdadeiro significado, para que, bem compreendidos, ainda mais se firmem na estima pública, continua a ser o escopo deste livro, ora na sua 3ª edição. Com este propósito, foi ele expurgado de alguns senões e consideravelmente aumentado na sua parte vocabular toponímica.

Como nas edições anteriores, procurei, sempre que possível, para cada topônimo em apreço, restaurar-lhe a forma primitiva, segundo os

documentos mais antigos e de maior autoridade, e, conseguido isto, submetê-lo à interpretação, pelo significado dos elementos que o constituem.

No tupi, como de ordinário, os nomes de lugares são frases acabadas, traduzindo uma idéia, um episódio, uma feição característica dos lugares a que se aplicam; são, a bem dizer, verdadeiras definições do meio local.

Interpretar aqui, em toponímia, é, pois, traduzir o vocábulo pelos seus elementos componentes, tendo-se em vista o significado admissível a cada um desses elementos de maneira a obter, do conjunto traduzido, uma idéia adequada ou uma definição própria do objeto denominado. Variáveis como são esses elementos, quer no próprio desarticular do vocábulo, quer nas traduções cabíveis a cada um, fácil de ver como são falíveis essas interpretações de topônimos, que ficam, assim, em boa parte, a depender da sagacidade do intérprete.

Para frisar bem o que estou a dizer, tomo aqui o topônimo **Araripe**, aplicável a uma chapada, como também a um curso d'água. No primeiro caso, desde que se trata da denominação de uma montanha, ou de terras altas, o esforço do intérprete tem de ser o de descobrir no vocábulo **Araripe** os componentes susceptíveis de traduzir essa idéia ou coisa equivalente, e isto se consegue desarticulando-o em **ara-ari-pe**¹, frase tupi em que a primeira parte é um substantivo e as duas restantes são preposições, colocadas estas no fim como de regra nessa língua. A tradução *verbum ad verbum* do desarticulado **ara-ari-pe** é *mundo-sobre-em*, que, em bom português, é *em sobre o mundo*, ou melhor, *por sobre o mundo*, idéia que está a calhar para o objeto denominado, o qual, de fato, é um planalto sobranceiro ao horizonte dos sertões cearenses. No segundo caso, o topônimo *Araripe*, aplicado a um rio, já força a desarticulação de maneira diversa: **ará-r-y-pe**², que se traduz, regularmente, no *rio das araras* ou *dos papagaios*.

Em ambos os casos, como se vê, o interpretador tem de estar adstricto à fâcias do objeto ou coisa denominada e aos elementos componentes do seu topônimo, elementos que ele, sem violência com os fenômenos gló-

1 A sílaba tônica de per si já tornaria, essa etimologia duvidosa.

Ar-ári-pe dá **Aráripe** e não **Ararípe**.

Há porém pior. O **l** de **ari** – *em cima de, sobre* tem o sentido de *em, no, na*.

Ora, tendo **pe** a mesma significação, compreende-se que o emprego simultâneo das duas posições é de todo inadmissível. *Sobre*, em tupi, é **ari** ou **arêbo**.

2 A decomposição, correta, no caso, é **arar-y-pe**.

ticos, pode descobrir e desarticular do contexto do vocábulo. Com esse critério, a arte de interpretar os topônimos tupis já não oferece tanto risco, como seria de temer se ao interpretador fosse lícito decidir-se unicamente pelo significado de quantos componentes se pudessem descobrir no corpo do vocábulo em apreço. Todo o cuidado lhe é mister para fugir desse dédalo de uma língua aglutinante, como é o tupi.

Nesta 3ª edição, procurei sempre dar aos topônimos as diversas interpretações cabíveis, duas ou mais, segundo os seus componentes. Raro passei além disso.

No decompor o vocábulo sujeito à interpretação, tive sempre em mira a sua procedência regional, se da costa oriental do Brasil ou das suas proximidades, onde dominou a chamada *língua geral*, mais influenciada pelo português, se do vale do Amazonas onde se fala o *nheengatu*, modalidade do tupi do Norte; se do vale do rio da Prata, onde se expandiu o *guarani*, que é um tupi mais contrato. Para cada um busquei apoio e auxílio nos autores mais antigos e de maior autoridade: os padres Anchieta e Luís Figueira para a *língua geral*, o Pe. Antônio Ruiz de Montoya para o *guarani* e Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues para o *nheengatu*.

Valeram-me de preciosos subsídios os trabalhos de Batista Caetano de Almeida Nogueira, no seu *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da Conquista Espiritual do Pe. A. Ruiz de Montoya*, assim como as importantes investigações e estudos de Moisés Bertoni sobre o *guarani* do Paraná-Paraguai.

No que diz respeito à grafia dos nomes tupis, guardei a das duas primeiras edições, procurando, entretanto, aproximar-me o quanto possível das regras assentadas no Congresso Científico Internacional de 1910, em Buenos Aires.

Sobre toponímia propriamente dita, poucas foram as publicações aparecidas entre nós nestes últimos quinze anos. O assunto, é inegável, tem boa aceitação da parte do público brasileiro, mas são poucos os que a ele se dedicam e desses poucos bem raros são os que vêm até a publicidade.

Na lista dos investigadores, que já vem de dois séculos e onde se contam nomes ilustres, como os de Lacerda e Almeida, Von Martius, Costa Rubim, frei Francisco dos Prazeres Maranhão, Gonçalves Dias, Freire Alemão, J. Luccock, Cândido Mendes, João Mendes de Almeida, Couto de Magalhães, Ramiz Galvão, Batista Caetano, Varnhagen, Richard Burton, Frederik Hartt, Barbosa Rodrigues, José Veríssimo, Beaurepaire-Rohan, Macedo Soares, Paulino Nogueira, há, entretanto, sempre o que acrescentar, há mais alguns ilustres cultores do indianismo não menos distintos, como o do cônego Raimundo de Pennafort, Pe. Carlos Teschauer, E. de Leão, Rodolfo Garcia, Alfredo de Carvalho, Sousa Docca, e ainda outros que se deram a estudos etnográficos e à lin-

gua dos primitivos índolas desta terra, como Von den Steinen, Capistrano de Abreu, monsenhor Costa Aguiar, H. Coudreau, Pe. Constantino Tastevin, Hermano Stradelli, D. Antônio Malan, Pedró Luís Sympson, H. von Ihering, Roquette-Pinto, Rondon, Aff. de Freitas, Adauto Fernandes, Benigno Martinez, Moisés Bertoni, Telêmaco Borba, Studart, T. Koch-Grünberg e outros cujos trabalhos são preciosas contribuições para o estudo do Homem Americano e especialmente dos antigos índolas deste país, que já vão desaparecendo, absorvidos pelas raças invasoras, dominantes.

Não está isento de controvérsias este livro. O assunto de que ele trata não pode estar livre disto. Interpretando vocábulos de uma língua prestes a desaparecer, o que aqui faço nada mais é do que propor idéias ou hipóteses aos que, no assunto, procuram a verdade. Objeções, aliás, a respeito de uma interpretação toponímica ou de um simples vocábulo tupi, quando a mim oferecidas, nunca as rejeitei; aceitei-as sempre para exame, como demonstração de boa vontade da parte do opositor ou do seu desejo de fazer triunfar a verdade.

Achamo-nos, um e outro, no mesmo terreno, partindo dos mesmos princípios; é, pois, de crer que, discutindo conforme as regras seguidas em questões de história e de filologia, havemos de chegar a resultado tangível, capaz de satisfazer. É neste pressuposto que a controvérsia é útil e com ela a ciência pode ganhar.

Os termos mais simples do idioma brasílico são suscetíveis de controvérsia e a língua mesma dá largas para isso. Veja-se, por exemplo, o nome **igarapé** com que no vale do Amazonas se denomina um pequeno curso d'água ou canal estreito, como um braço entre ilhas.

Os elementos componentes do vocábulo tupi aí estão íntegros e apenas justapostos – **Ygara-pé**^{2A} – e facilmente se traduzem, segundo a regra, *caminho de canoa*. Entretanto, a despeito da facilidade com que esse vocábulo se decompõe e se traduz, não escapa, todavia, à controvérsia.

Leia-se, por exemplo, a *Gramática da Língua Tupi*, do Pe. Constantino Tastevin, reimpressa em São Paulo em 1923, e nela encontrar-se-á, às páginas 26 e 87, o mesmo vocábulo tupi com o significado de *caminho d'água* e, para tanto, dado como composto de **yga-rapé**, em que o primeiro componente **yga** é considerado termo antiquado significando *água* e como tal atribuído a Montoya, no que, aliás, o autor citado está em evidente equívoco.

2A Há engano do autor. **Igara** e **pe** (**tapé**, **sapé**, **rapé**), ao formarem um complexo, modificam-se para **ygá** e **rapé**, segundo a lição de Anchieta, dando, mesmo, no tupi, **ygá-rapé**.

Montoya, na sua *Arte de la Lengua Guaraní, ó mas Bien Tupí*, não dá esse termo **yga** ou **iga** como o significado de *água*. Esta sim, lá se encontra expressa pelos vocábulos **ĩ** e **tĩ**, que outros autores grafam **y** e **ty**, que Anchieta, à vista da difícilíssima pronúncia dessa vogal aspirada, representou-a por **yg**, e Moisés Bertoni propõe, mais modernamente, se represente por **ih**. O que, em verdade, se encontra no *Dicionário de Montoya* não é o vocábulo **yga**, mas, sim, **ygá** (o **ĩ** de Montoya equivalendo aqui ao **i** aspirado, **yg** ou **ih**) com o seu significado de *canoa*, pois nada mais é do que a forma contrata de **ygara**, usada no guarani. Assim, pois, o vocábulo composto **yga-rapé**, do Padre Tastevin, não se traduzirá, com a autoridade de Montoya, *caminho d'água*, mas *caminho de canoa*.

Vale a pena insistir aqui no vocábulo **ygaraapé**, à vista das duas diferentes decomposições a que dá lugar, aliás, com o mesmo cabimento: **ygara-pé** e **ygá-rapé**, traduzidas ambas por *caminho de canoa*. Examinadas as partes num e noutro caso, termo a termo, verifica-se logo que entre **ygara** e **ygá**, a diferença é mínima, dialetal. Em **ygara**, o termo apresenta-se inteiro com todas as suas sílabas. É a forma empregada no tupi do Brasil, na língua geral e no nheengatu do Amazonas. Em **ygá**, o termo já se apresenta contrato, perdida a última sílaba **ra**. É a forma guarani, usada no Paraguai, ou, como sói acontecer nessa língua, é a contração que se dá quando uma palavra se combina com outra na composição vocabular. Em resumo, a palavra *canoa*, no tupi do Brasil é **ygara**, e no tupi do Paraguai, **ygá**³.

Os dois últimos termos, **pé** e **rapé**, nos compostos sobreditos são também modalidades de uma mesma palavra, significando *caminho*. Expressa-se este no tupi pelas formas **pê**, **apê**, **rapê**, esta última, porém, só usada quando na composição vocabular, pois nada mais é do que a mesma palavra **apê**, a qual é do número das que tomam **re** ou **r** expletivo, uma vez antecedida de nome ou pronome.

O termo **rapé** (o **r** brando) é, pois, **r-apê**, e traduz *caminho*.

Assim, **ygá-r-apé** ou **ygá-rapé** significa *caminho de canoa*, tal como **ygara-pê**,^{3A} e não *caminho d'água*.

A traduzir-se *caminho d'água* no tupi, outra seria a forma e se diria, então, **y-rapé**, **yg-apé** ou **ih-rapé**, por qualquer das três formas variando apenas na maneira de grafar **y**, **yg** ou **ih** para exprimir *água*.

3 Não é tanto assim, como se vê pela nota anterior.

3A **Ygara-pe** é composição inadmissível em tupi. Tanto no guarani como no tupi só existe **ygá-rapé**, embora *canoa* seja **ygara**, no tupi e **ygá** no guarani.

O Pe. C. Tastevin, na sua *Gramática* citada, à p. 87, traduz, porém, *caminho d'água* por **ype**, observando que assim é que se dizia no Sul e, então, de modo conclusivo, se expressa nestes termos: “. . . portanto, nos nomes geográficos, a terminação **pé**, **ypê**, equivale a **hy**, **y** ou **ygarapé**”, e exemplifica o asserto com os nomes **Sergipe**, **Acarape**, **Beberibe**, que, aliás, não têm as suas terminações em **pé** ou **ypê**.

Disto é lícito concluir-se que o ilustre autor a que nos temos referido, tem as expressões tupis **ype** e **ypê** como idênticas ou traduzindo uma mesma idéia. Não o são, entretanto, como se passa a ver.

A expressão **ype**, com a sua última sílaba breve, é simplesmente o composto vocabular **y-pe** em que o primeiro elemento **y** é o substantivo que traduz *água*, *rio*, e o segundo **pe** traduz as preposições *em*, *a*, *para*, que, como acima dissemos, é verdadeira posposição, pois que sempre se emprega no fim do composto vocabular. A expressão **ype** traduz-se então *n'água*, *no rio*; *à água*, *ao rio*. Não assim a expressão **ypê**, composta **y-pê** em que o último elemento **pê**, com a sua vogal acentuada, não é a preposição sobredita, mas sim o substantivo tupi que traduz *caminho* ⁴.

Assim, **ypê** nada mais é do que uma das diversas formas de dizer-se *caminho d'água* na língua brasílica. Portanto, **ypê** e não **ype** é que poderá traduzir, segundo o Pe. Tastevin, *caminho d'água* ou *riozinho estreito*.

Não se podem confundir as duas expressões sobreditas, pois traduzem idéias bem diversas. Os exemplos oferecidos, **Sergipe**, **Acarape**, **Beberibe** não ficam bem traduzidos, como quer o Pe. Tastevin, dando-lhes por significado, respectivamente: *riozinho dos siris*, *riozinho dos acarás*, *riozinho das arraias*.

O topônimo **Sergipe**, antigo **Sirigype**, é o composto **Sirí-gy-pe**, que, guardada a regra da ordenação vocabular nos compostos tupis, se traduz corretamente: *no rio dos siris* ou *ao rio dos siris*. Pelo mesmo processo, verificar-se-á que **Acarape** não é o *riozinho dos acarás*, mas simplesmente *aos acarás*, pois que *acará-pe*, em que esse vocábulo tão facilmente se decompõe, tem por seu último elemento a mesma preposição, aliás, posposição, **pe**, acima referida.

Não fossem os exemplos oferecidos pelo Pe. Tastevin, e aquela sua proposição conclusiva de referência à terminação **pé**, **ypé** nos nomes geográficos, equivalendo a **hy**, **y** ou **ygarapé**, podia ter cabimento.

Se, por exemplo, em vez do nome **Sergipe**, tivesse escrito **Sergi-pé**, correspondendo a **Sirí-g-y-ypé**, a tradução correta do composto vo-

4 Veja a nota 2A. *Caminho d'água*, *canal*, *rego*, nem no guarani, nem no tupi se traduzem por **y-pe**, e sim por **y-rapé** ou **y-apé**. São estes os termos que se encontram em Montoya e no vocabulário jesuítico.

cabular seria então *caminho d'água dos siris*, valendo como *riozinho dos siris*. Se, em vez de **Acarape**, tivesse apresentado **Acaraipé** (acará-ypé), a sua tradução correta seria então *caminho d'água dos acarás*, ou o equivalente *riozinho dos acarás*.

Entre os vocábulos tupis de origem duvidosa e de não menos duvidosa significação, acham-se os nomes **Tupi** e **Tapuyo**, com que outrora se designavam os dois povos de maior vulto aqui encontrados pelos europeus na época da conquista⁵.

Muitas têm sido as hipóteses aventadas a respeito desses nomes, e interessantes certamente são as que ora nos oferece, na sua *Gramática*, o ilustre Pe. Tastevin com o mesmo objetivo.

Tupis e Tapuias são um só e único povo, afirma o Pe. Tastevin, e observa que os índios do Amazonas, compreendidos os próprios tupis, têm orgulho de se dizerem **Tapÿÿya** ou **Tapuya**, nome que para eles nada tem de ignominioso e sem esse sentido de bárbaro, inimigo, ou escravo, que lhe emprestaram os cronistas e historiadores.

Ao Pe. Tastevin não lhe impressiona tanto a diferença dos idiomas, tantos e tão vários entre esses povos, quanto a afinidade vocabular que ele descobre entre esses dois nomes – **Tupi** e **Tapuya**, os quais, ao seu ver, são simples modalidades dialetas de um mesmo nome completo – **Tapÿÿya**, “o qual perde habitualmente, no dialeto do Sul e em composição no dialeto do Norte, a sílaba final por não ser acentuada”, donde resulta o nome **Tapÿy** que, por contração, se tornou **Tapy** ou **Tupy** “. . . e se tem escrito e pronunciado **Tupi**”.

Lembra, entretanto, o autor da *Gramática* o nome **Tamoyo**, modificação de **Tamuya** (avô) dos Tupis do Rio de Janeiro, e pergunta: “. . . se os **Tamoyos** são **Tupys** porque não o serão os **Tapuyas** que têm o mesmo nome?” uma vez que entre os nomes **Tamuya** e **Tapuya** a diferença é apenas de **m** e **p** que tão freqüentemente se trocam nesse idioma brasílico?

Se a questão em apreço dependesse tão-somente dessa semelhança ou identidade de nomes, os Tapuias decerto, seriam os avoengos da raça e, neste caso, ainda que diferentes pela linguagem, os próprios Tupis se reconheceriam parentes daqueles.

Entretanto, ao próprio Pe. Tastevin esses argumentos não lhe satisfizeram, preferindo ele apoiar-se no totemismo para achar origem e significado desse nome **Tapuya**, tão controvertido.

Era costume entre as tribos americanas de outrora ter cada qual o seu totem animal protetor do qual até presumiam descender, resultando

5 O genérico dos índios que não falavam tupi não é *tapuio*, mas *tapula*, na terminologia colonial.

daí existirem entre elas a nação ou a gente da Águia, a nação ou povo da Onça, a gente do Javali e outras de nomes não menos significativos.

Por este caminho, opina o Pe. Tastevin, os nossos Tapuias teriam também adotado o seu totem, que foi então a Anta, ou **Tapyyra**, no tupi, nome de que se formou **Tapyyya**, que, no português, vale dizer – a *grei da Anta*, o animal dos de maior vulto nesta parte do continente.

Com essa origem totêmica, o nome **Tapuya** não pode ser de opróbrio, pelo contrário, dada a mentalidade dessa gente primitiva, considerar-se-ia até honroso para os Tupis e Tapuias, que, como afirma o autor, são um mesmo e único povo, pois a língua Tupi é a dos Tapuias.

Por maior que seja a afinidade vocabular desses dois nomes Tupis e Tapuias, unidos por uma comum origem, segundo o autor citado, o que é fato é que o testemunho da História e da Etnografia os separam.

Histórica e etnograficamente, o Tupi é um grupo étnico, falando uma mesma língua na América do Sul, grupo que não se confunde com aquele outro de povos muito diversos e de diversas línguas comumente chamado Tapuia.

O nome Tupi pode, sob esse ponto de vista, ser um nome nacional, não o será jamais o nome Tapuia. O Tupi era uma grande nação com a sua língua própria. O Tapuia não o era; nem como nação, nem como língua.

Confundir Tupis e Tapuias, como se foram um só e mesmo povo é negar à História o seu testemunho aqui irrecusável; é negar à ciência do etnógrafo os seus mais seguros fundamentos.

No vale do Amazonas é sabido que se chama indistintamente Tapuya ou Tapuyo a qualquer índio, seja ele tupi ou não tupi; isso, porém, tem a sua explicação histórica sem alcance algum no terreno etnográfico.

Quando foi da conquista do Amazonas e dos seus afluentes por meados do século XVII, grande era o sucesso da aventura que todas as cobiças assanhava. Armar barcos e ter arsenal com que dar de surpresa sobre as aldeias selvagens e aprisionar-lhes os moradores era, então, aventura a que, de preferência, os potentados e os mais destemidos se entregavam.

Domados os Tupis ao longo da costa, convertidos e até associados a essas expedições de aventura, quase que já não havia senão Tapuias a quem se podia fazer a guerra justa, permitida por lei. No Amazonas, era crença geral, tanto mais aceita quanto isso vinha ao sabor dos conquistadores, que ali todos os selvagens eram Tapuias, gente bruta, inimiga, que cumpria render pelas armas, sem distinção nem escrúpulo. Estender, pois, a todos os gentios o mesmo epíteto era declará-los todos suscetíveis do universal cativo, à sombra da lei e assim é que se deve ao regatão, com o mesmo sentido pejorativo que vai de inimigo a escravo, esse epíteto de

Tapuyo, com que indistintamente se designa, nessa parte do país, o ameríndio amazonense.

Hoje, o epíteto perdeu, dentro do vale, o seu antigo e oprobrioso sentido, assim como o perdeu o de **Cabloco** nas demais partes do Brasil; guardou, porém, o seu valor genérico de fundo histórico. Venha ele embora do tupi **Tapyŷya**, com o seu significado totêmico de – *grei da Anta* ou de *gente do Tapir*, ou venha do nome **Tamuya** que significa *avô*, não perderá ele, perante a História, o sentido com o qual sempre se apresentou, isto é, o de designar indistintamente povos diversos e de diversas línguas, todos diferentes dos Tupis.

Pode já não ser hoje um epíteto ignominioso no Amazonas, como já não é no Brasil o epíteto **Cabloco**, não poderá, porém, perante a ciência, identificar-se com o nome **Tupi**, como se foram ambos da mesma origem vocabular, e servindo para denominar um só e mesmo povo, da mesma língua.

No atinente à interpretação de topônimos brasileiros, muito há que ver na *Gramática da Língua Tupi* do ilustre cultor do idioma brasílico, e entre outros muitos exemplos nela oferecidos, tomemos, ao acaso, o nome **Itabayana**, com que são conhecidas umas montanhas das mais altas do sertão de Sergipe. Identifica o Pe. Tastevin esse nome tupi com o vocábulo **Itawayana** (*itá-wayana*), que traduz *rio das pedras*, pois que *itá* é pedra e *wayana*, a seu ver, é simples modificação de *waya*, forma antiquada para exprimir *vale, rio*. Entretanto, o exame histórico do vocábulo, se atendido, ter-lhe-ia restituído a forma primitiva que é **Tobayana** = **tobay-yana**, com o seu verdadeiro significado – *inimigo fronteiro* – que é como os Tupis do litoral tratavam os seus inimigos vencidos e refugiados naquelas serras do interior. A serra de Itabaiana, com esse nome atual, é a mesma de outrora, chamada de **Tobayana**, porque nela se refugiaram os inimigos, ou tapuias, rechassados do litoral sergipano.

Interpretar **Iracema** por *enxame de abelhas* é, em verdade, mais correto do que por *lábios de mel*, como o traduziu José de Alencar. *Salda* ou *fluxo de mel* também o traduz corretamente, pois que, no tupi, o vocábulo **ira** significa *abelha* e também *mel* ^{5A}.

Uma observação do autor da *Gramática* não pode aqui passar sem reparo, e é quando ele diz, à p. 88: “É curiosa a identidade de **awá** (**abá**), homem, com **ywa** (**yba**), *árvore*, que se reproduz em **myrá**, *madeira*, e **mira**, *gente*”. O Pe. Tastevin julga então encontrar apoio, a confirmar essa identidade, nos seguintes compostos vocabulares em que entra o

^{5A} *Mel*, em tupi, é *eira*, termo que, em palavras compostas, também se traduz, às vezes, por *abelha*.

termo **ywa (yba)**: **yganti**, *proa*, **ygantiywa**, *proeiro*; **yacumã**, *leme*, **yacumãywa**, *o piloto ou popeiro*, **maramonhá**, *guerra*, **maramonhãywa**, *o guerreiro*, por onde se vê que o sufixo **ywa (yba)** tem aqui o sentido de *homem awá (abá)*. A identidade, porém, não existe nem entre **ywa** e **awá**, nem entre **myrá** e **mira**. O sufixo **ywa** ou **yba** não tem, de fato, naqueles exemplos, o significado de *árvore* ou *homem*; ele vem de **yw** ou **yb**, *elevantar-se, erguer-se*; donde **ywa (yba)** *ereto, alto; guia, chefe*. Os exemplos apresentados não identificam, portanto, **ywa**, *árvore*, com **awá**, *homem*; traduzem-se simplesmente **ygantiywa**, *o guia de proa*; **yacumãywa**, *o guia ou chefe do leme*; **maramonhãywa**, *o chefe de guerra*.

Propôs-se o Pe. Tastevin salientar, na sua *Gramática*, pontos que passaram despercebidos, refutar asserções falsas, retificar observações que Montoya, Anchieta, Figueira e outros autores consagrados não o fizeram, assim como não “conseguiram descobrir o mecanismo, o segredo tão simples e tão fácil dessa bela língua”. Se o Pe. Tastevin, por sua vez, o conseguiu, o que lhe resultou do tentame, diga-se a verdade, não pode ter correspondido ao seu esforço, porque não invalida, não corrige a lição dos mestres, nem lhes acrescenta o cabedal legado aos que têm sede de saber.

De grande valor para os estudos do tupi ou guarani, são os trabalhos do Dr. Moisés Bertoni, saídos à luz no Paraguai. Eles representam a mais valiosa contribuição sobre o assunto nestes últimos anos.

O Dr. Bertoni tem verdadeiro entusiasmo por essa língua dos antigos possuidores da maior parte da América do Sul. De como chama ele a atenção dos cientistas sobre a unidade da língua guarani e sobre a diferença pequena que, em realidade, se nota entre os dialetos brasílicos e paraguaios, di-lo bem todo o grande cabedal que tem reunido, estudado e publicado nos *Anales Científicos Paraguayos*. Com o Dr. Bertoni, com o Dr. Manoel Dominguez, dado ao estudo metódico das raízes guaranis, com o Dr. Alfredo Martínez, de Corrientes, que leva a análise do vocabulário guarani até os extremos do a que ele chama “células primordiais” da língua, uma nova era para os estudos guaranilógicos acentua-se no Rio da Prata.

Residindo, há uns quarenta anos, nessa bela região do Paraná-Paraguai, por Bonpland chamada “jardim da América do Sul”, Bertoni está no meio onde se fala o idioma guarani ainda vivo, e lhe conhece o mecanismo e os segredos, e lhe defende, com autoridade, a fixidez, incorruptibilidade e elasticidade que esse idioma possui, se não em absoluto, pelo menos, de maneira muito notável. “Com as letras do guarani ou tupi não se pode jogar, diz Bertoni, pois cada uma ou cada sílaba tem o seu signi-

ficado fixo e inalterável, como inalterável é a sua forma.”^a Fácil é então de compreender quão grande é o engano dos que, a buscarem a etimologia de palavras guaranis, não vacilam em forçar e estirar não somente letras senão também sílabas inteiras para justificarem a solução que pretendem⁶.

Bem conhecido, uma vez, o mecanismo da língua e, em se tratando de etimologias, força é repetir, *a priori*, todas as soluções que implicarem uma alteração dos radicais ou das fixas genéricas, certo de que a repulsa se há de confirmar na maioria dos casos. São palavras do eminente cultor do guarani, a que nos temos referido.

O esforço dos que buscam interpretar palavras desse idioma americano tão rico, ou decifrar topônimos, tornados verdadeiros enigmas pela dicção popular, para ser esforço proffcuo, consciente, há de, pois, se amoldar aos princípios firmados pela ciência filológica, há de obedecer a leis, para que surta obra útil, patriótica, duradoira.

Bahia, 8 de Março de 1928.

TEODORO SAMPAIO

a *Anales Cientificos Paraguayos*. III(6):449.

6 Divergimos profundamente dessa opinião do autor. Veja o nosso *Tupis e Guaranis*. cap. I.

Prefácio da Segunda Edição

Entra agora na sua segunda edição *O Tupi na Geografia Nacional*.

Pelo objeto que ele visa, como pela natureza do estudo especialíssimo que ele representa, este fato, por si só, significa que o livrinho, ora reimpresso, logrou alguma aceitação e simpatia no meio brasileiro. Para mim, em verdade, nada mais colhi além do acoroçoamento moral, que entre nós costuma ser a recompensa única das letras ao serviço do progresso intelectual da nossa terra; e porque o desejo de contribuir ainda para esse progresso me seduz mais do que uma esperança qualquer de lucro, que os livros deste gênero, de ordinário, não têm, é que me abalço a dar esta segunda edição, ora bastante aumentada e melhorada em relação à primeira. Dar-me-ei, pois, por bem compensado se, com o tentamen novo, me não faltar a boa acolhida da opinião nacional.

A aceitação, que logrou do público a primeira edição, tive a bem manifestá nas apreciações espontâneas da imprensa do país no espontâneo parecer dos competentes; no muito acentuado pendor; que de então se observou em nosso povo de restaurar as antigas denominações indígenas das localidades; nas repetidas solicitações para dar a tradução tupi de nomes portugueses de povoados e de cidades, nomes que, por muito repetidos e freqüentes, estavam dando motivo a lamentáveis confusões e até a prejuízos nas relações de toda a ordem dessas localidades do mesmo nome; na preferência decidida do tupi para a denominação dos lugares novos. De Goiás, por exemplo, solicitavam-me pessoas de consideração e de influência da cidade de Entre-Rios a tradução deste nome para a língua indígena, por já estarem sem conta os danos que a localidade vinha experimentando de muito tempo, causados pela confusão de lugares que trazem o mesmo nome. De Minas Gerais, pedia-me um de seus representantes no Congresso Legislativo a tradução de bom número de nomes portugueses antigos e viciados de localidades do Estado, por estar deli-

berado a apresentar projeto de lei, propondo a substituição desses nomes por outros da língua indígena. De diversas companhias de estradas de ferro, chegaram-me pedidos para dar nomes tupis, de conformidade com a feição topográfica local, às novas estações que se inauguravam ou às povoações que se iam formando ao longo dessas linhas de penetração pelos sertões apartados, e a aceitação imediata, com que tais nomes eram acolhidos pelas populações, bem prova a sua decidida predileção por essa maneira genuinamente nacional de designar localidades. A tentativa, pois, de restaurar o tupi como fator genuíno e preferencial nas denominações geográficas da nossa terra, teve tão bom êxito que até excedeu a minha expectativa.

Estudos históricos, questões judiciais em debate, não raro provocaram pareceres e consultas ou deram motivo a buscar-se, na interpretação de nomes indígenas, fundamento para uma identificação de lugares, na certeza de que o significado desses nomes indígenas traduz fielmente a característica natural de cada localidade.

Nomes de indivíduos se me pediram também, traduzidos para o tupi, talvez porque os quisessem assim mais doces, mais brasileiros e, quiçá, mais poéticos.

De alguns dos nossos homens de maior cultura nas letras pátrias recebi, com os seus aplausos e com a animação que me deram, muitas indicações de valor e notas interessantes que aqui tomei na devida consideração. De uns tive mesmo a honra de uma apreciação metódica e competente, estampada nos jornais ou em revistas nacionais e estrangeiras. A do Revmo. Pe. Carlos Teschauer, da Companhia de Jesus, historiador e polígrafo notável, dou-a aqui na íntegra, com a devida permissão, traduzida de uma revista alemã. A do Dr. Caetano de Campos, distinto engenheiro e emérito conhecedor das coisas pátrias, dou-a ainda inédita e na mesma forma de afetuosa missiva com que me honrou.

Não me é possível, bem se vê, dar aqui conta das apreciações diversas, da crítica mais ou menos erudita que este livrinho mereceu na sua primeira edição. Não devo, porém, deixar sem resposta, pela consideração que me merece o seu autor e pelo tom independente com que discrepou do nosso parecer, a crítica, no *Correio da Manhã*, feita por José Veríssimo. A autoridade do crítico todos no país a reconhecem; firmou-se e se consagrou mui legitimamente na opinião nacional. Demais disso, José Veríssimo, paraense de nascimento, conhecendo de perto o meio amazônico a cujo estudo desde cedo se dedicou, é uma opinião que deve ser acatada, em se tratando de indianismo no Brasil. O crítico ilustre feriu de preferência, na sua apreciação, o ponto do animismo e da idéia de Deus entre os Tupis, vendo nas explicações que dei de algumas palavras da língua desse povo uma idéia, errônea de minha parte quanto à capacidade

psíquica e religiosa dessa raça. Procurei responder a isso e a mais alguns pontos dessa crítica, em uma carta que, a 19 de Janeiro de 1902, dirigi, de São Paulo, a Rocha Pombo ao oferecer-lhe o meu livrinho que ele, então, desejava conhecer. Nessa carta lhe escrevia eu: “Devo chamar a atenção de V. Exa. para um ponto capital. Não tive, com esse meu estudo, e isso deixei bem claro, nos primeiros capítulos, a intenção de apurar as origens remotas dos vocábulos e explicar-lhes a etimologia na língua primitiva e mais pura dos povos da raça tupi. Ao contrário, procurei esclarecer essa questão, invocando não só o tupi dos primeiros tempos da conquista, como o tupi que depois se fez língua geral, já sob o influxo do europeu.

“Tenho para mim que a maior parte dos nomes tupis que se encontram na geografia brasílica não foi dada pelo gentio bárbaro, ou pelo selvagem não influenciado pela civilização do branco invasor, mas sim pelas populações que se seguiram à colonização, pelos nascidos no país, quer de procedência européia pura, quer mestiça, populações a quem coube o encargo de alargar a conquista do território, já no afã de cativar, ou como então se dizia, de *descer* índios bravos, já na irresistível paixão de descobrir ouro nos sertões, gente que os cronistas e escritores coevos são concordes em dizer que toda ou quase toda falava o tupi (língua geral). Muitos nomes de localidades, rios e montanhas são evidentemente de procedência mais culta do que a do selvagem que, pode-se dizer, não tinha cultura alguma. Temos aqui, em São Paulo, exemplo disso. Referemos os mais antigos viajantes e escritores que os índios ao rio que passa aqui, em São Paulo, o nome **Anhemby**, que também por algum tempo se chamou **Rio Grande de Anhemby**. Entretanto, mais tarde, já depois que as *bandeiras* começaram a descer por esse rio, foi-lhe a denominação mudada para **Tietê** (*curso d'água verdadeiro*), como que já traduzindo ou procurando significar o papel que esse rio passou a desempenhar na história dos descobrimentos. Isto é, para quem penetrava do litoral para o sertão, o curso d'água considerável, próprio para se navegar, o *rio verdadeiro*, era esse **Anhemby**, do gentio ou mais propriamente **Tietê**. Demais disso, só ele se prestava a uma navegação regular, conduzindo ao íntimo do continente. Ao norte, ficavam rios impraticáveis (**pará-ahyba** ou **paraná-ahyba**), ao sul,, outro grande rio imprestável também (**Paraná-panema**). Essa denominação **Tietê**, substituída à primitiva **Anhemby**, exprime, pois, um progresso ou o resultado de um conhecimento mais completo do país interior; é nome evidentemente de procedência mameluca.

“Da mesma procedência é o nome **Botucavaru** (**Ibyty-cabarú**) que quer dizer *cavalo das nuvens*, aplicado a uma montanha alta sobre a

qual as nuvens constantemente pousam ou ficam a cavaleiro. A idéia de cavalo (*cabarú*) os índios não a tiveram senão depois da invasão européia.

“O nome **Tupã** teve, decerto, dois ou mais sentidos, desde o tupi primitivo até a língua geral, esta já profundamente influenciada pela cultura européia. **Tupã**, no tupi primitivo, genuinamente indígena, é **tub-ã**, o que fica alto ou erguido, o que está no alto; e assim, **tupã-beraba** é o que está no alto reluzindo, o relâmpago; **tupã-cynynga**, o que está no alto roncando, o trovão. Na língua geral, já influenciada pelo missionário, pela religião nova, **Tupã** (de **tub** = o que fica, permanece ou reside; **ã** = alto, erguido), por uma extensão naturalíssima do significado, vai até exprimir: o que domina, o que fica superior, Deus, o Altíssimo. O missionário, o catecúmeno acharia, pois, no nome **Tupã** mais alguma coisa. **Tupã** pode proceder de **tub** = **tup**, que quer dizer pai, e **ã**, erguido, superior, isto é, *pai superior, pai do alto, pai que está nas alturas ou no céu.*

“No meu estudo, tive, pois, que considerar o vocábulo tupi, não tão-somente do ponto de vista do gentio genuíno, mas também do ponto de vista do mameluco, da população neoportuguesa que se foi constituindo nos séculos imediatos à conquista européia e a quem se deve atribuir, com justa razão, a maior parte do nosso vocabulário geográfico de hoje.

“José Veríssimo, o emérito do *Correio da Manhã*, não viu a questão senão por uma face, a genuinamente tupi, não levou em consideração o elemento histórico, não reconheceu a intervenção do homem civilizado ou semicivilizado na aplicação e significado dos nomes tupis que a nossa geografia registra. Incorre nesta falta a sua crítica, e devo chamar a atenção de quem me ler para esse fato, a fim de que não venha a estranhar mais de uma interpretação do meu vocabulário.

“Outro ponto para o qual desejo chamar a atenção de V. Exa. é sob o que diz respeito às diversas interpretações que um mesmo vocábulo de procedência tupi pode ter, como resultado da corrupção dos diversos elementos que o compõem. José Veríssimo acha nisso um defeito, uma prova do atraso desses estudos lingüísticos, quando, na realidade, não o é. Dá-se isso em todas as línguas, onde se encontram vocábulos com identidade de forma e sentido bem diferente; e para bem se compreenderem as razões que explicam essa diversidade de interpretações, quando estas não se apartam das regras da ciência filológica, devo chamar a atenção dos que me lerem para o Capítulo IV.”

Nesta segunda edição, além das correções indispensáveis que o objeto requeria e da matéria do texto mais desenvolvida, aumentei consideravelmente o *Vocabulário Geográfico Brasílico*, dando nele entrada a bom número de localidades com referência na História.

Os nomes e termos, com emprego na ciência e nas artes, não existiam propriamente no tupi, mas o diuturno contato do selvagem com um

povo mais culto, trazendo idéias novas, deve ter influído no vocabulário indígena, determinando a formação de neologismos e de uma tecnologia acomodada às necessidades novas. Procurei atender a essa parte, reunindo o maior número de termos primitivos com aplicação possível nas ciências e artes e de alguns outros de formação mais recente com o mesmo destino.

Esforcei-me na presente edição, como na anterior, por dar dos vocábulos, submetidos à interpretação e exame, a respectiva formação etimológica, nos moldes científicos, perseguindo-lhes a evolução de conformidade com as leis que regem a espécie. É possível que esse meu esforçar nem sempre se tenha coroado de bom êxito e que as soluções a que cheguei nem todas tenham esse cunho de certeza, próprio a convencer e a iluminar; todavia, não são elas por isso, menos dignas do nosso esforço, que se não pode considerar perdido por este simples fato. Em filologia, todo o esforço erudito, para o fim de identificar ou elucidar um texto ou vocábulo obscuro, é um trabalho útil, como condição necessária da história do espírito humano e do estudo do passado. Há nisto muito mais de amor reminescente ou refletido, muito mais de espírito filosófico do que mera curiosidade natural com que, de ordinário, se nutre a paciência do investigador. Para muita gente, a pesquisa filológica em torno de um vocábulo, evolvido numa língua viva ou de uma expressão que se fossilizou numa língua morta, parecerá um esforço vão e talvez cogitação com que bem se não compadecem os espíritos sérios; a verdade é, porém, que neste afã de reunir dados lingüísticos, comparar formas primitivas e novas, acompanhar a marcha evolutiva de um vocábulo, explicar-lhe a variação da forma e de sentido através dos tempos, traduzir-lhe o significado de agora como o de outrora, o que com isto se visa, no sentido mais lato, é fazer a própria história do espírito humano e o estudo do passado. Escrevendo *O Tupi na Geografia Nacional*, não tive outro intuito que não o de contribuir, embora modestamente, para uma e outra coisa, isto é, acompanhar, surpreender num vocábulo evolvido da língua dos primitivos íncolas, as diversas modalidades de sentimento que ele já exprimiu, sem perda substancial do seu sentido primeiro, ao passar de um povo a outro povo e, portanto, sem discontinuidade de idéias nos domínios do intelecto, como sem interrupção de consangüinidade nas expansões da raça.

TEODORO SAMPAIO.

Bahia, 22 de Janeiro de 1914.

APRECIÇÕES

O Tupi na Geografia Nacional

TEODORO SAMPAIO

A língua tupi dá à Geografia e à História da América do Sul um cunho especial, pois nelas se encontram, em larga escala, nomes e denominações pertencentes ao vocabulário desta língua.

Entretanto, as palavras primitivas foram, pouco a pouco, truncadas no correr do tempo, o que torna a sua etimologia quase impossível de decifrar-se.

Apesar de já existirem diferentes obras sobre esta língua, nenhuma delas trata da sua etimologia sob o ponto de vista aplicado por Teodoro Sampaio.

Ainda há pouco tempo, depois da publicação da obra em questão, apareceu uma semelhante, que não pôde ser terminada pelo seu autor, Dr. J. Mendes de Almeida.

Dentre os que se ocuparam com semelhantes estudos, destacamos os nomes seguintes: frei Francisco dos Prazeres, Dr. F. de Lacerda e Almeida, Dr. Freire Alemão, Brás da Costa Rubim, o senador Cândido Mendes de Almeida, o general Couto de Magalhães, Batista Caetano de Almeida Nogueira; de estrangeiros: Richard Burton, Dr. Frederik Hartt e, muito especialmente, Von Martius.

Esses estudos, porém, foram feitos ocasionalmente nos dicionários de Martius, o que levou esse tão célebre investigador do Brasil a tirar muitas deduções erradas.

A obrzinha que temos em mão, escrita com uma certa graça e elegância, divide-se em duas partes: a primeira é dedicada a estudos de lingüística, em quatro capítulos; a segunda consta de um vocabulário geográfico com a etimologia das palavras, sendo tomados também em consideração os nomes encontrados na História.

No primeiro capítulo mostra Teodoro Sampaio a disseminação dos nomes geográficos não somente no Brasil, mas também nos rios limítrofes do Paraguai e do Paraná, o que ele atribui não só aos indígenas, como também aos europeus imigrados, que adotaram esta língua.

Até o começo do século XVIII a relação do tupi para o português era de 3:1. Em algumas capitanias, como São Paulo, Amazonas e Pará, ainda muito tempo depois predominava o tupi.

No Rio Grande do Sul, ainda há meio século se falava o tupi em diversas regiões, especialmente nas do ocidente.

No segundo capítulo dá um esboço gramatical do tupi, tomando em consideração o fim a que ele se propôs.

Um discípulo inteligente poderia facilmente, sem outros recursos, com este simples esboço, chegar ao fim desejado, tanto mais quanto o autor trata o assunto com muita certeza⁷.

No terceiro capítulo mostra o autor as transformações que sofreu o tupi sob a influência da língua portuguesa. Esta língua, que só mais tarde ganhou a preponderância, tomou, pelo contato com o tupi, um colorido especial, uma tal feição que a distância cada vez mais da língua falada em Portugal. Entre o tupi do século XVIII e o antigo do venerável Anchieta, nota-se já uma grande diferença; as palavras são mais simples, desapareceram muitos sons guturais e nasais.

Quando o português se tornou a língua principal, conservaram-se do tupi ainda os nomes de instrumentos, de plantas, de animais, de localidades, etc., mas já bastante polidos e mais adaptados ao português. As denominações geográficas refletem, por assim dizer, o caráter de uma região, se montanhosa ou plana, se coberta de palmeiras ou de araucárias (Curitiba). Grande número de localidades tem nomes que fazem lembrar as lendas dos espíritos bons e maus das florestas e dos campos, e ainda hoje se encontram palavras de tal origem, como *caiporismo*, etc. Alguns nomes lembram a influência do cristianismo, como *Abaré*, que significa *sobrenatural*, que não é como os outros homens, nome que eles davam aos missionários.

Às vezes chamavam os jesuítas *roupa preta*, e aos religiosos *Pay-tucura*, gafanhotos, alusão ao capuz. O vasto território do Brasil, seus campos, suas florestas e montanhas, os desertos e as cidades falam em nomes tupis, do trabalho inolvidável daqueles missionários, que cultivaram esta língua, que a salvaram da aniquilação, pois ela nunca desaparecerá da geografia pátria.

7 Eis uma afirmação que nenhum estudioso do tupi ousará subscrever.

No último capítulo, mostra o modo de explicar as palavras que, à primeira vista, parecem enigmáticas, apresentando regras, mais ou menos seguras, para a sua decifração. O autor é de opinião que a tarefa principal a resolver é a identificação da palavra primitiva.

Achada a forma primitiva escrita, diminui a dificuldade da análise etimológica, porque as palavras se compõem de elementos integrantes, cada um dos quais tem a sua significação ou determina o todo de um modo certo.

Eis porque esse estudo toma antes a forma de um exame histórico do que lexicológico.

Devem, pois, ser consultados os arquivos mais antigos, as crônicas, as descrições de viagens, as cartas geográficas, para se poder, com bom êxito, proceder à decifração da palavra enigmática. Uma vez, porém, que as palavras se prestam freqüentemente a diversas interpretações, convém confrontar a produção característica do lugar com o nome que tem; porquanto os indígenas escolhiam, quase sempre, os nomes das localidades, de acordo com as suas produções naturais, manifestando muitas vezes um dom de observação admirável.

Por sobre esta base assentou o sábio americanista uma teoria, segundo a qual poder-se-á, com segurança, proceder à determinação do sentido dessas antigas palavras. Este método é também muitas vezes decisivo para a História e a resolução de dúvidas.

Para aqueles que iniciam o estudo desta língua difícil esta obrzinha será de grande utilidade.

Os nomes geográficos são conhecidos e estão na boca de todos; servem eles, portanto, de ponto de partida e se tornam um auxílio que não deve ser desprezado para desenvolver a memória.

Por meio deste trabalho consciencioso e profundo alcançou-se perfeitamente este intento.

Um bom conhecedor do tupi, o Revmo. Bispo da Diocese do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar⁸, recomendou esta obrzinha e o seu autor, com palavras as mais encomiásticas, por ocasião de ser recebido como membro do Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Ele chama o livro uma obra-prima e do autor afirma: "De todos que são conhecidos nenhum parece ter atualmente maior competência."

PE. CARLOS TESCHAUER, S. J.

(Extraído de *Historisches Jahrbuch der Goerresgesellschaft*, München.)

8 Leia-se: "Um bom conhecedor do nheengatu".

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1902.

Bom e prezado amigo Teodoro Sampaio,

Tardei, mas cumpro o agradável dever de acusar e agradecer o seu erudito e paciente *O Tupi na Geografia Nacional*.

Depois da gratidão por ver lembrado e honrado com tão valioso trabalho, tive admiração pelo esforço e firme vontade de ser útil em quem emprega os seus lazeres raros, e horas de repouso a tão consumidas ocupações diuturnas, nas cansadiças pesquisas por alfarrábios ou poeiras que outros em maioria desdenham por enfadadas. *Ex digito* . . . E pelo dedo vê-se não só o labutador competente, como o engenheiro, o aplicador prático das suas e alheias viglias ao benefício da humanidade. O perscrutador da história não se contenta em averiguar o passado somente para a certeza do ocorrido no disputar dos instruídos; escava, pondera, medita e compara e ajusta e mede para o proveito e vantagem dos que vivem e viverão.

Obrigado, muito obrigado!

Também lá para as minhas bandas, “nas minhas plagas do Norte” andavam e creio que ainda hoje, na linguagem corrente do povo e não raro dos instruídos, muitas palavras em maioria da mesma filiação, creio eu, por consulta ao Martius, como por v. vejo confirmado.

Não só no interior, mas na capital, em São Luís, toda a gente chama **nambi** a quem tem só uma orelha; **curuba** ao – *já começa daqui*; **panema** ao atoleimado, incapaz. **Cica** tem tudo que cheira à resina; **tabatinga** é o nome da argila plástica branca; **tauá**, a ferruginosa; **taboca** é a taquara de que se fazem flechas para foguetes, etc. **Ticoara** (ou **xibé**) todos bebem, de cajá, buriti ou manga, como da mandioca **puba** muitos comem bolos ou **mingau**. O **xibé**, entretanto, é mais a **jacuba** daqui.

Trauíra é sempre o lagarteto dos muros não rebocados e rufnas. No **ti-juco** ou **tujuco** qualquer se atola a apanhar caranguejos, convidativos quando andam ao **atá**, a **uatá**, **goatá** ou como seja, que assim soa ao ouvido, o que significa andarem à solta ou doidamente (época da fecundação?) e por isso fáceis de se deixarem apanhar: ao **atá**, muitos apanhei eu. A **trauíra-péua** ou **peva** é sobremodo tida por venenosa.

Quantos, ao meio-dia, não se acolhem dos ardores do sol ao seu **tejupa tejupar** ou **paba** e tantos até à sua **tipóia**, nome que também recebe o lenço atado pelas pontas e pendente do pescoço, em que se acama e descansa um antebraço ou mão doente. Alguns até aproveitam o ensejo para um trago da **tiquira**. Quem, menino, não atou à **embira** o seu molhó ou feixe qualquer, e, crescido, escapou sempre às **embiras**? ou que rapariga não levou à fonte a sua **igaçaba**? E os rapazes, se viam a **airosa cunhã**, logo se cutucavam, quando as mais atrevidas coisas não se abalançavam. É fato mui freqüente as moças casadas evitarem comer bananas **cõe** por medo de **gêmeos**; não assim porém ao **mandobi** ou **mendobim** (que os dicionários dizem que é amendoim com toda a seriedade), que muito apreciam torrado e as **máis-tingas** não rejeitam conquanto chegado a **perebas**, que felizmente o **moruru** refresça em folha.

Já teve ocasião de provar **mocororó**, naturalmente; mas não sei se **açaf**. A **juçara** do Norte encontrei **jiçara**, no Paraná.

Por esta palavra e várias outras pareceu-me que o **ü** acentua-se em **u** à medida que vamos ao equador; **mbürity** é mais praieiro que **meriti**. Em aula ouvi ao emérito Saldanha da Gama, que **buriti** é o vermelho e da grandeza do ovo da galinha e **meriti** o menor, de casca amarela; não encontrei tal no povo meu, mas já ouvi a outrem que pelo vale Amazônico assim é.

Na minha ilha, **tacuruba** (**itá-çuruba**?) era geral e até na cidade as usava quem sem posse a comprar fogo.

O **Codó** de onde virá? Será parente de **xópótó** e **choró**? E o **Cajapí** e **Carnapijó**, **Caparaó**? Oriçanga será **Yroiçang**, de **Martius**?

Pocar, **papocar**, **pipocar**, **espocar** (que o Aulete diz **espoucar**) não são de **pipoca** ou **pópoca**? Não vejo de pronto porque os **gapó**, no Maranhão, são **ipuefras**, da Bahia. Virá o parentesco de **yg-apó** (ortografia de **Martius**) e **yg-apó** éra? Haverá, quiçá, a diferença de ser **gapó** a recente lagoa de transbordo do rio e **ypoëira** ou **éra**, a antiga?

Ainda outras vulgares: do peixe **moqueado** todos gostam, seja em **moqueca** ou mesmo **paçoca** como se fora carne; do **pitiú** que ele tem fresco, não; nem do **pixé** que deixam nas mãos certos corpos em bom estado ou em decomposição. Os carregadores dantes andavam de **maraçá**, fossem sós ou em **malocas**. A **urupema** é de todas as cozinhas.

Fora enfim um não acabar enumerar ou citar a todos, tão frequentes e aceitos são.

Imagino o sucesso que não teve o seu livro. E quantas tolices como as que estou fazendo lhe não terão feito amargar e quiçá arrepender-se da publicação! Mas a sua indulgência as perdoará; e tem um remédio – é não lê-las todas e prosseguir sem embargo nos estudos tão úteis a que se deu.

Desculpe e creia-me sempre seu

Criado amigo e admirador e agradecido

C. CAMPOS

INTRODUÇÃO

Não é novo, até pelo contrário, muito freqüentemente debatido, o objeto do presente estudo. Sobre-lhe, porém, interesse histórico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geografia nacional e, sobretudo, recomenda-o a atenção simpática que sempre logrou despertar em nosso meio literário.

Encarando-o agora por uma face nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretenso e modesto, que o de metodizar ou submeter a regras esse estudo lingüístico que por aí anda ao bel-prazer das fantasias de uns e ao desazo dos que, menos familiarizados com a língua dos primitivos habitantes desta terra, a deturpam e desfeiam, atribuindo-lhe aos vocábulos sentido e significados absurdos ou procurando interpretar aqueles, já adulterados ou assimilados pela dicção vulgar, por processos estranhos às leis glotológicas que regem a matéria.

Não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades, como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, trocam-se, substituem-se nomes portugueses de antigas localidades por outros de procedência indígena, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionais.

Mas estas denominações geográficas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a *língua geral* ou a mais falada no país, são agora, para as modernas gerações, verdadeiros enigmas que as alterações cotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis.

Portanto, preservar-lhes a grafia verdadeira e a verdadeira pronúncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véu obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento histórico.

Sim, porque, se a Geografia pode passar intangível por um nome fossilizado ou cruelmente adulterado pelo correr dos anos, com a História já não sucederá o mesmo, sem dano sensível à perfeita compreensão dos sucessos com que ela evoca as eras passadas.

Já ninguém desconhece o valor da Filologia nos estudos históricos, a qual, como é sabido, explicou as migrações dos povos, anteriores a qualquer tradição oral ou escrita.

Simples vocábulos, diz César Cantu, revelam ou confirmam, às vezes, uma circunstância importante da História.

Karl von Martius, na sua dissertação sobre “como se deve escrever a História do Brasil”, considera a língua dos índios como o documento mais geral e mais significativo, e acrescenta:

Pesquisas, nesta atualmente tão pouco cultivada esfera, não podem jamais ser suficientemente recomendadas, e tanto mais que as línguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma séria *fusão*, de sorte que algumas delas em breve estarão inteiramente extintas^a.

Quando isso não bastasse, quem é que, viajando a nossa terra, se não tomará da mais justificada curiosidade e não indagará pelo significado de tantos nomes bárbaros aplicados ao lugares, às regiões que vai atravessando?

Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes estranhos, cuja pronúncia já corre adulterada e cujo sentido já ninguém compreende?

E são, todavia, vocábulos doces e sonoros, longos muitas vezes, excelentes em geral como designação de lugares, mas que muito perdem do seu valor, por não se saber o que exprimem, o que recordam, o que nos revelam do sentir e do gênio do povo primitivo que nã-os legou.

E como na América esta triste verdade se assinalou tão breve!

No Brasil, nem sequer o idioma do gentio desapareceu totalmente como língua viva. Nos seus vastíssimos sertões, ainda vagam numerosos os representantes das nações selvagens que outrora os possuíram.

As vozes tupis se escutam ainda hoje nas margens do Amazonas, como nos campos do Paraguai e do Paraná. Mas o esquecimento dessa língua, que os cultores de outrora acharam tão rica e tão bela, lavra intenso no seio da moderna e culta sociedade que lhe desconhece o valor e atira, para o rol das coisas enigmáticas e incompreensíveis, os nomes com que designa as cidades opulentas, onde ora vive e prospera.

Contudo, nesse dilúvio de esquecimento, alguns espíritos de eleição se ergueram com os seus trabalhos literários, pondo em contribuição os tesouros de poesia e de inspiração, que se encerram nos costumes e nas

a VON MARTIUS, Karl. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, 6:389.

cenar pitorescas da vida selvagem. Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, cultores do *americanismo* na literatura nacional, lograram despertar entre os seus contemporâneos o gosto pelos estudos relativos à raça indígena.

Mas, se com o exemplo deles, os escritos de Anchieta, Luís Figueira, Montoya e Restivo lograram reviver, aos esforços de abalizados cultores, como Couto de Magalhães, Batista Caetano, Barbosa Rodrigues, Mendes de Almeida, José Veríssimo e Macedo Soares, todavia, o gosto por estudos deste gênero não se generalizou ou tão largamente não se difundiu que viesse a reclamar dos competentes a criação de escolas, onde se aprendesse a língua dos aborígenes, ou cursos especiais, onde se preparassem os que, para tais estudos, mostrassem predileção.

Estudos, porém, sistematicamente guiados, para o fim de explicar o vocabulário geográfico de procedência tupi, poucos cultores têm tido, bem que não raros o tenham tentado.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi, ao que nos consta, o primeiro a encetar tais estudos, mas fê-lo tão incompletamente e sem aquela indispensável e criteriosa análise que a matéria requeria, que as suas "Etimologias Brasileiras", publicadas no volume 8º da *Revista do Instituto Histórico*, não têm outro mérito que o de uma obra de iniciação.

Antes dele, alguns cronistas e viajantes tentaram, parcial ou isoladamente, o mesmo assunto, mas, no geral, sem resultado apreciável. O padre Simão de Vasconcelos dá-nos, na sua *Crônica da Companhia de Jesus*, tais interpretações de vocábulos tupis que se chega a duvidar dos conhecimentos lingüísticos do célebre jesuíta.

O Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, como se verifica do seu *Diário de viagem pelas capitâneas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo, nos anos de 1780 e 1790*, é dos viajantes aquele que, com mais interesse e competência, tratou desta matéria. As suas etimologias brasileiras, constantes das notas do citado *Diário*, são tão numerosas e interessantes que bem pode ele ser considerado um precursor nestes estudos.

O trabalho de frei Francisco dos Prazeres se, de fato, não é tão copioso e exato nas interpretações, como o objeto comportava, é, contudo, o único sistematizado e tal que, como diz o seu autor, "... não deixará de ser de alguma utilidade, ou porque dará princípio a uma obra nova, ou porque alguma coisa acrescentará a essa obra, talvez já principiada". Tal era a importância por ele ligada ao objeto, que não só se supunha precedido, como achava que a obra, por outrem empreendida, devia ser de vulto, isto é, "em ponto grande", para usar das suas próprias palavras. O certo, porém, é que, do ponto de vista de um estudo metódico e sistema-

tizado, frei Francisco dos Prazeres Maranhão não teve predecessor, como bem poucos foram os seus continuadores.

O Dr. Francisco Freire Alemão, em uma "Memória", publicada na *Revista do Instituto Histórico*, 45:351, em 1850, tratou do assunto sob o título: "Questões propostas sobre alguns vocábulos da língua geral brasileira", mas, como o próprio título o manifesta, o seu trabalho não passava de uma investigação sem nenhum caráter de generalização, e sem método, embora exibindo erudição e conhecimento da matéria.

Brás da Costa Rubim seguiu-lhe os passos, com processo idêntico e idêntico resultado, como se verifica do mesmo volume da citada revista.

O senador Cândido Mendes de Almeida ocupou-se da matéria, exibindo critério seguro, vasta erudição e notável penetração nos poucos estudos que publicou sob o título "Notas sobre a história pátria", na já citada revista. O seu irmão, o Dr. João Mendes de Almeida, era outro dedicadíssimo cultor do *brasilianismo*, se assim podemos designar a matéria do presente escrito, e consta até que deixou a respeito obra inédita de copioso cabedal.

O general Couto de Magalhães tinha a peito e em muita conta os estudos deste gênero. Várias publicações fez, explicando o significado de muitas denominações geográficas de procedência tupi e, mais recentemente, numa das últimas sessões do Instituto Histórico, a que assistira e quando apresentou o seu plano comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil, indicou, como dos mais importantes assuntos e dos mais adequados para essa comemoração, o estudo das etimologias brasílicas, isto e, do *brasilianismo*, feito em colaboração com alguns cultores da língua tupi, que o falecido general indicaria ou convidaria oportunamente.

Richard Burton, anotando a tradução da obra de Hans Staden em 1874, enriqueceu esse livro com abundantes e preciosísimos estudos sobre os vocábulos indígenas referidos na sobredita obra.

O Dr. Frederik Hartt, tão cedo roubado às investigações científicas de que fizera teatro predileto o nosso Brasil, enriqueceu também a literatura do *brasilianismo* com as mais eruditas e criteriosas interpretações ou contribuições.

Batista Caetano de Almeida Nogueira, nas suas anotações à *Narrativa epistolar de Fernão Cardim*, e Barbosa Rodrigues, nos seus vários escritos sobre a língua do gentio, são dois cultores do *brasilianismo*, que se recomendam pela sua erudição, senso crítico e especial critério nas interpretações.

O trabalho, porém, de maior monta que até aqui se há publicado sobre este objeto é, incontestavelmente, o do Dr. Von Martius, trabalho publicado em anexo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Era o Dr.

Von Martius, a quem tanto deve a botânica brasileira, mui versado na língua tupi; tinha muito viajado o nosso país; possuía vasta erudição científica e os melhores elementos para um trabalho de vulto nesta questão da origem e interpretação dos vocábulos tupis, usados na geografia nacional. Infelizmente não lhe pôde o ilustre sábio dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as suas investigações, como era mister, lendo as crônicas, as relações antigas de viagem, isto é, consultando o elemento histórico para descobrir a verdadeira grafia primitiva dos vocábulos, muitos dos quais, sem isso, jamais seriam explicáveis ou traduzíveis do ponto de vista etimológico.

Contudo, procuramos sempre no presente trabalho seguir os passos do naturalista bávaro. Mas, seguindo-o tão de perto possível no que respeita ao exame etimológico, preferimos o processo crítico de Freire Alemão, reconhecendo primeiro a identidade do vocábulo discutindo as alterações subseqüentes, antes de traduzi-lo ou dar-lhe o respectivo significado.

Fiz, por isso, preceder o trabalho, propriamente interpretativo e etimológico, de uma rápida apreciação sobre o caráter da língua tupi, a sua extensão na América e, especialmente, no Brasil, as suas alterações sob a influência do português, analisando ao mesmo tempo o processo, segundo o qual se deram as ditas alterações na fonética dessa língua.

Não presumo com isso dar a última palavra na questão. Mas acredito ter adiantado alguma coisa, firmando alguns princípios que, no futuro, hão de servir a outros e melhores investigadores, além de haver esclarecido umas tantas obscuridades no que tange à grafia e, portanto, ao significado ou sentido de não poucos vocábulos indígenas com aplicação à nossa geografia. Terei, entretanto, levantado uma ponta desse véu de esquecimento, que pesa sobre a memória do povo desaparecido a quem sucedemos no domínio desta terra, cujas vozes bárbaras, na sua lenta e secular fossilização, perdida a primitiva e original estrutura, já não têm sentido nem expressão, designando as prósperas cidades dos novos dominadores.

CAPÍTULO I

Da expansão da língua tupi e do seu predomínio na geografia nacional

A vasta superfície que, por um exame geográfico do nosso país, se reconhece ter sido avassalada pelo tupi, não pode, de modo algum, ser atribuída à força de expansão própria da raça primitiva, que dominava no litoral e em grande parte do interior, ao tempo do descobrimento pelos portugueses.

Vastíssima, na verdade, era a região por onde dominou a língua tupi no novo continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notável expansão aos próprios conquistadores europeus, às numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descerem escravos índios e para a pesquisa do ouro; deve-se principalmente à catequese que tornou *geral* esse idioma bárbaro e o cultivou.

Ocupavam, com efeito, os povos da raça tupi o litoral quase todo, por cerca de seiscentas léguas, donde haviam expellido outros povos, sem dúvida conquistadores antes deles e que, por sua vez, tiveram de ceder diante de forças mais numerosas e aguerridas; dominavam ainda o vale do Paraná-Paraguai na sua média zona, onde se limitavam com outras nações de procedência andina e lançavam colônias através dos vales do Araguaia, Tapajós e Madeira, alcançando o Amazonas, cujo curso disputavam e partilhavam com outros povos, desde a foz até grande extensão em direção às cabeceiras, e, ainda para além das Guianas, no vale do Orinoco e nas Antilhas, entre os Caraíbas, encontravam-se representantes deles.

Nas chapadas centrais, nas regiões de solo mais ingrato, nos grandes vales interiores menos acessíveis, quedavam-se, como encurralados, os povos da raça vencida, que os Tupis denominavam comumente **tapu-**

ya, equivalente a *bárbaro* ou *estrangeiro*, como vieram a chamar **tapuytinga** ao europeu e **tapuyuna** ao africano¹.

Ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões, é que se deve a maior expansão do tupi, como *língua geral*, dentro das raias atuais no Brasil. As levas, que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam; no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobrimentos, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias, espalhadas nos sertões, falando também o tupi e encarregando-se naturalmente de difundi-lo.

O português era, sim, a *língua oficial*, como ainda hoje o espanhol no Paraguai, a língua do comércio nos portos do litoral, nas cidades e vilas de mais importância e no seio das famílias propriamente portuguesas; mas, ainda, aí, aparecia o tupi, falado pelos fâmulos, quase todos índios ou de descendência índia.

Nos povoados mais apartados, a catequese, iniciada e desenvolvida pelos jesuítas, ia dando à língua bárbara os foros de um veículo civilizador. Falavam os padres a língua dos aborígenes, escreviam-lhe a gramática e o vocabulário, e ensinavam e pregavam nesse idioma. Nos seminários para meninos e meninas, **curumins** e **cunhatains**, filhos dos índios, mestiços ou brancos, ensinavam, de ordinário, o português e o tupi, preparando deste modo os primeiros catecúmenos, os mais idôneos, para levar a conversão ao lar paterno.

Até o começo do século XVIII, a proporção entre as duas línguas faladas na colônia era mais ou menos de três para um, do tupi para o português. Em algumas capitanias, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a catequese mais influiu, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras, falava-se, entre os homens do campo, a língua geral até o fim do século XVII. No Amazonas e no Pará, ainda é comum o tupi no seio da população civilizada dos *tapuiás*, como vulgarmente aí se apelidam os índios².

Mas, naqueles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se sucediam, com a obstinação das coisas fatais e irresistível, o tupi era deveras a língua dominante, a língua da colônia.

1 **Tapuyta** ou **tapuyta** significa *cativo*, *escravo*, em tupi.

Tapuytinga não figura no vocabulário jesuítico. Frei Abbeville, entretanto, diz que os Tupinambás do Maranhão apelidavam os ingleses de **tapuytĩ**. (Note-se a terminação guarani!) – O *negro* era chamado **tapuytuna** pelos Tupis.

2 O apelido que, no Amazonas, dão aos índios mansos não é *tapuia*, mas sim *tapuio*.

Todos a falavam ou a compreendiam. Parecia mesmo haver certa predileção por ela^b.

Saudavam-se no tupi, dizendo: **Enecoêma**, que equivale a dizer *bom dia*, a que respondia o interlocutor³, repetindo a mesma saudação ou dizendo simplesmente: – **Yauê**^{3A}.

Ao toque da ave-maria, o cristão da América erguia-se, perseguindo: **Santa Curuçá rangaua recê**, que quer dizer: *pelo sinal da Santa Cruz*, e repetia, na sua língua, a oração da tarde⁴.

Adotavam os próprios portugueses os usos e até o falar brasílico, preferindo as expressões tupis aos dizeres da própria língua, em que, aliás, não faltavam vocábulos e locuções igualmente expressivos e adequados.

Apelidavam-se muitas vezes pelo tupic; e tinham cantares e folgedos nessa língua, ou num misto compreensível do português e do índio. A conhecida canção popular **Caranguejo andou uatá** vem desde esse tempo.

Alteravam-se ao contato dessa língua bárbara a prosódia e a sintaxe portuguesas. Desapareceram as vogais mudas ou breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupis modelaram-se pelos do português^{4A}, incorporando-se em grande número neste último, como incorporaram-se os nomes de plantas, animais, frutas e objetos de uso doméstico.

Fazia-se a conquista, tendo por veículo a própria língua dos vencidos, que era a língua da multidão.

b O Pe. Vieira, em 1694, escrevia: “É certo que as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e a portuguesa a vão os meninos aprender, à escola; . . .” (*Obras Várias*, I, 249).

3 **Koema** é, mais exatamente, *manhá*.

3A **Íauê** é forma nheengatu, à qual corresponde, no tupi, **Íabé**. As saudações eram muito variadas.

4 Também **rangaúa** é nheengatu; em tupi temos **aangaba**, **raangaba**, **saangaba**.

c Pela época da independência voltou o uso dos nomes e apelidos de procedência tupi. Muito conhecidos se tornaram depois os de Francisco Gê Acayaba de Montesuma, Dendê Bus, Sucupira, Caminhoá, Sobragi, Baraúna, Sarahyba, Paranguá, Cansação de Sinimbu, Japiassu, Tupinambá, Jaguaribe, Jucá, Piragibe, Cuim Atuaá, Pitanga e tantos outros.

4A Estas observações podem valer, até certo ponto, para o nheengatu, mas não para o tupi.

As *bandeiras* quase só falavam o tupi. E se, por toda a parte onde penetravam, estendiam os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde, se introduzia com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos^d.

Recebiam, então, um nome tupi as regiões que se iam descobrindo e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nelas jamais tivesse habitado uma tribo de raça tupi. E assim é que, no planalto Central, onde dominam povos de outras raças, as denominações dos vales, rios e montanhas e até das povoações são pela mor parte da língua geral.

Bem poucos, na verdade, são os nomes de procedência tapuia, conservados na geografia nacional, e estes mesmos nas regiões centrais, onde a catequese jamais penetrou ou se iniciou muito tarde por motivos particulares que atrasaram a conquista.

Tomando-se uma carta do país e examinando-a quanto ao que diz respeito às denominações geográficas, reconhece-se, para logo, o predomínio do tupi em toda a região litoral; nota-se que ele penetra fundo nos sertões pelo vale dos grandes rios, onde se tornou fácil o acesso do lado do mar; nota-se mais que ele assinala, através dos divisores das grandes bacias fluviais, o trajeto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reconhece-se também que ele persiste como vestígio indelével da catequese, onde quer que, ou isoladamente, ou seguindo uma série de estações intermediárias, penetrou o cristianismo pelo trabalho apostólico dos missionários.

Consideremos, por exemplo, essa parte do Brasil entre o rio São Francisco e o Maranhão. Notamos, logo no litoral e nos vales mais acessíveis e férteis, os nomes tupis em grande número, ao lado de alguns nomes portugueses, designando os lugares e os vários acidentes topográficos; no interior, porém, as denominações tapuias prevalecem, designando as aguadas e as feições mais salientes da região. As montanhas e as chapadas se designam, em grande extensão, pelo nome cariri, do povo mais numeroso que outrora as possuiu. Os rios do interior, que não alcançam diretamente o mar, donde lhes podia vir a denominação tupi, prevalecente no litoral, têm nomes tapuias: **Maceió, Xitroá, Priaca, Quebrangulo, Capiá, Paricônia, Cafuxi**, nas Alagoas; **Moxotó, Ororobá, Xocó, Cabrobó, Tacaratú, Orocó e Ibó**, em Pernambuco; **Piancó, Gurnhém, Catolé, Bodó-Congó**, na Paraíba; **Gramació, Siridó, Caicó, Mipibu e Patu**, no Rio Grande do Norte; **Quixeramobim, Quixadá, Quixeló, Quixossô, Quinquilerê, Cococi, Sitiá, Coronzó, Quipá**, no

d No Maranhão, diz Aires do Casal, falava-se a *língua geral*. "A língua portuguesa começou a ser geral ou, para melhor dizer, a ter uso em 1755". *Corografia Brasileira*. II:256-73.

Ceará; Jaicós, Gurguéia, Longa, no Piauí; Amanajé, Codó, Timbirá, Apinajé, no Maranhão.

Nessa região, cujo interior reveste um aspecto mais áspero e as secas periódicas tornam o viver incerto e atormentado, as lavas dos conquistadores atravessam sem encontrar algures o que as retenha, sem descobrir uma mina cuja riqueza determine ou justifique um estabelecimento permanente, ou um solo fértil que tente a cobiça dos aventureiros. Eles passam sem intenção de ficar.

Só o gentio adaptado a permaneceu como que protegido pela própria inclemência do solo.

O tupi a não penetra, como não penetra o português, senão depois que o gado, invadindo as caatingas áridas e, entranhando-se no deserto, abriu as veredas e guiou o vaqueiro até as várzeas onde se assentaram as primeiras fazendas. O gentio, sem grande resistência, submeteu-se, então, e assim se explica como alguns vestígios da sua língua perduraram nas denominações dos lugares, recordando a raça dos vencidos.

Desça-se, porém, das chapadas áridas e assoladas pela seca e se procure mais além ou o curso do Parnaíba, a oeste, ou o do São Francisco, mais ao sul, e, para logo, aparecem de novo os nomes tupis, designando os acidentes geográficos.

Transpondo-se o São Francisco em direção ao sul, penetra-se de novo numa região ingrata pela inclemência do céu e se vai atravessando a bacia elevada do Vaza-barris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas baianas que, depois do salto de Paulo Afonso, depois de Canudos e de Monte Santo, levam a Itiúba, ao Tombador e ao Açuruá. Aí, nesse trecho do pátrio território, aliás dos mais ingratos, onde outrora se refugiaram os perseguidos destroços dos Orizes, Procás e Cariris, de novo aparecem, designando os lugares, os nomes bárbaros de procedência tapuia que nem o português, nem o tupi logrou suplantar. Lêem-se, então, no mapa da região, com a mesma frequência dos acidentes topográficos, nomes como Pambu, Patamoté, Xingó, Bendegó, Propriá, Cumbe, Massacará, Cocorobó, Tragagó, Canché, Chorrochó, Quincunca, Cochó, Centocé, Açuruá, Xique-Xique, Jiquié, Sincorá, Catulé ou Catolé, Mucujé, Juciape, Gagau, Orobó, Procá, Cocobocó e outros igualmente bárbaros e estranhos.

Mais para o sul, penetrando já na região mineira, entre a zona litorânea e a serra do Espinhaço, que foi o país dos Botocudos, dos Poris e de numerosas tribos tapuias, já a raridade dos nomes selvagens na geografia local ressalta logo. Prevalecem denominações portuguesas entre alguns nomes tupis. Dificilmente se encontrará a um nome tapuia, boto-cudo, pori ou camacã, designando um monte, um rio ou um povoado. Caparaó, Chopotó, Pojichá, Norek, Map-mapkrac, Tamonhuec,

Giporok, Matipoó, Pataxó, Crakmun, Poté, Maxacalis, Malali, Bakue são bem poucos vestígios da língua dos primitivos dominadores, acaso salvos do dilúvio tupi ou português, que o bandeirante ou o missionário estendeu por toda a parte.

Levando a pesquisa para as regiões do sul e do centro, na larga superfície pela maior parte deserta, como na mais densamente povoada, observa-se logo que o tupi é a língua dominante na geografia. Em Minas Gerais, o português leva vantagem ao tupi.

No Rio de Janeiro, as duas línguas se equilibram.

Em São Paulo, o predomínio do tupi é quase completo, notando-se o mesmo no Paraná para o sul até o Rio Grande, e, para o centro, em direção ao vale do Paraguai.

Raríssimas são as denominações tapuias, perdidas na grande torrente tupi-portuguesa que se alastrou por toda a parte. Os nomes **Chopin, Chapecó, Chancheré, Goyó, Copré, Gambre, Yonghe, Chagú, Eré, Erexim, Irany, Goyoen; Nonohay**, na região dos Coroados, dentre o Iguaçú e o Uruguai; **Nioak, Xarayés, Poconé, Coxipó, Caraxará, Nabilek, Mbotetehú, Aquidauana, Aquidaban, Ivinheyma, Queyma, Channé** e alguns poucos entre os Guaiacurus de Mato Grosso e os nomes dos rios da bacia superior do Amazonas, eis tudo o que se salvou das línguas bárbaras dos Tapuias diante da invasão tupi, impulsionada pelos portugueses. Eis por que, para o objeto que nos ocupa, não é mister discriminar as regiões que serviram de hábitat a cada raça selvagem; basta reconhecer no tupi, generalizado na geografia nacional, o efeito da influência civilizadora dos europeus.

CAPÍTULO II

Breves apontamentos sobre a língua tupi com relação ao objeto deste escrito e resumo da gramática tupi

1 – Estava a língua tupi no segundo período da sua evolução morfológica, o da aglutinação; e, contudo, era um idioma rico no vocabulário e bastante expressivo⁵.

Anchieta, assim como o Pe. Figueira, admirava tanto as qualidades dessa língua que a comparava, na perfeição, à grega^e.

É admirável, diz o autor do *Dicionário Brasileiro*⁶ que, tendo os povos que a falavam limitadas as suas idéias a um pequeno número de coisas, as quais julgaram necessárias ao seu modo de vida, pudessem, contudo, conceber sinais representativos de idéias com capacidade de abranger objetos de que eles não tiveram conhecimento; e isto não de qualquer modo, mas com muita propriedade, energia e elegância^f.

- 5 O autor segue aí o *Ensaio de Antropologia*, de Couto de Magalhães, que, por sua vez, reproduz a lição oitava de Max Müller. (*Rev. Inst. Hist. Bras.* 36(II):422). Essa classificação, que se baseia em certas aparências, aliás não privativas, está sendo abandonada de há muito.
- e O Pe. Manuel da Nóbrega achava esta língua muito semelhante à biscainha. Dizia ele de referência ao Pe. J. Aspilcueta Navarro: “. . . e já sabe a língua deles que, ao que parece, muito se conforma com a biscainha, de modo que com eles se entende e a todos nos leva vantagem. . .” (Carta de 1549, escrita ao Dr. Navarro).
- 6 Esse dicionário, atribuído em sua reimpressão integral, de Plínio Airosa, São Paulo, 1934, a certo frei Onofre, deve ser consultado com grande prudência, por conter muitos termos nheengatus. Fixa a fase a que demos o nome de *brasílico*.
- f DICIONÁRIO PORTUGUÊS E BRASÍLIANO, impresso em Lisboa, em 1795.

O Pe. Figueira, na sua *Arte da língua tupi*, diz que é esta “. . . uma língua suave, elegante, mas estranha e copiosa”⁷.

João de Laet repete em latim os mesmos conceitos: “[. . .] *nam facilis est, copiosa, neque insuavis* [. . .]”

2 – O tupi e o guarani, entendem muitos por línguas diferentes ou estranhas e são apenas irmãs diferenciadas por influência dialetal.

É o guarani, ou o tupi falado no Paraguai, o que entre os índios dessa parte do continente se chama **abanhehen**, *língua de gente*. O tupi falado no Amazonas é, porém, conhecido por **nhehen-gatu**, isto é, *língua boa*.

Observa o general Couto de Magalhães que a diferença entre elas é a mesma que se nota entre paulistas e mineiros falando o português.

Parece-nos, entretanto, que a diferença é um pouco mais acentuada, como já o fizera sentir o mesmo autor citado, no seu “Estudo Antropológico”, publicado na *Revista do Instituto Histórico*⁸, onde, tratando do tupi e do guarani, compará-os, no grau de semelhança, ao português e ao castelhano. São, de fato, o tupi e o guarani [. . .] a mesma língua em dois períodos diversos: o *tupi*, num período mais primitivo, quase monossilábico, conservando com escrúpulos as raízes com que formou a aglutinação; o *guarani*, em um período mais desenvolvido, aquele em que a raiz monossilábica perde a significação para abandoná-la ao vocábulo aglutinado. Portanto, conclui o autor citado, o tupi é a fonte e, por isso, denominado o grupo com o nome tupi j⁸.

Alguns exemplos bastam para deixar bem assinalada a diferença. Assim é que, no tupi, se diz: **ajura**, **pirapora**, **carafba**, **jaguara**, **curu-pira**, **cuéra**, **pungaba**, ao passo que, no guarani, se diz, correspondentemente:

7 O título exato é: *Arte de Gramática da Língua Brasileira*.

g MAGALHÃES, Couto de. *O Selvagem*.

h MAGALHÃES, Couto de. Op. cit.

i Idem. *Rev. Inst. Hist.*, v. 36.

j Idem, idem.

8 Muito haveria a respigar e retificar nesse parágrafo, que padece de todos os defeitos da origem e da época. O guarani e o tupi são dois ramos de um tronco comum desconhecido, de uma língua-mãe hipotética, que poderemos chamar *tupl-guarani*.

aju, pirapó, carahy, jaguá, curupi cué, pungá, isto é, ficando os vocábulo mais contractos neste último idioma⁹.

Foram ambas as línguas bastante faladas no Brasil, quer pelo genitio propriamente dito, quer pelas populações que, ao depois, se formaram sob a influência européia.

3 – Desde o Amazonas até Cananéia, com raras interrupções pelo litoral, e com uma faixa mais ou menos larga ao par dele, e várias projeções pelo interior, dominava o *tupi*, falado por **Tupinambás, Tobayaras, Petunguaras, Caetés, Tupinaquins^k, Tamoios**, e depois por seus descendentes, mestiçados com europeus e africanos. De Cananéia, para o sul, pela costa e pelo interior, abrangendo grande parte do sertão paulista, nos vales do Paraná, Tietê e Paranapanema, descendo para o sul em direção ao Rio Grande, pelos campos elevados que o Tibaji, o Ivaí, o Iguaçu e o Uruguai atravessam, e apesar de algumas tribos tapuia interpostas, dominava o *guarani*, falado por **Carijós, Tapes** e outros¹⁰.

Na geografia da região em que essas línguas foram faladas, encontram-se, agora, nas denominações dos lugares, os vestígios indeléveis do domínio de cada uma.

Este fato precisa estar sempre presente ao tratar-se da interpretação dos vocábulos tupis com aplicação à geografia nacional.

RESUMO DA GRAMÁTICA TUPI

DO ALFABETO USADO NESTA LÍNGUA

4 – No alfabeto tupi não há mais que dezenove letras, não existindo **f, l, j, z**, nem **v**.

9 **Kûera** é guarani; as formas tupis que lhe correspondem são: **pûera, mbûera, ûera, era**. Encontram-se porém ocorrências desse sufixo no *Dicionário Português e Brasileiro*.

Pungá, ao contrário, tanto é tupi como guarani. As formas contratas do guarani são apenas uma das muitas divergências que o afastam do tupi.

k **Padre Nóbrega**, nas suas primeiras cartas escritas do Brasil, escrevia **Tupinakins**.

10 **Petunguara** é a grafia dos autores franceses por **petym-gûara, petÿ-gûara, de petyma – fumo**, que os autores franceses grafaram **petume**.

Não tem **d** inicial puro, para os vocábulos, mas sim **d** nasal ou misto, isto é, **nd**, como, por exemplo, **ndê**, *tu, teu; tua*. Por corrupção, esse **ndê** nasal se altera muitas vezes em **dê** ou **enê** e só assim aparece no tupi o **d** como consoante inicial de vocábulo. No geral, a letra **d** aparece no meio da palavra, mas, ainda assim, precedida de uma voz nasal, ex.: **Nhandeyara, Itamirindyba**.

O **j**¹¹, que depois se introduziu nos vocábulos tupis, já vem por influência portuguesa; é adulteração do **i** primitivo, tal como se deu no latim em relação às línguas que dele se derivaram. Assim, em vez de **jaguara, japy, japecanga**, se diriam primitivamente: **iaguara, iapy, iapecanga**.

Também o **l** é introduzido em alguns vocábulos tupis por influência lusitana. No tupi não havia **itaculumi, alambary, calumbi**, e sim **itacurumi, aramberi, canumbi**, cujos **rr** ou **nn** brandíssimos foram substituídos por **ll**.

O tupi não tem **r** forte, porquanto é essa letra sempre branda, até no começo das palavras, dizendo-se **reru, rera, rangaua**, com o **r** inicial tão fraco, como quando entre duas vogais¹².

Não tem **s** sibilado e sim **chiado**, como em **synunga, sipó**, que outros escrevem **cynunga** e **cipó**, e que se hão de pronunciar **xinunga, xipó**¹³.

O **v** jamais existiu no tupi; equivale a **u** ou a **b** brando; mas ficou introduzido no falar do vulgo, como erroneamente se vê nos nomes: **uvaia, vossoroca, voturantim**.

O **z** é também resultante da influência do contato com o português. Os nomes tupis **ananaz, guayanaz, goitacaz, papanaz** são simples corruptelas de longa data dos primitivos vocábulos **nanã, guayanã, guayatacá, papaná**¹⁴.

11 O **J** não era de todo estranho ao tupi. Aparece, principalmente, em lugar do **l** semivogal, quando lhe segue **Y**: **jy, jyba, jyka**, etc. aliás em poucos casos.

12 Novamente a forma nheengatu **rangaûa**, tirada do relativo tupi **raangaba**.

13 Aqui Teodoro Sampaio se equivocou. Não há em nenhum dos autores antigos referência a tal valor fonético. O fato é outro. O **s** inicial fixo dos nomes, dos verbais inclusive, muda-se em **x**, quando os antecede um **i** pronominal. O mesmo se dá com o **s** dos sufixos **sara, sûara, sûera**, e das posposições **soçê, suf**, e **supé** ao serem procedidos por um dos fonemas **i, y**, ou **ê** (**i, y, e, u** eufrônicos dos jesuítas).

14 Trata-se aí de pluralização dupla: **nanã ananás ananazes**, à imitação de **arcas - arcaszes**.

5 – As consoantes tupis, todavia, são muito dúbias ou confusas e, às vezes, tão difíceis de aprender que o Pe. Vieira desesperava de conseguí-lo ainda com o ouvido aplicado à boca do bárbaro.

Freqüentíssimas, entre elas, são as mutações.

As labiais **p**, **b**, **m** se substituem ou se confundem, não raro, na composição dos vocábulos, quer por motivo de uma articulação indistinta, quer por ação dialetal.

Os vocábulos **boy** e **moy**¹⁵, que são do mesmo significado, assim como **burity** e **murity**, **beru** e **meru**, formas diversas desses nomes, demonstram essa substituição ou confusão.

A influência dos dialetos é muito sensível de uma tribo a outra tribo e a ela se devem as mutações, muito comuns, como **bibiri** por **pipiri**; **boboc** por **popoc**; **maranã** por **paranã**.

As mutações, porém, são mais freqüentes sob a influência da nasalação na composição dos vocábulos. Jean de Léry, por exemplo, nos transmitiu dos Tupinambás do Rio de Janeiro o nome **Guanabará**, erroneamente pronunciado entre nós **Guanabara**, e neste nome, que é composto de **Guanã-pará**, se mostra como o **p** do vocábulo composto se alterou para **b** sob a ação da sílaba nasal precedente. Dá-se o mesmo com o nome **Pernambuco**, originariamente **Paranã-puca**, que a ação nasal abrandou em **Paranã-buca** ou **Paranambuca**.

7 – O abrandamento da consoante, por efeito de uma nasalação precedente, dá invariavelmente a troca da gutural **c** em **g**, como se vê com o sufixo **caba** ou **caua**, com que se formam substantivos. Nos vocábulos sem nasalação, diz-se, por exemplo, **Piracicaba**, **Sorocaba**; naqueles, porém, em que a nasalação existe, dá-se o abrandamento do **c** em **g** e diz-se então: **Porangaba**, **Monhangaba**, **Anhangaba**. Sob o influxo da mesma nasalação, o sufixo **coéra** muda-se em **goéra**, como em **Anhangóera**, **Cangoéra**; o sufixo **tyba**, sob a nasalação, muda o **t** em **d**, e, então, temos **Itamirindyba**, **Cutindyba**, **Massarandyba**¹⁶.

8 – Não raro, a gutural **c** se muda para a labial **p**, como em **tapé-
ra**, por **tacuéra**; **Ibirapuéra**, **ipuéra**, por **ibiracuéra**, **icuéra**¹⁷.

15 A palavra tupi para cobra é **mboia**; na língua geral **boia**.

16 Não existe em tupi o sufixo **kaba** e sim **aba** que se transforma em **aûa** no **nhe-
engatu**. Em todos esses exemplos o **c** e o **g** pertencem ao radical.
O sufixo do pretérito nos substantivos **anhangûera** e **kangûera** é **ûera**.
T abranda-se geralmente em **nd**.

17 **Tapera** é um pretérito substantival irregular, não em lugar de **takuera**, mas de **tapuéra**. **Ybyrpuéra** e **ypuéra** são lídimas tupis; **Ybyrâkûera** e **ykûera** é coisa que nessa língua não existe. **Kûera** (**kûé**) é forma guarani, a que corresponde **pûera**, no tupi.

9 – Sob a influência da nasalação precedente, o abrandamento da gutural em uma labial vai até a queda ou obliteração da letra, como, por exemplo, no vocábulo **teoncuéra**, que quer dizer *cadáver*, e que também se escreve: **teongoéra**, **teon-boéra** e, finalmente, **teóéra**¹⁸.

10 – As guturais antes de vogal têm o mesmo valor que no português. Por isso, para suprir a falta do **c** áspero antes do **e**, **i**, **y**, freqüente no tupi, é mister empregar-se o **k**, à moda grega, escrevendo-se com essa letra os vocábulos **kiriri**, **okena**, **okir**, e não **quiriri**, **oquena**, **oquir**, porque nessa língua o **u** depois de **q** deve ser sempre líquido.

11 – Dá-se o mesmo com a gutural **g**.

Quando esta consoante houver de ser áspera antes de **e**, **i**, **y**, mister é fazê-la seguir de um **h**, escrevendo-se **gh**, como nos vocábulos **amoinghê**, **nhamonhanghi**.

Nos nomes **anhanguéra**, **guirá**, **piaguy**, a sílaba **gu** tem o mesmo valor que na palavra portuguesa **goela**, isto é, o **u** sempre líquido.

12 – A consoante **g** está nos mesmos casos. Os nomes tupis **itaki**, **itakiri**, **ibakê** não se devem escrever **itaqui**, **itaguiry**, **ibaquê**, como ordinariamente se escrevem, porque o **u** deve ser sempre líquido depois de **g**.

13 – As consoantes no fim dos vocábulos se pronunciam perfeitamente como se terminassem por uma vogal brandíssima, como, por exemplo, em **menar** ou **mendar**, **aguacem**, que se pronunciarão: **mena-re** ou **mendare** e **aguaceme**.

O **m** final se há de pronunciar apertando os lábios¹⁹.

14 – Os grupos consoantes ou ditongos **mb**, **nd**, **ng**, **nh**, **ch** são freqüentes no tupi, onde é muito sensível a tendência para a nasalação, que esses grupos implicam.

O primeiro grupo **mb**, cuja gama nasal, particularíssima, equivale proximamente a **umb**^{19A}, ora se reduz, por vício de pronúncia, a simples **b**, ora a **m**.

Por essa razão, o célebre vocábulo **mboy**, que alguns erroneamente pronunciam **emibòy**, ignorando que **mb** é o signo de um **b** nasal,

18 O abrandamento comum de **p** é **mb** no tupi dos primeiros mestres jesuítas. A *cadáver* correspondem: **teó-mbûera**, **seó-mbûera**, **reó-mbuera**, (**p** > **mb**) e mais nada.

19 O Pe. Araújo, na sua *Advertência*, que precede o *Catecismo*, nada sabe dessa vogal brandíssima. Aliás, será difícil produzi-la, no caso do **m**, com os lábios apertados, como prescreve o autor com muito acerto.

19A As iniciais **mb** não se pronunciam **umb**, como aqui se afirma. A sua pronúncia começa com os lábios apertados, o que é algo diferente em fonologia.

se transformou, em alguns lugares, em **boy**, e noutros, em **moy**, como se verifica na composição dos vocábulos **boytuva** e **mogy**.

O nome tupi **mbyryty** é outro frisante exemplo. No Norte do Brasil, se alterou para **burity**; no Sul, para **myrity**.

Nesta língua não há combinações que dêem vozes, como **bla**, **cla**, **gla**, **pla**, **tla**, **vla**; **bra**, **cra**, **gra**, **pra**, **tra**; não há conjunção de duas consoantes, muda e líquida.

Riquíssima é, porém, a gama das vogais tupis.

Há seis vogais orais: **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, **y**, e outras tantas nasais, mas as três primeiras, devidamente acentuadas, dão três sons cada uma: **a**, **â**, **á**; **e**, **ê**, **é**; **i**, **î**, **í**; **o**, **ô**, **ó**; **u**, **ú**.

16 – O **y** representa uma vogal gutural especialíssima “. . . que se forma na garganta, dobrada a língua com a ponta inclinada abaixo, e lançando o hálito oprimido na garganta com um som misto e confuso entre **i**, e mais **u**, e que, não sendo **i** nem **u**, envolve a ambos . . . 201”.

A emissão deste som é seguida de um ruído que o padre Anchieta procurou figurar por um **g** posposto à vogal, escrevendo **yg**. Este **y**, assim gutural, exprime *água*; fora disto, o som de **y** é o mesmo que tem no grego, um som misto de **i** e **u**, muito aproximado do **ü** alemão ou do **u** francês.

DO SUBSTANTIVO

17 – O substantivo tupi representa coisa ou pessoa material ou abstrata.

Poucos vocábulos, porém, tinha a língua com significação abstrata. À catequese, à religião nova importada pelos europeus, dada a facilidade de se comporem vocábulos novos, é que se deve a introdução de grande número de substantivos abstratos.

18 – Usavam os Tupis designar-se a si mesmos por nomes próprios ou apelidos enfáticos, conforme se verifica nos que a História ou a lenda nos transmitiu:

Itagybá, *o braço de ferro.*

Abaetê, *o bravo, o homem de respeito, o ilustre.*

20 O autor não foi conseqüente no emprego do **y**. Ora fá-lo representar o **î** semivogal, ora o **y** do tupi. Essa caracterização do **y** tupi é do jesuíta Bartolomeu de Leão.

Iaguanharon, que o poeta da *Confederação dos Tamoios** transformou em **Yaguanháro** e que quer dizer *onça brava*.

Poty, o *camarão*²¹.

Gupeva, aliás **Cû-peba**, que quer dizer: *língua rasteira* para exprimir "o que pega na fala, o gago"²².

Cunhambébe, nome que é uma frase inteira: **cu-nhã-béba** e quer dizer literalmente *língua que corre rasteira*, isto é, o gago, o homem que pega na fala²³.

Yaparoby, o *arco verde*^{23A}.

* Gonçalves de Magalhães (N. do E.).

21 **Camarão**, no tupi antigo, é **poti**. Só mais tarde, no *Dicionário Português e Brasileiro* e no *nheengatu*, encontra-se **poty**. A referência a excremento, que se faz no *Vocabulário*, não tem cabimento; excremento é **tepotí**, **sepotí**, **repotí** e não **potí**.

22 **Língua**, em tupi, é **apecû**, que, por terminar em fonema nasalado, dificilmente deixaria de abrandar a inicial de **peba**. Não nos consta que **peba** – *chato, largo* – signifique *rasteiro* ou *gago*.

23 **Cunhambébe** constitui, antes do mais, um problema de identificação. Hans Staden que, no correr de 1554, conheceu esse grande morubixaba quando prisioneiro dos Tupinambás, (Tamoios) do Rio de Janeiro, escreveu **Konyan Bebe**. Nove anos depois, por ocasião da estada de Nóbrega e Anchieta em Iperuf, ainda mantinha bem alto o seu prestígio.

Os franceses de Villegaignon conferem as mesmas características a **Quoniambec** (Coniambec), que, da sua taba, distante umas oitenta ou cem léguas, os foi visitar.

Segundo a descrição de Thevet (*Cosmographie Universelle*, II:923 e seguintes), **Quoniambec**,

"... o diabo mais temido da região, ... era membrudo, de uns oito pés (?) de altura, ... atrevido, ... de gestos tais, que poucos homens não tremiam ao ouvi-lo arengar em sua voz grossa e medonha ... capaz de abafar o próprio trovão, - ... era, no entanto, transigente, cordato, manhoso, cheio de recursos em assuntos guerreiros."

Porém, esse brutamente felino, ainda de acordo com Thevet, no mesmo trecho, morreu com muitos outros da sua tribo, vítima de uma grande epidemia, aproximadamente em 1556.

O **Konyan Bebe**, de Hans Staden poderia, assim, identificar-se com o **Quoniambec** de Thevet, mas não com o **Cunhambébe** dos jesuítas.

Etimológica ou foneticamente **mbek** não se confunde com **mbeba** (*descer*=peba). O primeiro pode ser a representação pouco fiel de **mbegûe** – *va-garoso, baixo* (fala), *de leve*. – **Peba** corresponde a: *chato, plano, largo*.

23A Não atinamos com a fonte desse **yapara**. *Arco* é **ybyràpara**, **uràpara**, em tupi; **gûyràpá**, em guarani. No brasileiro encontramos **ûgràpara** e, no *nheengatu*, **myràpara**, **ûyràpara**.

Tibireçá (T̄-yby-re-chá), o chefe da terra, o principal ou maior²⁴.

Os nomes de mulher que chegaram até nós trazem um sinete de lenda ou de poesia que talvez não existisse no ânimo do gentio:

Potyra, de que Domingos de Magalhães fez **Bartyra** e que quer dizer *flor, bonina*²⁵.

Moema (da lenda do Caramuru), *a que faz doçura, a dulçurosa, a meiga*²⁶.

Iracema, *o fluxo de mel; a melflua*²⁷.

Aracê, *a saída do dia; a aurora*²⁸.

Aracy, *a mãe do dia; o sol*.

Guaraciaba (Co-aracy-ába), *os cabelos do sol, isto é, da cor do sol; a loura ou Laura*.

Myriba ou **Byriba**, *gente ou pessoa má*, equivalente ao nome *Bárbara*.

Os nomes próprios do gentio, os da sua lavra genuína, refletem qualidades salientes do indivíduo ou defeitos físicos; nada têm de poéticos e, no geral, são de significados bem feios:

Aracundá, *o papagaio arrufado ou parrudo*.

Aracaê, *o papagaio briguento*.

Piragybá, *a barbatana*.

Guiraquingira, *o traseiro de pássaro, ou urupigio*.

- 24 A indicação da pronúncia **xa** por **ça** é um equívoco do autor. No vocabulário da 2ª e da 3ª edição não faz essa reserva que lhe foi certamente sugerida pela confusão entre **teçá** – *olho* e **exá(g)**, **texa(g)** – *ver, olhar*. O termo **exá**, **exag**, **texag** é guarani e corresponde ao tupi **epiaka**.
- 25 **Potyra**, com o sentido de *flor*, aparece no *Dicionário Português e Brasileiro* e no *nheengatu*. No tupi antigo **potyra** significa florido; *flor é ypotyra, haste florida*. É um dos raros casos em que a forma adjetival diverge da do substantivo simples. Em compostos aparece, entretanto, **potyra**.
- 26 Adoçar em tupi é **moeê**, que no gerúndio faz **moeemo** – adoçando, para adoçar. O resto é poesia, como bem diz o autor. Há entretanto, no tupi o nome **moema**, que significa *calúnia, mentira; mentiroso, intrigante*, aceção de que os românticos gostarão menos.
- 27 **Ira** é brasileiro e *nheengatu*, por **eira**, no tupi antigo. Sema *traduz*, tanto *sair*, como *saindo*.
- 28 O termo próprio para *aurora* é **koemitanga**, contração de **koema pitanga, a manhã avermelhada**.

Miquiguaçu, *nádegas grandes*.
Mandiopuba, *a mandioca podre*.
Nhaêmirim, *a panela pequena*.
Timbéba, *o nariz chato*.
Baepeba, *o baixote, o curto*.
Baêna, *o vigilante*.
Cipóuna, *o cipó preto*.
Cururupeba, *o sapo miúdo*.
Guiráopina, *o pássaro pelado*.
Yucuguaçu, *a farpa grande*.

São nomes que se encontram nas crônicas e livros de viagens dos séculos XVI e XVII^{28A}.

Com a introdução do cristianismo, o catecúmeno passou a trocar o nome pagão pelo do calendário e a história nos transmitiu, por frei Vicente do Salvador, os nomes que o gentio afeiçãoou a seu modo, segundo a índole de sua língua. **Duhi**, por *Luis*; **Pancicu**, por *Francisco*; **Peró**, por *Pedro*.

Depois de batizado, o catecúmeno juntava ao seu nome indígena o do calendário cristão e aparecem então na história os que mais se distinguiram com os seus nomes e apelidos: **Antônio Apiaba**; **Martim Afonso Araribóia**; **Martim Afonso Tibiriçá**; **Pero Cangatá**; **Jorge de Albuquerque Iniaoba**; **João Caiubi**.

19 – Os nomes comuns têm grande riqueza e força de expressão:

Abá ou **auá**, gente, pessoa, indivíduo, homem.

Apyába, homem, ou macho.

Cunhã, mulher, ou fêmea.

Iaguára, o cão, a onça.

Iapyra, a anta²⁹.

Guirá, o pássaro, a ave³⁰.

Caá, folha, mato, monte.

Yby, a terra, o chão.

Ybytyra, o monte, o cerro.

Guá, o vale, a bacia, o seio³¹.

28A Destas etimologias subscreveríamos, quanto muito, a metade.

29 O termo tupi é *tapiíra*.

30 Leia-se *gûyrá*.

31 *Kûá* (abrandado *gûá*) é *enseada*. *Vale* é o tão nosso conhecido *gûala*, *ybyty-gûala*.

Pará, o mar³².

Yg, a água, o rio.

Ybytu, o ar, o vento, a nuvem^{32A}.

Tatá, o fogo.

Uma das originalidades desta língua é que o substantivo tem tempo como os verbos: o presente, o passado, o futuro³³. Exemplo:

Abá, o homem no presente.

Abacuéra ou **abacué**³⁴, o homem que já foi, no passado.

Abarama, o homem que há de ser, no futuro.

Abaranguéra, o homem que havia de ter sido³⁵.

20 – Depois da invasão dos europeus, grande número de vocábulos portugueses foram introduzidos no tupi, uns representando animais, artefatos e objetos importados, como **cabaru** ou **cavaru**, o cavalo; **purucu**, porco; **pana**, pano, tecido; **papéra**, papel; **libru**, ou **ribru**, livro; **mócaba**, fuzil; **curuçá** ou **curuzu**,^{35A} cruz; **missa**, missa; **surara**, soldado. Outros foram evidentemente compostos pelos missionários para exprimir idéias novas, abstratas, segundo o exigia a nova doutrina, tais como:

Ibaké-tryba, céu, paraíso, ou literalmente, *alegria do alto*³⁶.

Caraybêbê, anjo, isto é, *o santo que voa*.

Tupanaroca, igreja ou casa de Deus^{36A}.

Angatecô, alma pecadora³⁷.

32 **Pará** é mar, no guarani; *rio caudaloso*, em tupi.

32A O sentido de *nuvem* para **Ybytu** só aparece em compostos brasileiros.

33 É também uma espécie de condicional.

34 Essa forma é guarani; em tupi se diz **abâpûera**.

35 Aqui temos o condicional guarani; em tupi se diz **abârambûera**.

35A **Kuruçá**, no tupi; **kuruçú** ou **kuruzú**, no guarani.

36 Teodoro Sampaio não reparou na acentuação errada do *Dicionário Português e Brasileiro* e, além disso, copiou mal **Alf**, *céu*, é **ybáke**, de onde: **ybáke pe** – *no céu* e **ibake pe turybá** – *paraíso celestial*. Porém, isto já não é tupi; é apenas brasileiro.

36A **Tupanaroka** é termo nheengatu; em tupi temos: **Tupá-oka**, **Tupá-roka** e **Tupan-oka**.

37 **Angatekô** não é coisa alguma em tupi. Temos **ang-ekô** – *triste, tristeza; inquieto, inquietação*. **Pecador** ou *alma pecadora* é **angaipaba**, literalmente *maldade da abna*, de **ang-aiba** – *abna ruim*.

Tecôayba, pecado³⁸.

Ycarayba, água benta.

Tupana tayra rangaba, crucifixo, ou *imagem do filho do Deus*³⁹.

Tuparendaba, sacrário.

Muyracuruçá, rosário⁴⁰.

Yimboêçaba, reza, oração⁴¹.

21 – Os substantivos derivados de verbo se formam acrescentando ao infinitivo deste o sufixo **caba** ou **çaba**, **gaba**, **aba** ou **daba**, conforme o radical⁴². Assim, de **epiaca**, *ver*, se forma **epiacaba**, *a vista, a observação, o lugar de ver*; do infinitivo **cycá**, *tomar, colher*, se faz **cy-caba**, *a tomada, a colheita*; de **sô**, *ir*, se faz **çôaba**, *a ida*.

Outros exemplos:

Verbos

çoca, picar, pungir

jucá (ou melhor, **iucá**), matar

céna⁴³, pousar, estar sentado

Substantivos

çocaba, a picada, a punção

iucaçaba, a matança

cendaba ou **tendaba**, pouso, assento

38 **Tekó-aiba**, traduzido ao pé da letra é *mau costume, o mal-estar*; daí o *incômodo, a menstruação*. *Pecado* em tupi, entre outros, é **tekó-angaipaba**.

39 A tradução de *imagem do Filho de Deus* daria lugar a todo um capítulo. Rigosamente seria **Tupá ray raangaba**. Os padres, entretanto, para contornar o sentido herético, visto como **tayra**, (**rayra**) significa propriamente o *sêmen*, preferiram traduzir: **Tupá tay raangaba**, que altera o sentido para *imagem de Deus Filho*, ao invés de *imagem do Filho de Deus*.

40 **Muyra Kuruçá** é dicção do médio-tupi, tirado do *Dicionário Português e Brasileiro*. Em tupi temos **mboyra** – *conta, colar*. **Mboyra-kuruçá** é assim a *cruz das contas*. No guarani traduziram *rosário* por **nhemboehá** – *instrumento ou coisa com que se reza*. No tupi temos **mboy karaiba** – *contas bentas*.

41 **Yimboeçaba** é outra corruptela do *Dicionário Português e Brasileiro*, esse elo entre o tupi e o *nheengatu*. Teodoro Sampaio substituiu o **j** por **y**, na vã esperança de lhe restituir o cunho primitivo. É o vocábulo tupi **nhemboeçaba** – *aprendizagem, escola, catecismo*. No *nheengatu* temos **iumué**, **mbué** – *aprender, rezar*, nos quais reconhecemos o tupi **nhemboé** – *aprender*. Para *rezar* generalizou-se, no tupi, o termo **tupá-monghetá** – *orar a Deus*, enquanto no guarani preferiram **nhemboé**.

42 Os sufixos **kaba** e **gaba** não existem. Onde tais terminações aparecem nos substantivos derivados, as letras **k** e **g** pertencem ao radical.

43 A forma absoluta é **tena**, daí **endaba**, **tendaba** – *o lugar de estar, pouso*. **Sena** é o *pousar dele*. **Syka** não é *tomar, colher*, mas *chegar, esbarrar*, de onde **sykaba** – *chegada esbarradouro*.

é, dizer
túr, vir⁴⁴
papar⁴⁵, contar, calcular

tecó, estar
maenduar, lembrar, recordar

nhan, correr
meên, dar, oferecer
monhang, fazer, agir
soroc, rasgar, romper

Os substantivos derivados de um adjetivo seguem a mesma regra:

catu, bom
poxi, mau, feio
poran, belo, formoso
guaçu, grande
mirim, pequeno

eaba ou iaba, o dito, a dicção
tuçaba, a vinda, a ocasião de vir
papaçaba, a conta, o cálculo,
o número, a numeração
tecoaba, a estada, o lugar
maenduaba⁴⁶, a lembrança,
a recordação

nhandaba, a corrida, a carreira
meêngaba, a dádiva, a oferta
monhangaba, o feito, a ação
sorocaba, o rasgão, a ruptura⁴⁷
catúçaba, bondade
poxicaba, maldade, fealdade
porangaba, beleza, formosura
guaçuçaba, grandeza
miringaba, pequenez⁴⁸

22 - Quando o substantivo verbal exprime o que faz a ação, o autor, emprega-se depois do infinitivo do verbo o sufixo **ara** ou **çara**. Assim, por exemplo:

monhang, fazer

monhangara, o agente, o fautor,
o autor

caamondó, caçar
iucá, matar
mondá, furtar

caamondoçara, o caçador
iuçaçara, o matador
mondaçara, o ladrão⁴⁹

44 O absoluto é tura, ura.

45 Leia-se papara.

46 Maendûara é um nome: *lembrança, lembrado*. O substantivo abstrato dele derivado é *maendûaçaba*, que, segundo Anchieta, se contrai para *maendûaba*, do qual *manduaba* pode ser corruptela.

47 Em lugar de *nhan, neen, monhang sorok* leia-se: *nhana, meenga, monhang* e *soroka*, que são as verdadeiras formas infinitivas no tupi.

48 *Catuçaba* e *guaçuçaba* encontram-se no *Dicionário Português e Brasileiro*; *poxikaba* e *miringaba* são invenções infelizes. *Belo, formoso* é *poranga*, em tupi, e não *poran*.

49 *Ara* e *çara* são os sufixos principais, mas não os únicos da série. Há ainda: *gûara, para, bara, tara, dara*. Todos eles têm o mesmo sentido, mas o seu emprego obedece a regras bem definidas. Por *kaamondoçara*, do *Dicionário Português e Brasileiro*, o tupi tem *kaamondoara, kaabondoara*.

23 – Os substantivos compostos se formam por aglutinação de outros substantivos, de adjetivos e de verbos. Dessa forma, de **ara**, hora, tempo, e **rangaba**, sinal, figura, se fez **ararangaba**, relógio.

Outros exemplos:

| | | |
|------------------------|--|---|
| yby , terra | + adj. peba , chata, plana | – ybypeba , planície |
| yby , terra | + v. ryry , tremer | – ybyryry , terremoto |
| ybytyra , monte | + v. poca , partir, arrebentar | – ybytypoca , vulcão, cerro que se arrebenta ou se fende ⁵⁰ |

Com os vocábulos **reru**, **rendy** e **acema**, ou **acê**, se formam grande número de outros compostos, como se vê:

| | | |
|-----------------------|---|---|
| itaiuba , ouro | + reru , vaso, continente | – itaiubareru , tesouro |
| yacy , lua | + rendy , estar | – yacyrendy , luar |
| ira , mel | + acêma ou acê , fluir, correr | – iracema ou iracê , fluência de mel |
| pirá , peixe | + acema , sair | – piracema , cardume, bando de peixes ⁵¹ |

Na composição, quase sempre, o primeiro dos componentes se contrai:

| | | |
|--|---|--|
| aguará , o cachorro do mato, o cão montês | + nambi , orelha | – aguanambi (em vez de aguaranambi), orelha de cão |
| yaguara , a onça, o felino | + mimbaba , manso, domesticado | – yaguamimbaba (em vez de yaguaramimbaba), o cão, animal domesticado |

50 **Ryry** é corruptela nheengatu que também figura no *Dicionário Português e Brasileiro* por **ryryfa**. Para esse *tremer* encontramos no tupi **tumunga**.

51 O mesmo vale para **rerú**. Em tupi temos **urú**, que toma diversas formas, conforme explica Figueira, p. 79.

Itaiuba-rerú – *tesouro* – é tirado do *Dicionário Português e Brasileiro*; **yacy-rendy** (com i semivogal inicial), finalmente, é tupi de verdade, mas o segundo étimo nada tem que ver com **tena** – *estar*, aliás *estar imóvel*. O relativo **rendy**, de **endy tendy**, **sendy**, quer dizer *brilho*, *clarão*, daí **yacy-rendy** ou **yacy-endy** – *clarão da lua*, *luar*.

Acema ou **acê** são novos equívocos do autor. Existe no tupi a forma **sema** com o sentido de *sair*, *o sair*, *saindo*. **Iracema** seria assim *o sair do mel* e **piracema** – *o sair do peixe*. **Cardume de peixe** é **pirá-reyfa**. Veja a nota 27.

epiacaba, vista + **catu, bom, boa** – **epiacatu, boa vista**⁵²

24 – **Do gênero dos nomes** – São invariáveis na sua terminação, para os gêneros, os nomes tupis.

Quando, porém, se querem distinguir os sexos, antepõem-se ou pospõem-se aos substantivos os nomes: **apigaua^m**, macho, e **cunhã**, fêmea, dizendo-se, então, por exemplo:

| | |
|----------------------------------|---|
| yaguara-apygaua, cão | yaguara-cunhã, cadela |
| apygaua-monhangára, autor | cunhã-monhangára, autora ⁵³ . |

25 – **Do número** – Também não têm flexão para os números os nomes nesta língua. O mesmo nome, sob a mesma forma, pode estar no singular ou no plural, dependendo disso tão-somente do sentido da frase: **oca, a casa** ou **as casas**; **itá, a pedra** ou **as pedras**. Todavia, com o auxílio dos adjetivos **etá, muitos**, e **cuéra, que, além de antigo, significa repetido, reiterado, multiplicado**, se consegue fazer o plural dos nomes. Assim, por exemplo:

| <i>Singular</i> | <i>Plural</i> |
|--|---|
| paca, a paca | pacaetá, as pacas |
| guíratinga, a garça | guiratingaetá, as garças |
| itá, a pedra | itaquera, as pedras |
| curu, o fragmento, o pedacinho | curuéra, os fragmentos, os pedacinhos |
| tabatinga, a tabatinga | tabatinguéra, as tabatingas |
| boyá, o servo | boyéera, os servos |
| Abaretama, a terra do homem | Abaretamboéera, as terras do homem |

52 A vogal final de uma palavra oxítona pode se fundir, em compostos, com vogal inicial igual, mas nunca perder a sílaba tônica. *Orelha de guará é aguará-nambí* e nunca *aguanambí*, pelo menos em tupi.

De epiaka – ver e katú – bem é que se forma epiakatú – ver bem, o ver bem.

m Diz-se também por influência dialetal – **apyaba**.

53 **Apigaûa** é termo *nheengatu*, que o *Dicionário Português e Brasileiro* ainda desconhece. Corresponde-lhe, no tupi, **apyaba – índio, varão**. O autor vê influência dialetal na forma original e assim, pelo método de Barbosa Rodrigues, promove a primitivo o deturpado **apigaûa** do *nheengatu*. Para *macho* dizemos em tupi **akûaĩbae, (t-,r-,s-)**.

Sumé pipuérangaba, os sinais
dos pés de Sumé (**pi**, o pé;
pipuéra, os pés)⁵⁴

No geral, porém, os nomes tupis são invariáveis para o númeroⁿ.

26 – **Coletivos** – Os nomes coletivos se formam, no tupi, com o emprego de vários sufixos, como: **tyba**, **reiya**, **rendaba**.

a) O sufixo **tyba**, que a má pronúncia do y desdobrou em **tiba** ou **tuba**, exprime *abundância* e vale pelo sufixo português **al** ou **eiro**. Assim:

| <i>De</i> | <i>Faz-se</i> |
|-----------------------|-----------------------------|
| curi , pinhão | curityba , pinhal |
| itá , pedra | itatyba , pedregal |
| rery , ostra | rerytyba , ostreira |
| caapii , capim | caapityba , capinzal |

A corrupção de pronúncia tem dado **itatiba**; **capitiba** ou **capituba**; assim como **imbetuba** ou **imbetiba**; **araçatiba** ou **aracatuba**; **guaratiba** ou **guaratuba**.

b) O sufixo **reiya** exprime *multidão* e vale pelo sufixo português **ada**. Assim:

| <i>De</i> | <i>Faz-se</i> |
|---|--------------------------------|
| guirá , pássaro | guirareiya , passarada |
| tayaçu ou tanhaçu , porco | tayaçureiya , porcada |
| cabaru , cavalo | cabarureiya , cavalhada |

c) O sufixo **rendaba** exprime *coleção* e com ele se formam diversos substantivos. Por exemplo:

54 **Küera** é sufixo guarani e *nheengatu* desde o *Dicionário Português e Brasileiro*; em tupi não existe, nem para formar pretéritos, nem plurais. Em guarani o plural em **küera** deve decorrer do sentido de exclusão, que parece ter sido o primitivo. Fixou-se, entretanto, no guarani moderno, como sufixo pluralizante.

Será de ascendência guarani a tribo de D. Pinheiro Camarão, ou haverá engano na citação?

Os plurais de **paka** e **gûyratinga** são respectivamente **pak-etá** e **gûyrating-etá**. Para *sinais dos pés*, isto é, *as pegadas*, temos em tupi **mbypora**, **pypora**, que dispensa essa estranha composição, certamente originada por erros de cópia e interpretação. Nunca vimos esse **pipuérangaba** em qualquer outro autor.

n No guarani antigo, segundo o Pe. Restivo, podia-se formar o plural dos nomes com os sufixos **guéra**, **cuéra**, **gué**, **cué**. No tupi antigo (1645), dava-se o mesmo, como se vê de uma carta de D. Diogo Pinheiro Camarão, um dos Potis, onde se lê a expressão: . . . **Christan-gué**, como plural de **cristão**. Com esses sufixos temos: **mocangué**, *os moquéns*; **piracué**, *os peixes*; **pocué**, *asmãos*; **ybirá**, *a madeira*, **ybiracué**, *as madeiras*.

| | |
|-----------------------|--|
| <i>De</i> | <i>Faz-se</i> |
| potyra, flor | potyrendaba, jardim, coleção de flores |
| camoci, pote, cântaro | camocirendaba, cantareira |
| libru ou ribru, livro | librurendaba, biblioteca ⁵⁵ |

27 – O grau – O grau aumentativo no tupi se forma com a posposição ao nome, no grau positivo de algum dos termos: guaçu ou açu, etê ou têy. Por exemplo:

| | |
|-------------------|-------------------------------|
| <i>Positivo</i> | <i>Aumentativo</i> |
| pará, rio | paraguaçu, rio caudal, grande |
| yaguara, cachorro | yagueretê, cachorrão, onça |
| tamandúá, tamandú | tamanduatêy, tamandú grande |

O aumentativo, no tupi, é ainda suscetível de aumento, pela repetição do sufixo, como por exemplo: caaêê, *mato virgem, matão, caaêê-êê*, que se contrai em caetetê, *o matão multiplicado, grandíssimo*.

A repetição de nomes para exprimir *abundância*, por frequência ou multiplicação, equivalendo a aumentativo, é um recurso gracioso e elegante dessa língua. Exs.: *piri-piri, junca grande, extenso; çoohu, animal que morde, çoohú-hu, animal que morde muito*. Os mesmos nomes coletivos tomam aumentativo com a repetição do sufixo. Exs.: *caatyba, floresta, mato abundante, caatyba-tyba, mato abundante contínuado, ou multiplicado*⁵⁶.

28 – O grau diminutivo se forma com a posposição, ao positivo dos vocábulos, de mirim ou mini, *pequeno*, ou simplesmente da partícula y ou im, como, por exemplo:

- 55 *Reyia e rendaba* são as chamadas formas relativas de: *teyta seyta – multidão e tendaba, sendaba – o lugar de estar, pouso*: porém, *tendaba* não é propriamente um coletivo. O sufixo *tuba* é uma forma de *tyba*, não pela má pronúncia, mas porque é relativamente comum, em tupi, a troca de y por u. *Kuriy* e não *kurf* é a designação do *pinhão*, em guarani. Os Tupis, em cujas paragens não existiam araucárias, diziam *pinhã*, adotando o termo português. *Potyra* é corruptela *nheengatu* de *ypotira – flor*, em tupi. Veja a nota 25.
- 56 Houve aí pequena confusão do autor. O aumentativo dos substantivos forma-se efetivamente por meio dos adjetivos: *gûaçú, uçú, etê* e também *katú*, que deixou de mencionar. *Açú*, termo guarani e *nheengatu*, só em raríssimos casos era usado no tupi, onde *gûaçú* se pospõe aos nomes oxítonos e *uçú* aos paroxítonos. *Etê* nem sempre quer dizer grande. *Tabeté* significa *aldeia grande*, enquanto *iaçúaretê* é *onça verdadeira* ou *pinhada*. *Etê* e *katú* empregam-se mais para formar o superlativo dos adjetivos. Quanto a *soohú-hu* e *kaatyba-tyba*, falece-nos ânimo e competência para os analisar.

Positivo

itá, pedra
pirá, peixe
abá, homem

Diminutivo

itamirim/itaim/itay, pedrinha
pirahim/piray, peixinho
abay/abaim, homenzinho⁵⁷

O diminutivo no feminino se forma com a posposição do vocábulo **tahim, tay, ou tem**, como: de **cunhá, mulher, cunhá-tahim** ou **cunhá-tem, menina**⁵⁸.

29 – **Da distinção dos casos** – A distinção dos casos se faz, no tupi, por meio de preposições que são em verdade posposições, porque sempre se empregam depois dos nomes a que regem.

No **nominativo**, o vocábulo tupi se apresenta sem artigo, que, nesta língua, não há, sem preposição, ou só ou acompanhado de adjetivo e – é o agente na oração. Exs.: **curumí, o menino** ou **os meninos**; **pirá, o peixe** ou **os peixes**; **pirá guaçu, o peixe grande** ou **os peixes grandes**.

O **genitivo** se exprime por meio da aglutinação ou reunião dos substantivos, de modo que aquele que estiver em primeiro lugar fica sendo genitivo, isto é, toma o primeiro lugar o possuidor e o segundo o possuído. Exs.: **Tupácy, a mãe de Deus** (o nome **Tupá** é o genitivo ou o possuidor; **cy, mãe**, é o possuído); **guirapepô, a asa do pássaro**.

A matéria de que uma coisa é feita se exprime por essa mesma forma do genitivo. Exs.: **itaóca, casa de pedra**; **imiracuruçá, cruz de madeira**⁵⁹.

O genitivo da coisa pertencente se forma com o emprego das preposições, **pe, rehe, guara**, invertida, porém, a ordem dos substantivos. Exs.: **ybake mbaê, as coisas do céu**; mas, para se dizer **das coisas do céu**, se disporá a frase de outro modo: **mbaê ybake guara**, ou **mbaê ybag rehe guara**⁶⁰.

57 O autor grafa af os termos tupis à portuguesa. **Miri, i, l** é que deve ser. Ainda há outros diminutivos, mas y não está entre eles.

58 Num equívoco algo surpreendente incorreu o autor com o seu *diminutivo feminino*, quando pouco antes afirma não haver distinção de gênero. **Tái** ou **tái** é *tenrozinho*, donde **cunhátái** – *mulher tenrazinha* – *menina*.

59 Leia-se **gûyrá-pepô** e **ybyrá-kuruçá**, que são os termos tupis corretos.

60 Este trecho nos mostra exuberantemente os grandes inconvenientes de não se distinguirem os dialetos por denominações privativas.

Pe existe no tupi e no guarani; **rehe**, entretanto, é a forma guarani do tupi **recé**. Em **mbaê ybag rehe gûara**, as palavras são guaranis, mas não o é a construção. Correto seria: **ybagarigûara, mbaê ybápegûara** etc. – *as (das) coisas do céu*. No tupi a expressão mais comum é **mbaê ybakê pe ndûara** e no **nheengatu** **maá ybaka pe ûara**. Como vemos, há semelhança, mas não igualdade.

O **dativo** se exprime com as preposições **upê** ou **çupê**, e também a preposição **pe**, modificada, às vezes, em **be**. **Abaré-upê** ou **abaré-çupê**, *ao padre*; **yaguarybe** (**yáguar-y-pe**), *no rio da onça* ou *ao rio da onça*. Do mesmo modo o nome **yaguarybe** (**yaguar-y-be**), que tem o mesmo significado.

O dativo dos pronomes pessoais, como o do indefinido **acê**, se forma com as preposições **be** ou **bo**; assim: **ixébe**, *a mim*; **ndébe** ou **ndébo**, *a ti*; **orébe** ou **orébo**, *a nós outros*; **iandébe** ou **iandébo**, *a nós todos*; **peême** ou **peêmo**, *a vós outros*. O pronome da terceira pessoa, fora do nominativo, é **y**; no dativo, *dir-se-á y çupê*; *a ele, a ela, a eles, a elas, lhe, lhes*. O indefinido **açê** faz o dativo **acébe** ou **acébo**⁶¹.

O **acusativo** aparece, no tupi, junto ao verbo, anteposto ou postposto: **amonhan oca**, *eu faço a casa*, podendo-se dizer também **oca amonhan**. Com os verbos de movimento se empregam as preposições **pyri**, **pe**, **rupi**, **bo**. Para se ir ter com alguém, a um lugar e por certo caminho, o nome da *persona* recebe a preposição **pyri**, que vale por **ad** no latim; o do *lugar* recebe a preposição **pe**, que é o mesmo que **ad**; e o do *caminho* recebe a preposição **rupi**, que vale por **per**. Exemplos⁶²:

Açô xe ruba pyri, mairy pe, nhu rupi⁶³.

Vou ter com meu pai, à cidade, indo pelo campo.

A preposição **bo** exprime *movimento por onde*; rege acusativo e vale pelo **per** do latim. Exemplos:

Açô caábo, *eu vou pelos matos* ou *pelos montes*.

Oúr apébo, *ele vem pelos caminhos*.

O **vocativo**, pelo modo como se forma no tupi, é uma das originalidades desta língua. O vocativo se exprime sempre de acordo com o sexo

61 **Upê** por **supê** com substantivos não é tupi. O último parágrafo está de acordo com a lição do Pe. Figueira, à exceção do que diz respeito ao pronome da terceira pessoa *fora do nominativo*; cujo sentido nos escapa.

O pronome pessoal da terceira pessoa é **i** (e não **y**), que é substituído com as palavras de forma relativa especial por **t** ou **s**. *A ele* se traduz em tupi por **i xupé** e nunca por **i supé**.

62 *Fazer*, em tupi é **monhanga** e, ao invés de *eu faço*, diziam os Tupis *eu o faço* – **ai monhang**:

Fazer casa diz-se melhor pelo verbo concretizado **oka-monhanga** na forma apocopada **O'-monhanga**. Assim: **a o'-monhanga** ou **ai o'-monhang** – *eu faço (fiz) casa (para mim)*. Se for para outrem, *dir-se-á a so'-monhang* – *eu faço (fiz) a casa dele(s)*.

63 Vem aí citada uma frase de Figueira, onde **ko** – *roça* foi substituída por **mairy**. O enxerto, como na maioria dos casos, é questionável. **Mairy** é o termo *nheengatu* para cidade, ao qual correspondem no tupi **tab-uçú** e **tab-eté**.

do indivíduo que chama. Os *homens* empregam para isso o sufixo **gué** ou **guf** e as *mulheres* **iú** ou **ió**. Exs.: **Abarégué!** *ó padre!* **Abareiú!** *ó padre!* a primeira forma para homens, isto é, usada por pessoas do sexo masculino; a segunda é só usada por mulheres: assim, pela forma do vocativo se verifica o sexo de quem chama.

O vocativo nos nomes terminados por vogal, com sílaba predominante na penúltima, se forma eliminando a vogal; assim, o vocativo de **Tuxaba** é **Tuxáb!** *ó chefe!*

O **ablativo** se exprime com a preposição **çui**, que vale por **ex** ou **de**, do latim. **Our mairy çuf**, *ele vem da cidade*. Muitas outras preposições concorrem para a formação do ablativo. Exs.: **curumí irúnamo** ou **curumí irúmo**, *com o menino*.

O ablativo para exprimir a matéria de que uma coisa é feita se faz do mesmo modo que com o genitivo da coisa pertencente. Ex.: **mbaé iratí reheguara**, *coisa feita de cera*⁶⁴.

DO ADJETIVO

30 – **Do adjetivo qualificativo** – Os adjetivos se pospõem aos substantivos e se declinam como eles, com as mesmas partículas; são invariáveis no gênero e no número. Exemplos:

poranga ou **porá**, belo, formoso, bonito

catu, bom, boa

nharô, bravo, feroz

tinga, **tín**, **pitinga**, branco, alvo

berába ou **berá**, brilhante, cristalino, claro

morotinga ou **morotín**, feito branco, branqueado, alvejado

una, **un**, **û**, pixuna, negro, preto, escuro

piranga, **pirá**, **pitanga**, **pitá**, vermelho

oby ou **obim**, verde

yuba, amarelo

64 Toda esta página está irrepreensível, porque reproduz os ensinamentos do Pe. Figueira. Porém, no fim se intromete uma citação em guarani: “**mbaé iraití rehegûara**”, que tomamos a liberdade de corrigir para: “**mbaé iraity rehegûara**”. Em tupi a construção corrente difere da guarani em mais de um ponto: **mbaé iraity suí imonhanghẽmyra**. O termo guarani **ehegûara** (**rehegûara**) tem, no tupi, três formas: **esé-ixûara**, **esé-ndûara** e **esé-indûara**. E, ainda há quem sustenta que tupi e guarani se confundem, só porque há vocábulos iguais.

çugui, azul

pixuna cerane, roxo⁶⁵.

Na frase tupi, o adjetivo qualificativo se põe sempre depois do nome substantivo. Exemplos:

itá poranga, pedra bonita

abá una, homem preto

guirá tinga, pássaro branco, a garça

itá moroti, pedras branqueadas

y pitá ou y pitanga ou y piranga, água vermelha

caá oby, folha verde.

31 – Os adjetivos, que se derivam de substantivos, formam-se com os sufixos *oera* e *rapixara*, como, por exemplo: de *pereba*, *sarna*, *perebaóera*, *sarmento*; de *cunhá*, *mulher*, *cunhárapixára*, *mulherengo*, *efeminado*⁶⁶.

32 – Os adjetivos, que se formam de outros adjetivos, têm por sufixos *oera* e *cerane*. Exs.: de *puxi*, *mau*, *puxioera*, *malvado*, *perverso*; *pitinga*, *branco*, *pitingacerane*, *esbranquiçado*; *pixunacerane*, *roxo* ou *anegrado*; *pitangacerane*, *avermelhado*⁶⁷.

65 *Berá*, *moroti*, *un*, *pirá*, *pitá* são formas abreviadas, que só aparecem, no tupi, em composições, por: *beraba*, *morotinga*, *una*, *piranga*, *pitanga*. *Porá* é guarani; em tupi é *poranga*, que se apocopa em *porang*. *Sugûy* – *azul*, *pixuna* – *preto* e *pixuna-cerane* – *roxo* estão no *Dicionário Português e Brasileiro*; são corruptelas que passaram para o nheengatu. Em tupi temos: *oby* – *azul*, *pytuna* – *escuro*. *Serane* – *quase*, é de uso corrente no nheengatu para indicar a *semelhança*, como em *pixuna-serane* – *roxo*, literalmente: *quase preto, tirante a preto*. Em tupi *será* ou *serâne* aparece com o sentido de *porventura*, *acaso*. A forma guarani *herá* – *um pouco, algum tanto*, aproxima-se mais do nheengatu, no que concerne ao sentido. Em qualquer dos casos é advérbio e não sufixo.

Pixuna – *preto, escuro*, evoluiu de *pytuna* – *noite*, em tupi, onde preto normal é *una* (*suná, runá*). *Pitinga* – *branco* – é termo nheengatu.

66 *Oera* (*ôera*) leva-nos mais uma vez ao domínio de nheengatu, com que Teodoro Sampaio se familiarizou melhor.

Diz Tastevin que *ôera* nada mais é do que alteração de *ôara* – *o que*. Mas, como em nheengatu se passam muitas coisas imprevisíveis, lembraremos que no tupi existe o sufixo verbal *sôera* (*xôera, ndôera*), que traduz *a índole, o pendor, o costume*.

Sapixara e *rapixara* aparecem tanto no nheengatu moderno como no mais antigo do *Dicionário Português e Brasileiro*. Ambos são tupis na forma: *apixara*, *tapixara* – *o semelhante, o próximo*; *rapixara* (rel.), *sapixara* – *o próximo dele* – também não é sufixo.

67 A *serâne* já nos referimos na nota 65.

33 – Os adjetivos derivados de verbos, os participios passados se formam com o sufixo **pyra**, como: de **yucá**, *matar*, **yucapyra**, *morto*; **çaiçu**, *amar*, **çaiçupyra**, *amado*⁶⁸.

34 – Formam-se ainda adjetivos com os sufixos **ima** ou **eíma**, como: de **ceçá**, *olho*, **ceçalma**, *cego*; **nheenga**, *fala*, **nheengaeíma**, *mudo*; **rera**, *nome*, **reraeíma**, *pagão*; **paya**, *pai*; **payaeíma**, *órfão*⁶⁹.

35 – **Do grau dos adjetivos** – O grau dos adjetivos se exprime com o emprego dos sufixos **peure** para o comparativo e **êtê** para o superlativo. Exemplos:

| | | |
|------------------------|----------------------------|---------------------------|
| catu , bom | catupeure , melhor | catuêtê , ótimo |
| turuçu , grande | turuçupeure , maior | turuçuetê , máximo |

Nas frases comparativas, no tupi do Brasil, se empregam as preposições **çui** ou **çocê** depois do último termo da comparação. No tupi do Sul, ou guarani, se emprega a preposição **gui** ou **hegui**. Ex.: *Eu sou melhor do que tu*. No tupi do Brasil se dirá: **xe catupêure ndê çuí**; no guarani se dirá: **xe catubê ndehogui**, ou simplesmente **xe catu ndehogui**. Outro exemplo: *A mata está mais alta do que a pedra*. No tupi se dirá: **caá turuçupeure itaçocê**; no guarani, **caá turuçubê itahegui**, ou simplesmente **caá catu itahegui**.

O superlativo se forma ainda com o acrescentarem-se ao positivo os advérbios **êtê**, **etéy**, **matetê**, **tei**, **tecatu** e outros. Ex.: *O valorosíssimo Poti*, **Poti apiaoçu matetê** ou **apiaoçuetê**.

Com os superlativos também se formam comparativos, bastando para isso empregar-se no último termo a preposição **gui**, no guarani,

68 **Saiçú** é forma *nheengatu*; em tupi, *amar* é **auçuba**; **sauçuba** – *amá-lo*. *O morto* é **íukapyra** e o *amado* – **sauçuběpyra**.

69 Como em alguns parágrafos anteriores deste capítulo, também aqui pouco há que mereça o nome de tupi. Tudo que o autor aduz é tirado do *nheengatu*.

Em tupi, *nome* é **era**, *tera*, **pai** – **uba**, **tuba**; *não*, **sem** – **eyma**; **tub-eyma** – *órfão de pai*; **mudo** – **nheengu**.

Para *cego* existem diversos termos descritivos, tão comuns nas línguas concretizantes da América. **Reraeíma** – *pagão* – corresponde lexicologicamente ao tupi **sereyima** – *o sem nome*, o *anônimo*.

Para *pagão* adotaram os jesuítas dicção similar: **serokěpyr-eyma** *o que não está de nome tomado*; de *sera* – *o nome dele*, **okěpyra** – *tomado*, **eyma** – *não*. Alude-se af ao nome de batismo, que distinguia os cristãos dos não batizados.

e **çuí** ou **çocê**, no tupi. Ex.: **caá turuçuêê itaheguí**; ou **caá turuçuêê itaçocê**⁷⁰.

36 – Os adjetivos determinativos são somente os numerais ou quantitativos, os possessivos, os demonstrativos e os indefinidos.

Não há artigos no tupi.

36A – Os numerais. – Os numerais ou quantitativos raro excediam de quatro ou cinco entre os selvagens; mas, com o contato civilizador dos europeus, entre os catecúmenos e cristãos, a numeração decimal se desenvolveu. Primitivamente só havia:

| | |
|-------------|----------------|
| yepê, um | moçapira, três |
| mocõe, dois | irundi, quatro |

Mais tarde, porém, a numeração subiu e se acrescentaram, então:

| | |
|---------------|--------------|
| uaxiny, cinco | oicé, oito |
| moçuny, seis | oicépê, nove |
| ceyé, sete | peyé, dezo |

Daf por diante formaram-se os vocábulos para designar os números segundo o processo decimal:

| | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| peyé-yepê, onze | yepê-papaçaua, cem |
| peyé-mocõe, doze | mocõe-papaçaua, duzentos |
| peyé-moçapira, treze | peyé-papaçaua, mil |
| mocõe-peyé, vinte | mocõe-peyé-papaçaua, dois mil |
| mocõe-peyé-yepê, vinte e um | peyé-peyé-papaçaua, dez mil |

70 Ao tratar do grau dos adjetivos, o autor procura dar uma idéia das divergências que se notam na sua formação de um dialeto para outro. Não sendo, porém, bom conhecedor do assunto, só consegue semear dúvidas e juntar novos erros aos que por af já se atropelavam.

O primeiro parágrafo se refere ao nheengatu. O interessante é que das variações vocabulares para *mais* nesse dialeto: **pyrl**, **pyry**, **pyre**, **puere** e **peure**, escolheu **peure** justamente a que menos se parece com o termo tupi que lhe deu origem: **pyryb** – *algo mais*.

Turuçu é tupi e nheengatu, mas não existe no guarani. As duas locuções: **kaá turuçubé itaheguí** e **kaá katú itaheguí** não são guaranis, nem coisa alguma.

Kaá turuçu peure itaçocê é apenas nheengatu. Em **Poti apyá oçú mateté**, o autor não hesitou em misturar guarani com a algaravia do *Dicionário Português e Brasileiro*. Será isso tupi?

o No tupi do Brasil, diz-se **yepê** ou **iepé** para exprimir *um*; no guarani é mais usado **petei** ou **nhepetei**, que quer dizer *ele por si só* (.). **Mocõi**, *dois*, é o mesmo que **mbo-cõe**, e significa *faz par* (.). **Moçapir** ou **moçapyt**, *três*, derivado de **mbo çapir** que quer dizer *paz ponta* (.). **Irundi monherundy**, que significa *ajuntar pares* (:). **Acêpó**, a mão de gente, exprime *cinco*. O Pe. Figueira diz **ambó**, significando a mão que tem cinco dedos; e **xepó xepyg**, meus pés e mãos, para exprimir *vinte*; **opacombó**, *dez*, ou ambas as mãos.

mocõe-peyé-mocõe, vinte e dois **peyé-papaçaua-yepê-papaçaua**,
moçapira-peyé, trinta um milhão⁷¹
irundi-peyé, quarenta

37 – **Os ordinais** – Os ordinais formam-se com o sufixo **uara**:
yepérum-ara, o primeiro **peyéuara**, o décimo
mocõiuara, o segundo **peyéuara-yepê**, o undécimo
moçapirauara, o terceiro

O Pe. Figueira dá **imocõia**, o segundo; **imoçapyra**, o terceiro; o Pe. Montoya, porém, dá **imocõibaê**, o segundo, e **imombohapi**, o terceiro⁷².

38 – **Os numerais distributivos** – O numeral distributivo forma-se repetindo o cardinal: **yepê-yepê**, um a um; **mocõe-mocõe**, dois a dois⁷³.

39 – **Os adjetivos demonstrativos** – Os adjetivos demonstrativos são **ahé**, este; **aõa**, estes; **icó**, **có**, este, servindo para os dois sexos. Ex.: **Co ara**, este tempo⁷⁴.

71 Em tupi há quatro numerais cardinais: **oépé** – um, **mokõl** – dois, **moçapyr** (**moçapyt**) – três, **oloirundyk** (**monherundyk**) – quatro. – Figueira ainda lhes adiciona **ambó** – (mão) = cinco (dedos), **opá ko mbo** – (todas estas mãos) = dez (dedos) e **xe po xe py** – (minhas mãos e meus pés) = vinte (dedos). As denominações indígenas para os números além de quatro são neologismos criados pela civilização e só se usam no nheengatu. Mesmo no guarani moderno nada se criou no gênero, continuando em uso os numerais castelhanos.

72 Os números ordinais tupis se restringem a **i fypy** (**i jypy**) – (o princípio) = o primeiro, **i mokõia** – o segundo, **i moçapyra** – o terceiro. O padre Bettendorff cita as variações: **i momokõidaba** – o segundo, **i momboçapyçaba** – o terceiro, **i monherundyçaba** – o quarto. – Daí por diante forma hibridismos: **i mocinçoçaba** – o quinto, etc. lançando mão dos numerais portugueses.

As formas em **ûara**, um sufixo nheengatu, referem-se, por isso mesmo, exclusivamente a esse dialeto moderno. Teodoro Sampaio misturou af vários dialetos.

O início deste parágrafo refere-se ao nheengatu, mas nem todos os autores são acordes. Tastevin diz **lepeûara** e **lupyrungara** para primeiro.

73 É a lição de Couto de Magalhães e outros para o nheengatu. No tupi, **um a um** se traduz por **oépêumbé**, ou por **oépé-lepé**; **dois a dois** por **mokõ-mokõl**.

74 Os velhos gramáticos do tupi pouco nos dizem sobre os demonstrativos e Teodoro Sampaio respigou apenas três. Entretanto, a série é das mais alentadas e de sutilíssimas distinções entre: **o sabido e o ignorado**, **o presente e o ausente**, **o visível e o invisível**.

Por que será que o autor abandonou neste parágrafo as formas nheengatus, citando as tupis?

40 – Os adjetivos possessivos são:

| | |
|---|--|
| che ou xe , meu, minha (para ambos os números) | ianê ou orê , nosso, nossa |
| ndê , teu, tua | penhê , pê , vosso, v ^õ ssa |
| i , seu, sua | i , seu, deles, delas ⁷⁵ |

41 – Os adjetivos indefinidos são: **yepê**, *um certo*; **amô** ou **amu**, *algum, alguma, outro, outra*; **cetê**, *muito, muita*; **auá** ou **abá**, *qual*; **moby**, *quanto, quanta*⁷⁶.

DO PRONOME

42 – Os pronomes pessoais e possessivos. Os pronomes pessoais são:

| <i>Singular</i> | <i>Plural</i> |
|--|-------------------------------------|
| ichê , chê ou xê , eu | ianê ou orê , nós |
| ndê ou inê , tu | penhê ou pê , vós |
| i , ele, ela | i , eles, elas ⁷⁷ |

Quanto às variações dos casos dos pronomes, além das de que tratamos no § 29, há as seguintes: **xearama** ou **chearama**, *a mim* ou *para mim*; **xeirúmo**, *comigo*; **ndearama**, *a ti* ou *para ti*; **ndeirúmo**, *contigo*; **iandearama**, *a nós* ou *para nós*; **iandê-irumo**, *conosco*, e assim os mais⁷⁸.

- 75 Também aqui o *Resumo* prefere visivelmente os termos tupis, mas, por descuido, intrometeram-se dois modernos **ianê** e **penhê**, que, em tupi, sempre se enunciam por **ianê** e **pe**, **peê**. Como possessivos da terceira pessoa devem ser mencionados **t** e **s** que, em certos casos, substituem o **i**.
- 76 No parágrafo dos adjetivos indefinidos não foi feliz. **Amú**, **setê**, **lepê**, **atã** não são formas tupis. Ainda mesmo em **nheengatu**, **setê** é apenas advérbio; o adjetivo correspondente é **setá**.
- 77 **Inê** – *tu* e **penhê** – *vós* são formas **nheengatus**. Este último é propriamente o pronome pessoal **pe** combinado com a partícula **nhe**.
- 78 **Arama** não existe no tupi como posição, é termo **nheengatu**, que já ocorre no *Dicionário Português e Brasileiro*. Em lugar de **irumo** o tupi prefere **irúnamo** com os pronomes pessoais: **nde irúnamo**. *Pronome possessivo* é uma deturpação por influência portuguesa. Em tupi só existe *adjetivo* possessivo, por ser obrigatória a repetição do substantivo. As formas pluralizadas aproximam o **nheengatu** ainda mais da feição portuguesa. Em tupi não existem.

Os pronomes possessivos são como os pessoais e podem tomar o plural.

Singular

xê ou chê, o meu

ndê, o teu

Plural

xeretá, os meus

ndêtá, os teus

íandetá, os nossos

pendetá, os vossos

iaetá, os deles.

43 — Os pronomes demonstrativos — Os pronomes demonstrativos são como os adjetivos da mesma classe: **ahê**, *este*; **aõa**, *estes*; **aéaé**, *aébaé*, *esse mesmo*, *esse*⁷⁹.

44 — Um dos caracteres morfológicos mais salientes do tupi é a divisão, em duas classes, dos temas, quanto ao modo de exprimir as relações de possessão e do genitivo, como passamos a expor:

Na **primeira classe**, as relações de mim, de ti, de nós todos, de nós outros exprimem-se pospondo aos pronomes pessoais regidos o tema regente, afetado dos prefixos **r**, **re**. Seja, por exemplo, o tema **t-etama**, no estado absoluto ou de não-possessão; aplicando-lhe, porém, as relações, temos: **cê-r'etama**, *minha pátria*; **nê-r'etama**, *tua pátria*, ou *pátria de ti*; **ianê-r'etama**, *a pátria de nós todos*.

A relação **dele**, **dela** exprime-se pela prefixação de **c** ou **ce**, dizendo-se **c'etama**, *a pátria dele ou dela*.

Exprime-se a relação do **genitivo** pospondo ao tema regido o tema regente, afetado dos prefixos **r** ou **re**, com: **abá r'etama**, *a pátria do homem*; **Tupana r'oca**, *a casa de Deus*.

A relação de **vós** exprime-se pospondo ao pronome pessoal regido o tema regente afetado dos prefixos **nd**, **nde**. Ex.: **pê nd'etama**, *a pátria de vós outros*⁸⁰.

Na **segunda classe**, as relações *de mim*, *de ti*, *de nós todos*, *de nós outros*, *de vós* se exprimem pospondo simplesmente o tema regente aos

79 Também esta lista está muito incompleta.

80 Substituam-se as expressões nheengatus pelas correspondentes em tupi: **xe retama** — *minha pátria*, **ndê retama** — *tua pátria*, **tupã-roka**, **tupan-oka** — *igreja*. Não pudemos descobrir em que fonte o autor foi buscar **pe ndetama** — *vossa pátria*, que, em nheengatu se traduz por **pé** ou **penhé** **retama** e, em tupi, por **pê retama**. Só em guaraní encontramos uma aproximação em **pendé retã** — *vossa pátria*. Nessa classe especial, apenas no nheengatu o possessivo *se* = *dele* sempre se traduz pela partícula **s** (ç). Em tupi (e em guaraní) temos toda uma série em que esse sentido cabe à partícula **t**: **tuba** — *o pai dele*, **tayra** — *o filho dele*, etc.

pronomes regidos: **ce'tama**, a pátria de mim, ou minha pátria; **enê curu-çá**, a cruz de ti.

A relação do **genitivo** exprime-se com a simples posposição do tema regente ao tema regido. Exs.: **guirá-tim**, o bico do pássaro; **pirá-ácanga**, a cabeça do peixe; **abá-nheen**, a língua da gente.

A relação **dele**, **dela** exprime-se pela prefixação de **i** ao tema. Exs.: **i-anama**, os parentes dele, **i-kicê**, a faca dele, ou sua faca⁸¹.

45 – O pronome relativo é **uaá**, *que, o qual, os que, os quais, as quais*, pronome que sempre se coloca no fim da frase a que pertence. Ex.: *a mulher que é bonita*. No tupi a frase ficará assim disposta: *mulher bonita que*, e se diz: **cunhã poranga uaá**⁸².

46 – Os pronomes interrogativos são: **auá**, *quem, qual, que coisa*; **auá-uaá**, *quem, qual deles, quais*; **maá**, *que, qual, quais, que coisa*; **maá-táa**, *que, a que*⁸³.

47 – Os pronomes indefinidos são: **auá-amô**, *alguém*; **nitio auá**, *ninguém*; **opabinhê**, *tudo*; **nitio-mbaê**, *nada*⁸⁴.

DO VERBO

O verbo, no tupi, não se conjuga, como no português e no latim, por modificações na terminação, mas por anteposição de partículas. No português, por exemplo, se diz: **mat-o**, **mat-as**, **mat-a**, **mat-amos**, **mat-aes**, **mat-am**. No tupi, ao contrário, como, por exemplo, no verbo

81 Nesta segunda classe, a regular, os substantivos conservam-se invariáveis. **Se-tama** – *minha pátria*, intrometeu-se aí por engano, pois **tetama** – *pátria*, pertence à primeira e, como vimos, *minha pátria* é **se retama** em nheengatu e **xe retama** em tupi. – **Ené** é **nde** em tupi. **Abá-nheê** é guarani por **abá-nheenga** em tupi.

82 O pronome relativo **uaá** (**uahá**), do nheengatu corresponde ao tupi **bae**; ambos são mais exatamente pronomes relativos. – **kunhã poranga uaá** – *a mulher que é bonita*, em nheengatu, transforma-se em tupi para **kunhã i porangèbae**.

83 Substituamos os pronomes interrogativos nheengatus do autor pelos mais usuais em tupi: **abá-pe?** – *quem?* **mbaé-pé?** – *que?* **umãbae-pe?** – *qual (destes)?*

84 Em tupi, *alguém* é **amó-abá** ou **abá-amó**; *ninguém*, **nada** – **aan**, **aani**; *tudo*, **todos** – **pa**, **pab**, **opa**, **opab**, etc.

jucá, *matar*: **a-jucá**, **re-jucá**, **o-jucá**, **ya-jucá**, **pe-jucá**, **o-jucá** e então se conjugam com os pronomes⁸⁵:

| | |
|-------------|-------------------------------------|
| Eu mato | chê ajucá |
| Tu matas | ndê rejucá |
| Ele mata | i ojucá ou ahé ojucá |
| Nós matamos | ianê yajucá |
| Vós matais | penhê pejucá |
| Eles matam | i ojucá ou aetá ojucá |

Há, no tupi, verbos *ativos*, *passivos*, *neutros* e *absolutos*. Todos têm as suas formas negativas e se conjugam como acima vimos, por meio de partículas que se lhes antepõem, sendo para as três pessoas do singular: **a**, **ere** ou **re**, **o**; para as do plural: **oró** ou **ia**, **pe**, **o**. Com tais partículas se conjugam os verbos, dispensando-se até os pronomes pessoais⁸⁶.

No geral, a voz nua dos verbos é sempre a mesma ao exprimir os diversos tempos, *presente*, *pretérito imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*, coligindo-se somente dos antecedentes ou do sentido da frase o tempo em que se fala.

Assim, por exemplo:

Ajucá: mato, matava, matei, matara (tinha morto).

Erejucá: matas, matavas, mataste, mataras.

Ojucá: mata, matava, matou, matara.

Yajucá: nós (incluindo com quem se fala) matamos, matávamos, etc.

85 Couto de Magalhães, que inspirou este parágrafo foi mais explícito, mas não o bastante para lhe entenderem claramente o sentido. As partículas, que, no tupi, precedem a maioria dos modos, são verdadeiros *pronomes verbais* e, nisso, correspondem às desinências dos verbos nas línguas indoeuropéias, cujo caráter primitivo também foi pronominal, ainda que variassem de acordo com os tempos e as conjugações. Couto de Magalhães afirmou ainda que Anchieta e Figueira não compreenderam o cunho pessoal dessas partículas e nisso enganou-se redondamente. Anchieta à fl. 20 e 20 verso é muito claro a respeito e a denominação de *artigo* que lhes deu, apenas visa evitar confusão entre as formas pronominais absolutas e as verbais.

86 Essa forma **ixé** a **luká** só se usa na linguagem enfática. Os chamados pronomes **aetá**, **penhê**, **ianê** são termos *nheengatus*. O final, dispensando-se até os pronomes pessoais, mostra que o autor não se havia compenetrado da verdadeira função das partículas pronominais. No *mais*, *ateve-se*, *para* a conjugação, à gramática do Pe. Figueira, cujo paradigma verbal compara, ocasionalmente, com o guarani e o *nheengatu*. No capítulo do *Verbo*, o que o autor chama tupi é de fato, o nosso tupi, a língua geral de Anchieta a Bettendorff. É a única parte bem lançada, ainda que resumida; dando a palavra ao mestre, evitou que se lhe misturassem guarani e *nheengatu*.

Orojucá: nós (excluindo com quem se fala) matamos, matávamos, etc.

Pejucá: matais, matáveis, matastes, etc.

Ojucá: matam, matavam, etc.

49 – Para firmeza do sentido, quanto ao tempo do verbo, na incerteza de coligi-lo dos antecedentes da frase, empregam-se, então, certas partículas e advérbios que tudo esclarecem:

O *pretérito imperfeito* do indicativo, no tupi, se nota com a partícula **aéreme**, posposta ao verbo no presente; assim, por exemplo: **Ajucá**, *eu mato*; **Ajucá-aéreme**, *eu matava*. No guarani, a notação se faz com a partícula **binhã** ou **biá** e se diz: **Ajucabinhã**, *eu matava*. No tupi do Amazonas, se emprega o advérbio **yepê**, e se diz: **Ajucayepê**, *eu matava*.

O *pretérito perfeito* do modo indicativo se nota com a partícula **umã**, que exprime *já*, no tupi como no guarani. Exs.: **Ajucáumã**, *eu matei*; **Erepureumã**^{86A}, *tu pulaste*; **Ourumã**, *ele veio*. No tupi do Norte, emprega-se a partícula **ana**, para formar esse pretérito: **Ajucána**, *eu matei*; e no guarani, ou tupi do Sul, emprega-se também o advérbio **racó**. Ex.: **Ojucá racó**, *ele matou*.

O *pretérito mais-que-perfeito* se nota com o emprego simultâneo das sobreditas partículas: **aéreme**, **umã**. Ex.: **Ajucá umã aéreme**, *já eu tinha morto*, ou *matara*. No guarani, usa-se a partícula **umã** e o advérbio **acoiramô**. Ex.: **Ahaihú umã acoiramô**, *já eu tinha então amado*.

O *futuro imperfeito* nota-se com a partícula própria **ne** e é um tempo fixo. Exs.: **Ajucáne**, *eu matarei*; **Erejucáne**, *tu matarás*; **Ojucáne**, *ele matará*. No tupi do norte, emprega-se a partícula **curf**, que exprime *de-sejo*. Ex.: **Amonhan curf**, *eu farei*.

No modo *imperativo*, o presente se exprime pela forma seguinte: **Ejucá**, *mata tu*; **Tojucá**, *mate ele*; **Tiajucá**, *matemos nós*; **Pejucá**, *matai vós*; **Tojucá**, *matem eles*. No tupi do Norte, também se forma o imperativo presente pela simples posposição do pronome ao verbo. Ex.: **Yucá ndê**, *mata tu*; **çaiçú penhê**, *amai vós*.

No modo *conjuntivo*, no presente, no imperfeito, no pretérito, no mais-que-perfeito, como no futuro, a forma é sempre a mesma. No verbo **jucá**, *matar*, o conjuntivo é, no tupi, **Jucáreme**, e, no guarani, **Jucáramo**. No tupi do Norte, consegue-se exprimir o presente do conjuntivo com o emprego da partícula **cuôre**, dizendo-se, por exemplo, **Ajucá cuôre**, *que eu mate*. Emprega-se a partícula **ramé**, para o imperfeito, e **mairamé**, para o futuro. Exs.: **Arecó ramé**, *que eu tivesse*; **Orecó mairamé**, *quando ele tiver*.

86A **Pure**, *pore* é *pular*, no brasileiro e no nheengatu. No tupi é *póra*; *eré* por *(umã) tu pulaste*.

No modo *infinitivo*, presente, o verbo aparece sem notas e vale até por um substantivo. Ex.: **jucá**, matar; **mboé**, ensinar; **monhang**, fazer^{86B}. O pretérito e o mais-que-perfeito, no infinitivo, se exprimem com a partícula **agoéra**. Ex.: **Jucaagoéra**. O futuro e o supino em **dum** se exprimem com a partícula **rama** ou **ôama**. Ex.: **Jucarama** ou **Jucaôama**, para haver de matar. O futuro imperfeito do infinitivo é **Jucarambôéra**. O supino passivo, ou participio, faz **Ijucapyrama**, o que há-de ser morto, e o gerúndio e o supino fazem **Jucabo**, a matar, para matar, matando.

Só dos verbos ativos é que nasce o supino passivo ou participio em **yra**, com as suas variedades de tempos. O verbo **jucá** é ativo: o seu supino passivo é, pois, **Ijucapyra**, o que é morto, e os demais tempos: **Ijucapyroéra**, o que foi morto; **Ijucapyrama**, o que há-de ser morto; **Ijucapyramboéra**, o que houvera de ser morto, mas não foi.

50 – No tupi, há, ainda, na conjugação dos verbos, o modo *mandativo*, o *optativo* e o *permissivo*.

No modo *mandativo* há, apenas, a forma do futuro, para as terceiras pessoas. Exs.: **terejucáne**, matarás tu; **tapejucáne**, matareis vós outros⁸⁷.

No *optativo*, os diversos tempos se formam com os do indicativo, acrescentando-se-lhes a expressão **temomã**, que vale pela português-arábica *oxalá*. Ex.: **Ajucátémomã**, oxalá matasse eu, no presente e no imperfeito. No pretérito perfeito e no mais-que-perfeito, usa-se da expressão **meimã** ou **meimomã**. Ex.: **Erejucámeimã**, tiveras tu morto. No futuro, usa-se da expressão **momã**. Ex.: **Ajucámomã**, oxalá mate eu.

No *permissivo*, presente, diz-se **tajucá**, mas que mate eu; **Tojucá**, mate ele embora; **Tiajucá**, mas que matemos. No imperfeito, diz-se **Ajucamo**, eu matara ou mataria; **Pejucamo**, vós mataríeis. No pretérito perfeito e no mais-que-perfeito: **Ajucaumãmo**, já eu teria morto; **Iajucaumãmo**, já nós então teríamos morto. No futuro, **Tajucane**, matarei eu embora.

51 – A conjugação do verbo pela negativa se faz com o emprego das partículas **na** ou **nda**, antes do verbo na afirmativa, e a partícula **i**, no fim, anexando-se tudo ao verbo. Exs.: **Ajucá**, matar; **Najucái**, não ma-

86B Teodoro Sampaio, por falta de vocabulário tupi ao seu tempo, costuma citar a forma do infinitivo guarani.

87 O que o Pe. Figueira apelida de *modo mandativo*, são apenas as *segundas pessoas* (não as *terceiras*, como, por erro de cópia, afirma o autor) destacadas do *futuro do permissivo*. Veja a nota 88A.

tar⁸⁸. No presente do indicativo, faz: **Najucái**, *eu não mato*; **Nderejucái**, *tu não matas*; **Ndojucái**, *ele não mata*; **Ndiajucái** ou **Norojucái**, *nós não matamos*; **Napejucái**, *vós não matais*; **Nojucái**, *eles não matam*. No futuro do indicativo, faz: **Najucaixoóene**, *eu não matarei*; **Nojucai-xoéne**, *ele não matará*.

No *imperativo*, presente, faz **Ejucáumé**, *não mates tu*; **Tojucáumé**, *não mate ele*; **Tiajucáumé**, *não matemos nós e vós*; **Pejucáumé**, *não mateis vós*. No futuro mandativo, faz: **Terejucauméne**, *tu não matarás*; **Tapejucauméne**, *vós não matareis*^{88A}.

No *optativo*, pela negativa, faz, no presente, imperfeito e mais-que-perfeito: **Najucaixoememã**, *oxalá não tivera eu morto*. No futuro, faz: **Najucaixoemomã**, *praza a Deus que não mate*⁸⁹.

No *permissivo*, no presente, faz: **Tajucaumé**, *não mate eu*. No imperfeito, pretérito, e mais-que-perfeito: **Ndajucaixoóemo**, *eu não matara*. No futuro, **Tajucauméne**, *não matarei eu*.

No *conjuntivo*, pela negativa, no presente, imperfeito, pretérito e mais-que-perfeito, faz: **Jucaeyme**, *eu não mate, porque eu não mate*, etc⁹⁰.

No *infinitivo*, pela negativa faz, no presente, imperfeito, **Jucaeyma**, *não matar*. No pretérito e mais-que-perfeito, **Jucaeymagoéra**, *não ter morto*. No futuro perfeito e supino: **Jucaeymaõama**, *(para) não haver de matar*. No supino passivo e particípio: **Ijucapyreymaõama**, *coisa que não há-de ser morta*. No gerúndio e supino passivo: **Jucaeyma**, *a não maíar ou para não matar*^{90A}.

88 A **iuká**, não é *matar* e muito menos *n'a iukái é não matar*. Corrija-se esse enxerto na lição de Figueira para: **iuká – matar**, **iuká-eyma – não matar**.

88A Estas são de fato as chamadas formas mandativas do Pe. Figueira.

89 Há divergência entre Anchieta e Figueira na construção do *optativo*. Parece, entretanto, que as partículas **momã** e **temomã** prevaleceram para o presente (futuro), **meimã** e **meimomã** para o pretérito.

90 O negativo para todos os tempos e pessoas do conjuntivo é **eỹ-me**: **iuká eỹ-me**, sendo **me** contração eufônica de **reme**.

90A Não atinamos com o que seja *infinitivo imperfeito* e *supino passivo*, nas formas citadas.

No tupi do Norte, também se conjuga pela negativa, empregando-se o advérbio, **enti**, **nti** ou, **ti**, antes do verbo na ativa, dizendo-se: **entiaçaiçú**, *eu não pulo*; **entiaçaiçú**, *eu não amo*, no presente do indicativo; **entiaçaiçú, yepê**, *eu não amava*, no imperfeito; **entiaçaiçú ana**, *eu não amei*; **entiaçaiçú curí**, *eu não amarei*⁹¹.

52 – Para conjugar os verbos pela *interrogativa* ou *dubitativa*, basta pospor à forma regular dos tempos a partícula **cerá**, a qual, todavia, não se emprega nas primeiras pessoas do singular ou plural. Ex.: **monhan**, *fazer*; **amonhã?** ou **monhan ichê?**, *faço eu?*; **remonhan cerá?**, *fazes tu?*; **omonhan cerá?**, *faz ele?*; **amonhan yepê ichê?**, *fazia eu?*; **eremonhan curí cerá?**, *farás tu?*

No guarani, empregam-se as partículas **pã**, **panga**, **pe**, **piã**, **rae** para fazer interrogações; todas essas partículas, menos a última, colocam-se logo em seguida ao verbo. Exs.: **Amonhapã?**, *faço eu?*; **Amanõpã?**, *morro eu?*; **Açaiçupiãne?**, *amarei eu?*; **Arupichene?**, *hei-de trazê-lo eu?* O emprego delas depende unicamente do bom efeito eufônico da frase. Assim, poder-se-á dizer: **Chêpã?**, *sou eu?* como **Chêpanga?**, **Chêpe?**, **Chêpiã?**, ou **Chêpi?**, conforme o requerer a elegância ou o efeito do dizer⁹².

53 – **Os verbos auxiliares.** Não há, no tupi, o verbo substantivo *ser*, mas, com o emprego adequado de pronomes, supre-se-lhe a falta. Assim, todos os nomes ou adjetivos que, conjugados com pronomes, se fazem verbos, incluem, em si, o verbo *ser*, latente, e também o sentido de *ter*, como no latim. Seja, por exemplo, o adjetivo **catu**, bom; com o pronome pessoal **che catu**, quer dizer *eu sou bom*; com o adjetivo **poranga**, ajuntando-se pronome pessoal, **ndêporanga**, quer dizer: *tu és belo*; **guaçu**, grande, **peguaçu**, *vós sois grandes*; **oca**, casa, **cheoca**, *eu tenho ca-*

91 Comparem os igualistas tupi-guaranis, para a sua própria confusão, o quanto o nheengatu se distanciou, nesta parte, do tupi.

92 É pena que, depois de se ater quase exclusivamente ao tupi para as conjugações afirmativa e negativa, só nos fale nheengatu e guarani na *interrogativa*. Entretanto, as partículas interrogativas tupis: **pe**, **ipó**, **nipó**, **pipó**, **raé**, **será**, **takó**, pela sutileza do seu sentido, constituem interessantíssimo capítulo. Quanto a sua colocação, há que distinguir as interrogações simples das modalidades enfáticas. O verbo **saichú**, que aí aparece como guarani, não é nem guarani, nem tupi, mas apenas nheengatu.

sa; cy, mãe, chêcy, eu tenho mãe; ndeoca, tens casa; icó, eles têm roça⁹³.

O verbo **Aicô** tem propriamente o significado de *estar*, mas vale também *ser* e pode servir de auxiliar. O verbo **Recô**, *ter, possuir*, também serve de auxiliar. Os tempos principais do verbo **Aicô**, nos diversos modos, são:

No indicativo, presente, **Aicô**, *eu estou*; **Ereicô**, *tu estás*; **Oicô**, *ele está*; **Iaicô** ou **Oroicô**, *nós estamos*; **Peicô**, *vós estais*; **Oicô**, *eles estão*. No imperfeito, **Aicoáreme** ou **Aicoepê**, *eu estava*; no pretérito, **Aicôumã**, *eu estive*; no mais-que-perfeito, **Aicôumã aéreme**, *eu estivera*; no futuro, **Aicône**, *eu estarei*. No tupi do Norte, diz-se, no futuro, **Aicô curí**, *eu estarei*.

No modo imperativo: **Eicô**, *está tu*, **Peicô**, *estai vós*.

No modo conjuntivo, em absoluto, **Tecóreme**, *estando eu*, e **Cecóreme**, no relativo.

No modo infinitivo, **Tecô**, *estar*.

No gerúndio, **Guitecôbo**, *estando eu*; **Eicôbo**, *estando tu*; **Oicôbo**, *estando ele*; **Iaicôbo** ou **Oroicôbo**, *estando nós*; **Peicôbo**, *estando vós*; **Oicôbo**, *estando eles*.

Os substantivos verbais são: **Tecoara**, *o que está*; **Tecoaba**, *o lugar de estar, o tempo de estar*⁹⁴.

54 – **O verbo pela voz passiva** – Os verbos ativos fazem-se passivos, no tupi, com o emprego das partículas **nhê** ou **ie**, de entremeio. Assim, de **ajucá**, *eu mato*, na ativa, se faz, na passiva, **Aiejucá**, *eu sou*

93 Teodoro Sampaio reproduziu neste trecho ensinamentos de Figueira sem penetrar-lhes o sentido. Muitos outros estão no mesmo caso.

Em resumo, o adjetivo conjuga-se: **katú** – *bom*, **i katú** – *ele (é) bom*; **poranga** – *bonito*, **nde porang** – *tu (és) bonito*. Note-se que o adjetivo paroxítono conjugado perde a vogal final. Mas, o autor simplifica o seu tupi, citando exemplos nheengatus, onde essa regra já não existe.

Mais ainda. Qualquer substantivo tupi é também adjetivo de nascença, e, como adjetivo conjuga-se normalmente; **xe rok** (adj.) – *eu tenho casa*. O autor esqueceu-se da apócope obrigatória. Veja sobre o assunto *O Cardêr da Segunda Conjugação Tupi*. Compare também: **xe rok** – *eu tenho casa* com **xe roka** – *minha casa*.

94 A conjugação do verbo **ikó** – *estar* – é transcrito de acordo com os mestres je-suítas, com exceção de dois acréscimos nheengatus: **a ikó epé** e **a ikó kurí**. Mas, em tupi, **ikó**, excetuando umas vacilantes tentativas, não funcionou como conectivo. Tal desenvolvimento só se processou, por influência portuguesa, no nheengatu, documentadamente a partir do século XVIII.

morto; de **aimonhang**, *eu faço*, se deduz **anhemonhang**, *eu sou feito*; de **aú**, *eu como*, se faz **aieú**, *eu sou comido*⁹⁵.

No guarani, o verbo passivo se forma com o particípio em **yra** do verbo ativo, pospondo-se-lhe os pronomes pessoais. Exs.: de **ijucapyra**, *o que é morto*, se fazem, na passiva, **ijucapyra ichê**, *sou morto*, ou *o morto sou eu*; **ijucapyra ndê**, *tu és morto*; **ijucapyra iandê**, *nós somos mortos*; **ijucapirêra ichê**, *eu fui morto*; **ijucapyrama ndê**, *tu serás morto*; **ijucapyrangoêra ichê**, *o que havia de ter sido morto sou eu*.

“Esta língua, “diz o padre Montoya”, não tem mais passivos que esta voz **pyra**, a qual se põe no fim do verbo, antepondo a este o relativo **h** ou **y**, conforme o verbo o pedir, e depois de **pyra** os pronomes”^P.

Quando os verbos, na ativa, terminam em vogal nasal, o sufixo **pyra** se abranda em **mbyra** e, então, se diz, de **Ameê**, *eu dou*; **Imeembyra**, *o dado*; **Imeembyra ichê**, *eu sou dado*; **Imeembyrêra ichê**, *eu fui dado*; **Imeembyrama ichê**, *eu serei dado*; **Imeembyrangoêra ichê**, *o que havia de ter sido dado sou eu*^{95A}.

O verbo passivo pela negativa se forma com o sufixo **eyma**. Exs.: **Ijucapyreyma ichê**, *eu não sou morto*; **Ijucapyreyma ndê**, *tu não és morto*; **Ijucapyrereyma cuibae**, *aquele não foi morto*; **Ijucapyrameyma iandê**, *somos nós os que não hão de ser mortos*.

No tupi do Norte, no vale do Amazonas, entre os caboclos, já o verbo **aicô** aparece como auxiliar na formação da voz passiva. Exs.: **Açaïçu**, *eu amo*; **Açaïçu icô**, *eu sou amado*; **Açaïçu icô yepê**, *eu amava*; **Oçaïçu icô cuôre**, *que ele seja amado*⁹⁶.

95 Infelizmente, também aqui não podemos acompanhar o autor. Os pronomes **te**, **nhe** são reflexivos e, com eles, os verbos tornam-se reflexos e não passivos. Os exemplos são assim todos mal intepretados: **a iefuka** é *eu me mato* e não *eu sou morto*, como também **a nhemonhang** não é *eu sou feito*, mas *eu me faço*, *eu me torno*.

É pena que não haja comparado as lições do Figueira com as de Montoya, que transcreve em seguida; é pequena a diferença entre os particípios passivos do tupi e do guarani.

p Montoya, Pe. Antonio Ruiz de. *Arte de la lengua guaraní*, p.44.

95A Esses trechos se referem ao guarani.

96 Esses exemplos **nheengatus** não primam pela correção. O pronome verbal deve ser repetido para cada verbo. Além disso, **eu é xa** em **nheengatu**. Mesmo assim, **xa saicú xa ikô** não significa *eu sou amado* mas *eu estou amando*, a despeito das afirmativas de Pedro Luís Sympson.

55 – Os verbos reflexivos – Os verbos reflexivos se formam como os passivos, com emprego das partículas **nhe** ou **ie**, intronéticas no verbo ativo. Exs.: **Ajucá**, *eu mato*; **Aiejucá**, *eu me mato*; **Peiejucá**, *vós vos matais*; **Nhemombeú**, *confessar-se*; **anhemombeú**, *eu me confesso*; **renhemombeuaéreme**, *tu te confessavas*.

56 – Os verbos de ação recíproca se exprimem pela prefixação das partículas **jô**, **ju** e **nhô**, conforme a gama do tema. Exs.: **Çaiçú**, *amar*; **joçaiçú**, *amar-se* ou *ao outro*; **iajoçaiçú**, *nós nos amamos uns aos outros*; **onhonupã**, *eles se batem uns nos outros*⁹⁷.

57 – Do gerúndio-supino e participios nominais – São de grande valor, no tupi, o gerúndio e os participios nominais e, por isso, adverte o Pe. Figueira que, para se falar bem esta língua, indispensável é entender a ordem e formação dos gerúndios dos verbos.

O gerúndio, no tupi, corresponde aos gerúndios latinos em **do**, **dum** e ao supino. Assim, por exemplo, **apóbo**, gerúndio do verbo **apó**, *agir, atuar, fazer*, equivale a *faciendo, faciendum, factum*.

Em regra geral, forma-se o gerúndio-supino com a posposição ao tema da partícula **bo** ou **obo**. A regra e as exceções ilustram-se com os seguintes exemplos:

| | |
|---------------------------------------|--|
| jucá , <i>matar</i> | jucábo , <i>matando</i> |
| uatá , <i>caminhar</i> | uatábo , <i>caminhando</i> |
| jaceó , <i>chorar</i> | jaceoábo , <i>chorando</i> |
| apar , <i>encurvar</i> | apábo , <i>encurvando</i> |
| kaê , <i>secar</i> | kaêmo , <i>secando</i> |
| âm , <i>erguer, levantar</i> | ama , <i>erguendo, levantando</i> |
| aman , <i>envolver, rodear</i> | amana ou amanda , <i>rodeando</i> |
| pam , <i>bater</i> | pama ou pana , <i>batendo</i> |
| apin , <i>tosquear, pelar</i> | apina , <i>tosqueando, pelando</i> |
| nupã , <i>espancar</i> | nupãmo , <i>espancando</i> |
| meeng , <i>dar, oferecer</i> | meenga , <i>dando, oferecendo</i> |
| nhan , <i>correr, vagar</i> | nhana ou nhanga , <i>correndo, vagando</i> |
| endub , <i>ouvir</i> | endupa , <i>ouvindo</i> |
| epiac , <i>ver</i> | epiaca , <i>vendo</i> |
| pac , <i>despertar</i> | paca , <i>despertando</i> |
| kái , <i>queimar</i> | kaita , káia , <i>queimando</i> |
| sorog , <i>rasgar</i> | soroca , <i>rasgando</i> |
| açoy , <i>cobrir, abrigar</i> | açoyábo , <i>cobrindo</i> |

97 Os pronomes recíprocos tupis são: **io**, **nhô**; **lu** é forma *nheengatu*; mas, e aí está outro engano do autor, **lu** só toma sentido recíproco no *nheengatu*, quando duplicado. Dos exemplos aduzidos corrija-se **loçalçú** para **loauçuba**, que é a única forma correta em tupi.

| | |
|--------------|-----------------------------------|
| aé, dizer | guiiábo, dizendo |
| ajur, vir | guyiú, vindo |
| ajub, fazer | guytupa, jazendo |
| aicó, estar | guitécóbo, estando |
| aiké, entrar | guikeábo, entrando |
| ajar, tomar | tá, tomando |
| açó, ir | guixóbo, indo |
| araçó, levar | ceraçóbo, levando ⁹⁸ . |

Os participios nominais formam-se com os sufixos *ara* ou *çara* para aquele que exprime o que faz a *ação*; e com *aba* ou *çaba* para aquele que exprime o *tempo*, o *lugar*, o *momento* da ação. Exs.:

uatá, caminhar *uataçara, o caminheiro* *uataçaba, o momento de caminhar, a viagem*

98 A despeito de começar pela frisante advertência do Pe. Figueira, este parágrafo é um dos mais defeituosos do *Resumo gramatical*. Em vinte e tantos exemplos são corretamente tupis apenas quatro infinitivos e cerca de metade dos gerúndios. A maioria dos infinitivos são transcritos na forma guarani; entre eles aparece também um adjetivo, alguns gerúndios são citados com formas duplas, das quais pelo menos uma ainda é guarani. Para melhor orientação dos estudiosos resolvemos, pois, transcrever a lista daqueles em que, ora no infinitivo, ora no gerúndio, ou em ambos, há uma emenda ou restrição a fazer.

| <i>Infinitivo tupi:</i> | — | <i>Tradução:</i> | — | <i>Gerúndio tupi:</i> |
|-------------------------|---|------------------|---|-----------------------|
| atá, gúatá | — | andar | — | gúatabo |
| iaceó | — | chorar | — | iace gúabo |
| apara | — | encurvar | — | apá |
| ama | — | erguer-se | — | ama |
| amana | — | envolver | — | amana |
| pana | — | lavar | — | pana |
| pina | — | raspar | — | pina |
| meenga | — | dar | — | meenga |
| nhana | — | correr | — | nhana |
| enduba | — | ouvir | — | endupa |
| epiaka | — | ver | — | epiaka |
| paka | — | despertar | — | paka |
| kaña | — | arder | — | kaña |
| soroka | — | rasgar-se | — | soroka |
| açof | — | cobrir | — | açoïabo |
| é | — | dizer | — | labo |
| ura, tura | — | vir | — | ïu |
| uba, tuba | — | jazer | — | tupa, ïupa |
| ikó | — | estar | — | tekobo, ikobo |
| iké | — | entrar | — | ikëabo |
| ara, tara | — | tomar | — | tá |
| só | — | ir | — | sobo |
| raçó | — | levar | — | seraçobo |
| <hr/> | | | | |
| kaë (adj.) | — | tostado | — | kaënamo |

| | | |
|----------------------------------|--|--|
| monhang , <i>fazer</i> | monhangara , <i>o fautor, o autor</i> | monhangaba , <i>a factura,</i> <i>a ação</i> |
| camonó , <i>caçar</i> | camonoçára , <i>o caçador</i> | camonoçaba , <i>a caçada</i> |
| açoy , <i>cobrir</i> | açoyára , <i>o cobridor</i> | açoyaba , <i>a cobertura</i> |
| kái , <i>queimar</i> | kaitára , <i>o queimador</i> | kaitaba , <i>a queimada</i> |
| soróg , <i>rasgar</i> | sorocára , <i>o rasgador</i> | sorocaba , <i>o rasgão</i> |
| u , <i>comer ou beber</i> | guára , <i>o comedor ou</i> <i>bebedor</i> | guába , <i>a comida ou</i> <i>bebida, o lugar de</i> <i>comer ou beber.</i> |

Há, ainda, participios nominais que se formam com o sufixo **baé** (**uaá**, no tupi do Norte), nas terceiras pessoas do indicativo, para exprimir *aquele que exerce a ação*. Exs.: **oikébaé**, *aquele que entra, o entrante*; **opucábaé**, *aquele que ri, o ridente*; **onhâbaé**, *o que corre, o corrente*. Também com o sufixo **bóra** se formam alguns verbais, e, nesse caso, com o fim de exprimir o costume ou ato habitual do indivíduo. Ex.: **canhí**, *fugir*, **canhimbóra**, *o que tem por hábito fugir, o fujão*. V. §.2199.

58 – Do **particípio passado adjetivo** – Este participio se forma, como vimos na conjugação dos verbos, com o sufixo **pyra** ou **byra**, junto aos temas verbais transitivos, afetados do índice pronominal da terceira pessoa. Exs.: **jucá**, *matar*, **ijucapyra**, *o morto ou o que foi sacrificado*; **çaiçú**, *amar*, **içaiçupyra**, *o amado*; **cai**, *envergonhar*, **icaipyra**, *o envergonhado, o acanhado*¹⁰⁰.

59 – Do **particípio passado substantivo** – Este participio se forma com os prefixos: **tembi** ou **temi**, **rembi** ou **remi**, **sembi** ou **semi**, **gemi** ou **gemi**, segundo a gama dos temas. Exs.: **temimboé**, *o ensinado ou o discípulo*; **temirecô**, *a desposada ou a esposa*; **tembi-ú**, *a comida*, alterando-se, todavia, o vocábulo em **remi-ú** ou **semi-ú**, segundo as relações de pessoa, na composição da frase; assim, por exemplo: **che remiú**, *a minha comida*, **sembiú** ou **semiú**, *a sua comida, dele*.

60 – No tupi, os substantivos, os adjetivos, os verbos no infinitivo, os participios formam diversos tempos com o emprego dos sufixos

99 Nos participios nominais também há que respigar mais de um deslize: *viandante*, em tupi, é **atara**, *caçador* – **kaamondoara** ou **kaabondoara**, **Gûaba**, *nunca foi comida*, em tupi, indica o modo, o tempo, o lugar de comer. *Comida*, aquilo que se come, é **temiú**, **tembiú**. *O que corre é o nhanëbae*, em tupi. Para *fugir, escapar*, se diz em tupi **Kanhema**, *de onde*, **Kanhembora** **Kanh** e **Kanhymbor** são os correspondentes em guarani.

100 A forma tupi para (o) *amado é sauçubëpyra*. **Kaf** é um *adjetivo* guarani e não um verbo, portanto, não lhe cabe um participio, ainda que a tentação de forçar a mão seja muito grande para o etimologista, pois Teodoro Sampaio precisa deste verbo inexistente para legitimar a sua etimologia de *caipira*. Desconhecemos essa aceção do vocábulo no tupi.

coéra, rama, e dos sufixos compostos coérama, rangue ou ranguéra. Exs.: *pirá-coéra, o peixe que foi, o do passado; pirá-rama, o peixe que há-de ser; pirá-coérama, o peixe que seja; pirá-rangué, o peixe que seria; piranga, vermelho; pirangoéra, vermelho que foi; pirangarama, vermelho que será, etc.* V. § 19101.

61 — A partícula **guára** é de muito freqüente emprego na formação dos nomes tupis. No sentido literal, exprime ela, como participio nominal, que é, do verbo **u**, (*comer*), *o indivíduo que come, o comedor*, mas, no sentido lato, quer dizer *ente, vivente, morador, habitante*. Exs.: **tobay**, *em frente, fronteiro; çobay*, *em frente dele, fronteiro a ele; çobayguára*, *o que vive fronteiro a ele, o morador de outra banda, o de outro lado, o estrangeiro; che retama*, *meu país, cheretamaguara*, *o habitante do meu país, o meu compatriota; irúnamo*, *junto, de junto, irúnamoguára*, *o que vive junto, o companheiro, colega ou sócio*, que também se diz, no tupi, **irúmoguéra**; **Piauhyuara**, *o habitante do Piauí; mairyguara*, *o morador da cidade, o cidadão; caapeguara*, *o morador no mato, o monteiro*¹⁰².

101 Não é no tupi, mas no guarani, que existem os sufixos de tempo: **kúera**, **kúe-rama**, **rangûe**, **rangûera**. Os seus correspondentes tupis são: **pûera**, **mbûera**, **gûera**, **ûera**; **rambûera**, **ambûera**, e **mbûera**. Para Rama temos no tupi as variações: **gûama**, **ûama**, **ama**. Quando aparece um pretérito terminado em **kûera**, no tupi, o **k** pertence ao radical, como em **acykûera** — *toro*, de **acyka** — *cortar* e do sufixo **ûera** — *o que foi* (= **acyk-ûera** — *o que foi cortado*). Finalmente seja dito que o sufixo **kûera** ocorre também no nheengatu e no seu ascendente, o brasileiro.

102 Muito ao contrário do que af se afirma, o sufixo **gûara**, tão comum no guarani e no nheengatu, na forma **uara**, é relativamente raro em tupi, onde alterna com: **gûana**, **sûara**, **xûara**, **ndûara**, e até com **ara**, **sara**. Tem o sentido de: *o que está, o que é de e nada tem que ver com o substantivo verbal gûara — o que come*. O seu emprego não é tão simples quanto parece admitir o autor, pois não costumam pospor-se diretamente ao substantivo, mas por intermédio de uma posposição:

mbo, *po* — *mão*; **po pe** — *na mão*; **popesûara** — *o que está na mão, a arma*.

tobá — *rosto, frente*; **tobá-î** — *defronte*; **tobalara** — *fronteiro, inimigo*.

ybytyra — *serra*; **ybytyri** — *na serra*; **ybytyri gûara**, **ybytyrigûana** — *serrano*.

Sem posposição, o tupi emprega **igûara**, **ygûana**, para traduzir *natural de, originário de, morador de*.

Pakatá — *Porto Seguro*; **pakatâygûara** — *natural ou morador de Porto Seguro*.

Nhû — *campo*; **nhûyguana** — *do campo, campeiro*.

Das diversas definições do vocabulário jesuítico conclui-se que **ygûara** (**igûara**) se aplica a *gente* e **Ygûana** (**igûana**) a *coisas e animais*.

Companheiro é **irû**, em tupi; **irûnamogûara** é do dialeto brasileiro, assim como **sobaigûara** — *forasteiro, reinol*; este último é **mamoyguara**, em tupi. **Compatriota** tanto quanto o termo entrava na mentalidade tupi, ou seja, *da mesma tribo*, corresponde a **anama** — *parente*. **Xe retamagûara** é o termo nheengatu **tetamaûara**, remaniado por conta do autor.

No tupi do Sul, a partícula **guara** se contrai e toma a forma **guá**, e, então, aparecem, na linguagem vulgar, nomes como: **Paiaгуá**, por **Paia-guara**; **Caataguá** por **Caataguara**; **Cayuá** ou **Cayгуá**, por **Caayguara**.

DAS PREPOSIÇÕES

62 — As preposições, no tupi, são verdadeiras *posposições*, porque sempre se empregam após os nomes a que regem. Exs.: **Itáçocê** (**Itá-ço-cê**), *sobre as pedras*; **Tupã-recê**, *por amor de Deus, ou por Deus*.

As principais preposições são:

Áribo, com acento tônico na primeira, vale o mesmo que *sobre*, ou *em cima*, equivalente ao latim *supra*. Ex.: **ocáribó** (**oca áribo**), *em cima da casa*.

Bo vale pelo latim *per*, *pelo*, *pela*. Exs.: **iché-bo**, *por mim*, ou *a mim*; **caá-bo**, *pelo mato*; **oajuri-bo**, *pelo peçoço*. **Bo** altera-se para **mo**, segundo o tema: **otimo**, *pelo nariz*.

Be, **pe**, **me** valem pelo latim *in*, com acusativo; com verbos de movimento. Exs.: **Aço caápe**, *vou ao mato*; **eraçô mairype**, *ele leva para a cidade*. Como preposição de ablativo se emprega com os verbos de quietação. Exs.: **Aicó ócape**, *estou em casa*. Nas denominações de lugares, é freqüente o emprego desta preposição: **Yaguar-y-be** ou **Yaguar-y-pe**, *no rio da onça*; **Tápe** (contração de **tábape**), *na aldeia*; **Ybi-pe**, *em terra*; **Y-pe**, *na água, no rio*; **Camargybe**, *no rio dos camarás*. Quando a última sílaba do tema é nasal, em vez de **be**, ou **pe**, usa-se de **me**. Exs.: **Nhúme**, *no campo*; **Paraná-me**, *no mar*, **Che retá-me**, *na minha pátria, no meu país*¹⁰³.

Çocê vale pelas preposições latinas *super* ou *supra* e *plusquam*. Exs.: **Itá-çocê**, *sobre a pedra, ou por cima das pedras*; **Ymirá-ço-**

103 No capítulo das *posposições* o autor cinge-se aos gramáticos antigos e, não fossem alguns exemplos incorretos que o depreciam, seria um dos melhores do *Resumo*. A *iko oka pe* pode ser *nheengatu*; *tupi é que nunca foi*.

Mairy é o termo brasileiro e *nheengatu* para *cidade*; em tupi é *tab-eté* e *tab-açú*. Corrija-se: *okape* para *oke* e *ybí* para *yby*.

cê, sobre um madeiro; Açaiçubaê-nde-çocê, sou mais querido do que tu¹⁰⁴.

·Coty vale pelo latim *versus, contra, até*. Exs.: Camonoçara oço yaguara coty, o caçador avançou contra a onça; che coty, contra mim; Che nde coty, eu sou contra ti¹⁰⁵.

Çui equivale ao latim *ex* ou *de*, preposição de ablativo. Ex.: Acêm taba çui, eu saio da aldeia.

Çupi equivale ao latim *secundum, como, com*, etc., tomando as formas upi, çupi, gupi, rupi, conforme o tema. Exs.: Imena çupi, ao marido, segundo o marido; Apé rupi, pelo caminho; Nde rupi, contigo¹⁰⁶.

Eymebebê vale pelo latim *ante*, ou *priusquam*. Ex.: Nde uatá eymebebê che acém, eu saio antes de partires.

I vale pelo latim *ad, circa, a, para, em*. Exs.: Ajur-i, ao pescoço; Apir-i, ao cume, no ápice; Y-paume-r-í, ao entre rios, na mesopotâmia^{106A}.

104 *Madeiro, pau, é ybyrá em tupi.*

Traduzir *eu sou querido*, como af se fez por a saçubae é certamente uma das mais incríveis construções em tupi. Em tupi se diz o sauçubae, ou o sauçubebae. Mas esse verbal é ativo e nunca passivo; portanto significa *o que o ama e não o que é amado*.

Pior ainda é fazer acompanhar um verbal pela partícula pronominal, coisa inconcebível em tupi.

Substitua-se a saçubae por íxé o sauçubae, porém, a tradução será necessariamente: *eu, o que ama e não o que af está*.

Sou mais amado do que tu poderá traduzir-se por: xe sauçubëpyra nde socé ou xe sauçukatupyra nde socé.

105 *Caçador, em tupi, é kaamondoara ou kaabondoara. Kaamonoçara é nheengatu que já existe no Dicionário Português e Brasileiro. Contra mim e eu sou contra ti não se traduzem por meio de koty mas de ecê – xe recê – contra mîm; íxé nde recê – eu sou contra ti.*

106 Figueira já confundiu supí, adjetivo ou advérbio de inicial fixa, com upí, supí, rupí, posição de inicial variável, que nada têm de comum. O autor vai mais longe – confunde também supí com supé. – Supí se traduz por: *certo, com razão, na verdade* e não pertence às posições. *Ao marido dela é I mena supé; contigo – nde irúnamo.*

106A *Partir não é úatá e sim upaboca, lepaboka.*

No inconcebível exemplo y-paü-me-rí não existe a posição i, porém as duas posições incompatíveis me (pe) e rí (resé). *Entre rios* é simplesmente y paü me.

- Irúnamo** ou **Irumo** equivale ao latim *cum* e *juxta*, traduzindo-se por *junto, perto, em companhia, com, e*. Exs.: **Ché irúnamo, comigo**; **Camonoçara yaguara irúnamo, o caçador e o cão**.
- Pocé** corresponde ao português *com*, para exprimir uma união íntima. Ex.: **Che pocé oké, dorme comigo, na mesma cama**.
- Porupi**, *ao longo de, ao lado de*. Ex.: **Nde porupi aker, durmo ao teu lado, ou ao longo de ti**.
- Pupé** corresponde ao *in* latino, com ablativo, isto é: *em, com, a*. Ex.: **Che ygára pupé, na minha canoa**; **Nde mbaé pupé, com o teu negócio**; **Tupā rêra pupê, em nome de Deus**. Escreve-se também **pype mbypé**, no guarani ou tupi do Sul.
- Pyri** corresponde a *com, para, em, a*, equivalendo ao latim *ad*, com acusativo. Exs.: **Açó Cunhambebe pyri, vou ter com Cunhambebe**; **Ajur nde pyri, venho para ti, ou à tua procura**. Alguns autores escrevem **puri, pyre, pire, e até pere**.
- Recé** corresponde ao latim *propter*, *por causa de, por amor de, à vista de, com, a, para*. Exs.: **Abá-recé, por amor de alguém**; **yandê recé, por amor de nós, por nossa causa**; **Nde ruba recé, por causa de teu pai**. De acordo com o tema, empregam-se as várias formas: **ece, cecé, guecé, recé**¹⁰⁷.
- Ri** tem o mesmo significado que **recé**, podendo-se empregar ora uma, ora outra, conforme a elegância do dizer.
- Riré, roiré**, re correspondem ao latim *post* ou *postquam*, *depois, em seguida*. Exs.: **co riré, depois disto**; **Poracé riré, depois da dança**¹⁰⁸.
- Rupi** corresponde às preposições latinas *per, cum, juxta, propter, in*. Exs.: **yby rupi açó, vou por terra**; **che anama rupi aicó, estou com os meus parentes**; **yandê rubá rupi ayapó, faço conforme os nossos pais**; **Nde recobê rupi ayú, venho por causa da tua vida**; **Nhú rupí guára, morador no campo**. Çupi¹⁰⁹.
- Tenondé** vale pelo *ante* latino, *diante de*, preposição que, conforme o tema, toma as formas **enondé, gue nondé, renondé**. Ex.: **Che renondé, diante de mim**.

107 **Ecé (secé, recé)** também significa: *com, a, contra*.

108 **Dança**, em tupi, é **Moraceia, poraceia**; *depois da dança* – **Moraceia re**; **íandê poraceia re** – *depois da nossa dança*.

109 **Venho por causa de tua vida** é: **nde rekobé recé (rekobé ri) a tur**. **Morador do campo** é **nhū-rupindûara, nhū-bondûara, nhūy-gûana**. V. a nota 102.

Tobaké ou **tobaqué** corresponde a *coram, apud*, no latim, isto é: *em presença de, diante de*, etc., tomando as formas **robaké, hobaké**, seguindo o tema. Ex.: **Nde robaké, diante de ti**¹¹⁰.

Upé ou **çupé** corresponde ao latim *ad, para*; mas, no geral, é preposição que rege dativo. Exs.: **Ameê nde rabaçupé, ofereço a teu pai; Aço mairy upé, vou para a cidade; A-i-meê Tupã cy çupé, eu ofereço à mãe de Deus**¹¹¹.

DOS ADVÉRBIOS

63 – Os advérbios são:

De lugar: **mamé, onde; iké, aqui; mime, ali; arpe, acima; uerpe, abaixo; apé, longe; apé-katu, lá longe.**

De tempo: **mairaré, quando; koité, então; ajii, ou uhy, hoje; uirandé, amanhã; kisé, ontem; amôkisé, anteontem; kury, já, agora; ariry, depois; ranhé, ainda.**

De quantidade: **uetepe, muito, bastante; amoiré, mais; chinga, menos, apenas; pau ou pauué, tão, tanto; muôre, quão, quanto; reté, demais; nhuni, só; nhonte, somente; mirente, quase; upaem, assaz.**

De modo: **catuente ou ecatú, bem; meoán, mal; yaué, assim; mahy, como; empó, talvez.**

Em geral, os advérbios de modo, os terminados em *mente*, formam-se pospondo aos adjetivos ou substantivos o sufixo **rupy** ou **reté**. Exs.: **'meué-rupy, vagarosamente; catu-rupy, licitamente; çantan-rupy, duramente; piaahyba-rupy, apaixonadamente; caturetê, excelentemente.**

De afirmação: **heen, sim; çupi catu, certamente; çupi-rupy, realmente.**

De designação: **cocicôi, eis, eis aqui.**

De interrogação: **maiabê, como; mbaé recê, por que; mbaé-ramé, quando.**

De negação: **ani, nitio, enti, onti, não; nitio mbaé, nada; áne, nunca**¹¹².

¹¹⁰ **Hobaké** é a forma guarani; em tupi é **sobaké**.

¹¹¹ **Meenga – dar – faz ai meeng – eu o dou (dei) e não a meê ou ai meê.**

¹¹² Depois da verificação de ter o autor seguido estritamente a gramática de Figueira no que tange às preposições, é difícil atinar com os motivos que o levaram a preferir o nheengatu no capítulo dos advérbios. Raríssimas são as formas tupis. Essa repetida falta de unidade prejudica grandemente, tanto a obra, como aqueles que a consultam.

DAS CONJUNÇÕES

64 – As conjunções são:

Copulativas: **y** ou **auê**, *e, também; maá, que; chê* ou **cê**, *si*.

Disjuntivas: **u**, *ou*; **ni**, *nem*.

Continuativas: **anhê**, *pois*.

Adversativas: **arery**, *mas, porém, todavia*.

Conclusivas: **açuhy**, *logo, portanto*.

Condicionais: **çaé**, *se*.

Causais: **mahy**, *como, porque, porquanto*.

Concessivas: **ajubeté**, *embora*¹¹³.

DA SINTAXE

65 – A sintaxe tupi é singela. A oração tem os três membros essenciais: *sujeito, verbo e atributo, ou sujeito e predicado*. Ex.:

Deus é bom.

Tupã catu.

Eu mato a cobra.

Ajúcá boia.

Nós honramos a Deus.

Oroimoeté Tupã.

No geral, a construção da frase é direta, ficando, em primeiro lugar, o *nominativo* ou *sujeito*, em seguida o *verbo*, e, por último, o *acusativo*. Exs.:

O menino matou a cobra.

Curumí ojucá boia.

A cobra matou o menino.

Boia ojucá curumí¹¹⁴.

66 – Quando há transposição, como muitas vezes acontece por necessidade, ou elegância, a oração perde em clareza, mas, geralmente, se entende que, dando-se esse fato com dois nomes da terceira pessoa, o

113 A nota 112 vale também para as conjunções.

114 O autor está neste particular em franca discordância com Figueira (p. 8) e Anchieta (fl. 36 v.). Ambos insistem na anfibologia resultante dessa construção, que só fica precisa mediante um dos acréscimos: **kurumí i lúkaçara** – *o menino foi o matador*, ou **mboia i lúkapyra** – *a cobra é a morta*. A transposição das partes da oração, por si só, nada resolve.

nome que ficar mais perto do verbo, esse será o acusativo. Ex.: **Curumí boia ojucá**. O nome **boia**, por estar mais perto do verbo, é o acusativo e, então, se traduzirá: *O menino matou a cobra*¹¹⁴.

Citemos mais alguns exemplos para se bem conhecer a natureza desta língua¹¹⁵.

a) *Deus, senhor nosso, que estás no céu.*

Vertendo-se para o tupi, mister se torna dar à frase outra forma e dizer-se:

Deus, nosso senhor, céu que estás.

Tupã, iandê yara, ybákepe tecoára¹¹⁶.

b) *Venha a nós o teu reino.*

Disponha-se a frase de outra forma:

Que venha nós a o teu reino.

Tour orêbe ndê reino.

c) *Seja feita a tua vontade.*

Que seja feita a tua vontade.

Tonhemonhang ndê remimotára¹¹⁷.

d) *Assim na terra como no céu.*

Terra na, céu no, fazendo-se assim.

Yby pe, ybak pe onhemonhanga yaba¹¹⁸.

e) *Ave, Maria, cheia de graça.*

Ave, Maria, graça pelã que sais brilhando.

Ave Maria, graça recê tyricembaê¹¹⁹.

f) *O Senhor é contigo.*

Contigo o teu Senhor está.

Ndê irúnamo ndê Iára recó¹²⁰.

115 Segue a tradução de um trecho do padre-nosso e da ave-maria, pouco mais ou menos como vêm no catecismo do Pe. Araújo, cuja primeira edição data de 1618.

116 Substituiu **Oré rub** por **Tupã, iandê Iara**, abolindo o vocativo. **Tekũara** é literalmente *o estante, o que está*. No original está o vocativo **tekũar**.

117 **T'o nhemonhang** – *que ela se faça*.

118 Corrija-se **ybak pe** para **ybake pe**; **Iaba** para **Iabé**.

No catecismo jesuítico não está:

o nhemonhanga – *fazendo-se ela*, mas **i nhemonhanga** – *o fazer-se ela*.

119 O autor não conseguiu identificar a palavra **ynyccema, tynyccema** – *cheio*, de onde **tynyccembae** – *a que está cheio*.

120 No catecismo do Pe. Araújo se diz: **(Iandê Iara) reckou**, que é a construção usual nesses casos.

g) *Bendita sois entre as mulheres.*

Bendita sois mulheres entre.

Imombeúcatupyram reicó cunhá çui¹²¹.

h) *Bendito é o fruto do teu ventre, Jesus.*

Bendito também teu filho, Jesus.

Imombeúcatupyrambe ndê membyra, Jesus¹²².

A ordem direta é, como se vê, a natural na frase tupi, mas esta deve ser arranjada ou disposta de maneira que as preposições e conjunções venham para o fim e sempre após o tema regido. Ex.:

O caçador e o seu cão entraram no mato.

A disposição mais conveniente a dar-se a esta frase, para a sua versão, de acordo com a índole da língua, é como se segue:

O caçador seu cão junto mato no entraram.

Camonoçára yaguara irúmo caá upê oiké¹²³.

Merece especial atenção o verbo na construção da frase tupi, quando a ela concorrem várias pessoas, umas no nominativo e outras no acusativo.

Quando, numa oração, a primeira pessoa ou a segunda for nominativo e a terceira acusativo, o verbo ativo deverá trazer expresso o índice da pessoa que é nominativo. Ex.: *Amo a Deus, Açauçub Tupá*, com o índice A da primeira pessoa. *Fazes uma casa, Oca remonhang*, com o índice re da segunda pessoa^{123A}.

Quando a terceira é que é nominativo e a primeira ou a segunda pessoa acusativo, o verbo não traz o índice pessoal da terceira. Exs.: *O padre ensinou-me, Abaré che mboé* e não *omboé*. *A cobra te mordeu, Boia ndê çuí* e não *oçuí*.

Com o verbo no modo permissivo ou imperativo e com a terceira no nominativo e a primeira ou segunda no acusativo, o índice To ou Ta desses modos se conserva, interpondo-se a ele e ao verbo o pronome no acusativo. Exs.: *Tojucá, mate ele*; *Tachejucá Pedro, mate-me, Pedro*; *Tandejucá yaguara, mate a ti a onça*.

Se a terceira pessoa é nominativo e outra terceira pessoa é acusativo, o verbo leva o seu índice pessoal nos tempos em que o tem. Ex.: A

121 Corrija-se o primeiro complexo para i **mombeú-katupyramo-eré ikó**.

122 Leia-se: i **mombeú-katupyr abé**.

123 É novamente **nheengatu**.

123A Veja a nota 62.

onça comeu o veado, Yaguára ou soaçu, com o índice *o*, no verbo *u*, *comer*¹²⁴.

Quando a segunda pessoa é nominativo e a primeira acusativo, o verbo não toma o índice da segunda pessoa, mas recebe a partícula *yepê*. Ex.: *Tu me matas, Ndê che jucá.yepê* e não *Ndê che rejucá*, com o índice *re*.

Quando a primeira pessoa é nominativo e a segunda acusativo, o verbo não toma o índice pessoal da primeira, mas toma por acusativo, no singular, *oro*, em vez de *ndê*, e *opo*, no plural da primeira, em vez de *penhê*. Exs.: *Eu te amo, Ichê oroçaucub* e não *Ichê ndê açaucub*; *Eu vos espero, Ichê opoçaron* e não *Ichê penhê açaron*¹²⁵.

Ocorrendo, na oração, dois verbos com um *que* interposto, o segundo vai para o infinitivo. Ex.: *Faço que comas, Ambo ndê ú* e não *Ambo ndê reú*. *Não quero que mates o pássaro, Naipotári ndê guyrá jucá* e não *rejucá*. Se o segundo verbo for neutro, poderá tomar o seu caso com uma preposição. Ex.: *Lembro-me de que me amais, Ichê maenduár ndê che rauçuba recê*¹²⁶.

Se, na oração, ocorrerem dois verbos sem *que*, interposto, dos dois verbos fez-se um só composto. Ex.: *Quero ir, Açópotár*; *Quero fazer, Amonhápótár*; *Fazer subir, Mbojupyr*¹²⁷.

Sempre que, na frase, ocorrerem expressões como *a ver, para fazer*, equivalentes ao supino latino em *tum*, o verbo vai para o supino. Exs.: *Vou a ver o mar, Açó paranã repiacaôáma. Venho a buscar-te, Ajur ndê rececaôáma recê*¹²⁸.

Nas frases em que entra o gerúndio, também servindo de supino, não se admite regência nem de verbo nem de preposições. Exs.: *Estou escrevendo ao padre, Aicó abaré quatiabo. Ando escrevendo, Che quatiá guitecobo*.

124 Em tupi, *veado* é *cygûaçú*. *Soaçú* ou *suaçú* é forma brasileira e *nheengatu*, mas que já se encontra em Gabriel Soares de Sousa e Cardim. Em guarani temos *gûaçú*. O metaplasmo de *y* para *u* é relativamente comum no tupi.

125 Corrija-se: *eu te amo* para *ixê oró auçub*; *eu vos espero* para *ixê opó arô*. Por um lapso o autor transcreveu justamente o que, segundo Figueira, se não deve dizer.

126 Emende-se *ixê* para *xe*.

127 O infinitivo correto é *moieupira*.

128 Em tupi, *buscar, procurar* se traduz por *ekara*; *sekara* é *procurá-lo*; *para buscar-te* - *nde rekaraûama ri*.

Demos mais alguns exemplos, que ilustram as regras precedentes:

Minha terra tem palmeiras

Che retama orecó pindoetá

Onde canta o sabiá;

Máme onheengar çobiá;

Aves que aqui gorjeiam

As aves aqui que gorjeiam

Guirá iké onheengarebaê

Não gorjeiam como lá.

Não gorjeiam lá como.

Nonheengári apé yabê¹²⁹.

129 Não sabemos se o autor teve grande confiança na correção desses versos. Com os recursos de que hoje dispomos sabemos que constituem uma mistura de elementos tupis propriamente ditos, isto é, de tupi antigo, de tupi médio do *Dicionário Português e Brasileiro* e de nheengatu.

Xe retama – *minha terra* é tupi de lei; **pindoetá** – *palmeiras*, é nheengatu.

Em tupi, *palmeira* é **pindoba**, cujo plural é **pindobetá**.

O rekó – é nheengatu por **o gūerekó** em tupi. O seu emprego, entretanto, é de todo inadmissível como conectivo. Só mui tardiamente, no nheengatu, **rekó** – *ter, haver*, assumiu essa função, por influência européia, que ali deformou uma das feições mais típicas do linguajar indígena. Em tupi se diria: **xe retama i pindob(etá)** – *minha terra tem palmeiras*.

Mamé é forma nheengatu, que já figura no *Dicionário Português e Brasileiro*.

Em tupi, *onde* é **mamó**.

Nheengara é *cantar*, em se tratando de pessoas: para as aves, diz-se *nheenga*, em tupi. **Sabiá o nheeng** – *canta o sabiá*.

Sobiá é uma forma suposta, que Teodoro Sampaio procurou legitimar pela etimologia. O dicionário jesuítico, que ele não chegou a conhecer, registra *sabiá*.

Güirá iké o nheengēbae e **n'ó nheengi** é que deve ser em tupi. **Apé** – *lá*, é nheengatu por **aepé** em tupi; **labé** – (*assim*) *como*, é tupi.

Aos sócios do Instituto oferece o autor.

Instituto sócios aos oferece o autor.

Instituto irumoguára çupé omehên monhangára¹³⁰.

130 **Irúmogûara** deve ser alteração do autor. Couto de Magalhães, na sua gramática nheengatu registra **irumo-ûara** – *companheiro*. Querendo dar ao termo um aspecto mais tupi, Teodoro Sampaio terá escrito **gûara** ao invés de **ûara**, com o único resultado de, assim, não pertencer a dialeto algum. Em tupi, *companheiro* é **irû**. O *Dicionário Português e Brasileiro* registra **irûnamogûara**, que, modernamente, se transformou em **irumôûara** e **irumûara**, no nheengatu.

Mehên (meê) – *dar* – é nheengatu. Em tupi se diz **meenga** – *dar*; **oi meeng** – *ele o dá*. Porque escreve aqui **mehên** e alhures **meê**.

Monhangara – o que faz, pode ser traduzido por *autor*, mas convém ter em mente que o termo isolado, sem determinativo, está divorciado da índole tupi.

Quais as causas dessas decepcionantes verificações?

Teodoro Sampaio, no convívio de Couto de Magalhães, dedicou-se inicialmente ao nheengatu com ocasionais incursões pela gramática do Pe. Figueira. Na primeira edição de *O Tupi na Geografia Nacional*, os textos acima e a maioria dos exemplos vêm transcritos em nheengatu. Mais tarde, por alguns escrípulos juntando-se a críticas isoladas, o autor decidiu reformar os seus *Breves apontamentos* em alguns pontos, aproximando-os do verdadeiro tupi. Mas, sendo ainda desconhecido o dicionário jesuítico, o estudo de textos era extremamente difícil, senão impossível, e o exclusivo manuseio das gramáticas de Anchieta e Figueira muito árido. Seja como for, tolhido pelo nheengatu, por suas múltiplas ocupações e, mais ainda, pela falta de um dicionário do tupi antigo, Teodoro Sampaio teve de recorrer para grande parte do seu léxico ao *Dicionário Português e Brasileiro*, que, apesar de datar do século XVIII já tem o cunho nheengatu bem pronunciado. Além disso, como já frisamos, não se conheciam nem textos, nem gramática dessa época. Desta forma, nunca chegou a ter noções muito nítidas do tupi antigo, do verdadeiro tupi, e o seu livro sofreu as deploraáveis conseqüências, ainda que bem pouco responsável lhe caiba, pela carência de fontes melhores ao seu tempo. A mania unitária foi completando a mixórdia “tupi-guarani”.

CAPÍTULO III

Das alterações fônicas no tupi sob a influência da língua portuguesa

67 – As duas línguas, portuguesa e tupi, em contato, no Brasil, por um largo período de anos, experimentaram, ao calor uma da outra, quer no vocabulário, quer na fonologia, uma ação idêntica ao que em calorimetria se denomina *equilíbrio móvel* de temperatura de dois corpos em presença. As duas línguas, em níveis diferentes, foram-se, com efeito, alterando, trocando entre si elementos, assimilando palavras, segundo a fonética peculiar a cada uma, até o aparecimento de um *idioma geral*, médio, uma língua *brasílica*, falada pela maioria da população da colônia nos dois séculos que se seguiram ao descobrimento¹³¹.

- 131 Há nestas palavras prudentemente vagas ainda uma pequena falha de apreciação, onde se nota a influência de Batista Caetano e de Barbosa Rodrigues, aliada ao conhecimento incompleto, quase nulo, das obras tupis dos jesuítas. Em primeiro lugar, é preciso termos em mente que a fonética tupi, ainda que divergente em alguns pontos, é relativamente homogênea, mas difere da guarani. Além disso, os numerosos vocábulos paroxítonos dão ao tupi e aos seus dialetos uma cadência que o aproxima das línguas ibero-americanas, o que não acontece com os correspondentes oxítonos do guarani.
- Depois, convém distinguirmos o linguajar tupi dos mestiços do tupi original carinhosamente cultivado pelos jesuítas. Os seus compêndios, já elaborados por volta de 1600, serviam quase exclusivamente no trato com os indígenas. Nessa língua policiada, portanto, a influência do português era diminuta, muito menor do que a do tupi no vocabulário luso, e, tanto mais, quanto o tupi, na maioria dos casos, lançou mão dos recursos da sua própria língua para designar os elementos novos trazidos pela civilização, enquanto o português preferiu simplesmente incorporar os termos tupis.
- O catecismo do Pe. Bettendorff, de 1687, composto no Amazonas (!), difere muito pouco dos preceitos de Anchieta, anteriores de um século e compendiosos centenas de léguas mais ao sul.
- Naturalmente, na boca dos mestiços, o tupi alterou-se mais rapidamente e, com o rareamento dos indígenas tupis, prevaleceu mais e mais a língua decadente que nos fixou, no século XVIII, o *Dicionário Português e Brasileiro*, o elo mais flagrante entre o tupi e o nheengatu e o qual designamos por *brasíliano*.

A língua tupi tinha-lhe já a Arte deduzido as regras gramaticais, como a escrita lhe fixara o vocabulário.

As palavras passaram a ter formas fixas, perdendo aquele dúbio e indefinido caráter em que as mantinham a difícilíssima apreensão das articulações e a diversidade e vícios de pronúncia de uma tribo para outra.

Mas rápida e proveitosa evolução assumiu então o tupi, a despeito da decisiva ascendência que o português, ao depois, adquiriu. Verificasse, com efeito, das publicações do século XVIII, comparadas com as dos dois séculos precedentes, que o tupi melhorou sensivelmente¹³².

O tupi antigo, segundo se colhe dos trabalhos de Anchieta e Figueira, mais chegado ao falar do selvagem, não é decerto o nheengatu de hoje, de que tratam Magalhães e Barbosa Rodrigues, como não é o tupi de que temos notícia pelo *Dicionário Português e Brasileiro*, e pelo de Ferreira França, este, sem dúvida, referente a manuscrito anterior a 1757 e aquele de 1753^q 133.

132 Só por desconhecimento ou manuseio superficial das obras tupis. Teodoro Sampaio pôde ter chegado a tão errônea conclusão. No século XVIII o tupi entrou em franca decadência: modifica-se a forma primitiva de muitos vocábulos; a distinção entre o relativo e o absoluto tende a diminuir; a gramática empobrece e muitos termos genuinamente tupis são substituídos por lusismos ou traduções de influência lusa; surgem, por fim, os verbos conectivos à imitação do português.

Não, meu caro mestre, o tupi não melhorou no século XVIII! Muito ao contrário, entrava então em definitivo abastardamento; desvanecia-se como o povo que o falava, em holocausto à civilização.

q A *Arte e Vocabulário* de Anchieta são de 1595; os trabalhos do Pe. Figueira, sob o título *Arte da gramática da língua do Brasil*, trazem a data de 1611. (134)

133 Hoje podemos ser um pouco mais explícitos. O *Dicionário Português e Brasileiro* é a edição feita, em 1795, por frei Conceição Veloso, de um manuscrito ora existente na Biblioteca Nacional, datado de 1751. O seu provável autor, conhecido apenas por frei Onofre, missionário no Maranhão, segundo Plínio Ayrosa, deu ao trabalho um cunho prático, dentro do estado da língua falada pelos mestiços e índios semicivilizados, na época em que o compôs. É impressionante a sua tendência para o nheengatu.

O vocabulário contido na *Crestomatia*, de Ferreira França, é posterior a 1687, visto como se reporta muitas vezes as segundas edições do *Catecismo*, do Pe. Araújo, e da *Gramática*, do Pe. Figueira, respectivamente de 1686 e 1687. É mais resumido, menos prático, mas o seu compilador, certamente um estudioso, cita com freqüência os autores antigos para documentar-se. O seu acervo lexical, descontados os muitos erros do editor, dá a impressão de muito mais chegado ao tupi do que o do *Dicionário Português e Brasileiro*, embora escasso meio século, quanto muito, medeie entre a feitura de um e outro.

Observa-se, na verdade, que o tupi, como *língua geral*, ganhara em vocalização, se tornara menos fanhoso ou nasal, e simplificaram-se-lhe as palavras, caindo grande número de sons ásperos ou guturais¹³⁴. A gama das vogais se reduziu a um mínimo a que o próprio português não escapou¹³⁵.

68 – Quando, enfim, o tupi cede o passo ao português e desaparece até dentre as populações do campo, o resíduo, que dele perdurou nas denominações dos utensílios, das plantas, dos animais e das localidades, trouxe já de época remota as alterações fônicas que bem evidenciam a força assimiladora, cedo exercida pela língua culta que ficou predominando. Assim é que as consoantes duplas *mb*, *nb*, *nt*, participantes de uma branda nasalização, se desdobraram ou se reduziram a uma consoante simples, dizendo-se, então, *baé* ou *maé* por *mbaé*; *boy* ou *moy*, por *mboy*; *ené* por *ndé*; *nitio* ou *inti* por *ntio*. Os nomes geográficos *Baependy*, *Maecuru*, *Boypeba*, *Mogy* ou *Moygy*, *Antimary*, são frisantes exemplos¹³⁶.

69 – Também o som nasal final em *an* ou *on* tomou logo o timbre português em *ão*, dizendo-se, por isso, *Maranhão* por *Maranan* ou *Maraná*; *Banharão* por *Mbaénharon*; *Jaguarão* por *Jaguanharon*.

134 A gramática e o vocabulário de Anchieta, muito antes de 1595, andavam, manuscritos, de mão em mão nos colégios.

A gramática foi efetivamente impressa em 1595. O mesmo não se deu com o vocabulário.

A primeira edição da gramática do Pe. Figueira não traz o ano da impressão, mas, à vista da licença, deve ser de 1621. O seu título exato é *Arte de Gramática da Língua Brasílica*.

135 A comprovação de tais mudanças radiais dentro da língua geral, ou seja, do tupi antigo, seria tentame ilusório.

Elas são relativamente pequenas no decurso de um século inteiro, de Anchieta e Bettendorff, como já dissemos, e numa área enorme como a de Piratininga ao Amazonas, se as julgarmos pelas obras dos jesuítas, as únicas provas concretas que possuímos.

Onde efetivamente se acentuou a troca de nasais em fonemas normais e do *y* gutural em *l* foi no *nheengatu*, aquela outra língua geral, que, esgalhando-se do tupi, começa a desenvolver-se entre a população heterogênea do País desde os primórdios da colonização. É o que nos é confirmado pelos próprios compêndios jesuíticos, pelos cronistas e, principalmente, pelo exame do *Dicionário Português e Brasileiro*, que, infelizmente, na falta do vocabulário jesuítico, serviu de base a grande parte dos estudos léxicos de Teodoro Sampaio.

136 Desconhecemos *ntio* = *não*, em tupi. *Nitio* aparece no *Dicionário Português e Brasileiro*; *nti*, *entf*, *ntf* etc. fixaram-se no *nheengatu* moderno.

Geralmente, porém, o som nasal em *ã* ou *an* final dos vocábulos tupis transformou-se, sob a influência do português, em *á* agudo, dizendo-os, por exemplo: **Paraná** por **Paraná**; **Guayaná** por **Guayaná**; **irapuá**, por **irapuan**; **puá** por **poá**; **porá**, por **porá**; **pitá**, por **pitá**¹³⁷.

70 – Observa-se a mesma alteração com o som nasal *im* ou *i*, no final de certos vocábulos, como, por exemplo: **poti**, por **potim** ou **poty**, o **camarão**; **camocim** ou **cambucim**, **cântaro**, passou a ser pronunciado **camoci** ou **camboey**; **tuyutim**, **lameiro branco**, pronunciou-se **tuyuty**¹³⁸.

71 – A vogal *ê*, com acento tônico na penúltima sílaba dos vocábulos tupis, passou a valer pelo ditongo *ei*, dizendo-se comumente **capueira** por **caapuêra**;^{138A} **ipueira** por **ypuêra**; **pereira** por **pêrera**.

72 – A vogal pura, *o*, substituiu-se quase que geralmente por *u*, no meio dos vocábulos, e, no *nheengatu* do Amazonas, até na última sílaba deles. Nos escritos dos séculos XVI a XVIII se lê sempre: **coêra** ou **goêra**, **goá**, **coára**, que hoje se escrevem e se pronunciam comumente: **cuêra** ou **guêra**, **guá**, **cuára** ou **quára**^{138B}.

O verbo **icô**, *ser* ou *estar*, é pronunciado, no Amazonas, **icu**; assim como o verbo **ricô**, *ter*, pronuncia-se **ricu**; **amô**, *outro*, **amu**¹³⁹.

73 – As vogais duplas *aa* e *ii* contraíram-se numa só, guardando, todavia, o acento primitivo; assim é que se diz hoje **capim** por **caapy** ou **caapif**; **atinga** por **caatinga**; **capoeira** por **caa-poêra**; **tapyira** hoje se pronuncia comumente **tapira**, a *anta*¹⁴⁰.

137 **Apuá** – *redondo, bola*, não se desnasalou, porque o *a* final já era normal tanto no tupi como no guarani. **Porá** e **pitá** são as formas guaranis de **poranga** e **pitanga**.

138 Em tupi, **camarão** é **poti**; **pote** – **kamuçf**; **tufuti** – **barro branco** – é guarani; a forma tupi é **tufutlga**.

138A **Capoeira** vem do termo tupi **kopuêra** – *roça antiga, da qual o mato já tomou conta*. Daí a definição do vocabulário jesuítico: **kopuêra** – *mato que já foi roçado (roça)*. Enganam-se, pois, os que definem **capoeira** por: *o que foi mato*, porque, muito ao contrário, é: *onde já cresceu nosso mato*. Fernão Cardim, nos *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Rio, 1925, p. 62, confirma plenamente essa interpretação, usando ainda a forma indígena: “Estas figueiras (**ambaigba**) nem se acham nos matos verdadeiros, mas nas **copueras**, *cnde esteve roça*”.

138B Esse *o*, de acordo com os ensinamentos de Anchieta, sempre teve o valor de *u* líquido, ou seja, de *û* pela nossa grafia.

139 O verbo *ter* é **rekô** tanto em tupi como em guarani.

140 *Anta* é **tapfira** e não **tapyira**, em tupi.

Freqüente é a troca de **t** por **s**, e vice-versa, no começo das palavras, dizendo-se, por exemplo: **sambá** por **tambá**, **sabará** por **tabará**.

74 – Certos vocábulos, que entram mui freqüentemente na composição das denominações geográficas, experimentaram, desde cedo, alterações fônicas que a prosódia portuguesa perfeitamente explica.

Examinemos cada um destes vocábulos com mais vagar, a começar por aqueles que exprimem os quatro principais elementos dos antigos: a *água*, a *terra*, o *ar* e o *fogo*.

75 – A *água* diz-se **Y**, monossílabo que, no tupi, é uma vogal gutural única, e que nenhuma grafia conseguiu ainda representar exatamente: dá também a variedade de sons que se lhe tem atribuído. Não existindo, no português, o som do **y** grego, ou **u** dos franceses, a pronúncia da gutural tupi ficou, ora equivalente a **i** simples, como nos vocábulos: **Icafu**, **Ipanema**, ora equivalente a **u**, como em **Utinga**, **Umirim**, **Unhá**.

Outras vezes, procurou-se representar ou simular o som gutural do vocábulo, por meio de um **h** anteposto, ou de um **g** posposto, escrevendo-se **Hicatu**, *água boa*; **Hipanema**, *água ruim*; **Pirahy**, *rio do Peixe*; **Iperuig** ou **Ipirú-yg**, *rio do Tubarão*.

Da mesma e difícil vocalização do **y**, cuja gama, como dissemos, está entre **i** e **u**, resultou a desinência em **u** ou **hu**, que se nota em certas denominações do Norte e Sul do Brasil, como em **Mojú** ou **Moyú**, *rio das Cobras*; **Cunhaú** ou **Cunhãhú**, *rio das Mulheres*; **Mondahú**, *rio do Furto*; **Tambahú**, *rio das Conchas*; **Anhangaba-hú**, *o rio da Maldade* ou *das Diabruras*, os quais se poderão escrever: **Mogy**, **Cunhãy**, **Mondahy**, **Tambahy**, **Anhangabahy**.

A imperfeição no emitir o som da gutural **y** chegou ao ponto de se dizer, no Ceará, **Acaracu**, por **Acarahú** ou **Acarahy**, donde procede a tão debatida denominação **Caracu**, dada a uma variedade de gado bovino nos sertões do Centro ou do Sul do Brasil.

Não raro, o **y** inicial e médio de certos vocábulos tupis se alterou também para **o**, escrevendo-se, muitas vezes, **Otinga** por **Utinga**, ou melhor, **Ytinga**, *água branca*; **Oriçanga** ou **Ouriçanga** por **U-rõyçang** ou **Y-royçanga**, *água fria*; **Paraopeba** por **Pará-u-peba**, ou melhor, **Pará-y-peba**, *rio de água rasa*.

Em documentos de 1720 a 1723, publicados no *Arquivo do Estado de São Paulo*, sob a direção do nosso consócio Dr. Antônio de Toledo Piza, se lê o nome da cidade de **Ytu** (**Itu**) com a grafia **Outú**, o que bem revela que, nessa época, ainda passava pelo cadinho da assimilação a difícil gutural **y**.

76 – **Yby**, *a terra, o solo*, de que a vocalização imperfeita do **y** grego, entre os portugueses, cedo corrompeu a prosódia do vocábulo,

dizendo-se, ora **ibi**, como se verifica nos nomes **ibiapina**, *terra calva ou pelada*; **ibicui**, *areia*; ora **ubur**^r, que, pela aférese do **u** da primeira sílaba, se reduziu a **bu** e ainda a **bo**. Esta última corruptela já se notava em fins do século XVI. Na *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador, escrita em 1627, já se lê o nome da serra interposta ao Ceará e Piauí com a grafia **Boapaba** por **Ibiapaba**. O nome **boçoroca**, que outros ainda dizem **voçoroca**, procede de corruptela idêntica. Em vez de **Ybysoroca**, *terra rasgada ou fendida*, passou-se a dizer, a princípio, **ubusoroca** e depois, pela aférese do primeiro **u**, **bu-soroca** e, daí, **boçoroca** ou **voçoroca**, como é hoje vulgar.

Os nomes **Butantan (Butantã)**^s, **Bupeva**, não são senão corruptelas de **Yby-tantã** e de **Yby-peba**, explicáveis do mesmo modo e significando a primeira, *terra firme ou dura*, e a segunda, *plântie* ou *terra-chã*.

Mas não-obstante essa tendência corruptora, evidenciada desde séculos, o nome **Yby**, como radical, tem resistido intacto ou apenas modificado, na sua grafia verdadeira, em certos vocábulos para cuja composição concorre, dizendo-se, por exemplo, **Ibitinga** por **Yby-tinga**, *terra branca*; **Ibicui** por **Yby-cuí**, *terra fina, areia*¹⁴¹.

77 — **Ybytú**, *o vento, o ar, o clima, a nuvem*, é vocábulo composto de **Yby**, *terra*, e de **tú**, *golpe, tombo, impulso, queda*; sofreu, desde cedo, as mesmas corruptelas do seu radical, já anteriormente apontadas¹⁴².

A princípio, se pronunciava alterado em **ibitu**, **ibutu** ou **ubú-tú**, mas, depois, pela queda da primeira sílaba, se passou a dizer **bitu** ou **bútu** e ainda **botú** ou **votú**.

Em documentos antigos, dos séculos XVII e XVIII, encontram-se espécimes das ditas corruptelas. O nome **Botucavarú** é disso notável exemplo.

No último quartel do século XVIII, deram os habitantes de Sorocaba de buscar minas de ouro para os lados da serra do Mar, de cujo cimo divisavam, em longínquo horizonte, monte altíssimo, coroado de nuvens.

—

r O conselheiro Martim Francisco, o Velho, no seu *Diário de uma Viagem Mineralógica* (R. I. Hist., tomo 9^o, p. 527), refere haver colhido no Juquiá semelhantes de **ubucuúba**. É a mesma **ybycuyba** de outros lugares do Brasil.

s Em documento antigo, de 1592, lê-se **Ubatãtã**.

141 **Yby-kuf** é literalmente *pó* ou *farelo de terra*; daí também *areia*.

142 **Ybytú** significa apenas *vento* e não *clima* ou *nuvem*, no tupi. Só no brasileiro o sentido de **ybytú** parece ter evoluído para **nuvem**, em palavras compostas. A etimologia montoyana, que af perfilha, é mais do que discutível.

Os roteiros do tempo davam-lhes sete a oito léguas de comprido e o qualificavam de desformemente alto. Tal era o lendário **Botucavarú**, descoberto por João Batista Victoriano, em 1780. Nesse tempo ainda se escrevia **Ivutucavarú**, como se verifica de velhos documentos do *Arquivo do Estado de São Paulo*. A corrupção, porém, do vocábulo tupi começava apenas, dizendo-se, então, **Ivutu-cavarú** por **Ybytú-cavarú**, que quer dizer *cavalo das nuvens*, isto é, monte em cujo cimo as nuvens pousam ou ficam a cavaleiro.

O nome **Botucatu**, que procede do mesmo radical **Ybitú**, é outra corruptela de procedência antiga. Em documento de 1772, quando se tratava de assegurar e abastecer a praça de **Guatemy**, na fronteira do Paraguai, já se faz referência aos campos do **Botucatú**, por onde passava a nova estrada do sertão, na direção daquela praça. A grafia do vocábulo tupi andava, porém, incerta: escrevia-se **Botucatú**, **Ubutucatú**; este último ainda alterado para **Wutucatú**^t.

Mas, essa última grafia deixa bem perceber que o primitivo vocábulo **ybytu-catú**, que quer dizer *bons ares*, primeiro se alterou para **Ubutucatu**, de que, aliás, pela aférese do **u** inicial se fez **Butu-catú**.

Os nomes **Buturuy**, **Butuay**, **Butupiá** são, pelo mesmo processo, corruptelas dos vocábulos tupi **Ybytu-roy**, que quer dizer *vento frio*, assim como **ybytu-af**, *vento mau*, e **ybytu-pitá**, *vento durável*^{142A}.

Não raro se confunde o radical de tais vocábulos, depois de alterados com a palavra **motuca** ou **butuca**, que, no tupi, designa a conhecida mosca sanguinosa, e daí as errôneas interpretações correntes, a que mais adiante voltaremos.

78 – **Tatá**, *o fogo, o lume*, é vocábulo que também se alterou, na linguagem vulgar, em grande número de casos em que entra na composição de outros vocábulos. Assim é que se diz hoje comumente, **catapora** por **tatapora**, que quer dizer *fogo irrompe* ou *erupção*, afogamento da pele; **sasurana** ou **taturana**, por **tatárana**, que se aplica a uma grande lagarta de tom avermelhado e que, na verdade, significa *tirando a fogo* ou *afogueada*, razão por que, em alguns lugares, são tais larvas conhecidas por *lagartas de fogo*.

Não raro, a corrupção do vocábulo **tatá** se dá pela paragoge, acrescentando-se um **u** no fim, e dizendo-se, por exemplo, **Tatauhy**, por **Tatá-hy**, que quer dizer *rio do fogo*.

t *Arquivo do Estado de São Paulo, III: 53.*

142A Leia-se **pytá**. **Pytá** traduz *ficar, pousar* e não *durar*; muito menos *durável*. Compare: **pytá** – *calcanhar*.

79 – Examinemos, agora, os vocábulos tupis com acepção geográfica, de emprego mais freqüente e cuja corrupção mais convém conhecer.

Começemos pelas denominações aplicadas à terra e aos vários aspectos do seu relevo.

Já vimos que o vocábulo *yby*, a terra, o solo, estando independente na frase, guardou a forma, *ibi*, mas, entrando na composição de outros vocábulos, se alterou para *ubú*, *bu*, *bó*, ou *vó*.

80 – A terra elevada, ou uma simples elevação, diz-se, no tupi, *ityra* ou *atyra*, que mais propriamente quer dizer *cabeço*, *montão*, *cú-mulo*. Esse vocabulo entra na composição de muitos outros e, por efeito dos metaplasmas, aparece, não raro, alterado para *tyra*, *tyr*, *try* e *tra*, e ainda em *tura*, *tur*, como se verifica nos nomes *Ibityry*, *Tripui*, *Trapuá*, *Turuna*, que não são senão *Yby-ityra*, terra elevada; *Ityra-poi*, monte delgado ou estreito; *Ityra-puã*, cabeço redondo; *Ityr-una*, cabeço escuro, altura negra¹⁴³.

81 – A montanha ou serro elevado diz-se, no tupi, *Ybytyra*, que, como acima dissemos, se decompõe em *yby-ityra*, isto é, elevação de terra ou terra alta. A alteração metaplástica desse vocábulo é a mesma dos seus elementos componentes; por isso, é freqüente encontrarem-se denominações de lugares com as grafias do radical *butur*, *ibitur*, *bitur*, formas alteradas de *ybytyra*, as quais não se devem confundir com as do vocábulo *ybytú*. No tupi do Sul, o vocábulo *ybytyra*, contraído, deu *ybyty* e, de suas diversas alterações, na composição de outros vocábulos, nasceram as formas *ibitú*, *bitú*, *butú*. Os nomes *Ibituruna*, *Buturuna* ou *Voturuna*, são apenas formas diversas de um mesmo vocábulo – *ybytyruna*, que quer dizer *monte negro*. *Butujurú* é simples corruptela de *ybyty-jurú*, que quer dizer *boca do monte*. *Botucaray* é a alteração de *ybyty-caray*, donde *Ubutucaray*, *Butu-caray* ou *Botu-caray*, significando *monte santo*.

O nome *Voturantim*, do conhecido salto do rio Sorocaba, é corruptela do *Ybytyra-tin*, de que o primeiro vocábulo se alterou para *butura* ou *votura*, e o segundo não é senão a forma contrata de *tinga*, branco, branca, comum no dialeto guarani, que chegou até São Paulo.

Portanto, *voturantim* significa mui propriamente *montanha branca*, pois que o salto do Sorocaba, naquele lugar, não é mais do que uma encosta alta, coberta de alvo manto de espumas.

A denominação dada à famosa serra de excelente clima, no Ceará, *Baturité*, é notável exemplo da corrupção dos vocábulos tupis. Em outro

143 *Atyra* é *montão*, ou *amontoadado*, enquanto *ybytyra* é *monte*, *montanha*. *Ityra* não conhecemos no tupi, nem os seus compostos.

tempo, se chamou **Buturitê** e, ainda hoje, entre os homens do sertão, se diz **Butritê**, guardando melhor o primitivo radical, pois que **Baturitê** é simples corruptela de **Yby-tyra-etê**, transformado primeiro em **Ubutura-etê**, ou **Butureté** que quer dizer *montanha verdadeira*, isto é, a *Serra*, por excelência^{143A}.

Por desconhecer a alteração do primeiro vocábulo componente é que José de Alencar, nas notas do seu romance *Iracema*, interpretou o nome **Batureté** como alteração de **Batuirá-etê**, *narceja verdadeira*, que nenhuma relação tem com o objeto denominado ou com a localidade.

82 – O pico ou o monte agudo diz-se, no tupi, **Itaimbé**, ou **ytá-aymbé** que, literalmente, significa *pedra afilada* ou *ponteaguda*, como também se diz **itatim** (**itátim**), significando nariz ou ponta de pedra. O primeiro vocábulo alterou-se, porém, para **itambé**, e, com ele, se designam, em alguns lugares, *as pontas de pedra, as escarpas e arestas vivas nas encostas rochosas dos montes*. Em Minas Gerais, um dos pontos culminantes do seu sistema orográfico, na serra do Espinhaço, se denomina **Itambé**¹⁴⁴.

O vocábulo **itatim** conservou-se, porém, inalterado, e com essa denominação se conhece, no território paulista, na sua zona marítima, uma alta serra, a dos **Itatins**, que é como se se dissesse *a serra dos picos*, pelos muitos e bem caracterizados que, nessa montanha, se descobrem.

83 – A terra alta com margens escarpadas ou talhadas a prumo, dizia-se, no tupi do Sul, **Ybi-ã**, literalmente, *terra alta*, de que, por corrupção, se faz **Ibiá**. A chapada, com as margens assim talhadas, dizia-se **Ibiãmucú**. O nome **Ibiapaba** (**yby-ã-paba**), literalmente exprimindo *o extremo* ou *fim da terra alta, o extremo do escarpado*, por causa da forma tão característica da serra a que se aplicou, passou a designar, no Norte do Brasil, *chapada* ou *planalto*¹⁴⁵.

A serrania ou cordilheira dizia-se **Ybytyruçú**, por corrupção, **buturuçú**; a cumiada da serra, **Ybytyrapi**; o pico proeminente, **Yara-quá**, que quer dizer *dedo de Deus*; o ápice do pico, **Tin-quá**, por corrupção **Tinguá**; o penhasco de encosta lisa, tão freqüente nas regiões

143A Leia-se **ybytyr-etê**.

144 *Agudo, áspero*, em tupi é **aembé**; *ponta de pedra* – **itá-ti**, segundo a fonética tupi.

145 A grafia correta é **yby-ã**; o seu correspondente, no tupi, é **yby-ama**; ambos significam *ladeira, encosta, barranco*. **Mukú** é a forma do adjetivo **pukú** – *comprido, alto*, quando precedido de fonema nasalado. **Mukú** também significa *comprimento*.

graníticas ou gnáissicas, **itapé-cerica**, que quer dizer *penha escorregadia*; o penhasco de encosta reluzente, por efeito dos manadeiros e da luz solar, **Itáberaba**, ou, literalmente traduzindo, *pedra reluzente, penha que resplandece*; o penedo avultado, **Itáguacú**; a laje, **Itá-peba**, por corrupção, **Itápeva** e, por contração, quando entra na composição de outros vocábulos, **Itapé**; a laje lisa ou polida, **Itapé-chinga**; a pedra empinada, **Itá-bira**; a bocaina, ou garganta, **Ybyty-jurú**, por corrupção **Butuju-rú**; a montanha furada ou fendida, **Ybyty-póca**, por corrupção, **Butu-póca**, **Vatupóca**¹⁴⁶.

84 – O vale, a bacia, o seio, a depressão entre montanhas, dizia-se no tupi **Ibyty-goaya**, ou simplesmente **goá** ou **guá**, que se vê empregado na composição dos vocábulos **Paranágoá**, **Jaragoá**, **Paragoá**, **Igoá**. Não raro, se encontra o vocábulo **goá** seguido da partícula **pe**, posição de quietude, valendo pela preposição **em** ou **a**. Assim é que se diz **Igoape** (**y-goá-pe**), significando, *no seio d'água* ou *no lagamar*, e **Marangoape** (**Marangoá-pe**), *no vale da batalha, ou baixa da desordem*.

O nome **Yacarepaguá**, tão estranho, com que se designa a lagoa vizinha da pitoresca montanha da Gávea, no Rio de Janeiro, é corrupção do tupi **yacaré-upá-goá**, que quer dizer *seio da lagoa dos jacarés, ou baixada da lagoa dos jacarés*.

85 – O deserto, a região despovoada e estéril, diz-se no tupi **porapora-eyma**, que, literalmente, significa *sem habitantes*, donde, por conhecida corruptela, vem o nome **Borborema**, da elevada serra que, como uma extensa chapada deserta, se estende desde o Rio Grande do Norte, através da Paraíba, até Pernambuco. Também se diz **tabeyma**, que quer dizer *sem aldeias*¹⁴⁷.

86 – O sertão, o território interior desconhecido, para onde se refugiaram as tribos tapuias expelidas do litoral, dizia-se no tupi **Tapuyrama**, cuja tradução é *região dos tapuias* ou *dos bárbaros*¹⁴⁸.

146 Em tupi, *dedo é moã*, **poã**; em guarani encontramos duas formas: **muã** (**puã**) e **kuã**.

147 **Pora**, como termo autônomo e significando habitante, só encontramos no *Dicionário Português e Brasileiro*. Porém, mesmo aí, pelos exemplos, parece antes sufixo do que palavra independente, tal qual no tupi. **Porapora-eyma** deve ser filho espúrio do diletantismo ignaro. No tupi temos **tab-eyma** e **tatyb-eyma** para *despovoado, ermo*.

148 **Pátria, terra, é tetama (retama, setama)** em tupi. *Terra dos tapuias* seria **tapuyí-retama**, se os índios chegassem a conceber esse conceito de áreas geográficas, principalmente em se tratando de tribos nômades.

87 – O campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente, denomina-se **nhû**, por corruptela **inhum** e até **nû**. Os nomes **Inhumirim** e **Nuporanga** são exemplos dessa alteração do primitivo vocábulo, devendo-se escrever **nhû-mirim**, *campinho*, **nhû-poranga**, *campo belo*.

O conhecido vocábulo **Jundú**, usado ainda hoje, à beira-mar, para designar uma zona adjacente à praia propriamente dita e já invadida pela vegetação, mas que nem é praia, nem é mato, é uma corruptela de **nhû-tu**, que quer dizer *campo sujo*, alterado para **inhuntu** e mais tarde para **Jundú**.

88 – O mato espinhento, retorcido e áspero, que cobre uma terra arenosa e quase estéril, dominando largas extensões no território brasileiro, denominava-se no tupi **caá-tinga**, *mato branco*, de que procede o vocábulo **catinga**, afeiçãoado já ao português e muito comumente empregado no Norte do Brasil, mas, de fato, bastante expressivo, porque pinta o aspecto particular dessa vegetação, no tom geral, acinzentada e esbranquiçada.

No interior de São Paulo, dá-se ao mato rasteiro, espinhento e mui fechado a denominação **catanduva**, procedente do tupi **caá-ãtan-dyba**, que se traduz *matagal rijo, áspero*. No guarani, **câtã** ou **cãnã** exprime *folgado, ralo, esparso*, e assim **catãdyba** ou **catãduba**, significaria a *charneca*.

O mato ralo, como o cerrado, denominava-se, no tupi, **caa-catú**, que se traduz *mato bom* ou *acesível*.

A mata virgem, corpulenta, denominava-se **caâeté**, que quer dizer *mato verdadeiro*, com que se designam, no país, várias localidades e que o vulgo tem alterado para **caité** ou **caheté**.

Ao mato, que se renova sobre os destroços de uma mata primitiva, dava-se o nome **caá-poêra**, de que a corruptela fez **capoeira**, que significa *mato extinto*¹⁴⁹.

149 Essa opinião errônea é muito espalhada.

Capoeira vem de **ko-pôera** – *roça abandonada*, da qual o mato já tomou conta. A troca do **o** para **a** deve-se à influência da palavra mais corrente **kaá** – *mato*. Entretanto, o índio nunca chamaria ao *mato novo* de um antigo roçado **kaá-pôera** – *mato extinto*, quando a capoeira é, na verdade, um *mato renascido*.

Metaplasmo idêntico se verifica no termo conexo *capixaba*, que provavelmente vem de **kopiçaba**, **kopixaba** – *roçado* e não de **kapiçaba** – *monda*, que é uma operação secundária. É mais do que provável a influência recíproca de duas formas tão parecidas, tanto mais quanto o *Dicionário Português e Brasileiro* já traz **kapixaba** com o significado de roça. V. nota 216.

A entrada da mata, ou ao sítio em que a estrada penetra na floresta, dava-se o nome **caá-jurú**, boca da mata, com que se conhecem, no Brasil, não poucas localidades.

O mato, que cresce ilhado no meio do campo, denominava-se **caá-pãu**, *ilha de mato*, de que procede o vocábulo **capão**, hoje geralmente adotado no Brasil para significar essa forma de vegetação. Algumas vezes se diz também **capuão**, mas já derivado de outro vocábulo tupi, **caá-apoan**, *mato redondo*, podendo significar um *oásis*¹⁵⁰.

89 – No Brasil Central, é comum denominar-se **araxá** os chapadões que se estendem, mais ou menos ondeados, entre as bacias fluviais. Couto de Magalhães é de parecer que esse vocábulo vem do tupi-guarani e quer dizer *ver o dia*, decompondo-se em **ara**, *dia*, **tempo**, *luz*, e, por extensão, *o sol*, e **echá** que, no guarani, significa *ver, observar, avistar*.

O **araxá** é, assim, a região elevada donde primeiramente se vê o dia ou se observa o despontar do sol^{150A}.

90 – As diversas formas do relevo do solo, no Brasil, tomaram nomes, as mais das vezes, de procedência indígena. Assim, o morro em forma de torre, que se destaca do maciço, e que, no Sul, se denomina **Cuscuzeiro**, **Ityra-poá**, por corrupção, **Trapuá**; as colinas arredondadas, ou meias-laranjas, **Câma-poá**, que quer dizer *peito levantado*; e as colinas cônicas, como **pontas de peito**, **Cama-quã**; ao *morro pelado*, ou **calvo Ityrapina**; *a terra naturalmente despida de mato*, **Ibyapina**¹⁵¹.

A *região das matas* diz-se, no tupi, **Caáretama** ou **Caárama**; *a região dos campos*, **Nhûretama**; *a região das palmeiras*, **Pindoretama** e, por contração, **Pindorama**¹⁵².

150 Leia-se **kaá-paü**. **Capuão** vem mais provavelmente de **kaá-apûã** – *ponta de mato*, como **itápûã** (contração de **itá-apûã**) é *cabo de pedra. Redondo*, tanto em tupi como em guarani, é **apuá**, de onde o nome da abelha chamada **irapuá**.

150A **Araxá** parece ter sido o nome de uma tribo indígena de outra família lingüística.

151 Temos aí novamente **ytyra** ao invés de **atyra** – *montão*. Já vimos que a forma **kûã** é guarani; em tupi temos **moá**, **poá**.

152 Em tupi **tetama** (r. s.) é a terra onde se nasceu, *a taba*, e por extensão *a pátria*. **Kaá-retama** e **nhû-retama**, lexicologicamente corretos, não correspondem à índole tupi. A forma **rama**, em lugar do relativo **retama**, apregoada por Couto de Magalhães, num momento de fraqueza, é invenção de algum matuto, à imitação dos termos portugueses **courama**, **dinheirama**, **vaqueirama**, **burrama**, etc. **Pindorama** pode ser mais agradável ao ouvido do que **pindoretama**; tupi é que nunca foi.

91 – Riquíssimo é o vocabulário tupi nas denominações hidrográficas.

Ao *mar* ou *oceano* chamavam **Pará**, vocábulo cuja origem dificilmente se explica. Batista Caetano aventa a hipótese de proceder esse vocábulo de **marã**, *revolto* ou *desordenado*, ou de **y-pá-rá** que quer dizer *águas todas colhe*, ou *o colhedor das águas*. Se, como opinam alguns cientistas, os tupis eram um povo do interior que, só mais tarde, quando se expandiram, viram o mar, o nome, com que o designaram, deve ter sido um vocábulo derivado de outro, exprimindo idéia semelhante. A água confinada, ou lagoa, **ypá**, seria o vocábulo primeiro, traduzindo uma idéia ou imagem de uma coisa familiar ao selvagem das regiões centrais, para quem o mar, visto pela primeira vez, seria comparável a uma lagoa de *águas revoltas ou encrespadas*, e daí o nome **ypá-rá**, que, literalmente, significa *lagoa crespada ou agitada*. De acordo com essa hipótese, **pará** é simples derivado de **ypará**. Depois da expansão pelas regiões marítimas, o nome **pará** ficou sendo, em definitivo, a denominação do mar¹⁵³.

Ao *mar* alto, ao oceano, chamou-se **pará-uaçú**, e ao caudal grande, semelhante ao *mar*, **paraná**, que quer dizer *parecido com o mar*, e que ora, por corrupção, se diz **paraná**¹⁵⁴.

92 — O vocábulo **pará**, de emprego comuníssimo na geografia nacional, não sofreu alteração senão no seu composto **paraná**. Algumas corrupções, como **Pracatu**, por **Pará-catú**, *rio bom*, não tiveram curso. Assim é que a palavra **pará** se mantém intangível nos vocábulos **parahyba** ou **pará-ayba**, *rio ruim*, ou impraticável pelos obstáculos naturais do seu leito; **parahupeba** ou **pará-y-peba**, *rio de água rasa*; **parahytinga** ou **pará-y-tinga**, *rio de água branca*; **parahybuna** ou **pará-yb-una**, *rio de água preta*; **parahypitanga** ou **pará-y-pitanga**, *rio de água vermelha*¹⁵⁵.

153 A designação de *mar* diverge do tupi para o guarani; neste é **pará**, naquele, **paraná**. No tupi, **pará** é *rio caudaloso*. O *nheengatu* aproxima-se af do guarani. O assunto dá margem a interessantes pesquisas, talvez capazes de trazer novas achegas à história das migrações tupi-guaranis.

154 **Paragûaçú**, em tupi, é *caudal grande* e, em guarani, *mar alto*; para este último significado os Tupis empregavam **y-pytera**. *Semelhante, parecido, iosco* é **aná** apenas no guarani; no tupi, no brasileiro e no *nheengatu* é **rana**. Só com muito artifício se conseguirá formar **paraná** de **pará** e **rana**.

155 Não é muito provável que os índios combinassem **pará** com **y** nesse caso. Mais aceitável parece a opinião de termos af as formas contratas de: **pará-afbatanga** **paraf-tinga** – *rio branco acidentado*; **pará-afba-una** **parafb-una** – *rio preto acidentado*, etc. O **b** neste último complexo não tem outra explicação.

93 – A palavra **paraná**, sob a influência do português alterou-se bem depressa, nos seus compostos. Por síncope do a, no meio da palavra, passou-se a dizer **parnã**. Em documentos antiquíssimos já se encontra essa última corruptela modificada para **perná** entre portugueses, e para **fernã**, entre franceses. Os primeiros fizeram de **Paraná-buc**, Pernambuco, e os segundos, **Fernambuco**.

A palavra **parnahyba** (**parnaſba**), corruptela de **paraná-ahyba**, comumente empregada, como **parahyba** (**paraſba**), para designar, nos grandes rios, os trechos impraticáveis, onde a navegação se torna impossível também se encontra, em antigos documentos, com a grafia **Pernahyba**^u.

94 – Ao mar largo, ao oceano, davam os tupis, como vimos, o nome **paranãuaçú**, como chamavam **paranagoá** ao golfo ou baía grande, pois que tal palavra outra coisa não é senão **paraná-goá**, que, literalmente, se traduz *bacia do mar ou baixada do mar*. Por esse motivo se encontra, entre os Tupinambás, o nome **Paranágoá-açú**, aplicado à baía que os portugueses, ao depois, chamaram de Bahia de Todos os Santos¹⁵⁶.

O nome **Paranagoá**, aplicado à grande baía, que se abre ao sul de Cananéia, é disso frisanse prova.

95 – Confundiam, muitas vezes, os tupis a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou baía, denominando-a **pará**. Os portugueses e seus navegadores do século XVI assim também o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando rio de Janeiro,

u *Arquivo do Estado de São Paulo, III:62.*

156 É estranho que Teodoro Sampaio nunca se familiarizasse com a regra que fixa o emprego de **gũaçú** e **uçú**, as duas formas para *grande*. A primeira se usa no tupi, tão-só com oxítonos e **uçú**, com paroxítonos. **Açú**, tão comum no nheengatu, só aparece no tupi em raríssimos casos, talvez por erro de cópia, pelo menos em alguns. **Açú** em **tataçú** justifica-se por assimilação.

Pará-gũaçú – o *caudal grande*, dificilmente pode ser considerado contração de **paraná-gũa-gũaçú**, quando, no Sul, temos **paraná-gũa**, e, citado no parágrafo 96, **y-gũa-gũaçú**. Se na esfera do guarani não se deu a contração, que ali é tão comum, porque se daria ela na Bahia? O dicionário dos jesuítas consigna **y-gũaçú** para *rio* em geral e, como nome próprio, para o *rio da Prata* e o *rio Doce*; ao *rio de São Francisco* denomina **Pará**. Barléu dá ao *São Francisco* o nome de **Parápitinga**.

Por que então **pará** de **pará-gũaçú** haveria de ser contração de **paraná**? em alguns autores coloniais também o *Amazonas* é chamado de **Paraguaçu**; daí o nosso *Grão-Pará*, tradução daquele. No verbete **Paraguaçu**, do *Vocabulário*, Teodoro Sampaio renega a definição acima para aceitar outras igualmente inconsistentes à vista do dicionário jesuítico.

rio de São Vicente, rio dos Inocentes, rio de Cananéia, às barras das baías daqueles nomes.

Os franceses faziam o mesmo, Jean de Léry, que foi um dos povoadores da França Antártica, do famoso Villegaignon, datava as suas carta de **Rivière de Goanabara**, e foi o primeiro que nos transmitiu essa denominação dada ao lugar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia **Guanabara**, com o acento tônico na penúltima sílaba, quando devia estar na última, respeitando-se a prosódia francesa.

De fato, **Guanabara**, ou mais corretamente **Guanabará**, não é senão o composto de dois vocábulos tupis: **Guanã-barã**, que é o mesmo que **Gua-nã-pará**, tendo-se-lhe abrandado o **p** para **b**, por estar precedido de uma sílaba nasal. **Goá**, *seio, bacia*; **nã**, *semelhante*; **pará**, *mar*; isto é, como interpretou B. Caetano, *seio semelhante ao mar; sinus similis mari*.

Davam ao estreito ou furo o nome de **Mombucaba**, ou **Parajurú**; ao braço de mar, **Paranapucú**; ao porto ou surgidouro, **Igarapaba**; à praia arenosa, **Ibycuf**; à ponta ou cabo, **Yaquã**¹⁵⁷.

96 – A água, como os cursos d'água ordinários, se designava pelo vocábulo **y** ou **hy** ou **yg**, de que já anteriormente tratamos, e que entra na composição da grande maioria das denominações hidrográficas. Aos estuários, lagamares e baías fluviais, dava-se o nome **Ygoá** ou **Ygoape**, e aos estuários grandes **Ygoágoaçú**; donde precede a confusa denominação **Ywawassupe** que Hans Staden nos transmitiu como o verdadeiro nome, entre os tupis, do estuário de Santos, e que, por frei Gaspar da Madre de Deus, nos chegou adulterado para **Enguáguassú** e com a significação de *pilão grande*¹⁵⁸.

97 – Aos canais, ou braços de rio, quando consideráveis, denominavam **Ygapára**, donde procede o conhecido nome **Ycapára**, que designa a entrada do lagamar de Iguape. Aos canais menores, aos braços fluviais de pequena capacidade, chamavam **igarapé**, que, literalmente, quer

157 *Porto, ancoradouro*, em tupi, é **ygarupaba**; a corruptela *nheengatu ygarapaba*, já registrada do *Dicionário Português e Brasileiro*, impediu que Teodoro Sampaio desse com o verdadeiro sentido de: *posou, ancoradouro das canoas*, do verbo *uba*.

Ybykuf só é *praia* no *nheengatu* e no *Dicionário Português e Brasileiro*; no tupi é tão-somente *areia, pó da terra*. *Praia* é **y-embeyba**, entre outros.

Para cabo, que o *Dicionário Português e Brasileiro* não registra, Teodoro Sampaio teve de recorrer a Montoya. É realmente pena, porque ao termo guarani **y-akûã** corresponde o tupi **apûã**, e, justamente este **apûã** tupi entrou na formação do nosso **itãpûã (itã-apûã)** – *cabo de pedra*, que de fato é.

158 *Enseada, baía*, é propriamente **kûá** ou **ykûá**, embora se encontre a forma abrandada **ygûá**.

dizer *caminho de canoa*, e é ainda muito usado em todo o vale do Amazonas¹⁵⁹.

98 – Às lagoas se dava o nome de **yupá**, ou simplesmente **ypaba**, ou **ypá**, muitas vezes alterado para **upá**, como de ordinário, se encontra na composição de outros vocábulos. Segundo se lê em Antonilv, o sítio onde está hoje a cidade de Lorena se denominava, outrora, **Goapacaré**, alteração de **Goá-upá-caré**, que quer dizer *baixa da lagoa torta*, ou do *braço*, em alusão ao braço do Paraíba que aí existe. Na *Corografia brasílica*, de Manuel Aires de Casal, faz-se menção de uma lagoa **Vupabussú**, lendária entre os sertanistas de Minas Gerais, e que fora descoberta por Fernão Dias Paes, nas suas *entradas* à procura das famosas esmeraldas. Esse nome **Vupabussú** é corruptela de **Yupaba-oçú**, que quer dizer *lagoa grande*¹⁶⁰.

99 – Chamavam-se os alagadiços, os grandes banhados, **ygapó** ou **yapó**, como os das margens do Amazonas e os do vale do Paraguai.

O simples brejo ou paul denominava-se **tuyuca**, de que procede o vocábulo **tijuca** ou **tijuco**, como se diz em Minas Gerais.

100 – No Sul do Brasil, designa-se, muitas vezes, pelo nome **tremembé** o *lugar apaulado*, uma bacia natural encharcada e coberta de vegetação aquática, ou o mesmo brejo, vocábulo que parece de procedência guarani, ou corruptela de **tereré-membeca** ou **teré-membé**, que quer dizer *jorro, curso de água que se abranda, que se espráia, amolecendo*.

Entre o gentio que outrora ocupou as costas do Norte do Brasil, faz-se menção de uma tribo de Tremembés.

É bem provável, porém, que o nome lhes venha da região que habitavam, talvez alagadiça ou encharcada.

101 – Às nascentes ou cabeceiras dos rios se dava o nome **Yapi**, mais conforme ao guarani e **y-apira**, segundo o tupi^{160A}.

159 *Braço de rio* é **ty-akã** ou **y-emby** em tupi. O poético **ygá-rapé** – *caminho das canoas, rio*, é termo amazônico, que vem no *Dicionário Português e Brasileiro* e se mantém no nheengatu. Decompô-lo em **ygá-rapé** é desconhecer a morfologia tupi.

v Antonil. *Cultura e opulência do Brasil*.

160 O termo tupi para *lago* é **upaba**; **y-upá** (hoje **ypá**) é guarani, a que Teodoro Sampaio sempre se vê obrigado a recorrer quando o *Dicionário Português e Brasileiro* é falho, como ainda neste caso. O vocábulo tupi é contrato de **y-upaba** – *jazida d'água*.

Leia-se **y-upab-uçú** em lugar de **y-upaba-oçú**, inadmissível tanto no tupi como no guarani.

160A Leia-se **y-apy** e **y-apyra**.

O nome **Yapi**, da serra elevada, vizinha da cidade de Jundiá, equivale, pois, a *cabeceiras* ou *vertentes*, como se se dissesse serra das vertentes ou das cabeceiras.

O vocábulo **goapira**, tão comumente empregado em São Paulo, é o mesmo que **goá-apira** e se traduz *cabeceira do vale*.

102 – Aos regatos, arroios, ou riachos, dava-se o nome **vcanga** e também **yembó** que se traduzem literalmente *cabeça de água* ou *princípio de rio*, e fio de água. O segundo vocábulo aparece, muitas vezes, alterado em **yembú**, quando entra na composição de outros nomes, como, por exemplo **Pacaembu**, por **Pacayembó**, *arroio das pacas*.

Os nomes **Taquarembó**, **Acarembó** não são senão corruptelas de **Taquara-yembó**, *arroio das taquaras*; **Acará-yembó**, *arroio dos acarás*.

O nome **Ibó**, tão comum no vale do São Francisco, também é alteração de **yembó** e significa *riacho*, *regato*.

103 – Dava-se aos mananciais, às fontes, ou nascentes, o nome **ypú**, que, no Norte do Brasil, tão parcamente irrigado, se conhece por *olho-d'água*, e representa, ali, importantíssimo papel na distribuição dos povos.

O mesmo vocábulo aparece, algumas vezes, com a forma **ybú**, entrando na composição de outro, como se verifica do nome **Putribú**, da povoação antiga, situada entre Itu e Sorocaba, e que, decerto, provém da corruptela de **Potyraybú**, que se traduz *fonte das flores*.

Se a grafia **Apoteroby**, usada em velhos documentos já nos chega viciada, como é bem possível, o nome **Putribú** passou primeiro pela corruptela **Apotera-obú**, aliás procedente ainda de **Potyra-ybú**¹⁶¹.

104 – Os acidentes do leito do rio, afetando o curso das águas, como, por exemplo, ao *salto* ou *catarata*, se denominavam **ytú**; à *cachoeira com água impetuosa*, **itupeva** ou **ycirica**, e, dada a especial pronúncia do primeiro **c**, que é antes chiado, se formou a variante **Yxirica**, de que procede **Yxiririca** ou **Xiririca**, por aférese do **y** inicial; aos *rápi-*

161 É no guarani que *manancial*, *olheiro* é **y-bú**; *arroio* – **y-embó** e **y-akang**.

Ao primeiro corresponde, em tupi, **y-bura** e **y-ekobé**. Para *ribeiro*, *riacho*, temos no tupi **y-ekúaba** e **y-ekúabuçu**. **Potyra**, aliás **ypotyra**, combinado com **ybú**, faz **potyr-ybú** ou **potyr-ybú**, admitindo-se a forma apocopada de **y-bura**.

dos e correntezas, **pyryrica** ou **pyryri** de que provém **byryri** ou **burury** e ainda **bariry**; aos **recifes** e **travessões**, provocando sensível desnivelamento da corrente, **itaipaba**, ou, como hoje se diz, **itaipava**; aos **redemoinhos** ou **remansos**, **yerê**; à **confluência dos rios**, **yecéaba**; à **foz** ou **boca do rio**, **ymbiaçá** ou **imbiaçaba**; ao **porto para quem vem do interior**, **peaçá**; ao **rio grande**, ou **trecho largo do mesmo rio**, **yrletê**¹⁶².

105 — Também se designava a água, o líquido, o vapor, pelo vocábulo **ty** ou **ti**, com o qual se formaram várias denominações, como **Ti-eté**, **água** ou **corrente verdadeira**, **volumosa**, nome na verdade, adequado ao grande rio paulista, se se explicar que era este o primeiro curso de água considerável que encontrava o forasteiro ao penetrar de São Vicente, por Paranaipacaba, em direção ao sertão.

162 Entre as particularidades de menor porte, mas que mostram quão pouco Teodoro Sampaio se familiarizou com as leis fonéticas tupis está a pronúncia deste “c (s) antes *chiado*” a que, de quando em vez, se refere. A verdade é algo diferente.

Em tupi, o pronome **i** provoca a mudança do **s** inicial fixo: **sy** – *mãe*, **ixy** – *a mãe dele*. O mesmo efeito têm **í**, **y** e **e** (y átono) sobre o **s** dos sufixos **sara**, **sûara**, **sûera** e das posições **socé**, **suf** e **supé**.

Portanto, o valor fonético do **s (c)** é sempre o mesmo, mas, nestes dois casos, o **s** se muda em **x**. Por mera analogia, e contrariando as regras acima, o **nheengatu** converteu o termo tupi **y-syryka** – *correnteza*, *maré vazante* – em **y-xirika**.

Pyryryka não quer dizer *rápido*, *correnteza*, **Piririka** (com **i**) em tupi é *faiscar*, *deitar fagulhas*, como também **piriri**, em guarani.

Rápido, *veloz*, um adjetivo, é **pyryrí**, em guarani, ao qual corresponde, no tupi, **pyryryma** e **gyryryma**, mas com o sentido de *pião*, *corrupio*, que também cabe ao termo guarani.

Ymbiaçaba em tupi, **ymbyaçá** em guarani, é propriamente *barra*, como **peaçaba** e **peaçá** significam respectivamente *escoadouro*.

Para a versão de *redemoinho* e *confluência* o autor recorreu novamente a Montoya; infelizmente leu mal, porque Montoya não dá nem **yerê** nem **yecéaba**, mas sim **y-feré** e **y-fe-cehaba**.

Para *redemoinho* temos em tupi **y-febyra**, mas para o segundo não encontramos ainda o termo realmente usado.

106 – Ao poço natural no leito dos rios, como ao artificial, dava-se o nome *yquá* ou *yquara*, que quer dizer, *buraco d'água*. *Pyráu* (*onde falta o pé*) designa a depressão funda e ignorada do leito¹⁶³.

107 – Os nomes de minerais, vegetais e animais entram muito freqüentemente na composição dos vocábulos tupis com que se denominam, entre nós, não poucas localidades. Examinemos desses nomes os mais geralmente empregados do ponto de vista das alterações fônicas que têm eles experimentado ao contato da língua portuguesa.

No tupi, representa-se pela palavra *itá*, *pedra*, todo e qualquer mineral ou metal apenas diferenciado ou qualificado pelo seu aspecto físico mais aparente, o da cor. Assim é que denominavam o ferro, *itaúna*, *mineral* ou *pedra preta*; a prata, *itá-tinga*, *mineral branco*; o ouro, *itayúba*, *mineral amarelo*; o cobre, *itá-yúbarana*, *mineral amarelado*, ou *ouro falso*. Certamente tais denominações não traduzem conhecimento positivo dos metais, antes, pelo contrário, confirmam o que sempre disseram os primeiros exploradores do Novo Continente: que, nesta parte do Atlântico, os naturais dela ignoravam o uso dos metais e os desconheciam.

Américo Vespúcio, tendo corrido a costa em 1501, com escalas amiudadas, para praticar com o gentio dela, retirava-se para outras paragens, convencido de que, no país, não havia mineral algum.

Depois da invasão dos europeus, o gentio começou, então, a distinguir os metais e a denominá-los ainda que imperfeitamente.

Assim é que a palavra *itá-tinga*, que significa *prata*, também se aplica ao calcáreo branco, ao mármore, às rochas arenosas, ao gesso e até à cal. O nome *itá-yúba*, *ouro*, cujo acento tônico é na penúltima sílaba e não na última, como geralmente se diz, querendo alguns que o nome

163 *Fonte, poço, é y-kûara* em tupi. A um *poço de rio, remanso*, davam o nome de *akuraã* ou *y-akuraã*.

Quanto a *pyrau*, ou melhor, *peráu*, como geralmente se escreve, temos aí um termo aparentemente amazônico não registrado pelos vocabulários tupis e guaranis. As suas etimologias aventadas até hoje são das mais divertidas. Batista Caetano prefere *caminho falso* e Teodoro Sampaio *perder o pé*.

Na verdade *peráu* não é termo tupi. Vem do português antigo *apeiráu*, que foi registrado no *Vocabulário na Língua Brasileira* pelos jesuítas, exatamente com o sentido que hoje tem, e vertido em tupi por *typy-apy-ambaba* – *fundura repentina no rio ou no mar*. Aliás, a prosódia de *peráu*, algo estranha ao tupi, devia pôr de sobreaviso qualquer estudioso.

Depois da quarta edição de *O Tupi na Geografia Nacional* pudemos compulsar melhor o *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, cuja segunda edição foi publicada pela Livraria Progresso, em 1956. Nele vimos, com verdadeira surpresa, que Beaurepaire-Rohan, muito antes de nós, havia trilhado o mesmo caminho. Falsa, pois, a opinião do mestre.

Frisemos, entretanto, que Adolfo Coelho ainda registra *peráu* como termo regional português, dando-lhe o significado transferido do Brasil.

Ytjubá, da cidade mineira (**Itajubá**), proceda do ouro que ali se mine-rou em outro tempo, também significa *moeda, dinheiro*. A palavra **itá-yúbarana** aplica-se tanto ao cobre como ao latão ou alquime¹⁶⁴.

Na época dos descobrimentos e explorações sertanejas, a tecnologia tupi para os minerais deve ter-se desenvolvido na medida das neces-sidades novas. Aparecem, então, no vocabulário brasílico, os nomes **itajyca**, para designar *o estanho*; **itá-etê**, *o aço*; **itamembeca**, *o chum-bo*; **itáberaba**, ou **itátiberaba**, *o cristal*; **itaberaba-etê**, *o diamante*; **itá-em**, *a pedra-ume*; **itá-obim**, ou **itá-obi**, *a esmeralda*; **ita-bubúi**, *a pedra-pomes*¹⁶⁵.

Ao *âmbar* que, segundo os cronistas e viajantes, muito abundou em nossas praias, davam os selvagens o nome de **pirapoã-repoti**, *esterco de baleia*, porque supunham ser essa substância uma excreção desse cetá-ceo¹⁶⁶. Chamavam **jukira**, *ao sal*; **jukyrama**, *ao salitre*; **jukyratiba** à *salina* ou *mina de sal*, e **jukyry** à *salmoura*. A toda *argila branca e pura* davam o nome de **tobatinga**, ou **tabatinga**; à *amarela*, **tauá**, ou **tabuá**; à *vermelha* ou *corada*, **tapitanga**¹⁶⁷.

Nas regiões centrais, onde a mineração mais se desenvolveu, como em Minas Gerais, apareceu logo uma tecnologia mineira de procedência tupi, porque, como o dissemos, os primeiros exploradores dessas para-gens, os bandeirantes, eram, em sua maioria, de descendência tupi e fala-vam o tupi.

Assim é que denominavam **jacutinga** à *rocha friável argilosa*, ser-vindo de jazida ao ouro entre rocha de **itabirita** talvez pela sua seme-lhança de coloração com a ave conhecida do gênero Penélope. Davam o

164 Em tupi, *ferro* é simplesmente **itá**; *cobre* – **itá-nema** ou **itá-lunema**, ao pé da letra: *metal amarelo malcheiroso*; o *latão* designaram por **itá-íub-aiba** – *metal amarelo ruim*.

Em lugar do cacofônico **itá-íuba-rana**, o tupi sempre diria, com apócope obri-gatória, **itá-íu-rana**.

165 Destas dições, as mais correntes no século XVI e XVII, já figuram no *Vocabu-lário na Língua Brasílica*: **itá-etê**, **itá-membeka**, **itá-iyka**. **Itá-beraba** é *qual-quer pedra* ou *minério brilhante*; o *cristal* denominaram **itá-eçacanga** – *pedra transparente*, que é algo mais preciso. As demais designações foram tiradas do *Dicionário Português e Brasileiro* com todos os seus defeitos, quando compara-das aos vocábulos tups. **Itá-bubul** seria, em tupi, **itá-bebuá**, etc.

166 O *âmbar*, segundo o dicionário jesuítico, tinha duas designa-ções: pis: **pirá-poama repotf** e mboíguáçú **repotf**.

167 Em tupi, *argila amarela* é **tagúá**; *argila vermelha* – **tagúá-piranga**; **tobá-tinga** ou **tabá-tinga** – *argila branca*. Ignoramos onde o autor achou o seu **tapitanga**.

nome de **canga** ou **acanga**, que quer dizer *cabeça*, à parte superior ou ao topo do veeiro. Chamavam **tapunhunacanga** (*tupuyuna*, *o negro*, **acanga**, *cabeça*), isto é, *cabeça de negro*, à formação constituída por uma crosta negra de hidrato de ferro, cheia de concreções ocas do mesmo hidrato, e com as paredes interiores cobertas de cristalizações da mesma substância. Denominavam **guápiara** ao *cascalho diamantino* que cobre o solo em certos lugares de mineração, isto é, da barranca dos ribeiros e do leito destes. A corruptela alterou-o para **gupiára** ou **grupiára**¹⁶⁸.

Voltemos, porém, à palavra **itá** que, entre os catecúmenos e os homens do campo falando o tupi, passou a representar os *objetos metálicos de procedência estrangeira*. Assim é que se denominavam **itá-maracá** o *sino*, por eles equiparado ao chocalho de pedra ou de ferro, e que, desde os primeiros anos da conquista, serviu para designar a maior das ilhas da costa de Pernambuco e uma das capitânicas criadas por D. João III e concedida a Pero Lopes de Sousa. O nome **Itamaracá**, cedo, porém, alterou-se para **Tamaracá**, aparecendo com essa grafia no *Roteiro do Brasil de 1587*, nas crônicas do século XVII, nas cartas holandesas desse tempo. Chamavam ao *campanário*, **itai**, ou **itahi**, nome com que se designam alguns rios e localidades do Brasil¹⁶⁹.

A *cadeia* ou *corrente de ferro* denominavam **itáchama**; o *arame* ou *fio de ferro*, **itá-nimbô**; a *barra de ferro*, **itápucú**¹⁷⁰.

168 Em tupi, **kanga** é *osso*; **kangûera** – *ossada, esqueleto, espinha*. O sufixo *ûera* (e não *gûera*) indica o pretérito, no caso vertente, *tirado do corpo*, e não o plural, que Teodoro Sampaio quer nele ver.

O *negro* foi designado por **tapyyûra-una** ou **tapyynh-una** – *o escravo negro*. O *nheengatu* transformou o vocábulo em **tapuñuna**, **tapunhuna** e **tapaluna**.

169 Esse *campanário* – **itahi** não confere com o *sino* – **itámaraká**. É que o primeiro é designação guarani, e o último, tupi.

A mentalidade indígena reage de modo diverso em presença de um elemento cultural novo. Das diferenças sempre crescentes de região a região, do tupi para o guarani e o *nheengatu*. *Campanário* é um exemplo frisante: **itay**, no guarani; **itámaraká-ambaba**, no tupi, e **tamaraká-rendaba**, no brasileiro.

170 Em tupi, *corrente* é **itá-sama**; **itá-xama** é *nheengatu*. *Arame* é **itá-embô**. **Itá-nimbô** – *arame* e **itá-pukú**, (aliás, **pekú**) – *barra de ferro*, são tirados do *Dicionário Português e Brasileiro*; porém, no último, Teodoro Sampaio interpretou mal o sentido, escrevendo **pukú** – *comprido*, ao invés de **pekú** – *língua*, que o índio teve em mente, pelo formato chato. Em tupi, *língua* é **apeku**, que também se encontra no guarani. Mas o fato mais interessante é que o *Dicionário Português e Brasileiro*, conservando o termo antigo em certos compostos, designa a língua isoladamente pela corruptela **lapykon**.

Convém notado que Batista Caetano também registra **itá-pukú** – *barra de ferro*; mas Restivo, que emprega **pukú** nessa conexão, fá-lo preceder de **pe** (**peba**, em tupi) – *chato*, escrevendo **kûá-repotí pe pukú** – *ferro chato comprido*.

A *cruz de ferro* denominavam, comumente, **itácuruçá**, que também se pode entender por *cruz de pedra*.

Às *construções de pedra* davam o nome de **itáoca**, que também servia para designar as *cavernas*, do mesmo modo que **itá-raré** indicava os *sumidouros* ou *solapas* feitas pela água através das rochas, como designava o *cano* ou *conduto* de ferro. Assim é que, no centro de Minas e Goiás, se chama *sumidouro* ao curso subterrâneo das águas do rio através de rochas calcárias; em São Paulo e Sul do Brasil, diz-se mais geralmente **itáreré**¹⁷¹.

O vocábulo **itá** é um dos de mais freqüente emprego na denominação dos lugares no Brasil. É comuníssimo encontrarem-se, pelo interior, nomes como **Itamorontim**, alterado às vezes para **Itámaraty**, *pedra alva*; **Itámirindyba**, *pedregal miúdo*; **Itácuruba**, *cascalho*; **Itaipava**, *refeição*, ou *travessão*; **Itá-coéra**, *as pedras*; **Itapecerica**, *laje escorregadia*, ou *penedo*, como soem apresentar-se os cabeços graníticos de encostas lisas tão freqüentes na região litoral, desde o Espírito Santo até Santa Catarina; **Itá-beraba**, *pedra reluzente*, ou *resplandecente*; **Itapuã**, *pedra empinada*; **Itá-coatiára**, *pedra pintada* ou *escrita*; **Itaqui**, ou **Itaky**, *pedra de amolar*; **Itapetininga**, *lageado seco*; **Itáporanga**, *pedra bonita*, e tantos outros¹⁷².

Tão grande é a tendência para denominações de lugares com o tema **itá**, que, não raro, acontece darem esse radical a vocábulos que, na verdade o não têm, provindo daí grande número de corruptelas, assim como **Itaquaquicétuba**, por **Taquaquicé-tuba**, *taquaral* da espécie **taquá-quicé**; **Itaguahy**, por **Taguá-hy**, *rio do tauá*; **Itabapoana** por **Cabapoama**, *vespas assanhadas*. Já nos jornais mineiros se lê **Itápanhuacanga** por **Tapuyunacanga**, *cabeça de negro*, a que já nos referimos anteriormente.

171 **Itá-raré** – canal ou rego natural, é guarani, mas nada achamos que autorize a dar ao *cano*, à *calha*, feitos de ferro, a mesma designação. Em tupi se diz **itá-raré** para os *canais naturais* e **y-tororoma** para a *bica*, o *cano d'água*. Teodoro Sampaio inverteu a distribuição geográfica das duas formas.

172 **Itapé-cuyryka** não é laje, mas a *corredeira*, que forma um lençol unido por cima de uma laje, cobrindo-a toda. **Itáküera**, já o dissemos, pode ser um plural – *pedras*, em guarani. Em tupi só encontramos vestígio desse sufixo na citação de Teodoro Sampaio, cujo original não pudemos examinar. *Pedra empinada*, em tupi, é **itá-pûama**; **itá-pûã** tem o mesmo sentido em guarani. Porém, **Itapuã**, a decantada praia da Bahia, tirou o seu nome de **itá-apûã**, contrato: **itápûã** – *ponta* ou *cabo de pedra*. É dali que **Sumé** deu o seu formidável salto, segundo nos conta Nóbrega. **Itá-kúatiara**, além de *pedra desenhada*, também significa os *petroglifos*, os desenhos em si. Veja *Cartão* (. .), p. 310 – **Itapuama!** Porém, no 3º dos *Cartas Avulsas*, p. 238/242.

108 – Numa região, como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa, em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A Geografia aqui reflete, nas denominações dos lugares, a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o freqüente emprego de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer.

Couto de Magalhães refere ter ouvido, entre os indivíduos de uma tribo tupi do interior, o nome *Pindorama (Pindó-retama)*, região das palmeiras, como indicativo das terras do litoral brasileiro, e podendo-se aplicar ao país todo¹⁷³.

As palmas são, de fato, um tipo vegetal tão distinto, tão característico e tão comum em nossa terra, que a sua beleza e freqüência, em certa parte do país, não podia deixar de influir para o nome que o devia designar.

Dai vem encontrarem-se amiudadas vezes, em nosso mapa geográfico, as denominações tupis das diversas espécies de palmeiras.

O nome *Carnahuba (carnaúba)*, corruptela de *Caranáhyba*, da magnífica palmeira de folhas flabeliformes (*Copernicea Cerifera*), de que se extrai uma cera resinosa muito usada no Norte do Brasil, com a sua copa esférica, que forma um ornamento de notável efeito na paisagem, abundante no sertão, à margem dos lagos e dos grandes rios, como o São Francisco, aparece designando grande número de localidades e traduzindo-lhes o aspecto característico, sob as formas corruptas de *Carnahyba*, *Carandéuba* ou *Crundeúba* e até *Crindeúba*.

O nome *Carandá-hy*, rio das *Carnaúbas*, é freqüentemente empregado na região central¹⁷⁴.

Assim também o *burity* ou *murity*, a *Mauritia Vinifera* dos botânicos, com as suas belas folhas espalgadas em leque, aparece, dando o seu nome a grande número de localidades nas regiões dos campos eleva-

173 Couto de Magalhães talvez tenha ouvido alguém dizer *pindó-rama* por *país de palmeiras*, mas esse alguém, com certeza, não foi índio, pois o relativo *retama* nunca se transforma em *rama*. Devia ser algum gaiato inteligente e bom conhecedor do português, onde sabia existirem formações homófonas como: *courama*, *dinheirama*, *burrama*. Para esse, *pindorama* seria grande número de palmeiras e não *país das palmeiras*.

174 Influenciado pelo *nheengatu* Teodoro Sampaio acostumou-se a escrever *hyba* e *hy* por *yba* – caule, pé e y – água, rio.

dos, onde cresce, formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios: **Buritama**, *a terra dos buritis*; **Buritycoéra**, *os buritis*¹⁷⁵.

A **macahuba** ou **bacahyba**, de que procedem, por corruptela, os nomes **bocayuva** e **macayba**, empresta o seu nome a não poucas localidades do norte e centro do Brasil.

Nos sertões do Norte, nas regiões secas, é freqüente o nome **Ouri-cury**, corruptela de **Iricury**, de que ainda procedem os nomes **Licury**, **Mucury**, **Nicury**, com que se designam tantos lugares daqueles sertões, onde medra a palmeira que Von Martius denominou *Cocos Coronata*.

No vale do Amazonas como na mata litorânea, aparecem, nas cartas geográficas, os nomes **Indayá**, **Inajá**, ou **Anajá**, **Geribá**, **Piaçá** ou **piçaba** e seus compostos **Indayatuba**, **Anajatuba**, **Geribatyba**, **Piaçabuçu**, **Piaçagoéra**, como indicativos das palmeiras que, no tupi, trazem essas denominações¹⁷⁶.

Examinando-se ainda os mapas gerais, verifica-se a exatidão e o rigor com que a Geografia reflete a Botânica das regiões em que o país naturalmente se reparte por efeito da latitude, da altitude e da influência meteorológica.

Assim é que, na zona sertaneja do Norte, onde dominam as caatingas, e o solo é árido, pedregoso e pouco visitado pelas chuvas, os nomes **Xique-Xique**, **Quipá**, **Quipapá**, **Mandacaru**, revelam os lugares em que medram as cactáceas com o seu aspecto de tristeza e desolação. Na mesma zona, encontram-se ainda localidades com os nomes **Jurema**, **Quixaba**, **Umbu** ou **Imbu**, **Juá**, **Umburana**, **Mangaba** e os seus derivados: **Quixabeira**, **Umbuzeiro**, **Juazeiro** e **Mangabeira**, traduzindo o aspecto da caatinga propriamente dita, pelos tipos dos seus vegetais.

Assim também, na zona litorânea, onde a mata é corpulenta e variada, e quase sempre rendilhada de trepadeiras e cipós, os nomes das localidades, de contínuo, o revelam, como se verifica pelos vocábulos tupis: **Sapucaya**, **Yequitibá**, **Yacarandá**, **Guapurubú**, **Embaiba** e suas corruptelas: **Embaúba**, **Embaú**; **Sumaúma**, e suas corruptelas: **Subaúma**, **Subaúna**, **Guararema** ou **Ymirarema**, **Cabreuva** ou **Cabu-reiba**, **Araçayuba**, das árvores características, assim como os nomes: **Taquára** ou **Taquá**, sob a forma contrata, e **Crissiuma**, **Samambaia**,

175 **Buritama** como contração de **burytí** (de **mbyrytí**) e **retama** é por demais forçado para que ousássemos acompanhar o autor. Ao sufixo pluralizante **kúera** já nos referimos na nota 54.

176 **Piaçagüera** é o pretérito de **piçaba**, em tupi, *a piçaba já colhida*. Quanto a **inaja**, diz o vocabulário jesuítico: Todas as palmeiras se nomeiam pela fruta, com exceção da principal delas, a **pindoba**, com cujas palmas cobrem as casas e cuja fruta tem o nome de **inajá**.

Guaymbé ou **Ímbé**, **Áninga**, **Guapé**, de que a corruptela fez **Aguapé**, **Caraguatá** de que procede **Gravatá**, **Naná**, que a corruptela transformou em **Ananaz** (**Ananás**), **Abacaxi**, **Ubá**, lembram outras mais humildes, ainda que não menos características¹⁷⁷.

Na região dos campos de cima da serra do Centro e sul do Brasil, os bosques de **araucária**, que os tupis denominavam **Curi**, como chamavam **Curityba** às matas formosíssimas dessas plantas sociais, e as **Congonhas** deram o nome a grande número de lugares¹⁷⁸.

109 – No tupi designa-se o animal pela palavra **çoô**, que também significa *a caça, a carne*, ou um *bicho*, no sentido vulgar, não se empregando senão para os irracionais.

Para designar o homem, a gente, há o vocábulo **abá**; mas, no sentido geral, empregando-se para exprimir o ente animado, se encontra o radical **guáy**, ora nos nomes de bichos, como em **Guaynumbi**, *beija-flor*, ora em nome de gente ou povo, como em **Guayanã**, nome da tribo que, outrora, dominou nos matos da serra de Paranapiacaba.

Bem estudado o radical **Guay**, chega-se à conclusão de que ele exprime simplesmente *o indivíduo, a pessoa, ou aquele que é*. Assim, por exemplo, **Guay-n-umby**, *indivíduo verde*, ou *aquele que é verde*, para designar uma espécie de beija-flor; **Guayanã**, *indivíduo parente*, aquele que é parente ou irmão, e talvez fosse esse o tratamento que davam os Tupiniquins do litoral aos Guaianazes, dominadores do campo; **Guay-curú**, *indivíduo sarnento*, aquele que tem sarnas; **Aymoré**, ou, como escreveu Anchieta, **Guaimuré**, que se pode interpretar: **Guay-mur-ré**, *indivíduo da nação diferente, aquele que é povo diferente*; **Guay-yá**, de que se fez, por corruptela, **Goyaz**, *indivíduo igual ou semelhante, aquele que é do mesmo povo*¹⁷⁹.

O vocábulo **çoô** alterou-se, porém, nos seus compostos, por um processo de assimilação, dizendo-se **sua-çú**, por **çoô-açú**, *animal grande*

177 *Oco*, em tupi, é **ybyã**; em guarani **ybyê**. Montoya registra também **e, êb**, cujo sentido, a julgar pelos exemplos, é antes *côncavo*. Teodoro Sampaio tupiniza este último por **emba** – *o oco*, Bertomi cita **ambá** – *oco*, sem indicar a fonte. A etimologia *árvore dos ocos* é um tanto forçada.

178 Não foram os Tupis, mas os Carijós (os Guaranis) que denominaram **kuri**, aliás **kuriy**, aos *pinhões*. Os Tupis, que habitavam regiões mais setentrionais, adotaram o termo português, transformando-o em **pinhá**, enquanto os Tupis propriamente ditos, de São Vicente, designavam o pinhão, por antonomásia, simplesmente pelo genérico **ybá-frutá**. (Anchieta. *Cartas*, p. 12f.)

179 A hipótese aventada em torno a **gual** é engenhosa; entretanto, não encontra nenhum apoio em qualquer referência antiga. O sentido de *aquele que exigiria a posição de guaia*.

ou *veado*, que outros chamam simplesmente *guaçú*; *suan*, por *çóó-an*, a *vértebra do animal*, onde se presume estar a vida dos animais; *saruê*, *sariguê*, por *çóó-r-iguê*, *animal dotado de saco*, o marsúpio conhecido; *sussuarana*, por *çóó-açú-arana*, que quer dizer *tirando a veado*, apelido de uma onça parda, da mesma cor do veado; *sussuapára*, por *çóó-açu-apar*, *veado galheiro*, ou dotado de grandes aspas; *suassuy*, por *çóó-açú-im*, *veado campeiro*; *su-assú-birá*, por *çóó-açú-berá*, *veado lustroso* ou *luzido*; *suaçú pitã*, *veado vermelho* ou *mateiro*; *sabiá* por *çóó-biá*, que quer dizer *animal aprazível*¹⁸⁰.

A Geografia do país refletiu também, com mais ou menos precisão, a fauna regional. Os nomes de localidades e rios, como *Jaguar-y*, *rio da onça*; *Jaguamimbaba*, *cães mansos*; *Jaguarhyba*, *cães ruins*; *Jaguarretê*, *onça verdadeira*, lembram a abundância ou freqüência dos felinos ou a presença dos cães já introduzidos pelos europeus e que os selvagens tanto apreciaram depois.

As denominações *Cutia* por *Agutí*; *Apereátuba*, *abundância de preás*; *Paca-tuba*, *abundância de pacas*; *Capivar-y*, por *Caapiguar-y*, *rio das capivaras*; *Guabirutuba*, *abundância de ratos*; *Tapeti*, *o coelho*, lembram os roedores dos mais bem representados na fauna do país.

Os nomes *Tatú-yby*, *terra dos tatus*, que foi a denominação primeira do arraial que é hoje a cidade da Limeira; *Tatú-hy*, *rio dos tatus*; *Tamanduá*, aplicada a uma vila de Minas Gerais; *Tamanduá-tey*, *tamanduá grande*, recordam os desdentados, pelos seus mais característicos representantes.

As localidades e rios com os nomes *Tayaçú* ou *Tanhaoçú*, *dente grande*, ou *porco do mato*; *Catéte*, *Caetetú*, por *Taitetú*, *porco de canela ruiva*; *Tapira*, às vezes alterado para *Tabira*, *a anta*; *Tapira-apé*, *vereda das antas*; *Tapira-hy*, *rio das antas*, exprimem que, nessas paragens, abundavam os paquidermes americanos¹⁸¹.

180 *Soó-açú* só ocorre no *nheengatu* como suposta forma original de *suaçú*, que aparece no brasileiro desde Gabriel Soares e Cardim. Não é tupi, é *nheengatu*, na forma e no sentido. *Veado*, em tupi, é *sy-gûaçú* e, em guarani, simplesmente *gûaçú*. Daí: *sygûaçú-apara*, *sygûaçú-arana*, etc. *Sygûaçú* e não *soó-açú* (!) é pois a forma original de *suaçú*. Em *suá* o autor deu largas à fantasia, supondo formas vocabulares que escapam inteiramente à nossa verificação. Para *sariguê* os jesuítas registraram *sarlguêa*, como *sabiá*; já era então o nome da conhecida ave canora. Supor, principalmente para esta, a forma originária *soó* – *quadrúpede* (!) vai muito além do permitido.

181 O vocabulário dos jesuítas registra somente a forma *tanha* para *dente*. Pelos compostos, entretanto, se vê que *tanha* alterna com *tãia*, de acordo, aliás, com a fonética tupi. *Talaçú* – *porco*, é uma das pouquíssimas palavras tupis em que aparece a forma *açu* (por *uçú*) para *grande*. *Tanha-oçú* é forma a que o próprio *nheengatu* recusou registro. *Anta* é *tapífra*, em tupi, e *vereda das antas* – *tapírapé* e não como al está.

Os lugares denominados **Guarapá-r-y** ou **Guaraguá-r-y**, *rio do peixe-boi*, **Pirápuan**, *a baleia*, recordam os cetáceos mais abundantes nos mares brasílicos¹⁸².

As localidades conhecidas por **Guará-tyba**, *a passarada*, ou *abundância de aves*; **Guará-hy**, *rio dos pássaros*; **Guarátinga-étá**, *as garças*; **Araraquára**, *paradeiro das araras*; **Yurujuba**, por **Ajurúyuba**, *papagaios de pescoço amarelo*; **Paraguá-y**, *rio dos papagaios*; **Graúna**, por **Guirá-una**, *pássaro preto*; **Inhambu-y**, *rio dos inambus*; **Jacútinga**, *jacu branco* ou *manchado de branco*, e tantos outros, lembram a nossa riqueza ornitológica¹⁸³.

As denominações como **Jacaré-hy**, *rio do jacaré*; **Corumbá**, *o cágado*; **Mboy**, *a cobra*, entre os paulistas tão erroneamente pronunciado; **Boypeba**, *cobra achatada*; **Mogy** por **Mboy-gy**, *rio das cobras*; **Sucury-canga**, *cabeça de sucuri*; **Cururu**, *o sapo*, recordam a frequência dos répteis nesses lugares¹⁸⁴.

As localidades e rios com os nomes **Pirá-hy**, *rio do peixe*, **Pirá-cynynnga**, de que, por corruptela, se fez **Pirassununga**, *ronca-peixe*; **Pirá-tininga**, ou sob a forma contrata, **Pirá-tinim**, à moda guarani e significando *o seca-peixe*; **Pirápora**, ou **Pirapó**, *a morada do peixe*; **Curimatá-hy** ou **Curumbatá-hy**, *o rio dos curimatás*; **Piau-hy**, *o rio dos pias*; **Piracanjuba** ou **Pirá-acanyuba**, *o peixe de cabeça amarela*; **Surubim** por **jurú-bi**, *boca fechada*; **Ipirú-yg**, e sua corruptela **Peruhybe**, *rio do tubarão*; **Parati**, corruptela de **piráti**, *peixe branco*, ou *a tainha*, nos trazem à idéia a fauna ictiológica¹⁸⁵.

182 *Baleia* é **pirápúama** e **mboi-gúaçú** em tupi, e **pirápúá**, em guarani. Daí **ânbar** – **pirápúama-repotí** e **mboigúaçú-repotí**.

183 A etimologia – *rio dos Papagaios* – **Paraguá-y** continua discutida, não só pela existência da palavra **gúaia** – *vale*, como também por ser oxítono o termo indígena.

184 *Cobra* é **mboia**, em tupi. **Sukurí-kanga** não é *cabeça*, mas *ossada de sucuri*.

185 Está enganado o autor. *Fazer ruído* não é **synynnga**, mas **sununga**, em tupi, e **sunú** em guarani.

Pora também não é *morada*; algumas vezes pode ser traduzido por *morador*, mas, no caso vertente, é o adjetivo *abundante*. **Pirápora** significa *abundante* ou *cheio de peixe*.

Quanto a **Piauí**, a forma primitiva **piagúy** põe-nos em guarda contra essa interpretação de *rio dos pias*. Transformar **surubí**, registrado pelos autores antigos, em **suruby**, vai igualmente longe demais, ao nosso ver.

Tubarão é **iperú** em tupi.

Assim também os nomes: **Tucura-hy**, rio dos gafanhotos; **Cabuçu**, ou **Caba-uçu**, o vespão ou marimbondo; **Caçununga** por **Caba-cyninga**, vespa zumbidora; **Echú** ou **Eichú**, abelha do chão; **Mombuca**, uma variedade de abelha silvestre; **Meru-óca**, paradeiro das moscas; **Maruim**, por **Meru-im**, o mosquito; **Murutiba** por **Merú-tyba**, o mosquito; **Yaquirana** ou **Yikirana**, a cigarra; **Nanduhy** ou **Nhandú-hy**, o rio das emas; **Panapaná-hy**, rio das borboletas e tantíssimos outros dão-nos a fauna entomológica, a que se filiam ainda os seguintes não menos significativos: **Rerityba**^x (o primeiro r brandíssimo) que a corruptela transformou em **Lerityba**, osteira, ou lugar onde abundam as ostras e que nos recorda o sítio na costa do Espírito Santo, onde faleceu o venerável Anchieta; **Lery**, por **Riry**, a ostra, designando uma conhecida praia dos arredores do Rio de Janeiro; **Sergipe**, corruptela de **Cirigy-pe**, no rio dos siris; **Serinhaém**, por **Siri-nheen**, onde rumoreja o siri, localidade que tanto se assinalou durante a guerra holandesa; **Sernambytyba**, abundância de conchas, conhecidas por **sernambi**, que é um notável exemplo de quanto pode a corruptela, que o transformou em **Simão-de-Tyba** e ainda em **João-de-Tyba**, como se verifica das mais modernas cartas do litoral baiano; **Tambá-hy**, rio das conchas; **Sambaqui**, por **Tambaqui**, ponta ou cúmulo feito de conchas, servindo para designar os depósitos antiquíssimos formados de cascas de ostras, de restos de cozinha, de resíduos de várias procedências, acumulados por um povo selvagem que habitou a zona litorânea em período pré-histórico¹⁸⁶.

110 — As construções dos selvagens, os produtos da sua indústria rudimentar, os seus usos e costumes em sociedade também concorreram para as denominações geográficas do país.

Estudemos este assunto com mais vagar e havemos de verificar quão larga foi a cópia de nomes e palavras que daí passaram para a Geografia e para a linguagem comum, alguns já assimilados, outros resistindo ainda à força modeladora da língua culta prevalecente.

A noção de pátria não a tinham os tupis como hoje a temos. Designavam a pátria como sinônimo de terra da própria habitação — **Tetama**. Assim, diziam: **Tupi-retama**, pátria ou região dos Tupis; **Tapuyretama**, ou, por abreviação, **Tapuyrama**, região dos tapuias; **Pindóretama**,

x Esse nome anda, em escritos diversos, com a grafia **Reritygbá**, evidentemente errada, pois se compõe de **riri**, a ostra, como tema, e do sufixo **tyba**, que exprime abundância: **riri-tyba** quer dizer *ostreira*.

186 **Kabuçu** e **caçununga** são as formas corretas, em tupi, onde *zunir* é *sununga* e não *synynga*. *Eixú* é uma variedade de *vespas*; *ostra* é *reri* e não *riri*. **Sernambi** já é corruptela do tupi.

ou **Pindórama**, *região das palmeiras*; **Urubú-retama**, nome de uma localidade no Ceará, quer dizer *região dos urubus*; **Ibotirama**, *terra ou país das flores*¹⁸⁷.

Ao natural do mesmo país, ao conterrâneo, chamavam **cetamagôara**, que quer dizer *habitante da minha terra*; ao estrangeiro davam o nome **çobay-goara**, que significa *habitante de outra banda*, e outras vezes **amoaba-retama-goára**, significando *gente habitadora de outra terra*. Não raro, para abreviar, diziam simplesmente **amoába**, para designar *o estranho* ou *o forasteiro*¹⁸⁸.

O nome **emboaba** não terá vindo de uma simples corruptela de **amoába** ou **amboába**? É bem provável, tanto mais quanto só se aplicava ao estrangeiro ou ao português principalmente, porque este era quase o único na colônia, onde só entravam os de outras nacionalidades com licença especial.

Esse nome, que se tornou célebre na história do descobrimento das minas, designando, com um cunho nativista, o elemento estrangeiro que afluiu, numeroso, dos portos do litoral, para disputar aos paulistas o ouro por eles descoberto em Minas, não exprime, de fato, senão o despeito do nacional contra o forasteiro.

Dizer *guerra dos emboabas* vale o mesmo que dizer *guerra contra o estrangeiro* ou *o intruso*.

Outra hipótese admissível é a que faz derivar o nome **emboaba** do tupi **mbóaba**, de que se fez, por corruptela, **boava** e significa *vestido, coberto*, em alusão a se apresentarem os portugueses ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os répteis.

187 Já vimos que **tapuy-rama** e **yboty-rama** não passam de fantasias à imitação do **pindó-rama** de Couto de Magalhães (notas 152 e 173), e que há visível exagero no atribuir aos nossos índios tais conceitos modernos de áreas populacionais, que teríamos em **Tupy-retama**, **Tapuyí-retama**.

188 *Conterrâneo*, em tupi, seria **tetamygûara** ou **tetamendûara**; **xe retamendûara**, **retamygûara** – *meu conterrâneo*; **setamendûara**, **setamyguara** – *o conterrâneo dele*, e não como af está, nem mesmo no *nheengatu*. **Gûara** é sufixo relativamente raro em tupi. Em guarani temos **xe retambygûara** – *meu conterrâneo* e, a exemplo desta forma, **mamoygûara** – *estrangeiro*, em tupi. Esse **amoaba-retamagûara** é coisa que não existe, pois, além da sua forma incorreta, a tradução daria: *o que mora no país de alguém!* **Sobaigûara**, além de ser guarani (**hobaigûara**), também se encontra no *Dicionário Português e Brasileiro*. Traduz-se por *o fronteiro dele*. O correspondente em tupi é **tobaíara** – *fronteiro, inírnigo*; **sobaíara** – *o fronteiro dele*. Que **amoaba** (aliás, **amoabá!**) não pode ser abreviação do citado *monstrengo* não precisamos frisar. V. nota 102.

111 – Para indicar-se a procedência de um indivíduo qualquer, usava-se também do sufixo **guara**, junto ao nome da terra ou país da procedência. Assim é que diziam **Brasiguara**, o brasileiro; **Paraguayguara**, o paraguaio; **Piauhi-guára**, o piauiense¹⁸⁹.

Também com os sufixos **boc**, **oc**, **uc**, **ua** indicavam a procedência do indivíduo¹⁹⁰.

Depois da invasão dos europeus e durante a catequese e colonização, muitos nomes se formaram, traduzindo relações novas e exprimindo a mescla das raças em presença.

Ao homem branco, quando tratado em boa parte, denominavam **caray**, e, segundo os dialetos **cariba** ou **carahiba**, cujo significado é *superior, forte, astuto, sábio, santo*, pois que atribuíram aos europeus faculdades extraordinárias.

Ao descendente do branco denominavam **cariboc**, que quer dizer *tirado* ou *procedente do europeu*, donde se origina, por corruptela, o nome **cariboca**, tão usado ao norte do Brasil para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco.

O nome carioca, com que, ainda hoje, se designam os naturais da cidade do Rio de Janeiro, tem a mesma origem e significado **cari-oc**, **cari-uoc**, ou **cari-boc**.

Assim também o nome carijó, que alguns cronistas espanhóis escreveram **cario** e que, na verdade, se deve escrever **cari-yó**, forma

189 Teodoro Sampaio gostava muito do sufixo **guára** com que se familiarizou no *Dicionário Português e Brasileiro* e no de Montoya. No nheengatu lhe corresponde a forma **ûara**.

O seu uso sendo relativamente comum nesses três dialetos, o autor concluiu que o mesmo se dava no tupi, o que não é verdade. No tupi, **guára** é muito menos freqüente, porque, quando se não dispõe diretamente ao substantivo, este seguido de *y* e costuma ser substituído por **sûara**, ou uma das suas variações eufônicas **xûara** e **ndûara**. **Brasguára** e **Paraguayguára** encontram-se, com outras semelhantes, em textos guaranis. V. nota 102.

190 **Oka**, neste caso, é verbo e não sufixo, significando *tirar, arrancar*. Em algumas etimologias tem havido confusão entre **oka** – *casa, morada* e **oka** – *tirar, arrancar*. **Bok** (**boka**), que aí vem citado, não existe e, assim, só nos resta um único recurso: abandonar as etimologias tão preconizadas pelo autor para *carioca* e *caboclo*.

contrata de *cari-yóc*, quer dizer *o que vem do branco* ou *de um povo superior*¹⁹¹.

Ao gentio manso, ou reduzido à civilização, começou-se, desde logo, a denominar *caá-boc*, que quer dizer *tirado* ou *procedente do mato*, donde nos veio o vocábulo *cabôco*, como ainda hoje o pronuncia o homem rústico, ou *caboclo*, como já o adotou o português-brasilico¹⁹².

Ao mestiço, oriundo do branco e do selvagem, deu-se, nos primeiros tempos, o nome de *mamaluco*, que é como se lê em Gandavo (1576), em frei Vicente do Salvador (1627), e em Simão de Vasconcelos (1662). Só mais tarde é que se começou a pronunciar *mameluco*, confundindo-se com a denominação dada aos soldados escravos do sultão El Malek-el Saleh, do Egito.

É, porém, vocábulo de procedência tupi, e não moura, o nome *mamaluco*, tal como, ainda hoje, o pronuncia o homem do sertão. De uma velha sertaneja, agora moradora em São Paulo, ouvi, uma vez, esta frase bastante expressiva: “. . . milho branco com milho vermelho sai *mamaluco*”.

Donde se conclui que, para o homem do interior, o nome *mamaluco* guardou a primitiva e única verdadeira significação, continuando sinônimo de *misturado* ou *mistiço*. Há, com efeito, no tupi, o vocábulo *mamã-ruca* que se decompõe em *mamã*, *misturar*, *dobrar*, *abraçar*, e *ruca* ou *yruuca*, que quer dizer *tirar*. O apelido histórico se traduz, pois, *tirado da mistura*, ou de *procedência mista*. Não é mister grande esforço para se explicar como de *mama-ruca* se faz *mamaluco*, segundo o escreveram os primeiros historiadores e depois *mameluco* como, em geral, se adotou.

Não raro se empregava, entre os tupis e europeus que falavam a língua geral, o sufixo *ua*, forma contrata de *ruca* ou *Iruca*, para formar nomes indicativos da origem ou nascimento do indivíduo. Dizia-se, por exemplo, *piraty-ua*, para significar *oriundo* de *Piraty*, nome primitivo

191 *Karalba* é o nome que os Tupis davam aos grandes feiticeiros e, por extensão, aos europeus. *Kariba* não existe em tupi. Portanto, se *cariboca* significa *tirado de branco*, a forma original é *Karalb-oka*; o *b* pertence, no caso, ao primeiro étimo.

Para *carioca* essa etimologia do autor é inadmissível, o que não acontece com *akarí-oka* – *refúgio dos acarís*. Entretanto, ambas estas etimologias caem naturalmente ao verificar-se que o nome do local consta do *Auto de São Lourenço*, na forma de *kariló-oka* – *casa do Carijó* (dos Carijós), que, ao depois, se encontrou em *karika* e, finalmente, tomou a forma aportuguesada de *carioca*.

Léry já parece ter ouvido *kariok*, que diz ser o nome da primeira aldeia tupi-nambá. Sabemos que havia contato entre Tupis e Carijós.

192 Como não existe o termo *boka* – *tirar*, a etimologia *kaá-boka* cai por si.

da atual cidade de **Paraty**; **Mairy-ua**, *oriundo* ou *procedente da cidade*; **Caetéua**, *oriundo das matas*¹⁹³.

112 – As construções do gentio eram toscas e rudimentares, como as de um povo na infância social. As suas casas – **oca** – muitas vezes de vastas proporções, e cobertas de folhas de sapé ou palma, e fechadas com estacas, tinham capacidade para muitas famílias – **ocapeguara**¹⁹⁴. Dispostas em torno de uma praça ou terreno retangular, **ocara**, e externamente envolvidas por uma estacada ou, às vezes, por uma trincheira de folhagem ou feita de tranqueiras retiradas das queimadas, **caičara**, constituíam a aldeia, **taba** ou **taua**¹⁹⁵.

Entraram esses nomes em larga cópia na geografia nacional, concorrendo para a denominação dos lugares, como, por exemplo **Tupana-roca**, *casa de Deus* ou *igreja*; **Itaoca**, *casa de pedra*; **Oca-una**, *casa negra*; **Ocamorôtim**, ou **Ocatim**, *casa branca*; **Buriki-oka**, *paradeiro dos macacos*; **Meruoca**, *paradeiro das moscas*; **Tyjioca**, *paradeiro das espumas*, pelas muitas que se encontram naquela ponta de terra firme à entrada do Pará¹⁹⁶.

No território do Rio de Janeiro, encontram-se ainda os nomes **Ocaruçu (Ocara-ocú)**, *praça* ou *grande terreiro*, aplicado à ponta ou cabo próximo da cidade de Paraty; **Itáocara**, *terreiro de pedra*¹⁹⁷.

Na Bahia, encontram-se os nomes **Tapagipe (Tabagype)** que se traduz *no rio da aldeia*; **Tapéra**, equivalente a **Taba-oéra**, *aldeira velha*

193 Teodoro Sampaio apaixonou-se ao nosso ver pela sua etimologia tupi de *mameluco*, chegando ao ponto de ver coisas que não existem. Documentado o termo no português arcaico do século XIII, não vale insistir nessa mais do que forçada origem tupi.

194 O correspondente para *moradores da casa* não seria **okapegûara**, em caso algum. O túpi diria **okêpendûara**, ao invés de **okêpegûara**, forma que se aproximaria de **opegûara**, usado em guarani.

O *Dicionário Português e Brasileiro* tem **okapora** – *morador. Natural de, morador de*, traduz-se, tanto no tupi como em guarani por **ygûara**, embora olhemos com certa desconfiança a explicação montoyana: *que bebe água de*.

195 Através do vocabulário dos jesuítas sabemos hoje que havia diversas cercas para proteção das aldeias: **ybyrá** – *a estacada unida*; **ybyrá-pokanga** – *a de troncos mais espaçados*; **ybyrá-patagûf** – *a estacada de rede* e **kaaycã**, **kaičã** – *a cerca de ramagem*. Este último termo transformou-se ao depois em **kaičara**. **Taûa** por **taba** é *nhengatu*.

196 A maioria destas formas já têm raço *nhengatu*.

197 **Ocaruçu** é tupi legítimo, de **okar-ucú**, e não de **okara-ocú**, como diria o autor do *Dicionário Português e Brasileiro*.

ou em ruína; **Taperoá** ou **Taperaguá**, *morador nas ruínas ou as andorinhas*¹⁹⁸.

Em São Paulo, distingue-se o nome **Taubaté**, corruptela de **Taba-êté**, *aldeia considerável* ou *vila*¹⁹⁹.

Davam à cidade, aos povoados grandes, como os europeus edificavam, o nome **mairy**, decerto, depois que os franceses, **Mair**, começaram a freqüentar a costa do Brasil e se estabeleceram em algumas partes dela, pois que o vocábulo **mairy** parece proceder de **mair-reya**, *reunião ou multidão de franceses*²⁰⁰.

O nome **Marim**, outrora aplicado a Olinda de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho, é simples corruptela de **mairy**, cidade.

Aos moradores da aldeia denominavam **Tabayara**; aos da cidade, **mairyára**, *cidadão*; aos de aldeia diferente, **Tabaré**, donde, sem dúvida, procede o nome **tabaréu**, usado entre os baianos para designar um homem rústico ou matuto²⁰¹.

113 – As comunicações, entre as aldeias e povoados, se faziam por caminhos ou veredas – **apé**, denominando-se **apé-açu** as estradas largas, como algumas se encontraram no interior²⁰².

Não eram tão raros, quanto se presume, os caminhos ou veredas do gentio penetrando do litoral para o interior. Glymmer, o autor do roteiro de uma das primeiras *entradas* que se fizeram, no começo do século

198 Teodoro Sampaio confunde a **tapera** – *ruína*, com **taperá** – *andorinha*, deixando assim **taperá-gua** sem sentido. Quanto à **Itapajipe**, no *Vocabulário* renege esta etimologia. O pretérito regular de **taba** seria **taguera**, que, ao lado de outras formas, se encontra no guarani. No tupi só existe **tapera**. **Taba-oera** seria uma violação dos princípios mais rudimentares da morfologia tupi.

199 O termo tupi não é **taba-eté**, mas **tab-eté** – *aldeia grande, cidade*.

200 Está enganado o autor. No brasileiro e **nheengatu** davam a cidade de **Belém do Pará** o nome de **Mairy**. Depois, **Mairy** se generalizou, significando *cidade*.

No tupi, cidade é **tab-uçu** ou **tab-eté**.

O habitante de **mairy**, o *cidadino*, em **nheengatu** não se chama **mairyara** e sim **mairygûara** e mais recentemente **mairyûara**.

201 Não cremos que **tabafara** fosse um gentílico na acepção que se lhe tem dado entre nós. Por que chamariam uma tribo de **tabafara**, se todos os Tupis moravam em **tabas** idênticas? Trata-se provavelmente da palavra **tobafara** – *o fronteiro, o inimigo* e também *cuñado*, ao sul.

202 *Caminho* é **pe** ou **apé**, (**sapé**, **rapé**), mas a largura avantajada não se indicava por **guaçu** e sim pelos adjetivos **py** ou **peba**. Aliás, os Tupis davam às *estradas* o nome de **pepytera**.

XVII, de São Paulo para o sertão de Minas, refere ter encontrado, bem no interior, uma estrada larga e bastante trilhada.

A dispersão dos Tupiniquins, que eram, ao mesmo tempo, assinalados em São Vicente, no vale do São Francisco e em Porto Seguro, demonstra cabalmente que, pelo interior, esses índios se comunicavam; e está averiguado, por um estudo bastante consciencioso e sério do nosso ilustre consócio, o Dr. Orville Derby, que as primeiras *bandeiras*, que devassaram os sertões o fizeram, trilhando as veredas dos gentios^y, guiados pelo selvagem reduzido e amigo.

114 – Quando os caminhos desciam até o mar ou grandes rios navegáveis, ao extremo desses caminhos, ordinariamente um porto, davam os Tupis o nome **apeaçaba**, que quer dizer *saída* ou *travessia do caminho*, e de que, por corruptela, se fez **peaçaba**, **mbeaçaba**, ou **imbiassape**, como se lê em Hans Staden, e ainda **peaçá**, sob a forma contrata e mais comum na composição dos nomes de algumas localidades.

Assim, os nomes **Peaçá-goëra**, *porto velho* ou *extinto*, com que se designa uma localidade vizinha do **Cubatão**; **Peaçáboçú** ou **Peassabusú**, *porto grande*, designando uma vila alagoana, à margem do rio São Francisco, são compostos com o tema **apeaçaba**, sob a forma contrata.

O nome **peaçaba** ou **apeaçaba**, que o vulgo alterou para **piaçaba** ou **apiaçaba**, já não designa, entre nós, senão a fibra da Ataléia; o primitivo e verdadeiro significado se perdeu para a língua hoje falada no Brasil²⁰³.

O nome **igara-paba** ou **igaro-paba**, que, literalmente, significa *termo* ou *fim da canoa*, também designava o porto, mas já na acepção de assento, descanso ou lugar onde se encahava a embarcação, deixando-a a seco²⁰⁴.

y Orville Derby. *Os primeiros descobridores de ouro em Minas Gerais*.

203 **Peaçaba** é propriamente o *escoadouro*. **Peaçãgüera** e **peaçab-uçú** são, finalmente, dois termos verdadeiramente tupis. Entretanto, se o autor pensa que a *piaçabeira* tem relação com **peaçaba**, está redondamente enganado. *Piaçabeira* vem de **oyaçaba** – *tecer*, por causa do tecido fibroso, o espelho, que, na *piaçabeira* contém a fibra: a *piaçaba*, ou *piaçava*, como a chamamos na Bahia. Teodoro Sampaio insinua mais a sinonímia de **peaçaba** – *escoadouro*, *embarcadouro* e **ymbiaçaba** – *barra*, e nisso errou novamente a pista.

204 Não quer dizer tal. A grafia viciada do *nheengatu*, como em tantos outros exemplos, não lhe deixou ver o sentido. *Porto*, em tupi, é **ygara-upaba**, que significa o *pouso*, o *ancoradouro das canoas*. **Upaba** vem do verbo **tuba** (**uba**) – *azer*, *estar ancorado*; *estar encahado*, neste caso. *Fim de canoa*, se tal concepção existisse, seria **ygá-paba**.

115 – A navegação estava muito em voga entre os Tupis, quase todos localizados no litoral, donde outrora expulsaram os primitivos dominadores do país.

Pescavam muito no mar e nos rios, retirando daí larga parte da sua subsistência.

Habilíssimos canoeiros e nadadores exímios, afrontavam as ondas, mar em fora, com o maior desassombro. Contam mesmo alguns viajantes que esses bárbaros, em avistando, no horizonte, embarcações em trânsito, nadavam muitas vezes ao encontro delas para lhes vender *brasil*. Os Guaitacases, segundo Gabriel Soares de Sousa^z, andavam a nado pelo mar dentro, acometendo os tubarões (*ipirú*) e afogando-os com um pau agudo, que lhes metiam com força pela garganta²⁰⁵.

Os tupis do Rio de Janeiro, como os de Parati e Ubatuba, possuíam canoas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas delas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripulantes. Martim Afonso de Sousa, na sua viagem de 1530, assistiu, maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre os gentios de Itaparica e do continente, na Bahia de Todos os Santos.

Destros canoeiros, manejavam, de pé, o remo, a compasso certíssimo, com o que muito maravilhavam os europeus.

As canoas feitas de um tronco inteiriço chamavam *igara* (*yg-yara*), isto é, *que domina ou sobrepuja na água, flutua ou sobrenada*; e, por acharem semelhantes as embarcações introduzidas pelos europeus, chamavam-lhes *igara-açu*, *canoas grandes* ou *barco*²⁰⁶.

A antiquíssima vila pernambucana de *Igaracu* deve o seu nome ao fato de ser o seu porto, desde os primeiros anos da colônia, visitado por barcos que o atingiam com o concurso da maré. Hans Staden, que o visitou e o ajudou a defender-se contra os Potiguaras, em 1548, denominou-o *Garassu*, corruptela de *Igaracu*.

O nome *Igrapiúna*, de uma vila baiana, vizinha de Camamu, é corruptela de *Igarapé-una*, isto é, *caminho de canoa escuro*, ou melhor, *rio de água preta*, alusão a algum canal ou estuário de águas escuras.

z Gabriel Soares de Sousa. *Roteiro do Brasil*. Cap. XIV, p. 77/78.

205 Em tupi se escreve *iperú* ou *yperú*.

206 Leia-se *ypara* e *ygar-uçu*. Em *ygara* temos: *y* mais *ara* (*gara*, por eufonia) e não *lara* – *senhor, dono*. *Ygaracu*, por seu turno, é corruptela de *ygar-uçu*, que é o termo correto em tupi.

Às canoas feitas de cascas de árvore, com pontaletes no meio e ajustadas com cipó, davam o nome de **ubá**, em geral pequenas, leves e malcompostas²⁰⁷.

O nome **ubá** confunde-se frequentemente com o vocábulo **uybá** que quer dizer *flecha*, quando este entra como tema na composição de outros vocábulos, e a sílaba predominante se desloca para a penúltima do vocábulo composto.

O nome **Ubatuba**, por esta razão, pode ser decomposto em **Ubá-tyba**, significando *abundância de canoas*, como tantas havia nessa parte dos domínios de Cunhambebe e de Aimberê, como pode ser tido por corruptela de **Uyba-tyba**, *flechal*, ou *canavial bravo*.

À vela ou pano da embarcação chamavam **cûtinga** (**cû-tinga**) que quer dizer *língua branca*, alusão à forma triangular, alongada, do pano; ao mastro chamavam **cutinguyba** (**cuting-yba**), literalmente *pau de vela*²⁰⁸.

116 – As pescarias (**pirá-monhangaba**) começavam ordinariamente em agosto, na beira-mar^w, e davam lugar a expedições numerosas para certos pontos da costa²⁰⁹.

207 **Ubá** deve ser termo relativamente novo; nenhum dos antigos vocabulários o registra, nem mesmo o *Dicionário Português e Brasileiro*. Encontramo-lo em Martins, em Porto-Seguro e nos vocabulários *nheengatus*. A definição diverge: para Martins e Raimundo Morais a **ubá** é uma canoa, isto é, feita de um tronco escavado; Porto-Seguro e Teodoro Sampaio querem-na de casca. De uma forma ou outra as etimologias de termos antigos estribadas em **ubá** – *canoas*, devem ser postas de lado.

Entre os tupis as canoas de tronco inteiro eram chamadas **ybyrá-ygara** ou **ygar-eté**; as de casca **ypé-ygara** e as de junco, **piripiri-ygara**. Havia ainda outros tipos, mas nenhum com o nome de **ubá**.

Teodoro Sampaio não viu claro na designação para *flecha*. Em tupi, *flecha* é **uuba** e não **uybá**. **Uubá** (oxítono) é apenas o nome das *canoas* de que faziam as flechas. *Flechal* é assim **uubátyba** (**uubá-tyba**) e não **uybá-tyba**.

208 Em equívoco algo desconcertante incorreu Teodoro Sampaio com a *língua branca*, como traduz o nome tupi, **ku-tinga**, para *vela de canoa*. Acontece, porém, que não olhou bem para a grafia da palavra *nheengatu*, no *Dicionário Português e Brasileiro* ou em outro qualquer, e, pouco familiarizado com o termo, leu c (k) onde há um ç (s). *Vela*, em *nheengatu*, não é **kotinga**, mas **sotinga**. Naturalmente, as etimologias baseadas em **kotinga** caem, assim, todas por terra. Em tupi, *vela* é **aob-uçú**, prosaicamente *pano grande*.

w Hans Staden. *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. Cap. XVII.

209 *Pescaria* é **pirá-monhangaba** no *nheengatu*; o *Dicionário Português e Brasileiro* já o registra. Em tupi o termo genérico é **leporakaçaba**; há porém toda uma série de termos específicos, de acordo com os apetrechos usados.

Empregavam, para este mister, a *rede* – **pyçá**, o *cercado* – **pary**, o *cesto* – **ururú**, e o **jiki**²¹⁰.

Nos rios, costumavam envenenar as águas com o suco do **timbó** ou **tinguy**, para apanhar o peixe.

Com o comércio dos europeus, passaram a usar o *anzol metálico* – **pindá**, chamando aos *pequenos anzóis prateados* – **pindá-miri-tinga**.

É, porém, provável que já empregassem o anzol grande, feito de qualquer substância não-metálica, antes da invasão portuguesa.

Não poucos lugares, no Brasil, trazem nomes recordando esses instrumentos e usos do gentio: **Pary** ou **Paripe**; **Pariquera** ou **Pary-coéra**, *cercado velho*; **Pindahyba**, *vara de anzol*; **Pindámonhangaba**, *fábrica de anzóis*; **Jiky-yá**, ou **jequi aberto**; **Ururu-hy**, *rio do cesto*; **Timbóhy**, *rio do timbó*, recordam sítios das pescarias de outrora²¹¹.

117 – A caça era, como a pesca, a principal ocupação dos selvagens, e, para realizá-la empregavam de preferência o *arco* – **yapara**, e a *flexa* – **uyba**, ou **uiba**, tendo esta a ponta, simplesmente endurecida ao fogo, ou com um dente de tubarão, ou fragmento de sílex, engastado com resina. O arco, feito de uma madeira rija, era mais alto do que um homem²¹².

Além do arco e da flecha, empregavam, para caçar (**caámondo**), artificios mais ou menos engenhosos, ainda hoje utilizados pela gente do interior. A **juçana** era o laço armado para colher as aves; **mondé**, de que procede o vocábulo assimilado, **mundéu**, era empregado, nas matas, para matar os quadrúpedes; a **guirapuka**, de que por corruptela, se fez **arapuca**, apanhava os pássaros²¹³.

Entre os índios do campo, a caçada era precedida de uma batida, cercado-se um trecho a que se punha fogo, e matando-se a caça a pau, à

210 Leia-se **parí**, **urú**, **fekel** ou **lekeá**, que são as denominações tupis genuínas.

211 **Parikôtera** é forma guarani. No mais, leia-se: **lekeá**, **urú-y**, **timbó-y**.

212 A designação legítima para *arco* é **ybyràpara**, mas o dicionário jesuítico já indica haver prevalecido a contração **uràpara**. Em guarani é **gúyrápá**. *Flecha* é **uuba**. É interessante frisar que **uyba**, do *Dicionário Português e Brasileiro*, se aproxima do guarani **uy**. V. notas 23A e 207.

213 *Laço* é **nhuçana** em tupi. Em *nheengatu*, a partir do *Dicionário Português e Brasileiro*, temos **juçana**. **Arapuka** deve ser termo *nheengatu*, pois não se encontra nos vocabulários tupis e guaranis antigos. Batista Caetano achou, entretanto, conveniente incluí-lo no seu, como se o tivesse de Montoya. Procedeu assim em muitos outros casos, armando verdadeiras arapucas aos que cegamente dele se fiam.

É interessante notar que o guarani moderno possui **aratá**, em lugar de **arapuka**.

medida que ela procurava escapar às chamas. Nas regiões centrais, as queimadas freqüentes, que se avistam ao longe, onde a civilização ainda não penetrou, não indicam outra coisa. A esse modo de caçar davam o nome **camondócaia** que quer dizer *queimada para caçar*.

As localidades com os nomes **Japáratuba**, *muitos arcos*; **Japároby**, *arco verde*; **Mondé-hy**, *rio dos laços*; **Uyba-hy**, *rio das flechas*, de que, por corruptelas, se fez **Ibahy** ou **Ivahy**, são recordações dos instrumentos venatórios dos selvagens, ou lembram fenômenos com eles comparáveis.

118 – Os trabalhos agrícolas eram rudimentares entre as tribos tupis por lhes faltar o uso do ferro.

O fogo era o seu principal agente no amanho da terra.

Escolhido o local para a lavoura, derrubavam-se-lhe as árvores de maior vulto, empregando-se, para esse fim, o machado de pedra – **ji** ou **dji**, e lançava-se fogo em torno, escolhendo-se, porém, o lado do vento²¹⁴.

À queimada, enquanto o fogo atua, davam o nome **caia** ou **caita**, que quer dizer *o que se queima*.

A *derrubada* ou *limpa roça* denominava-se **cô** ou **cópichaba**; e a roça, no ato de queimar-se, **cô-y-uara**, de que se fez, por corruptela, **coivara**²¹⁵.

Aos paus retirados da queimada e dispostos em cerca ou trincheira em torno da roça ou da habitação davam o nome **caçara**, que, muitas vezes, aparece sob forma contrata – **caicá** ou **caçá**, nos nomes compostos.

Muitos destes vocábulos ou outros deles derivados passaram para o português falado no Brasil.

Do verbo **côpir**, tratar da roça ou limpá-la, se fez, em São Paulo, o verbo **carpir**, com idêntico significado, e assim também **carpição** por **cópichaba**²¹⁶.

À roça extinta dava-se o nome de **cô-coéra** e também **côpoera**, de que procede o vocábulo **capoeira**, com o significado, que vulgarmente se

214 *Machado de pedra* é **ji**, em tupi; **dji** é a pronúncia guarani. O *machado de ferro* teve por nome **ji-kûara**, pelo ofício do çabo.

215 **Ko** e **kopichaba** não são sinônimos; este significa *roçado, derrubada da mata*, enquanto **ko** é o terreno já plantado, como **kopûera** é *a roça velha, abandonada*. **Kopixaba** é uma variante castiça, na qual, de acordo com a eufonia tupi, o s precedido de **i** se transformou em **x**.

216 Leia-se **kopira**.

lhe dá, de *roça abandonada e invadida pelo mato*, visto que o mesmo vocábulo também procede de *caá-poéra, mato extinto*, ou que já, uma vez, foi cortado²¹⁷.

Muitas são as localidades no Brasil cujas denominações recordam os trabalhos agrícolas dos selvagens ou mesmo dos europeus, nos primeiros anos da colonização.

Há, nas vizinhanças de São Vicente, uma localidade com o esquisito nome de **Cuçu**, cuja procedência vem, decerto, daqueles remotos tempos, quando a ilha contava vários engenhos de açúcar e possuía extensos canaviais de que Hans Staden nos dá notícia em 1548.

O nome **Cuçu** é composto de **Cõ-uçú**, e se traduz *roça grande*, e também *limpo-grande*, empregando-se, com este significado, para designar *campo* ou *terreno limpo*²¹⁸.

No Rio Grande do Sul, há o rio **Caf (Cahy)**, cuja tradução se pode fazer de dois modos: **Caahy**, *rio da mata*; **Cai-hy**, *rio das queimadas*.

O nome **Cassaquéra**, com que se designa um ribeiro no município de São Bernardo, é o mesmo que *caçaoéra* e significa *cerca velha* ou simplesmente *as cercas*.

Assim também o nome **Caçápava** que, aliás, comporta duas interpretações: **Caça-paba**, *fim de cerca*, ou *ponta de cerca*; e **Caa-çapaba**, *clareira* ou *aberta na mata*.

Cultivavam os Tupis o milho de preferência, ao qual se pode, na verdade, dar o nome de trigo americano, porque era a base da alimentação do selvagem.

O **abati**, que é como, entre o gentio, se denominava o milho, amadurecia no mês de novembro, época, diz Hans Staden, em que se devem temer os assaltos dos selvagens, porque, diz o mesmo autor citado, quando voltam de uma guerra, querem ter os **abatis** para fabricarem a bebida.

Além do milho, plantavam também a **mandioca**, o **aipí**, a **batata (jatyuca)**, o **cará**, várias espécies de **abóbora (geremú)**, a **banana (pacobá)**, o **mandobi**, que dizemos amendoim²¹⁹.

217 *A roça abandonada é kopótera*, em tupi. **Kokótera** é forma guarani, que, como outros termos, se encontra também no *Dicionário Português e Brasileiro*. A substituição do **o** de **kopótera** pelo **a** em *capueira* é fácil de se dar: basta atentar em **kapixaba**, que o *Dicionário Português e Brasileiro* já traz por **kapixaba**, suposta primeira etapa na transformação do tupi **kobçaba**. V. notas 149 e 216.

218 Mais uma vez Teodoro Sampaio tropeça, como outros muitos, no emprego de **gûaçú**, e **uçú** - *grande*. **Gûaçú** pospõe-se a vocábulos oxítonos e **uçú** a paroxítonos. Em tupi só é admissível **ko-gûaçú**.

219 *Batata é tetika*, em tupi; aliás, **jetyka**, em brasileiro e **tutyka**, em nheengatu. **Jatiuka** e **iatiuka** significam *carrapato*, *bicho*, respectivamente no brasileiro e no nheengatu. Deve ter havido lapso na transcrição.

Os nomes de lugares, como **Mandiotuba**, *mandiocal*; **Comandatuba**, *feijoal*; **Mangaratyba**, *mangarazal* e outros, como **Camaratyba**, **Acajutyba**, **Amanutyba**, **Pacótyba**, **Norantiba**, **Cannatyba**, **Natuba**, exprimem *culturas de outrora*, ou *abundância de camarás*, caju, algodão, bananas, laranjas, canas e ananás²²⁰.

A cana e a laranja não eram indígenas da América, mas, desde logo, nos primeiros anos do descobrimento, foram introduzidas e cultivadas.

Em 1518, quando Fernão de Magalhães aportou no Rio de Janeiro, por ocasião da sua memorável primeira viagem de circunavegação do Globo, já encontrou cultivada, pelos Tupinambás, a *cana-de-açúcar*, de certo introduzida no país por alguns dos muitos navios que já, por esse tempo, freqüentavam o Brasil e traficavam livremente com o gentio. Nos grandes rios da bacia do Paraná e do Prata, onde tão larga foi a ação dos jesuítas, um dos fenômenos, que mais impressionam o viajante, são os bosques de laranjeiras selvagens, de frutos amargos, cujas sementes as águas se encarregam de distribuir e propagar.

119 – Os alimentos (*tembiú* ou *temiú*) eram simples, mas variados. Não era usado o sal como condimento, mas, assando a carne, o peixe ou qualquer fruto ou raiz, mostravam apreciar a cinza como um sucedâneo. Nenhuma caça ou peixe comiam cru²²¹.

Descendo o rio Paranapanema, em 1889, encontrei, sobre um lado, à margem do rio, abundantes cascas de laranjas, assadas, despojos de uma refeição, apenas terminada, de uma família selvagem, que assim usava do fogo para tornar mais tolerável o sabor amargo daqueles belíssimos frutos amarelos.

Da mandioca, faziam várias espécies de farinha – *cuy*. À que era *fina*, como a de trigo, dava-se o nome *carimã*; à *meio cozida*, *uy-tinga*; à *bem-cozida*, *uy-atã*, que era a *farinha de guerra*; à feita de *mandioca cortada em roletes e seca ao sol*, *pisada depois ao pilão*, *typyrati*; e à

220 De interesse lingüístico é o termo híbrido *narandyba*, que se encontra no *Dicionário Português e Brasileiro* e também no guarani antigo: Ora, *laranja* devia tupinizar-se em *narandá*, como *cavalo* em *kabarú* e *cruz* em *curuçá*, e não em *nará*. Entre os Tupis *laranja* era designado por *ybá-ata*. Deste último teríamos *ubá-ityba* – *laranja*. Em lugar do duvidoso *norantiba*, o *Vocabulário* traz *narandyba*.

221 Há evidente engano quanto ao *sal*. Não condimentavam os alimentos durante o preparo, mas à refeição lambiam, de quando em vez, as bolas feitas de *sal e pimenta* – *lukyata*, de *lukyra* – *tala* = *sal ardente, salpimenta*.

que era feita com *mandioca posta de molho por alguns dias uy-puba*, denominando-se **mandió-puba** a mandioca assim tratada²²².

Às *cascas* ou *raspas imprestáveis* da mandioca dava-se o nome de **corêra**, de que, por corruptela, se fez a palavra **crueira**, à feição portuguesa²²³.

Moída a mandioca, expremiam-na num *cesto tubular elástico*, feito de folhas de palmeira, a que chamavam **typity (tipiti)** e que alguns, erroneamente, dizem **tapity**.

Ao *suco expremido e assentado* davam o nome de **typioca**, de que, por corruptela, se fez **tapioca**, geralmente entre nós usado²²⁴.

Também do peixe faziam farinha, como um dos mais seguros meios de o mais bem conversar, e lhe davam o nome de **pirá-cuy**. Entre os Tupinambás e Tamoios, o peixe preferido para farinha era a tainha, a que chamavam **piraty** e que, por corruptela, entre os portugueses, se passou a dizer **paraty, baraty** e até **barty**. No Amazonas, prefere-se, ainda hoje, o **pirarucu, peixe vermelho**.

Da mandioca, faziam *bolos*, a que denominavam **mbeyú**, donde vem o nome **beiju**, vulgar no Brasil, significando *enroscado, enrolado*; faziam o **mingau** e várias bebidas fermentadas, conhecidas por **cayçuma** e **tykyra**²²⁵.

Com o milho, preparavam a **canjica (acanjic)**, *grão cozido*; a *farinha, abatiuy*; a **pamuna** ou **pamonha**; **pipoca**, que quer dizer *epiderme estalada*; e também uma bebida fermentada – **abati-y**^{225A}.

222 Impõe-se aqui uma retificação. O nome genérico da farinha de mandioca é **uf**; **kuf** é *pó, farelo*. Assim temos: **uf-puba, tyyyak-uf, uf-atá, uf-eçakûatinga**.

223 Também este trecho não corresponde à verdade dos fatos. Os resíduos da farinha designam-se, em tupi, por **mindó-kuruera**; **kuruera** também são quaisquer outros resíduos que não da mandioca; **kuruera** é *nheengatu* e brasileiro.

224 A tapioca propriamente chama-se **tyyok-uf** ou **tyyakuf**, em tupi; **tyyoka** ou **tyyaka** é a água em que se precipita a **tyyok-uf** – a *tapioca*. Como vemos, em português o *precipitado* tomou o nome de água em que a sedimentação se opera. Em lugar de **typity**, leia-se **teptí**.

225 É lástima que de tantas bebidas feitas de frutas, de mandioca e milho, só nos citasse o nome de duas, de fabricação amazonense em nossos tempos. **Kayçuma**, para Stradelli, é bebida fermentada de frutas ou de milho; para Tastevin, um cozido de frutas e farinha. Em **tykyra** temos o verbo *gotejar, distilar*; uma simples contrafação mestiça de *pinga*, entre nós.

225A *Farinhas e farelos* outros que não de mandioca chamam-se **kuf** e não **uf**, tanto em tupi como em outras línguas da família tupi-guarani. Portanto: **abatí-kuf** – *canjica* não nos parece tupinismo.

Assavam carne ou peixe sobre brasas, ou então sobre um gradeado de madeira, operação a que se dava o nome de **mokaen**, de que procedem o nosso vocábulo **moquéem** e o verbo **moquear**.

Ao assado envolvido em folhas, como faziam com o peixe, chamavam **pokeka**, de que se fez, por corruptela, **moqueca**, e significa *embrulho*.

À carne ou peixe pilado e misturado com farinha, davam o nome **póçoka (po-çoka)**, que quer dizer *pilado a mão* ou *esmigalhado a mão*.

O **cauim** era o seu vinho mais estimado e feito do suco do caju, donde lhe vem o nome: **acayú-y**. Alargando, porém, o sentido do vocábulo, aplicaram-no também para *bebida fermentada feita de milho mastigado*²²⁶.

120 — No interior de uma cabana selvagem, os utensílios mais comuns eram a *rede para dormir* — **ini**, *atada por cordas (ini-chama) a dois fortes esteios* — **okytá**.

A um lado, via-se a *lareira (tatá-rendaba)* e sobre ela o **mokaen**, e, mais alto, pendente da parede, a **urupema**, *peneira ou cesto raso; o uru*, *cesto pequeno com tampa; o fuso (y-yma)*²²⁷.

Viam-se também, a um canto, mais abrigado, a *talha cheia d'água (ygaçaba)*; o *pote de boca pequena*, **camuty** ou **camucim**, ao passo que os *alguidares, (nhaen)* e *panelas (nhaempepó)* alinhavam-se mais perto do fogo. Fora da cabana, dependurada a uma ponta de caibro, via-se o **typity** e, encostado à parede, mas deitado por terra, o **pilão (induá)**²²⁸.

Muitos são os nomes de localidades, no Brasil, que recordam os utensílios e objetos de uso doméstico entre os selvagens: **Moquéem**, em Goiás, **Camucim**, no Ceará; **Itanhaém**, *alguidar de pedra* ou *tacho*, em São Paulo, são exemplos assaz notórios.

226 **Poçoca**, aliás, **paçoca**, nada tem que ver com *pillar a mão*; vem de **apaçoka** — *pillar, reduzindo tudo a uma massa*. Houve equívoco no dar à bebida de milho fermentado a denominação de **akalu-y** — *vinho de caju*. O dicionário jesuítico é muito claro a respeito; o nome efetivo é **mbeluting-y**.

227 *Fuso* em tupi é **yma**; **y-yma** é *nheengatu*, já registrado pelo *Dicionário Português e Brasileiro*. **Iní-xama** é *nheengatu*; em tupi é **iní-sama**. **Tatá-rendaba** é do *Dicionário Português e Brasileiro*. Os jesuítas registram **tatá-upaba**, de sentido algo diverso e mais próprio, para designar a lareira.

228 O dicionário jesuítico dá: **kamuçf**, **tepitf** e **unguá**. **Induá** é a forma *nheengatu* grafada **enduá** no *Dicionário Português e Brasileiro*.

121 – Entre os objetos ornamentais e servindo nas *solenidades e danças (poracé)*, distinguem-se o *acangatará*, feito de belíssimas plumas de garças, do canindé e das araras, servindo para ornar a cabeça; a *açayaba*, espécie de manto tecido também de penas, descendo dos ombros até os rins; a este manto tecido, como se fora uma rede, dava-se também o nome de *iniaóba*, que quer dizer *manto de rede*; outras vezes, esse manto, ornado e maculado de tintas diversas, simulava uma cobra, daí o chamar-se *boirangaóba (boi-rangá-óba)*, que quer dizer *manto da figura de cobra*; a *ara-açayaba*, espécie de *cocar* ou *chapéu*; o *iam-penambi* que se aplicava às orelhas²²⁹.

Muitas vezes, pintavam o próprio corpo com as cores vivas do *urucu* e do *genipapo* para se mostrarem bizarros; untavam-se de óleo ou resina e cobriam-se de penas de várias cores, picadas bem miúdo; furavam o *beijo inferior (tembé)*, e engastavam-lhe pedra de cor esverdeada ou branca, mui polida, a que chamavam *tembetá*, isto é, *tembéitá, pedra de beijo*, por outros também designada *itametára, botoque de pedra*²³⁰.

O uso de tais ornatos, engastados no beijo, nas orelhas e até nas faces, chegou a tal extremo que os primeiros viajantes asseguravam terem visto indivíduos com sete dessas pedras metidas nas carnes do rosto. Até os meninos os usavam.

Havia botoques (*metára*) de todo o gênero e de várias formas, uns de osso polido, outros de dentes de animais, outros de resina amarela e translúcida como o âmbar, e ainda outros de madeira leve, como a da barriguda ou paineira²³¹.

Os Guaicurus trouxeram-nos de ouro.

Os Aimorés, os Botocudos, faziam-nos de madeira, dando-lhes forma circular, atingindo, às vezes, grande diâmetro.

229 *Dança é poracé* em nheengatu. No tupi, a forma absoluta é *moracela*, que na oração transforma o *m* em *p*, como todos os similares. O *Dicionário Português e Brasileiro* ainda conserva esse relativo *poracela*. O manto de penas é *açolaba* e não *açalaba* que aí está. *Boirangaoba* é deturpação de *mbof-raangab-aoba*, que, este sim é tupi. O termo *lampenamby* não nos é conhecido, a não ser através de Léry.

230 A palavra tupi para *jenipapo* é *ianypaba*. Para *tembetá* os jesuítas citam o genérico *metara* ou *tembetara*; os *tembetás* compridos denominavam-se *temberar-apôã* e os do lábio superior, *apôã-ti*.

231 Por esse trecho pode parecer que *metara* era a designação do *botão facial* para diferenciá-lo do *tembetá*, o que não é verdade, como vimos na nota anterior.

Outros selvagens atravessavam penas no nariz e outros ainda introduziam-nas nas faces.

Além destes bárbaros ornamentos, traziam ao pescoço o **Jacy**, *lua*, ou *semicirculo de osso alvíssimo*, e às vezes, um *grande colar de dentes*, a que denominavam **ajucará** (**ajucá-rá**), que quer dizer *tirado do que foi morto*, representando assim um troféu de guerra, ou de caça^{231A}.

Encontram-se na Geografia do país muitos nomes recordando esses objetos ornamentais do selvagem e suas festas: **Boracéia**, por **Poracé**, reunião para festa, dança ou folguedo, nome que se encontra citado em velhos documentos dos *Arquivos do Estado de São Paulo*; **Araçoyaba**, *morro isolado, com a forma de chapéu*, nas vizinhanças do Ipanema; **Arassoahy**, ou melhor, **Araçoyáhy**, *rio, ou localidade em Minas Gerais*; **Jacygoá**, *vale da lua ou globo da lua*; **Tametary** por **Itametar-y**, *rio do botoque de pedra*²³².

122 — Eram grosseiros e pouco sonoros os instrumentos musicais do selvagem. Tinham como primeiro e mais excelente o **maracá**, *chocalho feito de um cabaço* em que se introduziam sementes ou pequenos seixos, e se ornava com esmero, porque era, em algumas tribos, considerado como sagrado; o **memby** ou *gaita*; o **boré**; a **inúbia**, *trombeta de guerra ou buzina*; o **guarará** ou *tambor*²³³.

Várias localidades, entre nós, trazem nomes destes instrumentos musicais dos selvagens.

A cidade de **Maracás**, no interior da Bahia, e os montes **Guararapes**, famosos pelas vitórias aí alcançadas sobre os holandeses, no século XVII, são recordações que persistem daqueles primitivos tempos.

O nome histórico de **Guararapes** é, porém, simples corruptela de **Guarará-pe** e se traduz *nos tambores*.

231A Esse *colar de dentes tirados do que foi morto* é pura fantasia. **Alukara**, aliás, **alukará**, vem mencionado em Abbeville. *Histoire* . . . , fl. 274, e descrito *colar de penas* (!) presas numa tira trançada de algodão.

232 **Boracéia**, citado aí, conservou quase inalterada a forma tupi **moraceia** (e não **poracé**) — *dança*.

233 *Flauta* ou *gaita* é **mimby** ou **temimby**, isto é, o *soprado*. O nome **boré** não consta dos autores antigos e **Inúbia**, tão-somente de Léry. No último parece mesmo tratar-se de erro de cópia ou impressão, já admitido por Batista Caetano. Veja *Ensaio de Ciência*, 1:38 e Artur Neiva, *Estudos de Língua Nacional*, p. 248-287.

Devemos, porém, lembrar que, ao lado de **mimby**, os dicionários brasileiros e nheengatus trazem **lombyá**, **lumiá**; estes certamente retificam melhor a estropiada **inúbia** (**iunbiá**) de Léry; por não decifrar as suas notas leu **Inubiá** por **iunbiá**.

Recordará, porventura, esse nome tupi o ruído das caixas de guerra, num sítio onde, tantas vezes, elas ressoaram à frente das coortes combatentes, ou lembram, tão-somente, uma feição topográfica em que o relevo dos montes traz à idéia os toscos instrumentos de selvagem de outrora?

Não conheço a topografia do lugar, mas opino pela primeira hipótese, aliás, naturalíssima num país assolado pela guerra, e onde as populações se tinham familiarizado com os episódios e circunstâncias mínimas de uma luta por longo tempo protraída.

123 – Depois da vinda dos europeus e do comércio com estes, começou o gentio a receber os instrumentos de ferro que tanto cobiçavam e que constituíam o artigo mais importante o tráfico com os selvagens nos primeiros anos da conquista. O *machado (itajy)*, a *faca (ítaki-cê)*, a *foice (kicêapara)*, a *enxada (itacyra)*, a *tesoura (pyranha)*, a *serra (kytyçaba)*, eram artigos regulamentados e quase os únicos objetos de ferro, cuja venda se consentia ao gentio.

Entretanto, e não-obstante a proibição formal das autoridades, o selvagem foi adquirindo outros instrumentos como a *espingarda* ou *fuzil (mbocaba ou pocaba)*, a *espada* ou *facão (kycêgui)*, a *pólvora (mocá-cui)*, e, segundo o testemunho de viajantes franceses, até artilharia (*mo-cábucú*) possuía o famoso Cunhambebe, chefe dos tamoios do Ari-ró²³⁴.

Recebiam também os *tecidos da Europa*, a que denominavam *pana*, cujas peças, não raro, serviam de moeda para resgate de prisioneiros europeus.

Chamavam *pãnaçú* ao *pano grosso*, e *panapoí*, ao *pano fino*. Os *farrapos* ou *andrajos* tinham o nome *panahyba*, donde é provável que proceda, por confusão de termo, o vocábulo *pindafba (pindahyba)* vulgarmente aplicado como sinônimo de penúria ou miséria²³⁵.

234 *Kytyçaba*, do *Dicionário Português e Brasileiro*, é perfeitamente admissível em tupi, embora o vocabulário dos jesuítas traga *Kytyaba*. Para distinguir o *machado de pedra* do de metal, denominavam a este *jykûara*, pelo orifício destinado ao cabo. *Kicê-apara* por *foice* vem no *Dicionário Português e Brasileiro* e no *nheengatu*; em tupi, *foice* é *iyapara*. As bombardas eram chamadas de preferência *mokab-uçú*, em tupi, por isso, o que aí está, *moká-bukú*, deve ser erro de transcrição. *Espada*, em tupi, é *itaingapema* e *facão* seria *kicê-gûaçú*.

235 *Pana* é termo *nheengatu*, a partir do *Dicionário Português e Brasileiro*, e tirado do português *pano*. Também *panaçú*, *panapof* e *panaiba* têm a mesma origem, com todos os seus defeitos. Em tupi, *pano* é *aoba*, termo que entra na maioria das designações dos diversos tipos de tecidos. *Pindá-yba* é a *vara de pescar*.

Tinham em grande estima o *espelho*, a que chamavam *oarúá*, o que faz lembrar o vocábulo francês *miroir*, supondo-se, por isso, ter sido primeiro introduzido por franceses, que foram dos primeiros a traficar na costa do Brasil. Recebiam mais a *aguardente* (*cauim-tatá* ou *yahyba*), as *contas* ou *miçangas* (*moboí* ou *pof*), o *guizo* ou *cascavel metálico* (*aguai*), denominado também *maracá-yuba* ou, sob a forma contrata, *maracáyú*²³⁶.

Na Geografia do país, encontramos alguns desses nomes designando localidades: **Boim** (*mboim*), no Pará; **Maracaju**, serra da divisa entre Mato Grosso do Sul e o Paraguai.

124 – Em torno da cabana selvagem e invadindo-a mesmo com a máxima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de *animais domesticados*, a que chamavam *mimbaba*. As *aves de formosa plumagem*, como o *guará*, a *arara*, o *canindé*, o *tucano*, *grande número de perdizes* (*anhamby* ou *iambú*), *urús* e *patos* (*ipéca*), animais, como o *macaco*, o *quati*, a *irara*, o *veado*, o *gato* (*pichana*) e até cobras mansas, se encontravam no mais íntimo convívio²³⁷.

Com o comércio europeu recebeu o gentio a galinha (*uruguaçu* ou *çapocaia*) a que prezavam em extremo, vendendo aos estrangeiros os ovos delas (*rupiá*) em grande cópia, assim como prezavam os *cães*, a que chamavam (*jaguamimbaba*) que quer dizer *onça de criação*. Nos pampas do Sul, o cavalo (*cabaru*), introduzido pelos espanhóis, desenvolveu-se rapidamente e tornou-se selvagem. Os Guaicurus caçavam-no, e, desde logo, tornaram-se destruíssimos cavaleiros²³⁸.

236 Para *espelho* temos em tupi *arugúá* ou *gúarugúá*, de onde procede *oarúá* que se encontra no *Dicionário Português e Brasileiro* e no *nheengatu*. *Contas* chamam-se *mboyra*, palavra que, em combinação com outras, se transforma em *pyra*, *poy*. *Agúaf* é o *cascavel* ou *guizo* do fruto; o *guizo metálico* é *itâgúaf*.

237 *Perdiz* é *nhuápupe*, que admite, fazendo-se valer a influência abrandadora do fonema nasalado ã sobre o p, a forma *nhuám bupe*. *Gato* é *pixana* a partir do *Dicionário Português e Brasileiro*; em tupi é *marakalá*.

238 *Urugúaçú* é o nome guarani da *galinha*. Em tupi chama-se *gúyrá-sapukaia* (*gritar, griante*), que se mantém no *nheengatu*. *Ovo* é *tupíá* (*suplá, ruplá*) em tupi e no *nheengatu*. O autor transcreve, por engano, a forma relativa, que temos em *gúyrá-sapukaia ruplá* – *ovos de galinha*. *Cão* é simplesmente *lagúara*, por um processo semântico muito comum. Para distinguir a *lagúara* – a *onça*, do cão doméstico, especificam este pelo determinativo *mimbaba*, da forma seguinte: (te-) *mimbaba lagúara*, ou *lagúá-mimbaba*, como af está.

O *boi* (**tapira-çobayguára**), considerado como uma anta estrangeira, a *cabra* (**çobaçúmé**), a *ovelha* (**obechá**), o *porco* (**tanha-açú-aiá**), desenvolviam-se em torno das reduções ou aldeias, povoando de gado novo as campinas americanas²³⁹.

125 – Tinham sua mitologia os povos da raça tupi, a despeito do que, a princípio, disseram os cronistas e escritores dos primeiros tempos, que avançavam não ter o gentio nem fé, nem lei, nem rei, razão, diziam, por que, na sua linguagem, não há as letras **f, l, r**, iniciais de tais palavras. Todavia, era bastante singelo ou rudimentar o que possuía esse povo de idéia religiosa. Tinha uma vaga noção do Ente Supremo, a que denominava **Tupá**, cuja voz se fazia ouvir por ocasião das tempestades – **Tupá-cynunga**, ou *o trovão*, e cujo *reflexo* ou *claridade* se denominava **Tupá-beraba**, ou *relâmpago*. O gênio mau residia em **Anhanga** ou **Anhan**. Serviam a Tupá, diz Yves d'Évreux, os *bons espíritos* **Apyáueúé**, e a **Anhan** os *maus gênios*, conhecidos por **Uyáupíá**; **Gerupary** ou **Jurupary** era para uns o gênio mau e para outros, segundo o mesmo Yves d'Évreux, *um servo de Tupá*²⁴⁰.

239 *Boi* ou *vaca* é simplesmente **tapiira** – *anta*, em tupi. Mais tarde, como se vê no brasileiro, acrescentaram a **tapiira** o determinativo **sobaigûara**, a que deram o sentido da *outra banda* (do mar), do *reino*, *reinol*, o **suaítûara** nheengatu.

Em tupi temos **sabaia** – *frente*, *o outro lado*; **sobal** – *do outro lado*; **sobaixûara** – *o do outro lado*. **Sooçamé** é grafia do autor por **suaçumé** que no *Dicionário Português e Brasileiro* e no nheengatu designa a *cabra*. **Suaçumé** vem do tupi **cy-gûaçú-mé** – *o veado que faz "mé"*. Nada parece ter que ver com **soó** – *caça*. No guarani dizem **cabará** (*cabra*).

Quanto ao esquisito **obechá**, Teodoro Sampaio foi descobri-lo no vocabulário guarani de Montoya; Restivo diz **uechá** (**uechá**). Ambos vêm do castelhano – *oveja*. *Porco manso* é **talaçu-gûala** em tupi; **talaçú ala** tanto ocorre no *Dicionário Português e Brasileiro* como no nheengatu. A forma **tanha-açú-aiá** consignada por Teodoro Sampaio peca contra as regras mais elementares da eufonia e morfologia tupis.

240 **Apyá-ueúé** corresponde literalmente ao tupi **apýá-bebé**, de **apýaba** – *varão* e **bebé** – *voar, volante*. São os anjos, que os jesuítas também denominaram **karaf-bebé**. **Jurupari** não aparece nos catecismos tupis antigos. Ali, diabo sempre é **anhanga**. Quem atribuiu o sentido genérico ao termo **anhanga** foram naturalmente os jesuítas. É o que se pode concluir das *Cantigas* do Pe. C. Valente.

Em sua transcrição no catecismo do Pe. Araújo encontramos **jurupari**, na 1ª edição. Na 11ª, **jurupari** foi substituído, aliás, inutilmente, por **anhanga**. **Jurupari** é um herói cultural alienígena do Norte, onde os Tupis o adotaram primeiro, mas que depois conquistou o terreno com relativa facilidade, em direção ao Sul. Em meados do século XVII, ambos, **anhanga** e **jurupari**, se usam indistintamente. *Trovão* é **amã-sununga**; *raio* – **amã-beraba**, em tupi. V. nota 72 do *Vocabulário*. Alguns escritores dão, erroneamente, **Anhangá**, que aliás, não designa gênio, mas a ação deste, visto que **Anhangá** é já contração de **Anhangaba**.

Dos gênios bons recebiam os benefícios, tinham felicidade na caça, vitória nas suas guerras, e colheita abundante nas suas roças, porque a chuva, em tempo oportuno era trazida por eles – *Amana-yára* – *manda chuva*. Os maus gênios, ao contrário, habitavam o escuro da floresta, ou os cemitérios, assaltavam os caçadores, desviando-os no labirinto dos bosques, ludibriando-os, maltratando-os de mil maneiras. Por causa deles, o sol se fazia abrasador e a chuva não caía no tempo próprio.

Caapora ou **caipora**, *gênio anão de um pé só*, ou de *uma banda só*, que, às vezes, aparece cavalgando um **taitetu**, na clareira da mata, trazia a desgraça ou insucesso para quem o avistava.

Curupira presidia aos maus pensamentos e fazia pesadelos.

Saci tinha a figura de uma ave pequena.

Os bons gênios, ou os antepassados, mandavam avisos ou se faziam ouvir por meio do canto melancólico da *acauã*. Por onde se vê que o gentio admitia outra vida, a qual se passava num país distante, para além das montanhas visíveis.

Chamavam **an** o *sopro da vida*, ou a *alma*, enquanto habitava o corpo de um vivente, e **an-goéra**, a *alma de outro mundo*, denominada também **mara-guigana**; anunciava-se a morte por meio de uma assombração: **angoéraba**²⁴¹.

Nas águas dos rios e lagos dominavam *gênios femininos*, ou **Uyáras**, *dama das águas*, ou *mãe-d'água*, cujo canto seduzia os pescadores para os perder, idêntico ao das sereias dos marujos de todos os tempos.

Guardavam os Tupis a lembrança de um benfeitor e legislador desaparecido a que chamavam **Sumé**, que lhes ensinara a viver em boa regra, como lhes ensinara a cultivar a mandioca, desaparecendo depois, para o lado do mar, em cujas praias deixara impressas, nas rochas mais duras, as plantas dos seus pés sagrados. No litoral da Bahia, caminho de Itapuã, o povo crédulo procura ainda, na baixa-mar, para mostrar aos viandantes, como a mim me mostraram, sobre duro granito, as pegadas indeléveis do misterioso benfeitor dos selvagens.

Tinham a tradição do dilúvio a seu modo: quando as águas cresceram, diz a lenda, cobrindo a terra, todos os viventes pereceram. **Tamandaré**, porém, com sua família, subiu para o olho de uma palmeira, cujos frutos o sustentaram por todo o tempo em que durou a inundação, até que pôde descer para tornar a povoar a terra.

241 A *alma*, o *espírito* é *anga* em tupi e não *an*. De *anga*, que também significa *sombra*, *fantasma*, o tupi fez *ang-ôera* (e não *an-gôera*), a *alma do outro mundo*. *U-fara*, de *y-fara*, não é entidade tupi; os Tupis tinham o *y-pupiara*, de funções diferentes.

O nome **Tamandaré** – da personagem mítica do dilúvio dos selvagens – encontra-se ainda, no país, designando mais de uma localidade²⁴².

Não esqueceu também a geografia brasileira o nome de **Sumé**, o ente misterioso, tão cedo desaparecido, com o qual o espírito eminentemente religioso daqueles tempos procurou identificar a pessoa de São Tomé.

Nas costas do Maranhão, vizinho de Gurupi, um rio obscuro leva ao mar, com o tributo das suas águas, o nome **Maracá-sumé**, que quer dizer *o sino de Sumé*, recordação de quem, por seus benefícios, soube cavar fundo na alma simples do gentio.

Não poucas localidades, no Brasil, trazem nomes recordando os gênios da mitologia selvagem.

O português mesmo chegou a adotar, entre nós, o vocábulo **caipó-ra**, como sinônimo de desditoso, e dele fez ainda **caiporismo**, que já conquistou foros de cidade.

126 – Era grosseiro e quase nenhum o culto do selvagem, de preferência destinado a propiciar os maus espíritos. Yves d'Évreux relata ter visto ou conhecido ídolos feitos de cera e guardados misteriosamente no escuro das florestas pelos Pajés ou feiticeiros. Hans Staden fala de uma cabana misteriosa, onde se guardavam, entre os Tupinambás, os maracás sagrados.

Os **Pajés**, **Payés**, **Piagas** ou **Carahybas** eram santões, adivinhos, médicos, sábios e conselheiros da tribo, cujas tradições guardavam²⁴³.

Tinham grande poder sugestivo e sabiam os meios seguros de bem impressionar. Curavam soprando, chupando, friccionando com óleo a parte doente, defumando-a com plantas aromáticas. Conheciam os efeitos de certas plantas, formando uma terapêutica, cujo segredo manhosamente guardavam, mas que os colonos europeus depois conheceram.

Tinham em grande veneração a *memória dos antepassados (tamunhoéra)*, e *os mortos (teonboéra)* eram sepultados com um cerimonial, como se partissem para uma longa viagem²⁴⁴.

242 O nome exato de **Tamandaré**, segundo Thevet, era **Tamandôá-ré**, insinuando vestígios de totemismo entre os Tupis.

243 **Piaga**, que Gonçalves Dias empregou, não é tupi. Deve ter conexão com **playe**, **piacha**, etc., que ele cita em nota às suas *Poesias Americanas*, para justificar o seu neologismo que são designações do pajé entre os Caribas. Não se deve confundir este gentílico com a palavra tupi **karafba**.

244 Os Tupis designavam os *antepassados* por **tamỹt-pagũama** e **tũlbae-paũama**; os *mortos* por **teõ-mbũera**.

À *sepultura (tibycoára)*, desciam o cadáver envolvido na sua rede, com as suas plumas e cocares, o seu arco e suas flechas e também as provisões para o caminho da outra vida, que supunham ser para além das montanhas azuis, longínquas²⁴⁵.

Não raro, introduziam o corpo dobrado e acororado em umas *urnas de barro* ou *potes (igaçaba)*, que iam enterrar nos lugares mais escusos da floresta, ou nas cavernas quase inacessíveis, para que quedassem isentas da profanação dos estranhos²⁴⁶.

Muitos lugares, no Brasil, trazem nomes que recordam as crenças dos selvagens e a sua grande veneração pelos mortos: **Pageú (Pagé-y)**, *rio do feiticeiro*; **Carahyba**, *o Santo*; **Maracá**, *o chocalho sagrado*; **Tibi-coary**, *o rio das sepulturas*; **Igaçaba**, *urna*; **Igaçatyra**, *morro dos potes* ou *das urnas*, são denominações que lembram as crenças desaparecidas dos Tupis.

127 – O governo, entre os indivíduos da mesma tribo, era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitável pelos seus antecedentes honrosos. Não havia hereditariedade no governo, e este só se tornava efetivo em tempo de guerra. O chefe, **morubichaba (morubixaba)**, era um simples capitão, dirigindo a luta, conduzindo os seus à vitória.

O chefe ou principal, no regime patriarcal em que viviam, era o **Tubichaba (Tub-ichaba)**^{aa}; no guarani, **Tubichá**, que quer dizer *pai vigilante, atento*, ou *o primeiro alerta*. Em algumas tribos, por influência dialetal, dizia-se **Tuchaba**, ou **Tucháua**; em outras **Tubirechá**, **Tubi-reçá**, **Tibiriçá**, **Tybyreçá**²⁴⁷.

128 – Depois da conquista européia modificaram-se, por muito, as condições de vida entre os selvagens.

O comércio com os brancos trouxe-lhes necessidades novas.

245 Leia-se **tybykúara**.

246 **Ygaçaba** é que deve ser.

aa **Tubichaba** é o composto – **Tub-ichaba**: **Tub**, é o *pai*, o *princípio gerador*; **ichaba** vem de **teçá** ou **techá**, *olhos*, donde procedem **eçá**, ou **echá**, **eçaba** ou **echaba**, **reçá** ou **rechá**, e significa a *vigilância*, a *atenção*, o *cuidado*.

247 Esse **tubirexá** só aparece af para amparar a etimologia de **Tybyreçá**; mas, duvidamos que tenha existido tal designação.

O cristianismo, pregado pelos missionários, fez-lhes perder as suas práticas e costumes bárbaros, e o catecúmeno, mais humilde na verdade, menos fero e varonil por sem dúvida, porém mais humano em todo o caso, aparelhou-se para a obra da civilização que devia começar por ele.

O *padre* tal prestígio, então, adquiriu entre o gentio que lhe ficou parecendo um ente sobrenatural, um homem diferente de toda a gente – **abá-ré**.

Aos padres da Companhia de Jesus, a que particularmente prezavam, chamavam **Pay-abuna (Pay-obauna)**, *padre de vestes negras*; aos franciscanos, com o seu pesado burel, que os fazia parecer com o *gafanhoto* – **Pay-tucura**; aos leigos, que só tinham a *aparência* de sacerdote, **Payapina**²⁴⁸.

Em torno do missionário crescia a população dos reduzidos ou já convertidos, erguendo-se, com a energia nova, uma aldeia nova – **Tapeçaçu**. Chamava-se, então, **Tupanarayra**, *filhos de Deus*, os recém-batizados, e **cerayma**, ou *sem nome*, os pagãos que ainda não haviam recebido um nome cristão²⁴⁹.

A árvore promissora da civilização em terras da América, a cuja sombra esta nação hoje se abriga, aqui estava ainda em germe ou como uma tenra plantinha à mercê e proteção daqueles que pregavam a *boanova*.

Do devotamento deles pela raça do gentio é que se constituiu esta nação – consórcio de diversas raças, aqui tornado possível, cujo vasto território, nos campos como nas florestas, no vale como na montanha, no deserto como na cidade, atesta, por toda a parte, nas vozes tupis com que se designam, o esforço inolvidável daqueles obreiros da palavra, cultores dessa língua que eles salvaram do aniquilamento e que, na geografia pátria, ao menos, não perecerá jamais.

248 **Pay-abuna** – *jesuíta*, não de **pay-oba-una**, mas de **pay-aob-una** – *padre de veste preta*. **Pay tukura** – *capuchinho, franciscano*, e **pay a-pina** – *padre leigo*, são formas tupis corretas.

249 *Aldeia-nova* – **ta-pyçaçú**; *filhos de Deus* – **Tupá-rayra**; **ser-okëpyreyma** – *pagão*. Estas são as formas genuinamente tupis. **Serayma** é deturpação dos mestiços, que vem no *Dicionário Português e Brasileiro*. V. nota 69.

CAPÍTULO IV

Da interpretação dos nomes tupis com emprego na geografia e na história nacional

129 – Nada mais ingrato nem mais exposto a controvérsia do que esse mister de interpretar palavras de uma língua, desaparecida ou que já não tem vida, diante de outra que a suplantou e lhe absorveu parte do vocabulário, como é o caso do tupi para com o português falado no Brasil.

Todavia, foram sempre tentadoras as investigações desse gênero, como se verifica do número não pequeno dos cultores dele.

O estudo etimológico dos vocábulos, para o fim de fixar-lhes o verdadeiro significado, foi sempre campo de larguíssimas proporções, onde a imaginação, não raro, assume papel preponderante, e as hipóteses mais ousadas, como as explicações mais sugestivas, encontram guarida e se impõem ao senso comum, aureoladas, ainda por cima, com esse prestígio que a erudição, de ordinário, lhes comunica.

Neste terreno das investigações lingüísticas, o imaginário e o hipotético, dando pasto amplo aos espíritos inventivos e imaginosos, aos que se sentem solicitados para as escavações difíceis, aos que se deixam seduzir pelos problemas de soluções transcendentais, deram já nascimento a um verdadeiro gênero literário.

Aqui, como em tudo o mais, há sempre um lado quimérico que deslumbra e cativa, como muita vez sucede aos mineiros que se obstinam nas profundezas da terra a buscar um veio, cujos indícios não faltam nunca, mas de que, jamais, se lhes patenteia a esquiua realidade.

Certo, neste mister de interpretar, muito há do mineiro, perseguindo a sua quimera.

Mas, assim como no minerar, mesmo buscando o imaginário, nem tudo é em pura perda, pois que, nesse ingrato labutar, não poucos segredos do solo se desvendam, assim, nos estudos lingüísticos, nem tudo é vão e improficuo, uma vez que aberta fica a vereda por onde outros, quiçá mais felizes ou mais bem aparelhados, podem atingir a realidade ou o verdadeiro.

É mister, porém, reconhecer, com justiça, que, nesses tentâmens de interpretar ou de restaurar vocábulos tupis etimologicamente, aos esforços expendidos têm, quase sempre, correspondido resultados promissores.

No livro, como nas revistas, na imprensa diária, como nas palestras literárias, é o assunto, de contínuo, debatido, não raro com largueza e proficiência, logrando, sempre, geral aceitação, o que anima e estimula os investigadores.

Observa-se, porém, e não há negá-lo, nas investigações deste gênero, entre nós, certa falta de método, uma tal ou qual discrepância na aplicação dos processos lógicos de investigar, que não podem deixar de afetar, tornando-os incompletos, os resultados obtidos.

Basta isto para justificar o que passamos a expender no presente capítulo.

130 — O estudo etimológico dos nomes tupis, com aplicação na geografia ou na história nacional, é, a meu ver, um trabalho mais de investigação histórica do que propriamente de lexicologia²⁵⁰.

Sendo o tupi, como é, uma língua aglutinante, com os elementos componentes quase integrais, ou muito raramente contratos, a palavra, nesse idioma, com facilidade se analisa; ainda quando metida numa como que *encapsulação*, em que os vários elementos se envolvem uns aos outros, as linhas de separação destes não desaparecem totalmente, e a desagregação de tais elementos habilita o interpretador a traduzir. O problema mais importante, o estudo mais sério, e, a meu ver, essencial, é o da *identificação histórica* do vocábulo ou a restauração de sua grafia primitiva, tal como ela simbolicamente representou, em outro tempo, a palavra falada.

É mister, portanto, ler os documentos mais antigos, as crônicas, roteiros, relações de viagem, os mapas geográficos que primeiro se publicaram e que possam encerrar o tema ou o vocábulo a interpretar, e af surpreender-lhe a grafia antiga, decerto a mais verdadeira, pois que é de supor fosse a representação simbólica mais fiel dos sons recolhidos diretamente do gentio ou dos seus imediatos descendentes e, portanto, mais isenta dos efeitos provenientes do diuturno contato com a língua que ficou prevalecendo.

Conseguida a *restauração histórica* do vocábulo, fácil será explicar como ele se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariáveis e positivas são as leis filológicas que regem a espécie.

Sem a restauração do vocábulo com a sua grafia primitiva, como um processo prévio e essencial, difícil e quase insolúvel, em certos casos,

250 Nessa investigação histórica, que presidiu à reconstituição de certo número de termos indígenas, está o grande mérito de Teodoro Sampaio.

é o problema lingüístico atinente aos nomes geográficos de procedência tupi.

Firmando este ponto, é mister, ainda, considerar que o tupi, como todas as línguas bárbaras, sem cabedal literário, ou com arte e vocabulário organizados por estranhos, é sujeito aos defeitos comuníssimos da homografia e da homofonia. Palavras, na verdade, diferentes, soaram e escreveram-se por forma idêntica nos primeiros vocabulários²⁵¹.

Além disso, os dialetos numerosos, entre as tribos selvagens, não consentem palavras com formas fixas e definidas, entrando os vícios de pronúncia, as modalidades do falar como causas inevitáveis da variação dos vocábulos²⁵².

As dificuldades do interpretador salientam-se ainda se se considerar que o tupi, em contato com outras línguas americanas, como tantas houve no âmbito do Brasil e nas suas fronteiras, não poucos vocábulos estranhos adquiriu, como não poucos foram os que o português, por si mesmo, assimilou do **quichua**, do **kariry** e dos que geralmente se designam pelo nome **tapuya**. Daí, a necessidade, para quem interpreta, de bem conhecer o tupi e os seus principais dialetos, e de guardar a mais cautelosa reversa no decidir-se pela nacionalidade de um vocábulo duvidoso.

Este preceito é tanto mais de observar-se quanto é certo que, não raro, os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obsessão, querendo ver vocábulos tupis em quanta palavra espúria se lhes apresenta, com estrutura aparentemente brasílica.

O nome **Jurumenha**, por exemplo, que se encontra, entre nós, designando uma vila obscura do Piauí, pode induzir em erro, pela sua estrutura tupi, o interpretador que não se recordar de que esse nome é de procedência lusitana e lembra um povoado alentejano sobre a margem direita do Guadiana.

Von Martius interpretou-o como tupi, decompondo-o em **Jerumú-meeng**, e traduzindo - *dar abóboras*.

Assim é que José de Alencar, nas suas notas ao romance *Iracema*, interpretou como tupi a palavra **Mecejana**, derivando-a de **Mo-cejar-ana**, quando é sabido ser esse o nome de uma antiga vila portuguesa, nos campos de Beja, no Alentejo.

251 Essa opinião baseia-se no léxico decadente do *Dicionário Português e Brasileiro*. Se o autor tivesse podido consultar o vocabulário jesuítico, o seu julgamento seria, com certeza, menos severo.

252 Para quem teve ocasião de apreciar as diferenças dialetais em países europeus, de aldeia para aldeia, não pode deixar de admirar a surpreendente unidade do *linguajar tupi em área geográfica tão dilatada*.

Karl von Martius interpretou, como se fora um nome tupi, a palavra **Quixeramobim**, fazendo-a derivar de **Quixere-amobinhê**, frase que assim traduziu – *Ah! meus tempos passados!*. . ., quando, aliás, é vocábulo tão tapuia como o são **Quixadá**, **Quixelô** e **Quixerá**, no vale do Jaguaribe, no Ceará.

Nas margens do São Francisco, se se encontram nomes de localidades, como **Cabrobó**, **Pambu**, **Centucé**, que se reconhecem logo como de uma língua tapuia, outros há, porém, que, pela sua estrutura, parecem tupi, induzindo em erro o interpretador. O nome **Orocó**, por exemplo, que ali se encontra, designando um monte elevado e bastante distinto no seu aspecto, pode ser interpretado como alteração de **Urucu**, como pode ser identificado como o vocábulo **Orkó**, que, na língua quíchua^{252A}, quer dizer *monte*. Assim também o nome **Orobó**, que, se não fora tapuia, como parece que o é, levaria o interpretador a considerá-lo como corruptela, por dialeto, do nome **Urubu**.

Os nomes **Jequié**, **Sincorá** e **Cochó** ou **Goyó**, que, em língua tapuia, significam respectivamente: *onça*, *fome* e *rio*, pela sua estrutura aproximada do tupi também podiam ser filiados a esta língua.

O rio Belmonte, que dos sertões de Minas Gerais traz o nome **Jequitinhonha**, é outro notável exemplo. Muito provável é que esse nome **Jequitinhonha** proceda da língua dos Botucudos, derivando-se de **Jequiétinhong**, que quer dizer *rugido da onça*; entretanto, no tupi, pode muito bem ser identificado com a frase **Jikytynhonhe**, que se pode traduzir *cofo na água amarrado* ou *assentado*^{252B}.

131 – A tendência, para *tupinizar-se* um vocábulo de língua estranha não é, todavia, maior do que a de corromper o tupi, latinizando-o, ou, ainda mais, modelando-o à feição portuguesa. O nome **Nhanduf**, por exemplo, de um chefe de tribo selvagem da Paraíba, significando *ema pequena*, ou, figuradamente, *hábil corredor*, converte-se em **Jean Dovy**, na obra de Roulox Baro, e é latinizado em **Jandovius** na obra de Barlaeus.

Do nome **Paracauri**, que quer dizer *papagaíno*, depois alterado para **Percaauri**^{bb}, com que se designava, nos antigos roteiros, uma ponta

252A **Quíchua**, ou **quéchua**, é a prosódia correta. Há alguma influência **quíchua** nos dialetos guaranis, mas não no tupi. A etimologia de **Orocó** não passa, portanto, de longínqua hipótese.

252B Aqui Teodoro Sampaio não se ateu ao critério histórico. A forma antiga, no dicionário jesuítico, é **jekitinhea**, que reduz a “lorotas” esse *cofo amarrado na água*. No *Vocabulário*, o próprio autor mostra não ter ele mesmo grande confiança nesta interpretação do estofo das de Martius.

bb *Roteiro*, de Pero Lopes, publicado por Varnhagen.

de terra ao sul do Recife de Pernambuco, se fez mais tarde **Pero Cavarim**, como se lê em o *Roteiro do Brasil*, de Gabriel Soares; depois ainda foi alterado para **Pero Cabarigo**, como se fora intenção dos povoadores perpetuar, naquela, aliás, obscura localidade, o nome de alguma notabilidade daqueles tempos.

Do nome **Sernambityba**, que quer dizer *depósito de ostras*, das que se conhecem pelo nome de **sernambi**, e que também vem citado no dito *Roteiro* de Gabriel Soares, se fez, primeiro, **Simão de Tyba** e, depois, **João de Tyba**, com que se designa, nos mapas modernos, o rio que deságua no mar, ao norte de Porto Seguro, duas léguas para além do rio de Santa Cruz^{cc}.

132 – Do que deixamos exposto, decorre que, para bem interpretar nomes tupis, com emprego na geografia e na história, se há de adotar como regra:

1º) Descobrir a grafia primitiva do vocábulo nos documentos mais antigos em que este possa ter aparecido e, na falta desse elemento, procurar surpreender-lhe a pronúncia entre o povo rústico do interior, onde a corrupção dos vocábulos tupis é menos intensa e onde quase que permaneceram intactas as tradições do falar.

Do nome **Guaianás** ou **Goianás**, por exemplo, desde longos anos modelado à feição portuguesa, só se encontra a grafia primitiva – **Gua-yanã** – nos escritos de Anchieta^{dd}, e só entre os *caipiras* se lhe conserva, até agora, a pronúncia verdadeira.

O nome **Mantiqueira**, modelado já à portuguesa, só em documentos antigos guarda a primitiva grafia – **Amantiquira**, que se traduz: *a chuva goteja ou pinga*^{252C}.

Quanto à palavra **Goitacás**, em outro tempo **Guaitacá**, forma contrata de **Goatacara**, só no *Dicionário Português e Brasileiro*, de 1795, se encontra o termo primitivo com a significação de *passador* ou *andarilho, nômade*²⁵³.

cc Aires do Casal. *Corografia Brasílica*. II:71.

dd Pe. José de Anchieta. *Informação dos casamentos dos índios do Brasil*. *Revista Inst. Hist. Geogr. Bras.* VIII:254.

252C A grafia primitiva, nesse caso, seria **amantykyra**, ou antes, pela lei da eufonia, **amandykyra** – *gota(s) de chuva*.

253 Também nesta afirmativa há engano. O *Dicionário Português e Brasileiro* não fala em **gûatakara**, mas em **gûataçara**, destruindo, assim, a dedução etimológica do autor. Em tupi, *caminho* é **atara**, que ainda menos lhe serve ao propósito.

2º) Analisar o vocábulo restaurado e verificar se, no seu longo evolver, as modificações experimentadas se fizeram segundo as regras filológicas que regem a espécie, o que servirá de confirmação ao que se houver conseguido pelo processo histórico. Assim, por exemplo, com a palavra **boçoroca**, cuja procedência é de **ybyçoroca**, significando *terra rasgada* ou *rasgão*, *ruptura*; uma vez analisada, verifica-se como sucessivamente se lhe transformaram e caíram os sons que a compõem, segundo a lei do menor esforço.

De **yby-çoroca** fez-se, pela defeituosa pronúncia do **y**, **ubu-çoroca**, e, pela queda da vogal muda inicial, **bu-çoroca**, donde, sem mais esforço, se chegou à forma atual **buçoroca**, que é a mais conforme à etimologia, ou **boçoroca**, **voçoroca**, como já outros escrevem^{253A}.

3º) Decompor o vocábulo restaurado etimologicamente pelos elementos aglutinados, sempre fáceis de destacar, colocando-o, por esse modo, em condições de ser traduzido. O nome **Jacarepaguá**, eminentemente descritivo, quase nenhuma corrupção experimentou, a não ser a queda de uma vogal muda no meio do vocábulo, e, portanto, fácil é decompô-lo nos seus elementos aglutinados: **Jacaré-upa-goá**, traduzindo-se: *vale da lagoa dos jacarés*²⁵⁴.

4º) Ter sempre em vista que as denominações tupis das localidades ou dos indivíduos, como todos os epítetos de procedência bárbara, são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre as feições características do objeto denominado, como produto que são de impressões nítidas, reais, vivas, como soem experimentar os povos infantis, incultos, no máximo convívio com a natureza. Exprimem também meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixaram viva recordação no ânimo do selvagem.

Assim é, por exemplo, que temos nomes propriamente descritivos: **Butu-cabaru**, *monte que serve de cavalo às nuvens*; **Para-hy-tinga**, *rio de água branca*; **Itá-hy**, *rio das pedras*; **Ibitiroy** (**Ybitir-roy**), *cerro frio*; como temos nomes recordando uma circunstância habitual: **Jaba-coára**, *esconderijo de fujões*; **Ara-coára**, *esconderijo ou paradeiro das araras*; **Pirati-ôca**, *morada ou paradeiro das tainhas*. Outros acusam uma produção característica: **Pirituba** (**Piri-tyba**), *juncal*; **Caraguatutuba** (**Caraguatá-tyba**), *gravatazal*; **Sepetiba** (**Sapé-tyba**), *sapezal*.

253A Já vimos que a troca de **y** primitivo por **u** nem sempre pode ser atribuída à "pronúncia defeituosa", porque o fenómeno ocorre com relativa freqüência dentro do próprio tupi antigo. Verdade é, porém, que no brasileiro e no nhegatu se multiplicaram os casos dessa permuta característica.

254 Em lugar de vogal muda, leia-se vogal *dtona*.

Outros dão o aspecto geral do relevo do solo, como: **Inhoã (Nhûã)**, *campo alto*; **Ybyã-paba**, *extremo do escarpado*; **Ybytyretê**, *a serra por excelência*. Outros, ainda, recordam simples episódios ou acontecimentos: **Maran-goá-pe**, *no vale da batalha*; **Abaré-mandoaba**, *lembrança do padre*; **Caba-poama**, *vespas assanhadas*; **Avanhandava (Abá-nhandaba)**, *a carreira da gente, ou onde a gente corre*²⁵⁵.

Dáí resulta que, ao interpretar-se um nome tupi, se ele, porventura, se aplica a uma localidade, é mister conhecer desta as feições características, quer topográficas, quer indicadoras das suas produções mais abundantes; enfim, conhecer-lhe a *característica*, tanto a atual como a de outrora, que, decerto, deu origem à denominação que se investiga.

Os exemplos seguintes deixam bem patente o alcance dos preceitos que acabamos de expender. Começemos pelo nome **Bertioga**, do canal histórico, entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme, que tão importante papel representou na incipiente colonização da capitania de São Vicente.

É, incontestavelmente, o nome **Bertioga** um vocábulo tupi alterado pela dicção portuguesa.

Os mais antigos escritores e cronistas o atestam Magalhães de Gândavo, no seu *Tratado da Terra do Brasil* (1756), escreveu **Britioga**. O Pe. Pero Rodrigues, contemporâneo de Gândavo, na sua biografia de Anchieta, ainda inédita, escreveu **Britioga**²⁵⁶.

Simão de Vasconcelos, na *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, escrevia, ora **Beritioga**, ora **Piritioga**. João de Laet, que se apoiou nos escritos de Hans Staden e de Fernão Cardim, escreveu **Britioca**. Entretanto, nas várias edições da obra de Staden, lê-se **Brikfoka** ou **Brickioka**, grafia adotada pelo autor das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, o qual, aliás, assevera ter encontrado, em velhos documentos, o nome **Buriquioca**, aplicado antes a um monte fronteiro à barra do canal do que ao próprio canal e significando *casa de macacos buriquis*.

Errônea, porém, me parece a interpretação do autor das *Memórias*, que decerto, conhecia a obra de Staden, onde colheu o nome **Brikioka**, como colheu **Iwawasuppe**, por ele transformados, no cadinho da interpretação, em **Buriquioca** e **Enguagaçu**.

255 **Madûaba** não existe. *Lembrança é maendûaçaba*, em tupi, que, mesmo perdendo a sílaba *ça*, seguindo a lição de Anchieta (fl. 30 por 29), seria **maendûaba** e não **mandûaba**.

256 Houve equívoco do autor. A biografia do Pe. Anchieta por Pero Rodrigues já fora publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional* do Rio de Janeiro, v. 19 (1897) e 29 (1909).

Que o nome **Brikioka**, como se lê em Hans Staden, é um erro de cópia ou de composição dos editores da obra do malogrado aventureiro, verifica-se da grafia seguida por João de Laet, que, ou teve bases para rejeitar ou corrigir esse erro, ou colheu o vocábulo de algum exemplar mais correto.

Seja como for, porém, o fato é que, em nenhum roteiro, crônica ou história de fonte portuguesa, se encontra, jamais, **Briquioca**, mas sim **Britioca**, **Bartioga**, **Bertioga**, etc. Estas são, portanto, as grafias primitivas e mais próximas da verdadeira, como passamos a demonstrar²⁵⁷.

As várias grafias, **Britioca**, **Beritioga**, **Piritioga**, **Bartioga** e **Bertioga**, encerram todas um mesmo tema alterado de diversas formas e uma mesma desinência comum, representados no vocábulo **Pirati-oca**, que quer dizer *refúgio* ou *paradeiro das tainhas*.

Do tema – **Pirati** –, fácil é explicar-se como podiam ter vindo **Piriti** e as formas **Briti**, **Berti**, **Barti** e **Berti**, pelo abrandamento da consoante inicial e pela queda ou troca das vozes breves ou mudas.

No mesmo Hans Staden se lê o nome **Bratti** como aplicado pelo gentio ao pescado, a que os portugueses chamam “tainha”. Portanto, **Bratioca** ou **Bertioga** têm a mesma tradução, porque constituídos dos mesmos elementos aglutinados: **Brati** ou **Berti**, *tainha*; **oca** ou **oga**, *ca-sa*, *refúgio*, *paradeiro*.

A característica do local, outrora como hoje, confirma a interpretação. O canal de Bertioga sempre foi muito piscoso, e as tainhas aí se encontravam em grandes cardumes. Hans Staden refere que esse peixe costuma, em certa época do ano, deixar o mar e procurar os canais ou esteiros para a desova em sítio mais repousado. Por esse motivo, as pescarias eram importantes na Bertioga, cuja posse os selvagens disputavam,

257 Neste trecho, Teodoro Sampaio perdeu visivelmente a sua calma habitual e com ela a razão.

Frei Gaspar da Madre de Deus e Hans Staden são fontes nada desprezíveis, principalmente quando se lhes juntam outras primárias, como o texto da concessão de uma sesmaria, de 1566, citado antes da publicação de *O Tupi na Geografia Nacional*, por Alfredo Moreira Pinto, no seu *Dicionário Geográfico do Brasil*.

Buriquioca ocorre, entretanto, numa fonte muito mais importante: no *Vocabulário na Língua Brasileira*, dos jesuítas, onde se lê: “*Monte de Trigo*, ilha que está entre a de São Sebastião e a **Biriquioca**”. Pode-se concluir daí que, não apenas ao canal e à enseada de Santo Amaro se dava o nome de **Biriquioca**, mas também à própria ilha e, talvez até exclusivamente, entre os indígenas. Isso muda o aspecto do problema.

De uma forma ou de outra, o nome primitivo foi **Birikioka**, de *biryki*, *byryki*, e nunca **Piratioka**. V. também a nota 258.

Compare: Anchieta. *Cartas* . . . p. 197.

e os colonos portugueses, desde logo, compreenderam a necessidade de defender.

O capitão Burton, que visitou essa região, teatro das proezas e desditas de Staden, verificou, em 1865, a abundância desse peixe, não só nas vizinhanças da Bertioiga, como em toda a costa para além de Ubatuba e Paraty, cidade esta cuja denominação procede exatamente de ser esse pescado abundantíssimo nas suas águas.

Como se vê, a interpretação do vocábulo, apoiando-se nas investigações históricas, que lhe restituíram a grafia primitiva e verdadeira e tornaram possível a tradução pela análise dos elementos aglutinados, se confirma inteiramente pela *característica* local²⁵⁸.

Citemos outro exemplo:

O nome **Itaquaquicetuba**, com que, desde época remota, se designou uma missão ou aldeia de gentio assentada à margem esquerda do Tietê, no antigo caminho do Rio de Janeiro, não tem como ser interpretado, se se lhe mantiver a grafia atual.

Entretanto, recorrendo-se a velhos documentos e escritos do século passado, vamos encontrar o nome da antiga aldeia guayanã escrito – **Taquaquicétuba**, como se lê em Antonil, na sua *Cultura e Opulência do Brasil*, obra do primeiro quartel do século XVIII, e **Taquaquicétyba**, na relação geral que frei Manuel da Ressurreição, terceiro bispo que foi da diocese de São Paulo, apresentou a D. Maria I, ao findar o mesmo século.

Taquaquicétyba é, pois, a grafia histórica verdadeira, e ainda confirmada pela dicção vulgar da localidade. Separando-se, então, os seus elementos aglutinados, temos: **Taquaquicé-tyba**, de que a primeira parte, ou tema, designa uma variedade de **taquara**, que o caipira ora denomina **taóquicé**, ora **tauóquicé**, e que era abundante no lugar; e a segunda parte, o sufixo **tyba**, exprimindo essa abundância.

Eis por que se deverá traduzir – **Taquaquicé-tyba**, ou, como hoje se escreve; **Itaquaquicetuba**, por *taquaral da espécie taquaquicé*.

Referem os cronistas e viajantes antigos que o gentio denominava **Anhemby** ao rio que banha a capital paulista e traz hoje o nome **Tietê**. De fato, examinando-se velhos documentos, verifica-se que aquele nome não só era o que comumente se dava ao rio histórico que foi, em outro tempo, a vereda dos bandeirantes e conquistadores de sertões, como que a grafia do vocábulo, com pequenas variantes, se conservou quase intacta. No mapa dos jesuítas, de 1639, lê-se **Anyembi**, e nos outros mapas da mesma procedência, de 1722 e 1732, **Anembi**..

258 Parte desses argumentos talvez encontrem sua aplicação na etimologia das **Bertioigas** paranaense e pernambucana.

No mapa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a grafia dos jesuítas — **Aniemi**, ou **Anhemi** —, mas, já na edição de 1748, lê-se **Anhambi**, ou **Tietê**.

No célebre mapa das Cortes, de 1749, lê-se **Anhambu** ou **Tietê**; mas, no mapa espanhol, em 1760, volta-se à grafia **Anhemi**, escrevendo-se **Anemi**, na edição de 1768.

No mapa geográfico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vêm figurados os rios entre o Tietê e o Paranapanema com os nomes **Anemi-miri** e **Pirocaba**, lê-se **Anemi-guaçu**.

No de Olmedilla, de 1775, o vocábulo conserva a primitiva grafia dos jesuítas — **Anemy**, ao passo que, no de D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, se escreve **Niemi**.

Glimmer, no seu roteiro, de 1602, escreveu **Anhemi** e João de Laet, **Iniami**.

A grafia, portanto, mais antiga e mais corrente é **Anhemi**, que se deve adotar como a mais correta, e podendo-se identificar com a palavra **Inhamby**, às vezes pronunciada **Inhambu**, com a qual se designa a perdiz, ave galinácea outrora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra.

Portanto, a denominação antiga, dada pelos primeiros colonos portugueses, de **Rio Grande de Anhemby** pode-se traduzir *Rio Grande das Perdizes*.

Insistirei, ainda, no exame interpretativo de outros nomes tupis com emprego em nossa história e geografia.

Estudemos o nome **Niterói** que, como **Guanabara**, já alterado pela dicção vulgar, designou a formosíssima baía do Rio de Janeiro.

Brito Freire, que, parece, foi o primeiro a divulgá-lo, não lhe deu tradução. Antes dele, porém, Simão de Vasconcellos, na sua *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, refere que o gentio denominava aquela baía **Nitherô**, e Hans Staden, entre os portos do Brasil, que diz visitados por navios franceses, ao tempo das suas aventuras e cativo entre os Tamoiós (1548), cita o de **Iteronne**. O cônego Januário da Cunha Barbosa dá-nos, para tradução desse vocábulo tupi, *mar escondido*. De fato, examinando-se-lhe os elementos componentes, verifica-se que o nome tupi se pode identificar com a palavra **Nhêterô-y**, que assim se explica: **Nhê** ou **anhê**, que se encontra no dicionário de Montoya com a significação de *abrigar, proteger*; **terô**, que, segundo o mesmo autor, se traduz como *coisa torta, encurvada, fazendo seio*; **y**, que exprime *água*, no sentido geral.

A tradução do nome **Niterói** é, pois, *seio de água abrigada*; em outros termos, *bala segura*. Entretanto, mais correta que **Nheteroy** seria, no tupi, a grafia **Y-nhéterô**, que, literalmente, se traduziria *água abrigada em seio* e estaria mais conforme às grafias de Staden e de Simão de Vasconcellos, fazendo, além disso, desaparecer o ditongo final, difícil de explicar-se com a vogal gutural²⁵⁹.

Não menos interessante para a história nacional é a interpretação do nome **Cananéia**, que se tornou clássico nas investigações deste gênero. O senador Candido Mendes fez dessa palavra um estudo consciencioso e erudito, como quase todas as suas investigações atinentes à nossa história; não logrou, todavia, explicá-la completamente, mas fez avançar a questão até o ponto de poder-se admitir que o nome **Cananéia** não procede do calendário, nem relação alguma tem com a figura bíblica da mulher de Sareptá.

De fato, recorrendo-se aos mais antigos viajantes e historiadores, verifica-se que o nome **Cananéia** não é senão uma palavra tupi lusitanizada por simples homofonia.

Na narrativa de Hans Staden, da primeira metade do século XVI, encontra-se essa palavra com a grafia **Canfneege** e, na *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador (1627), **Canené**, palavras que se equivalem e se identificam com o nome **Canindé**, de uma espécie de arara, provavelmente abundante na localidade, em cujas vizinhanças outro povoado e canal, com o nome de **Ararapira**, lembra ainda a freqüência dessa ave nos sítios que foram, outrora, considerados como limites entre Carijós e Tupinikins.

A corrupção da palavra tupi fez-se, porém, tão breve e tão profundamente que de **Canindé** ou **Caniné** se alterou para **Cananéia** e, ainda, para **Cananor**, como se lê na carta de Ruych, de 1508, e no mapa da América, da edição de Ptolomeu, de 1513.

133 – Não terminaremos este capítulo sem dizer algumas palavras a respeito das dificuldades da interpretação, provenientes da homografia ou da homofonia.

Uma palavra tupi, como sói acontecer em todas as línguas no período da aglutinação, é, quase sempre, um vocábulo composto.

259 O vocabulário tupi dos jesuítas dá "*Rio de Janeiro – Mheteroia*", que, em vista do fonema inicial **nh**, talvez se deva ler **Mheteroia**.

ff Candido Mendes. Notas para a História Pátria. *Revista do Ins. Hist. e Geogr.* XI:206.

gg O volume da obra de Hans Staden, que consultamos, é um exemplar raríssimo da 1ª edição, propriedade do Dr. Eduardo Prado.

Dáí vem que os elementos que se aglutinam numa mesma palavra, contraindo-se algumas vezes, ao entrarem na formação do vocábulo novo, perdem de precisão e individualidade, e, de diferentes que eram, quando isolados, passam a dar resultados homófonos ou homógrafos. Para exemplificar, temos o nome **Guayanã**, que se pode decompor e traduzir de três modos diversos: **Guayanã**, que se traduz: *o que é parente ou povo irmão*; **Guayá-nã**, que se traduz: *semelhante a caranguejo*, tradução tanto mais admissível quanto Gabriel Soares, descrevendo-nos os hábitos desse gentio, refere que o mesmo “vivia em covas pelo campo debaixo do chão”, a modo de caranguejo; **Guaya-nã**, que ainda se pode verter por *manso deveras, bonachão*, o que também se pode justificar pelo que do mesmo gentio conta o dito Gabriel Soares, o qual no-lo pinta como “. . . nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado e facilmo de crer em qualquer coisa . . .”

Com o nome **Itaguaí**, repete-se o mesmo fato: **Itágoá-hy**, *rio do vale das pedras*; **Itáaguai**, *guizo ou cascavel metálico*; **Taguá-hy**, como se lê em velhos documentos, e se traduz *rio do tauá*.

Os exemplos, na espécie, são inúmeros.

134 – Não poucos erros de interpretação são os que se originam da imperfeita decomposição do vocábulo e do exagerado poder atribuído à força corruptora do idioma.

Von Martius era, inquestionavelmente, um dos raros homens de ciência que bem conheciam o tupi. Os seus trabalhos, na espécie, são, com justiça, considerados um tesouro na lingüística americana²⁶⁰.

Martius, entretanto, não era interpretador seguro. Querendo, por exemplo, traduzir o nome **Guaratinguetá**, o ilustre sábio chegou a identificá-lo com a frase **coaracy-ting-oatá**, confiado em que a corruptela a teria modelado ou transformado de tal modo que veio a constituir o vocábulo discutido, justificando tal identificação com dizer que é lugar *onde o sol chega e volta*, ou *muda de curso*, por estar a localidade, que traz esse nome, perto do trópico de Capricórnio, como se os tupis soubessem astronomia.

Frei Francisco do Prazeres Maranhão, nas suas *Etimologias Brasilicas*, não vai tão longe nas explicações interpretativas; identifica **Guaratinguetá** com **guaratinga-eté** e o traduz por *guará muito branco*.

Fácil, entretanto, é a interpretação do vocábulo tupi, que, como vimos antes, é **Guaratinga-etá**, ou melhor **Guiratinga-etá**, significando *as garças*.

260 Martius interessou-se pelo tupi durante muito tempo; porém, de tudo que a respeito escreveu não se conclui que o conhecia bem. As suas etimologias não passam de diletantismo perante a crítica moderna.

Freire Alemão traduziu Araxá por *bom tempo*, e Saint-Hilaire, que, decerto, ignorava o tupi, refere haverem-lhe explicado esse nome, no interior de Minas, como uma frase de português cassange – *are axá*, por *há de achar*, resposta costumeira de um velho africano aos que lhe pediam notícia de uma mina de ouro, lendária naquelas paragens. A isto é que Batista Caetano, muito precisamente, qualificou “esgarafunchar etimologia”, mister ingrato de que ele mesmo não escapou, como não escapamos nós outros, trazendo até aqui esta árdua tarefa.

135 – Não são, contudo, destituídos de valor, nem de real interesse, os estudos deste gênero. Não poucas questões de História, por esse meio se aclararam e mais de um problema geográfico por esse meio se solveu.

Também dele se pode utilizar o interesse da hora presente.

A administração pública, em dificuldade com a confusão oriunda do emprego dos mesmos nomes para mais de uma localidade, dentro ou fora de uma mesma circunscrição territorial, recorre ao vocabulário indígena como o mais seguro meio de as mais bem distinguir ou assinalar, voltando-se, muita vez, às denominações de outrora, como um recurso às necessidades de hoje²⁶¹.

Ademais, sempre e mais digno de nós, ao empregarmos uma linguagem estranha para designar os lugares do nosso nascimento e da nossa habitação, entendermos-lhe o sentido verdadeiro ou o real significado.

Só assim será menos bárbara, se me permitem a expressão, a geografia do nosso país.

Humboldt, viajando pelas águas do Orinoco, refere-nos, como uma lenda pungente, a história de um papagaio, sobrevivente à extinção de toda uma tribo selvagem a quem essa ave pertencera.

Ficara ele só, o papagaio, único, naquelas paragens, a repetir as vozes bárbaras da língua dos Aturés, desaparecida, havia tempo, como último representante da tribo, dizimada pela peste.

Pousada sobre as ruínas da aldeia extinta, solitária e triste, a ave fiel cortava o silêncio daquelas solidões, monologando um idílio, talvez, naquela linguagem que ninguém mais compreendia; era um fantasma,

261 As denominações tupis sempre têm tido boa aceitação entre nós, embora a muitas falte critério lingüístico seguro.

As criações errôneas não têm conta na última reforma dos nomes de cidades e vilas. Além disso, formas *nheengatus*, puramente amazonenses, *pululam*, ao lado de algumas *guaranis*, nos estados do Centro e até do Sul, em franca hostilidade com a lingüística histórica.

diante do qual céleres nas suas canoas, passavam aterrorizados os novos dominadores da terra dos Aturés.

Não nos suceda o mesmo com as denominações antigas que o gen-
tio brasileiro nos legou e que a nossa geografia pátria não fale jamais essa
linguagem incompreendida da ave fiel, mas testemunha sinistra de uma
raça que desapareceu.

VOCABULÁRIO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

A

- A *s.* A semente, o grão; a bola; a cabeça, a gente, a pessoa. Serve de prefixo e sufixo, em muitas dicções.
- ABA *s.* Cabelo, pêlo, lá, penugem, penas. No tupi do Amazonas, **auá**; na língua geral, **aba, ava**.
- ABÁ *s.* O homem, a gente, a pessoa; o macho. No tupi amazônico, **auá**. Na língua geral altera-se, por vezes, em **avá** e assim entra na composição de muitos vocábulos.
- ABACAXI *s.* corr. **Ibá-cachi**, fruta cheirosa, rescendente.
- ABAETÉ *s.c.* **Abá-etê**, homem verdadeiro, o varão; homem forte, ilustre; homem de bem.
- ABANHEEN *s.c.* **Abá-nheen**, a fala ou língua de gente. É como os índios chamavam a sua própria língua.
- ABAPORÚ *s.c.* **Abá-porú**, homem que come gente, o antropófago.
- ABARÁ *s.c.* **Aba-rá**, o cabelo ou pêlo variegado, manchado.
- ABARÉ *s.c.* **Abá-rê**, amigo da gente; afeiçoado ou dedicado ao homem; **abá-ré**, pessoa diferente, sobrenatural. É como os índios chamavam o padre ou missionário. *Alt.* **Avaré**. São Paulo, Bahia, etc.
- ABAREBEBÊ *s.c.* **Abaré-bêbê**, ou **abará-uêúê**, o padre que voa, o ligeiro, o infatigável; apelido do Pe. Leonardo Nunes, entre o gentio de São Vicente.
- ABAREMANDOAVA *s.c.* **Abaré-mandoaba**, a memória ou recordação do padre. Nome de uma das mais importantes cachoeiras do rio Tietê. Por corrupção, se diz hoje **Avarémanduava**. 132. São Paulo¹.

1 V. notas 46 e 255 do texto.

- ABASSAY *s.c.* **Abá-çaf**, o homem que espia, ou espreita, o espião; espécie de diabrete ou gênio maléfico, entre os índios.
- ABATI *s.c.* **Aba-tf**, os cabelos brancos ou alourados. É contração de **abatinga**, donde procede **abatin**, e depois **abati**. É o milho, cuja denominação lhe vem dos filamentos ruivos, esbranquiçados que envolvem a espiga, por baixo da palha. (*Zéa mais*, L.) *Alt.* **Avati**.
- ABATITYBA *s.c.* **Abati-tyba**, o sítio ou local do milho, o mülharal. *Alt.* **Avatituba** ou **Avatitiba**, **Batituba**.
- ABATIRÁ *s.c.* **Aba-atirá**, os cabelos amontoados ou erguidos em tope. Nome de uma tribo indígena do recôncavo de Santo Amaro, Bahia.
- ABAUÇANGA *s.c.* **Aba-oçanga**, os cabelos soltos ou desgranhados. Nome de um valente chefe tamoio, das montanhas de Macaé, no século XVI, Rio de Janeiro.
- ABAYÚ *s.c.* **Aba-yú**, ou **aba-yuba**, os cabelos louros ou ruivos.
- ABI *s.c.* **Ab-i**, o cabelinho, a agulha.
- ABIRÚ *adj.* Repleto, cheio, farto.
- ABOY *s.* A minhoca.
- ABUNA *s.c.* **Aba-una**, os cabelos negros; **abá-una**, homem preto, o negro.
- ABURÁ *s.c.* **Abú-rá**, a respiração solta, o resfôlego. Nome de uma serra em Pernambuco.
- ABUTUHY *s.c.* **Abatu-y**, o rio das abutuas. Rio Grande do Sul.
- ACA *s.* A ponta, a saliência, o chifre ou corno; o exprimido, o saído, o sumo.
- ACÃ *s.* A cabeça, o crânio; botão, caroço, pomo. É contração de **acanga**.
- ACAË *s.* Uma espécie de gavião.
- ACAIACÁ *s.* O cedro brasileiro (*Cedrella brasiliensis*).
- ACAIACATINGA *s.c.* **Acaiacá-tinga**, o cedro branco. Altera-se para **caiacatinga**. São Paulo.
- ACAIARA *s.c.* **Aca-iara**, o que é chifrudo ou potente em chifres.
- ACAJÚ *s.c.* **Acã-yú**, o pomo amarelo, o caju (*Anacardium occidentale*); o ano.
- ACAJUTIBA *s.c.* **Acayú-tyba**, o sítio onde há cajus; o cajual ou cajueiral.
- ACAJUTIBIRÓ *s.c.* **Acayú-tebiró**, o caju estragado; o caju de sabor amargo.
- ACANGA *s.* A cabeça, o começo, a origem, o chefe. *Alt.* **acan**, **açã**.
- ACANGACY *s.c.* **Acanga-cy**, dor de cabeça.
- ACANGAIBA *s.c.* **Acang-ayba**, a cabeça má; o doído.
- ACANGAOBA *s.c.* **Acanga-oba**, o chapéu, o gorro, o capuz. Contrain-se em **acangaó**.

- ACANGAOBI *s.c.* **Acanga-obí**, a cabeça cônica, ou afunilada.
- ACANGAPEBA *s.* **Acanga-peba**, a cabeça chata. No tupi amazônico, **acangapeua**, significando racha-cabeça, arma de guerra.
- ACANGATARA *s.c.* **Acanga-tara**, ornato da cabeça; o cocar; coroa de plumas.
- ACANGATUMA *s.c.* **Acanga-tuma**, o cérebro; o miolo.
- ACANGAYMA *s.c.* **Acanga-eyma**, sem cabeça, o doido.
- ACANGUERA *s.c.* **Acang-oéra**, o crânio; a caveira.
- ACANGUSSÚ *s.c.* **Acang-uçú**, a cabeça grande; o cabeçudo. *Alt.* **can-gussú**.
- ACANHINANA *s.c.* **Acan-nhinana**, a adoidada, a agitada, a delirante. *Alt.* **caninana**.
- ACANUERA *s.c.* **Acã-uera**, o crânio, a caveira. Diz-se também **acanguéra**.
- ACANUNDÚ *s.c.* **Acã-nundú**, febricitar; ter febre com delírio; febre, agitação. *Alt.* **calundú**.
- ACAPORA *s.c.* **Aca-pora**, o que está dentro do chifre, o sabugo.
- ACARÁ *s.c.* **Aca-rá**, o cascudo, o escamoso. Nome comum de certos peixes fluviais, no Brasil, cujo mais conhecido é o *Geophagus brasiliensis*. *Alt.* **cará**.
- ACARACÚ *corr.* **Acará-y**, donde **acará-hú**, que, pela forte aspiração do último elemento, deu **acará-cú**, cujo significado é *rio dos acarás*. 75. Ceará. José de Alencar, no *Iracema*, traduziu *rio das garças*, confundindo **acará** com **aguará**, a ave vermelha (*Ibis rubra*).
- ACARAHÚ *v.* **Acarahy**. [Acará].
- ACARAHY *s.c.* **Acará-y**, o rio dos acarás. *Alt.* **Acarahú**, **Acaracú**, **Carahy**. No guarani, **a-caray** significando gente santa.
- ACARAPE *s.c.* **Acará-pe**, nos acarás. Ceará. 62.
- ACARAPEBA *s.c.* **Acará-peba**, o acará miúdo, inferior. *Alt.* **Carapeba**, **Carapeva**.
- ACARAPUCÚ *s.c.* **Acará-pucú**, o acará comprido, longo ou esguio. *Alt.* **Carapucú**, **Carapicú**.
- ACARAÚNA *s.c.* **Acará-una**, o acará escuro. *Alt.* **Carauana**.
- ACAREMBÓ *s.c.* **Acará-yembó**, o arroio dos acarás. 102. Rio Grande do Sul. *Alt.* **Acarembú**.
- ACARI *s.* Um peixe de água doce (*Loricaria plecostomus*). *Alt.* **Cari**.
- ACAÚ *s.c.* **Acá-y**, o rio da rixa, ou bebedouro da briga. Se, porém, se compuser de **aca-y**, significa rio ou água do chifre. 75. Pernambuco.
- ACAUÃ *s.* Voz onomatopaica com que se designa a ave *Herpetotheres cachinans*, que ataca as cobras e que os índios tinham como pro-

tetora. Entre os guaranis é chamada **Macaguá**. É lenda amazônica que a **Acauã** se apodera do espírito das mulheres e as obriga a cantar com elas as três sílabas do seu nome. (R. Ihering).

ACAY v. **Acaú**.

ACAYÁ s.c. **Acã-yá**, o fruto de caroço cheio, grão; fruto que é todo caroço (*Spondias brasiliensis*). *Alt.* **cajá**.

ACAYAYBA s.c. **Acayá-yba**, a árvore da cajá, a cajazeira. *Alt.* **Ca-jahyba**. Bahia.

ACAYÚ v. **Acajú**.

AÇAPABA s. A travessia, a passagem.

AÇATUNGA s.c. **Açá-tunga**, escurece a vista. Nome de uma planta medicinal. *Alt.* **Guaçatunga**.

AÇÔCÊ s. A abundância, o que avulta. É também preposição, e significa por sobre; em cima de.

AÇOYABA s. A cobertura, o teto, a tampa, o anteparo.

AÇÚ *adj.* Grande, considerável. Como substantivo significa o veado. *Alt.* **oçú, uçú, guaçú**^{1A}.

AÇUREMA s.c. **Açú-rema**, o veado catinguento.

ACÚ *adj.* Quente, que tem calor. São Paulo, Bahia.

ACUPE s.c. **Acú-pe**, no quente, no lugar quente; na quentura; no calor. Bahia. 62. Pode ser alteração de **acub**, quente, cálido.

ACURÚ *adj.* Encarçado; contendo seixos ou calhaus; o que tem protuberâncias; o seixo, o calhau. *Alt.* **Curú**.

ACURUY s.c. **Acurú-y**, o rio dos seixos.

ACUTI s.c. **A-cotí**, indivíduo que se posta ou se assenta; alusão ao hábito do animal desse nome de se assentar para comer. (*Dasyprocta*). *Alt.* **Cutia**. Para os índios, este animal simboliza a imprevidência preguiçosa.

ACUTIPURÚ s.c. **Acoti-purú**, a cutia enfeitada; nome dado ao esquilo (*Sciurus*). Amazonas.

ACUTIRANHA s.c. **Acoti-ranha**, o dente de cutia, de que os índios se serviam como lanceta. Amazonas.

AGARIBA s.c. **Aga-r-yba**, a árvore do veneno, planta venenosa. Pernambuco.

AGISSÉ s.c. **Ayi-ce**, a semente brota, a sementeira. Pernambuco.

AGUAPÉ s.c. **Aguá-pe**, coisa redonda e chata; a planta vulgarmente chamada **guapé**, **guapéba**, **guapéva**, que cobre a superfície dos lagos e das águas remansadas (*Nymphéa*).

- AGUAPEHY *s.c.* **Aguapé-y**, o rio dos guapés. V. **Aguapé**. São Paulo, Mato Grosso.
- AGUARÁ *s.* Nome da garça vermelha (*Ibis rubra*). Denominação também do cão silvestre (*Canis jubatus*). *Alt.* **guará**².
- AGUANAMBI *s.s.* **Agua-nambí**, por **aguará-nambí**, a orelha de cão. V. **Aguará**. *Alt.* **Eguanambí**. Ceará.
- AÍ *s.* Voz onomatopaica com que, entre os índios, se designava a preguiça (*Bradypus*). Von Tschudi explica que esse nome procede do grito do animal que articula um a fechado muito prolongado, seguido de um i curto e aspirado.
- AIÍ *adj.* Equivale a **aim**, sufixo, vale dizer, crespo, enrolado, rugoso, áspero, murchado.
- ÃI Pronunciado **ãe**, é contração de **anha**, *suf.*, aguçado, pontudo, em gancho, encurvado.
- ÁIBA *adj.* **Ayba**, ruim, mau; azedo, acre, ardente. *Alt.* **Aí**, **Aiva**.
- AIBŪ *s.* **A-ibí**, coisa mesquinha; é uma concha bivalva, também dita **mapé**.
- AIERA *s.c.* **Aí-uéra**, a preguiça ladina ou esperta; é a **irara** ou **papa-mel** (*Galictis barbara*).
- AIMIRIM *s.c.* **Aí-mirim**, a preguiça pequena (*Bradypus piactylus*).
- AIPIÍ *s.c.* **A-ipí**, a raiz enxuta, a mandioca mansa. *Alt.* **aipim**.
- AIPIXUNA *s.c.* **Aí-pixuna**, a preguiça escura (*Bradypus torquatus*).
- AIQUARA *s.c.* **Aí-quara**, o refúgio das preguiças. Bahia.
- AIUÁ *s.c.* **A-iuá**, a fruta de espinho; o juazeiro (*Ziziphus*). *Alt.* **Yuá**.
- AIURY *s.* O auxílio, a ajuda. *Alt.* **Ajuri**. Amazonas.
- AJURA *s.* O pescoço, o colo; o gargalo.
- AJURICABA *s.* A liga para o trabalho confraterno; o tempo próprio para isso; o adjutório. Amazonas.
- AJURÚ *s.c.* **A-jurú**, boca de gente, ou que tem fala como gente. Nome dado ao papagaio (*Psittacus*). *Alt.* **Agerú**, **Gerú**. Bahia, Sergipe.
- AJURÚ-CURAU *s.c.* O papagaio maldizente (*Psittacus amazonicus*)
- AJURUETÊ *s.c.* **Ajurú-etê**, o papagaio verdadeiro, legítimo.
- AJURUJUBA *s.c.* **Ajurú-yuba**, o papagaio amarelo. 109. Segundo os viajantes antigos, apelidavam os índios aos franceses e alemães **ajurujuba**, por trazerem barba ruiva: **a-jurú-yuba**, gente de pescoço ou mento ruivo.
- ALAMBARY *corr.* **Araberi**, **arabé-r-í**, a baratinha; o peixinho, a sardinha. *Alt.* **lambary** [**lambari**].
- AMAETINGA *s.c.* **Embayinga**, a imbaúba branca. *Alt.* **Maitinga**.
- AMANA *s.* A chuva, a nuvem chuvosa, nimbo. *Alt.* **amã**.

- AMANAÇÚ *s.c.* **Amana-açú**, a chuva copiosa, a tempestade; a nuvem pejada^{2A}.
- AMANACY *s.c.* **Amana-cy**, a mãe da chuva; nome de uma ave amazônica que os índios têm como mensageira da chuva. Amazonas.
- AMANAJÓ *s.c.* **Amana-yó**, o que provém da chuva ou das nuvens. Amazonas.
- AMANARY *s.c.* **Amana-r-y**, a água da chuva.
- AMANAYARA *s.c.* **Amana-yara**, o senhor da chuva ou das nuvens; o mandachuva.
- AMANDABA *s.* O círculo, a roda, rodeio. *Alt.* **Amandava, amandá.**
- AMARAGY *s.c.* **Amã-rá-gy**, rio procedente de chuva.
- AMBA *adj.* Vazio, oco. *Alt.* **Emba, Emb.**
- AMBÁ *s.* O conteúdo da concha; a vulva.
- AMANDIYÚ *s.c.* **Amã-ndiyú**, o que dá novelo, o algodão (*Gossipium*). *Alt.* **Maniú, Amaniyú.**
- AMANIYUTYBA *s.c.* **Amaniyú-tyba**, o local onde se cultiva o algodão, o algodão. 118. *Alt.* **Amaniytuba.**
- AMBAYBA *s.c.* **Amba-yba**, árvore de vazios ou que tem o tronco oco. *Alt.* **Ambaúba. (Cecropia).**
- AMBAYTINGA *s.c.* **Amba-yba-tinga**, a imbaúba branca. *Alt.* **Amaytinga (Cecropia peltata).**
- AMBÚ *s.* O fruto do ambuzeiro; diz-se comumente **umbú** ou **imbú** (*Spondias tuberosa*). *Adj.* sonante, estrondante, ruidoso.
- AMBY *s.* O gemido, o choro, a queixa.
- AMOAI *adj.* Lindo, belo, encantador.
- AMOPIRA *s.s.* **Amô-y-pira**, o que fica da outra banda, o vizinho da outra margem. É o nome de um gentio morador à beira do rio São Francisco. *Adj.* oriundo de longe, estrangeiro.
- AMU *s.c.* **A-mû**, gente aparentada, o parente, o aliado.
- AN *s.* A sombra, o vulto, a alma. 125. **V. Anga.**
- ANACÉ *s.c.* **Anã-cê**, o parente chegado, o consangüíneo. Era o nome de uma antiga tribo do gentio brasileiro.
- ANAGÉ *s.* O gavião. *Alt.* **Nagé.** Bahia.
- ANAJÁ *s.* A palmeira **inajá** (*Maximiliana*). Pará, Amazonas. *Alt.* **Inaiá.**
- ANAJATUBA *s.c.* **Anajá-tyba**, o sítio onde crescem palmeiras inajás; abundância de inajás; palmar de inajás. Pará.
- ANAMA *s.* O parente, o consangüíneo; *adj.* ligado, unido; espesso, grosso, pesado, grosseiro. *Alt.* **Anam, Anan, Anã.**
- ANDÁ *corr.* **A-ndá**, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura.

- ANDAÇÚ *s.c.* **Andá-açú**, a amêndoa grande, a noz grossa.
- ANDAIÁ *s.c.* **Andá-yá**, copioso em amêndoas. *Alt.* **Indayá**.
- ANDARAHY *s.c.* **Andirá-y**, o rio dos morcegos. Rio de Janeiro. Bahia.
- ANDIRÁ *s.* O morcego, o vampiro.
- ANDIROBA *s.c.* **Nhandi-iroba**, o óleo amargo, o fruto de que se extrai esse óleo (*Carapa guaianensis*). *Alt.* **jandiroba**, **nandiroba**, **angioba**. Nordeste Brasileiro.
- ANDREQUICÉ *corr.* **Andirá-kicé**, a faca de morcego, nome indígena de uma gramínea do Nordeste, Alagoas.
- ANGA *s.* A alma, a sombra, o vulto, o espírito, a consciência. *Alt.* **Ang**, **An**.
- ANGÁ *s.c.* **Ang-á**, a afeição, a ternura, o rogo. Como contração de **angaba**, significa aparição, visão, fantasma, assombração. Designa também a **ingá** (*Inga dulcis*).
- ANGAI *s.c.* **Anga-i**, a alma pequena, o espírito fraco. Pode proceder de **anga-y** e significa então o rio das almas.
- ANGAIBA *s.c.* **Anga-ayba**, a alma ruim, infeliz, danada; a visão má. Pode proceder ainda de **angá-yba** e então significa a árvore da **angá** ou **ingá**, o angazeiro.
- ANGAIPABA *s.c.* **Angaí-paba**, o estado de maldade, ou de fraqueza d'alma, o pecado. *Alt.* **angaipá**.
- ANGATURAMA *s.c.* **Anga-catú-rama**, a alma bondosa; espírito benfazejo; um bom presságio. **Angaturama**, a alma a vir, a que é esperada. *Adj.* formoso, bem-parecido. *Alt.* **Gaturama**.
- ANGOÉRA *s.c.* **Ang-oéra**, a alma passada, a do defunto, mas aquela que não foi para a outra vida e que, por ser níá, ficou residindo nas taperas ou ruínas, donde saía a assaltar os viandantes, assombrando-os.
- ANGOERABA *s.* A assombração, a visão de maus espíritos, a ação de espectros. 21.
- ANHÁ *s.c.* **Ã-nhã**, a alma errante, o espírito que anda vagando; o gênio andejo, o diabo. *Alt.* **Inhan**, **Inhang**; **Aignan**, segundo J. de Léry.
- ANHANGA *s.* O diabo, o mau espírito. V. **Anhã**2B.
- ANHANGABA *s.* A ação do diabo, a diabrura, o malefício. *Alt.* **Anhangá**. 21.
- ANHANGABAÚ *s.c.* **Anhangaba-ú**, o bebedouro das diabruras. Pode vir de **anhangaba-y**, e então significa – rio ou água dos malefícios. V. **Anhangaba**. São Paulo.

2B V. nota 240.

- ANHANGAHY *s.c.* **Anhanga-y**, a água ou rio do diabo.
- ANHANGUARA *s.c.* **Anhã-guara**, a cova ou caverna do diabo.
- ANHANGOÉRA *s.c.* **Anhã-goéra**, o espectro, o fantasma; um diabo consumado. Era o apelido de Bartolomeu Bueno da Silva, bandeirante descobridor de Goiás.
- ANHANGAQUIABO *corr.* **Anhanga-kiaba**, o pente do diabo; seguramente áspera com o aspecto de pente, alojada numa fava ou baihã também chamada pente-de-macaco.
- ANHÁRUPIÁ *s.c.* **Anhan-rupiá**, a progénie ou raça do diabo.
- ANHAÛ *s.c.* **Anhã-ũ**, o diabo preto.
- ANHONHECANHUVA *corr.* **Anhanga-canhyrna**, o sumidouro do diabo. Minas Gerais.
- ANTÁ *adj.* Forte, duro, rijo. *Alt.* **Atã**.
- ANUM *s.c.* **A-n-un**, o vulto preto, o indivíduo negro. Nome da ave conhecida (*Crotophaga* L.) *Alt.* **Anũ**.
- APA *adj.* Desmoronante, desabado.
- APACÉ *s.c.* **Apá-cê**, coisa ou entidade saliente, destacada. *Alt.* **Pacé**. Com este nome se designava, outrora, entre os índios, um ilhéu de forma piramidal, à entrada da enseada de Jacaracanga, ao fundo da baía de Todos os Santos. Daí o nome **Pacé** ou **Passé**, que se estendeu ao continente vizinho. Bahia.
- APARA *adj.* Curvo, torto, torcido, aleijado. *Alt.* **Apar**, **Apá**.
- APAREYBA *s.c.* **Apar-ê-yba**, a árvore de esgalhos, de curvaturas. É como os índios chamavam o mangue. O vocábulo indígena exprime bem o característico dessa árvore: **apar-ê-yba** quer dizer árvore que tende a encurvar-se, ou a esgalhar, mergulhando. (*Rhizophora mangle*).
- APATUCÁ *v.* Dar golpes, esbordoar, esmurrar, lavar³.
- APÉ *s.* O caminho, a estrada. *Alt.* **Pé**. Casca, escama.
- APEBA *s.c.* **A-peba**, coisa baixa, plana, chata; a superfície. *Alt.* **Apé**, **Pé**.
- APEAÇABA *s.c.* **Apé-açaba**, a saída do caminho, na praia ou margem do rio, o porto. 114. *Alt.* **Apeaçá**, **Peaçá**, **Mbeaçá**, **Mbeaçaba**, **Peaçaba**.
- APEAÇÚ *s.c.* **Apé-açú**, o caminho grande, a estrada.
- APEHYBA *s.c.* **A-pé-yba**, a árvore de sobrenadar, de flutuar, o pau de jangada.
- APECUM *s.c.* **Apé-cum**, a superfície alongada; o chato em forma de língua. É como se designam, à beira-mar, os tratos de terra, planos,

- lisos, que a maré cobre e descobre alternadamente e onde não cresce vegetação alguma. Bahia.
- APEPÉ *s.c.* **Apé-pé**, o caminho amplo, o caminho no aumentativo. Pode ser também **a-pé-pé**, a coisa muito plana, a planície. Pernambuco.
- APEREA *s.c.* **Apé-réá**, mora no caminho, o que de contínuo se encontra nos caminhos. É o animal vulgarmente chamado **preá** (*Cavia Aperéá*).
- APEREATUBA *s.c.* **Aperéa-tyba**, o sítio das preás; preás em abundância. 109. São Paulo.
- APÉTUMBÚ *s.c.* **Apé-tumby**, o caminho pulverulento, cheio de pó. Pernambuco.
- APETURIBÚ *s.c.* **Apé-tur-ybú**, o caminho que vem da fonte. Pernambuco.
- APIÁ *contr.* **Apiaba**, *s.* O homem, o macho dos animais. *Adj.* **a-piá**, manchado, pintado, marcado. *S.* **apiab**, cabeça arredondada, a glande, o castão. (Batista Caetano).
- APIABA *s.* O macho dos animais, o homem, o varão. No guarani, **apiá**; no tupi amazônico, **apigaua**.
- APICHAİM *s.c.* **A-pichaim**, o cabelo crespo, encaracolado, encarapinhado.
- APIGAUA *V.* **Apiaba**.
- APICUM *V.* **Apecum**.
- APIAHY *s.c.* **Apiá-y**, o rio dos machos ou dos homens. São Paulo. Pode ser ainda **Apiai-y**, rio dos meninos.
- APIAÍ *s.c.* **Apiá-í**, o homenzinho, o pirralho, o menino.
- APIPUCOS *corr.* **A-pipuc**, o tropel de gente. Pode ser ainda **apé-puc** o caminho dividido, a encruzilhada. Pernambuco. Admissível ainda é **a-pi-puc**, a fruta de casca rachada, de referência a pinhas.
- APIRÚ *s.* **A-pi-rú**, a fruta de casca fina, delgada. *Adj.* **apirú**, repleto, cheio, inchado.
- APITERIBÚ *s.c.* **Apyter-ybú**, a fonte do meio, a que se encontra no intervalo. *Alt.* **Apoteribú**, **Potiribú**. São Paulo.
- APÓ *s.* A raiz, a base, a fundação.
- APODY *s.c.* **A-pody**, ou **a-poty**, coisa firme, altura unida, fechada; uma chapada. Ceará, Rio Grande do Norte.
- APORÁ *s.c.* **A-porã**, altura bonita, cabeço formoso; designa monte isolado e distinto em terra unida. Bahia.
- APUÁ *s.c.* **A-poã**, coisa erguida, cabeço elevado. Pernambuco. Também significa, bola, globo, bala^{3A}.

3A *V.* nota 137.

- AQUÁ *s.* A ponta, a esquina.
- AQUIRÁ *s.c.* **A-qui-rá**, cata-piolho. Nome de uma cabilda de gentio do Ceará. **Aquira-á**, o caroço grande da fruta.
- ARA *s.* O dia, o tempo; idade, vez; o que está no alto, em cima, de cima, na eminência; o mundo. Entre os índios do Amazonas, designa a parte do dia, do meio-dia às cinco horas. O fruto; o que nasce; o que se colhe; a espiga.
- ARÁ *s.* Nome dos papagaios grandes (*Psittacus*).
- ARABÉ *s.* A barata, o besouro, o escaravelho.
- ARABERĪ *s.c.* **Arabé-r-ī**, a baratinha; um peixinho de água doce, vulgarmente chamado **alambary** ou **lambary** (*Chalceus nematurus*). São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro.
- ARABERY *s.c.* **Arabé-r-y**, o rio das baratas, ou dos lambaris. Pernambuco.
- ARABORÍ *s.* Um peixinho que, segundo o *Roteiro Geral do Brasil*, de 1587, é como a sardinha de Portugal, e anda aos cardumes. V. **Araberf.**
- ARABOYA *s.c.* **Ara-boy**, a cobra-do-ar; a serpente que ataca pelos ares, lançando-se de cima das árvores.
- ARABUTAN *corr.* **Guara-pytá**, o pau vermelho, o pau-brasil, que os nossos índios chamavam **ybyrá-pitanga**. Em livros franceses, dos séculos XVI e XVII é que se lê **arabutá**.
- ARAÇA *s.* O fruto do (*Psidium littorale*). Entre os índios designava também estação, época.
- ARAÇÁGY *s.c.* **Araçá-g-y**, o rio dos araçás.
- ARAÇAÍBA *s.c.* **Araçá-yba**, a árvore do araçá, o araçazeiro. (*Psidium littorale*).
- ARACAJÚ *s.c.* **Ará-acayú**, o cajueiro dos papagaios. Sergipe.
- ARACAPÁ *corr.* **Oaracapá**, o escudo, o pavês, a rodela. Bahia.
- ARAÇARÍ *s.* Nome de uma variedade de tucano, que vive em bandos (*Pteroglossus*). Também significa chapada, no tupi amazônico, decompondo-se **Ara-çá-rí**, que se traduz a ver o mundo.
- ARAÇARIGUAMA *s.c.* **Araçarí-guama**, o comedouro ou cevadouro de tucanos araçaris. São Paulo.
- ARACAMÃ *s.c.* **Ara-cam-ã**, o peito alto do mundo, o morro, a elevação do solo, no vale do Amazonas.
- ARAÇATUBA *corr.* **Araçá-tyba**, o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância. *Alt.* **Araçatiba**. São Paulo.
- ARAÇATYBA *s.c.* **Ara-ça-tyba**, sítio de se ver o mundo; é como se denomina o planalto no tupi amazônico.
- ARACATY *s.c.* **Ara-caty**, o vento de maresia: o ar impregnado de mau cheiro. No vale do Amazonas, designa uma variedade de pinha

(*Anona squamosa*, L.). Cidade, à margem do Jaguaribe, até onde sobe a maré. Ceará.

ARAÇaubatuba *s. corr.* **Araçá-yba-tyba**, o sítio dos araçazeiros; onde abundam araçazeiros. Santa Catarina.

ARACÊ *s.c.* **Ara-cê**, o dia sai, ou desponta; a aurora.

ARAÇoyá *V.* **Araçoyaba**.

ARAÇoyaba *s.c.* **Ara-açoyaba**, o anteparo contra o tempo; o chapéu. Nome dado comumente a montes isolados com a forma de uma copa de chapéu. São Paulo, Minas Gerais. *V.* **Açoyaba**.

ARAÇOAHY *s.c.* **Araçoyá-y**, rio do chapéu ou do cocar. Minas Gerais. *Alt.* **Arassuahy**.

ARACY *s.c.* **Ara-cy**, a mãe do dia, a aurora. Bahia. Significa também a cigarra.

ARACUÁ *s.* Voz onomatopaica, imitando o canto da ave que traz esse nome. (*Penelope araquan*).

ARACUIPE *s.c.* **Ara-cuf-pe**, ao meio-dia.

ARAE *s.c.* **Ara-ê**, dado ou propenso aos papagaios, o amigo dessas aves. Nome de uma tribo selvagem de Goiás. *Alt.* **Araez**.

ARAGUÁ *s.c.* **Ará-guá**, o vale ou baixada dos papagaios. *Alt.* **Ara-guaba**.

ARAGUABA *s.c.* **Ará-guaba**, a comida ou bebida dos papagaios. Pernambuco. *Alt.* **Araguá**.

ARAGUARY *s.c.* **Ará-guá-r-y**, a água ou rio da baixada dos papagaios. *V.* **Araguá**.

ARAGUAYA *s.c.* **Ará-guaya**, os papagaios mansos.

ARAÍBA *s. corr.* **Ara-ahyba**, o tempo mau; a tempestade. *Alt.* **aray**, **araf**.

ARAMARÉ *V.* **Aramary**.

ARAMARY *V.* **Arabery**.

ARANDÚ *s.c.* **Ará-ndú**, o rumor dos papagaios. Pernambuco.

ARAPACÁ *s.* A rodela da canoa.

ARAPEHY *s.c.* **Arabé-y**, o rio das baratinhas, dos lambaris.

ARAPANEMA *s.c.* **Ara-panema**, tempo mau; dia aziago.

ARAPARÍ *s.* Árvore muito comum no Amazonas. É também o Cinto de Orion.

ARAPASSÚ *s.* A ave conhecida por pica-pau (*Picus*).

ARAPECÔ *s.* O morro, um tesó. Amazonas.

ARAPECUM *s.* A restinga, a língua da terra. *V.* **Apecum**. Amazonas.

ARAPIRACA *s.c.* **Ara-pí-raca**, o pau de casca solta. Diz-se também **guarapiraca**.

ARAPIRANGA *s.c.* **Ara-piranga**, o arrebol; as barras do dia. O papagaio-vermelho.

- ARAPOCA *s.c.* **Ara-poca**, o pau furado; a madeira brocada. Diz-se também **guarapoca**.
- ARAPOÁ *corr.* **Ira-poã**, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondado^{3B}.
- ARAPONGA *s.c.* **Ara-ponga**, alteração de **guirá-ponga**, o pássaro martelante, cujo canto soa como a pancada de um martelo; o ferrador. (*Chasmarhynchus cochlearia*, Vieill).
- ARAPUÁ V. **Arapoá**.
- ARAPUCA *s.c.* **Ara-puca**, alteração de **guirá-puca**, o alçapão; a armadilha de pássaro; aparelho dos índios, feito de pequenos paus, em forma de pirâmide quadrangular, à guisa de cesto e armando-se como um alçapão, para apanhar aves^{3C}.
- ARAPURÚ *s.c.* **Ará-purú**, por **guirá-purú**, o pássaro voraz (Pipridae). *Alt.* **irapurú**, **uirapurú**.
- ARAQUARA *s.c.* **Ará-quara**, o paradeiro ou esconderijo dos papagaios. Pernambuco.
- ARARA *s.* Voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios. (*Psittacus macrocereus*).
- ARARÁ V. **Irará**.
- ARARACANGA *s.c.* **Arara-canga**, a cabeça de arara; a nascente ou cabeceira das araras.
- ARARANGABA *s.c.* **Ara-rangaba**, sinal ou medida do tempo; o relógio. Também significa figura ou imagem de pássaro.
- ARARANGUA *s.c.* **Arára-anguá**, o rumor ou barulho dos papagaios grandes. São Paulo, Santa Catarina.
- ARARAPIRA *s.c.* **Arára-apira**, a cabeceira das araras. São Paulo.
- ARARAQUARA *s.c.* **Arara-quara**, o refúgio ou paradeiro das araras. São Paulo. É também uma árvore alta, entre as leguminosas, no Amazonas.
- ARARAY *s.c.* **Arara-y**, água ou rio das araras.
- ARARÊ *s.c.* **Arar-ê**, afeiçoado aos papagaios; o amigo dessas aves. Nome de uma personagem do romance *Iracema*, de José de Alencar.
- ARARIBÁ *s.c.* **Arara-ybá**, o fruto de araras, ou fruta de que elas se nutrem.
- ARARIGUABA *s.c.* **Arár-iguaba**, o bebedouro dos papagaios. V. **Iguaba**.

3B V. nota 137.

3C Idem 213.

- ARARIPE** *s.c.* **Ara-ari-pe**, literalmente se traduz *em sobre o mundo*, ou *por sobre o mundo*, alusão a ser lugar donde se pode gozar de largo horizonte. É como se chama a alta chapada que domina os sertões cearenses do lado do sul. Também **Araripe**, pode se decompor em **ará-r-y-pe**, e se traduz no rio dos papagaios^{3D}.
- ARARITAGUABA** *s.c.* **Arár-itá-guaba**, o barreiro das araras ou dos papagaios; lugar abarrancado à margem do rio, onde essas aves vêm comer o barro salitroso. São Paulo. V. **Itaguaba**. Era o primitivo nome da cidade de Porto Feliz.
- ARARUAMA** *s.c.* **Arara-uama**, comedouro ou bebedouro dos papagaios. Rio de Janeiro.
- ARASSUABA** *s.c.* **Ara-suaba**, aquele que tem a face cor de terra; o indivíduo amarelado.
- ARASSUAHY** V. **Araçoay**.
- ARATACA** *s.c.* **Ara-taca**, o que colhe batendo com estrépito; a armadilha para caça miúda.
- ARATANGY** *s.c.* **Aratã-g-y**, o rio das aratanhas. Pernambuco.
- ARATANHA** *s.c.* **Ara-tanha**, o bico do papagaio. Designa também um pequeno camarão de água doce, armado de longas e fortes tenazes. *Alt.* **Aratã**. Pernambuco, Ceará.
- ARATICUM** *s.c.* **Ara-ticú**, o fruto que ressuma; fruta rala, mole. É nome genérico das anonas.
- ARATINGA** *s.c.* **Ara-tinga**, o tempo claro; dia claro.
- ARATÚ** *s.c.* **Ara-tú**, o tombo ou queda de cima; nome de um pequeno crustáceo, pardo, com laivos amarelos, que sobe nas árvores de mangue e que, ao menor rumor ou ameaça, se deixa *cair do alto*, sumindo-se na água (*Grapsus*). Bahia.
- ARATUHYPE** *s.c.* **Aratú-y-pe**, no rio dos aratús. V. **Aratú**. Bahia, Pernambuco.
- ARAUARA** *adj.* Diário, do dia; da ocasião.
- ARAUARÍ** *s.* Nome de uma arara-vermelha menor. Amazonas.
- ARAUATÓ** *s.* Uma espécie de gavião. Amazonas.
- ARAUÉ** *s.* A barata. V. **Arabé**. Amazonas.
- ARAÚNA** *s.c.* **Ará-una**, o papagaio escuro; arara-azul-celeste, escura.
- ARAXÁ** *s.c.* **Ara-chá** ou **ara-echá**, e ainda **ara-çá** que se traduz vista do mundo, alusão ao fato de ser um lugar donde se pode ver o mundo ou os largos horizontes dele. É como, em Minas Gerais, se

^{3D} Idem 1 e 2 do Prefácio.

denominam as planuras altas, mais ou menos unidas, entre as bacias fluviais^{3E}.

AREMBÉPE *s.c.* **A-rembé-pe**, à volta ou em torno da gente; à borda da povoação. Bahia, Pernambuco.

ARYBE *s.* O cacho, a penca.

ARÍA *s.* A avó; a mãe velha.

ARIÁ *s.* O avô paterno.

ARICANGA *s.c.* **Airi-canga**, o coco de airi (*Astrocaryum ayri*, Mart.).
Alt. Arican.

ARICORY *s.c.* **Ary-corif**, o cacho amiudado ou multiplicado (*Cocos coronata*, Mart.). *Alt. Ouricury, Uricury.* Pernambuco, Bahia.

ARICANDUVA *s. corr.* **Airican-dyba**, o sítio dos airis, ou das palmas airis; onde há abundância dessas palmas. São Paulo.

ARIRIAIA *s. corr.* **Airi-aia**, a palma airi mansa, ou mais macia. São Paulo.

ARIRÓ *s. corr.* **Airf-ró**, o airi amargoso; palmeira que dá o palmito amargo. Rio de Janeiro. As palmas do airi (**airf-r-oba**).

ARIROBA *V. Ariró.*

ARIRANHA *s. corr.* **Irarana** (**irar-ana**), a falsa irara; a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão. *V. Irara.* São Paulo, Minas, Goiás, Mato Grosso.

ARÚ *V. Guarú.*

ARUÁ *adj.* Quietos, mansos, pacíficos, bem-parecidos. É o nome de uma tribo indígena da ilha de Marajó, Pará.

ARUÁ *adj.* Pernicioso, mau, *s.* Animal danoso. São Paulo.

ARUJÁ *s.c.* **Arú-yá**, abundante de peixinhos, chamados barrigudinhos. São Paulo. *V. Guarú.*

ARUMÉ *s.* A mandioca curada ao sol. Amazonas.

ASSAHÍ *s.c.* **A-çaf**, a fruta ácida, de referência ao coquilho da palmeira (*Euterpe oleracea*, Mart.), de que se faz vinho refrigerante. Pará.

ASSAPABA *corr.* **Aça-paba**, a travessia, o cruzamento; travessa.

ASSAQUERA *corr.* **Açá-quéra**, a travessia antiga, onde cruzava o caminho velho; o porto de outrora. São Paulo, **Açacuéra** traduz-se também encruzilhadas.

ASSARÉ *corr.* **Açá-ré**, a travessia diferente, atalho. Ceará.

ASSÚ *V. Açú.*

ASSUNGUY *corr.* **A-çuguf**, o sangue de gente. **Açuguf-y** é o rio do sangue. São Paulo.

- ATIBA *corr.* **A-tyba**, o sítio das frutas; onde abundam as frutas; o quintal ou pomar.
- ATIBAIA *s.c.* **Atyb-aia**, o pomar saudável. V. **Atiba**. Em outrora se escrevia **Tybaia** ou **Thibaia**, caso em que cabe diversa interpretação. **Tybaia** igual a **tyb-aia**, vale dizer, **sítio saudável**. São Paulo. Outra interpretação ainda pode caber **Tybaia** igual a **ty-b-aia**, que se traduz manancial saudável.
- ATUÁ *s.* O pescoço, o cogote, a nuca.
- ATUCUPÉ *s.* As costas, as espáduas.
- ATY *s.* A gaivota.
- ATYRA *s.* O montão, rima, cabeça, cômodo. *Alt.* **ytyra**, **uityra**, **uitê-ra**, **tyra**^{3F}.
- AÚ *adj.* Falso, ilusório, vão. †
- AUATITYBA V. **Abatityba**.
- AUÉ *corr.* **A-oé**, a semente ou fruto que soa, ou faz ruído, de que o selvagem se servia para guarnecer os braceletes.
- AUIO *s.* O abio (*Lacuma*).
- AVA V. **Abá**.
- AVÁ V. **Abá**.
- AVAHY *corr.* **Abá-y**, o rio do homem. Paraguai.
- AVANHANDAVA *corr.* **Abá-nhandaba**, a corrida da gente. Lugar onde a *gente anda às carreiras*, por evitar os perigos da navegação. Nome de um dos saltos do rio Tietê. São Paulo. 120.
- AXIÉ *s.* A tia. Amazonas.
- AXUPÉ *s.* A casta de abelhas que se aninha no chão. Amazonas. V. **Guaxupé**.
- AYÁ *s.* O papo.
- AYACÁ *s.* O cesto feito de canas, vulgo **jacá**.
- AYMBERÉ *corr.* **Ambaré**, a lagartixa, o lagarteto.
- AYTINGA *corr.* **Af-tinga**, a preguiça branca. São Paulo. V. **Itinga**.
- AYURICABA V. **Ajuricaba**.
- AYURÚ V. **Ajurú**.

B

- BABITONGA *corr.* **Bopitanga**. *Alt.* de **mbopitanga**, que quer dizer assinala de vermelho, avermelhar. Pode proceder ainda de **mbaé-**

^{3F} V. nota 143.

- pitanga, que vale dizer a vermelha. Nome dado a umas barreiras vermelhas na costa de Santa Catarina.
- BACABA *corr.* Ybá-caba, a fruta oleosa ou gorda (*Enocarpus bacaba*, Mart.). Pará, Amazonas, Maranhão.
- BACAETAVA *corr.* Mbaé-caitaba, a queimada. São Paulo.
- BACANGA *corr.* Ybá-canga, o galho de frutas; a cabeceira das frutas. Maranhão.
- BACAXÁ *corr.* Ybá-caaçá, pronunciado ybá-caachá, significando fruta assada. Rio de Janeiro.
- BACURAU Voz onomatopaica da ave noturna (*Caprimulgus*).
- BACURY *corr.* Ybá-cury ou ybá-curi, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto. (*Platonia insignis*).
- BACURUVÚ *corr.* Yba-curú-uú, pau áspero mole. São Paulo.
- BAÉ *corr.* Mbaé, a coisa, o objeto. *Alt.* mae, ma. V. Mbaé.
- BAEPENDY Antigamente Maependi; *corr.* mbaé-pindi, que se traduz o limpo, a clareira, a aberta, em alusão a uma clareira na mata marginal do rio Grande, facilitando a passagem do caminho dos descobridores de Minas Gerais. Minas Gerais.
- BAEPINA *corr.* Mbaé-pina, o limpo, o calvo, o pelado; os pelais; nome dado a lugares privados de vegetação de seu natural; o indivíduo que perdeu os cabelos.
- BAETACA *corr.* Mbaé-taca, o ruído, o barulhento. V. Maetaca.
- BAETINGA *corr.* Mbae-tinga, o branco, o alvo.
- BAGÉ *corr.* Pagé, o feiticeiro, o santão do gentio. Rio Grande do Sul.
- BAGUÁ *corr.* Ypá-guá, o habitante ou morador de alagadiços, de brejos e lagoas (*Ardea*, *Ciconia*). Nome aplicado a aves aquáticas. 61. V. Guara.
- BAGUARI *corr.* Mbaguari, espécie de garça (*Ciconia Maguari*).
- BAIACÚ Antigamente maiacú, *corr.* mbaé-acú, o quente, o venenoso. Peixe peçonhento pelo seu fel e que se infla ao calor do sol, ou por simples fricção da pele do ventre.
- BAITÉ *corr.* Mbaé-ité, o feio, o de má aparência. Pernambuco.
- BAMBUHY *s.c.* Bambú-y, o rio dos bambus. Minas Gerais.
- BANABUYÚ *corr.* Paná-puyú, ou paná-poyú, o brejo ou pantanal das borboletas. Ceará.
- BANGÚ *corr.* Ubang-û, o anteparo escuro, a barreira negra, em alusão a um serro. Rio de Janeiro.
- BANHARÃO *corr.* Mbaé-nharô, o alegre, o risonho, o aprazível. No tupi do Norte, significa o bravo, o furioso. São Paulo.
- BARABÚ V. Guarabú.
- BARACÉA *corr.* Pora-acé, o ajuntamento do povo, a reunião festiva,

- o folgado. Nome de antiga localidade da costa de São Paulo. São Paulo.
- BARACUTIARA** *corr.* **Ybirá-coatiara**, a madeira riscada, lanhada ou manchada do seu natural. Ceará.
- BARATI** V. **Parati**.
- BARAUNA** *corr.* **Ybirá-una**, a madeira preta. (*Melanoxylon Barauna*, Schott). *Alt.* **Birauna**, **Brauna**.
- BARIRIÇÔ** *corr.* **Mbaé-ririçô**, o evacuante, o evacuativo, o laxante. *Alt.* **Maririçô**.
- BARIRY** *corr.* **Mbaé-riri**, o agitado, o temido; o confuso. V. **Mariry**. É vocábulo para designar pontos do rio, onde as águas correm agitadas, rápidas; é o que comumente chamamos uma corredeira.
- BARTYRA** *corr.* **Botyra** ou **Ybotyra**, a flor. É o nome da mulher de João Ramalho, filha de Tibiriçá citado no poema *Confederação dos Tamoios*, de Magalhães⁴.
- BARÚ** *corr.* **Mbarú**, o cheiroso, o odorífero, o recendente. Nome de uma planta que dá sementes de cheiro, servindo para beneficiar o rapé ou tabaco. (*Dipterix*). Amazonas, Guianas. V. **Cumbarú**, **Cumarú**.
- BARUERY** *corr.* **Bariry**. V. **Bariry**. São Paulo.
- BASSUHY** *corr.* **Ybá-assú-y**, rio dos cocos. Rio de Janeiro. Pode ser também **yb-assú-y**, o rio do pau grande.
- BATATÁ** *corr.* **Ybá-tantá**, o coco duro. Pode ser também **ybatâtã**, o pau duro, linheiro.
- BATICUPÁ** *corr.* **Abati-cupá** ou **abati-cupaba**, a roça de milho, o milharal. Pernambuco.
- BATINGA** *corr.* **Yba-tinga**, o pau branco. Pernambuco.
- BATITINGA** *corr.* **Abati-tinga**, o milho branco. *Alt.* **Vatitinga**.
- BATOVY** V. **Batuvira**.
- BATUIRÁ** *corr.* **Mba-tuira**, o cinzento, o pardo. São Paulo. É o nome de um pássaro.
- BATURITÉ** *corr.* **Ybytyra-etê**, a montanha verdadeira, a serra por excelência. *Alt.* **Ubuturetê**, **Buturetê**. Ceará. 81.
- BATUVIRA** *corr.* **Mba-tuira**, o cinzentado, o pardacento. Nome dado a um tapirídeo da zona do Sul, a mesma antaxuré de Minas. *Alt.* **Batuvi**, **Batovi**. Rio Grande, Santa Catarina, Paraná.
- BAURÚ** *corr.* **Ybá-urú**, o cesto de frutas. São Paulo.
- BAXIUVA** *corr.* **Ybá-chi-yba**, planta de frutos muito unidos, o cacho fornido. É uma palmeira (*Iriatae*). Amazonas, Pará.

4 V. nota 25.

BAYTINGA V. **Baetinga**.

BEIJÚ *corr.* **Mbeiju**, o enroscado, o enrolado, é o bolo de mandioca torrado. 110.

BEIJÚ-PIRÁ *corr.* **Pi-yú-pirá**, o peixe de pele amarela. Pode ser também **mbeijú-pirá**, o peixe de bolo. V. **Beijú**.

BEIJUHY *s.c.* **Mbeijú-y**, o rio de ou água do beiju.

BEPICÚ *corr.* **Apé-pucú**, o caminho comprido, a vereda longa. Pernambuco.

BERÁ *corr.* **Beraba**, brilhante, reluzente, transparente, claro. *Alt.* **ve-rava, verá, uerá, virá, birá**.

BERTIOGA *corr.* **Paratf-oca**, o refúgio, ou morada das tainhas. Designa um canal que separa a ilha de Santo Amaro da terra firme. São Paulo. *Alt.* **baratioca, bartioga, bertioega**. 112, 1294A.

BETUM *corr.* **Petym**, o tabaco, o fumo. (*Nicotiana T.*). *Alt.* **Betim, petume**.

BIAÇÁ *corr.* **Mbiaçá**, *s.c.* **Mbiá-açá**, a gente atravessa, ou cruza. Nome dado a ponto do caminho, quando atravessa um rio; porto aonde sai o caminho. *Alt.* **mbiaçaba, biaçaba, piaçaba, piaçá, embiaçá**.

BIBI *s.* O vaivém, a alternativa; o balanço.

BIBIRIBE *corr.* **Bibi-r-y-pe**, no rio do vai-e-vem. Em documento antigo, lia-se **yabebiry**, caso em que se há de ter o nome como composto de **yabebir-y**, significando o rio das raias. Pernambuco.

BIBOCA *corr.* **Yby-boca**, o chão fendido ou sulcado; a terra rachada; barro fendido ou gretado. Designa o casebre barreado, caso em que o vocábulo **biboca** pode proceder de **yby-b-oca**, que se traduz literalmente *casa de barro*.

BICUYBA *corr.* **Mbocui-yba**, a árvore de fazer pó. (*Myristica officinalis*). Da semente extrai-se um óleo aromático, eficaz no reumatismo. *Alt.* **Bucuiba, bocuuva, ucuúba, vicufba**.

BIGUÁ *corr.* **Mbf-guá**, o pé redondo, o palmípede. (*Carbo brasilianus*). *Alt.* **Imbiguá, piguá**.

BIJARÍ *corr.* **Mbf-yari**, a pele solta, a casca não aderente. Pode ser também **yby-yari**, a terra fofa, solta. Pernambuco.

BIOBEBA *corr.* **Mbf-opeba**, o pé chato; o pé espalhado. Nome dado pelos guaranis do Paraguai aos tupis de São Paulo. (V. Alfredo de Taunay *História Geral das Bandeiras Paulistas*. T. 2, p. 67).

BIRAÇÓYABA *corr.* **Ybyrá-açoyaba**, a cobertura ou anteparo de madeira.

- BIRIBA** *corr.* **Mbir-yba**, a árvore de casca ou pele. *Alt.* **embiriba**, **ibiriba**. Nome dado a uma árvore que se descasca facilmente e de que se tiram fios compridos como o cânhamo, a embira. É madeira forte, boa para esteios, e arde ao fogo admiravelmente. Dela fazem-se bastões, bengalas. (*Roteiro do Brasil*).
- BIRIBÁ** *corr.* **Mbiryb-á**, procedente ou tirado da **biriba**. V. **Biriba**. **BIRIBA** V. **Ibiriba**.
- BIRITINGA** *corr.* **Piri-tinga**, o junco esbranquiçado; o junco que des-ponta. Bahia.
- BITÚ** *corr.* **Ybytú**, o vento, a aragem, a nuvem. *Alt.* **botú**, **butú**, **vo-tú**.
- BOA** *corr.* **Mboy**, a cobra, a serpente, o ofídio em geral. Especialmente usado para designar a jibóia (*Boa constrictor*). *Alt.* **boy**; **bóy**⁵.
- BOACICA** *corr.* **Mboaciga**, a atalho o corte, o abreviado. Pernambuco.
- BOAPABA** *corr.* **Boia-paba**, a estância, ou paradeiro das cobras. Mo-do errôneo de escrever **ybyapaba**, tal como se vê em documentos do século XVII. V. **Ibiapaba**. Ceará, Piauí.
- BOASSÚ** *corr.* **Mboy-assú**, a cobra-grande, a serpente. Rio de Janeiro.
- BOAVA** V. **Emboaba**.
- BOCÁ** V. **Mocaba**.
- BOCAYUVA** V. **Macahuba**.
- BOICININGA** *corr.* **Mboy-cininga**, a cobra ressonante; a que retine; a cobra cascavel. Anch. (*Crotalus terrificus*). *Alt.* **boicinunga**, **boi-çuninga**.
- BOICIPÓ** *corr.* **Mboy-cipó**, a cobra-cipó. Rot. (*Coluber bicarinatus*, Neuw).
- BOIGUASSÚ** *corr.* **Mboy-guassú**, a cobra-grande, a serpente (*Boa constrictor*).
- BOIJEJÁ** *corr.* **Mboy-yeyá**, a cobra susceptível de se cortar ou se dividir. É o nome de uma lagarta de fogo que, cortada em pedaços, continua a mover-se e que os índios tinham como capaz de se recompor e viver. Rot. (*Lampyris femina*).
- BOIOBÍ** *corr.* **Mboy-obi**, a cobra-verde. MarcGrave, Piso. Rot. (*Co-luber viridissimus* L.). *Alt.* **boiubú**, **bojubi**.
- BOIPEBA** *corr.* **Mboy-peba**, a cobra-chata; a que tem a propriedade, quando acuada, de se achatar. Bahia, Amazonas.
- BOIPINIMA** *corr.* **Mboy-pinima**, a cobra-pintada ou maculada. (*Elaps*).
- BOIPIRANGA** *corr.* **Mboy-piranga**, a cobra-vermelha; a cobra-coral.

5 Boa nada tem que ver com o tupi. V. ARTUR NEIVA. *Estudos da Língua Nacional*. Rio de Janeiro, 1940; p. 333-348. Vem do latim e já foi usado por Plí-nio. V. notas 15, 156 e 218.

- BOIQUATIARA** *corr.* **Mboy-quatiana**, a cobra-pintada. *Alt.* **Boicutiara, Cutiara.** (*Lachesis*). São Paulo.
- BOQUIÇABA** *corr.* **Mboy-quiçaba**, o ninho de cobra. 68. São Paulo.
- BOIRAÚ** *corr.* **Mboy-raú**, a cobra-fingida; imitação de cobra.
- BOIROIÇANGA** *corr.* **Mboy-roiçanga**, a cobra-fria. (*Anchieta*).
- BOISSÓ** *corr.* **Mboy-yçog**, o bicho-de-cobra, ou piolho-de-cobra. Pernambuco.
- BOITARACA** *corr.* **Mbaé-taraca**, a cambiante, a furta-cor. Nome de uma serra no Sul da Bahia. *Alt.* **Baytaracas.** Bahia.
- BOITATÁ** *corr.* **Mbaê-tatá**, como escreveu Anchieta, e que quer dizer coisa que é toda fogo, luzeiro; é como os índios chamavam o fogo-fátuo, a fosforescência. *Alt.* **Baetatá, Maetatá.** Tinha-se **boitatá** como um gênio, na mitologia indígena. V. **Macahêra.**
- BOITIAPÓIA** *corr.* **Mboy-tia-póe**, cobra cerrante, ou que se enrodilha em alguém. Grande ofídio, muito delgado, de focinho comprido e que não mordida; matava a sua presa, enroscando-se com ela e apertando-a rijamente, ao tempo em que lhe introduzia, nos ouvidos, a ponta aguda e dura da cauda. (*Roteiro do Brasil*). Marc-Grave. Piso. *Alt.* **Boytyapó.**
- BOITUVA** *corr.* **Mboy-tyba**, o sítio das cobras; onde as cobras abundam; o serpentário. *Alt.* **Boytiba, Boytuba.** São Paulo.
- BOIÚNA** *corr.* **Mboy-una**, a cobra-preta.
- BOIUSSÚ** *corr.* **Mboy-uçú**, a cobra-grande, a serpente. *Alt.* **Boiguaçú, Boiaçú, Boiçú.**
- BOIUÇUCANGA** *corr.* **Mboy-uçú-canga**, o esqueleto de cobra, a espinha de cobra. Pará.
- BOJURU** *corr.* **Mbo-jurú**, desembocar, confluir, fazer boca; fazer barra; embocadura; foz.
- BONGÁ** *corr.* **Pongá**, contração de **pongaba**, o ruído, o rumor, o estrondo. Rio de Janeiro⁶.
- BONGY** *corr.* **Pongy, c. pong-y**, o rio do estrondo; água do rumor ou da pancada. Pernambuco.
- BOPÍ** *corr.* **Mbo-pí**, fura a pele, ou sangra; o morcego. São Paulo.
- BOQUIRA** *corr.* **Mboquira**, o broto, a nascente. *Alt.* **Moquira.** São Paulo. Pode significar também o que provoca ou anuncia a chuva; lugar onde as nuvens, preferentemente, se formam.
- BORÁ** *s.* O âmago, o íntimo, o centro. De referência a abelhas, exprime o que se lhes tira da colmeia, ou ninho.

‡ V. nota 156.

- BORÉ** *s.* Instrumento musical do selvagem, espécie de gaita, feita com a couraça da cauda do tatu grande – **toró** (*Dasybus Gigas*). **Boré** é corrupção de **toro-ê**, donde **tor-ê**, **bor-ê**^{6A}.
- BORBOREMA** *corr.* De **por-por-eyma**, procedente de **pora-pora-eyma**, que significa privado de moradores, sem habitantes (**pora**); o deserto, a solidão, o sertão. 85. Rio Grande do Norte. Paraíba^{6B}.
- BOSARAY** *corr.* **Mbo-çará-y**, rio ou água de deslizar, isto é, por onde se fazia descer a madeira cortada na mata. Rio de Janeiro.
- BOSSOROCA** *corr.* **Yby-soroca**, a terra rasgada ou fendida; o rasgão no solo. *Alt.* **Ubussoroca**, **Bussoroca**, **Bossoroca**, **Vossoroca**. 132. São Paulo, Paraná, Minas Gerais.
- BOTUCATÚ** *corr.* **Ybytú-catú**, bons ares, clima bom. *Alt.* **Ubutuca-tú**, **Butucatu**. 77. São Paulo.
- BOTUCAVARÚ** *corr.* **Ybytu-cabarú**, o cavalo das nuvens; monte elevado onde as nuvens ficam a cavaleiro. 129. São Paulo⁷.
- BOTUJURÚ** *corr.* **Ybytu-jurú**, a boca do vento; garganta ou quebra-da por onde sopra o vento. 77. São Paulo.
- BOTUROCA** *corr.* **Ybytú-roca**, a morada do vento; cova donde sai o vento.
- BOY** *corr.* **Mboy**, a cobra, o ofídio em geral. *Alt.* **Boi**, **Moy**.
- BOYGUASSÚ** *corr.* **Mboy-guaçú**, a cobra-grande, a serpente^{7A}.
- BOYGUASSUGUABA** *corr.* **Mboy-guaçú-guaba**, o bebedouro da serpente; o viveiro da serpente. São Paulo.
- BRACAYÁ** *corr.* **Mbaracá-yá**, o que chocalha, ou imita o som do maracá ou chocalho. É o nome de um gato montês. V. **Maracajá**.
- BRACUY** *corr.* **Ybyrá-cuí**, a farinha-de-pau; o pó de madeira; farelo; a madeira que se desfaz em pó. Pode ainda **Bracuy** proceder de **ybiracúí-y** e significar o rio das gamelas. V. **Ibiracúí**. Rio de Janeiro.
- BRAUNA** V. **Barauna**.
- BREJAUVA** *corr.* De **Ybyrayá-yba**, a árvore de madeira rija. É uma palmeira de cuja madeira se serviam os índios para fazer os seus arcos. *Alt.* **Barajauba**, **Brajauba**, **Brejauba**, (*Astrocaryum ayri*). Minas, Rio de Janeiro.

6A V. nota 233.

6B Idem, 147.

7 Idem, 142.

7A Idem, 156.

- BÚ** *corr.* **Ybú** ou **y-bú**, a água que surge; o olho-d'água; o manancial. *Alt.* **Ubú, Obú**. Pode, ainda, o vocábulo **Bu** proceder de **bur**, surdir, emergir, sair donde estava oculto e, neste caso, **Bú** se traduz o que se embusca, o que tem por hábito armar emboscada e assaltar de surpresa e com estrondo. É o nome de uma nação selvagem do sertão da Bahia, conhecida na História por índios **Bús** – Bahia, Maranhão.
- BUCÚ** *corr.* **Mbucú**, o comprido, o longo, o extenso. Pernambuco.
- BUCUITUBA** *corr.* **Ybycui-tyba**, o areal.
- BUIQUE** *corr.* **Mboyg**, fazer manar; lugar de manadeiros, ou fontes. Pernambuco.
- BUJURÚ** *corr.* **Ybú-jurú**, a boca ou entrada da fonte.
- BULANDY** *corr.* **Bor-yandi**, o que dá azeite; madeira oleosa; pau-de-óleo. Pernambuco.
- BUPEVA** *corr.* **Yby-peba**, a terra baixa; a chá, a planície. 76.
- BURACICA** *corr.* **Ybyrá-icica**, o pau-de-resina; madeira resinosa, à semelhança da almécega, da qual, outrora, se faziam caixas para a exportação do açúcar. (*Laurínea*). *Alt.* **Buricica**. Bahia.
- BURANHEM** *corr.* **Ybyrá-nhê**, a madeira doce; pau de casca adocicada. (*Chrysophyllum glycyphlocum* Ried.). *Alt.* **Ibiranhem**.
- BURARAMA** *corr.* **Ybyrá-rama**, a região das madeiras, a terra das matas. Pernambuco.
- BURARÉ** *corr.* **Ybyrá-rê**, a madeira fétida; o pau catinguento. Pernambuco.
- BURÍ** *s.* A palmeira conhecida. (*Diplothemium caudescens*, Mart.). *Alt.* **Bury**.
- BURIQUI** *corr.* **Myra-qui**, gente que se bambaleia, que vai e vem. Nome de uma espécie de símios amarelados das matas do litoral. (*Ateles hypoxanthus*, Neuw.). *Alt.* **Muriki, Barigui, Baregui**. São Paulo.
- BURIQUIOCA** *corr.* **Buriqui-oca**, o refúgio ou paradeiro dos macacos. V. **Buriquí**. 122. São Paulo^{7B}.
- BURITAMA** *corr.* **Burf-tama**, a região dos buris. V. **Burf**. Ceará⁸.
- BURITY** *corr.* **Mbirity**, árvore que emite líquido; a palmeira. (*Mauritia Vinifera*, Mart.) *Alt.* **Murity, Mirity, Mority**. 108.
- BUTANTÁ** *corr.* **Yby-tantá**, a terra dura, firme; designava também, outrora, na língua geral, em contato com os portugueses – a taipa, o muro de terra socada. São Paulo. 76.

7B V. notas 257 e texto relativo.

8 Idem 173 e 175.

- BUTÚ** *corr.* **Ybytú**, o vento, o sopro, a ventania; o ar, o tempo, o clima. *Alt.* **Botú**. Pode ser ainda corrupção de **ybyty**, significando monte, cabeça, elevação do solo.
- BOTUCARAY** *corr.* **Ybyty-caray**, o monte santo. Rio Grande do Sul.
- BUTUQUARA** *corr.* **Ybytú-quara**, o buraco do vento; garganta do vento. Pode ser ainda derivado de **ybyty-quara**, significando a cova do monte. 77. São Paulo.
- BUTUPOCA** *corr.* **Ybyty-poca**, a montanha furada; o monte partido, arrebentado; o vulcão. *Alt.* **Vutupoca**. São Paulo, Minas Gerais.
- BUTURUNA** *corr.* **Ybytyr-una**, o monte negro; a serra negra. 81. São Paulo, Minas Gerais.
- BYTHURY** *corr.* **Ybytyr-y**, alterado para **bytur-y**, a água do monte; o rio da serra. Pernambuco.

C

- CAÁ** *s.* A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte; o mate (*Ilex paraguayensis*). *Alt.* **Cá**.
- CAACUPÊ** *s.c.* **Caá-cupê**, atrás do monte; por detrás da mata. Paraguai.
- CAAETÊ** *s.c.* **Caá-etê**, a mata verdadeira; o mato virgem; a floresta primitiva.
- CAAGUASSÚ** *s.c.* **Caá-guassu**, o matão; o mato alto. São Paulo, Paraguai.
- CAAPORA** *s.c.* **Caá-pora**, o morador do mato; o matuto; *adj.* Agreste.
- CAARERÚ** *s.c.* **Caá-rerú**, o prato de folhas; a beldroega.
- CAATÁ** *corr.* **Caá-antá**, o mato bravo. *Alt.* **Catá**.
- CAATYUA** *s.* O matagal; o mato cerrado. *Alt.* **Catyba**.
- CAAZAPÁ** *s.* É forma guarani correspondente, no tupi, a **çaçapaba**. V. **Çaçapava**. Paraguai, Argentina.
- CABA** *s.* A vespa, o marimbondo. *Alt.* **Cáua**, **Cava**, **Ca**; *adj.* gordo, oleoso; *s.*, a gordura, o óleo.
- CABAPOAMA** *s.c.* **Caba-poama**, vespas assanhadas.
- CABARÚ** *corr.* Do vocábulo português cavalo. *Alt.* **Cavarú**. No tupi-guarani **Cabayú**.
- CABARÚ-PARARANGA** O relincho ou nitrido do cavalo. São Paulo.
- CABARUTINGA** *s.c.* **Cabarú-tinga**, o cavalo ruço. *Alt.* **Cavarutinga**.
- CABAQUÁ** *corr.* **Caba-quá**, o buraco das vespas; aguilhão ou estilete do marimbondo.

- CABAXÍ** *corr.* **Caba-chi**, vespas luzidias, lustrosas. Bahia.
- CABAYBA** *s.c.* **Caba-ayba**, a vespa venenosa, má. Mato Grosso.
- CABECÊ** *s.* A abelha parda.
- CABIUNA** *corr.* **Caá-piuna**, a folha escura; a madeira preta. (*Ma-choerium*, Sp). É o chamado jacarandá-do-campo.
- CABOCLO** V. **Cabôco**.
- CABÔCO** *corr.* **Caá-boc**, tirado ou procedente do mato. 1119.
- CABONHA** *corr.* **Cab-onha**, o ninho de vespas; o enxame delas. Bahia.
- CABREUVA** *corr.* **Caburé-yba**, a árvore do **caburé**. *Alt.* **Caburehyba**, **Cabureúba**, **Cabureuva**. São Paulo.
- CABROBÓ** Não é tupi; procede de **cropobó**, na língua cariri, vale dizer, guerra, luta. Pernambuco.
- CABUÇÚ** *corr.* **Cab-uçú**, a vespa grande, o tavão; o marimbondo; uma variedade de abelhas. 109. *Alt.* **Caussú**, **Cassú**.
- CABUNA** *s.c.* **Cab-una**, a vespa negra; o marimbondo escuro. *Alt.* **Cabun**.
- CABURÉ** *s.* Uma espécie de mocho, ou corujinha (*Strix brasiliana*, Lath). *Alt.* **Caboré**, **Cauré**. Parece proceder de **cabu-ré**, que quer dizer – propenso às vespas escuras, ou que se alimenta delas. Pode proceder ainda de **caá-por-é**, dado a morar no mato. No Amazonas, o **Caburé** ou **Cauré** é uma espécie de gavião. (Falco).
- CABUREHYBA** V. **Cabreuva**.
- CAÇÁ** *corr.* **Caá-açá**, paus cruzados ou atravessados, cercado feito de tranqueiras.
- CAÇAPAVA** *corr.* **Caá-açapaba**, a clareira ou aberta na mata; travessia da mata. São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. *Alt.* **Casapá**.
- CAÇAQUERA** *s.c.* **Caçá-coéra**, as tranqueiras; os cercados ou currais. Pode significar também os cercados velhos, ou currais velhos. V. **Caçá**10.
- CACATÚ** *corr.* **Caá-catú**, mato ralo, fácil de penetrar; o cerrado. 88.
- CAÇAREMA** *corr.* **Caá-cerema**, a que não quer planta; espécie de formiga. Diz-se também **caceree**.
- CACEREBÚ** *corr.* **Cacira-bú**, a vespa escura, o marimbondo negro. V. **Cacira**. Rio de Janeiro.
- CACIRA** *corr.* **Ca-cira**, a vespa aguilhoante, pungente. V. **Caba**.
- CAÇUNUNGA** *corr.* **Ca-cyninga**, a vespa zumbidora, ou ruidosa. *Alt.* **Cacininga**, **Cacinunga**. V. **Caba**.

9 V. notas 100 e 102.

10 V. notas 9, 54 e 195.

- CAETÁ *corr.* **Caá-etá**, as matas; as plantas. É o plural de **caá**. Bahia.
- CAETÉ *corr.* **Caá-eté**, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga, 88. Minas Gerais, Pernambuco. *Alt.* **Caheté, Cahité**.
- CAETITÉ *corr.* **Caá-eté-té**, a mata verdadeira, extensa, o matão. Se o vocábulo, na sua forma primitiva, era **Caitaté**, como querem alguns, dada a sua composição – **caá-itá-té**, se traduzirá penedo destacado na mata, isto é, pedra de relevo dentro da mata. Bahia.
- CAHETÉ *s.* Nome de uma nação selvagem no território de Pernambuco. V. **Caeté**.
- CAHY *corr.* **Caá-y**, o rio da mata. Rio Grande do Sul. O nome **cahy** ou **caí** também se aplica a uma espécie de símio (*Cebus Azarae*), muito vergonhoso e tímido. **Caí**, *adj.* acanhado, medroso, tímido.
- CAIA *s.* A queimada, o incêndio. Diz-se também **Caita**. 57.
- CAIACANGA *s.c.* **Cai-acanga**, a cabeça chamejante ou em labaredas; é o nome do polvo, no tupi.
- CAIACICA *corr.* **Acayá-cica**, a resina da cajá. São Paulo.
- CAIAPÉ *corr.* **Acayá-apé**, a vereda ou caminho das cajazeiras. Pode também proceder de **caia-apé**, a vereda das queimadas. Pernambuco.
- CAIARÁ *corr.* **Acayá-rá**, semelhante a cajá, ou a cajá falsa. Diz-se também **Cajarana**. Pernambuco.
- CAIABÚ¹¹ *corr.* **Caá-ybú**, a fonte ou olho-d'água da mata. Pode ser também **ca-ybú**, a fonte das vespas. Rio Grande do Sul.
- CAIÇÁRA *corr.* **Caá-içara**, a estacada, o tapume, o cercado, a trincheira. *Alt.* **Caiçá**^{11A}.
- CAINANA *corr.* **Acá-inan**, a cabeça agitada; a embravecida.
- CAÍPE *corr.* **Caá-y-pe**, no rio da mata. Bahia. *Alt.* **Cahype**. V. **Cahy**.
- CAIPÉ *corr.* **Caá-y-pé**, a vereda do rio da mata. Pernambuco.
- CAIPIRA *corr.* **Caí-pyra**, o envergonhado, o tímido^{11B}.
- CAIPORA *corr.* **Cai-pora**, o que tem fogo; o que queima. Pode proceder também de **caí-pora**, que significa o que tem acanhamento, ou que é corrido. Pode proceder ainda de **caá-pora**, o morador do mato, o habitante da mata, o matuto, agreste. É um gênio da mitologia selvagem. 125.
- CAIRUÇÚ *corr.* **Cai-r-uçú**, a queimada grande. São Paulo.
- CAITÁ *corr.* **Caitaba**, a queimada, o incêndio. *Alt.* **Caitava**.
- CAITÉ *corr.* **Caá-ité**, o mato discorde, variegado; o mato feio. Pernambuco.

11 2ª ed., caibú.

11A V. nota 195.

11B *Idem*, 100.

- CAJÁ** V. **Acayá**.
- CAJAHYBA** *corr.* **Acayá-yba**, a árvore da cajá; a cajazeira. (*Spondias brasiliensis*). Bahia.
- CAJARANA** *corr.* **Acayá-rana**, a cajazeira parecida; a cajazeira falsa. (*Cabralea Cangerana*, Vieill.). *Alt.* **Cangerana**.
- CAJÚ** V. **Acayú**.
- CAJUBURA** *corr.* **Acayú-byra**, o cajueiro renovado; renovos de cajueiros. São Paulo.
- CAJURÚ** *corr.* **Caá-jurú**, a boca da mata. São Paulo, Minas Gerais. 88.
- CALUMBY** *corr.* **Caá-r-umby**, a folha azulada, arroxeadas, o anil. V. **Cayuby**. *Alt.* **Carumby**, **Catumby**.
- CALUNDÚ** *corr.* **Acã-nundú**, a cabeça esquentada; afogocamento; mau humor, arrufos, capricho.
- CAMA** s. O peito, os seios; o papo; elevação, proeminência, cabeça. *Alt.* **Cam**, **Cã**.
- CAMAÇARY** *corr.* **Cama-çary**, a lágrima do peito, isto é, o fio de leite; alusão à matéria leitosa que deita a árvore deste nome, quando ferida. Pode também proceder de **caá-moçary** que quer dizer planta que lacrima. Madeira de que, outrora, se faziam caixas para a exportação do açúcar. Bahia.
- CAMACUÃ** s.c. **Cama-cuã**, ou **cama-guã**, o bicho do peito; colina ponteguda; cabeça íngreme. Rio Grande do Sul.
- CAMAMBÚ** *corr.* **Cama-mbur**, o peito que entesa, ou ressalta.
- CAMAMÚ** *corr.* **Cama-m-un**, o peito negro; espécie de ave aquática. Bahia.
- CAMAPUÃ** *corr.* **Cama-poã**, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso.
- CAMARÁ** *corr.* **Caá-mbará**, a planta variegada; a planta de folhas de várias cores. (*Lantana C.*). *Alt.* **Cambará**, **Capará**.
- CAMARAGÍBE** *corr.* **Camará-gy-be**, no rio dos camarás. Pernambuco, Alagoas. V. **Camará**.
- CAMARATIBA** *corr.* **Camará-tyba**, o sítio ou local dos camarás; onde abundam os camarás. V. **Camará**.
- CAMBA** s. O negro africano, no guarani. Paraguai.
- CAMBAÍ** s.c. **Cambá-i**, o negrinho. Paraguai.
- CAMBAQUÁ** *corr.* **Cambá-quara**, o esconderijo dos negros. Rio Grande do Sul.
- CAMBOATÁ** s.c. **Caabo-oatá**, anda pelo mato. É o nome do peixe (*Cataphractes*), que se transporta através do mato, de uma água para outra, por ocasião de seca. *Alt.* **Cambotá**, **Camuatá**.

- CAMBUCY** *corr.* **Cambu-chi**, o vaso d'água, o pote, cântaro. *Alt.* **Camucy, Camucim, Camotim, Camoti**. São Paulo. Pode proceder, ainda, de **caá-mbocy**, significando fruto de duas partes juntas. 70.
- CAMBUY** *corr.* **Caá-mboy**, a planta ou folha que se desprende. (*Myrtacea*).
- CAMBUQUIRA** *corr.* **Caá-ambyquyra**, a planta gelada; grelos; folhas tenras. Minas Gerais.
- CAMBUTA** *corr.* **Cam-butá**, o peito saliente, emergente. Bahia.
- CAMBY** *s.* O leite. *Alt.* **Camy**.
- CAMIN** *s.c.* **Cam-f**, o peitinho, o seio pequeno.
- CAMINHOÁ** *s.c.* **Camí-yoá**, o peitinho liso. Bahia.
- CAMIRIM** *s.c.* **Caá-mirim**, a folhinha, a matinha, a plantinha.
- CAMUCIM** *V.* **Cambucy**.
- CAMUCIATÁ** *corr.* **Camucy-etá**, os potes, os cântaros. 25. Bahia.
- CAMUNDÓ** *s.c.* **Caá-mondó**, trabalhar no mato; caçar. 116.
- CAMURY** *s.* O robalo. (*Sciaena, undecimalis*, Bloch.). *Alt.* **Camurú, Camburú**. Peixe saboroso de água doce, abundante no Baixo São Francisco.
- CAMURUGIPE** *corr.* **Camury-gy-pe**, no rio dos robalos. Bahia. *V.* **Camury**. *Alt.* **Camurigy**. Pernambuco.
- CAMURUPIM** *s.* O peixe conhecido. *Alt.* **Camboropf**.
- CAMUTANGA** *corr.* **Acã-mytanga**, a cabeça vermelha, a crista. Pernambuco.
- CAMUTIM** *V.* **Cambucy**.
- CANDEÁ** *corr.* **Can-teá**, limpo, bonito, são, perfeito.
- CANEÚ** *corr.* **Caneñ**, a canseira, a fadiga, o enfado. São Paulo.
- CANGA** *s.* O osso, o caroço, o núcleo; *adj.* seco, enxuto. *Alt.* **Can, Cã**.
- CANGAÇÁ** *corr.* **Acanga-açaba**, a travessia da cabeceira. Pernambuco.
- CANGAMBÁ** *corr.* **Acanga-ambá**, a cabeça vazia, o estonteado. (*Me-phitis suffocans*).
- CANGATAR** *corr.* **Acanga-tara**, o ornato ou enfeite da cabeça. *Alt.* **Canitar**.
- CANGAÚ** *corr.* **Acanga-ú**, o beber nas cabeceiras; o bebedouro das nascentes. Pernambuco.
- CANGERANA** *V.* **Cajarana**.
- CANGOARY** *corr.* **Canguerf**, enfraquecido; é o amarelão ou opilação, entre os índios.
- CANGOÉRA** *corr.* **Canga**, os ossos, a ossada. 25. São Paulo¹².

12 *V.* notas 9, 54 e 168.

- CANGUSSÚ *corr.* **Acang-uçú**, a cabeça grande. Nome de uma espécie de onça. Bahia, Rio Grande do Sul.
- CANHANGA *corr.* **Caá-nhanga**, a planta animada, odorífera. (*Myristica Macrophila*).
- CANINDÉ *s.* A arara de azul retinto e amarelo. É a mesma **Araúna**. (*Ara ararauna*, L.). *Alt.* **Calindé**.
- CANITAR *V.* **Cangatar**.
- CANNARANA *s.c.* **Canna-rana**, a cana falsa, ou que simula a cana. Palavra híbrida, usada no Amazonas, para designar a cana-brava.
- CANNATUBA *corr.* **Canna-tyba**, o canavial. Palavra híbrida.
- CAOBY *corr.* **Caá-oby**, a folha azul, arroxeadas; o anil. *Alt.* **Cayoby**, **Caiuby**.
- CAOBIMPARÁ *corr.* **Caá-oby-pará**, o mar de anil, mar azul. Nome que a tradição dá a uma das amantes do Caramuru, entre os Tupinambás da Bahia. *V.* **Caoby**.
- CAOCAIA *corr.* **Caá-ocaia**, o mato que se queima: a queimada. São Paulo. *Alt.* **Caucaia**.
- CAPANÊ *V.* **Capanema**.
- CAPANEMA *corr.* **Caá-panema**, mato imprestável, ruim; madeira fraca. Bahia.
- CAPÃO *corr.* **Caá-pão**, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo. 88.
- CAPARA *corr.* **Caá-apara**, o pau torto; a folha torta. Pode vir de **yg-para**, significando rio torto; o canal curvo. São Paulo. 117.
- CAPEBA *corr.* **Caá-peba**, a folha chã, ou plana.
- CAPEMA *corr.* **Caá-pema**, o pau esquinado, ou com arestas; o madeiro lavrado, com quinas. Pernambuco. Designa especialmente o estojo dos cachos novos das palmeiras. *Alt.* **Capemba**.
- CAPENGA *corr.* **Cã-penga**, o osso torto, quebrado; o manco. *V.* **Canga**.
- CAPERUSSÚ *corr.* **Caapoera-ussú**, capoeira grande, ou, como se diz comumente, a capoeira grossa. Bahia. *V.* **Capoeira**.
- CAPIM *corr.* **Caapii**, a planta de folha fina; a erva miúda.
- CAPIBARIBE *corr.* **Capibara-y-be**, no rio das capivaras. Pernambuco. *Alt.* **Capiberibe**. *V.* **Capivara**.
- CAPIÇURÁ *corr.* **Caapii-çurá**, semente de capim. Pernambuco.
- CAPIMIRIM *corr.* **Caapii-mirim**, o capinzinho; o capim fino.
- CAPITIBA *corr.* **Caapii-tyba**, o capinzal, o sítio de capim. *Alt.* **Capituba**.
- CAPIVARA *corr.* **Caapii-uára**, o comedor de capim; o herbívoro. (*Hydrochoerus Capybara*). 75. *Alt.* **Capiguara**, **Capibara**.

- CAPIVARY** *corr.* **Caapiuar-y**, o rio das capivaras. Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. *Alt.* **Capibary**. 75. 109.
- CAPIXABA** *corr.* **Cô-pichaba**, a lavoura, a roçada. 11813.
- CAPOAME** *corr.* **Caá-poã-me**, no mato em pé; no mato que se isola num campo, na mouteira ou silvado. Bahia¹⁴.
- CAPOAVA** *corr.* **Caá-poaba**, a cobertura de folhagem; obra de palha. Pode ser **caá-mboaba**, a vestimenta de folhagem. É o abrigo na roça.
- CAPOEIRA** V. 8815.
- CAPONGA** *corr.* **Caá-ponga**, mato batido; o pau sonoro ao percutir-se. *Alt.* **Capunga**. Pernambuco.
- CAPUTERA** *corr.* **Caá-apytêra**, o meio da mata. São Paulo.
- CAPUTYRA** *corr.* **Caá-potyra**, a flor do mato.
- CAPUVA** *corr.* **Caá-puba**, o pau mole; a erva podre. São Paulo.
- CARÁ** *corr.* **Carã**, redondo, circular. Pode proceder de **acará**, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. (*Chromis Acará*). V. **Acará**. Designa também uma planta tuberosa (*Dioscorea*), como o inhame de São Tomé.
- CARACARÁ** *corr.* **Carãe-carãe**, o arranhador, uma espécie de gavião. (*Polyborus vulgaris*, Vieill.) *Alt.* **Carcará**. Ceará, Norte do Brasil.
- CARACITUBA** *corr.* **Cara-cin-tyba**, o local das raízes de cará. Pernambuco.
- CARAÇUÍPE** *corr.* **Acará-açu-y-pe**, no rio dos grandes acarás.
- CARACÚ** *corr.* **Acaracú**, alteração de **acaraú**, ou melhor, **acarahú**, cuja última sílaba era fortemente aspirada. Nome de um rio e de uma localidade do sertão do Ceará, famosos pelo seu gado bovino. Com este nome **Caracú** se designa uma espécie de gado de pêlo fino e curto e cauda também fina, no Sul do Brasil. Como os currais do rio São Francisco, por muitos anos, se supriram de gado cearense e piauiense, e o gado mineiro, o goiano e o paulista procedem, quase todo, daquele rio (Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil*), mui provável é que o apelido **Caracú** venha daquela região cearense, que, segundo o Pe. M. Ayres do Casal (*Córografia Brasileira*), por muitos anos, assim se denominou. 75. V. **Acaracú**.
- CARACUNDAIA** *corr.* **Carã-cundai**, a trama do cercado. Pernambuco.
- CARAGUÁ** V. **Carauá**.

13 V. notas 215, 216 e 217.

14 Idem, 150.

15 Para este verbete, que escapou na 3ª edição, v. notas 138A, 149, 216 e 217.

- CARAGUATÁ *corr.* Carauá-tã, o carauá rijo, duro.
- CARAGUATATUBA *corr.* Caruatá-tyba, o sítio dos gravatás, ou onde abundam essa bromeliáceas. 129. São Paulo.
- CARAGUATAHY *corr.* Carauatã-y, o rio dos gravatás.
- CARAHÍ *s.* Uma espécie de símio. (*Nyctipithecus vociferans*, Sp.).
- CARAHIBE *corr.* Caraf-y-pe, no rio dos carafs. V. Carahi.
- CARAHÚ *corr.* Acará-ú, o bebedouro dos acarás, ou rio dos acarás. Pernambuco. É nome também de batatas e carás anegrados.
- CARAHYBA *adj.* Forte, duro, valente, sábio; sagrado, santo. *Alt.* caray, caryba, carfua, carahy.
- CARAJÁ *corr.* Carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos. O gentio deste nome, em Goiás, é assim apelidado pelos seus contrários.
- CARAMA *s.* O círculo, a circunferência. *Alt.* Carã.
- CARAMAQUARA *s.c.* Carama-quara, o buraco circular; o poço, o redondo. *Alt.* Caramequara.
- CARAME (*expressão*) Carã-me, em círculo, em redondo.
- CARAMEGUÁ *s.c.* Carame-guá, a vasilha em redondo; a caixa, a canastra. Designava especialmente uma cabaça grande com tampa.
- CARAMEMÔ *s.c.* Carame-mô, feito em círculo; de forma redonda; o tonel, a pipa, segundo J. de Léry.
- CARAMEMOÁ *s.c.* Caramemô-am, o tonel alto; a pipa em pé. Bahia.
- CARANÁ ou carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo carnaúba. 198.
- CARANAHYBA *corr.* Caraná-yba, a palmeira carnaúba.
- CARANCHO *corr.* Carãe, o que arranha, dilacera com as unhas. São Paulo. É nome de gavião. V. Caracarã.
- CARANDÁ V. Caraná.
- CARANDAHY *s.c.* Carandá-y, o rio das carnaúbas. Minas Gerais. Pode significar também bica, cano, calha. Pab. C.
- CARANDAHYBA *s.c.* Carandá-yba, a palmeira carnaúba (*Copernicia cerifera*). *Alt.* Carandeuba, Crandeuba, Crendeuba.
- CARANDEÚBA V. Carandahyba.
- CARANHA *adj.* Arranhada, esgaravatada, sulcada.
- CARAPEBA V. Acarapeba.
- CARAPEBÚS *corr.* Acarapeb-ú, as carapebas escuras. Rio de Janeiro.
- CARAPIÁ *s.* Troço, pedaço. A árvore conhecida. (*Dorstenia*).
- CARAPICÚ *corr.* Acará-pucú, o acará comprido, esguio. V. Acará.
- CARAPINA *corr.* Carapin, tirar a casca grossa; descascar, lavar. Como *adj.*: aparado, cortado curto, breve.

T.S. retirou "Caramuru" na 3ª edição. *Murá - Molhado*, só mesmo no nheengatu.

- CARARÁ** *s.* O mergulhão. (*Sula brasiliensis*). Amazonas.
- CARAUÁ** *corr.* **Cará-uã**, talo armado de espinho, nervura farpada; bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. *Alt.* **Crauá**. Norte do Brasil.
- CARAUATÁ** *V.* **Caraguatá**.
- CARAUÍPE** *corr.* **Cara-ü-y-pe**, no rio dos carás escuros. *V.* **Carahú**. Pernambuco.
- CARAUNA** *s.c.* **Cará-una**, o cará escuro. O mesmo que **carahú**. Pernambuco.
- CARAY** *s.* O apelido do homem branco, europeu, entre os tupis significando o mesmo que **carahyba**, de que é forma contrata. *V.* **Carahyba**.
- CARÍ** *V.* **Caray**. 110.
- CARIBA** *V.* **Carahyba**, 110¹⁶.
- CARIBÉ** *s.* Uma bebida feita de farinha de mandioca, água, mel de abelha e ovos de tartaruga. Assim é no Amazonas. *Alt.* **Carimbé**, **Carimé**.
- CARIBOCA** *corr.* **Carí-bóca**, tirado ou procedente do branco, do europeu. No Norte do Brasil, diz-se **curiboca**. *V.* **Caray**, **Carí**¹⁷.
- CARIÍÓ** *corr.* **Carí-yó**, o descendente de branco, de europeu; aquele que tem mistura de sangue europeu. *Alt.* **Carijó**. *V.* **Cari**. No Amazonas designa uma espécie de gavião¹⁸.
- CARIÓ** *corr.* **Cari-yó**, o procedente do branco, europeu. Designa também um galináceo de penas. pretas e brancas. A ave pedrês. 110.
- CARIMAN** *corr.* **Quirin-mã**, o bolo tenro, ou punhado de coisa macia. É o produto da mandioca fermentada e amolecida.
- CARIOCA** O mesmo que **carió** ou **cariyó**; *corr.* **cari-oca** ou **cari-boc**, o mestiço descendente de branco. 110. Pode vir ainda de **cary-oca**, significando a casa do branco, a residência do europeu. Rio de Janeiro. Os naturais da cidade do Rio de Janeiro são chamados **cariocas**^{18A}.
- CARIOS** *corr.* **Cariós** ou **caryós**, grafia usada por autores espanhóis para o nome da nação tupi-guarani, habitando a costa do Brasil, de

16 *V.* notas 191 e 243.

17 *Idem*, 190 e 191. *V. Auto de São Lourenço*, verso 515.

18 *Idem*, *ibidem*.

18A *Idem*, *ibidem*.

Cananéia para o Sul, chamada por outros índios dos Patos, ou simplesmente, índios Patos. V. **Carijó**.

CARIRY *corr.* **Kiriri**, *adj.* taciturno, silencioso, calado. Nome de uma numerosa nação selvagem que, outrora, dominou grande extensão do Brasil, da Bahia para o Norte, concentrando-se, mais tarde, nos sertões do Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco. No Amazonas, designa uma espécie de gavião.

CARÍUA V. **Cariba** ou **Carahyba**.

CARNAHUBA *corr.* **Caraná-yba**, a palmeira *Copernicia cerifera*. 108. V. **Caraná**. Nordeste do Brasil.

CARNAHYBA V. **Carnahuba**.

CARNIJÓ *corr.* **Carany-yó**, o cará se arranca; onde se colhe o cará, o cará rugoso ou nodoso (**carañy**). Pernambuco.

CAROBA *corr.* **Caá-roba**, a folha ou planta amarga. (*Bignoniácea*).

CAROVY **Caarob-y**, o rio das carobas. Pode vir ainda de **caá-r-oby**, a folha azul, o anil. Rio Grande do Sul.

CARUÁ V. **Carauá**.

CARUARA *s.c.* **Carú-uara**, o que come ou corrói; a comichão, o prurido; sarna, boubas. No Norte do Brasil, é uma moléstia que ataca o gado, trazendo-lhe inchação e paralisia nas pernas e corrimentos. Com o mesmo nome se conhece uma espécie de formiga, que dá nas árvores, cuja mordedura coça como sarna, e também uma qualidade de abelha, cujo mel é nocivo.

CARUARÚ *s.c.* **Caruar-ú**, a aguada das caruaras: alusão à fonte ou água que, na localidade, produzia a moléstia da caruara, no gado. Pernambuco.

CARUMBÉ *s.* O macho do jabuti. Amazonas; *corr.* **cara-mbé**, o casco achatado, ou aplainado. Designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte de minério. Minas Gerais. *Alt.* **Caramé**, **Carambé**, **Carombé**.

CARURÚ *corr.* **Caá-rurú**, a folha grossa, inchada, aquosa; a planta mucilagínosa. (Batista Caetano). Pode proceder ainda de **caá-rerú**, o prato de ervas, feito de folhas. Bahia.

CARUTAPERÁ *s.c.* **Carú-tapéra**, as ruínas do celeiro, ou do depósito de gêneros. Maranhão.

CASSACUÉRA *s.c.* **Caiçá-cuéra**, os cercados, as tranqueiras ou currais. 25. Significa também os currais velhos; as cercas extintas. São Paulo.

CASSÚ **Cabuçú**.

CASSUÁ *corr.* **Caá-açolá**, a cobertura de folhas; o anteparo de folhagem; a trama ou tecido de paus ou de cipós; seirão de cipós para cangalha.

CASSUNUNGA V. **Caçununga**.

CASSUPIN *corr.* **Ca-uçú-pin**, a picada do marimbondo ou vespão. V. **Cabuçú**. Pernambuco.

CATÁ *corr.* **Caá-tã**, a folha áspera; mato espaçado em campo sujo; mato ralo; o cerrado. 69.

CATAGUÁ *corr.* **Caá-tã-guá**, ou **catá-guá**, o que é do cerrado ou do mato ralo; o habitante do cerrado. Designava, outrora, uma nação selvagem dos sertões de Minas Gerais – chamada dos **Cataguás** ou **Cataguazes**. V. **Catá**.

CATANDUVA *corr.* **Caatã-dyba**, o local do mato ralo, ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade. 88. São Paulo, Minas Gerais. V. **Catã**.

CATAPORA *corr.* **Tatá-pora**, o fogo interno; o afogoeamento; a febre eruptiva; erupção. 78.

CATÊTE *corr.* **Tatetú** ou **tāytetú**, o dente aguçado, ou pontiagudo. É o porco-montês (*Dicotyles*). *Alt.* **Caitetú**, **Catêto**.

CATIMBÁO *corr.* **Caá-tymbá**, o pau muito alvo. Pernambuco.

CATINGA *corr.* **Caá-tinga**, o mato branco, alvaco, especial das regiões secas do Brasil de Nordeste. Pode o vocábulo proceder ainda de **caá-t-enga**, o mato ralo, que deixa vácuos de perneio, isto é, o mato aberto. 73, 83.

CATIPARÁ *s.* A formiga macho das saúvas. Amazonas.

CATOLÉ Não parece de procedência tupi; é vocábulo do sertão com que se denomina a palmeira (*Atalea humilis*). *Alt.* **Catulé**, **Caculé**, **Cacolé**.

CATÚ *adj.* Bom, bonito; *adv.* bem, bastante. É denominação de vários rios do Brasil.

CATUAMA *corr.* **Caá-tuam**, o mato taludo, crescido. Pernambuco. Pode vir ainda de **acatuam** que significa à direita, do lado direito. Nome que tem a boca direita ou setentrional do canal que separa a ilha de Itamaracá do continente.

CATUCÁ *corr.* **Catú-caá**, a mata boa, espessa. Pernambuco.

CATUCAHEM *corr.* **Catú-caem**, bem seca; o que a gosto se enxuga. É uma espécie de sobre (*Rhopala glabrata*).

CATUGY *s.c.* **Catú-g-y**, o rio bom; a aguada boa.

CATUMBY *corr.* **Caá-t-umby**, a folha azul; o mato verde; o anil. *Alt.* **Calumby**, **Cayoby**, **Carumby**. Rio de Janeiro. Pode também vir de **caá-tumby** e significa ao pé do monte, à beira da mata.

CATURAMA *s.c.* **Catú-rama**, o que há de ser bom; a boa ventura, o que virá para bem. *Alt.* **Gaturama**, **Gaturamo**.

CAÚ *v.* Beber vinho; **caá-ú**, bebem mate.

CAUÃ V. **Acauã**.

- CAUANE *s.* Espécie de tartaruga.
- CAUCAIA *corr.* **Caá-ocaia**, a queimada da mata; a queimada. São Paulo.
- CAUÉRA *s.* O beberrão, o borracho. Amazonas.
- CAUIM *corr.* **Cauf**, o vinho, a aguardente. Amazonas. Pode vir também de **acayú-y**, a água ou suco do caju de que se fabrica o vinho¹⁹.
- CAUYPE *s.c.* **Caú-y-pe**, no vinho do caju, ou donde vem o vinho do caju. Bahia.
- CAUNA *corr.* **Caá-uma**, a folha escura, qualidade de mate. Rio Grande do Sul.
- CAURÉ *v.* **Caburé**.
- CAVARÚ *corr.* A modo do tupi, da palavra cavalo. *Alt.* **Cabarú**. 124.
- CAVARÚ-CANGOÉRA *s.* A ossada do cavalo; a caveira deste animal.
- CAVARÚ-PARARANGA *s.* O relincho do cavalo. São Paulo.
- CAVAYÚ-RETÃ *s.* A região dos cavalos. Rio Grande do Sul.
- CAVERÁ *corr.* **Caá-berá**, a folha brilhante ou luzidia, qualidade de mate. Rio Grande do Sul.
- CAVETÁ *corr.* **Caba-etá**, as vespas, os marimbondos. 25.
- CAVIUNA *v.* **Cabiuna**.
- CAXANGÁ *corr.* **Caá-çangá**, o mato dilatado, estendido. Pernambuco.
- CAYAPÓ *corr.* **Caia-pór**, gente de queimadas; nação selvagem que tem por hábito queimar o campo para caçar. Goiás.
- CAYARY *corr.* **Acayá-r-y**, o rio das cajás.
- CAYRÚ *corr.* **Caá-y-ru**, a árvore de folha escura; uma variedade de mangue de fruto preto. Bahia.
- CAYUÁ *corr.* **Caá-yuá**, o morador do mato, o errante ou nômade. Nome de uma nação selvagem do vale do Panamá.
- CAYUBÍ *corr.* **Caá-yobi**, a folha azul; o anil. *Alt.* **Caoby, Cayobi, Cauby**.
- CAZUMBÁ *corr.* **Cab-umbá**, a vespa muito preta, retinta. *v.* **Caba**.
- CEARÁ. *corr.* **Cê-ará**, fala ou canta o papagaio; José de Alencar, no *Iracema*, traduziu livremente *canto da jandaia*. 190. É nome de procedência obscura.
- CEÇARY *corr.* **Ceçá-r-y**, a lágrima dos meus olhos (**ceçá**).
- CECI *s.c.* **Ce-ci** ou **ce-aci**, a minha dor; o meu pesar. Pode proceder de **ce-cy**, a minha mãe.
- CEEM *s.* O açúcar, o doce. Amazonas.
- CEEMRERÚ *s.c.* **Ceem-rerú**, o vaso do açúcar; o açucareiro. Amazonas.

19 *v.* notas 225 e 226.

- CEKÍSAUA *s.* O espichamento. Amazonas.
- CEMBYRA *s.* Pedaco, fragmento.
- CEPIPIRA *corr.* **Cibe-pira**, ou **cibepyra**, alisada, lisa. Árvore de tronco liso e boa madeira. (*Bowdichia*). *Alt.* **Cipipira**, **Sepepira**, **Sucupira**, **Sapepira**.
- CEUCY *corr.* **Chiu-cy**, a mãe do pranto, ou choro; uma pequena coruja. Designa também as Plêiades, no céu do Amazonas.
- CHÁ *s.* Forma contrata de **eçá**, pronunciado **echá**, o olho, a vista. *Alt.* **Çá**, **Chá** 19A.
- CHACURÚ *corr.* **Yaci-rú**, o que é tristonho. Nome da ave pequena, vulgo, manuel-tolo, ou mandu-tolo (*Capito Melanotis*, Temm.).
- CHAMA *s.* A corda, o liame. *Alt.* **Çamá**, **Çamba**, **Çam**, **Cham**.
- CHANGUÁ *s.* **Çam-guá**, a corda redonda, o rodeio. Pernambuco.
- CHICHÁ *s.c.* **Chi-chá**, liso, brilhante à vista. É uma planta de folha cor de ouro e reluzente. (*Sterculia*). Amazonas, Maranhão, Piauí, Goiás.
- CHICHUY *corr.* **Chichuf-y**, rio dos pintassilgos. **Chuchuf** é a voz onomatopaica de aves canoras, como também de andorinhas. *Alt.* **Je-juf**, **Jujuf**. Rio Grande do Sul.
- CHIIQUERA *s.* **Chif-coéra**, as andorinhas. 25. Martius diz ser a ave **Quer-ker** (*Vanellus cayennensis*, Vieill).
- CHIPIÚ *s.* A ave Fringilla, que é o nosso tico-tico.
- CHIQUE-CHIQUE Não parece voz tupi. É o nome de uma cactácea do gênero *Cereus*, comuníssima nas terras secas do sertão. Bahia, Pernambuco. Nordeste do Brasil.
- CHIRÚ *corr.* **Che-irú**, o meu próximo, o meu semelhante. Rio Grande do Sul. V. **Irumo**, **Irú**.
- CHOPI ou **Chopim**, nome de um pássaro, como um tordo, vulgo, vira-bosta. (*Cassicus*). Rio Grande do Sul.
- CHÓPOTÓ Não é voz tupi. Minas Gerais.
- CHORÓ *adj.* Correntoso, impetuoso, ruidoso. Ceará.
- CHORORÃ *adj.* Ruidosa. Nome de uma espécie de inambu. (*Crypturus Variegatus*, M.).
- CHUÉ *adj.* Tardo, vagaroso, ridículo. Nome de uma espécie de tartaruga.
- CHURI *s.* A ema, uma das denominações que esta ave tem no guarani, Mato Grosso, Paraguaí.
- CHUY *s.c.* **Chu-y**, o rio dos **chufs**. **Chui**, voz onomatopaica com que se designam vários passarinhos, entre outros, o pintassilgo. Rio Grande do Sul. Pode ser ainda corrupção de **chué-y**, que quer dizer rio das tartarugas.

- CININGA** *s.v.* O tinido, o zumbido. *Alt.* **Cinunga, Sininga**^{19B}.
- CIPIPIRA** *adj.* Alisada, esfregada, brunida. Alteração de **cybepira**. *Alt.* **Cipepira, Sucupira, Suco-pira, Sebipira.** (*Bowdichia*).
- CIPÓ** *corr.* **Içá-pó**, literalmente, *galho-mão*, que é o mesmo que dizer *galho apreensor* que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. *Alt.* **icepó, cepó, çapó, sipó.**
- CIPÓTUBA** *corr.* **Içapótyba**, donde procedem **içapotuba, çapotuba, cipótuba**, que significam: o sítio dos cipós, cipoal, lugar onde essas plantas sarmentosas abundam. V. **Cipó.**
- CIPOÚBA** *corr.* **Içapó-yba**, donde **içapouba, cipouba**, significando a árvore dos cipós, a árvore enovelada de cipós. V. **Cipó.**
- CIRY** *s.* Procedente de **ciri**, deslizar, correr para trás. Nome aplicado a uma variedade de crustáceos, abundantes nas praias arenosas. *Alt.* **Siry, Sery.** É o caranguejo armado de duas pontas (**cir**) ou esporões, nas extremidades do casco.
- CÔ** *s.* A roça, a colheita, a plantação, a limpa. 118. Como *adj. det.* este, esta, estes, estas.
- COARACY** *s.c.* **Co-ara-cy**, a origem deste tempo; a mãe deste dia. Nome dado ao Sol. V. **Guaracy.**
- COARACYABA** V. **Guaracyaba.**
- ÇOBAYGUARA** *s.c.* **Çobay-guara**, o vivente da outra banda; o morador da banda d'além; o estrangeiro. 110^{19C}.
- COBÉ** *s.* A existência, a vida. Bahia.
- COCÁ** *s.* A matalotagem, as provisões de viagem, os víveres.
- COCAHÚ** *s.c.* **Cocá-ú**, comer a matalotagem; aguada junto à qual se come a matalotagem; a água da merenda. Pernambuco.
- COCHA** *s.* Vocábulo kichua que significa lagoa, alagadiço, pantanal. Peru, Bolívia.
- COCHÓ** Não é vocábulo tupi, mas, sim da língua tapuia, e muito provavelmente da dos **kaingángs**; equivalente a **goyó**, que significa rio. Bahia.
- COÇÚ** *s.c.* **Cô-uçú**, a roça grande. São Paulo. V. **Cô**^{19D}.
- COCYSAUA** *s.* Antiguidade, vetustez.
- COCYUARA** *adj.* Antigo, velho.
- CODÓ** *s.* Não é vocábulo tupi, mas sim da língua cariri, significando dardo, arma de arremesso. Maranhão.

19B V. notas 185 e 186.

19C V. nota 239.

19D Idem, 218.

- COEMA *s.* A manhã; a parte do dia desde o nascer do sol até às 9 horas.
- COÉRA *adj.* Velho, extinto, passado, antigo. *Alt.* **cuéra, cuér, cué; guéra, boéra, poéra.** 72. É sufixo na formação do plural dos nomes. 2519E.
- COERANA *corr.* **Kiy-rana**, a pimenta falsa; frutinha que imita a pimenta (*Cestrum*). Bahia. *Alt.* **Coirana**.
- COGOËRA *s. pl.* **Cog-éra**, tragos, sorvos, chupões. É como os tupis chamavam seus charutos, feitos de folhas de tabaco secas, envolvidas em palha e atadas em ambas as extremidades, numa das quais deitavam o fogo, e na outra, chupavam e tragavam. (*Roteiro do Brasil*). As cogoêras, ou charutos do gentio, tinham dois e mais palmos de comprido.
- COITÉ *corr.* **Cúi-eté**, vasilha verdadeira, capaz; a cuia. (*Crescentia Cuyeté*, L.). Pernambuco, Bahia, Nordeste do Brasil. *Alt.* **Cuité, Cuieté**.
- COIVARA *corr.* **Cô-uara**, o jazente da roça, de referência ao mato cortado ou roçado que espera pela queimada, depois de seco. V. **Cô**. O termo **uára** é derivado de **u** ou **ub**, *v. intr.*, fazer, estar deitado; pode afetar duas formas – **uara, ubara**, e daí o vocábulo tupi **cô-uara** ou **cô-ubara**, donde procede **coivara**. A **coivara** é, entretanto, a queima dos tassalhos incombustos.
- COLUMBY V. **Calumby**.
- COLUMIM *corr.* **Curumí**, o menino, a criança; o rapaz. *Alt.* **Cunumí**.
- COLUMNJUBA *corr.* **Curumí-yuba**, o menino amarelo; a criança pálida. Ceará.
- COMANDÁ *s.* O feijão, a fava, o legume. *Alt.* **Comaná, Cumaná**.
- COMANDATUBA *corr.* **Cumandá-tyba**, o feijoal, o sítio dos feijões. Bahia. 118.
- COMBUCA *corr.* **Cuia-mbuca**, a cabaça furada. *Alt.* **Cumbuca**.
- COMEDOY *corr.* **Comand-oy**, o feijão que, por si mesmo, se solta. É o nome dado ao **mulungá** pelo gentio.
- COMUNATY *corr.* **Cumaná-tí**, o feijão branco. Alagoas, Pernambuco.
- CONDAPUHY *corr.* **Condá-poí**, o enroscado fino; o búzio.
- CONDEÚBA *corr.* **Condá-yba**, a árvore dos caracóis, ou de frutos retorcidos. Bahia.
- CONGOGY *s.* Não é voz do tupi, mas, da língua dos Camacãs. **Congegí** é o mesmo **saguim** da língua geral. Bahia.

- CONGONHA** *corr.* Congôl, o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade (*Ilex Congonha*). Minas, Bahia.
- COPAHYBA** *corr.* Cupa-yba, a árvore de depósito, ou que tem jazida; alusão à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, precioso, para cuja extração, em época própria, a dos grandes calores, se procede como se o tronco fosse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo, a certa altura, para a introdução do ar, e sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver. (*Copai-fera*). *Alt.* Copaiwa, Copauva, Cupay, Cupahyba.
- COPAÚBUÇÚ** *corr.* Cupayua-uçú, a copaíba grande; nome dado pelo gentio à figueira brava ou gameleira (*Ficus doliaria*).
- COPICHABA** *corr.* Copixaba ou copixaua, a roça, a plantação. 118. *Alt.* Capichaba, [Capixaba]. Amazonas, Espírito Santo²⁰.
- COPIM** *corr.* Copif, o térmita ou formiga-branca. *Alt.* Cupim.
- COREAHÚ** *corr.* Curiá-hú, ou curiá-ú, o comedouro dos curiás, ou viveiro dos curiás, pequenos patos d'água doce. Era o nome primitivo que tinha a cidade da Granja. Ceará.
- COREMAY** *corr.* Curimã-y, o rio das curimãs. Pernambuco.
- COROMATÁ** *corr.* Curimatã. Pernambuco.
- CORONDEÚBA** *corr.* Corondí-yba, árvore medicinal. Minas, Bahia, Goiás. *Alt.* Crundeuba, Crindiuba.
- CORUMBÁ** *corr.* Curú-mbá, o banco de cascalho. Mato Grosso.
- CORUMBATAHY** *corr.* Curimatã-y, o rio dos curimatãs. 109.
- CORUTUBA** *corr.* Curú-tyba, o seixal, o sítio dos seixos.
- COTIGY** *corr.* Acutí-g-y, o rio das cotias. Pernambuco.
- COTIGYPE** *corr.* Acutí-g-y-pe, no rio das cotias. Cotias. Bahia.
- COTIM** *corr.* Cû-tin, ou cu-tinga, a língua branca; o pano triangular que serve de vela às embarcações. V. *Cutinga*.
- COTINDIBA** *corr.* Cutin-d-yba, a árvore de vela; o mastro. Sergipe.
- COTINGUIBA** *corr.* Cuting-yba, a árvore de vela: o mastro. V. *Cotindiba*. *Alt.* Cotunguba²¹.
- COVOÁ** *s.* Não parece proceder do tupi. É nome que, nos sertões de Goiás, designa montículos de todos os tamanhos, de um até dez metros de altura, multiplicados em imensa superfície. O covoá é atribuído às formações ou térmitas. (Pimentel. *Brasil Central*).
- COXIM** *s.* Não é tupi. Na língua kaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. *Alt.* Cuxiim.

20 V. notas 149, 215 e 217.

21 V. nota 208.

- CRAJAUNA** *corr.* **Carayá-una**, o mono preto. Nome de um monte à margem do rio Una de Iguape. São Paulo.
- CRAVASSÚ** *corr.* **Carauá-assú**, gravatas grandes. Bahia.
- CRICARÉ** *corr.* **Kiri-kerê**, o que é propenso a dormir, o dorminhoco. Nome que davam os índios a uma planta mimosácea, como a sensível. Espírito Santo. É o nome indígena do rio São Matheus.
- CRUANGY** *corr.* **Curuã-g-y**, o rio das curuanhas; árvores silvestres que crescem à margem do rio. Pernambuco.
- CRUEIRA** *corr.* **Curuéra**, troços, fragmentos; pedaços da mandioca ralada que não passam na peneira²².
- CRUMATAHY** V. **Corumbatahy**.
- CRUSSAHY** *corr.* **Curuçá-y**, o rio da cruz. Pernambuco.
- CU** *s.* A língua, o órgão da fala.
- CUARA** *s.* O buraco, o orifício, a cova. V. **Quara**.
- CUARAIM** *corr.* **Cuara-im**, o buraquinho, a covinha.
- CUARÍ** *s.c.* **Cuara-ĩ**, o buraquinho.
- CUATÉ** *s.c.* **Cuá-té**, o poço desfeito ou transformado.
- CUCA** *s.* O trago, o que se engole de vez. Designa uma espécie de coruja.
- CUÇÚ** *corr.* **Cô-uçú**, a roça grande. São Paulo.
- CUÉ** *adj.* Contração de **cuéra**, mais freqüente no guarani. Paraguai.
- CUÉPE** *s.c.* **Cué-pe**, no meneio; na manobra; na vivenda.
- CUÉRA** *adj.* Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. 25. *Alt.* **Coéra, Coér, Coé**²³.
- CUÍ** *s.* A farinha; o pó. *Alt.* **cuy, uy**. 11924.
- CULUMIÚ** *corr.* **Curumí-u**, o rapaz preto, o moleque.
- CUMÁ** *corr.* **Cumã**, a fuligem, o negro de fumo. Maranhão. Significa também a fava.
- CUMARÍ** *corr.* **Cu-mborí**, o que excita a língua. É o nome indígena da pimenta.
- CUMARÚ** *corr.* **Cu-mborí**, o que excita a língua. Nome indígena da *Dipterix odorata*, de sementes de um cheiro suavíssimo, as chamadas favas de tonca, empregadas para comunicarem o seu aroma ao tabaco. Amazonas.

22 *Idem*, 223.

23 *Idem*, 9, 54 e 101.

24 *Idem*, 222 e 225A.

- CUMBACA** *corr.* **Cû-mbaca**, a língua virada. É uma espécie de rá. Rio de Janeiro, Bahia.
- CUMBE** Não parece proceder do tupi; mas se o for, pode-se aproximar de **cum-be**, que quer dizer, na língua; ou se equiparar a **cumbí**, que vale dizer, barbicacho, cabeção. Bahia. Pernambuco.
- CANAPÚ** *s.c.* **Cû-apú**, língua ruidosa. Nome dado ao mero.
- CUNHÃ** *s.c.* **Cû-nhã**, a língua que corre; a linguaruda. A mulher, a fêmea dos animais.
- CUNHAMBEBE** *corr.* **Cû-nhã-béba**, a língua move-se rasteira, para exprimir que fala devagar e baixo. É o homem de fala mansa. Assim se chamava o astuto chefe dos Tamoios, morador no Ariró. Falava a modo de D. João III, de Portugal, seu contemporâneo, de quem dizia frei Luís de Sousa: "Adquiriu el-rei por arte e uso falar tão devagar e com tanta pausa que, falando, parecia que se escutava e ia pensando o que dizia." (*Anais de D. João III*). O chefe tamoio era como esse rei manhoso de que nos fala o ilustre cronista. Os escritores franceses, como Thevet e Léry, escreveram o nome desse chefe – **Konian-Bebe** ou **Konian-Beck**²⁵.
- CUNHANDÁ** *s.c.* **Cû-nhandá**, a língua estendida, alongada, de referência a um banco arenoso.
- CUNHAPIRÚ** *s.c.* **Cunhã-pirú**, o passo, ou vau das mulheres. Rio Grande do Sul.
- CUNHAÚ** *s.c.* **Cunhã-u**, por **cunhã-una**, a mulher negra; a negra. Pode ser ainda **Cunhã-u**, e significar a aguada das mulheres. Pernambuco.
- CUPECÊ** *s.c.* **Cû-pecê**, a língua partida. Pode ser ainda **côpecê**, a roça dividida. São Paulo.
- CUPEVA** *s.c.* **Cû-peba**, a língua rasteira, em alusão ao índio de fala mansa, vagarosa. Era o nome do chefe tupinambá da aldeia em que morou o Caramuru. *Alt. Cupeva* ou *Gupeva*²⁶.
- CUPIM** *v.* **Copim**.
- CUPIOBA** *corr.* **Copif-oba**, o envoltório do cupim; a cobertura deste térmita; a termiteira ou casa de cupim. Bahia.
- CURI** *corr.* **Curii**, o pinhão, o fruto do pinheiro (*Araucaria brasiliensis*)^{26A}.
- CURIA** *s.* Nome de uma espécie de palmípedes pequenos.

25 *V.* notas 22 e 23.

26 *Idem*, 22.

26A *Idem*, 178.

- CURIACHÍ** *corr.* **Curiá-g-y** ou **curiá-y**, aguada dos **curiás**. V. **Curiá**. Bahia.
- CURICA** *s.* O papagaio todo verde.
- CURIMBABA** *corr.* **Kirimbaba**, a força, a valentia, o valor.
- CURITUBA** V. **Curityba**.
- CURITYBA** *s.c.* **Curif-tyba**, o pinhal, o sítio dos pinheiros. Paraná. 10827.
- CURUÇÁ** *Corr.* da palavra portuguesa cruz, tal como a usavam os índios catecúmenos²⁸.
- CURUCUTÚ** Voz onomatopaica com que os índios designavam uma espécie de coruja parda, com duas penas na cabeça, simulando chifres. É o mocho orelhudo. (*Bubo magellanicus*).
- CURUPÁ** *s.c.* **Curú-pá** ou **curú-páua**, o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. *Alt.* **Gurupá**. Pará.
- CURUPACÉ** *s.c.* **Curú-pacé**, o pedrouço destacado.
- CURUPIRA** *s.* **Curupyra**, o chagado, o indivíduo coberto de pústula. Nome de um gênio da mitologia selvagem, que presidia aos maus sonhos e pesadelos.
- CURUQUERÊ** *s.c.* **Curú-quer-ê**, a lagarta propensa a dormir, a larva. São Paulo.
- CURURUPE** *s.c.* **Curú-r-y-pe**, no rio dos seixos. Alagoas. Pode o nome **Cururipe** ser uma alteração de **Cururupe**, como escreveu frei Vicente do Salvador, na sua *História do Brasil*, e, nesse caso, é vocábulo composto de **cururú-y-pe**, e se traduz no rio dos sapos. É o nome do rio em frente de cuja barra naufragou o primeiro bispo do Brasil, D. Pêro Fernandes Sardinha, em 1556.
- CURURÚ** *s.* **Cururú** ou **curorô**, o roncador; o sapo grande. (*Pipa Cururú*).
- CURURUIM** *s.c.* **Cururú-í**, o sapinho. Amazonas.
- CURURUPEBA** *s.c.* **Cururú-peba**, o sapo miúdo, inferior. Era o nome de um principal do gentio da bafa de Todos os Santos.
- CURUYRA** *s.* Voz onomatopaica, designando uma avezinha dos telhados, cujo cantar diz distintamente **curuyra**.
- CURUZÚ** Alteração da palavra cruz entre os guaranis; equivale ao **curuçá** dos tupis.
- CUTIA** *corr.* **Agutí** ou **a-cutí**, o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras. (*Dasyprocta aguti*). *Alt.* **Cotia**. 109.

27 V. notas 55 e 178.

28 *Idem*, 35A.

- CUTIETÁ *s. pl.* *Acutf-etá*, as cutias. Rio de Janeiro.
- CUTIETAZES *corr.* *Acutietás*, de que se fez plural à portuguesa – *cutietás*, escrito, não raro, no século XVI, *cutietáz*, como *guayanaz*, *papanaz*, *goitacaz*, cujos plurais ainda deram *cutietazes*, *guayanazes*, *papanazes*, *goitacazes*.
- CUTINGA *s.c.* *Cû-tinga*, a linga branca; alusão ao pano triangular que serve de vela às embarcações. *Alt.* *Cotinga*^{28A}.
- CUTINDIBA *V.* *Cotindiba*.
- CUTINGUIBA *V.* *Cotinguiba*.
- CUTUBA *corr.* *Cutu-bae*, o que fere; o cortante.
- CUTUNDUBA *V.* *Cotindiba*.
- CUY *s.* O ouriço (*Cercolabes Villosus*, Mart.). Diz-se vulgarmente **cuim**.
- CUYABÁ *s.* Segundo Lacerda e Almeida, era o nome da tribo selvagem que habita o sítio, onde é hoje a capital do Estado de Mato Grosso. Se for nome de procedência tupi-guarani, *Cuyabá* é o mesmo que *cui-abá*, significando o homem da farinha, o farinheiro.
- CUYAMBUCA *corr.* *Cuya-mbuca*, a cuiá furada; a cabeça furada. Pernambuco.
- CY *s.* Mãe, a genitora; a origem; o princípio; a fonte, o manancial.

E

- EÇÁ *s.* O olho, os olhos. *Alt.* *Çá*, *Teçá*, *Reçá*.
- EÇAUNA *s.c.* *Eçá-una*, os olhos negros. *Alt.* *Çauna*. Bahia.
- EIRA *s.* A abelha; a mãe do mel. *Alt.* *Eir*²⁹.
- EIRATIM *corr.* *Eíra-tí*, a abelha-branca. *Alt.* *Iratim*.
- EIRUBA *s.c.* *Eir-ub*, a mãe do mel, a abelha-mestra. *Alt.* *Eiruva*.
- EIRUCÚ *s.c.* *Eir-uçú*, a abelha-grande. *Alt.* *Iruçú*.
- EIXÚ *s.c.* *Ei-x-ú*, a abelha-negra. *Alt.* *Exú*.
- EMBAÊS *corr.* *Mbaê*, as coisas, os teres ou haveres. Bahia.
- EMBAHY *s.c.* *Emba-y*, o rio ou água de socavão, ou que surge de conduto natural subterrâneo.
- EMBAYBA *s.c.* *Emba-yba*, a árvore de oco, ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. É a árvore da mata, vulgarmente chamada **Im-**

28A *Idem*, 208.

29 *V.* nota 27.

baúba (*Cecropia*). *Alt.* **Ambahiba, Embahyba, Embahuba, Imbahyba, Umbahuba**^{29A}.

EMBAÚ *s.c.* **Emba-ú**, o beber da bica; a bica. São Paulo, Minas Gerais. Pode ainda proceder de **mbá-ú**, que quer dizer o beber do extremo, a derradeira aguada. No tupi amazônico, **mbaú** significa o comido, a comida, como pode significar a bebida.

EMBAÚBA V. **Embayba**.

EMBIAÇABA *corr.* **Mbeaçaba**, a travessia do caminho; ponto do rio ou esteiro onde o caminho vai ter ou atravessa para a outra margem. O porto. *Alt.* **Imbiaçaba, Biaçaba, Biaçá, Piaçá, Peaçá**. São Paulo. V. **Biaçá**.

EMBIARA *corr.* **Mbiara**, a caça, o pescado; lugar apto para caçar ou pescar. Bahia. *Alt.* **Imbiara**.

EMBIRA *corr.* **Mbira**, o descascado, o tirado da casca. É a entrecasca resistente de certas árvores, servindo para corda. *Alt.* **Imbira**.

EMBIRETÊ *corr.* **Mbir-etê**, a verdadeira ou boa embira.

EMBIRUÇÚ *corr.* **Mbir-uçú**, a embira grande; a casca grossa.

EMBIRIBA *corr.* **Mbir-yba**, o pau de embira, a árvore que dá embira.

EMBIRÍCICA *corr.* **Mbir-irici**, a feira de embira, a cambada. Ceará.

EMBITUBA *corr.* **Mbi-tyba**, o sítio das embiras, onde há embira em abundância. *Alt.* **Imbituba**.

EMBÓ *corr.* **Em-bó**, o que tem vazio, oco; a cana, a virga. *Alt.* **Embú**.

EMBOABA *corr.* **Mboaba**, *c.* **mbo-aba**, fazer com que se ofenda; mover agressão; agredir. Inúmeras têm sido as interpretações dadas a esta palavra – **emboaba** – de procedência tupi. Pelos seus elementos componentes – **mbo-aba** – o vocábulo tupi representa uma ação, como se pode ver: **mbo** é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se *fazer com que*; **aba** é o substantivo derivado do verbo **ab** – ferir, ofender, quebrar. Assim, **mboaba** se traduzirá a provocação, a agressão, a hostilidade; não é um epíteto individual. Chamar, portanto, **emboaba** a um indivíduo é já no sentido de que ele é do bando da agressão, da grei dos provocadores. São Paulo, Minas Gerais. *Alt.* **Imbuaba, Embuava, Buava, Boava**^{29B}.

EMBOAÇABA *corr.* **Mbo-açaba**, faz que atravessa, a ação de atravessar, a passagem. Designa um lugar, à margem do Tietê, vizinho de São Paulo, onde se passava o rio na estrada do sertão e onde se

29A Idem, 177.

29B V. nota 188.

- mandou levantar um forte ou tranqueira para defesa da cidade, no século XVI. *Alt.* **Emboaçava, Boaçava.** São Paulo.
- EMBOAÇÚ** *corr.* **Amboá-áçú**, a centopéia grande; mais propriamente é uma lagarta verde, pintada de preto, com a cabeça branca; outras há pintadas de vermelho e preto e de meio palmo de comprido. Rio de Janeiro.
- EMBURANA** *V.* **Umburana.**
- ENCONHA** *corr.* **Y-côi**, o que é gêmeo, o par.
- ENGÁ** *V.* **Ingá.**
- ENGAGUAÇÚ** *corr.* **Ingá-guassú**, o ingá grande. Pode proceder ainda de **yguá-guaçú**, a baía grande, o lagamar extenso. São Paulo. Hans Staden.
- ENAPOPÉ** *V.* **Inhapopé.**
- EPI** *s.* O alicerce, a fundação. Amazônia.
- EPIACABA** *s.v.* **Epiacaba**, a ação de ver; a vista.
- ERA** *V.* **Cuéra.**
- ERAÇOABA** *s.v.* A condução, o transporte.
- ERAÇOARA** *s.v.* O carregador; o condutor; o que transporta.
- ERÊ** Não é tupi o vocábulo, mas da língua **kaingáng**, significando campo, palha, erva. Rio Grande do Sul, Santa Catarina.
- ERERÊ** *s.* A marreca; pequeno palmípede. Pará. Amazonas.
- ERIRY** *corr.* **Riry**, a ostra.
- ESGARAVATANA** *corr.* **Yguarapá-tã** ou **ybirapá-tã**, o arco li-nheiro, reto. É o tubo de dez a doze palmos de comprido com que o selvagem sopra uma pequenina seta com bucha de algodão, introduzida no mesmo. Amazonas.
- EXÚ** *corr.* **Eichú** ou **eira-chú**, abelha-negra, a que faz um ninho ru-goso, áspero. *Alt.* **Enxú, Inchú.** Ceará. Pernambuco.

G

- GAIAMUM** *corr.* **Guaia-m-un**, o caranguejo preto ou azulado. Bahia. Era, antigamente, chamado pelo gentio **guaiarará**, crustáceo dos mangues, muito liso, de cor apavonada, e casco redondo. *Alt.* **guaiamũ.**
- GAMBÁ** *corr.* **Guá-mbá**, o ventre aberto, a barriga oca. (*Didelphys*).
- GAMBÔA** *corr.* **Caá-mbó**, o fecho ou cinta de ramagens. Antiga-mente **cambôa** (de **cambó**) que é como os índios chamavam o cer-

- cado, feito de galhos e ramagens, à entrada dos esteiros para apañar peixe. Bahia. No guarani, **caabó**.
- GARAÇÚ** *corr.* **Igara-açú**, a canoa grande, o barco, o navio. 115. Pernambuco.
- GARANHUNS** *corr.* **Guara-nhu**, o indivíduo escuro; os pássaros pretos (**guirá-nhū**). Pernambuco.
- GARAPA** *corr.* **Guarapa**, o gerúndio-supino de **guarab**, o revolvido, remexido; é a bebida adoçada com mel ou açúcar para refresco; designa hoje mais especialmente o caldo da cana.
- GUARAPÚ** *corr.* **Guará-pú**, o ruído dos guarás. Pernambuco.
- GARGAÚ** **Guaraguá-ú**, o peixe-boi pasta; o comedouro do peixe-boi. V. **Guaraguá**. Paraíba.
- GAROPÁ** *corr.* **Ygara-paba**, o lugar das canoas, o porto. *Alt.* **Igara-pá, Igaropá**.
- GAROPABA** *corr.* **Ygara-paba**, o porto, o surgidouro das canoas. Santa Catarina. *Alt.* **Garopá**.
- GATIUBA** *corr.* **Caá-t-yuba**, o pau amarelo. Pernambuco.
- GATURAMO** *corr.* **Caturama**, o que bom será; alusão a que a ave deste nome, se colhida em gaiola, se torna excelente no cantar. É o **gurinhatá**, do Norte do Brasil.
- GENEUNA** *corr.* **Yanf-una, yandf-una**, o óleo escuro, o suco negro; alusão à polpa anegrada da fruta da árvore deste nome, mais conhecida por **Cannafistola**. (*Cassia brasiliiana*, L.). *Alt.* **Geneuva, Janauba, Janauma**.
- GENIPABÚ** *corr.* **Yanipáb-ú**, onde se comem genipapos. Pernambuco.
- GENIPAPO** *corr.* **Yanipab** ou **yandipab**, podendo escrever-se **nhandipab**, que se decompõe **yandi-ipab**, e significa fruto das extremidades que dá suco. O termo **yandi** ou **nhandi** exprime suco, óleo, o que ressuma, e o final **ipab** é o composto de **ibápab**, contrato em **f-pab**, que se traduz fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantas as extremidades dos seus galhos.
- GENIPAVALHY** *corr.* **Genipaba-y** ou **yanipab-y**, o rio dos genipapeiros. Bahia.
- GEREBA** *corr.* **Yereba**, o girante, o que volteia; é o nome dado ao urubu-rei, grande voador. (*Cathartes aurea*).
- GEREMA** V. **Jurema**.
- GEREMOABO** *corr.* **Gerema-oabo**, as geremas a brotarem; renovos de geremas. Pode ser também corrupção de **gerumū-oabo**, as abóboras nascendo; a vazante, ou plantação de abóboras. Bahia.

- GEREMUM *corr.* **Yurú-m-un**, o peçoço escuro; é o nome de uma variedade de abóbora grande. (*Cucurbita maxima*, D.). *Alt.* **Girimum, Jurumum.**
- GERICINÓ *corr.* **Yarf-cin-6**, o cacho liso fechado; é o perianto das flores do gerivá, a bainha que as protege, a qual, seca, se abre em duas partes côncavas como canoas, a que o vulgo chama **catolé**. Nome de uma localidade e serra no Rio de Janeiro.
- GERIVÁ *corr.* **Yari-ibá, yari-ib-á**, o fruto que cai à toa. *Alt.* **Giribá.**
- GERÚ *corr.* **A-jurú**, boca de gente; fala como gente. É o nome dos pagaios. *Alt.* **Agirú, Ajurú.** Sergipe.
- GÊS Nome de uma nação tapuia dos sertões, também apelidada Cran. O verdadeiro modo de pronunciar **gê** é **ghê**. Bahia, Maranhão, Goiás³⁰.
- GETY *corr.* **Yetyc**, enterrada, afincada; a batata. *Alt.* **Gity, Giti.**
- GIA *corr.* **Gihi**, a rã grande, de cor escura. Bahia.
- GIARY *corr.* **Gihi-r-y**, a água, ou rio das rãs. Bahia.
- GIBOIA *corr.* **Gihi-boy**, a cobra de rãs; o ofídio que se alimenta de rãs.
- GIJOCA *corr.* **Gihi-oca**, o viveiro ou paradeiro das rãs. É uma lagoa no Ceará.
- GIPARANÁ *corr.* **Dj-paraná**, o rio do machado. Amazonas, Pará.
- GIRAO *corr.* **Y-rau**, suspenso da água, ou da umidade. Construção sobre forquilhas para evitar os efeitos da água ou da umidade; estrado feito de varas.
- GIRIMUM V. **Geremum.**
- GIRUCOÁ V. **Jurucuá.**
- GITIRANA *corr.* **Yetyrana**, a batata-falsa; o que simula batata. Bahia.
- GITIRANABÓIA *corr.* **Yakirana-boy**, a cigarra-cobra, ou a cigarra manchada como cobra. (*Fulgora lanternaria*). Sobre este inseto curioso pesa a injusta acusação de venenoso. O qualificativo **boy**, que lhe deu o índio, não lhe veio pelo veneno, que não tem, mas sim pelas manchas que apresenta, como as de um ofídio venenoso. 119.
- GITITUBA *corr.* **Yeti-tyba**, o batatal, o sítio das batatas. Nome de uma serra em Alagoas.
- GOIARARÁ *corr.* **Guayá-ra-rá**, o caranguejo furta-cor; é o crustáceo muito liso e de cor apavonada. (*Roteiro do Brasil*, cap. 139).
- GORUTUBA *corr.* **Curú-tyba**, seixal, pedregal; o sítio dos seixos ou calhaus. Minas Gerais.

30 Não é tal. Gês pronuncia-se à portuguesa: jês. Di-lo expressamente Martius, o autor da denominação, em sua *Etnografia*, v. I, p.258.

- GOYÁ *corr.* Guayá, c. guá-yá, o indivíduo semelhante, parecido, ou gente da mesma raça. Documentos antigos falam em guayás e guayazes, designando uma nação selvagem. Goiás. 109.
- GOYABA *corr.* Acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. (*Psidium*). Nome de uma variedade. *Alt.* Guayaba.
- GOYANA Antigamente Gueena (Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, de 1627), ou Guayana, que designa uma planta indigófera. Pernambuco.
- GOYANAZ V. Guyanaz.
- GOYAZ V. Goyá.
- GOYTACAZ *corr.* Guay-atacá, o indivíduo corredor, veloz; a gente andeja, nômade. 109, 129. Rio de Janeiro. *Alt.* Guaytacá.
- GOYTARACA *corr.* Guay-taráca, o que muda de cor; coisa de cores cambiantes. É o nome de um trecho da serra dos Aimorés. Bahia. V. Boytaraca, Baetaraca.
- GOYTY V. Oity, Gutf.
- GRAMAME *corr.* Guiramame, c. Guirá-mã-me, no bando dos pássaros, na passarada. Em documentos antigos, escrevia-se também – Aramame, c. Ará-mã-me, que se traduz no bando dos papagaios ou das araras. Paraíba do Norte. O vocábulo indígena ainda admite outra interpretação: pode proceder de guaramamo que se traduz cerca, curral, manga, rodeio.
- GRAPECICA *corr.* Guara-pecica, o indivíduo liso, polido; e também madeira lisa. Santa Catarina.
- GRAPUITÁ *corr.* Guara-puitá, o indivíduo vermelho; a madeira avermelhada ou parda. Rio Grande do Sul. *Alt.* Grapuetan.
- GRAUNA *corr.* Guirá-una, o pássaro-preto.
- GRAUÇÁ *corr.* Guara-uçá, o caranguejo de buraco. Pequeno crustáceo que vive em covas na areia da praia e serve de isca aos pescadores. Antigamente guaiaussá. Bahia.
- GRAVATÁ V. Caruatá e Caraguatá.
- GRAVATAHY *corr.* Caruatá-y, o rio dos gravatás. Rio Grande do Sul.
- GRUMICHAMA Antigamente guamichã, c. guami-chã, o que pega ao comer; alusão ao fruto adocicado e mucilaginoso desta árvore do Brasil. (*Eugenia brasiliensis*). *Alt.* Comichã, Guamichã, Guamichava, Gumichá, Grumixama, Grumichaba e Guabichã. V. Guami, *pref.*
- GRUPIARA *corr.* Curú-piara, o que jaz ou fica entre seixos; jazida em cascalhos. Minas Gerais.

- GUABA *s.* A ação de comer ou beber; a comida, a bebida; o lugar de comer ou beber. A forma correta é **uaba**, do verbo **u** e do sufixo substantivador **aba**, ou **auá**. *Alt.* **Guava, Guá, Guab.**
- GUABÍ *pref.* Para exprimir a comer, para comer; as provisões, os mantimentos. Diz-se também **Guami**.
- GUABIJÚ *corr.* **Guabí-yú**, o comestível amarelo, alusão ao fruto amarelo da planta deste nome. Rio Grande do Sul.
- GUABIRABA *corr.* **Guabí-rab**, o comestível cheio de pêlos; a fruta peluda ou tomentosa, razão por que também se chama **Cabeluda**. É o fruto da *Eugenia brasiliensis*. *Alt.* **Guabirava, Guabirá.**
- GUABIROBA *c.* **Guabi-iroba**, o comestível amargo, ou fruto que trava. No Rio Grande do Sul é a *Engenia variabilis* ou **xanthocarpa**; no Pará, é a *Engenia myrobalana*. *Alt.* **Guaviroba, Guabi-rova, Guamiroba.**
- GUABIROTUBA *corr.* **Guabiró-tyba**, o guabirotal, ou o sítio das guabirotas. São Paulo.
- GUABIRÚ *c.* **Guabí-r-ú**, o que devora o mantimento; o rato (*Mus-tectorum*). *Alt.* **Guavirú, Guamirú.**
- GUABIRUJÚ *c.* **Guabirú-jú**, o rato de espinho (*Echynomys*).
- GUABIRUTUBA *corr.* **Guabirú-tyba**, a rataria; o sítio dos ratos. *Alt.* **Guavirutuba.**
- GUACHO *s.* Voz onomatopaica da ave *Cassicus hoemorrhous*.
- GUAÇATUNGA *c.* **Gua-açá-tunga**, o que atravessa névoas nos olhos, ou o que turva a vista. É uma planta medicinal.
- GUAÇÚ *s.* No tupi do Sul, exprime **veado**; no tupi costeiro diz-se **suaçú**, **alís çoó-açú**, que quer dizer, a *caça grande, animal de vulto*. Como adjetivo, exprime *grande, grosso, largo, amplo*. No tupi primitivo, dizia-se **uaçú**; com o contato do português, apareceu a letra **g** inicial, e se passou a dizer, na língua geral, **guaçú**, como em quase todas as palavras começadas por **u**, da língua primitiva. *Alt.* **açú, oaçú, uçú**^{30A}.
- GUAÇÚ-BOY *c.* **Guaçú-mboy**, a cobra de veado. V. **Guaçú**.
- GUAÇÚPITÁ *c.* **Guaçú-pitá**, o veado pardo, ou vermelho. Rio Grande do Sul.
- GUAHY *c.* **Guá-y**, água em seio, enseada, baía.
- GUAHYBA Antígamente **guaybe**, *c.* **gua-y-be**, que quer dizer na enseada, na baía. Rio Grande do Sul, São Paulo.
- GUAIAÍ *c.* **Goá-i-á**, o que é como bola, roliço; o caranguejo. Pode ser corrupção de **guá-yá**, o que mora em buraco; o encovado. *Alt.* **Goaiá, Guayá, Guajá.**

30A Af o autor está equivocado. V. notas 124 e 156 e 180.

- GUAIMĨ** *s.* A mulher velha. Diz-se também **guaibĩ**.
- GUAIMICOARA** *corr.* **Guaimĩ-quára**, o buraco da velha; o poço da velha. *V.* **Guaimĩ**. É também o nome indígena do peixe roncador. (*Roteiro do Brasil*).
- GUAIMIHY** *corr.* **Guaimĩ-y**, o rio das Velhas. Minas Gerais. Em documentos de 1600 e 1603, o grande afluente da direita do rio São Francisco é chamado **Guaibihf**.
- GUAIMĨ-PARÁ** *s.c.* A *velha Pará*, tratamento familiar, carinhoso, entre índios e portugueses, dado à *velha Paraguassú*, mulher de Diogo Álvares Caramuru, já viúva e muito honrada no seio de sua numerosa descendência, na Bahia. Outros escreveram erroneamente – **Caayobim-Pará** ou **Cuayobim-Pará**. O nome **Pará**, aqui, é simples abreviação de **Paraguassú**.
- GUAJAHÚ** *corr.* **Goaiá-ũ**, o caranguejo-escuro. Pode ainda ser corrupção de **goaiá-ú** que exprime, o caranguejo come, isto como que a dizer seva ou comedouro dos caranguejos. *V.* **Guaiá**.
- GUAJAHY** *corr.* **Goaiá-y**, o rio dos caranguejos. Rio Grande do Norte. *V.* **Guaiá**.
- GUAJAJARAS** *corr.* **Goaiá-yara**, o que é destro na caça aos caranguejos. São índios do Maranhão.
- GUAJARÁ** *s.* É o nome de uma árvore amazônica, uma variedade de abiu. **Pará**.
- GUAJERÚ** *corr.* **Guá-yary**, o que tem cachos, ou frutos em penca. (*Chrysobalanus*). *Alt.* **Guajirú, Guajarú, Guajurú**.
- GUANABARA** Antigamente **Guanabará**, *c.* **goaná-pará**, o lagamar. Rio de Janeiro. 95.
- GUANANDI** *corr.* **Guá-nhandf**, o que é grudento; alusão ao líquido glutinoso e visguento, de um amarelo fino, que tem a árvore deste nome. (*Calophyllum brasiliense*, S. Hill.). *Alt.* **Guanantim, Oanandy, Olandy, Urandy, Landy, Lantim**.
- GUANHÃES** *corr.* **Gua-nhã**, aquele que corre; o corredor. Nome de uma tribo selvagem de Minas Gerais.
- GUANUMBY** *corr.* **Gua-nũ-oby**, o indivíduo preto azulado. É a ave-zinha – beija-flor. (*Trochilidae*). Os índios a tinham como mensageiro da outra vida. *Alt.* **Guanamby, Gainumby**.
- GUAPACARÉ** *corr.* **Gua-upá-caré**, a lagoa torta da baixada, ou antes o braço do rio. São Paulo.
- GUAPARAYBA** *c.* **Gua-pará-yba**, a árvore das enseadas ou sacos. (*Rhizophora Mangle*). O mangue vermelho.
- GUAPÊ** *c.* **Gua-apé**, o que serve de caminho; alusão às folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho

- às aves. Pode ser também corrupção de **guá-peba**, o que é chato ou plano. (*Nimphéa*). *Alt.* **Aguapé**.
- GUAPEBA** *s.* O mesmo que **guapé**, no guarani. *V.* **Guapé**. Designa também uma madeira branca (*Lucuma Sp.*) empregada no fabrico de caixões e de violas ou **guararapebas**. É também o nome indígena da fava-de-santo inácio, ou cabeça-de-frade. *Alt.* **Guapeva**.
- GUAPI** *V.* **Guapira**.
- GUAPIARÃ** *c.* **Gua-piarã**, do fundo do vale, ou da baixada; o que jaz no fundo, ou ocupa o fundo da concavidade.
- GUAPIASSÚ** *c.* **Guapí-açú**, a cabeceira grande. Rio de Janeiro.
- GUAPIRA** *c.* **Gua-apira**, o começo do vale; as cabeceiras; as nascentes. *Alt.* **Guapi**, **Guapy**.
- GUAPITANGA** *c.* **Guá-pitanga**, a madeira vermelha. Rio Grande do Sul.
- GUAPITANGUY** *corr.* **Guá-pitang-y**, o rio dos paus vermelhos (**guapitanga** ou **guarapitanga**). Rio Grande do Sul.
- GUAPUY** *c.* **Guá-puy**, o indivíduo delgado; o pau fino, o cipó. *Alt.* **Guarapuy**.
- GUARA** *s. verb.* De **ú** ou **gú**, comer, beber. **Guara**, o mesmo que **uara**, quer dizer o que come; o que se alimenta; o que devora; o vivente, o indivíduo, o ente. *Alt.* **Guá**, **Guar**, **Quá**. No Sul do Brasil, é afixo na denominação das madeiras. Como sufixo, indica procedência, nacionalidade^{30B}.
- GUARÁ** *s.* A garça vermelha, a ave aquática (*Ibis rubra*). É freqüente a troca de **guirá**, pássaro, ave, por **guará**.
- GUARABÚ** *corr.* **Guara-b-ú**, o indivíduo roxo ou escuro; alusão à cor roxa da madeira desta árvore. (*Atronium Concinnum*, Schott). *Alt.* **Garabú**, **Guaravú**, **Guarahú**.
- GUARACAPÁ** *c.* **Gua-aracapá**, o escudo, ou rodela de couro e também de vime, para servir contra os tiros de flecha.
- GUARCAPEMA** *corr.* **Guara-acã-pema**, o indivíduo de cabeça esquinada. O dourado. (*Coryphaena Equisetis*).
- GUARACY** *c.* **Guara-cy**, a mãe dos viventes; o criador da gente; o sol. Pode ser ainda corrupção de **co-ara-cy**, a mãe deste dia; a mãe do dia; o sol. *Alt.* **Cuaracy**, **Goaracy**.
- GUARACIABA** *corr.* **Guaracy-aba**, os cabelos ou raios do sol; o cabelo louro. Nome da mulher equivalente a **Laura**. *V.* **Guaracy**. *Alt.* **Coaracyaba**, **Goaracyaba**.
- GUARACICA** *corr.* **Guara-icica**, o pau resinoso; o indivíduo viscoso. (*Lucuma fissilis*, All.).

- GUARACININGA** *corr.* **Guara-cynynga**, o indivíduo que zumba ou troveja; ave ruidosa. (*Pitylus caerulescens*, Caba.). *Alt.* **Guaracininga, Guiracinunga.**
- GUARACÃO** *corr.* **Aguará-acá**, a cabeça de cão. (*Canis jubatus*).
- GUARAGUÁ** *corr.* **Guara-guara**, o comilão, o que muito pasta. É o peixe-boi. (*Manatus australis*).
- GUARAHÚ** *V.* **Guarabú.**
- GUARAHIM** *corr.* **Guará-im**, a pequena ave rubra. Pode ser também **guara-im**, o indivíduo pequeno. *V.* **Guara, Guará.**
- GUARAHY** *c.* **Guará-y**, o rio dos guarás, ou aves rubras. (*Ibis*); no rio das garças.
- GUARAHYPE** *c.* **Guará-y-pe**, no rio das garças. É o nome primitivo da Ribeira de Iguape. São Paulo.
- GUARAITÁ** *c.* **Guara-itá**, o pau-ferro. São Paulo. Pode ser ainda **guará-itá**, a pedra das garças.
- GUARANHEM** *c.* **Guara-nhé**, o pau-doce, a madeira adocicada. (*Chrysophyllum guaranhem*). É a mesma madeira **Buranhem**.
- GUARANHUNS** *c.* **Guara-nhú**, o pau-preto, a madeira escura. Pode exprimir também o indivíduo preto, a gente escura. Pode ainda ser a corrupção de **guirá-nhú**, o pássaro-preto. Pernambuco.
- GUARANÍ** *corr.* **Guariní**, o guerreiro, o lutador.
- GUARANTAN** *c.* **Guara-antá**, a madeira rija. (*Sapindacea*). *Alt.* **Guatã. V. Guara.**
- GUARAPA** *adj.* Revolvido, remexido. *Alt.* **Garapa.**
- GUARAPARI** *c.* **Guará-parí**, o cercado ou curral dos pássaros; bacia onde as garças se reúnem. 100.
- GUARAPARIM** *c.* **Guará-pari**, a garça manca, ou de perna quebrada. Espírito Santo.
- GUARAPÚ** *corr.* **Gua-r-apú**, a ponta romba; o corno não aguçado. É nome de um veado pequeno e vermelho. (*Cervus simplici cornis*).
- GUARAPUAVA** *corr.* **Guará-poaba**, o rumor ou latido dos **guarás** ou cães do mato. Pode ser corrupção de **guirá-poaba** e então se traduzirá o rumor dos pássaros. Paraná.
- GUARAPUCÚ** *c.* **Guara-pocú**, o indivíduo comprido, o longo do corpo. É o nome indígena do peixe Cavala (*Cybiium Caballa*, Cuv.). *Alt.* **Guarapicú.**
- GUARAPUITAN** *V.* **Grapuetan.**
- GUARAQUISSABA** *corr.* **Guará-kiçaba**, o ninho de garças ou de patos. Paraná.
- GUARARÁ** *s.* O tambor usado pelo gentio. 122. Também significa o manhoso, o investigador (Batista Caetano. *op. cit.*); e ainda – o que é furta-cor, ou cambiante; nome de um peixe do mar.

- GUARARAPE *corr.* **Guarará-pe**, nos tambores 122. Pernambuco.
- GUARAREMA *s.c.* **Guara-r-ema**, a madeira fétida; é o chamado pau-d'alho (*Scorododendron*), com a sua casca rescendendo a alho. São Paulo.
- GUARATIBA *corr.* **Guará-tyba**, garças em abundância; o sítio das garças. Rio de Janeiro, Paraná. *Alt.* **Guaratuba**.
- GUARATINGA *c.* **Guará-tinga**, a garça-branca, pode ser ainda corrupção de **guirá-tinga**, o pássaro-branco.
- GUARATINGUETÁ *corr.* **Guirá-ting-etá**, os pássaros-brancos, as garças, 25, 134. São Paulo. V. **Guaratinga**. Em velhos documentos se encontra **Guiratinguetá**.
- GUARATUBA V. **Guaratiba**.
- GUARAUNA V. **Barauna**. É também **guará-una**, a garça-escura; uma Árdea, vulgo **Caráo** ou **Caráu**.
- GUARAYUVA *c.* **Guara-yuba**, o indivíduo amarelo; o pau-amarelo. *Alt.* **Guarajuva**, **Guariuva**, **Guarauba**.
- GUAREHY *corr.* **Guarf-y**, o rio das guaribas, ou macacos. 109. São Paulo. V. **Guariba**.
- GUARIBA *corr.* **Guar-ayba**, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos (*Mycetes*). *Alt.* **Guariva**, **Guarf**.
- GUARICHÓ *corr.* **Guirá-içó**, pronunciado **guirá-ichó**, a ave que fura pau ou esgaravata os paus apodrecidos; é talvez a **Coruyra** (*Motacilla furva*. Gmel)^{30C}.
- GUARIROBA *corr.* **Guara-iroba**, o indivíduo amargo; o pau-amargoso; é uma espécie de palmito (*Cocos oleracea*, Mr.).
- GUARIRÚ *corr.* **Guá-rerú**, a tina, a vasilha para água. Designa uma serra no interior da Bahia.
- GUARU *corr.* **Guar-ú**, o indivíduo que come; o comedor; alusão ao ventre volumoso e desproporcionado que tem o peixinho deste nome, também conhecido por *barrigudinho*. *Alt.* **Arú**.
- GUARUJÁ *corr.* **Guarú-yá**, o viveiro dos guarus. São Paulo. V. **Guarú**.
- GUARULHOS *corr.* **Guarú**, nome de uma tribo indígena, notável por ser de gente barriguda. Dizer – **guarulhos** ou **guarús** é como se chamasse *barrigudos*. V. **Guarú**. Rio de Janeiro, São Paulo.
- GUATUMBÚ *corr.* **Guá-atâ-mbú**, o que é duro e sonoro. É a madeira também conhecida por **piquiá**. (*Aplidosperma sessiliflorum*).
- GUATAPARÁ *corr.* **Guá-tabará**, o que tem pêlo manchado, variegado.
- GUATUCUPÁ *corr.* **Guá-atuc-apá**, o que tem o dorso curvo, o corcunda ou corcovado. É o peixe **Corvina** (*Otolithus Guatucupá*, Cuv.).

- GUAÚ** *s.* O canto chorado dos índios quando recebiam o estrangeiro e o hospedavam. É também a dança em geral. *Alt.* **Guayú.**
- GUAXENDUBA** *corr.* **Guachí-dyba**, as vassouras em abundância; o sítio das vassouras; o vassoral. Maranhão.
- GUAXIMA** *corr.* **Gua-cyma**, pronunciado **guá-chima**, significa o que é liso ou lustroso; alusão à fibra sedosa da planta deste nome (*Urena lobata*). *Alt.* **Guaxuma, Guanchuma, Guajima**^{30C}.
- GUAXINIM** *corr.* **Guá-chini**, o que rosna, o roncador; alusão ao hábito deste animal de rosnar, quando se lhe toca na cauda (*Galictis vitata*).
- GUAXUPÉ** *corr.* **Gua-exú-pé**, é uma casta de abelhas que faz ninho dentro da terra. *Alt.* **Axupé, Exupé.**
- GUAYANA** *corr.* **Guayá-ana**, a guaiaba falsa, o que se assemelha à guaiaba. É planta do Norte do Brasil que dá um anil inferior. (*Piscidia Erythrina*, Vell.). *Alt.* **Goyana. V. Goayaba.**
- GUAYANAZ** *corr.* **Guayanã**, como escreveu Anchieta, *c.* **guay-anã**, indivíduo parente, gente aparentada. Tratamento, decerto, dos tupis do litoral para com os do campo de Piratininga. 69, 109, 129; São Paulo.
- GUAYAÓ** *corr.* **Guáya-ó**, a cova dos caranguejos. *Alt.* **Guayó.** São Paulo.
- GUAYCANANS** *corr.* **Guay-acã-nã**, o indivíduo de cabeça grande, de crânio espesso. Nome de uma tribo selvagem no Rio Grande do Sul.
- GUAYCURÚ** *c.* **Guay-curú**, o indivíduo sarmento, cheio de feridas ou pústulas; nome ou apelido de uma nação selvagem do Paraguai, em Mato Grosso. O apelido é deprimente e aplicado pelos contrários, porque o nome nacional da tribo é Yoage, e entre os brasileiros, Cavaleiros. 109.
- GUAYRÁ** *corr.* **Qua-y-rã**, o intransitável (passar não há-de) (Batista Caetano). Nome indígena do salto das Sete Quedas. Outros pronunciam **Guayra**.
- GUAYÚ** Gerúndio-supino de **ur**, exprimindo a vinda, a chegada, a invasão ou irupção Designava as formigas de passagem ou de *correição*.
- GUAYUPIÁ** *s.* O feitiço.
- GUEBUCÚ** *corr.* **Guém-bucú**, a queixada longa. É o nome indígena do peixe conhecido por **Bicuda** (*Histiophorus americanus*, Cuv.).
- GUIARÁ** *s.* Nome tupi do xaréu.

30C V. notas 13 e 162.

- GUIGÓ *s.* Nome onomatopaico de uma casta de símios (*Simia Callithrix melanochir*, Neuw.). Thetvet assinala-os no Rio de Janeiro pelo nome de Cacuyú e Jean de Léry chama-os Cay.
- GUIGOABO *c.* Guigó-oabo, a ninhada de guigós. *Alt.* Quicoabo. Bahia.
- GUIRÁ *s.* A ave, o pássaro. *Alt.* Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hura, huirá, ará, ourá.
- GUIRABA *c.* Guirá-aba, a pena do pássaro.
- GUIRAMEMBÉ *c.* Guirá-membé, a ave terna (*Coracina ornata*).
- GUIRAMIKIRA *c.* Guirá-mykira, o assento de pássaro; o uropígio. Era o nome de um chefe dos Potiguaras, do século XVI.
- GUIRANHENGATÚ *corr.* Guirá-nheen-gatú, o pássaro que canta bonito. É o canário indígena (*Emberiza brasiliensis*, Gmel).
- GUIRANHENGUETÁ *c.* Guirá-nheeng-etá, o pássaro que canta muito. É o conhecido Gurinhata (*Taenioptera nengueta*, Lin), também chamado pomba-das-almas, maria-branca, pepoasá.
- GUIRAPÁ *corr.* Guara-apá, ou guara-apara, o pau curvo; o arco. É a forma guarani. No tupi se diz yapara. *Alt.* Grapã, Yapá, Yapara³¹.
- GUIRAPAÇAMA *corr.* Guarapá-çama, a corda do arco. São Paulo.
- GUIRAPEPÔ *corr.* Guirá-pepô, as asas do pássaro.
- GUIRAPEREÁ *corr.* Guirá-apereá, o pássaro que freqüenta os caminhos. (*Tanagra flava*, L.).
- GUIRAPIÁ *c.* Guirá-apiá, o grão-de-pássaro, também chamado Ururá-apiá, o grão-de-galo.
- GUIRAPIRÁ *corr.* Guirá-pir-á, o pássaro nuelo. (*Tachypetes Aquilus*, Vieill).
- GUIRAPONGA *c.* Guirá-ponga, o pássaro martelante, ou de grito estridente. V. Araponga.
- GUIRAQUEÇABA *s.c.* Quirá keçaba, o ninho das aves.
- GUIRAQUEREÁ *corr.* Guirá-kere-á, o pássaro sem sono, ou a ave privada do dormir. É o bacurau ou Çuriangú (*Caprimulgus torquatus*, L.).
- GUIRAREYA *c.* Guirá-reya, o bando de pássaros.
- GUIRARÓ *corr.* Guirá-rô, o pássaro bravo ou feroz. (*Muscicapa Joazeiro*, Spix).
- GUIRATIN *c.* Guirá-tin, ou guirá-tinga, o pássaro-branco, a garça. Pode ser também guirá-tim, o bico da ave.
- GUIRATINGA *c.* Guirá-tinga, o pássaro-branco, a garça.

31 V. nota 212.

- GUIRATIRICA *corr.* **Guirá-tirica**, a ave tímida ou esquiva. (*Fringilla dominicana*, Neuw.).
- GUIRAUNDI *c.* **Guirá-undi**, o pássaro azulado, o azulão. *Alt.* **Gu-rundi**.
- GUPEVA *corr.* **Cû-peba**, a língua rasteira ou presa; alusão ao falar defeituoso, ao que pega na fala; o gago. Nome de um principal dos Tupinambás da Bahia, no século XVI, a quem se ligou o Caramuru.
- GUIPIARA *v.* **Grupiara**.
- GURÍ *corr.* **Guiri**, o bagre. É o tratamento que, no Sul do Brasil, dão aos meninos; mas, neste caso, o vocábulo pode proceder da corrupção de **guĩrĩ**, que é o mesmo que pequeno, criança. Rio Grande do Sul.
- GURINHATÁ *corr.* **Guir-enchê-atá**, a ave que canta muito. É o mesmo **uiranhengatá** de outrora. (*Roteiro do Brasil*). (*Euphonidae*). É chamado também **gaturamo**.
- GURINHEM *corr.* De **guirá-nhê**, as aves cantam; ou o canto dos pássaros. Pode proceder também de **gurf-nhê** e significar o rumor dos bagres. Paraíba do Norte.
- GURUNDIUNA *corr.* **Guirá-undi-una**, o pássaro azul escuro; o azulão.
- GURIRY *c.* **Guí-ry**, o rio dos bagres. *v.* **Guí**.
- GUTÍ *corr.* **Gu-tí**, ou **u-tí**, o comer duro, rijo; alusão à dureza da massa que se come. É o nome do **oiti**. (*Brosimum*).

H

- HERÚ *corr.* **Eirú**, a abelha anegrada.
- HICATÚ *corr.* **Y-catú**, a água boa; rio bom. Maranhão.
- HOTINGA *corr.* **Y-tinga**, água branca. *Alt.* **Utinga, Otinga**. Bahia.
- HUMÃ *suf.* Totalmente negro.
- HUMATÁ *corr.* **Ū-matã**, meio negro, anegrado.
- HUMAITÁ *corr.* **Mbaitá**, o papagaio pequeno, também conhecido por **maitaca** (*Psittacus cyanogastra*). Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870.
- HUMBÁ *suf.* O mesmo que **humã**. *v.* **Humã**. *Alt.* **umã, umbá**.
- HUMBARÁ *corr.* **Um-bará**, manchado de preto.
- HUMIRÍ *corr.* **Y-mirí**, água escassa; pouco suco.

HY s. Um dos diversos modos de escrever a vogal gutural tupi, **y**, que Anchieta escrevia **yg**. Como substantivo, significa água, rio. *Alt.* **hf**, **yg**, **hú**, **ú**, **o**.

HYASSÚ *corr.* **Y-açú**, água grande; rio grande. Bahia.

HYBICUY V. **Ibicuy**.

HYBIPITÁ *corr.* **Yby-pitá**, a terra vermelha; barro vermelho.

HYCAVO *corr.* **Ygaba**, c. **yg-aba**, os filamentos ou cabelos d'água; o limo. São Paulo.

HYGAPÓ V. **Igapó**.

HYNHANGABA *corr.* **Y-nhangaba**, o curso d'água, o ribeiro, o riacho. No guarani, **ynhangá**.

HYPANEMA V. **Ipanema**.

HYPUAÇÚ *corr.* **Ypú-açú**, a fonte grande; manancial grosso; olho d'água grande. Ceará.

HYPUACÚ *corr.* **Ypú-acú**, a fonte quente, olho d'água quente.

HYQUARA *corr.* **Y-quara**, o buraco d'água; o poço.

HYQUARANA *corr.* **Y-quara-ana**, o que simula um poço; o sorvedouro no leito dos rios.

HYRARA V. **Irara**.

HYTU V. **Itú**.

I

IACAYOBY *corr.* **Yacá-y-oby**, o ribeiro de água verde. Rio Grande do Sul.

IAPARYARA c. **Y-apar-yara**, o que é destro no arco; o arqueiro.

IAPEYÚ *corr.* **Yapó-yú**, o pantanal, o estagnado. É forma guarani correspondente a **yapoyuca** do tupi costeiro. *Alt.* **Ipojuca**, **Pojuca**.

IAPENÚ *corr.* **Y-apênú**, as empolas d'água; as ondas.

IAPENUPÁ *corr.* **Yapenu-pá**, o tombo ou pancada das ondas; a arrebenção; a ressaca.

IAPUCANIN *corr.* **Ya-pucá-ní**, aquele que está a rir-se; o risonho, o escarminho. É o nome de um gavião cujo grito simula o riso. (*Spi-zoetus Tyrannus*). Entre os Cayuás, **Nhapucanin**.

IATITÁ s. O caracol. No tupi, **Yapuruxitá**, o caracol de terra.

IATUARA *corr.* **Yatyara**, o fazedor de cuias. Rio Grande do Sul.

IBACURUPARY *corr.* **Ybá-curú-parí**, o fruto cercado de pontas ou cheio de asperezas. (*Platonia insignis*). *Alt.* **Ibacupary**, **Bacupary**.

- IBAÊ** *c.* **Ybá-ê**, o fruto doce, agradável. Nome de mulher.
- IBARÉ** *corr.* **Ybá-aré**, o fruto caído. Arroio no Rio Grande do Sul.
- IBATÉ** *c.* **Y-ibaté**, o alto, o cume. São Paulo.
- IBATUBA** *corr.* **Ybá-tyba**, o sítio das frutas; o frutal; o pomar.
- IBATUBY** *corr.* **Ybatyb-y**, o rio do pomar. *Alt.* **Batuby, Batuvy, Batovy.**
- IBERÁ** *c.* **Y-berá**, forma contrata de **y-beraba**, para significar a água clara, límpida. É o nome de uma grande lagoa na Argentina. *Alt.* **Uberá, Uberaba.**
- IBÍ** *corr.* **Yby**, a terra, o solo, o chão. 76. *Alt.* **ubú, bú, bo.**
- IBIÁ** *corr.* **Yby-ã**, a terra alta; a chapada, o planalto. *Alt.* **Ibyá**³².
- IBIAGUY** *corr.* **Ybyã-guy**, por baixo da terra alta; no sopé da escarpa. *V.* **Ibiá.**
- IBIAPABA** *corr.* **Ybyã-paba**, a estância da terra alta, ou da chapada; o escarpado ou alcantilado. Nome da serrania entre o Ceará e o Piauí. *Alt.* **Ibuapaba, Buapaba, Boapaba.** *V.* **Ibiá.**
- IBIAPINA** *corr.* **Ybyã-pina**, ou **ybyã-apina**, a terra alta despida, sem vegetação; o alto calvo. Pode ser também, **yby-apina**, a terra limpa; os pelais ou espaços naturalmente despidos de vegetação.
- IBIBOCA** *corr.* **Yby-boca**, a terra rachada ou fendida. Chamavam os índios a cobra-coral – **Ibiboca** – talvez por habitar esta as fendas do solo. Significa também saído ou tirado do chão. *Alt.* **Ububoca, Biboca.**
- IBICABA** *corr.* **Ybycaba**, é o nome de uma mirtácea, de fruta preta, miúda e sabor sofrível, também chamada **ubucaba** (*Roteiro do Brasil*). São Paulo. *Alt.* **Ubecaba, Ubicava.**
- IBICOARA** *corr.* **Yby-quara**, a cova, a sepultura. *V.* **Tibycara.**
- IBICUÍ** *corr.* **Yby-cuí**, a terra fina; a areia; o pó. 76. *Alt.* **Ubucuí, Bucuí.**
- IBICUIBA** *corr.* **Ybycuí-yba**, a árvore-de-areia. O fruto desta árvore é considerado noz-moscada do Brasil. (*Myristica officinalis*). *Alt.* **Bicuiba, Ubucuhuba, Bucuíba, Bicuiva, Vicuiba.**
- IBICUY** *corr.* **Ybycuí-y**, o rio das areias. Rio Grande do Sul.
- IBIPETUBA** *corr.* **Ybypé-tyba**, o razio; banco de areia em abundância. Paraná.
- IBIPITANGA** *corr.* **Yby-pitanga**, a terra vermelha. *Alt.* **Bypitanga, Bupitanga.**
- IBIRÁ** *corr.* **Ybyrá**, o pau, a árvore, a madeira, o tronco, toro, viga, vara. *Alt.* **Imirá, myrá, byrá, mará, pará, burá, uará, vará.**

32 *V.* nota 145.

- IBIRACICA** *corr.* **Ybyrá-icyca**, a resina de pau; a almécega, também chamada **icicariba**, **yciy**. (*Anacardiaceae*), de que se colhe a melhor resina balsâmica do Brasil. *Alt.* **Biracica**, **Buracica**.
- IBIRACÓÁ** *corr.* **Ybyrá-guá**, forma contrata de **ybyrá-guara**, o morador ou o que habita nas árvores. Nome de uma cobra pequena que anda sempre sobre as árvores. (*Roteiro do Brasil*. cap. 113).
- IBIRAÇOCA** *corr.* **Ybyrá-sóca**, o verme da madeira; a broca ou gusano. *Alt.* **Ubiraçoca**. V. **Soca**.
- IBIRACÚI** *corr.* **Ybyrá-cúi**, a gamela, o cocho, a vasilha feita de um tronco. *Alt.* **Ibiracuia**.
- IBIRAGARA** *corr.* **Ybyrá-ygara**, o pau de canoa.
- IBIRAITÁ** *corr.* **Ybyrá-itá**, o pau-ferro. V. **Itá**.
- IBIRAJÁ** *corr.* **Ybyrá-yá**, a árvore frutífera. (Batista Caetano).
- IBIRANHEM** *corr.* **Ybyrá-nhé**, a madeira doce. Árvore bastante alta e de raiz medicinal. (*Chrysophyllum buranhem*). *Alt.* **Buranhem**, **Guaranhem**.
- IBIRAPARAÍBA** *corr.* **Ybyrá-apara-yba**, a árvore do pau-d'arco, de cuja madeira os índios faziam os seus arcos. *Alt.* **Ubiraparaíba**.
- IBIRAIPIRA** *corr.* **Ybyrá-ypira**, a madeira verde.
- IBIRAPIROCA** *corr.* **Ybyrá-piróca**, o pau esfolado, ou cuja casca cai anualmente, criando-se outra por baixo. (*Myrtaceae*). *Alt.* **Ubirapiroca**.
- IBIRAPITANGA** *corr.* **Ybyrá-pitanga**, o pau vermelho, que se chamou pau-brasil. (*Caesalpinia echinata*). *Alt.* **Ibirapiranga**, **Ibirapitan**, **Ibirapuitan**, **Imirapitã**.
- IBIRATAYA** *corr.* **Ybyrá-taya**, o pau picante, a madeira acre. (*Laurus*).
- IBIRATINGA** *corr.* **Ybyrá-tinga**, a madeira branca. O pau linheiro de que os índios faziam as lanças e arremessões. *Alt.* **Ibiratí**.
- IBIRATININ** *corr.* **Ybyrá-tiní**, o pau seco, a madeira enxuta. Nome de um principal dos Potiguaras, no século XVI.
- IBIRIBA** *corr.* **Mbir-yba**, a árvore de embira; aquela de cuja casca se tiram fios que servem como cânhamo e de que se fazem amarras e toda a sorte de cordoalha, e se faz estopa. A madeira é duríssima e má de lavar. (*Roteiro do Brasil*. cap. 68.). *Alt.* **Biriba**.
- IBIROCÁI** *corr.* **Ybyr-ocai**, o curral feito de esteios, a manga, o poteiro. Rio Grande do Sul.
- IBIROCAHY** *corr.* **Ybyrocái-y**, o rio dos currais ou poteiros. Rio Grande do Sul.
- IBITIPOCA** *corr.* **Ybyty-poca**, a montanha partida, ou furada; o vulcão. Minas Gerais, São Paulo. *Alt.* **Butupoca**, **Vutupoca**.
- IBITIGUIRA** *corr.* **Ybyty-guir**, ao pé do monte; o piemonte.

- IBITINGA** *corr.* **Yby-tinga**, a terra branca; o barro branco. 76. *Alt. Ibitin.*
- IBITIPAU** *corr.* **Ybyty-pâu**, entre montes; no meio de morros.
- IBITIRAMA** *corr.* **Ybytyr-am**, o monte alto; a montanha.
- IBITIREHÊ** *corr.* **Ybyty-rehê**, em cima do monte; ou em cima da serra.
- IBITIROY** *corr.* **Ybyty-roy**, o serro frio; a montanha fria. 132. Minas Gerais. *Alt. Buturuy.*
- IBITÚ** *corr.* **Ybytú**, o vento, a corrente de ar, o sopro ou eflúvio da terra. *Alt. Bitú, Butú, Botú.*
- IBIXUMA** *corr.* **Y-py-cyma**, pronunciado **y-py-chyma**, o que tem a casca lisa. É a *Guazuma unifolia*, a mesma **mutamba** em Angola.
- IBÓ** *corr.* **Ybô**, atirar com a flecha.
- IBONDARA** *corr.* **Ybondara**, o flecheiro, o que sabe atirar com a flecha.
- IBORÁ** *corr.* **Y-borã**, ou **y-porã**, a água bonita. Rio Grande do Sul.
- IBOTIM** *corr.* **Yboty**, a flor.
- IBOTIRAMA** *corr.* **Yboty-rama**, o país ou terra das flores. 110³³.
- IBÚ** *corr.* **Y-bú** ou **y-bura**, a água a surgir, o manancial, o minadouro ou olho-d'água. V. Ipu³⁴.
- IBYÁ** *corr.* **Ybyã**, terra erguida; região elevada, chapada ou planalto. Rio Grande do Sul.
- IBYTYRA** *s.* **Yby-tyra**, a terra empinada; a montanha, a serra. *Alt. Ibitira, Ibutura, Butura.*
- IBYTYRUÇÚ** *s.c.* **Ybytyr-uçú**, a serra grande, a cordilheira. *Alt. Buturuçú.* 90.
- ICANGA** *corr.* **Y-acanga**, a cabeceira, a cabeça do rio, o regato, o córrego, o arroio. 102.
- ICAPARA** *corr.* **Yg-apára**, água, rio ou canal torto; braço curvo do rio. 117. São Paulo.
- ICARAHY** *corr.* **Y-caray**, a água santa; a água benta. Rio de Janeiro.
- ICATÚ** *corr.* **Y-catú**, a água boa; o rio bom. Maranhão. 75.
- IÇÁ** *s.* A formiga grande que os índios comiam. Entre os guaranis, **yça**, entre os tupis, **tanajura**. O vocábulo **yça** é contração de **yçaba**, significando gordura, pois tinham os índios por tal o que se continha no abdome desta formiga.

33 V. notas 25, 152 e 173.

34 Idem, 161.

- IÇACÁ** *corr.* **Yçá-çã**, os gravetos, os ramos secos. Rio Grande do Sul.
- IÇAYBA** *corr.* **Yçá-ayba**, a formiga má daninha, que destrói as plantas. *Alt.* **Içaubá, Saúba, Saúva.**
- ICERICA** *corr.* **Y-cerica**, a água ligeira; o rápido, a corredeira. 104. *Alt.* **Ixirica.**
- ICICA** *corr.* **Y-cyca**, o líquido chegado ou que aponta; a resina.
- ICICAYBA** *corr.* **Ycyca-yba**, a árvore de resina; a almácega, segundo MarcGrave.
- ICIPÓ** V. **Cipó.**
- ICURÉ** *corr.* **Y-curé**, aquele que é bambo, ou bambaleia ao andar. É o nome de uma variedade de anta. (*Tapirus americanus*). *Alt.* **Iguré.**
- IEMBÓ** *corr.* **Y-iembó**, o filete d'água, o lagrimal. 102.
- IERÊ** *corr.* **Y-ierê**, o giro d'água, o redemoinho.
- IGABA** *corr.* **Yg-aba**, os filamentos d'água, o limo. V. **Hycavo.** *Alt.* **Igava, Icavo.**
- IGAÇABA** *corr.* **Yg-açaba**, o transporte d'água, o que serve para a condução dela, o pote, ou cântaro; a urna. *Alt.* **Igaçá.**
- IGAÇATYRA** *corr.* **Ygaçá-tyra**, o outeiro ou morro dos potes; o monte das urnas. 126.
- IGAPIRA** *corr.* **Yg-apira**, a cabeceira, a origem do rio.
- IGAPÓ** c. **Yg-apó**, ou **y-apó**, a água que invade; a enchente; o alagável. São as lezírias dos rios da Amazônia.
- IGARA** *corr.* **Yg-yara**, dona d'água, superior à água; a canoa. No tupi amazônico **yuara (y-uara)**, o que mora n'água, permanece sobre água; o aquático^{34A}.
- IGARAÇÚ** *corr.* **Ygara-açú**, a canoa grande, o barco. 115. Pernambuco. *Alt.* **Iguaraçú**^{34A}.
- IGARAPABA** *corr.* **Ygara-paba**, termo ou pouso das canoas, o porto. 114. São Paulo³⁵.
- IGARAPÉ** *corr.* **Ygara-apé**, o caminho da canoa, o canal, o furo ou braço de rio, o esteiro. 97.115. Amazonas, Pará, Maranhão^{35A}.
- IGARAPIUNA** *corr.* **Ygara-piuna**, a canoa preta, ou a canoa de casca preta. Bahia. 115.
- IGARATÁ** *corr.* **Ygara-atã**, o navio, o barco, entre os guaranis. São Paulo.
- IGARETINGA** *corr.* **Ygara-ytinga**, o pano branco da canoa, a vela. 115.

^{34A} V. notas 156, 206 e 207.

³⁵ Idem, 157 e 204.

- IGARIPÉ *corr.* **Ygara-ipé**, a canoa de casca, entre os guaranis^{35A}.
- IGARITÉ *corr.* **Ygara-étê**, a canoa de vulto, a barca^{35B}.
- IGOÁ *corr.* **Y-guá**, o seio d'água, a enseada, a bafa; a bacia fluvial, o lagamar. 96. São Paulo. V. **Iguá**.
- IGOAGUAÇÚ *corr.* **Yguá-guaçú**, a bafa grande, lagamar grande, estuário amplo. 96. São Paulo.
- IGRAMIRIM *corr.* **Ygara-mirim**, a canoinha, o barco pequeno.
- IGUÁ *corr.* **Y-guá**, o seio d'água, o mesmo que **igoá**.
- IGUABA *corr.* **Y-guaba**, a bebida d'água, lugar onde se bebe, o bebedouro.
- IGUAGUAÇUPE *corr.* **Yguá-guaçú-pe**, no lagamar grande. Hans Staden escreveu **Iwawasupe**, de que frei Gaspar da Madre de Deus fez **Enguaguassupe** e traduziu pilão grande. São Paulo.
- IGUAPE *corr.* **Yguá-pe**, no lagamar, na bafa fluvial. Bahia, São Paulo.
- IGUARAÇÚ V. **Igaraçú**.
- IGUREY *corr.* **Iguré-y** ou **iguré-y**, o rio das antas. V. **Iguré**. Mato Grosso.
- IMBÉ *corr.* **Y-mbé**, a planta rasteira trepadeira. (*Philodendron*). Em guarani, **guembé**. *Alt.* **Guaimbé**.
- IMBIAÇÁ *corr.* **Mbé-açá**, ou **pé-açá**, forma guarani de **mbé-açaba**, a travessia do caminho; aonde o caminho vem ter ao rio ou ao esteiro; o porto. V. **Peça**^{35C}.
- IMBIRA *corr.* **Y-mbira**, a pele da árvore; a casca de árvore; a fibra da entrecasca. *Alt.* **Embira**.
- IMBIRITÍ *corr.* **Ymbyra-tí**, a fibra branca, entrecasca de árvore de que os índios faziam cordas e os negros aventais; dava morrões de espingarda que não se apagavam. (*Roteiro do Brasil*. cap. 68).
- IMBIRUSSÚ *corr.* **Ymbyr-uçú**, a embira grande, a entrecasca grossa. *Alt.* **Embiruçú**.
- IMBÚ *corr.* **Y-mb-ú**, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta (*Spondias uberosa*), que, nas raízes, segregam água e matam a sede aos viajantes do sertão em tempo de seca. *Alt.* **Umbú, Ombú, Ambú**. Norte do Brasil.
- IMBUÁ *corr.* **Amboá**, c. **a-mbo-ã**, pêlos erguidos ou levantados. Designa a lagarta felpuda entre os índios. Outros dão este nome à Centopéia.

35A *Idem*, 159, 2A e 3A do Prefácio.

35B *Idem*, 207.

35C V. nota 162.

- IMBUHY** *corr.* **Ymbú-y**, o rio do imbu. Pode ser também **mboy-y**, que quer dizer, rio das cobras, ou água da cobra. Rio de Janeiro, Bahia.
- IMBURANA** *corr.* **Ymbú-rana**, o imbu falso; semelhante ao imbu. (*Bursera leptophlocos*). Norte do Brasil.
- INAMBÚ** *corr.* **Y-nhã-bú**, a que corre a prumo, ou se levanta a prumo, a perdiz. Pode proceder o vocábulo de **y-am-bu**, significando a que se levanta com estrépido, estrondando. (*Crypturus*). *Alt.* **Nambú, Inambú.**
- INAYÊ** *corr.* **Ina-yê**, o que está separado, o solitário; o gavião. *Alt.* **Nagé.**
- INDAYÁ** *corr.* **Andá-yá**, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira *Attalea Compta*. *Alt.* **Andayá, Endayá.**
- INDAYATUBA** *corr.* **Indayá-tyba**, abundância de indaiás, o sítio das palmeiras indaiás. São Paulo. 108.
- INDUÁ** *corr.* **Indoá**, o pilão. No guarani, **angoá**³⁶.
- INGÁ** *corr.* **Y-igá**, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. *Alt.* **Engá, Angá.**
- INGAHYVA** *corr.* **Ingá-yba**, a árvore de ingá, a ingazeira. Entre caipiras, o tempo **ingahva** se aplica ao indivíduo irritadiço e desconfiado; mas, neste caso, o vocábulo verdadeiro deve ser **angayba** (**anga-ayba**) que se traduz, alma ruim, gênio mau. (*O Gunga-mu-quixa*, de Waldomiro Silveira).
- INEMA** *s.c.* **Y-nema**, a água apodrecida, fétida. Bahia.
- INHÁ** *corr.* **Y-nhã**, a água corrente, a enxurrada; **y-nhã**, aquela que corre. *Alt.* **Unhã, Unhão.** Bahia.
- INHABATAN** *corr.* **Ya-poatã**, o indivíduo linheiro, o tronco reto. Nome de uma árvore que dá mastros para embarcações. *Alt.* **Iabatã, Iaboatã, Jaboatão.**
- INHACUNDÁ** *corr.* **Y-nhã-cundá**, a corrente sinuosa; água corrente em curva. Rio Grande do Sul.
- INHAMBÚ** *corr.* **Y-nhã-bú**, a que sai com estrondo; ou que surge com estrépido. V. **Inambú.**
- INHAMBUHY** *corr.* **Ynhambú-y**, o rio das perdizes. 109. V. **Inhambú.**
- INHAMBUI** *corr.* **Inhambu-í**, a perdiz pequena, a codorniz ou codorna. (*Crypturus maculosus*, Temm.).

- INHAMBUPE** *corr.* **Ynhambú-pe**, nas perdizes. Bahia. V. **Inhambú**³⁷.
- INHAMUNS** *corr.* **Ynha-mú**, a perdiz. V. **Inhambú**. Ceará.
- INHANCICA** *corr.* **Ynhã-ycica**, a resina de esguicho; a resina que escorre. É uma acácia. Minas Gerais.
- INHATIUM** *corr.* **Nhati-ú**, o que pica com o ferrão. É o mosquito pernillongo (*Culex*), que zune à noite.
- INHAUMA** *corr.* **Nhaê-ũ**, o barro olar, o barro de panela. Rio de Janeiro.
- INHAYBA** *corr.* **Y-nhã-yba**, a árvore de andar n'água, o mastro de embarcação.
- INHAYBATAM** *corr.* **Y-nhã-yba-atã**, o mastro direito, ou linheiro. V. **Inhayba**.
- INHOÁ** *corr.* **Nhu-ã**, o campo alto. Rio de Janeiro.
- INHOBIM** *corr.* **Nhũ-obí**, o campo verde. Paraíba do Norte.
- INHUAYBA** *corr.* **Nhũ-ayba**, o campo ruim. Rio de Janeiro.
- INHUMA** V. **Anhuma**.
- INHUMIRIM** *corr.* **Nhũ-mirim**, o campinho. 87. Rio de Janeiro.
- INHUMUCÚ** *corr.* **Nhũ-mocú**, o campo comprido. Rio de Janeiro.
- INÍ** s. A rede de dormir; a maca; o fio, a linha. 120.
- INIAOBA** c. **Ini-aoba**, o manto de rede; capa feita com trama de rede de que usavam os chefes selvagens, em dias de festa. Nome de um principal do gentio, no século XVI.
- INGUASSÚ** c. **Ini-guassú**, a rede grande. Nome de um principal dos Petinguaras, ao tempo da conquista, no século XVI.
- INIMBOIA** *corr.* **Y-nimbô**, o que é de cuspir ou de salivar. É a planta silva da praia. (*Guilandina, Bonduc*), de cuja entrecasca se tira substância que faz vomitar a saliva.
- INOBY** *corr.* **Nhũ-obí**, o campo verde. Paraíba do Norte.
- INTANHA** *corr.* **Yi-tã**, a rã forte; alusão ao coaxar do animal que imita o som do martelo na bigorna. É a rã de chifre (*Ceratophrys dorsatus*, Neuw). *Alt.* **Itanha. Itania**.
- INUBIA** Antigamente, como escreveu Jean de Léry, **yanubiá**, designando uma trombeta usada pelos tupinambás do Rio de Janeiro. O vocábulo tupi se decompõe em **ya-nu-biã** que se traduz literalmente, o que soa agradável. Era uma trombeta de guerra, grossa, comprida e de grande abertura, cujo som se ouvia muito longe³⁸.

37 V. nota 237.

38 V. nota 233.

- INUÇÚ** *corr.* Nhú-uçú, o campo grande. Ceará, Piauí.
- IPAMERÍ** *corr.* Y-paüme-ri, ao entre rios, à mesopotâmia. É o nome tupi dado à cidade de Entre-Rios, em Goiás^{38A}.
- IPANÉ** Forma guarani de **ipanema**. V. **Ipanema**.
- IPANEMA** *corr.* Y-panema, a água ruim, imprestável; o rio sem peixe, ou ruim para a pesca. São Paulo. *Alt.* **Ipane**.
- IPAÛ** *corr.* Y-paü, a ilha de rio. É forma guarani.
- IPAÛÇÚ** *corr.* Y-paü-uçú, a ilha grande. Nome de um chefe e feiticeiro famoso dos Petinguaras, no século XVI.
- IPÊ** *corr.* Y-pé ou yb-pé, a árvore cascuda. (*Tecoma Ipé*).
- IPECA** *corr.* Y-pega, o caminhante n'água, o nadador, o pato, o palmípede. É abreviação usual do nome da planta vomitiva *Cephaelis ipecacuanha*. *Alt.* **Upeca**.
- IPECACUANHA** Antigamente **ipicacuem**, que se decompõe em **ypy-caá-gueê**, e se traduz a raiz vômica, pois que, **ypy-caá** é a raiz, o pé da planta, e **gueê** é vomitar. Outros, porém, escrevem **ipecaconha** (**ypeca-conha**) que vale dizer o pênis do pato, pois há semelhança da raiz da planta vomitiva (*Cephaelis ipecacuanha*) com a forma do membro desta ave.
- IPECATIAPOÁ** *corr.* **Ypeca-tf-apoã**, o pato de crista levantada. (*Anas carunculata*, Illig.). V. **Ipeca**.
- IPECÚ** *corr.* **Ypec-û** o pato preto (*Aanas viduata*. Anser.). Com o mesmo nome se designa o **pica-pau**, como se vê em MarcGrave. V. **Uapicú**.
- IPECUTIRÍ** *corr.* **Ypeca-û-tirí**, o pato-preto arisco. É o mesmo patu-ri. (*Anas brasiliensis*, Briss.). V. **Ipeca**.
- IPEROBA** *corr.* **Ypê-roba**, a casca amargosa. *Alt.* **Peroba**. (*Aspidosperma*). *Alt.* **Iperó**.
- IPEROIG** *corr.* **Ypirú-yg**, o rio ou água do tubarão. 109. São Paulo. Pode proceder também de **iperó-yg** que se traduz *rio das perobas*. V. **Iperoba**³⁹.
- IPETINGA** *corr.* **Ypé-tinga**, a casca branca. Rio Grande do Sul.
- IPEÚVA** *corr.* **Ypé-yba**, a árvore de casca, a casquenta. *Alt.* **Ipeiba**, **Ipeuba**, **Peúba**, **Piuva**.
- IPIABA** *corr.* **Ypiaua** ou **ypiau**, o que tem a pele manchada; a sardinha. Rio de Janeiro. V. **Ipiaua**. *Alt.* **Piaba**, **Piava**. O nome **ipiaba** pode proceder também de **ypyaua**, a fundura, a profundidade.

38A Idem, 106A.

39 V. notas 185 e 205.

- IPIAU *corr.* **Y-piau**, o que tem a pele manchada; a sardinha. *Alt.* **Piáu**.
- IPIAHÚ *corr.* **Y-piahú**, o rio novo.
- IPIOCA *corr.* **Ypyoga**, a colheita de raízes; o arrancar da mandioca. *Alt.* **Piôca**. Pode o vocábulo proceder também de **ybyoca** (**ybyoca**), a casa do chão, a caverna, a furna. *Alt.* **Bioca**.
- IPIRUACÚ *corr.* **Ypirú-açú**, o tubarão grande. Era o nome de um chefe dos Tamoios, citado por Hans Staden⁴⁰.
- IPIRUQUIBA *corr.* **Ypirú-kyba**, o piolho do tubarão. É o nome do peixe – rêmora – companheiro inseparável dessa fera marinha. (*Echeneis Rémora*). *Alt.* **Piriquiba**.
- IPIRÚ *corr.* **Y-pe-r-ú**, o que devora patos; o tubarão. (Batista Caetano). Pode, porém, proceder o vocábulo de **ypir-ú**, (**y-pir-ú**) o que devora a pele, o que dilacera.
- IPIITÁ *corr.* **Y-pytá**, a água perene.
- IPIUNA *corr.* **Y-piuna**, a água preta.
- IPOJUCA *corr.* **Yapó-yuc**, o estagnado, podre; o banhado de águas pútridas. *Alt.* **Pojuca**. 115. Pernambuco.
- IPOPOCA *corr.* **Y-popoca**, a água que estronda, ou arrebenta com fragor. Paraíba do Norte.
- IPÚ *c.* **Y-pú**, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho-d'água, fonte, minadouro. 103. Ceará.
- IPUAÇÚ *corr.* **Ypú-açú**, a fonte grande; o olho-d'água grande.
- IPUCA *corr.* **Y-puca**, a água aberta; água que arrebenta.
- IPUÇABA *corr.* **Ypuçaba**, a minação d'água; o charco. Ceará.
- IPUÊRA *corr.* **Y-poéra**, a água passada, curso d'água extinto, braço de rio que já não corre; saco ou baía fluvial. 71. O vocábulo **ypoera**, como forma do plural de **y**, pode significar também águas, ou alagados. *V.* **Poéra**.
- IPUICHIM *corr.* **Y-pui-cyn**, a água tênue e luzidia, o filete d'água brilhante.
- IPIUPIARA *corr.* **Ypú-piara**, o que reside ou jaz na fonte; o que habita no fundo das águas. É o gênio das fontes, animal misterioso que os índios davam como o homem marinho, inimigo dos pescadores, mariscadores e lavadeiras.
- IPIXÍ *corr.* **Y-puchi**, a água suja; o rio ruim ou feio. Pode significar o que é feio, ruim.
- IRA *corr.* **Ê-ir**, desprende o doce, doce sai; o mel de abelhas. Alimento

40 V. notas 185 e 205.

muito estimado do gentio do Brasil que lhe atribua a virtude da longevidade. Significa também a abelha^{40A}.

IRACEMA *s.c.* **Yra-cema**, a saída das abelhas, o enxame. Pode traduzir-se a *saída* ou *fluxo do mel*. Como nome de mulher, vale por *melliflua*, *dulce*, razão por que José de Alencar o traduziu livremente *lábios de mel*, para qualificar a heroína do seu romance⁴¹.

IRAÊ *c.* **Ira-ê**, o que sabe a mel. Como nome de mulher, vale por *dulçurosa*.

IRAHY *corr.* **Ira-y**, a água ou rio do mel. Bahia.

IRAJÁ *corr.* **Ira-yá**, capaz de mel, a meleira. Rio de Janeiro.

IRAJAHÊ *corr.* **Irayá-ê**, penso aos cortiços, ou às casas de abelhas. Bahia.

IRAJAHY *corr.* **Irayá-y**, o rio da meleira ou do cortiço. Bahia.

IRAJUBA *corr.* **Ira-yuba**, o mel ruivo. Bahia.

IRAMAIA *c.* **Ira-maia**, a mãe do mel, a abelha-mestra.

IRAPIRANGA *c.* **Ira-piranga**, o mel vermelho.

IRAPUÁ *corr.* **Ira-apoã**, o mel levantado, ou abelheira erguida, assentada no alto⁴².

IRARA *c.* **Ira-ra**, o que colhe mel, o papa-mel. (*Galictis barbara*).

IRARÁ *c.* **Ira-r-á**, tira-mel Bahia. Designa também uma espécie de formiga de asas brancas, à semelhança do cupim; neste caso, porém, **Irará** é alteração de **arará** (**ara-rá**), nascido da luz ou do dia, pois que são formigas que surgem à luz do dia, depois que chove. (Baptista Caetano.)

IRARUAMA *c.* **Irára-uama**, o comedouro ou viveiro das lontras ou iraras. Era o nome antigo da atual lagoa de **Araruama**, nas vizinhanças de Cabo Frio. Rio de Janeiro.

IRAUÁ *s.c.* **Ira-uá**, o papa-mel ou tira-mel. Nome de pequeno rio na Saubara. Bahia.

IRAYPE *corr.* **Ira-y-pe**, no rio do mel. Bahia.

IRECÊ *corr.* **Y-recê**, pela água, à tona d'água; à mercê da corrente. Nome que propus para um município novo, no sertão da Jacobina, de referência à chamada Vereda de Rômão Gramacho, leito temporário do rio do Jacaré, afluente da direita do São Francisco, que banha as terras desse município. É usado como nome de mulher. Bahia.

40A *Idem*, 27.

41 *Idem*, *ibidem*.

42 *V.* nota 137 e 5A do Prefácio.

- IRIETÊ *corr.* **Y-ri-etê**, rio correndo direito, trecho de rio retilíneo, o estirão. 104.
- IRIRÍ *corr.* **Riri**, a ostra, o molusco. *Alt.* **Leri**.
- IRIRIGO *corr.* **Y-ryryc**, o que escapole, o arisco. É um lagarto verde, pequeno, muito ligeiro, que, no Norte do Brasil, se chama **Calango**.
- IROY *corr.* **Y-roy**, a água fria. Rio Grande do Sul.
- IRUÇÚ *corr.* **Ira-uçú**, o mel grande.
- IRUMOGUABA *c.* **Irumo-guaba**, a comida junto, a vida em comum, a convivência, a sociedade, a companhia, o grêmio. *Alt.* **Irumoguá, Irunamoguá**.
- IRUMOGUARA *c.* **Irumo-guara**, morador junto, o companheiro, o sócio, o colega. Diz-se também **Irunamoguara**.
- IRUPIRÚ *corr.* **Urú-pirú**, o que faz vez de galinha. (*Tyrannus Irupirú*, Vieill.).
- IRUTIM *corr.* **Eira-tin**, ou **ira-tí**, a abelha branca. Pode, também, proceder de **urú-tí**, a galinha branca.
- IRY *corr.* **Yrî**, o cacho. Denominação de uma palmeira que dá frutos em cacho muito conchegados. (*Astrocaryum Ayri*, Mart.). *Alt.* **Ayri**.
- ISANGA *s.c.* **Y-çanga**, a água solta; ou a solta d'água.
- ITÁ *c.* **Y-tá**, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. 107. *Alt.* **Tá**.
- ITABAPOAMA Antigamente **Cabapoama**, que se decompõe, **caba-poama**, vespas assanhadas ou alevantadas. 107. Espírito Santo.
- ITABERABA *c.* **Itá-beraba**, a pedra resplandecente, a pedra que reluz, o cristal. 107, Minas, São Paulo, Bahia. *Alt.* **Itaberá, Itaverá, Tabará, Sabará**.
- ITABERABAETÊ *c.* **Itaberaba-etê**, o cristal verdadeiro, o diamante. 107. *Alt.* **Itaberabetê**.
- ITABIRA *c.* **Itá-bira**, a pedra levantada ou empinada. Minas Gerais. 109.
- ITABIRAÇABA *s.c.* **Itabira-açaba**, a travessia da pedra empinada. É a lasca de pedra erguida e disposta em forma de ponte; a ponte de pedra natural. Minas Gerais.
- ITABOCA *corr.* **Itá-boca**, a pedra furada; o penedo solapado; a lapa, a caverna. *Alt.* **Itaoca**. Rio de Janeiro.
- ITABORAHY *corr.* **Itá-porã-y**, a água ou rio da pedra bonita. Rio de Janeiro.
- ITABUBUI *c.* **Itá-bubuí**, a pedra que flutua, o pedra-pomes. 107.
- ITACA *Ytaca*, água ruidosa; o rio roncador.
- ITACAMBIRA *c.* **Itá-acambira**, o forçado de ferro; o compasso, a tenaz.
- ITACARANHA *corr.* **Itá-carãe**, ou **itá-caranha**, a pedra arranhada

- ou escalavrada, como acontece aos xistos argilosos batidos pelas águas do mar. Bahia.
- ITACERANGABA** *corr.* **Itá-acê-rangaba**, a figura da gente de pedra; a imagem de metal; a estátua. *Alt.* **Itacerangá**.
- ITACHAMA** *c.* **Itá-chama**, a cadeia de ferro, a corrente, a corda metálica. 107. *Alt.* **itachan**⁴³.
- ITAÇOCÊ** *c.* **Itá-açocê**, sobre pedras; em cima de pedras; sobre metais. *Alt.* **Itassucê**.
- ITACUATIARA** *c.* **Itá-cuatiara**, a pedra pintada, a pedra escrita; a inscrição em pedra. 107. *Alt.* **Itaquatiá**.
- ITACUTUMÍ** *corr.* **Itá-curumí**, o menino de pedra; alusão ao fato de ser o pico, que tem este nome, formado por um grande penedo com outro menor ao lado, à guisa de filho. Minas Gerais.
- ITACURUBA** *c.* **Itá-curuba**, o fragmento de pedra, o matacão, o seixo, o cascalho. 107. *Alt.* **Itacurú, Tacuruba, Tacuruva**.
- ITACURUBÍ** *c.* **Itaburub-í**, o seixo pequeno, o pedregulho. *Alt.* **Itacuruvi, Tacuruvi**.
- ITACURUÇÁ** *c.* **Itá-curuçá**, a cruz de pedra, ou de ferro. V. **Curuçá**. 107. Rio de Janeiro.
- ITACYRA** *s.* A enxada. 123.
- ITAEM** *c.* **Itá-em**, a pedra-ume. 107.
- ITAETÉ** *c.* **Itá-etê**, a pedra duríssima, o ferro; o aço. 107. Bahia.
- ITAGIBA** *corr.* **Itá-yibá**, o braço de ferro. Nome de um chefe dos Tabajaras, no século XVI, citado pelos cronistas da época pela forma – **Itagiba**, mas com a tradução acima dada, a qual, a ser verdadeira, deveria corresponder a **itagibá**. V. **Itahiba**.
- ITAGUABA** *c.* **Itá-guaba**, a comida de pedra, isto é, o barreiro salitroso que os animais comem; *o barreiro*, como vulgarmente se chama. *Alt.* **Itaguá, Taguá, Tauá; Itaguava, Tabá**. V. nota 135.
- ITAGUAHY** Antigamente, **Taguahy**, *c.* **Itaguá-y**, o rio dos barreiros, ou dos tauás. V. **Itaguaba**. Rio de Janeiro.
- ITAGUÁ** V. **Itaguaba**.
- ITAGUIRA** *corr.* **Itá-guir**, por baixo de pedras. Mato Grosso.
- ITAHIBA** *corr.* **Itá-yba**, a árvore de ferro; o pau-ferro. *Alt.* **Itagiba, Itauba, Itauva**.
- ITAHIM** *corr.* **Itá-im**, a pedra pequena, a pedrinha; a conchinha.
- ITAHYPE** *corr.* **Itá-y-pe**, no rio das pedras. Bahia.
- ITAIERÊ** *c.* **Itá-ierê**, a pedra que gira, a mó.

43 V. notas 162 e 170.

- ITAIGARA** *corr.* **Itá-ygara** o barco de ferro; o navio feito de ferro. Confunde-se com **itayguara (itá-yquara)**, que quer dizer o poço das pedras, como se vê na Pituba. Bahia.
- ITAIMBÉ** *c.* **Itá-aimbé**, a pedra afiada, o penedo pontiagudo. 82. *Alt. Itambé*⁴⁴.
- ITAIPAVA** *corr.* **Itai-paba**, a estância ou pouso do pedregulho; o banco de seixos ou de cascalhos, formando travessão no leito dos rios. São Paulo, Rio, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul. 104, 107. *V.* **Itahim**.
- ITAIPÚ** *corr.* **Itá-ypú**, a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo. São Paulo.
- ITAJAHY** *corr.* **Itayá-y**, rio pedregoso, com o leito cheio de pedras. Santa Catarina.
- ITAJUBA** *corr.* **Itá-yuba**, a pedra amarela, o metal amarelo, o ouro. 107. *Alt.* **Itayú, Itajub**.
- ITAJUBÁ** *corr.* **Itayub-á**, a extração de ouro, a mineração aurífera, a mina. Minas Gerais. *V.* **Itajuba**.
- ITAJUHY** *corr.* **Itáyú-y**, o rio do ouro. Bahia.
- ITAJYCA** *s.* O estanho. 107.
- ITAKÉRA** **Itá-kéra**, a pedra jazente; a jazida de pedras, a pedreira; o lajeado. 57, 107. São Paulo.
- ITAKY** O escrito comumente **Itaquy**; *c.* **itá-ky**, a pedra aguçada; a pedra de amolar. 109. Rio Grande do Sul, Paraguai.
- ITAMANDUABA** *corr.* **Itá-maenduaba**, o monumento de pedra ou de metal; a estátua.
- ITAMARACÁ** *c.* **Itá-maracá**, o chocalho de metal; o sino, o guizo. 107. Pernambuco⁴⁵.
- ITAMARANDIBA** *corr.* **Itá-marā-dyba**, o local de pedras desordenadas, o pedrouço. É o nome primitivo da ilha de Santo Amaro, situada por detrás da ilha de Itaparica. Bahia.
- ITAMARATY** *corr.* **Itá-marā-ty**, a torrente por entre pedras soltas. Pode proceder também de **itá-moroti**, as pedras alvíssimas. Rio de Janeiro.
- ITAMBÉ** *V.* **Itaimbé**. Rio Grande do Sul, Minas Gerais.
- ITAMBÚ** *c.* **Itá-ambú**, a pedra sonora.
- ITAMBY** *c.* **Itá-mbí**, a pedra alçada, o penedo em pé. Rio de Janeiro.

44 *V.* nota 144.

45 *Idem*, 169.

- ITAMEMBECA *c.* **Itá-membeca**, a pedra mole. É como os índios chamavam a esponja. O chumbo, o metal mole.
- ITAMETARA *c.* **Itá-metára**, o ornato de pedra ou de metal, o batoque de pedra, ou pedra de beijo.
- ITAMIJÚ *corr.* **Itá-mi-yú**, a pedra miúda amarela. É o topázio tão freqüente na região de Minas Novas. Nome de um rio da mesma região. Minas Gerais.
- ITAMIRANGABA *corr.* **Itá-myra-rangaba**, a figura de gente de metal ou pedra, a estátua.
- ITAMIRIM *c.* **Itá-mirim**, pedras pequenas, pedrinhas; pedregulho, seixo rolado.
- ITAMIRINDIBA *c.* **Itamirin-dyba**, o sítio das pedrinhas, o seixal, a cascalheira. 107. Minas Gerais.
- ITAMOABO *c.* **Itá-moabo**, a pedra eminente, ou levantada, a penha. Ponta meridional, em forma de promontório, da ilha da Maré, na baía de Todos os Santos.
- ITAMORENDENGUE *corr.* **Itá-morã-d-engu**, pedras soltas esparsas. Rio Grande do Sul.
- ITAMOTINGA *c.* **Itá-mottinga**, a pedra esbranquiçada, ou feita branca.
- ITAN *corr.* **Ytã**, a concha grande, lacustre (*Mytilus*). *Alt.* **Intã**.
- ITANEMA *c.* **Itá-nema**, o metal fétido, o cobre, o azinhavrê.
- ITANGUÁ *c.* **Ytã-guá**, a baixa das conchas ou **itans**. Minas Gerais. V. **Itan**.
- ITANHAEM *c.* **Itá-nhaẽ**, a bacia de pedra; vaso de metal, a panela de ferro. 120. São Paulo.
- ITANHENGA *corr.* **Itá-nheenga**, a pedra sonante, ou que tem eco. Rio de Janeiro.
- ITAOBIM *c.* **Itá-obí**, a pedra verde, a esmeralda. 107.
- ITAOCA *c.* **Itá-oca**, a casa de pedra, a caverna, furna ou lapa. 100, 112. Rio de Janeiro.
- ITAOCAIA *corr.* **Itá-ocái**, o recinto de pedra; o muro de cerca. Rio de Janeiro. Pode também significar a queima de pedras, a caieira.
- ITAOCARA *c.* **Itá-ocara**, terreiro ou praça empedrada. 112. Rio de Janeiro.
- ITAPACOROYA *corr.* **Itapé-coroi**, a laje que emerge; rochedo que sobressai. Santa Catarina.
- ITAPAGIPE *corr.* **Itapé-gy-pe**, no rio da laje; nome de princípio aplicado ao riacho que, próximo do engenho da Conceição, se despenha do penedio, na encosta da montanha, e vai ter ao mar, ao norte da cidade do Salvador. É o riacho que, outrora, se chamava de **Itapagipe de cima**. V. **Itapé**.

ITAPANHUNACANGA V. Tapanhunacanga.

ITAPARÍ c. **Itá-parí**, a tapagem de pedras; a cerca ou fecho de pedras; alusão à corda de recifes que, à distância, mar dentro, se estende em linha, fechando o acesso da costa. *Alt. Itaparica.*

ITAPARICA *corr. Itá-parí*, a tapagem de pedra, ou cerca feita de pedras. Nome que tem a ilha maior das que ficam dentro da baía de Todos os Santos; assim se chama – **Itáparica** ou **itaparí** – em alusão à corda de recifes que lhe protege a costa oceânica, “uma légua de baixos de pedra, onde o mar anda o mais tempo em flor”, como se lê no *Roteiro do Brasil*. Bahia.

ITAPÉ c. **Itá-apé**, o caminho de pedra, ou a calçada, V. **Itapeba**. Pode ainda proceder o vocábulo de **y-t-apé** que significa o caminho dentro d’água, o vau, o passo.

ITAPEAÇÚ c. **Itá-apé-açú**, o caminho grande de pedra, a estrada calçada. Pode proceder também de **itapé-açú**, e significar lajedo grande. V. **Itapeba**.

ITAPEBA c. **Itá-peba**, a pedra rasteira, a laje, o penedio. *Alt. Itapeva, Itapé.*

ITAPEBOÇÚ c. **Itapéb-uçú**, a laje grande; o lajeado. Nome da primeira povoação fundada por D. Francisco de Sousa, ao pé do morro de Araçoiaba, em 1600. São Paulo.

ITAPEBY c. **Itapéb-y**, o rio da laje. Rio Grande do Sul.

ITAPECHINGA c. **Itá-pechinga**, a penha lisa. São Paulo.

ITAPECERICA c. **Itapé-cerica**, a laje escorregadia, ou a penha lisa. Nome dado pelo gentio ao monte rochoso, nu de qualquer vegetação pelas encostas. São Paulo, Minas Gerais. 107. V. **Itapeba**⁴⁶.

ITAPECUM c. **Itá-apecum**, a língua de pedra. Santa Catarina. V. **Apecum**.

ITAPECURÚ c. **Itapé-curú**, a laje formada de cascalhos ou seixos; a laje áspera, cheia de caroços ou protuberâncias; o conglomerado. *Alt. Itapicurú, Tapecurú.* Bahia, Maranhão.

ITAPEMA c. **Itá-pema**, ou **itá-pemba**, a pedra esquinada, ou angulada, à semelhança de parede. Bahia, São Paulo.

ITAPEMIRIM c. **Itapé-mirim**, a laje pequena, a lajinha. Espírito Santo, Bahia. V. **Itapeba**.

ITAPEPUCÚ c. **Itapé-pucú**, a laje comprida; o lajeado extenso.

ITAPETINGA c. **Itapé-tinga**, a laje branca, a chã de pedra branca. São Paulo.

46 V. nota 172.

V. *Doc. Hist.* V. 37 p. 101 e L3.

- ITAPETININGA *c.* **Itápé-tininga**, a laje enxuta. Pode também o nome proceder de **y-t-apé-tininga**, que vale dizer o caminho d'água ou o vau seco, o passo raso. Alusão à passagem do córrego que vizinha a cidade deste nome, do lado do Sul. São Paulo.
- ITAPEUNA *c.* **Itápé-una**, a laje negra; o lajeado escuro.
- ITAPEVA *V.* **Itapeba**.
- ITAPICURÚ *V.* **Itapecurú**.
- ITAPIMIRIM *V.* **Itapemirim**.
- ITAPIRA *corr.* **Itá-apira**, a pedra empinada; a penha. *V.* **Itabira**. São Paulo.
- ITAPIRÚ *corr.* **Itá-apirú**, pedras sobrepostas; ou pedras delgadas, pouco espessas; pedra estratificada.
- ITAPITANGA *c.* **Itá-pitanga**, a pedra vermelha ou parda. *Alt.* **Itapitã**. Bahia.
- ITAPITOCAI *corr.* **Itapy-tocái**, o curral de pedra, o recinto murado. Rio Grande do Sul.
- ITAPIVA *corr.* **Itá-pibo**, a pedra em pé. Minas Gerais.
- ITAPOPÚ *s.c.* **Itá-popú**, a pedra sonora.
- ITAPORA *s.c.* **Itá-por**, o que tem pedra, o pedregoso. Rio de Janeiro.
- ITAPORANGA *c.* **Itá-poranga**, a pedra bonita. 107. **Itaporã**, **Itaborã**.
- ITAPOROROCA *c.* **Itá-pororoca**, a pedra estrondante, ou que arrebenta com ruído. Confunde-se comumente com **capororoca** (**caá-pororoca**), que quer dizer pau que estala. Bahia.
- ITAPUÃ *c.* **Itá-apuã**, a pedra redonda, o bloco de pedra. Pode proceder também de **itá-poã**, a pedra erguida, o penedo levantado. 107. Bahia⁴⁷.
- ITAPÚA *c.* **Itá-púa**, a pedra sonora, o metal sonante; o sino. Paraguai.
- ITAPUCÚ *c.* **Itá-pucú**, a pedra comprida, a penha longa; a barra de ferro. 107^{47A}.
- ITAPURA *corr.* **Itá-bura**, a pedra que emerge, que aflora; a pedra levantada.
- ITAPUY *corr.* **Itá-poí**, a pedra delgada, ou em folhetas; o xisto, o folheto.
- ITAQUÁ *corr.* **Itá-quã**, a ponta de pedra, o dedo de pedra, o pico.
- ITAQUAQUICETUBA Antigamente **Taquaquicetuba**, *corr.* **taquaquicétyba**, o sítio das taquaras da variedade **taquaquicé**. 107. São Paulo. *V.* **Taquaquicé**.

47 *V.* notas 150, 157 e 172.

47A *Idem*, 170.

- ITAQUÉRA *corr.* Ita-cuéra, as pedras; penhascos. 25. No guarani, itá-cué⁴⁸.
- ITAQUÍ V. Itaky.
- ITAQUICÉ c. Itá-quicé, ou itá-kicé, a faca de pedra ou de metal. 123.
- ITARACA *corr.* Y-taraca, a água furta-cor; o que é cambiante, variando de cores. Bahia.
- ITARARÉ c. Itá-raré, a pedra solapada; o conduto subterrâneo; sumidouro; tubo, cano, galeria. 107. São Paulo^{48A}.
- ITARERÚ *s.c.* Itá-rerú, a vasilha de pedra, e também a vasilha de ferro ou caldeirão.
- ITATIAIA *corr.* Itá-tiái, o penhasco cheio de pontas; a crista eriçada. É o culminante do sistema orográfico brasileiro, na serra da Mantiqueira. São Paulo, Minas Gerais.
- ITATIBA *corr.* Itá-tyba, o sítio das pedras, o pedregal. São Paulo.
- ITATIBERABA c. Itá-tí-beraba, a ponta de pedra reluzente, o cristal. 107.
- ITATICUÍ c. Itá-tí-cuí, o pó da pedra branca; a cal.
- ITATICUITIBA *corr.* Itatí-cuí-tyba, o sítio da cal, a caieira.
- ITATIM *corr.* Itá-tí, a ponta ou nariz de pedra, o pico. 82. Como contração de itá-tinga, quer dizer: pedra branca, mármore; a prata ou metal branco. 107. *Alt.* Itati.
- ITATINGA c. Itá-tinga, a pedra branca; o metal branco; o mármore, o gesso, a cal. 107.
- ITATINGUY *corr.* Itating-y, o rio da pedra branca; o rio da prata. V. Itatinga. Bahia.
- ITATY c. Itá-ty, o líquido manado de pedra; o manancial das pedras.
- ITATYRA c. Itá-tyra, o conduto de pedra; o cano de ferro ou de metal.
- ITATYRABA s. A canalização de ferro. V. Itatyra.
- ITAÚ *corr.* Ita-ú, a pedra preta; o ferro. Nome de um chefe tupinambá citado por Hans Staden. Pode ser ainda itá-ú, que significa o manja-ferro.
- ITAÚBA V. Itahba.
- ITAUNA c. Itá-una, a pedra preta; o ferro, o minério. 107. Rio de Janeiro.
- ITAYÁ c. Itá-yá, capaz de pedras, o pedregoso.

48 Idem 9, 54 e 172.

48A V. nota 171.

- ITAYUBA *c.* Itá-yuba, a pedra ou metal amarelo; o ouro. 107. *Alt.* Itayú, Itayub, Itayuva.
- ITAYUBARANA *c.* Itá-yuba-rana, a pedra amarela falsa; o ouro falso; o cobre. 107.
- ITERONE ou iteronne *Grafia do nome de Niterói, segundo Hans Staden; corr. y-terô, a água em seio, ou em côncavo, ancoradouro, enseada. Rio de Janeiro*⁴⁹.
- ITINGA *corr. Y-tinga, a água branca; o rio branco. Alt. Utinga, Otinga.*
- ITINGUAÇÚ *corr. Y-ting-uaçú, a água grande, o rio branco grande. Alt. Utinguaçú. Rio de Janeiro.*
- ITIQUEIRA *corr. Yty-cuéra, as vertentes; mananciais.*
- ITIQUIRA *corr. Y-tykyra, a água vertente, o minadouro.*
- ITIUBA *V. Tiuba.*
- ITOBY *corr. Y-t-oby, a água verde; o rio verde. São Paulo.*
- ITOROQUEM *corr. Y-toró-quem, a água jorra barulhenta; o jorro ruidoso. Rio Grande do Sul.*
- ITÚ *corr. Y-tú, a queda d'água; o salto, a cachoeira. 104. São Paulo. Alt. Outú, Uitú.*
- ITUACÚ *corr. Ytú-açú, o salto grande. Bahia.*
- ITUPARARANGA *corr. Ytú-pararanga, o salto estrondante; o ronco do salto. São Paulo.*
- ITUPEVA *corr. Ytú-peba, a queda d'água rasteira; a cachoeira baixa; a corredeira. 104. São Paulo. V. Itú.*
- ITUPIRÚ *corr. Ytú-pirú, a queda d'água seca, ou enfraquecida. São Paulo.*
- ITUPORANGÁ *corr. Ytú-poranga, o salto bonito.*
- ITUPUY *corr. Ytú-poí, a queda d'água fina, ou em filetes.*
- ITUTINGA *corr. Ytú-tinga, o salto branco; a queda d'água alva. São Paulo.*
- ITUZAINGO *Verdadeiramente Ituzaingó, corr. ytú-çaingó, o salto dependurado, ou a prumo. Rio Grande do Sul.*
- ITYRA *s. O mesmo que atyra, elevação; o cabeço, o cúmulo, o monte 79.*
- ITYRAPINA *c. Ityra-apina, o morro pelado, o monte calvo. São Paulo.*
- IVAHY *corr. Ybá-y, o rio das frutas. Pode proceder também de yba-y, que significa o rio das flechas. Paraná.*
- IVAICA *corr. Ybá-yg, a água de frutas, o vinho. Rio Grande do Sul.*

49 *Idem, 259.*

IVINHEIMA Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de *yby-eyma*, que exprime *sem terra ou sem margens*, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado, sem margens distintas. Mato Grosso.

J

JABÁ *corr.* **Yabá**, v. fugir, esconder-se; s. o fujão. No tupi costeiro, **Jabáu**.

JABAQUARA *corr.* **Yabá-quara**, o refúgio ou esconderijo de fujões, vulgo **quilombo**. 120. São Paulo.

JABEBIRA *corr.* **Ya-pé-byra**, o que tem a pele áspera, ou pele de lixa. É o nome tupi das raías e peixes chatos. *Alt.* **Jabebura**.

JABOATÃO V. **Inhabatan**.

JABORANDY *corr.* **Ya-mbo-r-endí**, aquele que faz salivar. É a planta medicinal *Pilocarpus senatifolius*. *Alt.* **Jaborandiba**, **Jeborandí**, **Jaburandy** e até João Brandí.

JABOTICABA *corr.* **Yabutí-caba**, a gordura do cágado. O vocábulo, porém, é dos que admitem diversas interpretações. Considerado como corrupção de **yabutí-guaba**, quer dizer comida de cágado; se, porém, como opina Batista Caetano, for composto de **yambotificada**, significa fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (*Eugenia cauliflora*).

JABURÚ *corr.* **Ya-abirú**, o indivíduo repleto ou de papo cheio. (*Mycetaria americana*).

JABUTÍ *corr.* **Ya-u-tí**, aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, "criando-se pelos pés das árvores sem ir à água". (*Testudo tabulata*). O vocábulo admite outra interpretação, como composto de **y-abú-tí**, traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança. Manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais do selvagem.

JACÁ *corr.* **Ayacá**, o cesto, tecido de taquaras e de forma cilíndrica.

JACAMIM *corr.* **Ya-acá-mú**, o indivíduo que move a cabeça; a mesureira. (Batista Caetano). (*Psophia crepitans*).

JACANHYOBY *corr.* **Yacá-y-oby**, a nascente verde. Rio Grande do Sul.

- JACAPÁ *corr.* Ya-cã-pã, aquele que tem peito sonoro. É a ave canora. (*Tanagra Jacapá*. L.).
- JACAPÚ *corr.* Ya-cã-pú, aquele que tem peito ruidoso; o rumoroso. (*Tanagra loricata*, Lict.). Ave canora do Brasil.
- JACARACANGA *corr.* Yacaré-acanga, a cabeça do jacaré. Pode ser, ainda, yacaré-canga, a caveira ou ossada do jacaré. Bahia.
- JACARACICA *corr.* Yacaré-ycica, a baba do jacaré. Nome de uma lagoa em Sergipe.
- JACARACY *corr.* Yá-caracy, a vertente ou manancial curto, como sói acontecer nas cabeceiras. Bahia.
- JACARANDÁ *corr.* Y-acã-rantã, o de âmago ou cerne rijo. É árvore de madeira negra preciosa, incorruptível, folhagem penada, e de flores amarelas. (*Machaerium* sp.), da família das leguminosas.
- JACARANDÁ-PIRANGA *corr.* Y-acã-ratã-piranga, o de âmago ou cerne rijo e vermelho. É o jacarandá roxo. (*Machaerium firmin*, Benth.). Rio de Janeiro.
- JACARANDÁ-TÃ *corr.* Y-acã-rantã-tã, o de âmago muito rijo, a madeira duríssima (*Machaerium soleroxylon*, Fr. All.). É o chamado pau-ferro. Minas Gerais, Bahia.
- JACARANDÁ-UNA *corr.* Y-acã-rantã-una, o de âmago rijo e preto. É a Cabiuna, ou palissandra. (*Dalbergia nigra*, Allem.). Bahia.
- JACARAPINIMA *corr.* Yacaré-pinima, o lagarto manchado. (*Roteiro do Brasil*, c. 114).
- JACARÉ *corr.* Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré, aquele que olha de banda. (*Crocodilus sclerops*).
- JACAREGUAVA *corr.* Yacaré-guaba, a comida dos jacarés; o bebedouro ou viveiro de jacarés. São Paulo.
- JACAREHY *corr.* Yacaré-y, o rio do jacaré. São Paulo. 109.
- JACAREPAGUÁ *corr.* Yacaré-ypá-guá, a baixa da lagoa dos jacarés. 84, 129. Rio de Janeiro.
- JACAREPIPIRA *corr.* Yacaré-pipira, o jacaré esfolado ou descascado. Lacerda e Almeida interpretou a pestana do jacaré.
- JACARÉPUÁ *corr.* Yacaré-puã, o jacaré assanhado; nome de uma lagoa do Rio de Janeiro.
- JACARINI *corr.* Ya-cã-r-inf, o indivíduo de peito firme. Ave canora. (*Tanagra Jacarini*).
- JACATINGA *corr.* Ya-cã-tinga, o indivíduo de peito branco. Marc.
- JACATIRÃO *corr.* Ya-catí-rô, o indivíduo que cheira forte, ou demasiado. Árvore que dá para caibros. (*Lasiandra*). Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia.
- JACAUNA *corr.* Ya-cã-una, o indivíduo de peito negro. Pode ser

ainda **ya-acã-una**, aquele que tem a cabeça preta. Nome de um chefe selvagem do tempo da conquista do Nordeste brasileiro, no século XVI.

JACANÃ *corr.* **Ya-çá-nã**, o indivíduo que grita alto; o gritador. É a ave aquática. (*Parra jaçanã*).

JACANAHU *corr.* **Yaçanã-y**, o rio das jaçanãs; pode ser também **Jaçanã-ú**, a jaçanã come; onde vive a jaçanã. É uma lagoa no Ceará.

JACÊ *corr.* **Ya-c-ê**, o fruto doce; a melancia. (*Cucurbita citrullus*, L.).

JACERÚ *corr.* **Yacê-yrú**, o que contém melancias. Bahia.

JACEGUÁ *corr.* **Yacê-guá**, a baixa das melancias.

JACEGUAY *c.* **Yacê-guá-y**, o rio da baixa das melancias. Pode ser ainda **yacê-guái**, a cabeça edule, a melancia.

JACIGUÁ *corr.* **Yacy-guá**, o globo da lua, a lua cheia.

JACINA *corr.* **Yacina**, a libélula, também chamada *Cavalo do cão*. (*Aeschnidae*).

JACIRENDY *corr.* **Yacy-rendy**, a luz da lua, o luar.

JACOBINA Antigamente **yacuabinas**, *corr.* **ya-cuá-apina**, o que tem cascalho limpo, isto é, jazidas de cascalho descoberto. É o nome do sertão aurífero da Bahia.

JACÚ *corr.* **Yacú**, *adj.* esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave do gênero *Penelope*. Batista Caetano decompõe o vocábulo em **y-a-cú** e o traduz o que come grãos.

JACUACANGA *corr.* **Yacú-acanga**, a cabeça de jacu. Pode ser ainda **yaguá-canga**, a caveira ou ossada da onça. É uma planta borraginácea, (*Tiaráidium indicum*). Rio de Janeiro.

JACUHY *corr.* **Yacú-y**, o rio dos jacus. Pode também proceder de **y-acuí**, o rio enxuto; o rio temporário. Rio Grande do Sul, Bahia.

JACUNDÁ *corr.* **Ya-cundá**, o indivíduo retorcido ou travado. É um peixe fluvial, vagaroso, que se deixa apanhar à mão. (*Bairachops*).

JACUNÉ *corr.* **Yacú-nê**, o jacu fétido ou catinguento.

JACUPEMA *c.* **Yacú-pema**, o jacu miúdo, inferior. (*Penelope superciliaris*). *Alt.* **Jacupemba**, **Jacupeba**.

JACURICY *corr.* **Yacuri-cica**, a resina do **jacuré** ou **guacurf**. Bahia.

JACURUNA *corr.* **Yacú-r-una**, o pacu preto. Bahia.

JACURUTÚ *s.* Voz onomatopaica, denominando uma coruja grande. (*Strix*). *Alt.* **Nhacuturú**.

JACURUTUOCA *corr.* **Yacurutú-oca**, a residência ou paradeiro dos **jacurutus**. Rio de Janeiro, Ceará.

JACUTINGA *corr.* **Yacú-tinga**, o jacu branco. (*Penelope leucoptera*). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro, entre a rocha de itabirito. 107. 109.

JACUTYBA *corr.* **Yacú-tyba**, o sítio dos jacus, onde se encontram essas aves em abundância.

JACY *corr.* **Ya-cy**, a mãe dos frutos, a lua; o mês lunar; o ornato feito de um pedaço de conha branca e telhado em forma de crescente. 120.

JACUYPE *corr.* **Yacú-y-pe**, no rio dos jacus. Pode proceder, ainda, de **y-acui-pe**, no rio seco ou no rio temporário. Bahia.

JAEMBÊ *corr.* **Nhaê-bé**, o prato raso; a penela rasa; o alguidar.

JAGUÁ Forma contrata e alterada de **yguara**. Entre os Guaranis, era o nome que davam ao cometa, como se este astro errante fosse uma fera entre as estrelas. V. **Jaguara**.

JAGUABEBÊ *corr.* **Yaguá-bêbê**, as estrelas cadentes, os aerólitos. V. **Jaguá**.

JAGUACAMBÊ *corr.* **Yaguá-acã-bé**, o cachorro de cabeça chata. É o mesmo guaxinim. (*Procyon cancrivorus*).

JAGUAJIRA *corr.* **Yaguá-cira** (pronunciado **Yaguá-chira**), a onça pungente, ou de ferrão, o escorpião, equiparando o índio o escorpião a uma fera, entre os insetos^{49A}.

JAGUAMIMBABA *corr.* **Yaguá-mimbaba**, a onça de criação, o cão manso, o cachorro. (*Canis fidelis*). São Paulo. 109, 124^{49B}.

JAGUAMITANGA *corr.* **Yaguá-mitanga**, a onça pequena; o cachorro do mato. (*Canis vetulus*, Lund.).

JAGUANAMBÍ *corr.* **Yaguá-namby**, a orelha de onça. Ceará.

JAGUANÃO *corr.* **Yaguá-nã**, parente de onça, parecido com ela. Rio de Janeiro.

JAGUANÊ *corr.* **Yagua-nê**, a catinga da onça; a onça fétida.

JAGUAPEBA *corr.* **Yaguá-peba**, o cão miúdo, ou inferior. *Alt.* **Jaguapeva**.

JAGUAQUARA *corr.* **Yaguá-quara**, a cova da onça. Bahia. *Alt.* **Jaguacoara**.

JAGUAR *corr.* **Ya-guara**, aquele que devora ou dilacera, o devorador. 109. Forma primitiva no tupi: **yauara**. No guarani, **yauá**. 109. *Alt.* **Jaguá, Jaguara**^{49B}.

JAGUARÁ *corr.* **Yaguá-rá**, tirado da onça, a ficção de onça. É o nome de um folguedo, que se fazia, entre os catecúmenos, com o disfarce de uma onça, envolta em palhas ou folhas secas. Pode ser também de **Jaguar-ã**, a onça erguida, ou de pé. Bahia.

JAGUARABA *corr.* **Yaguar-aba**, o pêlo de onça. Rio de Janeiro.

49A V. notas 13 e 162.

49B Idem, 238.

- JAGUARAHYVA** *corr.* **Yaguar-afba**, o cachorro ruim; o cão medroso. 109. São Paulo.
- JAGUARÃO** *corr.* **Yaguar-ãã**, a onça pequena, a onçazinha. Pode ser derivado de **Yaguá-nharô** e então significa o cão bravo, a onça feroz. Rio Grande do Sul.
- JAGUARAPOABA** *s.c.* **Yaguara-poaba**, o rugido da onça. Ceará.
- JAGUARAPIPO** *corr.* **Yaguara-pipo**, a onça em pé. Rio de Janeiro.
- JAGUARAPY** *s.c.* **Yguara-py**, os pés da onça, ou o rastro da onça. Nome de um riacho no Ceará.
- JAGUARÁUNA** *corr.* **Yaguara-una**, a onça preta, o tigre.
- JAGUARETÊ** *corr.* **Yaguar-etê**, a onça verdadeira. (*Felis onça*). 109. *Alt.* **Jaguaritê**.
- JAGUARÊ** *corr.* **Yaguar-ê**, dado a onças; onde elas se acoitam. São Paulo.
- JAGUARIBARA** *corr.* **Yaguary-uara**, os moradores do rio da onça, ou habitantes do Jaguari. Nome de uma tribo selvagem das margens do Jaguaripe. Ceará. V. **Jaguary**.
- JAGUARIBE** *corr.* **Yaguar-y-be**, no rio da onça. Ceará. 75.
- JAGUARICATÚ** *corr.* **Yaguary-catú**, o jaguary bom; o que tem água perene. V. **Jaguary**.
- JAGUARIPE** O mesmo que **jaguaribe**. V. **Jaguaribe**. Bahia.
- JAGUARY** *corr.* **Yaguar-y**, o rio da onça. 75, 109.
- JAGUAYARA** *corr.* **Yaguá-yara**, o senhor da onça, o caçador de onças.
- JAGUARITIRA** *s.c.* **Yaguar-ytira**, o morro da onça.
- JAGUATIRICA** *corr.* **Yaguá-tirica**, a onça tímida, fujona. (*Felis mitis*).
- JAGUARURANA** *corr.* **Yagua-û-rana**, o semelhante à onça preta; o que parece com um tigre. Nome de uma tribo selvagem do Ceará.
- JAHÓ** Voz onomatopaica da ave **Zabelê** (*Crypturus noctivagus*).
- JAHYBA** *corr.* **Y-ayba**, a água ruim; o rio mau; aquele que não presta.
- JAIBARAS** *corr.* **Ya-af-uara**, o que é comedor de preguiças (*af*). Índios do Ceará.
- JALAPA** *corr.* **Yá-rápa**, aquele que solta, o solvente, o resoluto. É a convolvulacea (*Piptostegia Pisonis*) de São Paulo, também chamada, *batata de purga*, em Minas, e *purga de Amaro Leite*, em Goiás.
- JAMACARÚ** *corr.* **Ya-mã-carú**, aquele que é feixe de espinhos; o espinhento. (*Cereus*). *Alt.* **Jaramacarú**, **Jamandacarú**, **Mandacarú**.
- JAMUNDÁ** *corr.* **Ya-mundá**, aquele que furta; gente ladra; povo de ladrões. Pará. *Alt.* **Nhamundá**.
- JANAÚBA** *corr.* **Yandí-yba**, a árvore ou pau-d'óleo; a planta do visco ou do grude. *Alt.* **Janayba**, **Jandiba**.

- JANDAIA *corr.* Nhand-ái, correndo sempre; o andejo, o errante. É um papagaio pequeno de cabeça, peito e encontros amarelos. (*Psittacus surdus*). Em Minas Gerais, Nhandaia.
- JANDAÍRA *corr.* Yandí-efra, a abelha de mel, a melífera. *Alt.* Jandira.
- JANDIRA V. Jandaíra. Nome de mulher.
- JANDIROBA *corr.* Yandí-roba, o óleo amargo. (*Fenilea trilobata*). *Alt.* Nhandíroba.
- JANDÚ *corr.* Ya-andú, aquele que pressente, ou percebe o mínimo contato. É a aranha. (*Aranea*).
- JANGURUCÚ *corr.* Yang-uruçú, o uruçú de enxame; abelhas de enxame. Ceará.
- JAPARA *corr.* Ya-apara, o que é curvo ou torto; o arco para flechas. 11650.
- JAPARATUBA *corr.* Yapara-tyba, o sítio dos arcos, onde abundam arcos. Sergipe.
- JAPARAYBA *corr.* Yapara-yba, o pau-d'arco; madeira rija de que os índios faziam os seus arcos. (*Roteiro do Brasil*).
- JAPEAÇABA *corr.* Y-apeaçaba, a travessia do rio, a ponte. Designa também uma palmeira de que se tiram fibras resistentes, conhecidas vulgarmente por piaçaba. V. Peaçaba.
- JAPECANGA *corr.* Ya-apé-canga, aquele que tem a casca seca. (*Smilax*). É a salsaparrilha do Brasil. *Alt.* Juapecanga, Inhapecanga, Japicanga, Jupicanga.
- JAPEJÚ *corr.* Yapó-yú, o alagado podre, o pantanal. Rio Grande do Sul.
- JAPOAHYBA *corr.* Yapó-ayba, o pântano ruim, ou perigoso. Rio Grande do Sul.
- JAPOCA *corr.* Y-ã-poca, a água que sobe arrebatando; a água impetuosa, a mareta ou levadiã. Paraíba.
- JAPOMIM *corr.* Yapó-mí, o brejo pequeno, o brejinho. Pernambuco.
- JAPÚ *corr.* Ya-pú, aquele que é ruidoso, o indivíduo barulhento. A ave conhecida (*Cassicus*).
- JAPUHYBA *corr.* Yapú-yba, a árvore dos japus. Rio de Janeiro. V. Japú.
- JAPUIUBA *corr.* Yapú-yuba, o japu-amarelo. (*Cassicus hoemorrhous*, Dand.). V. Japú.
- JAPURÚ *corr.* Ya-purú, o devora-frutos; o bicho das frutas, o verme. V. Taporú.

- JAPURUCHITÁ *corr.* **Yaporú-cy-itã**, o bicho que gera concha; o caramujo, o caracol. (*Murex*).
- JAPUTEREBÁ *corr.* **Yapú-tereba**, limpa-culpas, tira-pecados; o que absolve; o padre, o missionário.
- JAPY O mesmo que **japú**. V. **Japú**. Pode ser ainda procedente de **yapy**, significando as cabeceiras, as nascentes. São Paulo.
- JAQUÁ *corr.* **Y-aquã**, aquele que é proeminente, o culminante. É a árvore *Lucuma gigantea*, Freire All. *Alt.* **Jaccá**.
- JAQUIRANA *corr.* **Ya-ki-rana**, o que é semelhante a piolho (**ki** ou **kiba**). A cigarra cujo corpo parecia ao índio um piolho grande. (*Cicada*). *Alt.* **Juquirana, Jiquirana**.
- JARACATIÁ *corr.* **Yara-catf-á**, o que de exalar. É o mamoeiro brasílico (*Cárica dodecaphylla*, Vieill.).
- JARAGUÁ *corr.* **Yara-guá**, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de **yara-quã**, que significa o dedo de Deus, a ponta do Senhor. São Paulo, Goiás, Alagoas.
- JARARACA *corr.* **Ya-ra-raca**, aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso. (*Lachesis*).
- JARARACUÇÚ *corr.* **Ya-rarac-uçú**, a jararaca grande. (*Lachesis*).
- JARARÉ *corr.* **Yararé**, o fruto subterrâneo; é o mandobi (*Arachis*, L.).
- JARATICACA *corr.* **Yara-tic-aga**, o que pode arrojear fétido. É um animal que, perseguido, se defende com arrojear de si um líquido fétido, insuportável. (*Mephitis soffocans*). É o mesmo **Cangambá**, do Norte do Brasil. *Alt.* **Jaratacaca, Jeratacaca, Jeraticaca**.
- JATAHY *corr.* **Yá-atã-yba**, contrato em **ya-atã-y**, a árvore de fruto duro (**yá-atã**). É a árvore *Hymenea Cubaril*. *Alt.* **Gitahy, Jutahy**. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore.
- JATEÚCA *corr.* **Y-atf-uca**, o que finca a tromba, o carrapato, (*Ixodes*). *Alt.* **Jatibuca, Jativuca**.
- JATÍ *corr.* **Ya-tf**, o indivíduo branco; a branca; casta de abelhas. *Alt.* **Yatybá, Jatubá, Jatobá**.
- JATIUTUBA *corr.* **Yatiú-tyba**, o sítio dos carrapatos, a abundância deles. Pode ser ainda procedente de **jatiú-tyba**, o sítio das batatas, o batatal, pois que **jatiuca** é a batata, também chamada **jate-buca**^{50A}.
- JATOBÁ *corr.* **Yatay-ybá**, contrato em **Yat-ybá**, o fruto do **yatahy** que se chama moça-branca (mosca-branca).
- JAÚ ou **Jahú**, *corr.* **Ya-ú**, aquele que devora; é o grande peixe fluvial (*Platystoma*), freqüente no Rio Tietê, como nos rios da bacia do Rio

50A V. nota 219.

da Prata. São Paulo, Mato Grosso, Goiás. É o mesmo sorobim, do Rio São Francisco e outros rios do Norte.

JAUÁ *corr.* **Yauara**. V. **Jaguar**.

JATURÚ *corr.* **Yau-r-ú**, os jáus comem, ou onde há jáus. Mato Grosso.

JAURY *corr.* **Yau-ry**, o rio dos jáus. V. **Jaú**.

JAVAHÊ *corr.* **Ya-aba-é**, aquele que é gente diferente, o que é povo à parte. Goiás.

JAVARY *corr.* **Yauá-r-y**, o rio da onça. Amazonas.

JEJUHÝ Grafia espanhola de **Chechuy**, ou **Chuchú-y**, o rio dos pintasilgos. República Argentina, Paraguai.

JENIPAPO V. **Genipapo**.

JERERAHÚ *corr.* **Yerê-raú**, o redemoinho à-toa ou giro aparente. É o nome de uma lagoa no Ceará.

JERIBATUBA *corr.* **Yaribá-tyba**, o sítio dos jiribás; o palmar de jiribás. V. **Yiribá**. São Paulo. *Alt.* **Jiribatuba**, **Jurubatuba**, **Jerivatuba**.

JERICOAQUARA *corr.* **Yurucuá-quara**, o buraco ou refúgio das tartarugas. Ceará. V. **Jurucuá**.

JETICA *s.* **Yetyca**, a batata, o tubérculo. *Alt.* **Jetuca**.

JETICUCÚ *corr.* **Yetyc-uçú**, a batata grande. É a batata purgativa (*Convolvulus operculatus*, Bern.).

JIQÚ *corr.* **Y-iké-i**, aquele em que se entra (Batista Caetano). É o covo ou nassa para apanhar peixe. No Norte do Brasil, **Juki**. *Alt.* **Jequí**, **Jukí**.

JIQUIÁ *corr.* **Yikí-yá**, o covo aberto, a nassa de boca larga. Alagoas.

JIQUIÉ *corr.* **Yikí-é**, o covo de forma diversa. Entretanto, o vocábulo pode ter procedido da alteração de **Yaquilé**, palavra da língua dos Camacás, para exprimir onça, cachorro. Bahia.

JIQUIRIÇÁ *corr.* **Yuquiriçaba**, contrato em **yuquiriçá**, o lugar do sal, a salina. Bahia.

JIQUITAHY *corr.* **Yiquitáf-y**, o rio das jiquitaias, ou formigas urentes. Minas Gerais. V. **Jiquitaia**.

JIQUITAIA *corr.* **Yiquitái**, o que é picante; o molho; a formiga urente⁵¹.

JIQUITIBÁ *corr.* **Yikí-t-ybá**, o fruto de jiqui, isto é, fruto com a forma de covo. O fruto do **jiquitibá** é pequeno e afunilado à semelhança de um jiqui. É a árvore gigante do Brasil. (*Couratari legalis*). *Alt.* **Jequitibá**.

51 V. nota 221.

- JQUITINHONHA** *corr.* **Yiki-tynhonhe**, o covô mergulhado, ou asentado n'água. Mais provável é ser o vocábulo da língua dos Botocudos da região banhada por esse rio. Minas Gerais, Bahia^{51A}.
- JIRIBÁ** *corr.* **Yari-ybá**, o fruto de cacho. É a palmeira esbelta, graciosa, da mata virgem. *Alt.* **Jirivá**.
- JITAHY** *v.* **Jatahy**.
- JUÁ** *corr.* **A-yú-á**, a fruta do espinho. (*Zyzyphus J.*).
- JUACEMA** *corr.* **Yu-acema**, a saída dos espinhos. Pode vir também de **yua-acema**, significando a saída dos juás, a época dessas frutas. Bahia.
- JUACÓCA** *corr.* **Yuá-cóca**, a colheita de juás. Paraíba. *Alt.* **Joacóca**.
- JUARANA** *corr.* **Yuá-rana**, o juá falso, ou semelhante ao juá. *Alt.* **Jueirana, Juairana**.
- JUARY** *c.* **Juá-r-y**, o rio do juá. Nome de um antigo engenho no Rio de Janeiro.
- JUATINDYBA** *corr.* **Yuati-dyba**, o sítio dos juás-brancos; o espinhal, ou espinheiro.
- JUATINGA** *corr.* **Yuá-tinga**, o juá-branco; espinhos. Rio de Janeiro. *Alt.* **Juati**.
- JUBAIA** *corr.* **Yub-aia**, o pouso ou mansão saudável. Ceará.
- JUCÁ** *corr.* **Yucá**, *v.a.* matar. Nome de uma madeira rija de que se servia o gentio para fazer os seus tacapes, ou espadões, com que davam morte aos prisioneiros.
- JUÇANA** *s.* O laço para colher as aves. 116.
- JUÇARA** *adj.* O espinhoso, ou espinhento. Como *sub.*, **yú-çara**, o espinho ligador, ou a agulha. Os espinhos da palmeira deste nome serviam de agulha aos índios. A coceira.
- JUCOEX** Como escreveu Antônio Knivet, nas suas *Peregrinações pelo Brasil*, no século XVI, a denominar o Cabo Frio, é erro de grafia do verdadeiro nome **Yucoé**, que quer dizer *garganta*, em alusão ao canal estreito e profundo que separa a ilha do continente. Rio de Janeiro.
- JUCUNEM** *corr.* **Y-ucú-nê**, a água espraçada, fétida. É o nome de uma lagoa no Espírito Santo.
- JUCURIAÇÚ** *s.* Nome indígena da madeira conhecida por Gonçalves-alves. Bahia.
- JUCURUTÚ** *v.* **Jacurutú**.

51A Idem, 2V2B.

- JUIGIÁ** *corr.* **Gyi-yiá**, oriundo da jia. É o nome de uma rã brancacenta, cujo canto simula o choro das crianças; é chamada **caçote** no Norte do Brasil e **cumbaca (cû-baca)**, o que revira a língua), no Sul do País.
- JUIHI** *corr.* **Gyf-í**, aumentativo de **gyi**, a jia grande ou rã grande (*Rana*), de cor escura. (*Roteiro do Brasil*, c. 115). *Alt.* **Gia**, **Yuf**.
- JUINS** *corr.* **Gyi-ĩ**, as rãzinhas. (*Roteiro do Brasil*, c. 115).
- JUIPEREGA** *corr.* **Gyi-pererega**, a rã saltitante, conhecida vulgarmente por **perereca**. (*Roteiro do Brasil*, c. 115).
- JUIPONGA** *corr.* **Gyi-ponga**, a rã sonante, cujo cantar imita o trabalho do caldeiro. (*Roteiro do Brasil*, c. 115).
- JUNDIÁ** *corr.* **Yu-ndi-á**, a cabeça armada de barbatanas. É o peixe d'água doce *Platystoma spatula*.
- JUNDIAHY** *corr.* **Yundiá-y**, o rio dos jundiás. São Paulo.
- JUNDÚ** *corr.* **Nhú-tú**, o campo sujo, o terreno à beira mar que começa a ser invadido pela vegetação mais alta. São Paulo.
- JUPARA** *corr.* **Çûpara**, o movediço ou inquieto. Animal do tamanho de um bugio que vive aos saltos sobre as árvores. (*Cercoleptes caudivolvulus*). *Alt.* **Xupara**, **Supara**.
- JUPECANGA** *corr.* **Ju-pé-canga**, a casca seca de espinhos; a epiderme enxuta e espinhenta. É o mesmo que **Japecanga**. V. **Japecanga**.
- JUPÍ** *corr.* **Yu-py**, o pé de espinho. Pode ser ainda **yu-pí**, o espinho agudo. Pernambuco.
- JUPIRA** *corr.* **Y-upyra**, aquele que foi devorado ou comido.
- JUQUERIKUERÊ** *corr.* **Yukeri-ker-ê**, o espinheiro muito propenso a dormir; a planta dorminhoca, a sensitiva. (*Mimosa pudica*). São Paulo.
- JUQUERY** *corr.* **Yu-ker-ĩ**, o espinho propenso a dormir. Nome comum das Mimosáceas. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperava os seus manjares. São Paulo.
- JUQUIÁ** ou **Juklá**, a naçsa aberta; o covó de boca larga. Alagoas. V. **Jiquiá**.
- JUQUIRATYBA** V. **Juquitíba**.
- JURARÁ** s. A tartaruga (*Testudo*), também chamada **Jurucuá**.
- JURÉA** Antigamente **yuré**, *corr.* **cur-é** (pronunciado **chur-é**), a saliência distinta, a ponta notável. É o nome de um promontório na vizinhança da Ribeira de Iguape. São Paulo.
- JUREMA** *corr.* **Yu-r-ema**, o espinheiro suculento; árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria. (*Acacia Jurema*, Mar., ou *Spina dulcis*). *Alt.* **Gerema**, **Jerema**.

- JURÚ** *corr.* **Yurú**, o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz.
- JURUÁ** *corr.* **Yurú-á**, a boca aberta, ou ampla; a embocadura larga. Pará, Amazonas.
- JURUBIM** *corr.* **Yurú-bí**, a boca cerrada ou fechada. *Alt.* **Surubim**.
- JURUCÊ** *corr.* **Yurú-cê**, a boca doce; a afável. Nome de mulher.
- JURUCUÁ** *corr.* **Yurú-quá**, o pescoço que se afunda ou se recolhe; a tartaruga. *Alt.* **Jericoá, Jerequá**.
- JURUJUBA** *corr.* **Yurú-yuba**, o pescoço amarelo ou ruivo; a boca ruiva; a barba ruiva ou loura. 199. Rio de Janeiro.
- JURUMIRIM** *corr.* **Yurú-mirim**, a boca pequena, a barrinha.
- JURUMÛ** *corr.* **Yurú-mû**, a gargalo ou pescoço apertado. É uma espécie de abóbora grande (*Cucurbita maxima*). *Alt.* **Gerimum, Jirimum**.
- JURUOCA** *corr.* **Ajurú-oca**, o refúgio ou esconderijo dos papagaios. V. **Ajurú**. Minas Gerais.
- JURUPARÍ** *corr.* **Yurú-parí**, a boca fechada. Nome de um gentio da mitologia selvagem. No Amazonas, o **Juruparí** é um enviado do sol para reformar os costumes dos homens: legislador, deu o poder aos homens, tirando-o das mulheres; instituiu festas em que só os homens tomam parte e deixou segredos que só estes podem saber. A mulher que os descobre deve morrer, como morreu **Ceucy**, a própria mãe de **Jurupari**. O nome **Juruparí** que vale dizer – aquele que fecha a nossa boca – segundo os pajés, é de referência à instituição dos segredos. Outros índios do Brasil tinham o **Juruparí** pelo espírito do mal, e o representavam nas suas itaquatiaras com *horrenda* catadura e os dentes arreganhados. Tinha **Juruparí** muitos outros gênios maléficos ao seu serviço, bem como os seus animais: as aves noturnas, o morcego, a cobra, o jacaré, a onça, as aranhas grandes, o lagarto. Perseguia a gente até durante o sono, tapando-lhe a boca nos pesadelos⁵².
- JURUPARÍ-KIBABA** *corr.* **Yuruparí-kibaba**, o pente do diabo. É uma espécie de centopéia; mas, neste caso, deve ser **yuruparí-kiba**, o piolho do diabo.
- JURUPARIOBA** *corr.* **Yuruparí-oba**, a roupa do diabo. Pernambuco.
- JURUPARÍ-PINDÁ** *corr.* **Yurú-parí-pindá**, o anzol do diabo. É o peixe *Geophagus Juruparí*, Heck.
- JURUPENCEM** *corr.* **Yurú-pencê**, a boca partida ou dividida. Espírito Santo.

52 V. Nota 240. Sendo Jurupari uma entidade alienígena, tanto de nome quanto de funções originais, é irrisória qualquer tentativa de lhe explicar designação por meio de étimos tupis.

- JURUPITÉ *s.c.* **Yurú-pyté**, chupada de boca, o beijo entre os índios. (M. Bertoni).
- JURURÊ *s.* A suplicante, a pedinte. Nome de mulher.
- JURURÚ *corr.* **Yurú-rú**, pescoço pendido, declinado; o que está triste; o calado.
- JURUTY *corr.* **Yurú-ty**, colo teso; alusão ao aspecto da ave deste nome no ato de cantar; pode ser procedente de **jurutí**, (**jurútí**) que significa *o colo branco*. (*Peristera frontalis*).
- JURUUNA *corr.* **Yurú-una**, a boca negra. *Alt.* **Juruna**.
- JUTURNAHYBA ou **Yuturnahy**, *corr.* **yuturutunhã-y**, a água das corujas. A ave **yuturutunhã** é uma coruja listrada (*yuturutú-nhã*). V. **Jacurutú**. É o nome de uma lagoa do Estado do Rio de Janeiro.

L

- LAMBARÉ *corr.* **Arambaré**, a bruma, a névoa, a mancha azulada, indistinta e distante. Dava-se este nome ao vulto brumoso das montanhas longínquas. *Alt.* **Aramaré**.
- LAMBARY *corr.* **Aramberí**, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. *Alt.* **Araberí**, **Alambary**.
- LANDY V. **Guanandí**.
- LERIMIRIM *corr.* **Rerí-mirim**, a ostra pequena. (*Roteiro do Brasil*, c. 146).
- LERIPEBA *corr.* **Rerí-peba**, a ostra rasa ou chata. (*Roteiro do Brasil*, c. 140). *Alt.* **Leripeva**.
- LERITYBA *corr.* **Rerí-tyba**, o sítio das ostras, a ostreira. V. **Lery**, **Rerityba**.
- LERIUÇU *corr.* **Rerí-uçú**, a ostra grande. V. **Lery**.
- LERY *corr.* **Rerí**, a ostra. *Alt.* **Irerí**, **Iriri**. Nome de uma das praias no Rio de Janeiro, nome que, aliás, não recorda o do célebre companheiro de Villegaignon, mas exprime simplesmente *a praia das ostras*.
- LICURY *corr.* **Aricurí**, ou **Yarf-curí**, o cacho miúdo, ou de coquinhos. (*Cocos schizophylla*). *Alt.* **Ouricurí**, **Uricurí**.
- LOCA *corr.* **Roca** (o r brandíssimo), a casa, o abrigo, o esconderijo do peixe. *Alt.* **Toca**.
- LOCÚ *corr.* **Rucú** ou **urucú**, o vermelhão.
- LOCURANA *corr.* **Rucurana**, ou **uruçú-rana**, o urucu aparente, o falso.

LOPO *corr.* **Ropa** (o r brandíssimo), o errante, o vagabundo, andejo. Índios tapuias da Serra da Mantiqueira, brutos e vivendo nos pinhais. Eram também chamados *bilreiros*.

M

MA Forma contrata de **mbaé**, a coisa, o objeto, quando entra na composição de outros vocábulos. Pode ser também a forma contrata de **uma**, ou **yma**, **yba**, a madeira, a árvore. V. **Mbaé**, **Uma**.

MACABA *corr.* **Má-caba**, a coisa gorda; o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira *Acrocomia sclerocarpa*, Mar. *Alt.* **Macá**, **Baccaba**, **Bacá**.

MACABOQUEIRA *corr.* **Macaba-coéra**, as macabas. Foi o nome primitivo da atual cidade de Granja, Ceará.

MACABÚ *corr.* **Macab-û**, a macaba preta ou arroxeadada. V. **Macaba**.

MACACHÊRA *corr.* **Macaiêra**. O aipim, que se comia assado, chamava-se **aipî-macaieira**, que, por corrupção, se passou a **aipî-macacheira**. V. **Macaia**.

MACACO Vocábulo tomado dos Galibis tá Guiana. O símio, na língua desses índios, é **macaca**.

MACACÚ V. **Macucú**.

MACAGUÁ *corr.* **Mocâguá**, c. **moy-cã-guá**, que se traduz – comedor de cabeça de cobra. É o gavião *Falco cachinans*, que devora as cobras e por isso tido, entre os índios, como ave protetora. Chamavam-na os Tupis do Brasil – **Acauã**, vocábulo que pode ser onomatopáico, mas que, em verdade, se compõe de **acã-uá**, provindo de **acã-uára**, o comedor de cabeças.

MACAHÉ *corr.* **Macá-ê**, a macaba doce. Rio de Janeiro. V. **Macaba**.

MACAHIBA *corr.* **Macá-yba**, a árvore da macaba. É a palmeira *Acrocomia sclerocarpa*, Mart., que se chama **Coco-de-catarro**. *Alt.* **Macahyba**, **Macahuba**, **Macayuba**, **Bocayuva**. V. **Macaba**.

MACAHUBA V. **Macahiba**.

MACAIA *corr.* **Ma-cáia**, por **mbae-cáia**, a coisa abrasada, ou que se queima; a queimada; a ardentia; a luz fosforescente, o fogo fátuo.

MACAIÊRA Forma plural de **macaia**. 25. Significa: fogos que ardem por si, espontâneos; o fogo-fátuo ou labaredas fosforescentes, que os índios tinham como maus espíritos que os perseguiram nos caminhos. *Alt.* **Macachêra**. V. **Macaia**.

- MACAMBIRA** *corr.* **Mã-cambira**, o manajo ou molho pungente, cheio de espinhos. É uma bromeliácea, de que, no sertão, se extraem fibras para cordas.
- MACAPÁ** *corr.* **Macá-pá**, contração de **macá-paba**, a estância das macabas, o pomar de macabas. Pará. V. **Macaba**.
- MAÇAMBABA** *corr.* **Moçambaba**, a união, a junção. Nome de uma restinga, entre uma lagoa e o mar, fazendo a comunicação entre dois promontórios. *Alt.* **Maçambá**. Rio de Janeiro.
- MAÇAMBARÁ** *corr.* **Moçambá-rá**, a restinga rota. V. **Maçambaba**. Rio de Janeiro.
- MAÇARANDUBA** *corr.* **Ma-çaran-d-yba**, a árvore do escorrego; longarina utilizada, na mata, para, sobre ela, rolar a madeira tirada. Pode ser corrupção de **mo-çaran-d-yba**, que quer dizer árvore que faz escorregar ou deslizar. É a sapotácea *Lucuma procera*, Mart.
- MAÇARANDUPIÓ** *corr.* **Moçarandy-pyó**, o extrato da maçaranduba. V. **Maçaranduba**. Bahia. V. 3ª edição.
- MACAYUBA** V. **Macahba**.
- MACUCO** *corr.* **Macucu**, c. **ma-cú-cú**, a coisa de muito comer, ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave deste nome, a qual "... tem no peito mais titelas que dois galipavos". (*Roteiro do Brasil*). (*Trachypelmus brasiliensis*).
- MACUGÊ** *corr.* **Ma-cu-gê**, coisa de comer agradável, doce. É a planta apocínea do sertão do Norte. *Alt.* **Mocugê**. Bahia.
- MAECHUÉ** *corr.* **Mbae-chué**, a coisa humilde; o humilde, o modesto, o rasteiro. *Alt.* **Machué**, **Bachué**.
- MAETACA** *corr.* **Mbae-taca**, a coisa ruidosa; o ruidoso, o barulhento. É uma variedade de papagaio. *Alt.* **Maitá**, **Baetaca**, **Humaeté**.
- MAETINGA** *corr.* **Mbae-tinga**, a coisa branca; o branco ou a branca. Antigos documentos dão – **Amaitinga**, em vez de **Maetinga**, nome do ribeiro aurífero dos arredores do morro do Jaraguá. A prevalecer **Amaitinga**, é este vocábulo corruptela de **Ambaytinga**, que é a embaúba branca. São Paulo. Antônio Knivet escreveu **Muinga**.
- MAGÉ** Antigamente **Magépe**, c. **magé-pe**, o feiticeiro ou no **pagé**, de referência à resistência deste. Rio de Janeiro. 6. *Alt.* **Mbagé**, **Magé**, **Bagé**, **Pagé**.
- MAGOARY** *corr.* **Mbaguari**, o tardo, o vagaroso, o que anda pausado. No tupi é o nome genérico de cegonhas e garças. *Alt.* **Baguarí**.
- MAIACÚ** V. **Baiacú**.
- MAIR** Apelido dos franceses entre os Tupis do Brasil. Os Guaranis do Paraguai chamavam os espanhóis – **mbaí**. Os dois vocábulos **Mair**

e **Mbaí** são formas contratas de **mbae-ira**, que exprime o *apartado, o solitário, o que vive distante*. De **mbae-ira** procedem: **mbaf-ra**, **mafra**, **mair**, **mbaí**. Este apelido davam os índios aos franceses e espanhóis, não só por virem de longe, como porque os equiparavam, pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados **pagés** ou **carahybas**, os quais levavam vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes. O **pagé** era, portanto, um solitário (**maír**, **mbaí**). De resto, o vocábulo **pagé** procede do mesmo radical, pois é contração de **mbaí**, isto é, o solitário de diversa natureza, o *solitário sobrenatural*. Do nome **mbaié** decorrem duas formas: **maié**, que deu **majé**, ou **magé**, e **baié** que deu **bajé** ou **bagé**, donde procede **pagé**. Do mesmo tema – **mbai** – ainda procede **baí** ou **bay**, que deu – **pay** ou **pahy**, como também se chamava, entre os índios de outras tribos, o feiticeiro ou curandeiro. 112.

MAIRAPÉ *c.* **Mair-apé**, o caminho dos franceses, e também o caminho do feiticeiro. V. **Mafr**. Bahia.

MAIRY Nome dado pelos Tupis às cidades e povoações dos franceses (**Maír**) depois da conquista. A cidade de Olinda era, antigamente, **Maíry**, nome este que é a forma contrata de **maír-reya** e significa reunião de **maír**, ajuntamento de europeus, franceses principalmente. 112. V. **Maír**⁵³.

MAIRYARA *c.* **Maíry-uara**, o habitante da cidade, o cidadão. 112.

MAJOY *corr.* **Mayuí** ou **mbiyuí**, a andorinha. Batista Caetano tem o vocábulo por onomatopaico e genérico das filomelas. *Alt.* **Mijuim**, **Majuim**.

MALOCA *corr.* **Mâr-r-oca**, a casa de guerra, a casa forte para a luta (**marã**). Designa uma rançada de índios bravos. Pará.

MAMALUCO *corr.* **Mamá-ruca**, o que procede da mistura, o mestiço. 110. *Alt.* **Mameluco**⁵⁴.

MAMANGUABA *c.* **Mamá-guaba**, a comida de reunião, ou dentro de cerca; o pasto ou malhada. *Alt.* **Mamanguá**.

MAMANGUAPE *c.* **Mamanguá-pe**, nos pastos ou na malhada. V. **Mamanguaba**. Paraíba.

MAMBUCABA *corr.* **Mombucaba**, o furo, a abertura, a passagem, o rasgão. Rio de Janeiro.

MAMOÃ *c.* **Ma-moã**, a coisa que se levanta; a visão súbita. Designa o vaga-lume. *Alt.* **Memoã**, **Mimoã**. Bahia. V. **Mbaé**.

53 V. notas 103 e 200.

54 *Idem*, 193.

- MAMPITUBA** Antigamente **Mboiypatyba**, c. **mboi-ypá-tyba**, o brejal das cobras. Nome do rio que faz a divisa, na zona costeira, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.
- MANACÁ** *corr.* **Mana-cã**, o ramalhete ereto; alusão à floração abundante desta planta (*Franciscea uniflora*), floração que a faz parecer com um ramalhete em pé. V. **Manda**.
- MANAGÉ** *corr.* **Amanajé**, a reunião do povo, o ajuntamento.
- MANAHÍ** s. O peixe-boi, também chamado *Guaraguá*. *Alt.* **Manatí**.
- MANAHYBA** V. **Mandyba**.
- MANDA** Gerúndio-supino de **mã**, envolver, amarrar. **Manda** exprime amarrado; o feixe; manajo, ramalhete, maço, coleção, molho. *Alt.* **Mana, Mã, Manga**.
- MANDACARÚ** c. **Manda-carú**, o feixe ou molho pungente, cheio de espinhos. V. **Jamacarú**. (*Cereus*). 108.
- MANDAÇAIA** c. **Manda-çãia**, o ninho estendido; alusão à forma do ninho da abelha deste nome. feito de barro com um orifício de entrada saliente. (*Melipona anthidivides*. Lep.). V. **Manda**.
- MANDAGUAI** c. **Manda-guaí**, o ninho delicado, bonito. Espécie de abelhas do Brasil. (*Trigona lheringi*, Triese). V. **Manda**.
- MANDAGUASSÚ** c. **Manda-guaçú**, o ninho grande. Espécie de abelha indígena. V. **Manda**.
- MANDAHÚ** *corr.* **Amanda-y**, o granizo, a saraiva, chuva de pedras. É corrupção de **amana-ayba**, a chuva má, a tempestuosa.
- MANDAQUI** c. **Manda-aquí**, os feixes verdes; o montão úmido. São Paulo.
- MANDIOCA** *corr.* **Many-oga**, o que procede da **manyba** ou **mandyba**. É a raiz tuberosa da planta *Jatropha manihot*. 118. V. **Mandyba**.
- MANDIOPUBA** c. **Mandió-puba**, a mandioca apodrecida ou fermentada. 119. Era o nome de um principal dos Tabajaras, no século XVI.
- MANDIOTUBA** *corr.* **Mandió-tyba**, o sítio das mandiocas, mandiocal; a roça de mandioca. 118.
- MANDIUÇÚ** *corr.* **Mandiy-uçú**, o bagre grande, siluróideo abundante na bacia do Prata. V. **Mandiy**.
- MANDIY** s. O bagre. (*Pimelodus Maculatus*, Lacep.). *Alt.* **Mandi, Mandim**.
- MANDIYUÇUYARA** c. **Mandiy-uçú-yara**, o que é destro no apañhar os grandes bagres. Antônio Knivet, viajando nos sertões de São Paulo, no século XVI, encontrou umas amazonas tapuias, que pegavam grandes bagres a arco e flecha, e chamou-as **Mandiyuçú-yara**, de que um mau copista fez – **Mandiscussianas**.

- MANDOBI** *s.c.* **Mand-obf**, estojo, ou rolo pontiagudo. (*Arachis hypogea*, L.). *Alt.* **Mendobf**, **Mandobf**, **Mundubf**.
- MANDORI** *c.* **Manda-r-i**, o ninhozinho, o feixinho. É uma abelha silvestre. (*Melipona marginata*, Lep.). *Alt.* **Mundurí**, **V. Manda**.
- MANDÚ** Modo incorreto de pronunciar – Manuel, entre os índios catecúmenos. Era o nome de uma espécie de fantasma que, nas mascaradas das aldeias, se apresentava envolvido em palha, como um feixe de folhas secas. **Mand-u**, o feixe que vem, ou anda. Designa, também, uma ave pequena, impassível, da família das Bucconinae, chamada **Mandú-tolo**.
- MANDYBA** ou **manyba**, *c.* **mã-yba**, a planta de entorpecer; alusão ao suco venenoso da raiz. (*Jatropha manihot*). *Alt.* **Mandayba**; **Manahyba**, **Maniva**.
- MANGABA** *corr.* **Mongaba**, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome. (*Hancornia speciosa*). *Alt.* **Mongaba**, **Manguaba**.
- MANGANGÁ** *corr.* **Mang-ã-caba**, contrato em **mang-ã-cá**, que significa a vespa de giro alto (**mang-ã**), o vespão. *Alt.* **Mangangaba**, **V. Caba**.
- MANGARÁ** *corr.* **Mã-cará**, o tubérculo ou raiz de montão. Uma espécie de Caladium. *Alt.* **Mangaraz**.
- MANGARATAIA** *corr.* **Mancará-taia**, o mangará picante ou acre. **V. Mangará**.
- MANGARATIBA** *corr.* **Mangará-tyba**, o sítio dos mangarás; onde abundam mangarás. 118.
- MANHANA** *s.* O vigilante, a atalaia. É o nome tupi de um monte em forma de ovo, situado acima da barra do rio Sergipe, visível, de todas as partes, de muito longe. *Alt.* **Mãe Ana**. Sergipe.
- MANHUASSÚ** Antigamente – **Manassú**, *corr.* **amana-açú**, a chuva copiosa, a tempestade. Minas Gerais, (Atualmente, Manhuaçu).
- MANOÁ** *s.* A desfalecida, ou desmaiada.
- MANTIQUEIRA** **V. Amantiquira**^{54A}.
- MAPÉ** *c.* **Ma-pé**, contração de **mbae-peba**, que dá **mapeba**, a coisa chata, ou o chato, ou aplainado. É o nome de uma espécie de ostra chamada também **leripeba** (**rirf-peba**). *Alt.* **Mapele**. Bahia.
- MAPELE** **V. Mapé**
- MAPENDIPE** *corr.* **Ma-pindi-pe**, na coisa limpa; no limpo, na aberta. Designava, outrora, uma qualidade de fumo ou tabaco. Bahia. **V. Mbaé**.

54A *V.* nota 252C.

- MARÃ** s. A guerra, a confusão, a desordem, a revolução. 127. Pode ser uma alteração de **Mbarã**, equivalente a **Pará**.
- MARABÁ** corr. **Mafr-abá**, raça de francês (**mafr**), gente que é procedente do estrangeiro. Era como se denominava, entre os índios, o filho do prisioneiro ou estrangeiro. V. **Mafr**.
- MARACÁ** corr. **Marã-acã**, a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (**pagés**), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre pescoço. No **maracá**, faziam fumo, dentro, com folhas secas de tabaco, queimadas, e desse fumo, que saía pelos olhos, boca e narizes da figura, se enebriavam os tais feiticeiros e ficavam como que tomados do vinho; nesse estado, faziam visagens e cerimônia, prediziam o futuro e em tudo que afirmavam criam os outros índios, como se foram revelações de algum profeta. (Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, Liv. II, p. C.). Depois da conquista, o nome **maracá** ficou servindo para denominar o chocalho. 112.
- MARACABOYA** c. **Maracá-boy**, a cobra de chocalho, o cascavel. (*Crotalus*).
- MARACAHYPE** corr. **Maracá-y-pe**, no rio do maracá, ou do chocalho.
- MARACAJÚ** corr. **Maracá-yú**, o chocalho amarelo; o guizo, o casca-vel metálico. 123. Mato Grosso.
- MARACANÃ** c. **Maracá-nã**, semelhante ao maracá; o que imita, no som, o maracá ou chocalho. É o nome de uma espécie de papagaio. (*Psittacus nobilis*, Illig.).
- MARACANAHÚ** corr. **Maracanã-ú**, o maracanã come, ou onde vive o maracanã; o bebedouro de maracanãs. Ceará. V. **Maracanã**.
- MARACANIM** s.c. **Maracá-ni**, o chocalho minúsculo. É o nome de um pequeno caranguejo, encontrado, em miríades, nos bancos arenosos, por detrás dos mangues. Vem-lhe o nome dos estalidos que este animalejo produz com a boca, que é desproporcionada em relação ao seu tamanho. Bahia.
- MARACANATIBA** corr. **Maracanã-tyba**, o sítio dos maracanãs; onde abundam maracanãs.
- MARACATIM** c. **Maracá-ti**, a proa ou pontal de maracá; espécie de barca que trazia à proa um **maracá**. Pará.
- MARACAYÁ** c. **Maracá-yá**, o destro no maracá; o chocalheiro. É o gato montês do Brasil. (*Felis pardalis*, Neuw.). V. **Maracá**.
- MARACAYÁGUASSÚ** c. **Maracayá-guaçú**, o gato grande. Nome de um famoso principal dos **Temimóns**, do Espírito Santo, no século XVI.

- MARACUJÁ** *corr.* **Maráú-yá**, fruto do **marahú**. (*Passiflora*). V. **Marahú**.
- MARAGOGIPE** *corr.* **Maráú-gy-pe**, no rio dos **marahús** ou dos **maracujás**. Bahia. V. **Marahú**.
- MARAGUI** *corr.* **Mberú-guf**, a mosca pequena, o mosquito. *Alt.* **Marauim, Maruim**.
- MARAHÚ** *corr.* **Ma-rã-ú**, a coisa de sorver ou que se toma de sorvo. É o fruto da planta *Passiflora*. *Alt.* **Maragú, Maracú**. Bahia.
- MARAJÓ** *corr.* **Mbará-yó**, tirado do mar, e também o tapa-mar, anteparo do mar. É a ilha grande da foz do Amazonas. Pará. V. **Mbará**.
- MARAMBAIA** *corr.* **Mbará-mbai**, o cerco do mar, a restinga, língua arenosa cercando o mar. Rio de Janeiro. Pode ser também **marã-mbaia**, a cerca ou paliçada de guerra. V. **Marã**.
- MARANÃ** *corr.* **Mbará-nã**, semelhante ao mar, rio caudaloso. *Alt.* **Paraná**.
- MARANGUÁ** *c.* **Marã-guá**, a baixada ou vale da batalha. 94, 127. Pode ser também contração de **maranguar**, o lutador, o desordeiro, o decidido.
- MARANGUAPE** *c.* **Maranguá-pe**, no vale da batalha, ou da luta. 127. Ceará. V. **Maranguá**.
- MARANHÃO** *corr.* **Mbará-nhã**, o mar corrente; o grande caudal que simula o mar a correr. *Alt.* **Maraná, Paranã**. V. **Mbará**.
- MARAPÉ** *corr.* **Mbará-apé**, o caminho do mar ou que leva ao mar. Vasconcelos (*Crônica*, parte I, p. 106) descreveu esse caminho, na Bahia de Todos os Santos, como feito de areia sólida e pura, do comprimento de meia légua, pelo mar dentro. Bahia, São Paulo.
- MARAPENDÍ** *corr.* **Mbará-pindí**, o mar limpo. Nome de uma lagoa no Estado do Rio de Janeiro.
- MARAPINIMA** *corr.* **Ymirá-pinima**, o pau manchado ou cheio de pintas. *Alt.* **Mirapinima, Muirapinima**. Amazonas, Pará.
- MARATATAIBA** *corr.* **Ymirá-tatá-yba**, a árvore de pau-de-fogo.
- MARAUNA** *s.* O agouro. Usado no nheengatu da Amazônia.
- MARÍ** Nome genérico para as diversas espécies de cássias, entre os Tupis. *Alt.* **Umarí**.
- MARICÁ** *c.* **Marí-cá**, o mari pungente, o espinheiro próprio para sebes. Rio de Janeiro.
- MARICOABO** *corr.* **Maricá-oabo**, o mari ou espinheiro de folha aberta. V. **Maricá**. Bahia.
- MARIM** V. **Mairy**.
- MARIQUERÊ** *corr.* **Marí-ker-ê**, o espinheiro propenso a dormir; espécie de cássia dormente. Nome de uma serra no Rio de Janeiro,

que, por corrupção do vocábulo indígena, se alterou para *amar-e-querer*.

MARIRY *c.* **Marí-r-y**, o rio dos espinheiros.

MAROIM *corr.* **Mberuí**, os mosquitos. Sergipe. 109.

MARUHY *corr.* **Mberuí**. Sergipe. V. **Maroim**.

MATÁ *corr.* **Yma-tá** ou **ma-tá**, as árvores abundam; o arvoredo, a mata. O vocábulo **yba**, árvore, toma, às vezes, a forma **yma**, donde procede **ma** com a queda da inicial **y**; o termo **tá** é o verbo – abundar, multiplicar-se – e também é o adjetivo – muito. **Matá** traduz-se, pois, árvores muitas, ou árvores abundantes, isto é, a mata.

MATARIPE *corr.* **Matá-r-y-pe**, no rio da mata. V. **Matá**. Bahia.

MATAPY *corr.* **Matapí**, o covão cônico de pescar. Barbosa Rodrigues.

MATATÚ *c.* **Matá-tú**, a mata escura; a floresta negra. O termo **tú** admite diversas traduções: como adjetivo, significa escuro, queimado, encarvoado, molhado, batido; como substantivo – tombo, queda. Com o significado de escuro, negro, o termo **tú** é uma variante de **t-û**.

MATETÉ *c.* **Ma-etê-tê**, superlativo de **maetê**, a coisa muito grande; o enorme, o excessivo, o demasiado.

MATRINCHÁ *corr.* **Ma-tirí-chã**, a coisa que escapole da linha (do anzol); a coisa avessa à linha. É o nome de um peixe do rio São Francisco. Bahia.

MATUIM *corr.* **Ma-tuí**, a coisa pequena, insignificante. É o nome de uma ave dos mangues (*Charadrius*), também chamada maçarico. Bahia. *Alt.* **Matoim**.

MATURÍ *c.* **Ma-turí**, a coisa que está para vir. É o fruto ainda muito tenro do cajueiro. *Alt.* **Moturi**, **Muturi**. Bahia.

MATY-TAPERÊ *corr.* **Matif-taper-ê**, o pequenino propenso às ruínas (**taperá**), isto é, o ente minúsculo que gosta das taperas ou vive nelas. Em verdade, **matif** exprime coisa muito pequena, o vulto insignificante. **Taperê** é **taper-ê**, que quer dizer – propenso ou dado às ruínas. Para o gentio brasileiro o **maty-taperê** é um gênio maléfico, refugiado nas aldeias abandonadas e que perseguia a quem, imprudente, delas se avizinhava. Costuma a andorinha aninhar-se nesses lugares e, por isso, o índio a apelidava – **taperuá**, que quer dizer – morador das taperas ou ruínas. Daí o dizer-se que o **maty-taperê** tomava sempre a figura de um pássaro pequenino, como a andorinha, e assim se disfarçava.

MAUÁ *c.* **Ma-uã**, a coisa elevada; o alto, o firme; alusão à terra erguida entre baixas alagadiças. Rio de Janeiro.

MBAÉ *s.* A coisa, o objeto; bens, haveres; prefixo para formar verbos e substantivos abstratos. *Alt.* **Mãe**, **mã**, **baé**, **ba**. 68.

- MBARÁ** *s.* O mesmo que **pará**; o mar, o rio caudaloso. *Alt.* **Mará, Bará, Pará.**
- MBAEAÇÁ** *corr.* **Mbé-açaba**, a travessia do caminho; onde atravessa ou sai o caminho; o porto. *Alt.* **Mbiaçá, Imbiaçá, Biaçá, Peaçá.**
- MBOY** *s.* A cobra, o ofídio em geral. Pronuncia-se **umbó** ou **ímboú**. *Alt.* **Boi, Boya, May** ou **Moya**. 68. São Paulo^{54B}.
- MBOYUCÚ** *c.* **Mboy-uçú**, a cobra-grande, a serpente.
- MEAPÉ** *corr.* **Mbeyú-pé**, o beiju chato; o pão.
- MEARÝ** *corr.* **Mbiá-r-y**, o rio do povo; o rio da gente navegar. Pode ser também corrupção de **mbiar-y**, o rio dos prisioneiros, ou onde se tomam cativos. Maranhão.
- MEENGABA** *s.* A dádiva, o dom, o presente.
- MEMBY** *s.* A gaita, a flauta, o que sopra. *Alt.* **mimbi**. 122.
- MEOÁ** *s.* A mancha, o sinal. Nome de mulher.
- MEOÁEYMA** *c.* **Meoá-eyma**, sem mácula, imaculada.
- MEROBÍ** *corr.* **Merú-obí**, a mosca verde, a varejeira. *Alt.* **Merubí, Morumbí**. V. **Merú**.
- MERÚ** *corr.* **Mbír-ú**, o que chupa a pele, a mosca. *Alt.* **Mirú, Murú, Marú, Morú, Berú, Birú.**
- MERUÍPE** *corr.* **Merú-y-pe**, no rio das moscas. Pode ser também procedente de **meruí-pe**, o paradeiro das moscas, o mosqueiro. 109, 112. Ceará.
- MERUOCA** *c.* **Merú-oca**, o paradeiro das moscas, o mosqueiro. 109, 112. Ceará.
- MERURUPIARA** *c.* **Merú-rupiara**, as larvas de moscas. Amazonas.
- METARA** *corr.* **Mbetara**, o queorna, aformoseia, ou faz bonito. Objeto do ornato para o selvagem. *Alt.* **Metá, mbetá.**
- MIAÇAHIM** *corr.* **Mbiaçá-im**, o portinho; localidade à margem do rio Paraíba em São Paulo.
- MIAÇUBA** *s.* A cativa, a escrava. Nome de mulher.
- MIARIM** *corr.* **Mbiá-r-im**, o povinho, a gentinha.
- MIMBABA** *corr.* **Mymbaba**, *s.* a cria, a criação; o animal doméstico. *Alt.* **Mimbá.**
- MIMOIA** *s.* O que foi cozido ou fervido.
- MINDUBA** *c.* **Mí-dyba**, o pé da lança, ou a haste.
- MINGÁU** *c.* **Mingá-ú**, ou **monga-ú**, o comer visguento, as papas ralas da mandioca. O Pe. Figueira escrevia – **mingaú**, mais conforme a etimologia do vocábulo.

54B São realmente surpreendentes as idéias que o autor tem a respeito da pronúncia de certas palavras e fonemas tupis. V. nota 19A.

- MINGUÁ** *corr.* Men-guá, estragado, ruim, deteriorado. Daí a expressão *mbae-menguá*, para significar destroços, cacarecos. *Alt.* **Baemenguá, Baminguá.**
- MINHOCA** *corr.* Mf-nhoca ou minhoga, o que é extraído, arrancado ou tirado. É o verme do chão.
- MINHOCUÇÚ** *c.* Minhoca-uçú, o minhocão, bicho monstruoso e fantástico a que os índios atribuem o solapamento e subversão das barrancas dos rios do sertão. *V.* **Minhoca.**
- MIPIBÚ** *corr.* Mbí-pibú, o odre, o saco de couro, vulgarmente, borraça. Rio Grande do Norte.
- MIQUÍ** *corr.* Mbí-quí, a ponta da lança; significa também o uropígio, o assento ou traseiro. *Alt.* **Myki, Miquira, Muquira, Muqui.**
- MIQUIRA** *V.* **Miquí.**
- MIQUÍGUAÇÚ** *c.* Miquí-guaçú, o traseiro grande. Nome de um chefe Petinguara, no século XVI, na Paraíba. *V.* **Miquí.**
- MIRA** *corr.* Myra, povo, nação. *Alt.* **Mura, Muira.**
- MIRACAIA** *corr.* Pirá-caia, o cardume de peixes.
- MIRACÁUERA** *corr.* Myra-cá-oéra ou myra-cangoéra, a ossada de gente, o cemitério. Pará.
- MIRAMOMÍS** *corr.* Myra-momí, a gente miúda ou de pequena estatura. Era uma tribo tapuia que habitava em São Vicente, nas matas da serra, e, às vezes, no campo, parecendo ter afinidades com os **Guarús** ou **Guarulhos**. *Alt.* **Maramomins, Guaramomís.** São Paulo.
- MIRANGA** *V.* **Piranga**
- MIRANGAOBA** *corr.* Mboy-rangá-oba, o manto de figura de cobra. Era o nome de um principal dos Tupinambás, senhor da aldeia de São João, no esteio de Pirajá, na Bahia. Os chefes indígenas, em dia de solenidade, traziam um manto (oba) tecido e enfeitado de modo bizarro, manto que lhes descia da cabeça à cinta. O manto principal era enfeitado em figura de cobra (mboy-rangá ou mboy-rangaba).
- MIRÍM** *adj.* Pequeno, breve, pouco, miúdo; *adv.* um pouco. *Alt.* **mirí, mī, miní, im, ī.**
- MIRINÁ** *corr.* Mirinaba, a pequenez, a miudeza.
- MIRORÓ** *corr.* Miroiró, o desprezado ou repudiado.
- MIRYBA** *corr.* Myra-ayba, a gente má ou ruim, bárbara. *Alt.* **Biriba.**
- MITIM** *s.* A sementeira, a plantação, roça.
- MOACYR** *corr.* Mō-acyr, faz doer; o que molesta; o doloroso.
- MOCABA** *V.* **Bocaba.** *Alt.* **Mocá.**
- MOCABUÇÚ** *c.* Mocab-uçú, o canhão, a peça de artilharia. *Alt.* **Mocauçu, Bocaçu.** 123.
- MOCACUÍ** *c.* Mocá-cuí ou mocaba-cuí, o pó de fuzil, a pólvora. 123.

- MOCANGUÊ** *corr.* **Mocaê-gué**, os moquéns; varais em tendal sobre braseiro para assar a carne ou o peixe. É a forma plural de **mocaê**. V. **Moquém**. Rio de Janeiro. 25.
- MOCAYBA** V. **Macahiba**.
- MOCICA** *corr.* **Mô-cyca**, fazer chegar; puxar para si, o puxão. Dar a **mocyca** é derrubar a rês, na carreira, por meio de um puxão pela cauda, dado pelo cavaleiro ou vaqueiro que com ela se emparelha. Ceará, Nordeste do Brasil.
- MOCÓ** *corr.* **Mo-coô**, bicho que rói, animal roedor, (*Cavia rupestris*).
- MOCÓCA** *corr.* **Mô-coga**, fazer roça; o roçado; a plantação. São Paulo. V. **Cô**.
- MOCOIM** *corr.* **Mocoô-î**, o que punge ou rói miudinho. Inseto minúsculo e vermelho que morde acremente, uma espécie de **Trombidium**. *Alt.* **Mucuím, Miquim**.
- MOOCA** *c.* **Mô-oca**, faz casa; a rancharia, o pouso. São Paulo. 112.
- MOCORIBE** *corr.* **Mocó-r-y-pe**, no rio dos mocós. Se procedente de uma alteração de **Mucur-y-pe**, significa – na água ou no rio das mucas ou gambás. Ceará.
- MOCORORÓ** *corr.* **Mô-cororó**, faz que ronque; a fervura; alusão ao ruído da fermentação do vinho deste nome. Maranhão.
- MOCORY** *s.c.* **Mocó-r-y**, a água ou rio dos mocós.
- MOCOTÓ** *corr.* **Mô-cotog**, faz que jogue; a desarticulação. Como mão de vaca, procede de **mbé-cotô**, as mãos desarticuladas.
- MOCURY** *s.c.* **Mo-cury**, faz desejo, o apetecido. Árvore grande que se dá perto do mar, produzindo frutos amarelos, cheirosos, e de polpa muito saborosa. (*Roteiro do Brasil*). *Alt.* **Mucury**.
- MOÇACÁ** *corr.* **Mô-ça-cá**, faz que os olhos se quebrem ou se tornem doces. Nome dado ao amigo, ao querido ou estimado. Jean de Léry escreveu – **moussacat**, e Fernão Cardim – **Moçacara**.
- MOÇURANA** *corr.* **Mocym-raaa**, o muçum falso, o que é parecido com o **moçum**. Nome do ofídio escuro, liso, luzidio, que luta, enlaçando-se com outro, e o devora. (*Rhachidelus Bras.*). Entre os índios, designava também a corda de que se serviam para matar, em terreiro, o prisioneiro tomado em guerra.
- MOÇUM** *corr.* **Mô-eym**, (pronunciado **mo-ciim**), o que faz que desliza, o escorregadio ou resvaloso. É a enguia do Brasil. *Alt.* **Moçú, Moçú**.
- MUNDAHÚ** *corr.* **Mondá-ú**, o bebedouro dos ladrões; o rio do furto (**mondá-y**). 75. Ceará.
- MOEMA** *s.c.* **Mo-ema**, supino de **mô-em**, ou **mbo-em**, que significa – fazer vácuo, fazer exaurir; **mô-ema** se traduz, pois, a exausta, a desfalecida. É o nome lendário de uma das amantes do Caramuru,

perecida no mar, ao seguir, a nado, a nau em que partia para a Europa o ingrato consorte⁵⁵.

MOGY *corr.* **Mboy-gy**, o rio das cobras. 67, 75. São Paulo.

MOGYGUAÇÚ *corr.* **Mboy-gy-guassú**, o rio das cobras grandes. São Paulo. V. **Mogy**.

MOGYQUIÇABA *corr.* **Mboy-gy-keçaba**, a dormida ou pouso do rio das cobras. Bahia.

MOJÚ *corr.* **Mboy-yú**, o amarelado, ou pardacento; alusão à cor das águas que se fazem amarelas. Pode ser, ainda, uma corrupção de **mboy-ú**, que significa a cobra come, ou de onde há cobras. Maranhão.

MOLOPAQUES *corr.* **Myrapac**, alterado para **murupac**, a gente esperta, viva; o povo ativo. Tribo selvagem do Sul de Minas, descrita por A. Knivet, como constituída de gente branca, ruiva, à feição de flamengos ou ingleses.

MOMBUCA *corr.* **Mô-buca**, o furo, o furado; nome de uma abelha silvestre. (*Trigona mombuca*). 100.

MOMBUCAHA *s.* A ação de furar ou de atravessar; a perfuração, a passagem; o estreito ou garganta. Rio de Janeiro.

MONDEHY *c.* **Mondé-y**, o rio dos laços ou armadilhas. 117.

MONDÉO *corr.* **Mô-ndé**, fazer sobrepor, ou cobrir; o que se alça, o alçapão. 116. *Alt.* **mundé**.

MONGUBA *c.* **Mô-guba**, faz que permaneça; a que atura; a duradoura. É o nome da paineira *Bombax*, um dos gigantes das florestas do Brasil. Amazonas, Pará.

MONHANGABA *s.* O lugar de fazer, o tempo de fazer; a fábrica, a oficina; a produção, o artifício; o feito, a ação. 21.

MONHANGARA *s.v.c.* **Monhang-ara**, o fabricante, o oficial, o operário, o produtor, o autor. 22.

MONY *corr.* **Mô-nf**, faz que enrugue ou encrespe; o enrugado, ou ondeado. Maranhão.

MOPÁ *corr.* **Mô-pãa**, faz que se atole, o que se mete no lodo; o atolado. É uma variedade de mangue. Nome de um chefe dos Tobaiaras, da Paraíba, no século XVII.

MOQUECA *corr.* **Moqué** ou **po-kêca**, feito embrulho; o embrulhado ou envolvido. Peixe assado entre folhas, que o envolvem e no meio de cinzas. 119.

MOQUEM *corr.* **Mocaê** ou **mô-caê**, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. *Alt.* **Muquem**.

55 V. nota 26.

- MORA** *corr.* **Myra**, o povo, a gente. *Alt.* **Mura, Pura, Pora.**
- MORANGA** O mesmo que **poranga**, belo, formoso, bonito, excelente.
- MORICÍ** *s.c.* **Mboricí**, faz resinar; resimento, grudento. É a planta *Malpighiácea Byrsonima*. Bahia, Pernambuco. *Alt.* **Muricí, Morecí.**
- MORIÇOCA** *corr.* **Merú-sóca**, a mosca pungente, a que dá ferrotodas; o mosquito pernillongo. Bahia.
- MOROIM** *corr.* **Merú-í**, a mosca miúda, o mosquito. *Alt.* **Meruim, maruim, muruim.**
- MOROTIM** *corr.* **Moro-tí**, muito branco, alvíssimo. É o adjetivo **tí** ou **tinga**, branco, no grau superlativo.
- MORPION** Palavra de origem duvidosa. Jean de Léry diz que é o nome que os índios davam ao forte da Bertioga, e Thevet aplica-o à terra da capitania de São Vicente, mas Hans Staden deu-o à ilha de São Vicente, com a grafia **Urbioneme, Morpion, Urbione** são, decerto, procedentes do mesmo tema – **Uirá-ypaú**, exprimindo a ilha dos pássaros, tema de que procedem as formas – **Uirá-upaon, Urapaon, Urpaon, Urpion, Urbione**. A grafia de Hans Staden – **Urbioneme**, pronunciado com o acento na antepenúltima sílaba, dá **Urbióneme**, equivalente a **Urbione-me** que significa – na ilha dos pássaros. São Paulo.
- MORTUGABA** *corr.* **Mora-tocaba** ou **mora-togaba**, a morada do povo, habitação, rancharia, povoação. Thevet escreveu **Mortugabe**.
- MORUBICHABA** *corr.* **Mô-r-yby-chaba**, faz inspeção da terra. A frase **yby-chaba** é o mesmo que **yby-eçaba** (o **c** é levemente chiado no tupi) e significa vista ou inspeção da terra. O tema **mô** ou **mbo** é o verbo coercitivo que exprime fazer com que e assim, **Morybychaba** ou **morubichaba** significa fazer com que inspecione a terra, o vigilante, o inspetor, o que toma conta da terra; o chefe ou principal⁵⁶.
- MORUMBÍ** *corr.* **Merú-obí**, a mosca verde, a varejeira. Pode proceder também de **mará-mby**, que significa luta, peleja oculta; guerra de emboscada, cilada. 127. São Paulo.
- MORUNDÚ** *corr.* **Mô-r-undú**, faz que avise; a testemunha, o montículo ou cone de terra.
- MORUNGAVA** *corr.* **Mo-rangaba**, faz sinal; o marco, a baliza. Pode proceder também de **morangaba** que, como **porangaba**, exprime beleza, formosura. São Paulo.
- MORURÚ** *corr.* **Mo-rurú**, faz que amoleça ou que se abrande.
- MORYÇÁ** *s.* A carícia, o agrado. É contração de **moryçaba**.

56 V. notas 13, 24 e 162.

- MOSSAMBARÁ *s.* A erva de pastagem. (Nheengatu).
- MOSSORÓ *corr.* **Mo-çoroc**, faz romper, rasgão, ruptura. No nheengatu é um chá de infusão, também chamado **mosúrú**. Lugar e porto no Rio Grande do Norte.
- MOSSUNGUÊ *s.* **Moçym-ghê**, os mussuns, ou enguias do Brasil.
- MOTUCA *c.* **Mô-tuca**, faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. *Alt.* **Mutuca, Butuca.**
- MOTUM *corr.* **My-t-ũ**, a pele negra. É a ave *Crase urumutum*. *Alt.* **Mytum, Mutum.**
- MOY *corr.* **Mboy**, a cobra, o ofídio em geral. *Alt.* **Boy, Moy, Boya** ou **Moya.**
- MUCETAYBA *s.* O nome indígena do pau-santo. (*Roteiro do Brasil*).
- MUCUNÁ *corr.* **Mo-co-n-ã**, faz arrimo alto, a trepadeira. Planta sarmentosa que sobe pelas árvores grandes, lançando ramas como vides e dá umas favas redondas, aleonadas, tendo estas um círculo preto ao redor e na cabeça um olho branco. São favas peçonhentas, mas que o povo sabe tratar e comer em tempo de seca.
- MUCURA *corr.* **Mô-cura**, faz que absorva ou que se oculte dentro de si mesmo; alusão ao fato de esconder o animal deste nome os próprios filhos no saco ou bolsa que tem no ventre. É o marsúpio, também conhecido por gambá ou sariguê (*Didelphis*).
- MUCURATÁ *corr.* **Mocura-etá**, as raposas, os saruês. Monte elevado no Estado do Espírito Santo.
- MUCURIBE *c.* **Mucury-pe**, nos mucuris. Ceará. V. **Mucury.**
- MUCURY *s.c.* **Mocur-y**, rio das mucuras ou gambás. (*Dydelphis*).
- MUNDUBA *corr.* **Mô-nduba**, faz que estronde; a estrondante, a ruidosa ou atroadora. São Paulo.
- MUQUIRANA *corr.* **Mby-quf-rana**, semelhante ao piolho da pele; o piolho grande.
- MURA V. **Mira.**
- MURIBECA *corr.* **Merú-beca**, a mosca importuna, o mosquito pertinaz. Bahia, Pernambuco.
- MURICITUBA *corr.* **Moric-ytyba**, o sítio dos muricis; onde há abundância deles. Ceará.
- MURITIBA *corr.* **Merú-tyba**, o sítio das moscas; o mosqueiro. Bahia.
- 109.
- MURUANHA *corr.* **Merú-hãia**, a mosca de ferrão.
- MUTÁ *corr.* **Mytá**, *c.* **Mby-tá**, o pé suspende; o piso, degrau, sobrado, soleira, socalco, a ponte. Segundo Couto de Magalhães, é o palanque armado pelo índio sobre as árvores, para esperar a caça. (O Selvagem). Em linguagem venatória é a “espera”.
- MUTÁ-MUTÁ *s.* A escada; degraus de subir.

MUTINGA V. **Maetinga**.

MYRA s. A gente, a pessoa. *Alt. Mura, Mira*.

MYRUNA c. **Myr-una**, a gente negra, o povo moreno. *Alt. Muruna*.

N

NAGÉ *corr. Anagé*, o gavião. (*Milvago*). Bahia.

NAMBIUVÚ *corr. Nambí-uú*, a orelha podre.

NAMBÚ V. **Inhambú**.

NAMBYQUARA s.c. **Namby-quara**, orelhas furadas. Nome de uma tribo selvagem. Mato Grosso.

NAMBYS *corr. Na-mbí*, as orelhas. Bahia.

NANÁ *corr. Nanã*, o substantivo *nã*, no grau aumentativo – o cheirão, o aroma grande, o que sempre cheira. É o nosso ananás. (*Bromelia*).

NANAÚ c. **Naná-ú**, comer ananás, isto é, onde há ananás. Paraíba.

NANDÚ V. **Nhandú**.

NANDUBA *corr. Nã-dyba*, o ananasal, ou sítio dos ananases. Ceará.

NAPOPÊ *corr. Inhambú-pê*, a perdiz miúda. Bahia. V. **Inhambú**.

NARANDYBA c. **Naran-dyba**, o sítio das laranjas, o laranjal. O vocábulo **naran** é uma adaptação da palavra portuguesa laranja ao tupi⁵⁷.

NATUBA *corr. Nã-tyba*, o sítio dos ananases, ou ananasal. 118. Bahia.

NHÁ s. O fruto, a castanha, a amêndoa, o coco. *Alt. Yá, Ná*.

NHACORÁ Palavra híbrida do tupi e do espanhol; **nhã-corá** é o curral de correr, o pátio de corridas. Rio Grande do Sul.

NHAEM *corr. Nhaê*, o vaso, a bacia, o prato, a panela.

NHAEMPEPÔ c. **Nhaê-pepô**, o vaso de ferver; a panela. 120.

NHAMBÚ c. **Nhã-mbú**, a noz que arrebenta, a mamona. (*Ricinus communis*, L.). *Alt. Yambú*.

NHAMBY *corr. Yá-mbí*, a erva ou planta de comer. Os índios comiam-na crua, a modo de coentro e com ela temperavam os seus manjares. (*Roteiro do Brasil*, c. 93).

NHANDAYA V. **Jandaia**.

NHANDEYARA *corr. Nhandê-yara*, Nosso Senhor; tratamento para Deus.

57 V. nota 220.

- NHANDI *s.c.* **Nhã-dí**, a seiva, o líquido que escorre; o óleo, o látex, o grude.
- NHANDIROBA *c.* **Nhandi-roba**, o óleo amargo; a seiva amargosa. *Alt.* **Jandiroba**.
- NHANDÚ *c.* **Nhã-dú**, corre com estrépido, a corredora; a avestruz, a ema (*Rhēa americana*). A aranha (*Mygale*).
- NHANDUÇÚ *c.* **Nhandú-açú**, a aranha grande, a caranguejeira; a ema grande.
- NHANDUHY *corr.* **Nhandú-y**, o rio das emas. Mato Grosso. 109.
- NHANDUÍ *corr.* **Nhãdú-ī**, a ema pequena. Nome de um principal dos Potiguaras, no século XVI, que, nos livros holandeses da época da conquista, aparece traduzido para o latim, sob a forma **Jandovius**.
- NHANDUTY *c.* **Nhandú-tí**, a teia de aranha; a renda ou tecido de linha.
- NHANICA *corr.* **Nhã-ica**, o fruto fluente ou mole. (*Eugenia Nhanica*).
- NHAPUPÊ *corr.* **Nhã-popê**, corre em plano; a que voa em linha, ras-teiro; a perdiz ou inambu. (*Chypturus*). *Alt.* **Inapupê**, **Enapopê**.
- NHATI *V.* **Jaty**.
- NHATIUM *corr.* **Nhã-tí-ú**, ou **ya-tí-ú**, aquele que morde com ferrão; o que aguilhoa; o mosquito pernilongo. *Alt.* **Jatium**, **Inhatium**.
- NHAUM *corr.* **Nhã-ú**, o barro de panela, o barro olar. *Alt.* **Inhaúma**.
- NHEEM *s.* A fala, a língua, o idioma.
- NHÉEMBUCÚ *c.* **Nheê-bucú**, a fala comprida, o falador, linguarudo.
- NHEEMONGABA *corr.* **Nheê-mongaba**, a reunião para falar; a as-sembléia, o conselho.
- NHEENGAÍBA *c.* **Nheeng-afba**, a língua má; a fala incompreensível. Nome de uma nação selvagem da foz do Amazonas catequizada pelo Pe. Antônio Vieira. Pará.
- NHEENGATÚ *c.* **Nheeng-catú**, a língua boa, o idioma corrente. Tam-bém significa o bom cantor, o canário (*Emberiza brasiliensis*, Mar.).
- NHIOBY *corr.* **Y-oby**, o rio verde, a água verde. *Alt.* **Itoby**.
- NHITINGA *corr.* **Nhetinga**, *s.*, o mosquito branco, importuníssim-o, pousando nos olhos, narizes, nas feridas e lugares impuros do corpo humano. Enxames destes mosquitos seguiam as índias, nuas, quando sujas do seu costume. (*Roteiro do Brasil*, c. 93).
- NHŪ ou **nhum**, O campo, o terreno limpo de seu natural; o prado com vegetação rasteira. *Alt.* **Nú**, **Inhú**, **Jun**.
- NHUÁ *c.* **Nhúá**, o campo alto. *Alt.* **Inhoã**.
- NHUNDIAQUARA *c.* **Nhundiá-quara**, a morada do jundiá, o buraco do peixe deste nome. *Alt.* **Jundiaguara**. São Paulo.
- NHUGUAÇÚ *c.* **Nhú-guaçú**, o campo grande. 82. *Alt.* **Inhuguaçú**.

- NHUOBY *c.* Nhú-oby, o campo verde. *Alt.* Inhoby.
- NIÁ *corr.* Nhá, o fruto, a castanha, o coco. *Alt.* Ná, Yá.
- NITHEROY *Vocábulo de grafia duvidosa.* Hans Staden, em 1548, escrevia *Iteronne*, que se aproxima de *Yterô*, água reunida, estuário. O Pe. Simão de Vasconcelos (1667) já escrevia – *Nitherô* e *Januário da Cunha Barbosa*, mais tarde (século XIX), escreveu *Nictheroy*, com o significado de *mar escondido*. 132⁵⁸.
- NOITIBÓ *Voz onomatopaica do canto da ave noturna, agoureira para o selvagem. (Caprimulgus grandis, Mart.).*
- NUAÇUREÊ *corr.* Nhú-açú-rehê, pelo campo grande, através da campanha. *Parafba.*
- NUPEBA *corr.* Nhú-peba, o campo plano, a planície limpa.
- NUPORANGA *corr.* Nhú-poranga, o campo belo. 87. São Paulo.
- NUPUTIRA *corr.* Nhú-potyra, as flores do campo.

O

- OACARÉ *corr.* Uá-caré ou guá-caré, o búzio curvo, liso, de que se serviam as mulheres para burnirem e assentarem as costuras. (*Roteiro do Brasil*, *c.* 142).
- OANANDÍ *V.* Guanandí.
- OARUÁ *s.* No tupi costeiro ou língua geral, o espelho. 123^{58A}.
- OATAPÚ *corr.* Y-atá-pú, o que soa alto, o altissonante. É um búzio de grande boca de que os índios faziam buzina.
- OATAPUÇÚ *corr.* Yatapú-açú, o búzio grande. *V.* Oatapú.
- OAXIMA *V.* Guaxima.
- OBERAVA *corr.* Y-beraba, *alt.* u-beraba, a água clara, cristalina, reluzente.
- OBÚ *corr.* Y-bú ou ypú, a água que surge, o manancial, o olho-d'água.
- OCA *s.* A casa, o coberto; o abrigo, refúgio, paradeiro. *Alt.* Og, Oka, Roca, Toca, segundo o tema. No tupi amazônico, Uca, Ruca. 115.
- OCAPEGUARA *c.* Oca-pe-guara, o morador da mesma casa. 112^{58B}.

58 *V.* nota 259.

58A *Idem*, 236.

58B *Idem*, 60, 102, 189 e 194.

- OCARA *s.* A praça, o terreiro, o largo. 112.
- OCARUÇÚ *c.* Ocara-açu, a praça ou terreiro grande. 112. Rio de Janeiro^{58C}.
- OERAPONGA *corr.* Uirá-ponga, o pássaro martelante, de grito estridente. *V.* Guiraponga.
- OERÁREPOTY *corr.* Uirá-repoty, o excremento de pássaro. Planta medicinal. (*Struthantus citriola*).
- OGA *V.* Oca.
- OIRÁ *corr.* Uirá ou guirá, a ave, um pássaro.
- OITI *V.* Uiti.
- OITIBÓ *V.* Noitibó.
- OITICICA *c.* Uiti-ica, o oiti resinoso, ou grudento. (*Pleragina umbrosissima*, Arr.).
- OLANDIM *V.* Landim, Guanandf.
- ONHA *corr.* Y-nhã, alterado para unhã, significando, a água corre, a correnteza, a corredeira. Bahia.
- OPARA *Erronia* de alguns velhos cronistas ao tratarem do rio São Francisco, como se Opara fosse o nome indígena desse rio. A verdade é que os tais cronistas apenas quiseram dizer o Pará, o que vale outro tanto, *o rio*.
- ORBIÓNEME *V.* Morpion.
- OTINGA *corr.* Y-tinga, alterado para utinga, a água branca, 75. Bahia.
- OURIÇANGA *corr.* Y-roičanga, a frieza ou frescura d'água; a água fria. Bahia. *Alt.* Uriçangas.
- OURICURY *corr.* Airf-curif, o cacho amudado, ou repetido, o que dá cachos de contínuo. (*Cocos coronata*, Mar., ou *Attalea*). *Alt.* Uricurf, Aricurf, Licurf, Nicury, Irlicury. 108.
- OURUPEMA *V.* Urupema.
- OUTÚ *corr.* Y-tú, o tombo d'água, o salto, a catadupa. O vocábulo Outú é como se vê escrito em velhos documentos do século XVII. 75. São Paulo. *V.* Ytú, Itú.

P

- PACA *s.* Gerúndio-supino do verbo **p**ag, despertar, acordar, estar vigilante; paca é, pois, a desperta, a acordada, a que está sempre atenta. É o animal roedor (*Caelogenys paca*).

- PACAEMBÚ** *corr.* **Paca-yembó**, ou **paca-yembú**, o arroio das pacas. 102. São Paulo.
- PACAJÁS** *corr.* **Paca-yá**, o chamado **paca**, o que é assim denominado porque reúne qualidades das pacas; é desperto, vigilante. Nome de uma tribo selvagem da foz do Amazonas. Pará.
- PACARÁ** *corr.* **Ybá-cará**, o fruto áspero ou cheio de picos; é uma espécie de anona. *Alt.* **Baycará**, **Paicará**.
- PACATÚ** *corr.* **Pa-catú**, forma contrata de **paba-catú**, o extremo bom, o bom fim, a estância boa.
- PACATUBA** *corr.* **Paca-tyba**, o sítio das pacas; onde estas se encontram em abundância. Ceará.
- PACÓ** V. **Pacoba**.
- PACOBA** c. **Pac-oba**, a folha de enrolar ou que se enrola. Nome comum das Musáceas. *Alt.* **Pacó**. Pará, Amazonas.
- PACOBÁ** c. **Pacob-á**, o que é tirado da bananeira, ou a banana. V. **Pacoba**.
- PACOBABIBA** *corr.* **Pacoba-yba**, a árvore da banana, a bananeira, ou as bananeiras. Pode ser corrupção de **pacoba-ayba**, a banana ruim, imprestável. Nome de uma antiga localidade do Rio de Janeiro.
- PACOTUBA** *corr.* **Pacó-tyba**, o sítio das bananeiras, ou onde estas abundam, o bananal, ou pacoval.
- PACOTY** c. **Pacó-ty**, o riacho das bananeiras. Ceará.
- PACOVAL** V. **Pacotuba**.
- PAÇOCA** *corr.* **Po-çoca**, gerúndio-supino de **poçoc**, esmigalhar, desfilar, esfarinhar. **Poçoca** é, pois, o desfiado, o esmigalhado, o esfarinhado. Alimento preparado com carne assada e farinha, piladas conjuntamente, constituindo uma espécie de conserva, mui própria para as viagens do sertão. Era o farnel dos bandeirantes⁵⁹.
- PACÚ** *corr.* **Pag-ú**, o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*.
- PACUHY** *corr.* **Pacú-y**, o rio dos pacus. V. **Pacú**.
- PAGÉ** V. **Mair**.
- PAGEHÚ** *corr.* **Pagé-ú**, o feiticeiro come ou vive. É o nome de uma planta. (*Triplaris Pachaiú*, Mar.). *Alt.* **Pajahú**, **Pachaiú**. 126. Pernambuco.
- PAGEMARIOBA** *corr.* **Pagé-mari-oba**, a folha do mari de pajé. (*Cassia Occidentalis*). É uma espécie de fedegoso. V. **Mari**.
- PAJUSSARA** *corr.* **Peyuçara**, o soprador, o fole. Alagoas.

- PAMPA Vocábulo **kechua** que significa campo, planície limpa; corresponde a **nhũ**, do tupi. *Alt. Bamba.*
- PANÁ *corr.* Do vocábulo português, *pano*. 120. V. *lavarar, cortar*. 123.
- PANACÚ *s.* O cesto, o carro.
- PANAÇÚ *c.* **Pana-açú**, o pano grosso. 123.
- PANAHYBA *corr.* **Pana-ayba**, os panos ruins, rotos; os andrajos; miséria, pobreza. 123.
- PANAMÁ *s.* A borboleta. V. **Panapaná.**
- PANAMBY *s.* A mariposa.
- PANAPANÁ *s.* A borboleta. *Alt. Paná, Panamá, Baná.*
- PANAPOÍ *c.* **Pana-poí**, o pano fino. 123.
- PANATY *c.* **Paná-ty**, o riacho das borboletas.
- PANEMA *adj.* Ruim, imprestável, inútil; infeliz, mal sucedido; pobre, falho, estéril. No tupi-guarani, **Pané.**
- PANERAMA *s.c.* **Panê-rama**, o que traz infelicidade, aquele que deita olhado; o feiticeiro. (*Mont*).
- PAPARY *corr.* **Pâ-pâ-r-y**, o rio saltado, ou encachoeirado. **Papar-y**, o rio de contar, o rio de contas.
- PAQUEQUÉR *corr.* **Pac-kér**, as pacas dormem, ou a dormida das pacas. Rio de Janeiro.
- PAQUETÁ *corr.* **Paca-etá**, as pacas. 25. Ilha dentro da baía de Guanabara.
- PARÁ O mesmo que **mbará**, ou **mará**, *s.*, o mar. Segundo Batista Caetano compõe-se de **y-pá-rá**, e significa — águas todas colhe — isto é, o colecionador das águas. No tupi — **pará** — é o rio volumoso, o caudal. 91, 92. O vocábulo **pará** significa também variedade, policromia, e, como derivado de **parab**, funciona como adjetivo, significando: vários, variegado, multicolor^{59A}.
- PARACATÚ *c.* **Pará-catú**, o rio bom, praticável. Minas Gerais. 92.
- PARACÁU *s.* O papagaio, no tupi-guarani.
- PARAGUÁ *c.* **Pará-guá**, a coroa de plumas variegadas, o cocar. Significa também seio de mar, baía, golfo. Significa ainda papagaio. V. **Paracau.**
- PARAGUARY *c.* **Paraguá-r-y**, o rio dos papagaios.
- PARAGUASSÚ *s.c.* **Pará-guassú**, o mar grande, o oceano. Com este nome aparece na história lendária do **Caramurú**, a índia formosa que este tomou por sua mulher, a mesma que se batizara em França com o nome de **Catarina**, mas que frei Vicente do Salvador, autor de uma *História do Brasil*, escrita em 1627, diz tê-la ainda conheci-

59A V. notas 32, 153 e 156.

do “viúva, velha muito honrada”, chamando-se Luísa. O seu nome lendário é, porém, **Paraguassú**, que, além do significado supra, pode ser interpretado com um vocábulo composto de **Paraguá-assú**, e se traduzir a coroa grande ou o cocar vistoso, talvez por usar ela, filha de maioral, desse ornato mais variegado e rico, entre o gentio^{59B}.

PARAGUAY *c.* **Paraguá-y**, o rio dos papagaios. Pode também significar o rio dos cocares ou das coroas. *V.* **Paraguá**. Neste vocábulo – **paraguay** – assinala-se uma das diferenças de pronúncia entre o guarani e o tupi do Brasil. No guarani, quando o vocábulo composto tem aguda a última sílaba do tema, a tónica da palavra fica nesta sílaba, não assim no tupi do Brasil. Assim por exemplo, **Uruguá-y**, **Paraguá-y**, **Acará-y** pronunciam-se, no guarani – **Uruguái**, **Paraguái**, **Acarái**; no tupi do Brasil – **Acaraf** e, se não fosse o uso, **Uruguaf**, **Paraguaf**⁶⁰.

PARAHIM *corr.* **Pará-í**, o rio pequeno; o marzinho, ou mar pequeno. Piauí.

PARAHYBA *corr.* **Pará-ayba**, o rio ruim, impraticável, à força de dificuldades naturais da corrente; rio imprestável. 92. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Norte do Brasil.

PARAHYBUNA *corr.* **Pará-ayba-una**, ou **parayb-una**, o paraíba preto, ou de águas escuras. *V.* **Parahyba**. 92. São Paulo⁶¹.

PARAHYTINGA *corr.* **Paray-tinga**, o paraíba branco, ou de águas claras. *V.* **Parahyba**, 92, 129. São Paulo⁶¹.

PARAMANA *s.* A erva de pastagem. Pode o vocábulo proceder de **pará-amana** e significar também a chuva do mar. Bahia.

PARAMINGUÁ *corr.* **Pará-menguá**, coisas várias estragadas; trapos, cacaréus. Em outros tempos, dizia-se os meus **paraminguás** para exprimir os meus cacaréus ou velharias. Bahia.

PARAMIRIM *c.* **Pará-mirim**, o marzinho, ou riozinho; é o mesmo que **parahim**. Rio de Janeiro, Bahia.

PARAMOPAMA *corr.* **Pará-mô-pama**, o mar feito bravo; o mar embravecido ou encapelado. Sergipe.

PARANÁ *corr.* **Pará-nã**, o que é semelhante ao mar; denominação da-

59B *Idem*, 32, 154 e 156. As mulheres não usavam cocares.

60 *V.* notas 179 e 183.

61 *Idem*, 155.

- da aos grandes rios. 69. *Alt. Paranã, Parná, Pernam, Fernam.* 93. V. **Maraná** 62.
- PARANAGUÁ** *c.* **Paraná-guá**, o seio de mar; o espriado nos grandes rios; a baía fluvial. *Paraná, Piauí. Alt. Parnaguá.*
- PARANAHYBA** *corr.* **Paraná-ayba**, o grande caudal ruim, ou impraticável. 93. Goiás, Mato Grosso. *Alt. Parnahyba.*
- PARANAICICA** *c.* **Paraná-icica**, a resina do mar; o âmbar, que os Tupinambás do Maranhão também chamavam **paraná-potyra**, a flor-do-mar. IV.
- PARANAPANEMA** *c.* **Paraná-pânema**, o caudal imprestável, impraticável. São Paulo.
- PARANAPIACABA** *c.* **Paraná-apiacaba**, a vista do mar; o ponto donde se pode avistar o mar; miramar. São Paulo.
- PARANAPITINGA** *c.* **Paraná-pitinga**, o rio ou caudal branco; é o mesmo que **paranatinga**.
- PARANAPOCÚ** *c.* **Paraná-pucú**, o mar comprido; o braço de mar; o canal marítimo.
- PARANAPOCUY** *c.* **Paraná-pucú-y**, a água do canal. V. **Paranapocú.**
- PARANATINGA** *c.* **Paraná-tinga**, o mar ou caudal branco. Segundo o *Dicionário Português e Brasileiro*, este é que era o nome primitivo do rio das Amazonas. Mato Grosso.
- PARANAUBÍS** *corr.* **Paraná-obf**, o mar azul, ou mar verde. Com este nome se conheciam, na capitania do Espírito Santo, uns índios, entre os quais os padres Jesuítas fundaram uma missão. O Pe. Antônio Vieira traduziu-lhes o nome por *mares verdes*. (**Annuaes**).
- PARANAUÇÚ** O mesmo que **Paranaguacú**, o mar largo; o caudal grande; o mar undoso⁶³.
- PARAOPEBA** *corr.* **Para-u-peba** ou **pará-y-peba**, o rio de água rasa. 75 e 92. Minas Gerais.
- PARAPAMA** *c.* **Pará-pamba**, ou **pará-pama**, o mar erguendo-se, o mar revolto.
- PARAPAÛ** *c.* **Pará-paũ**, entre rios; no intervalo de dois rios; a mesopotâmia.
- PARAPAUPINA** *c.* **Pará-paũ-pina**, o entre-rios limpo, isto é, pelais entre dois rios. Ceará V. **Parapaũ.**
- PARAPITANGA** *c.* **Pará-pitanga**, o mar vermelho ou o rio vermelho. 92.

62 *Idem*, 153 e 154.

63 V. notas 32, 153, 154 e 156.

- PARAPITINGA** *s.c.* **Pará-pitinga**, o rio branco. É como o gentio chamava o rio de São Francisco (Melo Morais. *Crônica Geral*). Por abreviação, diziam os portugueses – o **Pará** –, forma esta que erroneamente escreveram **Opara**, como se encontra em vários autores.
- PARAPUITAN** *c.* **Pará-puitã**, o rio pardo.
- PARATECA** *corr.* **Pará-teca**, o rio findo, ou braço sem saída; saco. Bahia.
- PARATIGY** *corr.* **Paraty-g-y**, o rio das tainhas. Bahia.
- PARATY** *s.c.* **Pará-ty**, a jazida do mar; o lagamar, o golfo. Confunde-se frequentemente com **piratf** (**pirá-tf**), o peixe branco, a tainha (*Mugil liza*, Cuv.). Rio de Janeiro.
- PARAUNA** *c.* **Pará-una**, o rio negro.
- PARÍ** *s.* O cercado para apanhar peixe, a caniçada, ou curral de peixe. 116.
- PARIPE** *c.* **Parf-pe**, no curral de peixe, na caniçada. *Alt.* **Parime**. Bahia, 75, 116.
- PARÍQUÉRA** *c.* **Parf-quéra** ou **parf-coéra**, os cercados de peixe; as caniçadas. 25. Pode significar também o cercado velho, arruinado, extinto. São Paulo⁶⁴.
- PARNÁ** *v.* **Paraná**.
- PARNAGUÁ** *v.* **Paranaguá**. 93.
- PARNAHYBA** *v.* **Paranahyba**. 93.
- PARNAMBUÉ** *corr.* **Paraná-mbo-é**, o mar feito à parte, para exprimir uma represa ou tanque a serviço da lavoura ou da criação. Bahia. *v.* **Paraná**.
- PAROBÉ** *corr.* **Ypá-rob-é**, a lagoa de sabor amargo. Pode ser ainda corrupção de **ypé-rob-é**, que significa a casca de sabor amargo. Rio Grande do Sul.
- PAROBY** *corr.* **Ypa-r-oby**, a lagoa verde.
- PASSÉ** *ant.* **Apassé** ou **yapassé**, como se vê nos velhos documentos do século XVI. **Ya-passé** ou **a-passé** significa coisa destacada ou separada, de alusão a pequenino ilhéu de forma piramidal, destacado de terra firme, existente no local. Bahia.
- PATAIBA** *corr.* **Paty-yba**, a madeira ou pau de pati. É como outrora se chamavam as **ripas**, tiradas do tronco da palmeira pati.
- PATATIBA** *corr.* **Paty-tyba**, o sítio dos patis, o pomar de patis. Com esse nome se conhece também uma ave canora do Brasil (*Fringilla plumbea*, *v.* Neuw).

64 *Idem*, 9, 54 e 101.

- PATY** *corr.* **Upá-ty**, atar o leito, ou o que serve para se prender o leito. Nome dado às palmeiras de cujo tronco se tiram cordas para atar as redes. Batista Caetano. Nome especialmente dado à palmeira delgada e graciosa (*Syagrus botryophora*, Mart.).
- PATYYPE** *c.* **Paty-pe**, nos patis. Pode ser corrupção de **paty-y-pe**, que significa no rio dos patis. Bahia.
- PAUPINA** *corr.* **Ypau-pina**, a lagoa limpa ou descoberta. Ceará, Paraíba.
- PAVUNA** *corr.* **Pab-una**, a estância preta, o lugar escuro. Pode proceder, ainda, de **ypab-una**, a lagoa escura. Rio de Janeiro.
- PAY** *s.* O sacerdote, o padre, o ancião, o pai.
- PAYABUNA** *corr.* **Pay-oba-una**, o padre de vestes negras, ou de so-taina, o jesuíta. 128. (*Dicionário Português e Brasileiro*)^{64A}.
- PAYAPINA** *c.* **Pay-apina**, o tonsurado; o padre que só tem coroa, o coroinha, o leigo. (*Dicionário Português e Brasileiro*).
- PAYTUCURA** *c.* **Pay-tucura**, o padre gafanhoto, ou aquele cujas vestes imitam a figura de um gafanhoto; o frade franciscano. 128. (*Dicionário Português e Brasileiro*).
- PEAÇÁ** *cont.* **Pe-açaba**, a travessia do caminho; onde o caminho atravessa ou vem sair; o porto. 104, 114. V. **Peaçaba**.
- PEAÇABA** *c.* **Pé-açaba**, a travessia do caminho, onde o caminho atravessa ou chega; o porto. 114. *Alt.* **Piaçaba, Peaçava, Peaçá, Biaçá, Mbiaçá, Embiaçava**⁶⁵.
- PEAÇAPABA** *s.c.* **Pê-açapaba**, o cruzamento de caminho, a encruzi-lhada. *Alt.* **Peaçapá**.
- PEBA** *adj.* Plano, chato, baixo, rasteiro, inferior. É o nome de uma qualidade de tatu, o *Dasyopus scynctus*, L. *Alt.* **Pé, Péua, Peva**.
- PECACUEM** V. **Ipecacuanha**.
- PECAPARA** *corr.* **Ypeca-apara**, o pato torto, ou de pernas tortas. (*Podoa surinamensis*).
- PENACAMA** *c.* **Pena-cama**, o quebra peitos. Nome de um principal dos Petinguaras da Paraíba, no século XVI.
- PENÚ** *corr.* **Penú** ou **pinon**, a onda, a ruga ou empola. V. **Yapenú**.
- PERAU** *s.c.* **Pé-rau**, o caminho falso; o fojo; o sumidouro; buraco sob água⁶⁶.

64A V. nota 248.

65 Idem, 162 e 203.

66 Idem, 163.

- PERAYÉ *s.c.* **Pê-rayé**, o caminho de través; atalho, vereda.
- PERCAAURI *corr.* **Paracau-r-ĩ**, os papagaiozinhos; os periquitos. Pernambuco. Nome antigo citado no *Diário*, de Pero Lopes, de 1532.
- PERCICABA *V.* **Piracicaba**.
- PEREÁ *V.* **Apereá**.
- PEREBA *s.* A cicatriz, a ferida com casca, a ferida velha, a mancha da sarna.
- PEREIRA *corr.* **Pyr-éra** ou **pyrêra**, as cascas. 25. Dizer-se – pau-pe-reira por **pau-pyrêra** é exprimir – o pau de que se tiram cascas para medicamentos.
- PEREQUÊ *V.* **Piraiquê**.
- PERERECA Gerúndio-supino de **perereg**, saltitar, andar às tontas. **Perereca** é, pois, a saltitante, a estonteada, a que salta a torto e a direito. É o nome de uma rã que vive nas árvores.
- PERIGUARY *corr.* **Peré-guary**, o encascado retorcido. É o nome de um búzio praieiro de 5 a 6 centímetros de comprimento, de forma troncônica, com protuberâncias na extremidade mais grossa, de cor amarelo-vermelhada. *Alt.* **Perguary**. Bahia.
- PERIGUÁ *corr.* **Peré-guá**, o que é encascado, o que tem casca ou estojo. É um búzio que vive na praia e tem uma tripa cheia de areia; marisco de bom gosto e leve. (*Roteiro do Brasil*). Bahia.
- PERNAGUÁ *V.* **Paranaguá**.
- PERNAMBUCO *corr.* **Paraná-mbuca**, o furo ou entrada do lagamar; alusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome **paranambuca** era comum na costa do Norte, no trecho dela tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de furo, entrada, passagem natural aberta na muralha do recife. No tupi do Norte, no *nheengatu*, **paraná-mbuca** quer dizer – jorro do mar –, alusão à embocadura por onde ele se escapa. Mui acertadamente escreve a propósito o autor do *Castrioto Lusitano*, frei Rafael de Jesus, ao tratar do Porto de Recife “. . . uma abertura à qual os naturais chamam Pernambuco, que, em sua língua, é o mesmo que pedra furada ou buraco que fez o mar de que se forma a garganta da barra. . .” O vocábulo **paraná** = **pará-nã**, traduz-se semelhante ao mar; é lagamar formado na junção dos rios Capiberibe e Beberibe; é o furo, a aberta, a quebrada.
- PEROBA *V.* **Iperoba**.
- PERUHIBE *corr.* **Iperú-y-be**, no rio do tubarão. 109. São Paulo.
- PERY *corr.* **Piry** ou **pirf**, o junco.
- PETECA Gerúndio-supino de **peteg**, bater, dar golpe; **peteca** é, pois, a batida, tangida, a péla.

PETIBÁU *corr.* **Pety-mbáu**, o canudo de tabaco, o tubo de fumar, o cachimbo.

PETIMBABA *corr.* **Petymbaba**, o charuto, ou o instrumento de fumar.

PETINGUARA *s.c.* **Pety-guara**, o mascador de fumo. V. **Petym**. Era o verdadeiro nome do gentio da Paraíba, guerreiro e valente, assim chamado por ser do seu costume trazer na boca, entre o lábio e os dentes, uma folha de fumo, resultando daí sair-lhe a baba pelo furo praticado no lábio inferior. Antônio Knivet, que esteve entre eles, assim o explicou, e o donatário Duarte Coelho escrevia **Petinguara** e não **Potiguara** que é injurioso. *Alt.* **Petunguara**, **Petiguara**, **Pitiguara** e **Pitágoar**, como se vê no *Roteiro Geral do Brasil*, de 158767.

PETITIBA *corr.* **Petym-tyba**, o sítio do tabáco ou fumo, o tabacal, a plantação de fumo.

PETUME *corr.* **Petym**, o fumo ou tabaco, a erva-santa do gentio. (*Nicotiana T.*) 67.

PETYM *s.* O fumo, ou tabaco. (*Nicotiana*). *Alt.* **Petim**, **Petun**, **Betun**, **Pitim**67.

PEÚMA *s.* O genro da mulher, entre os Tupis. *Alt.* **Piuma**.

PIABANHA *corr.* **Piá-bã**i, o que é manchado. Batista Caetanb. Nome de um peixe fluvial. Rio de Janeiro.

PIAÇÁ V. **Piaçaba**.

PIAÇABA *corr.* **Pyá-açaba**, o traspasse de apertar, o amarrilho, a atadura. Confunde-se, freqüentemente, com **peaçaba**. *Alt.* **Piaçaua**, **Piaçava**. É o nome da fibra da palmeira *Attalea funifera*68.

PIAÇAGUERA Forma plural de **piaçaba**, significando amarrilhos, ataduras, cordas. Pode, entretanto, ser a forma plural de **peaçaba** e significar portos, embarcadouros, travessias de caminho. O vocábulo ainda admite outra interpretação, considerando-se composto de **peaçá-guéra** e tomando a última parte como adjetivo, com o significado de velho, extinto, arruinado, caso em que **peaçá-guéra** se traduzirá o porto velho. São Paulo69.

PIAGA *corr.* **Epiaga**, gerúndio-supino de **epiac**, o vidente, o que vê no futuro, o advinho. É o feiticeiro ou **pagé** do gentio70.

67 V. nota 10.

68 Idem, 176 e 203.

69 Idem, 54, 176 e 203.

70 Idem, 243.

- PIAGUHY *corr.* **Piau-y**, o rio dos pias. São Paulo.
- PIAN *corr.* **Py-ã**, a pele alta ou crescida; o inchaço, o tumor. É o nome indígena de uma moléstia da pele de mau caráter, entre os índios.
- PIAPARA *corr.* **Pi-apara**, os pés tortos. Nome de homem.
- PIAROBA *corr.* **Pyá-róba**, o coração amargo, pesaroso; o fel. Nome de gente.
- PIASSABUÇÚ *corr.* **Peaçáb-uçú**, o porto grande, o ancoradouro amplo. Alagoas. 114. V. **Peaçaba**. Pode o vocábulo provir ainda de **piaçab-uçú**, significando o amarelo grande, as cordas grossas para atar; a palmeira grande que dá a piaçaba. V. **Piaçaba**^{70A}.
- PIATÁ *c.* **Pi-atá**, o pé firme; a firmeza, a fortaleza. Pode proceder, também, de **pyá-âtã**, o coração duro, inflexível; a coragem.
- PIÁU *corr.* **Py-yáu**, a pele manchada. É o nome de um peixinho d'água doce.
- PIAUHY *corr.* **Py-yáu-y**, o rio dos pias. V. **Piau**. 10971.
- PIAUNA *corr.* **Pyá-una**, o coração negro; o rancoroso. Nome de gente.
- PICAÇÚ *corr.* **Apicaçú**, a pomba-trocaz.
- PICUI *corr.* **Apicuí**, a pomba pequena, a rola.
- PÍNAUNA *corr.* **Pindá-una**, o anzol negro; o ouriço-do-mar; a figsa. 116. *Alt.* **Piná**.
- PINDÁ *s.* O anzol, o gancho, a figsa, a garra. 116. *Alt.* **Piná**.
- PINDAGUAÇÚ *c.* **Pindá-guaçú**, o anzol grande. Nome de um principal dos Tabajaras da Paraíba do Norte, na época da conquista.
- PINDAHYBA *corr.* **Pindá-yba**, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de **pindá-ayba** e significar o anzol ruim. A dicção popular – *estar na pindaíba* – é alusão à má fortuna de quem se vê reduzido à vara do anzol para viver. (Batista Caetano).
- PINDAMIRITINGA *c.* **Pindá-mirí-tinga**, o anzol pequeno prateado; o grampo, o colchete. 116.
- PINDAMONHANGABA *c.* **Pindá-monhangaba**, a fábrica ou oficina de anzóis. 116. São Paulo. V. **Monhangaba**. O nome admite ainda outra interpretação, no sentido em que o traduziu Varnhagen – pescaria a anzol. Neste caso, a última parte do vocábulo, isto é, o termo **monhangaba**; **mo-nhangaba** se traduzirá – ação de fazer correr, a corrida, e então o vocábulo inteiro se traduzirá – a corrida de anzóis, ao botar de anzóis, a pescaria feita a anzol.
- PINDARÉ *c.* **Pindá-r-é**, o que é próprio de anzol; o enganchado ou figgado; o anzol diverso ou de outro gênero. Maranhão. *Alt.* **Pinaré**.

70A V. notas 176 e 203.

71 Idem, 185.

- PINDOBA** *corr. s.* A folha de palmeira; *c.* **pind-oba**, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. (*Attalea compacta*, Mart.). *Alt.* **Pindó, Pindova.**
- PINDORAMA** *c.* **Pindó-rama**, ou **pindó-retama**, a região ou o país das palmeiras⁷².
- PINÔ** *corr.* **Pynô**, o fruto do pinhão bravo. (*Jatropha herbacea cnidosculus*, Marc.).
- PIOCA** Gerúndio-supino de **pyog**, o tirado do pé, o sedimento, o resíduo. É nome de certas raízes edules. Bahia. *Alt.* **Piô.**
- PIPIRA** *corr.* **Py-pira**, os pés ou canelas curtas; o anão. Pode ser também o particípio do verbo **pipig**, ferver, e então: o fervido, a borbulha, a fervura.
- PIPIRY** *c.* **Pipír-y**, a água ou rio de ferver; a água borbulhenta ou cheia de fervuras.
- PIPOCA** *corr.* **Py-poca**, a epiderme partida ou estalada; o grão de milho que arrebenta em flor por efeito da torra.
- PIQUEROBY** *corr.* **Piquir-oby**, o peixinho verde ou azulado. Nome de um principal do gentio de Ururaí, em São Vicente. V. **Piquira.**
- PIQUÍ** *corr.* **Py-quí**, a casca áspera, espinhenta. É a planta *Caryocar brasiliensis*, St. Hil.
- PIQUIÁ** *s.c.* **Py-quyá**, a pele ou casca suja. (*Sapotucea*).
- PIQUIRA** *corr.* **Py-quira**, a pele ferra; o pequeno; o miúdo, o curto, o baixote; peixinhos d'água doce.
- PIQUIRY** *c.* **Piquir-y**, o rio dos peixinhos. V. **Piquira.**
- PIQUITIM** *corr.* **Py-quití**, a pele riscada ou lanhada.
- PIRABÊBÊ** *corr.* **Pirá-bêbê** ou **pirá-uêuê**, o peixe que voa, o voador.
- PIRABEBUY** *c.* **Pirá-bebuf**, o peixe ligeiro. Paraguai.
- PIRACAIA** *corr.* **Pira-quaia**, o cardume de peixes. São Paulo.
- PIRACANJUBA** *c.* **Pirá-acan-yuba**, o peixe de cabeça amarela ou dourada. São Paulo.
- PIRACEMA** *corr.* **Pirá-acema**, a saída do peixe, o cardume por ocasião da desova^{72A}.
- PIRACICABA** *corr.* **Pirá-cycaba**, a colheita ou tomada do peixe. 21. Designa lugar, que, por acidente natural do leito do rio, não deixa o peixe passar e favorecer a pesca. Um salto ou queda-d'água é uma **pirá-cycaba**. São Paulo^{72B}.

72 Idem, 152 e 173.

72A V. nota 51.

72B Idem, 43.

- PIRACUAMÁ *corr.* **Pirá-guama**, o comedouro ou ceva do peixe.
- PIRACUARA *V.* **Piraguara**.
- PIRACUCA *c.* **Pirá-cuca**, o peixe tragante, voraz, que engole sem morder; é como os índios chamavam a garoupa. (*Roteiro do Brasil*).
- PIRACUÉ Forma contrata de **piracuéra**, os peixes. 25.
- PIRACURUCA *c.* **Pirá-curuca**, a guelra do peixe; e ainda – o peixe roncante, ou ruidoso. Piauí.
- PIRACUY *c.* **Pirá-cuf**, a farinha de peixe, ou feita de peixe seco e moído. 119. Amazonas, Pará.
- PIRAGUARA *c.* **Pirá-guara**, o comedor de peixe, aquele que vive do peixe; o pescador. *Alt.* **Piracuara**.
- PIRAGYBE *corr.* **Pirá-gyba**, a barbatana; o braço de peixe, como o traduziu frei Vicente do Salvador. Nome de um valoroso chefe dos Potiguaras.
- PIRAHY *c.* **Pirá-y**, o rio do peixe. 75, 109.
- PIRAIQUE *corr.* **Pirá-ikê**, o peixe entra. Designa o estuário ou esteiro aonde o peixe entra para a desova ou para comer. *Alt.* **Piraquê, Pe-requê**. São Paulo.
- PIRAJÁ *corr.* **Pirá-yá**, capaz de peixe, o viveiro de peixes. Nome primitivo do esteiro vizinho de Itapagipe, na Bahia.
- PIRAJÚ *corr.* **Pirá-yú**, forma contrata de **pirá-yuba**, o peixe amarelo, o dourado. São Paulo.
- PIRAMBOEIRA *corr.* **Pirá-mboy-éra**, forma plural de **piramboy**, significando as enguias, os **moçús**. *V.* **Piramboya**. 25.
- PIRAMBOYA *c.* **Pirá-mboy**, o peixe-cobra, a enguia, o **moçú**. São Paulo.
- PIRAMONHANGABA *c.* **Pirá-monhangaba**, a pescaria, a ação de pescar. 116.
- PIRAN Forma contrata de **piranga**, vermelho, rubro, ruivo.
- PIRANEMA *c.* **Pirá-nema**, o peixe fétido ou morrinhoto.
- PIRANGA *adj.* **Vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo.** *Alt.* **Piran, Pirá.**
- PIRANHA *corr.* **Pir-ái**, o que corta a pele; nome de um peixe voraz (*Pygocentrus*) da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz. Bahia, Alagoas, Minas Gerais.
- PIRAOBY *c.* **Pirá-oby**, o peixe verde ou azul.
- PIRÃO *corr.* **Pirô**, a papa grossa, a crosta.
- PIRAPAMA *c.* **Pirá-pama**, bate o peixe; isto é, onde o peixe salta na água. Pernambuco.
- PIRAPANEMA *c.* **Pirá-panema**, peixe escasso; o que não tem sorte para peixe. Os Guaranis chamavam o planeta Mercúrio – **Pirapanê**, porque a sua aparição no céu era sinal de não haver peixe. *Alt.* **Pirapané**.

PIRAPÓ V. **Pirapora**.

PIRAPOAM c. **Pirá-po-am** ou **pirá-mbo-ã**, o peixe que se empina. É a baleia. O nome é dado ao cetáceo em alusão ao seu nadar, empinando-se, de vez em quando e arrojando água para o ar. 109. *Alt. Pirapuã*^{72C}.

PIRAPOAN-REPOTÍ O excremento da baleia. É como os índios chamavam o âmbar, encontrado nas praias. 19772C.

PIRAPORA c. **Pirá-pora**, a morada do peixe; o que contém peixe. Significa também, *o peixe salta*, no tupi amazônico. *Alt. Pirapó, Pirapura*. 109. São Paulo, Paraná, Minas Gerais⁷³.

PIRAQUARA c. **Pirá-quara**, o buraco do peixe, a toca. Confunde-se, às vezes, com **Piraguara**. V. **Piraguara**.

PIRAQUIROÁ s.c. **Pirá-qui-r-oá**, o peixe eriçado de espinhos. (*Diodon histrix*).

PIRÁRA s. A abertura, a passagem. É o gerúndio-supino de **pirar**, abrir. Amazonas.

PIRARUCÚ c. **Pirá-rucú**, o peixe vermelho (*Sudis gigas*, Cuv.) da fauna do Amazonas. 119.

PIRASSUNUNGA corr. **Pirá-cynynga**, o peixe rumorento, ou o ronca-peixe. 109. São Paulo. *Alt. Piracininga, Piracininga*^{73A}.

PIRATÍ c. **Pirá-tí**, o peixe branco ou prateado. Pode ser também **pirá-tí**, a água ou caldo de peixe. Confunde-se de ordinário com **piraty**.

PIRATIUA c. **Pirati-ua**, o natural ou procedente de **Paraty**. 110.

PIRATININGA c. **Pirá-tininga**, o peixe a secar; o seca-peixe. Designa o rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa peixe fora e o deixa em seco, exposto ao sol. É a explicação de Anchieta. *Alt. Piratinim, Piratiny*. São Paulo, Rio Grande do Sul.

PIRATIOCA c. **Piratí-oca**, a casa ou refúgio das tainhas. *Alt. Bertio-ga*. V. **Pirati**. 129.

PIRATY Forma contrata de **piratyba** (**pirá-tyba**), o sítio do peixe; a feitoria ou armação para peixe.

PIRÍ s. O junco, planta aquática de que se fazem esteiras.

PIRINA Forma contrata de **piringá**, a amedrontada, a tímida. Nome de mulher entre os índios.

PIRIPÁ corr. **Pirf-ypá**, a lagoa do junco, ou dos piris. Bahia.

72C V. nota 182.

73 Idem, 185.

73A V. nota 186.

- PIRIQUARA *s.c.* Pirí-quara, o poço dos piris ou do junco. Ceará, Bahia.
- PIRIRICA Gerúndio-supino de **piriric**, agitado, volteante, ligeiro; *s.* a correnteza, o rápido. 104. São Paulo⁷⁴.
- PIRIPIRI *s.* Pirí-pirí, o junco continuado; o juncal. Com o **pirí-pirí** faziam os índios do baixo São Francisco as suas balsas ou juncadas. (*Roteiro do Brasil*. c. 19).
- PIRIPÍRIPAU *c.* Pirí-pirí-paú, entre os juncos, no meio dos piris. Minas Gerais.
- PIRÍPUEIRA *corr.* Pirí-poéra, forma plural de **pirí**, os juncos, os piris. 25.
- PIRITUBA *corr.* Piri-tyba, o sítio do junco; o juncal ou junqueira. *Alt. Piritiba, Pirituva*. São Paulo. 129.
- PIRÓ *corr.* Pyr-6, forma contrata de **pyr-oba**, a roupa de couro, ou o casaco de couro. Apelido do português entre os índios, do costume de andar este encourado nas suas entradas pelos sertões. Os bandeirantes, no assalto às aldeias, traziam grande gibão de couro a modo de dalmática.
- PIRUÁ *corr.* Pyr-oã, a epiderme que se levanta; a bolha, a empola; o umbigo.
- PIRUNA *corr.* Pyr-una, a pele negra; a epiderme escura; a morena. Vale pelo nome **Mauro** ou **Maura, Maurina**. Nome de mulher.
- PITÁ *corr.* Py-tã, o pé firme. Como adjetivo, vale por permanente, constante, perene. Pode ser também corrupção de **pitã** ou **pitanga** e significar vermelho^{74A}.
- PITAGUARY *corr.* Petynguar-y, o rio dos petinguaras ou dos mascadores de fumo. V. **Petinguara**.
- PITANGA *adj.* Vermelho, corado; fino, delicado, macio; a cútis fina; *s.* a criança, o menino. Vale o mesmo que **piranga**. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada da *Eugenia uniflora*.
- PITANGUY *s.c.* Pitang-y, o rio das pitangas; admite outro significado ainda, visto que o vocábulo **pitanga** ou **mitanga** significa também – criança – e então **pitang-y** ou **mitang-y**, se traduz rio das crianças. Minas Gerais.
- PITIMBÚ *corr.* Petym-b-ú, beber fumo ou tabaco; aspirar o fumo, fumar; o cachimbo.

74 Idem, 162.

74A V. nota 142A.

- PITINGA** *s.c.* **Pi-tinga**, a pele branca; uma moléstia da pele afetando o pigmento, freqüente no Amazonas. *Adj.* grosseiro, rude, tosco. (Nheengatu do rio Negro). Se procedente de uma alteração de **pe-tinga** (**pé-tinga**), significa de casca branca, pintado ou salpicado de branco.
- PITITINGA** *corr.* **Pytitinga**, o que se saboreia sorvendo. Pode ser também **py-ti-tinga**, a pele muito alva ou prateada. É uma espécie de sardinha de sabor delicado. Bahia.
- PITÚ** *corr.* **Py-t-û**, a pele ou casca escura. É o camarão cascudo d'água doce. Antigamente dizia-se **poty** e **potyassú**.
- PITUBA** *s.* O bafo, o sopro, a exalação. Bahia.
- PIUM** *corr.* **Pi-û**, o que pica ou morde derreado, agachado. É o mosquito miúdo de mordedura mui acre.
- PIUMA** *c.* **Py-uma**, a epiderme ou casca anegrada, escura. É uma mirtácea de fruto preto, redondo. V. **Piúna**. Espírito Santo.
- PIUMHY** *c.* **Pium-y**, o rio dos piuns ou mosquitos. Minas Gerais.
- PIUNA** *corr.* **Py-una**, a casca preta. É o nome de uma mirtácea de fruto preto redondo.
- POAÇÚ** *s.c.* **Pó-açú**, as mãos grandes e também o braço grande. Significa também a mão esquerda, ou o que fica do lado esquerdo. Bahia. É um canal ou braço que, da esquerda do Jequitinhonha, vai ao rio Pardo.
- POATÃ** *c.* **Po-atã**, as mãos fortes, duras. Nome de homem.
- POAYA** *c.* **Pó-aya**, a raiz saudável. (*Caephaelis ipecacuanha*).
- POCABA** *s.* O tiro, o estampido, o estrondo; o fuzil, ou arma de fogo. *Alt.* **Pocava**, **Bocava**, **Mocaba**.
- POÇAÇÚ** *corr.* **Pysasú**, novo, recente.
- POCEMA** *c.* **Pó-cema**, o batimento de mãos, o bate-palmas.
- POCHÍ** *adj.* **Pochíí**, feio, mau, ruim. *Alt.* **Poxim**.
- POÇÚCABA** *corr.* **Po-cycaba**, o descanso da mão; o bastão, o cajado. São Paulo.
- POÊRA** V. **Coéra** ou **quéra**.
- POERABA** *s.v.* De **poê**, meter a mão, manipular. **Poeraba** é ação de manipular, a manipulação, o preparo de remédios; o remédio, o medicamento.
- POITA** *corr.* **Pó-itã**, a mão rija, ou firme; a mão afincada, a âncora. A pedra amarrada a um cabo a servir de âncora.
- POJUCA** *corr.* **Yapó-yuca**, o pântano corrupto, apodrecido; o estagnado, podre. *Alt.* **Ipojuca**, **Pojú**, **Boyú**, **Mojú**.
- POJUCÁ** *corr.* É forma contrata de **póra-jucá**, o mata-gente. Nome enfático de guerreiro selvagem.

- POJUGÍ *corr.* **Po-yíyí**, a fibra rijidíssima. É o nome das toninhas (*Scomber*) entre os índios. (*Roteiro do Brasil*).
- POMBEVA *corr.* **Po-mbeba**, a mão chata, a fibra, a verga ou cipó chato.
- POMONGA *s.* O visgo, o grude; pegajoso, visguento. *Sergipe*.
- PONGA Gerúndio-supino de **pong**; o baque, a queda com ruído; o que se lança abaixo.
- PONGABA *s.v.* De **pong**, a ação de lançar-se abaixo com ruído; o desabamento; o ruído, o estrépido. *Alt.* **Pongá, Pungá**.
- POPOCA *V.* **Pipoca**.
- PORACÉ *corr.* **Pora-acé**, o ajuntamento de povo; reunião para folgedos entre os índios⁷⁵.
- PORANGABA *s.* A beleza, a formosura. *Ceará*.
- PORAQUÉ *corr.* **Pora-ké**, a gente adormece ou entorpece. É o peixe-elétrico. (*Gymnotus electricus*). *Alt.* **Piraké**.
- POREMA *corr.* **Pora-eyma**, sem gente, sem povo; despovoado, deserto, sertão. *Alt.* **Boreyma, Borema**^{75A}.
- PORÍ *c.* **Por-í**, a gente pequena, o povo miúdo; o indivíduo de estatura baixa. É o nome de uma das nações tapuias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.
- POROROCA Gerúndio-supino de **pororog**, o que arrebenta com estrondo, o estouro. É o **Macaréu**. Maranhão, Pará.
- PORÚS *corr.* **Por-ú**, a gente que devora, o povo canibal, o antropófago. Amazonas. É uma nação selvagem, habitante do rio **Porús**, que lhe tomou o nome.
- POTÍ *s.* O resíduo, o excremento, as fezes, a borra. Diz-se também **tepotí, repotí**, segundo a composição. Confunde-se frequentemente com **poty** ou **potim**, o camarão^{75B}.
- POTIGUARA *s.c.* **Potí-guara**, o comedor de excrementos. *V.* **Poty**. Tomado, porém, como corrupção de **potin-guara** ou **potí-guara** significa o comedor de camarões. *V.* **Potim**. Nome atribuído a um gentio da Paraíba, famoso nas guerras da conquista, no século XVI. O nome **Potiguara**, da primeira versão, se usado naqueles

75 *V.* notas 108, 147, 229 e 232.

75A *Idem*, 147.

75B Está enganado o autor; **potí** – camarão, não se confunde, no tupi, com **tepotí** – excremento. *V.* nota 21.

tempos, explica-se por ser costume, entre os gentios, chamarem os seus contrários por nomes injuriosos. *Alt. Potiguar*⁷⁶.

POTIM *s.c. Po-tí*, as mãos pontiagudas: o camarão, o crustáceo. (*Pe-naeus setiferus*). *Alt. Potf.*

POTINGY *c. Potim-g-y*, o rio dos camarões. Rio Grande do Norte. V. *Potim* ou *Potf.*

POTIPEMA *s.* Camarão de bocas curtas, barbas longas, e casca branda.

POTÍQUEQUIÁ *s.* O lagostim.

POTRIBÚ *corr. Potyra-ybú* ou *potyr-ibú*, a fonte das flores. 103. São Paulo^{76A}.

POTUACIPE *s.c. Potú-aci-pe*, no corte ou talho feito a mão, podendo aludir a um roçado, a uma picada, a um rego ou sulco feito a mão.

POTUMUJÚ *corr. Potumú-yú*, o sustentáculo ou esteio amarelo; alusão à madeira de construção civil, considerada das melhores do Brasil, de cor amarela com umas veias vermelhas (*Lecythidea*). Bahia.

POTYRAGUÁ *s.c. Potyra-guá*, a flor variegada, de cores diversas.

PREÁ V. *Apereá*.

PRIAOCA *corr. Apereá-oca*, o refúgio ou casa das preás.

PROMOMBÓ *corr. Pora-mã-mbó*, o que é feito em conjunto, ou todos de uma vez. Modo de pescar dos índios, em canoa, nos rios, caso em que, levantando-se e sentando-se, a um tempo, todos os tripulantes, a água abalada faz que o peixe começ a saltar e cair dentro da embarcação. É o que se chama *pescar de promombó*. São Paulo.

PROPRIÁ *corr. Popiá*, o punhal, o ferrão, o dente de cobra. Alagoas.

PUÇÁ V. *Puçá*.

PUCHIRÔ *corr. Pychyrô* ou *pycyrô*, o socorro, o auxílio, a ajuda. *Alt. Puchirum, Muchirô, Muchirão*.

PURUBETÁ *ant. Curubeté, c. curuba-etá*, seixos, calhaus. Localidade no Rio de Janeiro.

PUXIM V. *Pochi*.

PUYRA Gerúndio-supino de *puyr*, o arrependido, o que se emenda.

PYÇÁ *s.* A rede de pescar. *Alt. Puçá*. 116.

PYPÓ *s.c. Py-por*, o rasto, o vestígio dos pés. *Pypoéra* é a forma plural, significando os rastos, as pegadas. *Sumé pypoéra*, as pegadas de Sumé ou, como queiram, de São Tomé, deixadas fundas nos ro-

76 V. notas 10 e 21.

76A *Idem*, 161.

chedos da costa. Essas marcas de pés, ou **pypoeras**, assinalavam-se nas vizinhanças de Itapuã e de São Tomé de Paripe, na Bahia. 12576B.

Q

QUÁ *s.* A atadura, cinta; a trama do tecido; o golpe, a pancada; o tiro, o estampido; *adj.* terno, delicado. Como forma contrata de **quara**, significa também – poço, cisterna, buraco, furo. V. **Quara**. Como modificação de **cuá**, significa – o meio, entre dois extremos^{76C}.

QUA *s.* O dedo da mão. Confunde-se às vezes com **quá** e **guá**.

QUAÁ *s.* O agulheiro. Como verbo significa – conhecer, saber, compreender.

QUAĨ *s.* Colo, pescoço, gargalo.

QUAM *s.* O dedo da mão; ponta, proeminência. *Alt.* **Quã**, **Qua**.

QUARA *s.* O furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio. *Alt.* **Quá**.

QUARAHIM *corr.* **Quara-ĩ**, o pocinho, o buraquinho, o furo pequeno, a covinha. Rio Grande do Sul.

QUATÍ *c.* **Qua-ti**, o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. É o *Nasua* dos naturalistas. *Alt.* **Coatf**.

QUATIARA Gerúndio-supino de **quatiá**, a escrita, a letra, a pintura, a inscrição, o letreiro.

QUAY O preceito, o mandado, a ordem.

QUERYMA *corr.* **Ker-eyma**, sem sono; a vigilante. Nome de mulher.

QUIABA *s.* Teia, tecido, ninho.

QUIAPIÁ Voz onomatopaica da ave chamada vulgarmente corrupião.

QUIÇABA *corr.* **Keçaba**, o ninho, o lugar de dormir. *Alt.* **Quixaba**, **Quixá**.

QUICÉ ou **kicé**, a faca, a lâmina cortante, o instrumento de corte.

QUICEPARA *c.* **Kicé-apara**, a lâmina curva, a foice. 12376D.

QUIEPE *corr.* **Quié-pe**, na entrada. É o nome indígena de um ilhéu ao entrar da baía de Camamu. Bahia.

76B Idem, 54.

76C V. nota 158.

76D V. nota 234.

- QUINDÚ *c.* **Qui-ndú**, a ponta rumorosa; a saliência da costa onde batem as vagas com fragor. Bahia.
- QUINHA *corr.* **Kiŷa**, a pimenta. V. **Quŷia**.
- QUINIMURAS Nome que alguns escritores tomam como apelido de uma nação do gentio da Bahia, no século XVI. Em verdade, nada mais é do que a errônea do nome **Caramurú**, que alguns franceses daquele tempo escreviam **Quirimure**. V. A. Thevet. *Singularitez*⁷⁷.
- QUININÍ O mesmo que **quiririm**; *s.* o silêncio, o sossego, o repouso; *adj.* silencioso, calado, taciturno.
- QUIPÁ *c.* **Quí-pá**, ou **qui-pab**, a estância de espinhos, o todo de espinhos. É o cardo rasteiro dos sertões do Norte do Brasil.
- QUIPAPÁ *c.* **Qui-pá-pá**, aumentativo de **quipá**. V. **Quipá**.
- QUIRÉRA *c.* **Qui-r-éra**, forma plural de **qui**, significando – restos, cascas, resíduos, o farelo⁷⁸.
- QUIRICARÉ V. **Cricaré**.
- QUÍROÃ *c.* **Quí-r-oã**, as pontas erguidas, os espinhos eriçados. É o nome indígena do ouriço-cacheiro do Brasil.
- QUŷIA *corr.* **Kiŷa**, a pimenta, o fruto picante. *Alt.* **Kinha, Quiynha**.

R

- REPOTY O mesmo que **potf**, no genitivo de possessão. V. **Potf**^{78A}.
- RERITIGBÁ Erro de cópia da *Corografia Braslica* de Aires do Casal, em vez de **Rerityba**, ou **Reritygba**, como escreveu o Pe. Anchieta. V. **Rirityba**. 109.
- RIRÍ *s.* A ostra. *Alt.* **Rerf, Lerf, Irirf**.
- RIRITYBA *c.* **Riri-tyba**, o sítio das ostras; ostras em abundância, a ostreira. 109. Espírito Santo. *Alt.* **Lerityba, Rirituba, Irirityba**.

77 Depois da publicação do *Vocabulário na Língua Braslica*, dos jesuítas, testemunhando serem **kirymure** (**kirymuré**) e **Paragûaçú** as duas denominações que Os Tupinambás davam a baía de Todos os Santos, essa conjectura deve ser definitivamente abandonada.

78 V. nota 223.

78A *Idem*, 21.

- ROCA** O mesmo que **oca**, no genitivo de possessão; s., a casa, o abrigo, o refúgio.
- ROCÁI** O mesmo que **tocái**, s., o cercado, o curral, a manga.
- RUCA** Modalidade de **roca**, no tupi amazônico. V. **Roca**.
- RUCÚ** V. **Lueu, Urucú**.
- RUPIARA** O mesmo que **upiara**, no genitivo de possessão; o ovo, o gérmen; a procedência, descendência, a raça. *Alt.* **Rupιά**.

S

- SABAHÓ** *corr.* **Sambá-ó** ou **tambá-ó**, a concha espessa, grossa.
- SABARÁ** *ant.* **Tabará**, de que se fez **Tabaraboçú**, como se vê em velhos documentos. **Tabará** é a forma contrata de **Itabaraba**, **Itaberaba** que é **itá-beraba**, a pedra reluzente, o cristal.
- SABARABUÇÚ** *ant.* **Tabará-boçú**, corrupção de **Itaberaba-uçú**, que significa pedra reluzente grande, ou o cristal grande, que também se entende como *serra resplandecente*, lugar lendário entre os colonos do primeiro século da conquista. Eis o que, a respeito, nos diz o historiador Gandavo: “A esta capitania de Porto Seguro chegaram certos índios do sertão a dar novas de umas pedras verdes, que havia numa serra muitas léguas pela terra dentro e traziam algumas delas por amostras, as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos índios diziam que daquelas havia muitas e que esta serra era mui formosa e *resplandecente*. . .” Esta serra resplandecente que o gentio em sua língua chamava **Itaberabuçú**, transformada por corrupção em **Taberabuçú** e mais geralmente em **Sabarabuçú**, vai ser, por todo o século seguinte, o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas.
- SABAUNA** *corr.* **Tambá-una**, o concha preta; uma espécie de molusco de água doce. São Paulo.
- SABIÁ** *corr.* **Çoó-biã**, o animal aprazível, mavioso. É o *Turdus sabiá*. *Alt.* **Sobiá**⁷⁹.
- SABIGEJUBA** Nome tupi do vinhático (*Chrysophyllum Vinhatico*, Cas.).
- SABOGY** *corr.* **Çapó-g-y**, o rio dos cipós. Rio Grande do Norte.

⁷⁹ V. notas 129 e 180.

- SABOÓ** *corr.* **Çapó-6**, a raiz muito grossa, como as da figueira-brava ou gameleira. São Paulo. *Alt.* **Sabohó**.
- SABOUNA** *corr.* **Çapó-una**, a raiz-negra; o tubérculo escuro. *Alt.* **Sa-bauna**.
- SACY** *s.c.* **Ça-cy**, o olho doente. Nome de gênio maléfico da mitologia selvagem, que se supõe representado por um negrinho, trazendo à cabeça um barrete vermelho, o que já denuncia influência africana. O **sacy**, por ser dotado de vivacidade extraordinária, é chamado **Sacy-pererê**. No vale do Paraíba, a credence popular tem o **Sacy** como um negrinho irrequieto e maléfico, tendo um dos olhos doente (**ça-cy**) e outro muito vivo e buliçoso (**ça-pererê**); daí a denominação — **Sacy-sapererê** — com que é conhecido na região. É voz onomatopaica da ave do mesmo nome.
- SAGUIM** *corr.* **Ça-cai**, os olhos inquietos, vivos. Pronunciam outros **souim**, que é corrupção de **çoi-im**, o bichinho, o animalço.
- SAHIRY** *corr.* **Çai-r-y**, o rio dos **sahís**. Ceará.
- SAHY** *s.c.* **Çá-y**, a água dos olhos, a lágrima. Diz-se também **eçá-r-y**. Pode o vocábulo proceder de **çá-i**, os olhos esbugalhados, para exprimir o olhador ou mirador. Nome dado comumente às aves do gênero *Tanagra*. (Batista Caetano).
- SAICAN** *corr.* **Içá-i-cang**, o galho seco. Rio Grande do Sul.
- SAIOBY** *corr.* **Çai-oby**, os saís azuis, o azulão. V. **Sahy**.
- SAIRÊ** *corr.* **Çã-yerê**, a corda em giro; espécie de dança de rapazes. V. **Samba**.
- SAMAMBAIA** *corr.* **Çama-mbai**, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (*Felix herbacea*). No Norte do Brasil a samambaia é uma *Tilandsia*, vulgarmente conhecida por *barba-de-velho*, composta de filamentos emaranhados.
- SAMAUMA** *corr.* **Çama-yba**, a árvore de corda, ou que tem fibras que dão corda. (*Eriodendrum Samauma*, Mart.). *Alt.* **Samayba**, **Samauba**, **Samauva**, **Sumauma**, **Subauma**.
- SAMBA** *corr.* **Çama** ou **çamba**, a corda ou cordão; cadeia feita de mãos dadas por pessoas em folguedo; a dança em roda. Bahia, Norte do Brasil. (Batista Caetano).
- SAMBÁ** V. **Tambá**.
- SAMBAIBA** *corr.* **Çama-yba**, a árvore de corda. (*Curatella Sambai-ba*, S. Hil.).
- SAMBAQUI** *corr.* **Tambá-quí** ou melhor **tambá-ki**, a jazida de ostras, depósito de ostras. É o amontoado de cascas de ostras devido às tribos selvagens que viveram à beira-mar, restos de cozinha, o mais das vezes. V. **Tambá**.

- SAMBAQUIXABA** *corr.* **Tambá-quixaba**, a jazida ou banco de conchas. Nome de uma localidade na ilha de Fernando de Noronha. V. **Tambá**.
- SAMBARERÊ** V. **Tambarerê**.
- SAMBAYBA** *corr.* **Çamba-yba** ou **çama-yba**, a árvore de corda ou que dá fibras para corda, como a paineira. (*Curatella Sambaiba*, St. Hil.). *Alt.* **Sambauba**, **Sambauva**, **Samauva**, **Sumauba**, **Sumauma**, **Subauma**. Pode ser também corrupção de **Tambayba**. V. **Tambayba**.
- SAMBÉ** *corr.* **Çaimbé**, o alcantil, o cume. Rio de Janeiro.
- SAMBORÁ** *corr.* **Çá-mbora-á**, o que se colhe dentro do olho, o que se retira do centro ou interior. É o pólen das flores; a massa amarela do ninho das abelhas. Pode ser *corr.* de **teborã**, o que vai ser mel. (Batista Caetano).
- SAMIM** *s.c.* **Ça-mi**, os olhos buliçosos, ou que piscam.
- SAMONGO** *corr.* **Ça-monga**, os olhos viscosos, remelentos; o atoleimado.
- SANGA** *corr.* **Çanga**, o espraiado, derramado, o alagado, a solta. Rio Grande do Sul.
- SANGAY** *c.* **Çanga-y**, a água do espraiado ou alagado. Rio Grande do Sul.
- SANHAÇO** Forma portuguesa do tupi – **sahy-açú**, o saí grande. Santa Catarina. V. **Sahy**.
- SANHARÓ** *corr.* **Çoó-nharó**, o bicho branco; animal agitado. É o nome de uma abelha preta mordaz. (*Trigona Amalthea*, Oliv.). *Alt.* **Sanharão**, **Sonharão**.
- SAÓ** *corr.* **Çá-ó**, olhos tapados.
- SAPÉ** *corr.* **Eçá-pé**, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação (*Saccharum sapé*).
- SAPECAR** *v.* Brasileirismo de procedência tupi, derivado de **çapec**, tostar, chamoscar, crestar ao fogo.
- SAPIRANGA** *corr.* **Eçá** ou **çá-piranga**, os olhos vermelhos, inflamados.
- SAPIROCA** *corr.* **Çá-piroca**, o olho esfolado; pálpebras que descamam ou perdem a pele.
- SAPITICA** *corr.* **Çá-pí-tica**, o olho de pálpebra quebrada; em outros termos – olhos quebrados, olhos de namorado. Aplica-se o termo **sapitica** vulgarmente para dizer que é pessoa dada a namoro. Bahia. *Alt.* **sahítica**.
- SAPOCA** *c.* **Sá-poca**, os olhos abertos. Designando localidade da costa, vale como abrolhos. Bahia.

- SAPOPEMA *corr.* **Çapó-pema**, a raiz esquinada, ou faceada, a que se dispõe em forma de parede, como nas figueiras-bravas ou gameleiras. (*Ficum rel.*). Rio de Janeiro. *Alt.* **Sapupemba**.
- SAPUCAHY *corr.* **Çapucaí-y**, o rio das sapucaias. Minas Gerais. V. **Sapucaia**.
- SAPUCAIA *corr.* **Çapucaia**, s., o grito, o clamor; o galo, a galinha. Como corrupção de **yaçapucaí** é o fruto conhecido por **sapucaia** (*Lecythis*).
- SAPUPARA *corr.* **Çapó-apara**, o cipó ou raiz torta, retorcida. Ceará.
- SAQUAREMBÓ *corr.* **Socó-r-embó**, o arroio dos socós. V. **Socó**.
- SAQUAREMA *ant.* **Socorema**, c. **socó-rema**, a catinga ou fétido dos socós. Rio de Janeiro. V. **Socó**.
- SARACURA Se for tupi, pode provir de **tara-cura**, engole-milho. É o nome da ave pernalta (*Aramides*), chamada **galinha-d'água**, cujo cantar parece dizer – **três potes**, também conhecida no Norte do Brasil por **sericócia**.
- SARACURUNA c. **Saracur-una**, a saracura preta. Rio de Janeiro.
- SARAMBÉ *corr.* **Çarãi-bé**, o que permanece esquecido; o que fica alheio ou absorto.
- SARAN *corr.* **Çã-rã**, a corda solta, desatada; hastil. É o nome de um arbusto, crescido sobre pedras, à margem da corrente. Sul do Brasil.
- SARANDY *corr.* **Çarandyba**, o deslizadeiro, as longarinas por sobre que deslizam as madeiras. Pode ser também corrupção de **çaran-d-y**, o rio dos sarãs. Rio Grande do Sul. V. **Saran**.
- SARAPÓ *corr.* **Çarã-pó**, o que escapa ou escorrega da mão. É o nome de um peixe de água doce, em forma de enguia. Sul do Brasil.
- SARAPUHY *corr.* **Çarapó-y**, o rio dos sarapós. São Paulo. V. **Sarapó**.
- SARARÁ *corr.* **Yçá-rará**, formigas soltas; espécie de formiga que enxameia depois das primeiras chuvas, de cor arruivada, fulva. Chama-se vulgarmente **sarará** ao indivíduo de cabelos fulvos, de um amarelo tostado. Com o mesmo nome se conhecem uma espécie de mariposa e um pássaro.
- SARARAHY *corr.* **Çararã-y**, o rio das mariposas. Bahia.
- SARIEMA *corr.* **Çariama**, c. **çarí-ama**, a crista levantada, alta. (*Dicholophus cristatus*, III.). *Alt.* **Seriema**.
- SARUÊ *corr.* **Çoó-r-ighê**, o animal de saco. (*Didelphis*). **Ighê-ikê** é a entrada, furo, seio, saco. 109. *Alt.* **Sariguê**, **Sarigueya**, **Sorighê**.
- SASSÚ *corr.* **Çacy**, espécie de beija-flor, colibri (*Coracina*). *Alt.* **Sassy**, **Saçu**.
- SASSUHY *corr.* **Çacy-y**, o rio dos beija-flores. Minas Gerais. V. **Sassú**.

SASSURANA V. Tatarana. V. 78.

SAUBARA *corr.* **Içá-uara**, o comedor de formigas, das que, no Brasil, se comiam outrora. Pode também proceder de **içaub-uara**, o comedor de formigas-mestras, ou tanajuras. Bahia.

SAUNA *corr.* **Ça-una**, os olhos pretos. Nome de um peixinho do mar de olhos muito pretos. Bahia.

SAÚVA *corr.* **Yçáub**, ou **yçá-ub**, o pai das formigas, a formiga-mestra. Pode ser corrupção de **yçá-ayba** e significa — a formiga má, a que destrói as plantas. *Alt.* **Içaubá**, **Çaubá**, ou **Saubá**, **Sauva**.

SENTUCÉ Antigamente — **santucé**, como se lê em manuscritos de 1759. Não é vocábulo do tupi. Bahia.

SEPETIBA *corr.* **Çapé-tyba**, o sítio dos sapés, o sapezal. *Alt.* **Sapetyba**, **Sepetiba**, **Sipitiba**. Rio de Janeiro.

SEREHYBA *corr.* **Ciri-yba**, a árvore dos siris, porque das folhas amarelas, caídas, dessa planta se nutrem os siris e caranguejos. *Alt.* **Sarahyba**, **Sarayva**, **Saraíba**. É o nome de uma espécie de mangue.

SEREHYTINGA *corr.* **Ciriyba-tinga**, contrato em **ciry-tinga**, o mangue branco. V. **Serehyba**. *Alt.* **Siritinga**. (*Avicena nitida tomentosa*).

SEREIBUNA *corr.* **Ciriyb-una**, o mangue-preto. V. **Serehyba**.

SERGIPE *ant.* **Cirigype**, *c.* **ciri-gy-pe**, no rio dos siris. *Alt.* **Sirigype**, **Sirgipe**, **Sergipe**.

SERINHAÉM *corr.* **Cirí-nhaé**, a panela de siris; a bacia onde eles se refugiam; o viveiro dos siris. Pode proceder de **cirí-nheé**, os siris rumorejam. 109. Pernambuco.

SERNAMBITYBA *corr.* **Çurunamby-tyba**, o sítio dos sernambis; onde esses mariscos abundam; o depósito de mariscos. No Norte do Brasil equivale ao Sambaqui do Sul. V. **Sambaquí**, **Sarnambí**. Bahia, 109.

SERNAMBY *corr.* **Cér-namby**, próprio de orelha. É a concha branca e bela de que os índios faziam ornatos, brincos.

SIBIPIRA *corr.* **Cibepyra**, *á* alisada, a esfregada; alusão à madeira pesada, rija, que não fende e recebe bom polimento. (*Roteiro do Brasil*, c. 66). (*Bowdichia virgilioides*). Bahia. *Alt.* **Sepipira**, **Sipipira**, **Sapopira**, **Sucupira**, **Secupira**, **Sebipira**.

SINIMBÚ *s.c.* **Cỹ-nĩ-bú** ou **cỹnĩ-bú**, cintilações emite, o que mostra cambiantes, o lustroso. O termo **cỹ** é — brilho, lustro, cintilação; **cỹ-nĩ** é uma forma plural, traduzindo cintilações, brilhos cambiantes; **bú** é o verbo — sair por si mesmo, emitir. É o camaleão (*Iguana tuberculata*).

- SIPITIBA** *corr.* **Sapé-tyba** ou **çapetyba**, o sítio do sapé, o sapezal. Rio de Janeiro.
- SIPÓ** V. **Cipó**.
- SIPOTUBA** *corr.* **Cipó-tyba**, o sítio dos cipós, ou cipoal.
- SIRÍ** *corr.* **Cirí**, o que corre, ou desliza. É o crustáceo conhecido. *Alt. Seri*.
- SIRI-BOYA** *s.c.* **Cirí-boy**, o siri-cobra: é um pequeno crustáceo de cor terrosa, com manchas sobre o casco, como as da cobra. Ameaçado, não corre; imobiliza-se, como que tomado de estupor, encolhe-se e espera, confiado no mimetismo que o protege.
- SIRIHÚ** *corr.* **Cirí-ú**, os siris comem; onde há siris. Santa Catarina.
- SIRIOBÍ** *corr.* **Cirí-oby**, o siri azulado ou verde. V. **Sirí**.
- SIRIRY** *corr.* **Cirí-r-y**, o rio ou água dos siris. Sergipe.
- SIRITINGA** V. **Serehytinga**.
- SIUPÉ** *corr.* **Çoó-pé**, o trilho do animal, da caça. Ceará.
- SOCA** *s.* A lagarta, a larva da borboleta, (*Roteiro do Brasil*, c. 116).
- SOCATINGA** *corr.* **Soca-tinga**, a lagarta-branca. Ceará.
- SOCAUNA** *c.* **Soca-una**, a lagarta-preta, (*Roteiro do Brasil*, c. 116).
- SOCÓ** *corr.* **Çoó-có**, o bicho que se arrima, ave que tem por hábito arrimar-se num pé só: é nome comum às pernaltas (*Ardea brasiliensis*).
- SOCÓ-BOI** *corr.* **Çoo-có-boy**, o socó-cobra. Nome de uma árdea que esconde o corpo debaixo d'água, mostrando só a cabeça e parte do seu extraordinário pescoço, com o que simula uma cobra, surgindo à superfície d'água. (*Ardea scapularis*. III). V. **Socó**.
- SOCOPENUPÁ** *c.* **Socó-pe-nupá**, pancada nos socós. Nome primitivo da lagoa Rodrigo de Freitas. Rio de Janeiro.
- SOLIMÕES** *corr.* **Çoriman**, *alt.* **sorimão**, **solimão**, donde **Solimões**; nome de uma tribo selvagem do alto Amazonas que deu o seu apelido à parte do grande rio, acima do rio Negro. Cas.
- SOÓ** *s.* O animal, quadrúpede ou quadrumano, não se compreendendo nesta denominação nem os peixes, nem as aves; a caça, a carne; o bicho.
- SORIGUÊ** V. **Saruê**.
- SOROCABA** *s.v.* **Çorocaba**, a ruptura, o rasgão, em alusão às rasgaduras naturais do solo, em torno da cidade. São Paulo. V. **Bossoroça**.
- SOROROÇA** *s.v.* Lacerado, lanhado, rasgado. É o nome de um peixe abundante nas costas do Norte do Brasil, chegando de arribação à Bahia, em tempo de verão. (*Roteiro do Brasil*).
- SUAÇUCANGA** *corr.* **Çoó-açú-canga**, osso de veado; é o nome de uma madeira branca, imitando o marfim, própria para marchetaria. (*Roteiro do Brasil*, c. 69).

- SUAM *corr.* **Çoó-ã**, o espinhaço do animal, a espinha dorsal. *Alt.* **Soã, Suã.** São Paulo, Minas. 10980.
- SUAPE *s.c.* **Suá-pe**, na face, na frente; no rosto. Nome de extensa e bela praia de banhos na ilha de Madre de Deus. Bahia.
- SUASSÚ *corr.* **Coó-açú**, o animal grande, a caça de mais vulto, o veado ou cervo. 109. *Alt.* **Suaçú, Guaçú, Sussú, Assú**^{80A}.
- SUASSUBIRÁ *corr.* **Çooaçú-berá**, o veado lustroso, ou pêlo luzidio. 109. Pode ser também corrupção de **çooaçú-pirã**, o veado-vermelho ou pardo. *Alt.* **birá, virá.**
- SUASSUCANGA *s.c.* **Sooaçú-canga**, osso de veado. É o nome indígena do pau-marfim. (*Roteiro do Brasil*).
- SUASSUGAIA *corr.* **Çooaçú-caia**, queimada dos veados. Paraíba.
- SUASSUHY *corr.* **Çooaçú-y**, o rio dos veados. 109. Minas Gerais.
- SUASSUMÉ *corr.* **Çooaçú-mé**, é como o gentio chamou a cabra, introduzida pelo europeu. 12480B.
- SUASSUPE *corr.* **Çooaçú-pe**, nos veados. Paraíba.
- SUASSUPITÁ *corr.* **Çooaçú-pitá**, o veado-vermelho. 109. V. **Suas-subirá.**
- SUBAÉ *corr.* **Çobay-é**, o que se liga ou adere em frente; alusão à confluência do rio defronte. Nome de um dos rios que formam o de Sergipe do Conde, ao fundo da baía de Todos os Santos.
- SUBAUMA V. **Samauma.**
- SUÇUAYA *corr.* **Çuçú-aya**, o remédio de tremer; alusão ao tremor que produz o uso desta planta, que é o fumo bravo ou canudo. Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais. Pode ser corrupção de **çooaçú-aya**, o veado manso, a cabra.
- SUCUPIRA V. **Sibipira.**
- SUCURÍ *corr.* **Çuú-curf**, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática *Eunectes murinus*. *Alt.* **Socorf**. Designa também uma espécie de caça ou tubarão.
- SUCURICANGA *corr.* **Çuucurf-canga**, a ossada do sucuri. *Alt.* **Su-cricanga.** Bahia.
- SUCURIHY *corr.* **Çuucurf-y**, o rio do sucuri. V. **Sucurf**.
- SUCURIÚ *corr.* **Çuucurf-yú**, forma contrata de **çuucuri-yuba**, a sucuri-amarela. *Alt.* **Sucuriuva.** V. **Sucurf**.

80 V. nota 180.

80A Idem, 124, 156 e 180.

80B V. notas 124, 156, 180 e 239.

- SUCURIUBA *corr.* **Çuucurí-yuba**, a serpente-amarela, ou de escamas amareladas. V. **Sucuriú**.
- SUIRIRÍ *s.* Nome indígena do nosso bem-te-vi, perseguidor de gaviões (*Pitangus Sulfuratus*).
- SUMARÉ *corr.* **Çumã-ré**, tende a ligar, o liguento; o grude, a cola. É a orquídea *Lytopodium glutiniferum*, Baddi, que dá um suco como cola, muito usado no fabrico de instrumentos de corda.
- SUMÉ Nome de uma personagem misteriosa, aparecida entre o gentio a ensinar-lhe o cultivo da terra e o bem entre os homens. *Alt.* **Zomé, Tomé, Zumã**. 125.
- SURUBÍM *corr.* **Çoó-r-oby**, o animal azulado, com laivos azuis. É o peixe do gênero *Platystoma*, dos maiores da fauna fluvial; chamado **Jahú**, no Sul do Brasil. 109. *Alt.* **Sorubi, Suruvi**.
- SURUBÍÚ *corr.* **Çooroby-ú**, come o surubim, ou onde há surubim. Pode ser também corrupção de **çooroby-ū**, o surubim-escuro.
- SURUCUCÚ *corr.* **Çuú-ú-ú**, morde muitíssimo; é a cobra venenosa e horrída do Norte do Brasil. (*Lachesis mutus*, Daud.). Pode ser também corrupção de **çoó-ú-ú**, animal que morde muito. 27.
- SURUPIBA *corr.* **Surú-pibo**, pelos pés desliza; o que é ligeiro de pés; o pé leve. Nome de um maioral dos Potiguaras. Paraíba.
- SURURÚ *corr.* **Çoó-rurú**, o bicho úmido ou encharcado. O **sururú** é mexilhão que vive apinhado e metido na lama do mangue, onde denuncia a sua presença pela água que verte. (*Mytilus perna*). O vocábulo pode proceder também de **çururú**, que significa atolado. Bahia.
- SURURUY *corr.* **Çoorurú-y**, o rio dos sururus, ou mexilhões. Pode ser também corrupção de **çururuf**; *s.* a casa de cupim de forma cônica, a termiteira. *Alt.* **Suruhy**. Rio de Janeiro.
- SUSSUAPARA *corr.* **Çooaçú-apara**, o veado galheiro. 109. V. **Suassú**.
- SUSSUARANA *corr.* **Çooaçú-arana**, o que se assemelha ao veado; o que tem a cor do veado. É o nome de um felino de pele parda. (*Felis concolor*).
- SUSSUHY *corr.* **Çooaçú-y**, o rio dos veados. V. **Suassuhy**.
- SYRA *s.* A enxada, a cunha de pedra para cavar a terra e fazer a sementeira.

T

- TA *s.* Contração de **taba** ou **taua**, a aldeia, a povoação do gentio. Como afixo significa: haste, tronco, espiga, o pé da planta; o pêlo, a

pluma, a lâ. Quando entra na composição de nomes de plantas equivale a **caá**; quando no de nomes de abelhas, vespas, etc., corresponde a **caba**. No geral, pode-se traduzir **ta**, quando em composição, por indivíduo, coisa, entidade, aquele que é.

TABA *s.* A aldeia, a povoação, o arraial; no tupi-guarani, **taba**; no tupi amazônico, **táua**. *Alt.* **Tab**, **Táuba**, **Tá**, **Tap**. 112.

TABAGY *corr.* **Taba-g-y**, o rio da aldeia.

TABAGYPE *c.* **Taba-gy-pe**, no rio da aldeia. 75. *Alt.* **Tapagype**.

TABAINHA *corr.* **Taba-î**, a aldeola, a aldeia pequenina. Ceará.

TABAJARA *corr.* **Taba-yara**, os aldeões, os moradores ou donos das aldeias. 112. Nome de uma nação do gentio da Paraíba^{80C}.

TABARABUÇÚ *corr.* **Itaberab-uçú**, a pedra reluzente grande; encosta grande de pedra reluzente; o cristal grande. É o nome de que se fez, por corrupção, o de **Sabarabuçú**. V. **Sabarabuçú**, **Itaberaba**. Monsenhor Pizarro, nas suas *Memórias Históricas*, escreveu **Tabaraboçú**.

TABARÉ *c.* **Taba-ré**, dado ou propenso à aldeia. V. **Taba**. O vocábulo **tabaré**, usado na Bahia para designar um campônio, ou homem do mato, talvez proceda deste nome **tabaré**. 112.

TABATINGA *corr.* **Tauá-tinga**, o barro branco, o barreiro de argila branca. 107. Amazonas⁸¹.

TABATINGUERA *c.* **Tabating-uéra**, forma plural de **tabatinga**; significa os barreiros de tabatinga. São Paulo. 112.

TABIÁ *corr.* **Taplá**, os testículos. Nome de um principal dos Tabajaras da Paraíba, no século XVI, procedente, decerto, de algum defeito físico do homem que o trazia, origem de quase todos os apelidos em povos bárbaros.

TABIBUIA *corr.* **Ta-bebúi**, haste ou tronco que flutua. É o nome de uma madeira leve, branca, servindo para o fabrico de tamancos e instrumentos musicais. (*Triplaris*). V. **Ta**.

TABIMAN *s.c.* **Taba-imã**, a aldeia velha.

TABIRA *corr.* **Ta-bira**, o tronco empinado, a haste em pé, o madeiro erguido. 109. Nome de um principal dos Tabajaras, que se converteu ao cristianismo; tão valente e astucioso era na guerra que, no seu tempo, era tido como o talismã das vitórias. Pode ser também corrupção de **itá-bira**, a pedrã empinada ou erguida.

TABOCA *c.* **Ta-bóca**, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (*Bambusa*). V. **Ta**. *Alt.* **Tapoca**, **Tauoca**, **Tabó**, **Taó**.

80C V. nota 201.

81 Idem, 167.

- TABOÓ** *corr.* **Tabó-6**, a taboca grossa ou encorpada. Pode ser também corrupção de **sabó-6**, a raiz grossa. V. **Saboó**.
- TABORAHY** V. **Itaborahy**.
- TABURUGY** *corr.* **Tapurú-g-y**, o rio dos vermes ou dos bichos. Rio de Janeiro.
- TACANHUNA** *corr.* **Tacõe-una**, *membrum nigrum*. É o nome de uma tribo selvagem do Pará.
- TACARÉ** *c.* **Ta-caré**, a haste encurvada ou torta. Nome de uma variedade de mandioca.
- TACOARA** V. **Taquara**.
- TACOATIVA** *corr.* **Taquá-tyba**, o taquaral ou sítio das taquaras. V. **Taquara**.
- TACONHA** *corr.* **Ta-cõe**, a haste gêmea, *membrum virile*. *Alt.* **Tacõe**.
- TOCONHA-OBA** *corr.* **Tacõe-oba**, *s. folium quo membrum involvunt*. Era um tecido, ou entrecasa, de que se serviam os índios para guardar as partes pudendas. V. **Taconha**.
- TACO-TACO** *corr.* **Tag-tag**, o estalido repetido. É o nome de uma espécie de formiga que faz ruído ao cortar as plantas.
- TACUMBORÍ** *s.c.* **Ta-cumborí**, o pé de pimenta; a pimenteira. Nome de um jornal da época da independência e da redação do D. Ferreira da Nobrega, patriota exaltado. Bahia.
- TACUNAS** *corr.* **Tacô-una**, o quadril negro. Nome de uma tribo selvagem do Amazonas.
- TACUPÉ** *c.* **Ta-cupé**, atrás da aldeia ou vila. V. **Ta**.
- TACURUBA** *corr.* **Itá-curuba**, pedaços de pedra, cascalho, seixos.
- TACY** *corr.* **Tací**, a formiga. *Alt.* **Tahy**.
- TACYBA** *s.* A formiga em geral. *Alt.* **Tacy**, **Tachí**, **Taçuba**, **Taçú**.
- TAGIPURÚ** *c.* **Tay-purú**, a veia ruidosa, canal por onde corre a água com mais força. É um braço do Amazonas ao sul da ilha de Marajó. Significa propriamente: braço de rio agitado. Pará.
- TAGUÁ** *contr.* **Taguaba**, pedra ou argila de comer; barreiro. *Alt.* **Taguaba**, **Taguá**, **Tauá**. V. **Itaguaba**. Pode proceder ainda de **itaguá**, ou **itá-guá**, significando pedra ou argila variegada, de cores diversas⁸².
- TAGUAHY** V. **Itaguay**.
- TAGY** O mesmo que **tay**, braço ou galho de rio; furo, canal.
- TAIBÚ** *corr.* **Tãĩ-bú**, o focinho preto ou queixada preta. É o nome também de um marsúpio ainda chamado gambá. *Alt.* **Timbú**.
- TAIPOCA** *corr.* **Ta-y-poca**, a haste ou tronco que estala.

82 V. nota 167.

- TAJAHY** *corr.* **Tayá-y**, o rio dos tayás (*Aroideas*). É a **taioba** (*Caladium esculentum*). *Alt.* **Itajahy**. Santa Catarina.
- TAJUBÁ** *corr.* **Ta-yuba**, o tronco amarelo, o pau-amarelo. É a mesma **Tatajuba**. V. **Tatajuba**.
- TAMANDARÉ** *s.c.* **Tamanda-ré**, depois da volta ou em seguida ao rodeio. Pernambuco. É também o nome do Noé da lenda do dilúvio entre o gentio brasileiro. 125. Segundo Batista Caetano, **Tamandaré** pode proceder de **Tamoindaré** (**tab-moi-inda-ré**): aquele que fundou povo, isto é, o repovoador da terra⁸³.
- TAMANDUÁ** *corr.* **Ta-monduá**, o caçador de formigas. O componente – **ta** – é como uma forma contrata de **tacy**, a formiga. É o nome tupi dos **Myrmecophagas**.
- TAMANDUATEY** *corr.* **Tamondoá-tei**, tamanduás em grande número. (Mont.).
- TAMARACÁ** V. **Itamaracá**. 107.
- TAMBÁ** *s.* A ostra, o mexilhão, o conteúdo da concha; o monte de Vênus. *Alt.* **Sambá**, **Samá**, **Tamá**.
- TAMBAHÚ** *c.* **Tambá-ú**, o marisco come ou vive; onde há mariscos. V. **Tambá**. Pode ser também corrupção de **tambá-u** que se traduz a concha ou marisco preto. *Alt.* **Sambau**, **Sambauna**, **Sabauna**.
- TAMBAIBA** *corr.* **Tambá-yba**, o pau ou árvore dos mariscos; alusão às conchas que aderem, em grandes pinhas, aos troncos e raízes das árvores de mangue. *Alt.* **Sambayba**.
- TAMBAQUÁ** V. **Tambaquara**.
- TAMBAQUARA** *c.* **Tambá-quara**, o buraco das ostras ou mariscos; o orfício vulvar, a vagina. *Alt.* **Tambaquá**, **Sambaquara**.
- TAMBAQUARÉ** *c.* **Tambaquá-ré**, o almúscar da vagina; o feitiço amoroso, amavios filtro, os meios amorosos de sedução. *Alt.* **Tamaquaré**, **Sambaquaré**. Designa também uma árvore da mata virgem que dá um óleo medicinal muito aromático. Pará.
- TAMBAQUÍ** *c.* **Tambá-quí**, o resíduo de ostras, o casqueiro. **Tambá-quí**, a ponta do monte de Vênus, o clitóris. *Alt.* **Sambaquí**.
- TAMBARERÊ** *c.* **Tambá-rerê**, o conduto do monte de Vênus, a vagina. *Alt.* **Sambarerê**. V. **Tambá**.
- TAMBOEIRA** *corr.* **Teomboéira**, os restos; o cadáver, os resíduos inúteis.
- TAMBORY** *s.c.* **Ta-mbo-ry**, tronco que faz manar; tronco escorrente, ou que deita humor. *Alt.* **Tamburil**.

83 Idem, 242. Veja-se af até onde pode levar a fantasia.

- TAMETARY** *corr.* **Itametár-y**, o rio dos ornatos de pedra ou das pedras de beicho. 120. V. **Itametara**.
- TAMOYOS** V. **Tamúya**.
- TAMUATÁ** *corr.* **Tambú-atá**, caminha ou anda de tropel, faz rumor ao andar. É o peixe d'água doce que anda no mato aos estremeções com ruído. (*Cataphractus Callicythus*). *Alt.* **Tamoatá, Camboatá**.
- TAMUYA** *s.* O avô. *Alt.* **Tamõe, Tamoyo, Tamoye**. Salvador Correia de Sá escreveu – **Tamões** – de referência ao gentio do Rio de Janeiro.
- TANAJURA** *c.* **Tā-ayura**, a formiga vinda, a que se ala e sai do formigueiro; a formiga grande cheia de ovos.
- TANGARÁ** *corr.* **Atá-cará**, andar aos saltos, o pulador, em alusão ao costume da ave deste nome (*Tanagra*) brincar aos saltos, dois a dois. Batista Caetano.
- TANGUÁ** *c.* **Tā-guá**, a baixa das formigas; pode ser também o papa-formigas. Rio de Janeiro.
- TANHAÇÚ** *c.* **Tanha-açú**, o dente grande; nome tupi para o porco-do-mato. 109, 124. *Alt.* **Tāyaçú**^{83A}.
- TIOCARA** V. **Itiocara**.
- TAPACURÁ** *s.* Os cueiros, as ligas.
- TAPAGYPE** V. **Itapagipe**.
- TAPAJÓS** *ant.* **Tapayó**, *corr.* **tabayó**, o que procede das aldeias; nome de uma nação selvagem de que procede o do afluente do Amazonas.
- TAPANHUNA** *corr.* **Tapuy-una**, o bárbaro preto; o negro africano. *Alt.* **Tapuyun, Tapanhū**⁸⁴.
- TAPANHUNACANGA** *corr.* **Tapuyuna-acanga**, a cabeça do negro. 107. Minas Gerais. V. **Tapanhuna**.
- TAPARÁ** *c.* **Tá-pará**, rio preso ou colhido. É como se chama, no Amazonas, a água da enchente que permanece estagnada, dentro da mata, logo que se declara a vazante, e onde o peixe se acumula de modo prodigioso à medida que, com a seca, o estagnado se reduz. (Rangel). Amazonas.
- TAPAYUNAQUARA** *corr.* **Tapuyuna-quara**, o covil ou refúgio de negros, o quilombo. V. **Tapanhuna**.
- TAPEBARA** *corr.* **Tapé-urara**, o vivente ou morador das taperas.
- TAPEÇAÇÚ** *c.* **Ta-peçaçú**, por **taba-peçaçú**, a aldeia nova. 128.
- TAPECURÚ** V. **Itapecurú**.
- TAPECHAY** *corr.* **Ta-pichaí**, o indivíduo crespo; o encarapinhado.

83A V. notas 156, 181 e 239.

84 Idem, 1 e 168.

- TAPEMIRIM** *c.* **Tapé-mirim**, a tapera ou ruína pequena, a taperazinha. Pode ser corrupção de **itapé-mirim**, a laje-pequena, a lajezinha, o lajeadinho; pode ser ainda **tapé-mirim**, por **apé-mirim**, e significar o caminhozinho, a trilha. 107.
- TAPENDÍ** *c.* **Tapé-ndí**, o companheiro das ruínas, o animal que mora em ruínas, como as corujas, morcegos e andorinhas.
- TAPÉQUÊ** *s.c.* **Tapé-kê**, as ruínas adormecidas, solitárias; pode significar também o caminho tranqüilo, sossegado, ou que se interna. Com o mesmo nome se conhece uma árvore grande, de folhas persistentes, ainda durante a seca; o nome **Tapequê** vem-lhe do fato de crescer em taperas ou ruínas, como a **Taperá** ou **Taperoá**.
- TAPEPITANGA** *corr.* **Itapé-pitanga**, as lajes vermelhas. Bahia.
- TAPÉRA** *corr.* **Tab-éra**, a aldeia extinta, a ruína, lugar onde existiu uma povoação. *Alt.* **Taguéra**. V. **Taba**⁸⁵.
- TAPERÁ** *c.* **Taper-á**, tomado ou saído das ruínas. É o nome da andorinha (*Hirundo*). V. **Taperoá**⁸⁶.
- TAPEREBÁ** *corr.* **Tapereuá** ou **taperuá**, o que vive em ruínas ou mora nelas; árvore que cresce em ruínas. V. **Taperoá**.
- TAPEREIRA** *corr.* **Tapér-efra**, a abelha das taperas ou ruínas. É abelha-preta, grande, que produz um mel bom e abundante. São Paulo. V. **Efra**.
- TAPEROÁ** *corr.* **Tapér-uá**, forma contrata de **tapér-uara**, o vivente ou morador das ruínas, o habitante das taperas. É o nome da andorinha (*Hirundo*). *Alt.* **Taperuá**, **Taperebá**, **Taperaguá**. 112. Bahia⁸⁶.
- TAPEROBÚ** *corr.* **Tapér-oby**, a ruína verdejante, ou invadida do mato. Pode ser também corrupção de **tapér-yby**, a terra das ruínas ou taperas. Paraíba do Norte.
- TAPES** *corr.* **Tápe**, na aldeia. É como se chamavam os índios da aldeia grande de São Tomé, no Rio Grande do Sul. (*Conquista*. Batista Caetano).
- TAPETÍ** *s.* O coelho silvestre. 109. São Paulo. Confunde-se frequentemente com **Tipití**. V. **Typiti**.
- TAPIÁ** *c.* **Tapí-á**, os grãos de entrepernas, os testículos. Árvore frutífera da mata virgem. (*Gallesia Scorododendron*, Cas.).
- TAPICURÚ** *c.* **Ta-pí-curú**, tronco de casca grossa, ou cheia de protuberâncias. É o nome de uma boa madeira de construção. Pode-se ainda traduzir **ta-pí-curú** como indivíduo de pele carocuda, no-

85 V. notas 17 e 198.

86 Idem, 198.

me dado a uma espécie de pato-bravo. Como composto de **tapi-curú**, traduz-se — entrepernas encaroçadas. Confunde-se ordinariamente com **Itapecurú**.

TAPIREÇA s.c. **Tapyr-eçá**, o olho-de-anta, e também o olho-de-boi.

TAPIMIRIM V. **Tapemirim**.

TAPINHOAM corr. **Tá-pi-uã**, o que é para tumores; a planta para tumores ou excrescências. O termo **pi-uã** significa a pele levantada ou inchada. Nome da laurínea (*Sylvia navalium*, Freire All.). Rio de Janeiro. *Alt.* **Tapinhã**.

TAPIOCA V. **Typioca**, **Tipiôca**⁸⁷.

TAPIPIRA s. *Membrum feminum*. *Alt.* **Tapipi**.

TAPÍRA corr. **Tapífra**, a anta. (*Tapirus americanus*). No guarani, **tapí**. *Alt.* **Tapir**⁸⁸.

TAPIRAÇOBAYGUARA corr. **Tapífra-çobayguara**, a anta estrangeira, o boi, introduzido pelos europeus.

TAPIRAHY corr. **Tapífra-y**, o rio das antas. 109.

TAPIRAMUTÁ corr. **Tapyfra-mutá**, a espera d'anta.

TAPIRANGA c. **Tá-piranga**, o indivíduo vermelho; a plumagem vermelha. É o nome da ave também chamada **tié-sangue** (*Tánagra brasilia*), ou **sangue-de-boi**. Bahia.

TAPIRAPÉ c. **Tapífr-apé**, o trilho ou caminho da anta. 109. Goiás^{88A}.

TAPIRAPOAN corr. **Tapífr-apuã**, a anta redonda, gorda. Mato Grosso.

TAPIREMA corr. **Tapífr-ema**; a anta fétida ou morrinhenta. Pernambuco.

TAPIRUVA corr. **Tapífr-yba**, a árvore ou pau-d'anta. *Alt.* **Tapiruba**. Santa Catarina.

TAPISSUÁ s. A abelha *Trigona Tubiba*, no Rio Grande do Sul.

TAPITANGA O mesmo que **tapiranga**, as plumas vermelhas. Pode ser corrupção de **itá-pitanga**, a pedra vermelha. V. **Tapiranga**. 107.

TAPITOCAIA corr. **Tapyira-tocaia**, a espera d'anta. *Alt.* **Tapirato-caia**, **Tapirocaia**.

TAPITOCÁY V. **Itapetocái**.

87 V. nota 224.

88 Idem, 239.

88A Idem, 181.

- TAPITY *corr.* **Tapy-ty**, o membrô duro, forte; o coelho ou lebre⁸⁹.
- TAPIÚ *s.* Espécie de formiga arbórea, no Amazonas.
- TAPIUYÁ *s.* Nome indígena do marimbondo ou vespa que faz o ninho de cor cinzenta na beirada dos telhados.
- TAPIXINGUÍ *corr.* **Ta-pi-chin-guf**, o que é de casca lisa; o pau de casca lisa. *Alt.* **Tapitinguf**. São Paulo.
- TAPOÇOCA *corr.* **Taboçoca**, *c.* **tabó-çoca**, o bicho-de-taquara, a larva aninhada no gomo da taboca.
- TAPOOÓ *s.c.* **Ta-pó-oó**, o tronco de raízes muito grossas. *Alt.* **Saboó**.
- TAPORÚ *c.* **Ta-por-ú**, o que dentro come; o que corrói, o bicho, o verme, a lagarta. *Alt.* **Tapurú**, **Taburú**.
- TAPORUREYA *corr.* **Taporú-reya**, a coleção de vermes, a bicheira.
- TAPUÇÚ *corr.* **Oatapú-açú**, o búzio grande de palmo e meio de comprimento de que os índios fazem as suas buzinas. (*Roteiro do Brasil*, c. 142).
- TAPUYA *ant.* **Tapyfa**, *s.c.* **Ta-epy-fa** que H. Stradelli identifica com **taua-epy-fa**, traduzindo fruto-origem das tabas ou aldeias, isto é, originário das aldeias e não-inimigo, de referência aos primitivos habitantes que, pela invasão dos Tupis, se refugiaram no sertão^{89A}.
- TAPUYRAMA O mesmo que **Tapuyretama**, *c.* **tapuy-retama**, a região dos Tapuias ou índios bravos. 86, 110⁹⁰.
- TAPUYTAPERA *c.* **Tapuy-tapéra**, as ruínas do gentio. Maranhão.
- TAPUYÚ *c.* **Tapuy-ú**, o gentio come; onde vive o índio bravo. Ceará.
- TAPUYUBATUBA *corr.* **Tapuy-ubá-tyba**, a cana-brava dos Tapuias ou Caboclos. Nome do local onde faleceu, no sertão, Gabriel Soares.
- TAPY *c.* **Ta-apy**, o que está fundo; as entre-pernas; as partes pudendas.
- TAPYÁ *c.* **Tapy-á**, os grãos de entre-pernas, os testículos. Designa também o pau-d'alho, conhecido ainda por **Guararema** ou **Ibirarema**.
- TAQUÁ *s.* Forma contrata de **taquara**, *c.* **ta-quara**, o tronco ou haste furada. *Alt.* **Tacuara**, **Tacuá**.
- TANQUAPORÚ *c.* **Taquá-porú**, o bicho da taquara, verme de que o gentio fazia pasto.
- TAQUAQUICÉ *c.* **Taquá-kicé**, a taquara cortante, a que dá lâminas como faca. Espécie de taquara ou bambu que se emprega no tecido

89 Idem, 224.

89A V. nota 1.

90 V. notas 148, 152, 173 e 187.

- das peneiras e cestas finas; a cana silvestre. (*Bambusa*). *Alt.* **Taouquécé**. São Paulo.
- TAQUAQUICETUBA** *corr.* **Taquakicé-tyba**, o sítio das taquaquicés, ou taquaral da espécie de **taquaquicé**. V. **Taquaquicé**. São Paulo. *Alt.* **Itaquaquicetúba**.
- TAQUARA** *c.* **Ta-quara**, a haste furada, ou oca. *Alt.* **Taquá**.
- TAQUARACHIM** *corr.* **Taquara-achim**, a taquara crespa. Rio Grande do Sul.
- TAQUARAPABA** *c.* **Taquara-paba**, o fim ou extremo das taquaras; a estância das taquaras.
- TAQUARAPAIA** *corr.* **Taquara-mbaia**, o trançado de taquaras. Mato Grosso.
- TAQUARATINGA** *corr.* **Taquá-ratin**, a cana maciça.
- TAQUARÍ** *c.* **Taquar-i**, a cana pequena, ou fina, o taquaril.
- TAQUAREMBÓ** *c.* **Taquar-embó**, a verga ou vara de taquara; a taquara fina. Pode ser também **taquar-iembó**, o riacho das taquaras. 102. Rio Grande do Sul.
- TAQUARITINGA** *c.* **Taquarí-tinga**, o taquari branco. Pernambuco.
- TAQUARITUBA** *corr.* **Taquari-tyba**, o sítio dos taquaris, abundância de taquaris. Paraíba.
- TAQUARUCÚ** *c.* **Taquar-uçú**, a cana grande, a taquara grossa, bambu.
- TAQUARY** *c.* **Taquar-y**, o rio das taquaras. Rio Grande do Sul.
- TARACU** *corr.* **Tara-kú**, o que devora espigas. É o nome de uma espécie de formiga.
- TARACUÁ** *corr.* **Tara-guá**, o comedor de espigas. É o nome de uma espécie de formiga. V. **Taracú**.
- TARACUTINGA** *s.c.* **Taracú-tinga**, a formiga-branca, de ferroada dolorosíssima, como a da **Tucandyra**, do Amazonas. *Alt.* **Saracutíng**.
- TARAHIBA** *corr.* **Tara-guira** ou **tar-a-guira**, o que bambaleia, ou se contorce. É o nome do peixe d'água doce que vive mergulhado na vasa. (*Erythrinus Tarefa*). *Alt.* **Trahíra**, **Tarefa**, **Tarafra**.
- TARAIRY** *corr.* **Taraguír-y**, o rio das traíras. Rio Grande do Norte. V. **Tarahyra**, **Tarahíra**.
- TARAJUBA** *s.c.* **Ta-r-ajuba**, o pau-amarelo, o que dá preciosa tinta amarela extraída da raiz do incorruptível tronco, (Rocha Pita). *Alt.* **Tatajuba**.
- TARARÉ** *corr.* **Itá-raré**, a pedra sucavada, o sumidouro, conduto subterrâneo. São Paulo.
- TARARUCÚ** *s.* Nome indígena do fedegoso. (*Cassia occidentalis*). Bahia, Goiás.
- TARATÁ** *corr.* **Itá-ratá**, a pedra dura. Bahia.

- TARIOBA *s.c.* **Tar-i-oba**, a concha ou casca em forma de folha. É o nome de uma concha bivalva, freqüente nos estuários. Bahia.
- TASSÚ *corr.* **Itá-assú**, a pedra grande, o penedo no mar.
- TASSUAPINA *corr.* **Itá-assú-apina**, a pedra grande limpa de vegetações; o cabeça calvo. Bahia.
- TATÁ *s.* O fogo, o lume, a luz. 87.
- TATACETUARA *corr.* **Tatá-acetū-ara**, o tomador do cheiro do fogo, o que presente o cheiro do fogo à distância, o farejador, o espírito de guerra do gentio.
- TATAGIBA *corr.* **Tatá-gyba**, o braço de fogo, a labareda. Ceará.
- TATAHYBA *corr.* **Tatá-yba**, a árvore-de-fogo, o pau-de-fogo, o pau-amarelo (*Machura*). *Alt.* **Tataúba, Tatajuba, Tatafba, Tatajiba.**
- TATAIRA *corr.* **Tata-eíra**, a abelha-de-fogo; é a abelha também conhecida por **mel-de-fogo**, ou **caga-fogo**. (*Trigona Tataira*).
- TATAJUBA *v.* **Tatahyba.**
- TATÁKICÉ *s.c.* **Tatá-kicé**, a faca de fogo; é como o gentio chamava a pedra de fuzil, petrosílex.
- TATAMIRIM *c.* **Tatá-mirim**, o fogueiro. Nome de um chefe tupi-nambá, citado por Hans Staden.
- TATAPIRICA *s.* **Tatá-pirica**, a faísca, a centelha. Nome de um mameluco que tomou parte na conquista do Ceará, em 1603. Chamava-se João Vaz Taparica.
- TATÁPIRICA *c.* **Tatá-pirica**, o estalido do fogo, a faísca ou fagulha. Nome de um principal dos Tabajaras no século XVI.
- TATARANA *c.* **Tatá-rana**, semelhante a fogo; é o nome da lagarta de fogo. *Alt.* **Tatorana.** 78.
- TATAUHY *corr.* **Tatá-uy**, a flecha de fogo, aquela que, inflamada, se arremessava contra os tetos de palha das aldeias selvagens. 78. Bahia.
- TATINGA *c.* **Ta-tinga**, o tronço ou haste branca; o indivíduo branco. Pode ser corrupção de **itá-tinga**, a pedra branca, a prata. Maranhão.
- TATÚ *c.* **Ta-tú**, o casco encorpado, ou grosso, couraça. Batista Caetano. (*Dasypus*).
- TATUAMUNHA *corr.* **Tatú-amõi**, o tatu-avô, o tatu ruim de correr.
- TATUAPARA **Tatú-apara**, o tatu arcado, ou que se dobra; é o animal a que vulgarmente se chama **tatú-bola** (*Dasypus tricinctus*).
- TATUAPÉ *c.* **Tatú-apé**, o caminho ou trilho do tatu. São Paulo. 109.
- TATUHY *c.* **Tatú-y**, o rio do tatu. São Paulo. 109.
- TATUÓCA *c.* **Tatú-oca**, a casa do tatu, o covil ou buraco do tatu. Pará.

- TATURANA *s.c.* **Tatú-rana**, parecido ou semelhante a tatu. Nome de uma espécie de marimbondo preto, que faz casa de barro e dá um mel pardacento.
- TATÚYBÍ *corr.* **Tatú-yby**, a terra dos tatus; era o antigo nome da cidade de Limeira. São Paulo. 109.
- TAÚ *s.* A fantasia, a adivinhação, a visão; captar a vontade de alguém.
- TAUÁ *V.* **Taguá**.
- TAUAPE *c.* **Tauá-pe**, no barreiro, no tauá. Ceará. *V.* **Taguá**.
- TAUBATÉ *corr.* **Taba-etê**, a aldeia grande, considerável. São Paulo. 115. *Alt.* **Tauaeté, Tabaté**.
- TAUBUSSÚ *s.c.* **Tau-b-oçú**, a visão grande; o fantasma.
- TAUNA *c.* **Tá-una**, o indivíduo preto; o tronco escuro. Pode proceder de **itá-una** e, então, significa a pedra preta, o ferro. Rio de Janeiro.
- TAYÁ *c.* **Tay-yá**, igual à pimenta, como a pimenta, (*Caladium*).
- TAYABUÇÚ *c.* **Taya-b-uçú**, o taiá grande ou inhame. (*Colocasia antiquarum*).
- TAYAÇÚ *corr.* **Tâi-açú**, o dente grande. *V.* **Tanhaçú**. 10991.
- TAYAÇUAIA *corr.* **Tâiaçú-aia**, o porco manso, o porco de papada. *V.* **Tayaçú, Tanhaçú**.
- TAYAÇUPEBA *corr.* **Tâiaçú-peba**, o porco-montês menor, o porquinho-do-mato, (*Dicotyles*). *Alt.* **Tayaçupeva**. São Paulo. Era o nome de um principal do gentio do rio São Francisco, no século XVI. Na sua *História do Brasil*, frei Vicente do Salvador chama-o **Porquinho**. *V.* **Tayaçú**.
- TAYARANA *c.* **Tayá-rana**, o taiá falso, o que imita o taiá. Nome de um principal dos Carijós da Laguna. Santa Catarina.
- TAYOBA *c.* **Tayá-oba**, a folha de taiá. (*Caladium*). *Alt.* **Tayaó**. *V.* **Tayá**.
- TAYRA *s.* O filho, pelo lado paterno; oposto a membira que é o filho pelo lado materno.
- TAYUVA *c.* **Ta-yuba**, o tronco ou pau-amarelo (*Chlorofa tinctorial*). *Alt.* **Tajuba**.
- TAYUYÁ *corr.* **Táyá-ó-yá** ou **tayá-yá**, igual à taioba. É a chamada abobrinha do mato. (*Trianosperma ficifolia*). Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul. Desta planta há muitas variedades, cujas raízes tuberosas têm valor medicinal como emético e como drástico. *V.* **Tayoba**.
- TEBÍ *s.* O assento, o traseiro, as nádegas. Confunde-se, de ordinário, com **tibí**.

- TEBIQUARA *Tebf-quara*, o orifício do traseiro, o ânus. *Alt. Tebi-quá.*
- TEBÍRO *s.* O sodomita, o homem que faz papel de mulher.
- TEÇÁ *s.* O olho, a vista. *Alt. Reçá, Ceçá, Eçá.*
- TEÇATUNGA *c.* *Teçá-tunga*, olhos anuviados, escurecidos. V. *Açatunga.*
- TEÇAYNDABA *s.c.* *Teçái-ndaba*, ato de expandir-se; expansão, alegria. São Paulo.
- TECUNAS *corr. Tecô-una*, o corpo preto, o vulto negro. Nome de uma tribo selvagem no Velho Maranhão. Peru.
- TEJUBINA *corr. Teyú-obí*, o lagarto-verde.
- TEJUPÁ *corr. Teyf-u-paba*, a estância ou pouso onde vive o povo, a rancharia, pois que *teyi* é a comunidade, a gente em conjunto. *Teyiupá* ou *Teyupá*, forma contrata no guarani, é a rancharia. *Alt. Tejupar, Tijupá.*
- TEMBÉ *s.* O lábio inferior, o beijo; borda, margem, beira. *Tembé* é a forma absoluta: *Rembé, Sembé, Guembé*, são as relativas.
- TEMBETÁ *corr. Tembê-ftá*, a pedra de beijo, o bodoque de pedra⁹².
- TEMBÍÚ *s.* A comida, o alimento, a nutrição, o mantimento. *Alt. Temiú, Remiú.* 119.
- TEMIMINÓ *s.* O neto da parte do varão. Nome de uma nação do genitio do Espírito Santo e do Rio de Janeiro.
- TENDIGURA *corr. Tenty-gura*, a saliva engolida. São Paulo.
- TENDY *s.* A saliva, a baba, o cuspo. Significa também o resplendor, a claridade. *Alt. Hendy, Rendy.*
- TENDYÍBA *corr. Tenty-yba*, a árvore de saliva ou baba (*Spilanthes*).
- TEQUARA *corr. Tecô-quara*, o buraco do corpo, o ânus.
- TERERÉ *s.* O fragor, o estrondo do que se quebra, o baque, a assebentação. São Paulo, Bahia.
- TETAMA *s.* A região, a pátria, o país. *Tetama* é a forma absoluta; *Retama* é a relativa. *Rama* é forma contrata à guisa de sufixo⁹³.
- TEYÚ *corr. Ty-ú*, o que come escondido; o lagarto. *Alt. Teyú, Tiju.*
- TI *s. corr. Ty*, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água. Tem ainda muitos significados: branco, brancura, atadura, liga, tecido; ponta, proa; fumo, vapor; sumo, caldo; urina. Como adjetivo: rijo, forte; companheiro; levantado, erguido, alto. Picada, coceira. Negação: de nenhuma maneira, nunca.

92 V. notas 230 e 231.

93 *Idem*, 80, 148 e 152.

- TIAPIRA *s.* A vanguarda, o posto avançado.
- TIAYA *corr.* Ty-aya, a linfa saudável, a água boa. Nome de uma localidade, serrote e riacho, no Ceará.
- TIBAGY *c.* Tyba-g-y, o rio do pouso. Paraná.
- TIBAIA *corr.* Tyb-aia, sítio ou pouso saudável. Pode ser corrupção de ty-b-aia, o rio ou caudal sadio, benefício. São Paulo.
- TIBÁU *corr.* Ty-paú, entre águas, ou entre rios. *Alt.* Tybau.
- TIBEREÇÁ *corr.* T-yby-reçá, contração de tyby-reçaba, a vigilância da terra; o vigia da terra; o maioral ou principal. Não se deve escrever Tebireçá, que tem mau sentido. Nome do maioral do gentio catequizado em São Paulo de Piratininga pelos jesuítas, no século XVI.
- TIBIRY *corr.* Tibí-r-y, o rio da sepultura. Paraíba.
- TIBYCOARA *c.* Tiby-quara, o buraco do chão, a cova, a sepultura. 126.
- TIBYCOARY *c.* Tyby-guar-y, o rio das covas ou sepulturas. 126.
- TICOERAUNA *s.* Búzio pequenino, manchado por fora, usado para tentos.
- TIÊ *s.* Voz onomatopaica da ave Tanagra. Há o tiê-piranga ou tapi-ranga, de um vermelho de sangue, em alguns lugares chamado tiê-sangue e, em outros, sangue-de-boi, e há ainda o tiê-juba; pássaro de corpo amarelo, asas verdes e bico preto.
- TIETÊ *c.* Tiê-etê, o verdadeiro tiê. *V.* Tiê. Pode o mesmo vocábulo proceder de ty-etê que significa rio bastante fundo, rio verdadeiro, considerável. São Paulo. 105. *V.* Ti.
- TIJUAÇÚ *corr.* Teyú-açú, o lagarto grande (*Teius Monitor*, Merr.).
- TIJUAÊ *corr.* Tuyabaé, o velho, o ancião. Também se diz tuya, no guarani. *Alt.* Tuyauaê, Tuyuaé.
- TIJUAPÉ *corr.* Teyu-apé, o trilho ou caminho dos lagartos.
- TIJUCA *V.* Tuyuca. 99.
- TIJUCO *corr.* Ty-yuc, água corrupta, podre; lama, brejo. No tupi-guarani Tuyú. 99. Minas Gerais.
- TIJUCOPOPO *corr.* Tyuc-paba, a estância dos brejos; o lamaçal, o atoleiro; o extremo do lameiro. Pernambuco.
- TIJUI *corr.* Tiyui, a espuma ou espuma.
- TIM *corr.* Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contraída de tinga, branco, alvo. *V.* Ti.
- TIMBAUBA *corr.* Timbó-yba, a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma. *Alt.* Timbofba, Timboúba.
- TIMBÓ *s.* O bafo, a fumarada, o vapor. Planta cujo suco mata o peixe (*Paulinia Pinnata*, L.). 116.

- TYMBOHY** *corr.* **Timbó-y**, o rio do timbó, ou da exalação, das névoas.
- TIMBORA** *corr.* **Ty-mbóra**, o que se contém n'água; o vapor, a exalação, o bafo, a névoa. *Alt.* Timbó. Bahia.
- TIMBORI** *s.* O perfume, o incenso.
- TIMBYRA** *corr.* **Timbyra**, o amarrado, o escravizado, o escravo. Maranhão. Antigamente Timbirá.
- TIMONHA** *corr.* **Ty-mõe**, a água posta ou levada. Ceará. V. **Ti**.
- TIMUSÚ** *corr.* **Ti-uçú**, ou **tim-uçú**, o bico grande; designa o peixe-agulha (*Bellone timuçú*, Cuv.).
- TIN** V. **Ti**, **Tinga**.
- TINGA** *adj.* Branco, alvo, claro. *Alt.* **Ti**, **Tin**.
- TINGARÁ** *corr.* **Tinga-rã**, tirando a branco. É o nome da ave *Dasycephala cinerea*, Gray.
- TINGUÁ** *corr.* **Ti-quá**, ou **tin-quá**, o bico ou nariz pontiagudo, o pico. Rio de Janeiro.
- TINGUACIBA** *corr.* **Tinquá-cyb**, o pico liso, limpo. Rio de Janeiro.
- TINGUI** *corr.* **Ty-gui** ou **tyghi**, o líquido que vem, o sumo, a espuma; o enjô, o enfado. O sumo extraído de cipós batidos para matar o peixe nos rios e lagoas (*Jacquinia tingui*).
- TINHARÉ** *corr.* **Ty-nhã-ré**, o que tende a entrar n'água; o que se adianta n'água. É o nome de uma ponta ou cabo na Bahia.
- TINHORÃO** *corr.* **Taynharô**, *c.* **tayá-nharô**, o tajá-alegre, ou de bonita aparência (*Caladium bicolor*). É a planta aroidea, chamada **pé-de-bezerro**. V. **Tayá**.
- TIPÁ** *corr.* **Ty-pá**, contração de **ty-paba**, o fim ou extremo d'água, a baixamar. *Alt.* **Tipáo**.
- TIPÍ** *corr.* **Typy**, a fundura, o que está fundo. Designa a planta vulgo jarrinha (*Aristolochia*).
- TIPIOCA** *c.* **Typy-oca**, tirado ou colhido do fundo; o sedimento, o coágulo, o resíduo do suco da mandioca. 119. *Alt.* **Tapioca**^{93A}.
- TIPUEIRA** *corr.* **Ty-puêra**, águas, banhados. Rio de Janeiro.
- TIPUHY** *corr.* **Ty-poi**, a água fina, o filete d'água, o esguicho.
- TIQUARA** *corr.* **Ty-quara**, o buraco d'água, o poço. Designa também uma bebida, mixto de água, farinha e açúcar, vulgo **jacuba**.
- TIQUARUÇÚ** *c.* **Tyquar-uçú**, o poço grande. Chefe dos Potiguaras que se rebelou contra os portugueses, quando da primeira invasão holandesa. Vencido na serra da **Copaoba**, foi executado a cutiladas.

- TIQUIRA** *corr.* **Ty-kira**, a água vertendo, a vertente. Mato Grosso.
- TIRIBA** *s.* Voz onomatopaica de um pequeno papagaio (*Psittacus, Conurus, cruentatus*, Neuw.).
- TIRIBOBÓ** *corr.* **Tyry-popó**, o que deflui fervendo ou borbulhando; o que corre em borbotões. É o nome de um rio no Rio de Janeiro.
- TIRIRICA** Gerúndio-supino de **tirirí**, vibrante, cortante. É o nome de uma ciperácea lacerante (*Cyperus brasiliensis*). O povo diz: “tiririca é faca de cortar. . .”
- TIUBA** *corr.* **Tuí-yba**, a árvore dos tuins. Pode ser corrupção de **tu-yuba**, a abelha-amarela. Bahia.
- TOBÁ** *s.* O rosto, a cara, a face.
- TOBACA** *corr.* **Tob-baca**, o rosto voltado, o que volve a cabeça; alusão ao hábito da ave deste nome de acompanhar ou voltar o bico na direção do projétil que não a atinge. É o pássaro Tolo (*Grallaria marginata*, Gray, ou *Myioturdus*, Neuw.). Rio de Janeiro, São Paulo, Minas. *Alt.* **Tovaca**.
- TOBAÍ** *exp. adv.* Em frente, defronte, em face. V. **Tobá**. *Alt.* **Sobai**.
- TOBAQUÉ** *exp. adv.* Em presença, em frente, adiante. Bahia. *Alt.* **Tovaqué**.
- TOBAYARA** *c.* **Tobai-yara**, o indivíduo fronteiro, aquele que está em frente, o vizinho em face. Também significa o competidor, o rival, o émulo; o cunhado da parte do homem. Nome de uma nação do gentio da Parafba, que alguns autores escrevem **Tabayara**. V. **Tobai**⁹⁴.
- TOCA** *s.* Forma absoluta de **oca**, a casa, o refúgio, o esconderijo, o abrigo. 112. V. **Oca**. *Alt.* **Roca, Soca**.
- TOCÁI** *s.* O curral, a manga, no guarani.
- TOCÁIA** *s.* A espera da caça, junto da toca, ou fojo.
- TOCARÍ** *s.* O castanheiro silvestre, vulgo Castanha-da-terra.
- TOCANDIRA** *corr.* **Tuca-ndy**, o que fere em demasia. É o nome de uma formiga preta de picada dolorosíssima, armada de um ferrão no abdome, e venenosa. Tem-na o gentio como afrodisíaca; os índios Maués dela se serviam, outrora, para prova da coragem e fortaleza de ânimo dos mancebos submetidos às picadas desse inseto.
- TOCARIJÚ** *corr.* **Tocarí-yú**, o espinho da castanha. V. **Tocarí**.
- TOQUE-TOQUE** *corr.* **Toc-toc**, o que tapa ou impede de ver. Designa ponta ou saliência da costa, vedando a vista em certa direção. Bahia.

- TORÉ** *s.* A flauta, feita de taquara, servindo para as danças. Amazonas. *Alt.* **Torém, Boré.**
- TORÓ** *corr.* **Tog-r-6**, a cobertura espessa, a casca grossa. Designa uma espécie de tatu, o maior (*Dasybus Gigas*), vulgo tatu-canastra, de cuja cauda faziam os índios o **toré** ou **boré**. Rio Grande do Sul.
- TOROPY** *c.* **Toró-py**, o casco do tatu do **toró**. V. **Toró**.
- TORORÃ** *s.c.* **Toró-ram**, o que se torna ruidoso ou roncante.
- TORORÓ** *s.* O jorro, enxurro, a enxurrada. É voz onomatopaica. *Alt.* **Chororó, Choró.**
- TOROTAMA** *c.* **Toró-tama**, a região dos tatus. V. **Toró**. Rio Grande do Sul.
- TORYBA** *s.* A alegria, a felicidade, a graça. *Alt.* **Toryva, Toriva.**
- TRAÇANGA** *corr.* **Tara-çanga**, a formiga assanhada, ou embravecida, esparramada.
- TRAHIRA** *corr.* **Taguirá**, o que está de roxo, ou que se bamboleia. V. **Tarahíra**.
- TRAIPIÚ** *corr.* **Ityra-ypú**, o olho-d'água do monte, a fonte do morro. Alagoas.
- TRAMANDAHY** *corr.* **Tara-manda-y**, o rio dos feixes de milho. Pode ser corrupção de **tamanday**, que significa rio dos meandros ou rio sinuoso. Rio Grande do Sul.
- TRAPIÁ** *corr.* **Tapiá** ou **tapyá** (**tapy-á**), a glândula, o grão, o testículo. Nome de um fruto silvestre da árvore *Gallesia scorodendron*, Cas.).
- TRAPOERABA** *corr.* **Tara-poêraba**, a manipulação da mulher, isto é, o remédio feito pela mulher, a mezinha caseira. É o nome da planta da família das comelináceas. (*Tradescancia diuretica*). *Alt.* **Trapoe-rava, Trepoeraba, Trepoerava**. V. **Poeraba**.
- TRARIPE** *corr.* **Tarayr-y-pe**, no rio das traíras. Antigamente se escrevia **Tararype**. Bahia.
- TREMEMBÉ** *corr.* **Tiri-membé**, o que escoa molemente, o embrejado, encharcado, o alagadiço. Nome de um gentio do Ceará, cujo apelido lhe vinha da região alagadiça que ocupava. Ceará, São Paulo. 100.
- TRIBUÇÚ** *corr.* **Turú-b-uçú**, o verme grande, o bicharoco. É nome injurioso entre os que falavam o tupi. Bahia.
- TRIPUÍ** *corr.* **Ityra-pof**, o morro delgado ou esguio. Minas Gerais.
- TU** *s.* O tombo, a queda, a pancada; *adj.*, batido, tocado; molhado; queimado, encarvoado, enegrecido; v. estar, vir; *sub.* o pai, a abelha-mestra; bicho, verme.
- TUB** *s.* O pai, a abelha-mestra; a coxa.

- TUBA *s.* O pai; empregado pelos catequistas para indicar a primeira pessoa da Santíssima Trindade. V. **Tub**.
- TUBÍ *corr.* **Tub-i**, a abelhazinha, a abelha-miúda. V. **Tubiba**. *Alt.* **Tubím**. —
- TUBIBA *c.* O mesmo que **Tubí**, nome da abelha-miúda (*Trigona Tubiba*). Rio de Janeiro. V. **Tubí**.
- TUBICHÁUA *corr.* **Tyby-eçaba** ou **tyby-echaba**, vigilância ou governo da terra; o vigilante, inspetor, o maioral. V. **Tibireçá**.
- TUBUNA *c.* **Tub-una**, a abelha-preta. **Tub** é nome genérico para certa qualidade de abelhas (*Trigona bipunctata*, Lep.). *Alt.* **Tuvuna**. Rio Grande do Sul, São Paulo.
- TUCAMBIRA *corr.* **Tucã-mbyra**, a pele do tucano.
- TUCANDYRA Formiga preta, comprida e grossa, armada de um ferrão como o das vespas, cuja picada dolorosíssima chega a produzir febre (*Cryptocerus atratus*). Entre os Mundurucus do Amazonas, a **tucandyra**, serve à prova da mocidade destemida. *Corr.* **tucãndyra**, a picada latejante.
- TUCANGUIRA *corr.* **Tucanguir**, *c.* **tucá-nguir**, o que fere por baixo, isto é, com a parte inferior do corpo; alusão ao ferrão do inseto. É a formiga venenosa de picada dolorosíssima. V. **Tocandíra**. Amazonas.
- TUCANO *corr.* **Tu-quã**, o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Pode ser corrupção de **tu-can**, o bico ósseo. Batista Caetano. É nome de ave conhecida (*Rhamphastus*).
- TUCANTIM *c.* **Tucan-tim**, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu o seu apelido ao rio. Pará, Goiás. *Alt.* **Tocantim**.
- TUCHAUA *corr.* **Tu-chaba**, forma contrata de **Tub-echaba** ou **tub-eçaba**, visto que o **ç**, no tupi, é levemente chiado e não sibilado; exprime a *vigilância do pai*, o governo paterno ou patriarcal. Designa o indivíduo que exerce a função do governo da tribo, o principal, o chefe, o maioral. *Alt.* **Tuchava**^{94A}.
- TUCUM *c.* **Tu-cũ**, o espinho alongado, a pua. É o nome da palmeira *Astrocarium tucuma*, cuja haste é guarnecida de longos espinhos, e de que se tira uma fibra das mais resistentes para linha de anzóis e para o fabrico de cordas e redes.
- TUCUNDUVA *corr.* **Tucũ-dyba**, a palmeira do tucum. V. **Tucum**. Pode ser corrupção de **tucũ-tyba**, o sítio do tucum, o palmar de tucuns.

- TUCUPI *corr.* **Tycú-pi**, a decoada picante; o molho dos índios, feito com o sumo da mandioca. Amazonas.
- TUCURA *corr.* **Ṭu-cura**, bicho voraz, o gafanhoto (*Locusta*).
- TUCURAHY *corr.* **Tucura-y**, o rio ou água dos gafanhotos. 109.
- TUCURUVY *corr.* **Tucur-obí**, o gafanhoto verde. São Paulo.
- TUGUÍ *c.* **Tu-guf** (pronuncia-se **tughf**), o que sai do golpe, o sangue. *Alt.* **Suguf, Ruguf**^{94B}.
- TUIM *s.* Uma espécie de periquito. Nome de um chefe do gentio, no século XVI.
- TUIM-MIRIM O tuim pequeno. Nome de uma língua ou *truchement* francês, que vivia entre os Petinguaras da Paraíba, no século XVI.
- TUJUCUÉ *corr.* **Tuyuc-cué**, forma plural, no guarani, de **tuyuca**, significando os brejos, atoleiros. Paraguaí.
- TUM *adj.* Negro, escuro. V. **Um**.
- TUMAN *corr.* **Tymã**, as pernas. Nome de um chefe do gentio, vizinho da cachoeira de Paulo Afonso, no século XVII.
- TUMBYRA *c.* **Tum-byra**, o que tem os pés cheios de bichos, o bichento. V. **Tunga**.
- TUNGA *s.* A nígua, o bicho-de-pé. *Alt.* **Tum, Tun**.
- TUNGUÇÚ *c.* **Tung-uçú**, a pulga grande.
- TUPÁ *corr.* **Tu-pá**, contração de **tu-paba**, a estância ou lugar dos estrondos, dos tombos, ou dos trovões. Aqui, neste caso, **tupá** é o céu, o espaço.
- TUPÁ *s.* Nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir Deus, entre os Tupis. Do ponto de vista lingüístico, o vocábulo **tupã**, no guarani, ou **tupana**, no tupi, é o composto **tu-pã** ou **tu-pana**, significando – golpe ou baque estrondante – de referência ao trovão. Assim entendido, Deus é aqui o **tonante**. Mas o vocábulo ainda admite outra interpretação, se o tomarmos como composto de **Tub-ã**, o Pai alto, o altíssimo.
- TUPABERABA *c.* **Tupá-beraba**, o céu reluzindo, o clarão do céu, o relâmpago. 125.
- TUPÁBOYA *c.* **Tupá-boya**, o servo de Deus, o santo. *Alt.* **Tupam-boya**.
- TUPÁBOYÉRA *corr.* **Tupá-boy-éra**, forma plural de **Tupáboya**, os santos, os servos de Deus. Rio de Janeiro.
- TUPACINUNGA *corr.* **Tupá-cynynga**, o céu roncando, o trovão. 12595.

94B A pronúncia certa é **Iuguy**.

95 V. nota 240.

TUPANAROCA *c.* **Tupana-roca**, a casa de Deus, a igreja, a capela, o santuário. 112^{95A}.

TUPANCERATAN *corr.* **Tupã-cy-retá**, a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora. Rio Grande do Sul.

TUPI *c.* **Tu-upí**, o pai supremo, o primitivo, o progenitor. Esta interpretação corresponde à grafia francesa **tououpi**, que se encontra como radical do nome **tououpinambaoult**, segundo Jean de Léry que Ferdinand Denis reconhece ser de uma exatidão admirável. Varnhagen interpretou **tupí** ou **typí** como exprimindo – os da primeira geração. Simão de Vasconcelos interpretou **tupí** como sinônimo de **tupã**, pois que **tupí** quer dizer o pai supremo, e traduziu **tupinambá** como povo de Deus. Cumpre, entretanto, notar que alguns viajantes e escritores do século XVI escreveram também – **tuppim** ou **tupin**, que quer dizer, tio, o irmão do pai.

TUPINAEES *corr.* **Tupi-nã**, parentes ou consangüíneos dos tupis. Alterada à prosódia para **tupiná**, o plural, na língua dos colonos, deu **tupinaes**, ou **tupinás**. Pode ser corrupção de **tupin-aê**, o amigo dos tupis ou seus afeiçoados; pode ainda proceder de **tupin-aen** e significar os tios supostos ou falsos. V. **Tupí**.

TUPINAMBÁ *c.* **Tupí-nã-mbá**, descendente dos tupis, pois que **nã-mbá**, o mesmo que **anambá**, significa derivado do parente, ou descendente. V. **Tupí**. É o nome de uma nação selvagem das mais numerosas no Brasil, habitando o Maranhão, a Bahia e o Rio de Janeiro.

TUPINAMBARANA *c.* **Tupinambá-rana**, os falsos tupinambás, ôs que falsamente descendem dos tupis. Amazonas.

TUPININQUIM *ant.* **Tupinákí**, como escreveu Anchieta, *c.* **tupinã-ki**, o galho do parente dos Tupis, os colaterais dos Tupis. 109.

TUPIRAMA *c.* **Tupí-rama**, contração de **tupí-retama**, a pátria dos Tupis. 110.

TURÍ *corr.* **Tory**, o facho, a fogueira, o farol. **Turi** é também o nome de uma árvore, conhecida igualmente por **Turiuva** (*Licania turiuva*).

TURIAÇÚ *corr.* **Tory-açú**, o facho grande, a fogueira ou incêndio. *Alt.* **Turiassú**. Maranhão.

TURIUVA *corr.* **Turí-yba**, a árvore de **turi** (*Licania turiuva*).

TURÚ *s.* Nome dado geralmente a animais aquáticos e a vermes. *Alt.* **Surú**.

TURUNA *corr.* **Tyr-una**, o cano preto, membrum nigrum.

TURYASSÚ V. **Turiaçú**.

- TUTOYA** *corr.* **Totói**, interj. equivalente a – oh! linda!, que beleza!, que encanto! (Mont.).
- TUXAVA** V. **Tuchaua**.
- TUYA** *s.* A velhice, a idade avançada.
- TUYÚ** *s.* No tupi-guarani, o brejo, a lama, o charco; corresponde a **tyuca** ou **ty-yuca**, no tupi costeiro.
- TUYUBA** *corr.* **Tu-yuba**, a abelha-amarela ou ruiva (*Melipona rufiventris*, Lep.). *Alt.* **Tuyuva**, em São Paulo; **Tiuba** ou **Theuba**, na Bahia; **Tuhuba**, **Tuhuva**, **Tuyú**.
- TUYUCA** *corr.* **Ty-yuca**, o brejo, a lama, o charco, a paul. 99. *Alt.* **Tijuca**, **Tijuco**, **Tujuco**, **Tuyu**.
- TUYÚ-MIRIM** A abelha **tuyuba** pequena (*Trigona dorsalis*, Sm.). Pode ser também o charco pequeno; laminha.
- TUYUTY** *corr.* **Tuyú-ti**, o lameiro branco. 70. Paraguai^{95B}.
- TUYUYÚ** *c.* **Tuyú-yú**, a lama amarela; o barro amarelo. Pode ser contração de **tuyuyúba**, no tupi costeiro. É o nome dado às cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejos. Segundo Batista Caetano, **tuyuyu** se compõe de **tu** ou **tí**, bico e **yu-yu**, muito amarelo, isto é, ave de bico muito amarelo (*Micteria americana*).
- TY** V. **Ti**. 195.
- TYAIA** *s.* O suor, o humor; vertente, o que pinga ou mina.
- TYAPYRA** *c.* **Ty-apyra**, o favo de mel, no tupi falado pelos Cayuás. São Paulo, Paraná.
- TYJIOCA** *corr.* **Tiyuf-oga**, o que tira a espuma, a escumadeira. Pode ser corrupção de **tiyuf-oca**, a casa ou paradeiro das espumas. Pará. *Alt.* **Tijioca**, **Tijocá**.
- TYPITY** *s.* A prensa, o expremedor; o cesto tubular e elástico, tecido de folhas de palma, servindo para exprimer a massa da mandioca ralada. 119. *Alt.* **Tipiti**, **Tapití**, **Typyti**.
- TYRA** *s.* O cano, o tubo, a cânula. *Alt.* **Tir**, **Tur**. Significa também – monte, acúmulo, acervo, montão.

U

U *corr.* **Y**, *s.* A água, o líquido, o rio. A pronúncia difícil da vogal gutural y deu origem às formas **u**, **hu**, **gu**, que aparecem com afixos

95B V. nota 138.

ou sufixos na composição dos vocábulos. Como adjetivo, **u** equivale a **û** ou **un**, significando negro, preto. Como verbo, **u** e muitas vezes **hu**, **gu**, **cu**, significa comer, morder, beber, aspirar, tragar⁹⁶.

UÁ *corr.* **Uã**, *s.*, o talo, a haste, o caule, o grelo, a coluna vertebral, o dorso.

UAPICÚ *corr.* **Uá-pucú**, forma contrata de **uara-pucú**, o indivíduo bicudo; é a ave vulgarmente chamada **pica-pau**, da ordem dos trepadores (*Picus, Dryocopus lineatus*).

UARA *Part. do fut. do vb. u*, o que há de comer, o comedor, o devorador; em sentido translato, o vivente, o ser vivo, o indivíduo. *Alt. Guara. V. Guara.*

UAUÁ *corr.* **Uã-uã**, o pirilampo, o vaga-lume. Bahia.

UBA *corr.* **Uyba**, a flecha para o arco. No guarani, **huf**^{96A}.

UBÁ *corr.* **Ybá**, contração de **yba-á**, o que se colhe da árvore, o fruto. Também significa canoa, mas das fabricadas com casca de árvore. Minas Gerais^{96B}.

UBAIA *corr.* **Ybá-aia**, o fruto azedo, ácido. (*Eugenia campestris*. Vieill.). *Alt. Uvaia*. Rio de Janeiro, São Paulo.

UBAJARA *corr.* **Yba-yara**, o frecheiro, o destro no atirar a flecha. Pode ser procedente de **ybá-yara** e significa então o canoeiro, o destro no manejar a canoa. Nome de um principal do gentio da Ibiapaba, no século XVII. É também o nome de uma vastíssima caverna na serra da Ibiapaba, termo da Granja. Ceará.

UBARANA *corr.* **Yba-rana**, imitando pau, como pau. É nome do peixe *Bagrus reticulatus*, Kner. Bahia.

UBATÁ *corr.* **Yba-atá**, o pau duro; a madeira rija. É o conhecido – Gonçalo Alves (*Astronium fraxinifolium*, Schott). Bahia.

UBATIM *corr.* **Ybá-ti**, o fruto de ponta, o grão pontiagudo. É o milho dos índios (*Zea Mais*, L.), também denominado **abaty** ou **abatí**. *c. ába-tí*, os cabelos brancos, alusão aos filamentos ruivos ou brancos que envolvem a espiga, por baixo da palha. *V. Abaty.*

UBATUBA *corr.* **Ybá-tyba**, o sítio das frutas, o frutal. Pode ser corrupção de **uyba-tyba**; o sítio das flechas, ou flechal, canavial bravo; pode ainda proceder de **ybá-tyba**, significando o sítio das canoas. São Paulo. *Alt. Ubatiba. V. Uba, Ubá.*

96 *Idem*, 253A.

96A *V. notas 207 e 212.*

96B *Idem*, 207.

- UBAY *corr.* Ybá-y, o rio das frutas. Pode ser corrupção de uyba-y, o rio das flechas ou canas-bravas. Paraná. *Alt.* Ivay.
- UBAYARA *corr.* Ybá-yara, o hortelão ou fruteiro. V. Ubajará.
- UBAYÉRA *corr.* Ybaéra, forma plural de ybá. 25.
- UBAYXI *corr.* Ybá-ichi, o fruto miudinho. É o arroz (*Oryza*). Diz-se também abaxi-f, abati-apé, abati-mirim, o milhozinho.
- UBERABA *corr.* Y-beraba, a água brilhante, clara, transparente, cristalina. Minas Gerais.
- UBIRACICA *corr.* Ybirá-icica, a resina de pau; a almecegueira, planta que dá o elemi ocidental, também chamada icicariba, aliás icica-r-yba, árvore de resina. *Alt.* Buracica, Biracica.
- UBIRACOÁ *corr.* Ybirá-quã, o pau pontiagudo. É uma espécie de cobra.
- UBIRAEM V. Buranhem.
- UBIRAGARA *corr.* Ybirá-ygara, o pau-de-canoa^{96C}.
- UBIRAIPÚ *corr.* Ybirá-ybú, o que brota da árvore. Nome de uma espécie de formiga que se cria nos pés de árvores.
- UBÍRAITÁ *corr.* Ybirá-itá, pau-ferro.
- UBIRAPARAÍBA *corr.* Ybirá-apara-yba, a árvore do pau-d'arco.
- UBIRAPARATIBA *corr.* Ybirá-apara-tyba, o sítio do pau-d'arco.
- UBIRAREMA V. Ibirarema, Guararema.
- UBÚ *corr.* Yby, a terra, o chão, o solo. Entra mui freqüentemente na composição de vocábulos tupis. V. Yby. 76.
- UBUCUÚBA V. Ibiculba.
- UÇÁ s. O caranguejo (*Cancer*).
- UÇAUBA *corr.* Yçá-tuba, a formiga ruiva ou amarelada. *Alt.* Içauba.
- UERANA *corr.* Uí-rana, a flecha falsa, a cana-brava.
- UÉRA *adj.* Velho, extinto, passado, o que já foi. É também um sufixo para exprimir o plural. *Alt.* Oéra, Cuéra, Coera. No guarani - *cué, uér.*
- UERERÉ *corr.* Y-ererê, a água em giro ou redemoinho.
- UIRANDY *corr.* Uirá-andí, o grude de pássaro. É a árvore também chamada Landi. V. Guanandi.
- UITI c. Ui-ti, a massa apertada ou comprimida; alusão à polpa dessa fruta, que é uma massa granulosa, úmida e muito rija (*Brosimum*). *Alt.* Oyty, Guti, Gulti, Utim.
- UM *adj.* Negro, preto. *Alt.* Û, Una. V. Una.
- UMA Uma das modalidades da palavra yba, alterada, significando - a árvore, a planta, o pau, a madeira. *Alt.* Yma, Yva, Uma, Ma.
- UMÁ *corr.* Ybá, o fruto. V. Ubá.

96C Ao contrário: ybyrá-ygara é canoa-de-pau. V. nota 207.

- UMARY *corr.* **Y-mory**, por **uba-mo-ri-y**, a árvore que verte água; alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo (*Geoffroya spinosa*, L.). *Alt.* **Mary**, **Mariseiro**.
- UMBÁ *c.* **Ũ-mbá**, preto em extremo, negro de todo, preto retinto. **Umbará**, *c.* **u-mbará**, o preto variegado, ou salpicado. **Umbatã** ou **umatã**, seminegro, escuro. **Undaf**, muito negro. **Undi**, ou **unf**, negrinho, negracento, pintado de negro.
- UMBÚ *V.* **Imbú**.
- UMBURANA *V.* **Imburana**.
- UMIRI *corr.* **Ymiri**, *c.* **y-mirí**, forma contrata de **yba-mirí**, a árvorezinha, o arbusto. (*Aumirium*). *Alt.* **Humiri**, **Omiri**.
- UMIRIM *corr.* **Y-mirim**, a água pequena, o riozinho, o arroio. 75.
- UNA *adj.* Negro, preto, escuro. *Alt.* **Un**, **U**, **Huna**, **Mu**, **Pixuna**.
- UNÁ *s.* A baga, o grão.
- UNAIM *corr.* **Uná-í**, o bagozinho, o grão. Pode ser também corrupção de **una-í**, significando – pretinho, a, moreninho, a.
- UNAPITINGA *s.c.* **Uná-pitinga**, a baga saborosa, no nheengatu do Amazonas. Pode também proceder de **uná-pf-tinga** e traduzir-se – baga de pele branca.
- UNAUNA *c.* **Uná-una**, o grão preto; é o nome do besouro ou coleóptero *Scarabeus*, *Geotrupes*, *Copris*. Pode ser também **una-una**, preto em demasia, retinto.
- UNHÃO *corr.* **Y-nhã**, a água corrente, a torrente. *Alt.* **Unhã**. Bahia.
- UPÁ *corr.* **Y-pá**, forma contrata de **y-paba**, a estância ou parada da água; onde a água fica; a lagoa, o lago, o empoçado^{96CC}.
- UPACARAHY *corr.* **Ypá-caray**, a lagoa santa; o lago sagrado.
- UPAMOROTY *corr.* **Ypá-moroty**, a lagoa clara, ou de água muito transparente. Rio Grande do Sul.
- UPANEMA *corr.* **Ypá-nema**, a lagoa ruim, isto é, que não dá peixe. Pode ser também corrupção de **y-panema**, rio imprestável, água ruim.
- UPAROBA *corr.* **Yperobia**, a lagoa amarga. Pode ser também corrupção de **yba-roba**, a árvore ou pau amargoso. *Alt.* **Iparoba**, **Paroba**, **Poroba**, **Peroba**, **Perova**. *V.* **Iperoba**, **Peroba**.
- UPÉ *corr.* **Ypé**, contração de **yb-pé**, a casca de árvore. *V.* **Ipé**.
- UPEÚVA *corr.* **Ypé-yba**, a árvore do **ipé**, o tronco do **ipé**. A árvore de casca. *V.* **Ipeúva**.
- UPIARA *s.* O ovo, os ovos: a descendência, a raça. *Alt.* **Upiá**, **Rupiá**.
- UPITANGA *corr.* **Y-pitanga**, o rio vermelho, a água vermelha ou parda.

- UPÚ *corr.* **Ypú**, a fonte, a nascente, o olho-d'água. V. **Ipú**.
- UPUPIARA *corr.* **Ypupiara**, o residente ou morador na fonte. É o chamado homem marinho, que no século XVI, no Brasil, os colonos mais crédulos afirmavam ter observado no mar, nos rios e fontes. (*Roteiro do Brasil*, c. 127). V. **Ipupiara**.
- URA *s.* Forma contrata de **yimirá**, **ybirá**, a madeira, o pau, a árvore. Designa também o berne.
- URÁ *corr.* **Uirá** ou **guirá**, a ave, o pássaro.
- URAENHANGATÁ *corr.* **Guirá-nheeng-atá**, o pássaro que canta firme. *Alt.* **Gurinhata**.
- URAHY *corr.* **Uirá-y**, o rio dos pássaros.
- URAMAÇÃ *corr.* **Uaramoçã**, *c.* **uara-mo-çã**, o indivíduo de olho torto. É o nome de um peixe da feição dos linguados, vivendo debaixo da vasa, chato e deitado de uma banda só, o que lhe deforma a cabeça e entorta os olhos. *Alt.* **Uramaçá**, **Aramaçã**.
- URANDY *corr.* **Uirá-undí**, a madeira negracenta, ou tirando o negro. *Alt.* **Ulandy**, **Olandy**, **Landy**. Bahia.
- URAPIAGUARA *corr.* **Uirá-upiá-guara**, o comedor de ovos de pássaros. É o nome de uma cobra, que anda pelas árvores, salteando o ninho das aves. (*Roteiro do Brasil*, c. 113).
- URAPINIMA V. **Marapinima**.
- URAQUITÁ *corr.* **Ymirá-kitá**, o nó ou botão de pau; o botoque de madeira que certo gentio usava trazer metido no lábio inferior. *Alt.* **Myraquitá**, **Muyrakitá**.
- URAREMA V. **Guararema**.
- URATAÚ *corr.* **Uirá-atá-ú**, o pássaro que come espaçado; a coruja, o mocho, (*Nyctibus aetherius*).
- URATAUHY *corr.* **Urataú-y**, o rio das corujas.
- URATEONTEON *corr.* **Uirá-teon-teon**, o pássaro que sucumbe de quando em quando; alusão ao descanso amiudado que ele faz sobre as águas do mar, sobre a qual voa rente. (*Roteiro do Brasil*, c. 84).
- URATINGA *corr.* **Uirá-tinga**, o pássaro branco, a garça. V. **Guiratinga**.
- URBIÓNEME V. **Morpion**.
- URPION V. **Morpion**.
- URÚ *s.* Nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida (*Odonthophorus dentatus*, Tom.). Designa também um certo tecido de folhas de palma. 124.
- URUABO *c.* **Urú-oabo**, os galináceos aparecem; onde acodem perdizes, codornizes, etc. É o nome de um campo arenoso, vizinho de Açupe, onde se encontram perdizes. Bahia.

- URUBÚ *corr.* **Urú-bú**, a galinha preta, a ave negra (*Cathartes*). *Alt.* **Urumú**.
- URUBUPUNGÁ *corr.* **Urubú-pungá**, contração de **urubú-pungaba**, o grasnar dos urubus. É o nome do salto no rio Paraná, pouco acima da foz do rio Tietê. São Paulo, Mato Grosso. V. **Pongaba**.
- URUBUQUÁRA *c.* **Urubú-quara**, o buraco, ou refúgio dos urubus.
- URUBUQUEÇABA *corr.* **Urubú-keçaba**, a dormida ou ninho dos urubus. São Paulo.
- URUBURETAMA *c.* **Urubú-retama**, a região ou país dos urubus. 110. Ceará.
- URUBURUBICHÁ *s.c.* **Urubú-rubichá**, o urubu-rei (*Cathartes Papia*).
- URUCAIA *c.* **Urú-caia**, a queimada dos urus. Pode-se também traduzir a galinha saborosa.
- URUCAPY *c.* **Urucá-py**, o pé de **urucá**, a dança do gentio ao som do **urucá**.
- URUCÚ *s.* O vermelhão, a planta que o produz (*Bixa-Orellana*).
- URUCURY *corr.* **Yaricurí**, *c.* **y-arí-curí**, o que dá cachos miúdos. Com esse nome se designam as palmeiras dos gêneros *Attalea excelsa* e *Cocos coronata*. *Alt.* **Uricury**, **Ouricury**, **Aricury**, **Guai-cury**.
- URUÇANGA *corr.* **Y-roičanga**, a água fria. *Alt.* **Ouriçanga**.
- URUÇU: *c.* **Urú-uçú**, a galinha, o galo. Pode ser corrupção de **yrú-uçú**, o cesto ou cofo grande; pode ser ainda corrupção de **eir-uçú**, a abelha grande de cor avermelhada e que não morde (*Trigona subterranea*, Triese.).
- URUÇUÍ *c.* **Uruçú-i**, a abelha menor do que a **uruçú**, menor do que uma mosca e amarela. Rio de Janeiro.
- URUÇUHY *corr.* **Uruçú-y**, o rio das abelhas **uruçús**. V. **Uruçú**.
- URUÇUMIRIM *c.* **Uruçú-mirim**, o mesmo de **Uruçuí**.
- URUCURANA *c.* **Urucú-rana**, o falso **urucú**, o que se assemelha ao **urucú**; é uma euforbiácea, que dá tinta roxa e resina com que o caboclo cura frieiras.
- URUGUÁ *c.* **Urú-guá**, o caracol, o búzio.
- URUGUAY Antigamente **Uruay**, como se lê na carta de Diogo Garcia, de 1526; assim, **Uruay** se compõe de **Uruá-y** ou **Uruguá-y**, exprimindo o rio dos búzios ou dos caracóis. O Pe. Montoya, no seu *Tesouro*, explica – **y-ruguay** – como sendo – o canal por onde vai a madre do rio.
- URUHÚ *corr.* **Uru-ú**, o uru come, ou lugar onde vivem urus. Também se pode interpretar **urú-ú**, como a ave voraz, uma das modalidades do nome **urubú**.

- URUMBEBÁ *corr.* **Ymirá-mbeba**, alterado para **ur-mbeba**, a madeira chata, ou em forma de espátula; o cardo de folhas grossas, chatas, onde se cria a cochonilha (*Coereus*).
- URUOCA *c.a.* **Urú-oca**, a casa ou esconderijo dos urus.
- URUPUÁ *corr.* **Urú-poá**, forma contrata de **urú-poaba**, o rumor dos urus. Rio Grande do Sul.
- URUPÉ *c.* **Urú-pé**, forma contrata de **urú-peba**, o cesto chato ou raso; nome dado ao fungo conhecido por orelha-de-pau, cuja forma imita a de um cesto raso. São Paulo.
- URUPEMA *c.* **Urú-pema**, o cesto esquinado ou enquadrado, isto é, de forma retangular, a servir de peneira. *Alt.* **Urupemba, Gurupema.**
- URUPÉ-NAMBI *s.* O cogumelo-orelha; o fungo chamado orelha-de-pau.
- URUPUCA *c.* **Urú-puca**, o cesto que desaba, armadilha para pássaros. *Alt.* **Arapuca.**
- URUSSANGA *corr.* **Y-roičanga**, a água fria. *Alt.* **Oriçanga, Ouriçanga.**
- URUTÚ *corr.* **U-u-tú**, por eufonia **u-ru-tú**, que exprime literalmente – morde, morde de arremesso, isto é, que muito morde aos botes. É o nome de uma espécie de bagres de pele amarela, que mordem a linha todo o ano. (*Roteiro do Brasil*, c. 132.); é também o nome de um offídio dos mais hórridos do país (*Lachesis*). São Paulo, Minas Gerais.
- URUTUEIRA *corr.* **Urutú-oéra**, forma plural de **urutú**, para exprimir as que mordem de arremesso, ou de bote. É nome de uma espécie de abelhas. V. **Urutú**, 25.
- UTÚ *corr.* **Y-tú**, o tombo ou queda d'água, a catadupa, o salto. *Alt.* **Outú, Itú.**
- UTINGA *corr.* **Y-tinga**, a água ou rio branco. *Alt.* **Otinga, Itinga**, 75. Bahia.
- UTUPANEMA *corr.* **Ytú-panema**, o salto ou cascata que não presta, não dá peixe.
- UTUPEVA *corr.* **Ytú-peba**, o salto raso, a cachoeira baixa. V. **Itupeva.**
- UVAIA V. **Ubaia.**
- UVÚ *corr.* **U-ú**, o que come de contínuo, a comichão, o prurido forte. **Nambí-uvú**, é a comichão de orelhas, moléstia dos cães. Também o vocábulo **uvú** pode proceder de **huú**, que quer dizer fofo, mole, tímido, podre.
- UY *s.* A farinha, o pó^{96D}.

- UYARA *corr.* **Y-yara**, a senhora d'água, aquela que é dona da água ou mora nela; a dama do lago, do rio; a sereia. 125. *Alt.* **Uyá, Uyara, Oyara**^{96E}.
- UYARUPIARA *c.* **Yara-rupiara**, a raça ou geração das sereias. *Alt.* **Uyarupiá**. 125.
- UYPUBA *c.* **Uy-puba**, a farinha feita de mandioca amolecida na água. 119.
- UYTAN *c.* **Uy-tã**, a farinha dura ou bem torrada. 119.
- UYTINGA *c.* **Uy-tinga**, a farinha branca, a meio cozida ou torrada. 119.

V

- VACACAHY *corr.* **Ybá-cacaf**, o gavião de frutas, uma ave de rapina nos campos do Rio Grande do Sul. O Pe. Gay traduziu – o rio da bosta de vaca. Pode ser um hibridismo – **Vacca-caá-y** que se traduz rio da mata da vaca.
- VACAQUÁ Hibridismo – **vacca-quá**, a terneira, a novilha. Pode ser corrupção de **vaca-quara** sob a forma contrata, que se traduz o poço da vaca. Pode ser ainda corrupção de **Ibaca-quá**, o estrondo do céu, o trovão. Rio Grande do Sul.
- VACARAPI Hibridismo, **vacca-rapí**, a vaca esfolada. Eram comuns esses hibridismos nas antigas colônias espanholas do Rio da Prata. **Vaccapi**, ou **vacca-pí**, o couro de vaca. Rio Grande do Sul.
- VACARY *corr.* **Uacaray**, *c.* **ua-caray**, o indivíduo velhaco, o manhoso, esperto. É uma espécie de macaco (*Pithecia rubicundus*, Geof. St. Hil.).
- VACCAHY Hibridismo, **vacca-y** – o rio da vaca. Pode ser corrupção de **Ibaca-y**, que significa água do céu. Rio Grande do Sul.
- VAHY *corr.* **Ybay**, *c.* **ybá-y**, o rio das frutas. Rio Grande do Sul. V. **Irahy**.
- VAMICANGA *corr.* **Guaimí-canga**, o osso de velha. *Alt.* **Guamicanga**, Lac. e Al.
- VAYCURITUBA *corr.* **Guaicurí-tyba**, o sítio dos guaicuris; o cocal de guaicuri. Lac. e Al.

96E V. nota 241.

- VIATÁ** *corr.* Ubi-atã, a flecha rija, esforçada; a flecha valente. Nome de uma tribo selvagem do Norte do Brasil, que, segundo Fernão Cardim, se confundia com os Petinguaras.
- VIBA** V. Uba.
- VIRÁ** *corr.* Birã ou pirã, formas contratas de piranga, vermelho, rubro, pardo. É nome abreviado de uma casta de veados *suassubirá* ou mais corretamente *çóó-assú-birã*, o veado-vermelho. Pode ser corrupção de berá, brilhante, luzidio, lustroso e também corrupção de uirá, pássaro. 109.
- VIRAJUBA** *corr.* Uirá-yuba, o pássaro amarelo; é uma espécie de pagão (*Psittacus caryopterus*).
- VIRUÁ** *corr.* Biroã ou pyroã, o umbigo.
- VIRUÇÚ** *corr.* Ufrá-uçú, a ave grande (*Lipaugus, Muscicapa Virussú*, Natt.).
- VIRURY** *corr.* Birury ou biryry, a corredeira, a cachoeira. *Alt.* Bariry, Bariri.
- VIVIA** Voz onomatopaica – uf-ufa da lontra brasileira. (*Roteiro do Brasil*, c. 101). É a ariranha dos nossos rios.
- VORÁ** *corr.* Borá, c. hor-á, tirado do conteúdo, o extraído. É a massa amarela, amarga, feita do pólen das flores, que se encontra dentro do cortiço das abelhas; é o mesmo Samborá ou Tamborá. Designa várias espécies de abelhas. São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul.
- VOSSOROCA** *corr.* Yby-çoroca, a terra rasgada, fendida. *Alt.* Ubu-çoroca, Buçoroca, Vossoroca. São Paulo. 129. V. Bossoroca.
- VOTU** *corr.* Botú, *corr.* yby-tú, o vento, o sopro do ar. *Alt.* Ubutúra, Butura, Botura, Votura. 77.
- VOTURA** *corr.* Ybytyra, o monte, a serra; o morro, a encosta, a ladeira. *Alt.* Ubutura, Butura, Botúra, Votura. 77.
- VOTURANTIM** *corr.* Ybytyrantin, a encosta ou ladeira branca; alusão à massa branca de espumas que cai de encosta abaixo no salto deste nome, rio Sorocaba. São Paulo. V. Votura. 77, 81.
- VOTUROCA** *corr.* Ybytú-r-oca, a casa do vento, a garganta donde sopra o vento, bocaina. *Alt.* Ubuturoca, Buturoca, Boturoca, Voturoca. V. Votú. 77.
- VOTURUNA** V. Buturuna.
- VUAREMA** *corr.* Guarema, c. guá-r-ema, o indivíduo fétido, ou de mau cheiro. É uma Sterculiácea (*Helicteres*). *Alt.* Guarama.
- VUPABUSSÚ** *corr.* Ypab-uçú, a lagoa grande, dos antigos roteiros do sertão. *Alt.* Upabuçú, Vupabuçú. 98. Minas Gerais.
- VUTURUÁ** *corr.* Ybytyr-uá, o dorso do monte, o cume da montanha, a cumiada. *Alt.* Ubuturuá, Buturuá, Vuturuá. São Paulo. V. Votura.

X

- XANCHIM** *corr.* **Chan-chim**, ou **çam-cĩ** (pronunciados os **c** e **ç** chiados como da índole da língua), a corda lisa, a fibra macia (*Cyathea Schanchim*, Mart.). São Paulo⁹⁷.
- XANDÚ** *corr.* **Yandú**, a aranha. *Alt.* **Jandú**.
- XARÁ** Ou **chará**, *corr.* **che-rera-á**, o que é tirado do meu nome, ou literalmente – meu nome tira. É o homônimo. No Pará diz-se **Xêra**, forma contrata de **che-rêra**, o meu nome.
- XERIMBABO** *corr.* **Che-remimbaba**, a minha criação, animal de minha estima. *Alt.* **Xerimbabo**.
- XIQUE-XIQUE** Não é voz tupi.
- XIRIRICA** *corr.* **Y-chiririca**, água ligeira, veloz; a corredeira, o rápido. São Paulo. 10497A.
- XORÓ** *corr.* **Choró**, verter, jorrar. V. **Tororó**.
- XORORÓ** V. **Tororó**.
- XURÍ** *corr.* **Churí**, a ema, o avestruz, também chamada **nhandú**. Mato Grosso, Goiás.

Y

- Y** s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi. Segundo o tema, com que se combina, toma as formas: **hy**, **gy**, **yg**, e conforme as corruptelas: **hu**, **u**, **cu**. 75, 76.
- YA** V. **Yara**, **Iara**.
- YACARACICA** *corr.* **Yacaré-acica**, a posta do jacaré; **yacaré-icica**, a baba do jacaré. Sergipe.
- YACOCA** c. **Ya-coca**, abrir roça, roçar; a roçada. Paraíba. (**Iacoca**).
- YACUECANGA** *corr.* **Yacú-acanga**, as cabeceiras do jacu. **Jacuecanga**. Rio de Janeiro.
- YAPIRA** c. **Y-apira**, o princípio do rio, a nascente, cabeceira. *Alt.* **Yapi**, **Igapira**, **Guapira**.

97 V. notas 13 e 162.

97A *Idem*, 162.

- YAPÓ *c.* **Y-apó**, a água transbordada, a inundação; a cheia do rio; os alagados à margem dos grandes rios. *Alt.* **Igapó**. 99.
- YAPOYÚ *corr.* **Yapó-yuca**, o brejo, ou estagnado; podre. *V.* **Pojuca**.
- YARA *c.* **Y-ara**, aquele que supera, que fica acima ou se sobrepõe; o senhor, o dono, o dominador. Como sufixo, vale pelos adjetivos: destro, hábil, capaz. *Alt.* **Yá**.
- YBÁ *c.* **Yb-á**, o que se colhe da árvore, o fruto. *Alt.* **Ibá, Ubá, Ivá, Uvá**.
- YBY *s.* A terra, o solo, o chão, o mundo. *Alt.* **Ubu, Bu, Bo, Ibi, Bi, Vi, Vu, Vo**. 76.
- YBYRÁ *c.* **Yby-rá**, o que nasce do chão, tirado da terra, o que brota do solo, a árvore, a madeira, o pau. *Alt.* **Ibyrá, Imyrá, Ibirá, Umirá, Ubirá, Muirá, Iburá, Burá, Bará, Bra**.
- YBYTYRA *c.* **Yby-tyra**, a altura ou elevação de terra, o monte, o morro, a serra. *Alt.* **Ubutúra, Butura, Botura, Batura, (Ibitira)**, 80, 81. No tupi amazônico, como no Cayuá, **Uitêra**.
- YEMBÓ *c.* **Y-embó**, o fio d'água, o lacrimal, o arroio. *Alt.* **Iembú**.
- YERÊ *c.* **Y-erê**, a água em giro, o redemoinho. 104 98.
- YG *V.* **Y**.
- IGAÇABA *c.* **Yg-açaba**, a retenção da água, o recipiente, o vaso, cântaro, pote. *Alt.* **Yaçaba, Yaçá, (Igaçaba)**.
- YGARA *V.* **Igara**.
- YNHÃ *c.* **Y-nhã**, a água corrente, o jorro, a enxurrada. *Alt.* **Unhã**.
- YNHANGABA *c.* **Y-nhãgaba**, a carreira d'água, o curso d'água, o ribeiro.
- YPÁ *c.* **Y-pá**, contração de **y-paba**, a estância, ou pouso d'água, a lagoa. *V.* **Ipá**⁹⁹.
- YPABA *c.* **Y-paba**, a estância ou parada d'água; a água confinada, limitada; a lagoa. *Alt.* **Ipaba, Upaba, Upá, Upava, Paṽ**⁹⁹.
- YPAÛ *c.* **Y-paũ**, entre águas, o meio entre elas; a ilha. *Alt.* **Upaũ, Upaon, Ipaon, Upeon, Upfon**.
- YPENÚ *c.* **Y-penú**, a água empolada, enrugada, a onda, a vaga. *Alt.* **Upenú**.
- YPÚ *c.* **Y-pú** ou **y-bú**, a água surge; o minadouro, a fonte, o olho-d'água. *V.* **Ipá**.

98 *V.* nota 162.

99 *V.* nota 160.

Z

ZABELÊ Voz espúria ou onomatopaica. É o nome da ave *Crypturus noctivagus*, espécie de nambu. Bahia, Sergipe.

ZABUCAIA V. **Sapucaia**.

ZARABATANA Que outros escrevem – **esgaravatana** – parece provir de **yapara-tã**, que quer dizer o arco direito ou retificado, alusão a ser o instrumento deste nome uma cânula direita que arroja setas, estas, porém, muito pequenas, com bolinhas de algodão numa das extremidades para serem expelidas por sopro forte através da cânula.

ZERERÉ V. **Tereré**.

ZOÓ *corr.* **Çoó**, a caça, a carne; o animal, o bicho, a veação em geral.

ZOPIÁ *corr.* **Çupiá**, **rupiá**, o ovo, os ovos, a raça.

ZUINARA *corr.* **Çóeyndara**, *c.* **coó-eym-dara**, aquele que não se alimenta. É o nome genérico de umas aves noturnas que os índios supunham ábstinentes, (*Strix Carimulgus*). *Alt.* **Suindara**, **Suindá**, **Suinara**, **Suiná**.



TEODORO SAMPAIO

BIOBIBLIOGRAFIA DE TEODORO SAMPAIO

TEODORO Fernandes **SAMPAIO** nasceu em Santo Amaro, Bahia, no dia 07 de janeiro de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 1937. Filho natural de Domingas da Paixão, escrava de Manuel Lopes da Costa Pinto, visconde de Aramaré. Embora haja quem afirme ser um dos Costa Pinto (Francisco Antônio) o presumível pai de Teodoro Sampaio, a versão mais acreditada é de que seja filho do Padre Manuel Fernandes Sampaio, a quem a escrava Domingas servia como cozinheira e lavadeira. Este sacerdote o conduziu para São Paulo e, depois, para o Rio de Janeiro, onde o encaminhou para escolas de elite. Em 1877 diploma-se na primeira turma de engenheiros civis formados pela Escola Politécnica. No decorrer do curso de Engenharia, Teodoro Sampaio lecionava nos principais colégios do Rio de Janeiro, no de Abílio César Borges e no São Salvador, onde estudara.

Em 1875, ingressara no Museu Nacional, como encarregado de serviços gráficos. Seu convívio com cientistas de especializações diversas contribuiu para o aprimoramento de sua preparação técnica e intelectual, levando-o a exercer verdadeiro domínio em vários setores da cultura.

Em 1879, é nomeado engenheiro de segunda classe na Comissão Hidráulica. Nessa condição viaja pelo País, resultando de seu périplo um diário com uma série de observações de cunho geográfico, econômico e antropológico, as quais, anos depois, foram agrupadas no livro que veio a se tornar um clássico da geografia nacional brasileira: *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*.

Em 1880 encerram-se os trabalhos da Comissão Hidráulica. Com a dissolução desta, Teodoro Sampaio, sem encontrar novo trabalho como engenheiro, volta a lecionar Matemática, História e Geografia. Talvez sua condição de homem negro, ainda sem gozar do prestígio que mais tarde desfrutaria, dificultou-lhe o caminho na sua profissão.

Em agosto de 1881, foi nomeado engenheiro de primeira classe, na construção da ferrovia Bahia ao São Francisco. Em 83, recebeu convite para integrar a Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco. De seu trabalho resultaram diversas monografias.

Foi contratado em abril de 1886 para fazer parte da Comissão Geográfica e Geológica. Em 1890, ainda exercendo o cargo de primeiro engenheiro da referida comissão, foi convidado pelo governador de São Paulo, Prudente de Moraes, para proceder aos estudos do saneamento da Capital. Exerceu também o cargo de engenheiro-chefe da Companhia Cantareira. Em 1892, convidado por Vicente de Carvalho, Secretário do Interior de São Paulo, aceitou o cargo de engenheiro sanitário e consultor técnico. Em 1898, é nomeado engenheiro-chefe do serviço de águas e esgotos da Capital, promovendo obras de saneamento que se estenderiam a muitas cidades do Interior.

Exonera-se de suas funções em 1903 e retorna à Bahia em 1904, onde se insere na administração pública. Além da execução dos serviços de águas e esgoto da capital baiana, Teodoro Sampaio incumbiu-se da reconstrução da Faculdade de Medicina, da nova fachada da Igreja da Vitória e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Deste último elegeu-se presidente em 1922.

A bancada baiana no Congresso necessitava de alguém com prestígio nacional para compô-la. É então que Teodoro Sampaio, em 1927, passa a atuar no campo político. Intelectual que era, deixa no entanto a política, para se dedicar exclusivamente aos seus misteres.

Teodoro Sampaio permaneceu lúcido e ativo até os 82 anos, quando escreveu sua última obra sobre a cidade do Salvador.

Foi incansável pesquisador, homem de ação e erudito, conseguindo, como negro, romper o grande obstáculo da discriminação que o afetou no início de sua carreira, consagrando-se como um dos mais expressivos intelectuais brasileiros.

Obras publicadas (por ordem cronológica)

Considerações Geográficas e Econômicas sobre o Vale do Rio Parapanema. *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*. São Paulo, Leroy King Bookwalter, Tipografia King, 4:1-73, 1890.

Campos do Jordão na Serra da Mantiqueira. Notas de viagem. São Paulo, Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo, 1893.

São Paulo no Tempo de Anchieta. Conferências "Anchieta". Conferência lida no dia 16 de outubro de 1896, no salão da Biblioteca de Direito de São Paulo. São Paulo, Escola Tipográfica Salesiana, 1897.

O Tupi na Geografia Nacional. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, Casa Eclética, 1901. 2ª ed., correta e aumentada, São Paulo, Empresa Tipográfica Editora O Pensamento, 1914. 3ª ed., correta e aumentada, Bahia, Secção Gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928, 4ª ed. comemorativa do 1º Centenário do nascimento do autor. Introdução e notas de Frederico Edelweiss. Salvador, Câmara Municipal do Salvador, Fundação Gonçalo Muniz, 1955.

O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Trechos de um diário de viagem. Publicados pela primeira vez na Revista S. Cruz, 1879-80. 2ª ed., São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1906.

Atlas dos Estados Unidos do Brasil. Bahia, Editores Proprietários Reis & Cia., 1908.

A Questão d'Água. Polêmica na imprensa a propósito do abastecimento d'água da cidade da Bahia. A inscrição da capa em muito difere do frontispício, pois nela se lê: "Polêmica e Reivindicações a Propósito do Saneamento da Cidade da Bahia e das Obras da Faculdade de Medicina". Bahia, 1910.

As Inscrições Lapidares da Igreja Nossa Senhora da Vitória na Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. Memória lida no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1910.

Abastecimento de Água da Cidade da Bahia. Separata da *Revista Politécnica de S. Paulo*. São Paulo, Tipografia Brasil de Rothschild & Cia., 27, 28 e 30, 1910.

Discursos pronunciados nas sessões solenes de abertura e encerramento do Quinto Congresso Brasileiro de Geografia, de 7 a 16 de setembro de 1916, por Teodoro Sampaio, Presidente da Mesa Diretora do mesmo Congresso. Bahia, Imprensa Oficial, 1916.

Discursos inaugurais do edifício do Gabinete Português de Leitura da Bahia, à Praça Treze de Maio, em 3 de fevereiro de 1918. Pe. Luís Gonzaga Cabral, S. J., Dr. Teodoro Sampaio. Bahia, Estabelecimento dos Dois Mundos, 1918, p. 33-64.

Discurso proferido na solene inauguração do novo edifício do Gabinete Português de Leitura da Bahia, à Praça Treze de Maio, em 3 de fevereiro de 1918 [É o mesmo discurso do registro anterior

publicado independentemente.] Bahia, Estabelecimento dos Dois Mundos, 1918.

O Visconde de Monserrate. Discurso a propósito da coroa de ouro que os descendentes do Visconde ofereceram à guarda do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, na sessão solene de 13 de maio de 1919. Bahia, Imprensa Oficial, 1919.

Relatório dos Estudos e Projeto para uma Cidade Nova (A Cidade Luz) na Pituba, nos terrenos da propriedade do Sr. Manuel Dias da Silva. Bahia, Imprensa Oficial, 1919.

O Estado da Bahia, Agricultura, Criação de Gado, Indústria e Comércio. Bahia, Imprensa Oficial, 1925.

O Apóstolo do Cristianismo no Novo-Mundo. Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 27 de maio de 1933. Consta do livro *Anchieta (Quarto Centenário do seu Nascimento)* – Conferências lidas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1933-1934. Porto Alegre, Livraria do Globo, Barcelos, Bertaso & Cia., 1935.

As Inscrições Lapidares da Igreja de Nossa Senhora da Vitória na Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. Memória lida no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Embora não indique, trata-se de separata da *Revista* do mencionado Instituto, 63, 1937.

O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Prefácio de Luís Viana Filho. Bahia, Editora Cruzeiro, 1938.

Os Naturalistas Viajantes dos Séculos XVIII e XIX e a Etnografia Indígena. Reúne trabalhos em co-autoria com TESCHAUER, Carlos. Salvador, Bahia, Livraria Progresso Editora, 1955.

São Paulo no Século XIX e Outros Ciclos Históricos. Reunião de estudos históricos publicados pelo autor na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Introdução de Arthur César Ferreira Reis. Petrópolis, Vozes, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

Viagem à Serra da Mantiqueira, Campos do Jordão e São Francisco dos Campos. 1ª ed., 1893; 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1978.



FREDERICO EDELWEISS

BIBLIOGRAFIA DE FREDERICO EDELWEISS

Frederico Edelweiss nasceu no Rio Grande do Sul, no município atualmente denominado de Santo Ângelo, a 19 de maio de 1892. Ali passou os primeiros anos até que, por circunstâncias favoráveis, os pais decidiram enviá-lo à Europa, onde, além de amparo financeiro, se lhe ofereceram melhores condições de formação. Estudou em diversos estabelecimentos no Velho Mundo, até que a morte do pai o forçou a interromper os estudos e assumir a administração do patrimônio agrícola herdado.

Muito jovem e inexperiente, não foi bem-sucedido, tendo finalmente que desfazer-se da propriedade. Em seguida, tentou dedicar-se ao ensino, principalmente de línguas, mas também aí a remuneração precária, em breve, levou-o a mudar de rumo.

Seu conhecimento de línguas propiciou-lhe, então, a oportunidade de lançar-se a uma situação no comércio, acedendo, na ocasião, ao convite de uma importante firma exportadora, a procura de um elemento prático em vários idiomas.

Foi naquele ensejo que Frederico Edelweiss viu-se transferido de um meio precário no Sul para uma situação mais adequada às suas capacidades, na Bahia, e em condições realmente vantajosas.

De índole introvertida, não tardou a preencher as horas vagas com os estudos de etnologia e lingüística sul-americana, que de longa data constituíam o seu passatempo predileto. Ainda impelido por circunstâncias felizes, entre as quais pode contar-se a grande inflação européia da terceira década deste século, pôde iniciar a organização de sua biblioteca brasileira, sistematizando concomitantemente os seus conhecimentos.

Cerca de doze anos decorreram, assim, quando a Revolução de 30 forçou-o a certa guinada na trajetória de suas atividades.

Durante o governo do Interventor Dr. Artur Neiva, viu-se na contingência de aceitar o cargo de diretor comercial do recém-fundado Instituto de Cacao da Bahia, o que lhe acarretaria necessariamente novos encargos, com restrição do tempo disponível. Outra dúzia de anos decorreram nessa situação, quando duas alterações deram nova direção à vida de Frederico Edelweiss: a reforma do Instituto de Cacao e a fundação da Faculdade de Filosofia da Bahia. A primeira tornou impossível a sua permanência na organização, facilitando, ao

mesmo tempo, a aceitação do convite para as cátedras de Etnologia do Brasil e de Língua Tupi, o que inesperadamente veio dar uma finalidade prática ao que então constituía mero passatempo. Nessa função atuou como catedrático durante vinte anos, até atingir o limite legal da jubilação.

Desde então, longe de descurar-se de sua biblioteca, continuou a ampliá-la com o que de mais substancial foi sendo publicado, sempre dominado pela idéia de conseguir um dia incorporá-la ao patrimônio público da Bahia, o que finalmente veio a realizar-se, graças à clarividência do Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. Lafayette de Azevedo Pondé, que dela fez o núcleo básico do Centro de Estudos Baianos, Órgão Suplementar da UFBA., instituído por decisão do Conselho Universitário, em sessão de 12 de setembro de 1974 e diretamente vinculado à Reitoria.

Consuelo Pondé de Sena
Diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia

As atividades de escritor e de conferencista do Professor Frederico G. Edelweiss tiveram início na década de 1920. Entretanto, a maioria dos seus trabalhos datados dessa época não foi mais localizado pelo autor. Procurou-se relacionar, então, as suas obras que ora se encontram na Biblioteca por ele fundada:

Livros

Tupis e Guaranis, Estudos de Etnonímia e Lingüística, Salvador, Museu do Estado da Bahia, 1947. 220p. (Publ. 7)

O Caráter da Segunda Conjugação Tupi. Salvador, Universidade da Bahia & Liv. Progresso, 1958. 157p. (Publ. 5)

Estudos Tupis e Tupi-guaranis. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliana, 1969. 304p.

Edições, Anotações

Algumas Notas Curiosas Sobre o Comércio da Bahia. In: WILDBERGER, Arnold, Org. - *Notícia Histórica de Wildberger & Cia.*, 1829-1942, Salvador, Tip. Beneditina, 1942. p. 101-15.

NANTES, Martin de, OFM Cap. - *Relacion Succinte & Sincère de la Mission du Père Martin de Nantes . . .* Ed. fac-similair publ. por Frederico G. Edelweiss, Salvador, Tip. Beneditina, 1952. 234, 63p. ilus. mapa.

SAMPAIO, Teodoro - *O Tupi na Geografia Nacional*. 4.ed. anot. por Frederico G. Edelweiss, Salvador, Câmara Municipal, 1955. 304p.

SOUSA, Gabriel Soares de - *Notícia do Brasil*. Ed. de Edgard de Cerqueira Falcão. Coment. de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo, Rev. Tribunais, 1974. p. 439-74. (Brasiliensia Documenta, 7)

Artigos, Folhetos, Conferências

(Reunidos em um mesmo item por motivo de várias conferências haverem posteriormente se tornado artigos e folhetos)

Livros Novos. *A Tarde*, Salvador, 5 nov. 1927. p. 5.

Tupi. *A Tarde*, Salvador, 14 jan. 1928.

As Descobertas Pré-colombianas da América. *A Tarde*. Salvador, 12 out. 1928.

Arqueologia e História. *Era Nova*. Salvador, 4 dez. 1928. p. 3-4.

O Alvorecer da Nossa Exportação e o Brasil Nascente. Salvador, J. da Bolsa. 1929. 20p.

Obras do Prof. Frederico Edelweiss publicadas Post Mortem

Anchieta - Lingüística. *Universitas*, Salvador, (24) : 5-18, 1979.

A Antroponímia Patriótica da Independência. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, (86):137-57, 1976/77.

A Antroponímia Patriótica da Independência. Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1981. 26p. (UFBA. CEB. Publ., 92)

Apontamentos de Folclore. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1979. 112p.

Ensaio Biográfico. Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1976. 141p. (Col. Frederico Edelweiss, 1)

Frei Martinho de Nantes, capuchinho bretão, missionário e cronista em terras baianas. Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1979. 68p. (UFBA. CEB. Publ., 83)

José de Alencar, o tupinista segundo as notas ao romance "Iracema". Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1979. 39. (UFBA CEB. Publ., 87)

Lições de Etimologia Tupi. Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1986. 40p. (UFBA. CEB. Publ., 123)

Obras não mencionadas ou mencionadas com os dados incompletos em sua Bibliografia

O bicentenário do nascimento de Robert Southey, o surgimento de uma história do Brasil. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*; Salvador, (85) : 1-25, 1972/75.

Estudos Baianos. Bahia. Imprensa Oficial, 1948. 21p. Separata da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, (73) : 275-93, 1946.

O Forte e o Farol da Barra no seu Centenário, palestra educativa . . . em oferta da Escola Antonio Bahia. Bahia, Imprensa Victoria, s.d. 4p.

O Nascimento de uma Biblioteca, documento apresentado ao I Seminário de Estudos sobre o Nordeste, Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico, Salvador, 26-29 nov. 1974. Salvador, Coordenação Central da Extensão, UFBA, 1974, 7p. (mimeogr.)

As primeiras igrejas, as casas dos jesuítas, o muro e as portas setentrionais da cidade de Tomé de Souza. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, (82):61-87, 1958/60. .

O Quarto Centenário da Morte de Nóbrega. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, (84):81-94, 1968/71.